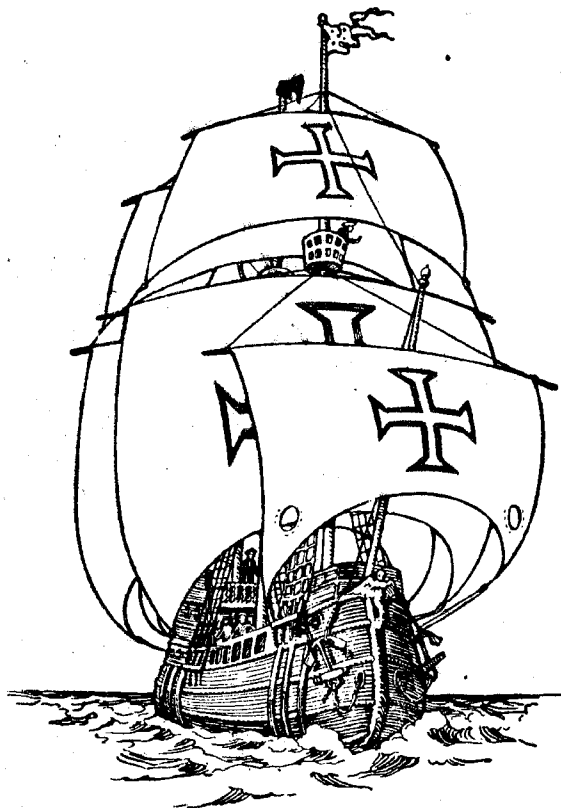


Diario da Navegação de

Pero Lopes de Sousa

1530 - 1532



Diário da Navegação de

Pero Lopes de Sousa

1530 - 1532

Vol. I



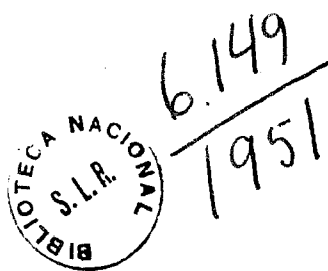
Série "Eduardo Prado"
Editor — Paulo Prado

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA LEUZINGER

1927

Edição de 500 exemplares numerados

022



Série — Eduardo Prado

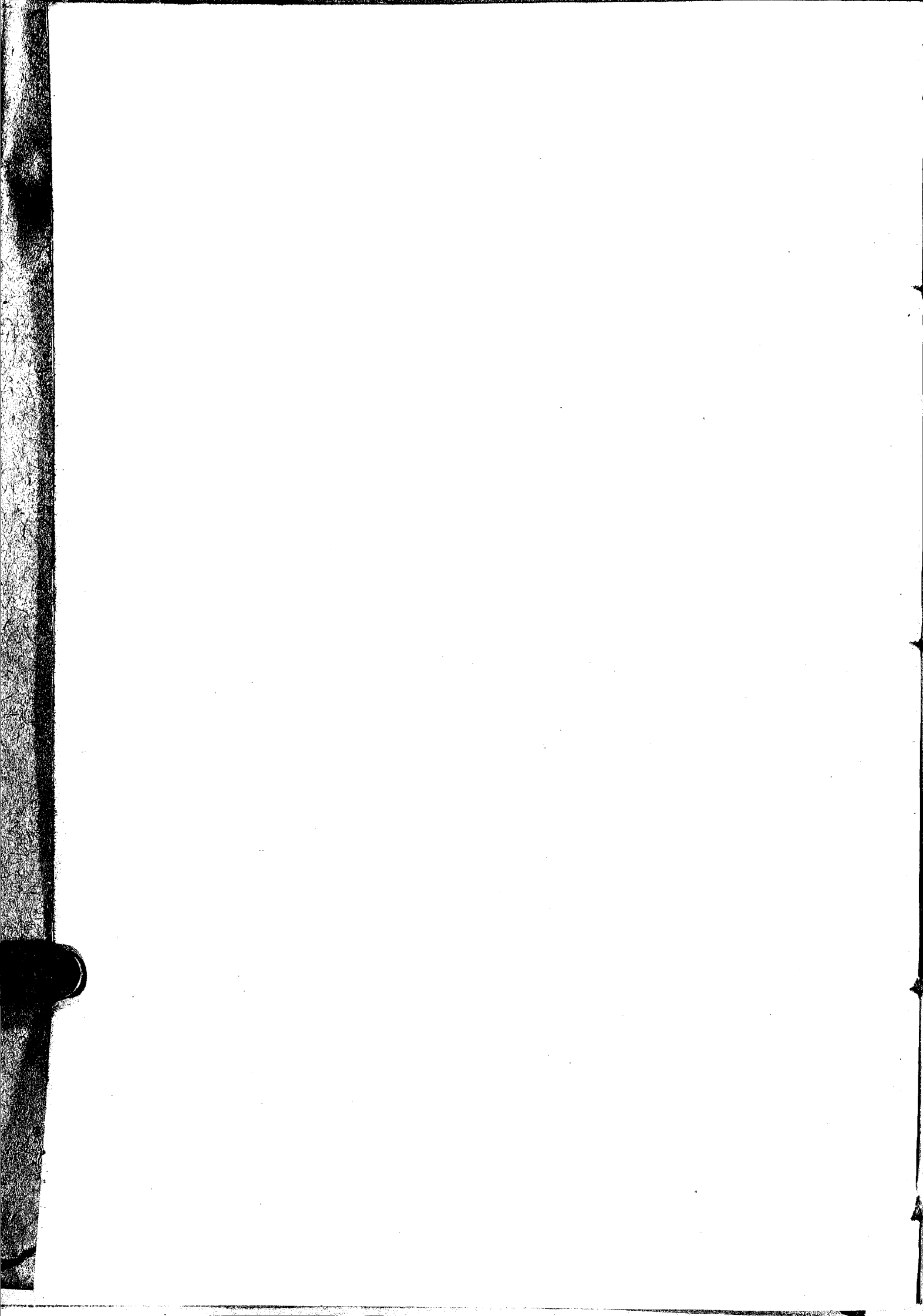
(PARA MELHOR SE CONHECER O BRASIL)

PREFACIO

DE

J. CAPISTRANO DE ABREU





Entre os manuscritos da Biblioteca da Ajuda, Francisco Adolfo de Varnhagen descobriu um codice relativo á viagem de Martim Affonso de Sousa ao Brasil, attribuido a Pero Lopes de Sousa, seu irmão, donatario das capitánias de Santo Amaro e Tamaracá. Nem Barbosa Machado nem qualquer outro bibliographo referira a obra, conservada em tres cópias, e pode-se imaginar seu sobresalto. Cotejando-as preparou um texto, enriqueceu-o de notas preciosas e com os magros recursos de estudante editou alvoroçado o "Diario da navegação da armada que foi á terra do Brasil em 1530... Lisbôa, 1839."

Filho de mãe portugueza e de um allemão, desde 1803 emigrado para Portugal e chamado em 1810 a gerir o estabelecimento de Ipanema em S Paulo, Francisco Adolfo nasceu em 1816 em terras da fabrica de ferro, aonde um monumento significativo aviva sua memoria e "sua alma immortal reúne todas as suas recordações".

Pouco antes da independencia da colonia o velho Varnhagen, já tenente-coronel do exercito, voltou para a metropole. A familia seguiu-o apenas as circumstancias o permitiram. Apesar de insistencias de amigos, alguns occupando posições eminentes sob o novo regime, não quiz mais saber do país a que votara tantos annos de actividade. Falleceu em 1842, no posto de coronel.

O filho cursou estudos militares, interrompidos durante os mezes de 1833 que serviu como 2.º Tenente de artilharia nas forças de D. Pedro, ex-imperador, duque de Bragança, contra D. Miguel, concluidos mais tarde no posto de tenente de engenheiros.

Desde os bancos academicos sua mentalidade revelou-se em varios ensaios. Aos 22 annos apresentou á Academia das Sciencias de Lisbôa, reflexões criticas sobre a "Noticia do Brasil" impressa sem nome do autor pelo

mesmo instituto. A Academia approvou as "Reflexões", imprimiu-as a sua custa e debaixo do seu privilegio, elegeu-o socio correspondente.

Nas "Reflexões" revelava-se grande conhecedor das chronicas e em geral da bibliographia brasílica, bastante familiarisado com os archivos, versado em sciencias naturaes. Para estas, em cujo trato passara a adolescencia, revelava decidido pendor. Preoccupava-o sobretudo a geographia. Refazer o livro de Ayres de Casal seria talvez uma das ambições do collaborador da Chorographia caboverdiana: o de Guts- Muths apontava o caminho desde 1827.

O "Diario" de Pero Lopes desviou o jovem cruidito da geographia para a historia do Brasil. Ao mesmo tempo fundou-se nesta capital o Instituto Historico e Geographico. Varnhagen previu seu futuro, collaborou utilmente desde os primeiros numeros da revista, enviando documentos e copias, manuscritos e communicações originaes. Uma viagem feita em 1841 polo em communicação com os socios do Instituto e provou-lhe que aqui se interessavam sobretudo pela historiographia: mais um motivo para preferir a geographia.

Objeto principal da sua viagem constituiu reivindicar seus direitos de brasileiro nato. Não era facil ao official de um exercito estrangeiro, mas tantos titulos o recomendavam que tudo conseguiu. Logo depois entrou para a diplomacia, amparado nos primeiros passos por Menezes de Drummond, nosso prestigioso ministro junto á Côrte de Lisbôa, fervido e desinteressado amator de estudos historicos.

Entrado na carreira diplomatica, Varnhagen só de passagem veio depois ao Brasil e só á historia se poude applicar. Os amores geographicos reviveram nos ultimos annos da sua vida. Deixando as commodidades de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto á Côrte de Vienna, internava-se pelo sertão de Cayaz á procura de lugar mais proprio para a capital do paiz, questão que o preoccupou desde a mocidade. Como lembrança de sua passagem deixou na Formosa da Imperatriz um barometro que ainda existia annos depois.

Da mocidade de Pero Lopes, o autor do "Diario", pouco se sabia em 1839, e não se sabe muito agora. Numa carta do conde de Castanheira a Martim Affonso lê-se: "Pero Lopes, vosso irmão, está feito um homem muito honrado, e outra vez vos affirmo muito honrado e digo-volo assim porque pode ser que por sua pouca idade vos pareça que terá bons principios, mas que não está ainda de todo bem assentado nisso, como volo eu aqui digo, que é ainda menos do que o que delle cuido".

Varnhagen, que divulgou este texto, fixou-lhe a data em 1538, data evidentemente inadmissivel. Pode-se melhorala, attendendo a uma observação de Jordão de Freitas, digno director da Biblioteca da Ajuda, e o melhor conhecedor da materia. A carta, lembra o erudito historiador num solido capitulo da "Historia da Colonização Portuguesa do Brasil" 3.º, 120, devia ser escrita quando Martim Affonso andava fóra da côrte aonde residia o Conde. Aventuras amorosas e acções militares retiveram Martim por terras de Espanha até 1525. Esta data condiz bem com a "pouca idade" de Pero Lopes. Não andaremos muito arredados da verdade suppondo que nasceria pelas proximidades de 1510 e seria de vinte annos pouco mais ou menos quando acompanhou o irmão ao novo Mundo, idade aproximada da de Varnhagen ao editar o "Diario".

Mesmo conservado em tres copias, o "Diario" apparece profundamente deteriorado: erros de datas, saltos de dias, paginas desapparecidas. Tendo á vista todas as peças do processo conclue Jordão de Freitas, ib, 132: "O manuscrito dado á publicidade por Varnhagen é antes uma trunca da relação do itinerario e viagem de Pero Lopes, capitão de um dos navios da armada de seu irmão Martim Affonso de Sousa — relação, narrativa ou chronica, baseada muito embora num diario de bordo que não chegou até nós". A manipulação vem de longe: com sua autoridade indiscutivel Pedro de Azevedo situa a copia mais antiga na segunda metade do seculo 16º.

Das paginas mutiladas do "Diario", resalta a personalidade do autor, embarcado a 3 de Dezembro de 1530 com-

mandando a nau em que vinha o irmão, transferido para a nau franceza tomada em Fevereiro seguinte no litoral pernambucano e chrismada Nossa Senhora das Candêas, investido no commando geral á volta do novo Mundo. Em todas ellas perpassa em pleno movimento, tomando a altura do sol, levando a sonda por vezes a duzentas braças, amainando velas, emendando os mastros, calafetando cascos, fazendo aústes para supprir ancoras, rebocando bergantins, trepando na gavea para descobrir o inimigo, subindo arvores alterosas para reconhecer o campo, caçando, pescando, pelejando, pelejando.

Os lances mais perigosos acrisolavam-lhe a energia... "ia já tão perto da ponta que a uns parecia que a podiamos cobrar, e outros bradavam que arribassemos; era tam grande revolta na nao que nos nam entendiamos; mandei meter toda a gente debaxo da cobertura; e mandei ao piloto tomar o leme, e eu me fui á proa, e determinei de fazer experiencia da fortuna, e me pôr a ver se podia dobrar a ponta; porque se a nam dobrava nam havia onde varar, senam em rocha viva, onde nam havia salvaçam: e assim fomos e prouve a nossa senhora e ao seu bento filho, que a dobramos: e fui tam perto della que o mar que arrebentava na costa nos tornava com a ressaca a dar na nao, e nos lançou fóra".

Nos trinta annos decorridos de Cabral naturalmente fizeram-se roteiros para guia dos navegantes: um specimen do que poderiam ser vai em appenso. Vestigios de taes roteiros nomativos, contendo as experiencias, não de um mas de varios navegantes, revelam-se ao exame attento do "Diario". "As aguas nesta paragem correm a loeste com muita força. Nesta paragem correm as aguas loesnoroste: em certos tempos correm mais; s.c. desde Março até Outubro correm com mais furia"... Para saber "se estais de barlavento ou de julavento da ilha de Fernão de Loronha, quando estaes de barlavento vereis muitas aves, as mais rabiforcados e alcatrazes pretos"... "Este dia não correu pescado nem-um comnosco, que é sinal nesta costa de estar perto da terra; e outro nem-um não tem sinão este"... Os ventos suestes e lessuestes ventavam já muito tendentes, que nesta costa ven-

tam desde Fevereiro até Agosto... A monção dos ventos suestes começava desde o meado de Fevereiro até Agosto...

Para a historia o "Diario" fornece menos do que fora de esperar. Dos diversos encontros navaes apenas indica a duração e o desenlace. Os combates que reconquistaram a fortaleza gallo-pernambucana, provavelmente constantes das paginas perdidas, seriam de todo ignorados sem as allegações suspeitas de Saint Blancard e as noticias extrahidas por frei Vicente do Salvador de alguma chronica perdida.

O licenciado Antonio Caldeyra, (Doc. Vol. II), advogado de Pero Lopes então afastado na India de onde não tornaria, proclama numerosas feitorias no Brasil e pinta-as como quem só as conhecia de oitiva. A feitoria assemelhava-se ás tabas indigenas: um cercado de pau a pique assente na proximidade de agua potavel, com palhoças para abrigar os moradores, seteiras para atirarem contra o inimigo, commodidade para as mercadorias trazidas de além mar ou preparadas pelos feitores para evitar grande demora nas cargas de retorno.

João de Mello da Camara diz que tal gente se contentava com "possuir quatro indias por mancebas e comerem os mantimentos da terra". Deste ponto encontramos no "Diario" a confirmação mais cabal. Na Bahia morava havia vinte e dois annos um portuguez com a descendencia natural entre gente sem vida interior. "Aqui deixou o Capitão I. (irmão) dois homens para fazerem experiencia do que a terra dava e lhes deixou muitas sementes".

Os Francezes pretenderam chegar á America antes de Colombo e de Cabral. Uma informação portugueza affirma, não se sabe com que fundamento, sua presença na Bahia em 1504. Em 1514 seria mais provavel, mas pouco importa. Vinham ao pau brasil, encontrado em abundancia e da melhor qualidade desde Parahiba e Pernambuco até Sergipe. Neste trecho travaram-se os encontros mencionados no "Diario": nelle estabeleceu-se, pouco depois da volta de Pero Lopes para o Tejo, seu maior adversario,

Duarte Coelho, que tangeu parte dos invasores para o Sul, para o cabo Frio e Rio de Janeiro, parte repelliu para a costa Leste-Oeste. Só em 1615 Alexandre de Moura destruiu as ultimas resistencias. O numero de pessoas de cabello louro ainda existentes na zona do Nordeste revela a possança da mestiçagem brasilo-gallicana. Por coincidencia singular Constantino Menelau expulsava em 1615 de Cabo-Frio os ultimos francezes e tamoyos confederados.

Como começaram as hostilidades entre portuguezes e francezes? Sabemos apenas que os francezes (mairs), tamoyos, tupinambás, pitiguares formavam um partido, e os portuguezes (perós), tupiniquins, tabajaras formavam outro.

As "Navigazioni d'un gran capitano del mare francese" contemporaneas do "Diario" conteem as seguintes linhas dignas de ponderação. Imprimiu-as primeiramente Ramusio em sua famosa collecção; reimprimiu-as e traduziu L. Estancelin nas "Recherches sur les voyages et découvertes des navigateurs normands", Paris, 1832: attribuem-se a Parmentier ou a algum de seus collaboradores:

"E perche mi potria esser dimandato le cause per le quali li Portoghesi impediscono che li Francesi non vadino alle terre del Brasile ed a gli altri luoghi dove essi hanno navigato, come alla Guinea ed alla Taprobana, io non vi saprei dire altra ragione, salvo che la loro insatiabile avaritia gl'induce à far questo. E quantunque essi siano il più piccolo popolo del mondo, non li par però che quello sia davanzo grande per sodisfare alla loro cupidità. Io penso che essi debbano aver bevuto della polvere del cuore del re Alessandro, che li causa una tal alterazione di tanta sfrenata cupidità, e par à loro tener nel pugno serrato quello che essi con ambedue le mani non potriano abbracciare, e credo che si persuadono che Iddio non fece il mare ne la terra se non per loro, e che le altre nationi non sieno degne di navigare...

... "li popoli di dette terre li discacciariano come suoi nemici mortali: e questa è una delle ragioni principali, per la quale non vogliono che li Francesi vi conversino, im-

perocchè dopo che li Francesi praticano in qualche luogo, non si domandan più Portughesi, na quelli del paese gii hanno in abiettion e dispregio."

Estas linhas vehementes patenteam a angustia da situação antes da expedição de Martim Affonso de Sousa. E note-se que os Francezes tinham agido por impulso proprio ao passo que a acção do governo portuguez com mais ou menos intensidade se manifestara desde o descobrimento de Pedralvares.

Antes de abandonar as — "Navigazioni d'un gran capitano del mare franceze" -, seja licito transcrever um trecho que commenta o item do "Diario" relativo ao dia 3 de Fevereiro de 1531, em que os indios vieram a nado offerecer pau brasil para o resgate.

"Barattano il verzin in manarette, cunei, coltelli, e in qualche luogo è necessario che lo vadino à cercar in compagnia fin à trenta leghe dentro del paese, e ciascuna compagnia ha il suore, e saranno da quatrocento e cinquecento per compagnia, e portano ciascuno il suo pezzo di legno alli Francesi fin alla marina, e li barattano colle dete manare, cunei, e coltelli ed altri ferramenti, à tal che stimano molto più caro un chiodo che uno scudo".

Durante sua ephemera presidencia da Academia de Letras, Afranio Peixoto cogitou de imprimir ou reimprimir obras representativas da historia e da cultura brasileiras. O "Diario" de Pero Lopes não podia ser omittido e para apresentalo ao publico impunha-se o nome de Eugenio de Castro, capitão de corveta, autor de dois livros de valor real, que tinha feito uma viagem á roda do mundo e conhecia de visu o litoral brasileiro.

A qualidade de official de marinha só trazia um inconveniente. Os caprichos da burocracia podiam mandalo para alguma flotilha da fronteira ou qualquer capitania de porto destituido de todos os recursos necessarios á empresa. A intervenção de Mario de Alencar, o nunca esquecido Mario,

afastou estas nuvens. Miguel Calmon requisitou-o para o Ministério da Agricultura; os horizontes appareceram serenos e poudo trabalhar desafogado.

Novas difficuldades sobrevieram, porém. O vento soprou de um quadrante contrario á direcção da Academia e varreu-a. Só a historia e o tratado de Gandavo, que Rodolpho Garcia preparou e imprimiu a tempo, escaparam ao pampeiro. O "Diario" de Pero Lopes parecia destinado ao limbo, sinão fôra a "Serie Eduardo Prado" que o acolheu. Nesta ficou melhor. Martim Affonso e Pero Lopes são nomes principalmente paulistas como os de Eduardo Prado e Paulo Prado. Considerações de espaço e tempo foram desattendidas e a obra veiu á luz em plena madureza.

O texto da presente é o da 3.^a e da 4.^a edições de Varnhagen: commentario perpetuo o acompanha da primeira á ultima pagina.

Direção dos ventos, marcha dos navios, indicações das imperfeitas agulhas, sondagens, accidentes do fundo do mar revelados por ellas, configuração e colorido das costas e costões, tudo interroga o consciencioso editor, tudo confirma, para alcançar a realidade e conseguir maior clareza.

A's vezes confia demais nos conhecimentos dos marinhos de agua doce. Palavras usadas na marinha de vela e mantidas ainda na era do vapor, familiares a quem durante tantos annos viu o "seamy-side", taes palavras mesmo com o auxilio dos glossarios usuaes, reduzem-se para nós a meros "flatus vocis". Uma explanação supplementar não seria demais.

A identificação de nomes antigos espalhados pelo "Diario", e coevos, nem sempre é facil. Alguns sumiram-se sem deixar vestigio, como cabo "Percauri", bahia de "São-Lucas", abra de "Diogo Leite"; outros sobrevivem, porém mudada a applicação: "Porto-Seguro" de Cabral, por exemplo, é a hodierna "Santa-Cruz".

Nestes apuros podem prestar bons serviços as antigas cartas nauticas, em geral mais poupadas pela acção do

tempo que os roteiros, quasi todos consumidos. Dellas, depois que se começou a reconhecer sua utilidade, existem varias reproduções entre as quaes occupam lugar primacial — os atlas de Rio - Branco. Taes estudos começou entre nós Orville Derby com uma sagacidade pouco commum. Continuaram-nos Theodoro Sampaio e Gentil Moura, seus discipulos e companheiros de trabalho; ninguem os levou mais longe que o novo editor do "Diario"; serviu-lhe de guia a monumental Sentença do governo suiso na arbitragem do Oyapock. Assim pôde ser esmiuçado o litoral do Brasil a partir da abra de Diogo Leite, e parte do estuario platino...

As paginas do "Diario" relativas ao Prata são as mais desenvolvidas e succulentas. As proximidades das duas margens duplicava e intensificava a visão, a feição temperada do clima e da vegetação, a abundancia de caças parecidas com as da peninsula, a fartura inverosimil do pescado, expandiam o espirito deprimido pela monotonia do Atlantico.

Sobre os aborigenes ha noticias apreciaveis. Com sorpresa encontra-se "guarany" como designativo de um idioma. Em tudo isto resumbra o influxo dos que voluntarios ou forçados foram ficando por ali desde a armada de D. Nuno Manuel ou da Gazeta Allemã.

Como observador ethnographico Pero Lopes revela capacidade somenos... "A gente desta terra é toda alva, os homens muito bem dispostos, e as mulheres mui formosas, que não hão nem uma inveja ás da rua Nova de Lisbôa"... "A gente deste Rio é como a da Bahia de Todos os Santos, senão quanto é mais gentil gente..." A estas linhas reduz-se tudo quanto o "Diario" contem sobre a indiada da Bahia e Rio de Janeiro.

O editor localisa as tribus da costa do Brasil com uma segurança de que nem todos partilharão. Dos Guayanazes de Piratininga, assoalhados por frei Gaspar da Madre de Deus, despede-se com visivel pesar. Entretanto o debate está encerrado. Guyanazes, Miramomins, Guarulhos, Gua-

laxos, são um só grupo, falando lingua differente da geral. "Miramomins, informa Pero Rodrigues na biographia de Anchieta, escrita poucos annos depois da morte do taumaturgo, a maior força delles vive pelas mattas e serras da capitania de S. Vicente, obra de duzentas leguas pelo sertão dentro e obra de outras, tantas até a campina de Espirito Santo" isto é, Minas Geraes. Gualaxos havia na Bahia e no Prata.

Os factos historicos apontados no "Diario" foram esclarecidos, ora mais, ora menos; alguns, extrahidos de documentos castelhanos, são agora adduzidos pela primeira vez em livro brasileiro.

Do commentario fazem parte e parte precipua, numerosos mappas gravados na imprensa militar, sob o patrocínio de Tasso Fragoso, autorisado pelo Ministro da Guerra. Sua importancia dispensa encarecimentos. Com elles lucrou primeiramente Eugenio de Castro, obrigado a dar maior rigor ás suas conclusões, de modo a caberem em fórmulas graphicas. O leitor que os estudar attento ficará sabendo muita cousa. Dos documentos, reunidos no segundo volume, alguns são ineditos.

Abrem o livro dois capitulos sobre os "Antecedentes historicos" que determinaram a partida da expedição de 1530 ao Brasil e a "Arte de navegar" com os typos dos navios da estudada expedição; fecham-no tres outros sobre "Sam Vicente"; "Regresso de Martim Affonso" - "Portugal de 1530 a 1535"; e conclusões sobre "A expedição de 1530". Basta dizer que estão á altura do conjunto.

Terminando estas mal traçadas linhas por intimação de Paulo Prado e do erudito editor, só me resta exprimir o desejo que haja leitores dignos de tanto trabalho e tanta intelligencia.

Rio, Junho, 1927.

J. CAPISTRANO DE ABREU.

O Museu Britannico possui um fragmento de roteiro primeiro notado no "Catalogo de Figanière." Vae em seguida segundo a copia do proprio original feita por J. Lucio de Azevedo.

Deixa de acompanhalo a photographia que Paulo Prado mandou extrahir, por não estar completa.

Rio, Julho 1927.

JSÛS SEIA COMYGO

REGIMENTO E CONESEMSA DA COSTA DO BRAZIL DAS QU EU AMDAY QUE SÃ
MAYS CONYCIDAS EM DADAS QUE A FEYTO PER MYNHA MÃO QUE ESCREVV
D 1540 ANNOS A YLHA

A ylha de fernão buquo que se chama ylha limgoa dos negros tamarauca e chamase fernão buquo o velho porque esteue ahy permejro huã fortaleza Delrey.

Per coneser este porto de fernão buquo ou ylha de tamarauca estando este e oeste com elle faz huna tera alta a lomgo do mar e tambem faz huna bocha que he do rio com huna pareira fermecha e pera lla tera demtro faze etera rasa(?)

achamdonos entre esta ilha e mari vereis tres teras altas mais que as outras e a outra tera raza escaluada a verdadeyra são tres teras que esta pera tamarauca tem hua aruore mais alta que as outras e pera a ilha de tamarauca e tudo tera raza esta tera que tem esta arvore a que esta mais chegada a tamarauca e mari esta e na tera.

Das tres mays altas a do sol (sul?).

e o porto de marin he huna resife este huma legoa desta tera mais altas que omde se chama marin esta ylha e povosão.

na bocha do aresife ay no fundo quatro brasas e quatro e mea e quando emtrares chegarvoses bem a resife que tambem tem huna baxa e no meio e bem vos aveis de chegar ao resife e pera la outra bamda do norte como fordes dentro sorgireis em tres brasas pouquo mais o menos e no fundo achareis areia.

como emtrão mari digo no porto de marin e não pera sima e no arisife e huna degolada que fas nom a mais de des palmos dagoa de baxa mar.

Do cabo pera mari esta huna alta tera que se chama pero cabrim (?) tres legoas do cabo e tem arvoredos na tera e praia dareia.

estando cõ marim e co o cabo norte e sul e me parese pouquo mais o menos ao pe do marin da bamda do mar esta e tem huna arvore bem ao pe da terra alta que omde esta marim e da bamda da tera estam dous arvores que boa conesensa.

Do cabo a marim ay em dorete (?) sete llegoas.

o cabo de samto agostinho tem e fas esta conesemsa fas na pomta do cabo hum mouro cõ huna degolada e a pe do cabo e todo vermelho e nesta degolada da pomta do cabo o mouro tem huas arvores estrapadas e todo o mais escalvado pera a tera demtro e fora a degolada tambem tem arvores e pera o norte e todo escalvado de palha carega e pera o sul do cabo esta huna tera gorsa (?) mea legoa que ao longe paraselo te (?) esta bem a lo myo do mar e ao norte huna legoa do cabo e todo escalvado que não tem senão palha carega e no cabo desta legoa tem ba-reiras branquas que muito boa conesemsa e toda a tera pera marin e raza e baxa tera do pero cabrim como digo atras.

o cabo cõ marim se core huna com outro norte e sul.

e do cabo da ilha de Samto aleixo e em derota simço legoas. e chandonos conesta ylha leste ste sner nordeste sueste (?) ve-reis pera la tera demtro hunas teras altas e compridas com mouros.

Desta ylha pera tera esta hum riacho que se chama o rio fermoso estão enelle cavalois e a resife e tem mata gorso na boca da bamba do norte do rio.

Deste rio ao porto do calvo ai sem dorota quatro o simquo legoas e porto do calvo tem dous bocas e tambem arisife e do arisife e porto e a boca do sol (sul,) a mais alta.

pera coneser este porto do calvo tem da bõ do sol desta boca hunas brancas e no mar e tudo arisife em tera e he praia darea para lla terra mays a demtro e mato gorso (?) e na tera mais adentro e todo escalvado e tene huna so arvore pequena a elha (?) am de governar para o fundo do seis e simquo e quatro brasas emdo emtrãodo pella boca a do sul e demtro ai 3 brasas e duas e mea omde surgem

teneis avizo que quãodo emtrares eneste porto do calvo saeis polo meio sem vos achegardes a huna bamda nem outra polo fumdo que digo de seis e sinquo e quatro brasas em tera sorgereis em tres brasas e dous e mea desta boca que tudo e he limpo.

.



DIARIO DA NAVEGAÇÃO

DE

PERO LOPES DE SOUSA

(De 1530 a 1532)

Edição de 500 exemplares numerados

N.....

DIARIO DA NAVEGAÇÃO

DE

PERO LOPES DE SOUSA

(De 1530 a 1532)

commentado por **EUGENIO DE CASTRO**

Capitão de Corveta graduado da Armada Brasileira

*

PREFACIO DE CAPISTRANO DE ABREU

Vol. I

Série "EDUARDO PRADO"

Editor - PAULO PRADO

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA LEUZINGER

1927

PUBLICAÇÕES

DA

Série "EDUARDO PRADO". Editor - PAULO PRADO

(Para melhor se conhecer o Brasil)

Reprodução fac-simile da *Historia da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão*, pelo Padre Claude d'Abbeville, prefaciada por Capistrano de Abreu. — Notas sobre Eduardo Prado, pelo mesmo autor. — Paris. — Librairie Ancienne Édouard Champion. — 5, quai Malaquais. 5. — 1922.

Um Visitador do Santo Officio á Cidade do Salvador e ao Reconcavo da bahia de Todos os Santos (1591 - 1592), por J. Capistrano de Abreu. — Rio de Janeiro. — Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C. — 1922.

Primeira visitação do Santo Officio ás partes do Brasil, pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça, Capellão fidalgo del Rey Nosso Senhor e do seu desembargo - Deputado do Santo Officio. — DENUNCIÇÕES DA BAHIA, 1591 - 1593. — S. Paulo. — Homenagem de Paulo Prado. — 1925.

Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532) — commentado por Eugenio de Castro (Capitão de corveta graduado da Armada Brasileira), — Prefacio de Capistrano de Abreu. — 2 volumes. — Rio de Janeiro. — Typographia Leuzinger. — 1927.

(Edição — 500 exemplares)

EDIÇÕES DO DIARIO DE PERO LOPES DE SOUSA

A Francisco Adolfo de Varnhagen - Visconde de Porto Seguro - deveram as letras historicas, em 1839, a 1.^a edição do diario de Pero Lopes de Sousa.

Só assim vieram os estudiosos a conhecer a fiel narrativa traçada pelo valoroso capitão do mar, em estilo singello, technico e pittoresco, da expedição do capitão mór Martim Affonso de Sousa ás Terras do Brasil; e a apoiar-se em documento que servisse de "esclarecer um periodo de mais de vinte annos" da historia colonial brasileira, "quando a carta de Pero de Vaz de Caminha era apenas revelação do que se passara durante dias!" (Varnhagen. Rev. Inst. Hist. tomo XXIV, pg. 8).

Para realizar esta 1.^a edição teve Varnhagen presentes tres copias do documento original, cedo desaparecido. A primeira, logo por elle rejeitada, era, pelo que affirma, escripta com letra peculiar "ao começo do seculo XVIII, em papel sem marca d'agua, com formato de in-folio pequeno" e comportando setenta e duas paginas. A segunda, de sua preferencia quando ainda desconhecia o codice da "Biblioteca da Ajuda", tinha-a o Bispo Conde D. Francisco de São Luiz, em "formato de quarto", com "letra moderna" e trazendo por titulo - Diario de Pero Lopes de Sousa.

Já havia Varnhagen com este documento resolvido dar publicidade em 1.^a edição ao Diario - quando veiu a encontrar o codice da Bibliotheca Real do Paço da Ajuda.

Era a esse tempo bibliothecario da Real Livraria o grande escriptor Alexandre Herculano, sob cuja guarda estava o citado documento ou codice de letra quasi contempo-



ranea, sendo como o de romano - restaurada de J. P. Ribeiro, e portanto, anterior ao domínio de Castella". Trazia "folha de tamanho regular de papel florete ordinario" e era "encadernado com uma pasta forrada de coiros a modo de moscovia, com florões e bustos na guarnição de redor e nas tarjas" que as atravessavam; "porém estas tão roçadas", que mal se davam a conhecer. Mostrava "papel coetaneo, escuro e encorpado, naturalmente fabricado em Genova", com marca d'agua, guardas interiores do mesmo papel e pequena tira com o distico da catalogação: T. N.º 30, Volume I.

A' luz deste codice pode o historiador brasileiro rever o texto do manuscrito pertencente ao Bispo Conde D. Francisco de São Luiz, e estudar a rota e a narrativa da expedição de Martim Affonso até a chegada do capitão mór e a permanencia de Pero Lopes no porto de S. Vicente; e com este mais perfeito documento completar a copia daquelle manuscrito - e assim dar na 1.ª edição - parte do relato da viagem após realizada por Pero Lopes, em regresso a Portugal.

Achava-se o codice da Bibliotheca Real mutilado em duas partes: entre a chegada de Pero Lopes á ilha de Sto. Aleixo, em 4 de agosto de 1532, e a sua partida do porto de Pernambuco em 4 de novembro do mesmo anno; entre o dia 24 de novembro de 1532, quando este capitão já em pleno Atlantico Septentrional, e o da sua tornada ás praias lusitanas.

Trazia o seguinte titulo suppostamente lançado depois, ou ao começo do seculo XVII:

"Naveguçam q fez p.º lopez de sousa no descobrimento da costa do brasil militando na capitania de marti a.º de sousa, seu irmão: na era da emcação de 1530."

Quasi um seculo decorrido de Varnhagen estuda-lo, vem a revê-lo, em nossos dias, o distincto escriptor dr. Jor-

dão de Freitas, para o dar como “codice do seculo XVI”, com “41 folhas de papel florete, in-folio, encadernado”, e de existencia nessa ex-Biblioteca Real desde o terceiro quartel do seculo XVIII. (Hist. Col. Port. vol. III, pg. 126).

Averiguou ainda o citado escriptor ter este documento, antes de pertencer a essa Bibliotheca, feito parte da “excelente livraria organizada pelo 2.º Conde de Redondo - Tomé de Sousa Coutinho de Castelo Branco e Menezes”, parente de Martim Affonso e de Pero Lopes; e, só por morte desse fidalgo occorrida a 6 de março de 1717 - ter passado por compra - á mesma Bibliotheca “estabelecida por el-rei D. José, junto ao Paço Real edificado no sitio da Ajuda após o terremoto de 1755”. Assim foi esse documento incorporado á Secção dos Manuscriptos da Corôa da dita Bibliotheca que os fados fizeram viajasse para o Brasil e do Brasil, participando do exilio e regresso da familia real portugueza.

Encontrando-o Varnhagen, - em 1839 - não o teve de principio como o original traçado a bordo; mas em 1861, — quando o dá em 3.ª edição -, como o original o proclamará do punho do futuro capitão mór Pero de Góes da Silveira, e mostrando notas á margem, suppostamente de Martim Affonso de Sousa .

Como se não bastara, sob um dos aspectos da questão, o que nos ensina Capistrano de Abreu no commentario á 3.ª edição da - Historia Geral do Brasil - (pg. 197), temos, sob outro aspecto ainda, o parecer de Pedro de Azevedo, paleographo e “primeiro bibliotecario da Biblioteca Nacional de Lisbôa.” Examinando a letra do texto - “não exclusivamente de um unico punho” - poude classifica-la: romano - restaurada (bastarda ou italiana)” mas do 3.º ou 4.º quartel do seculo XVI, aliás como a dava com outro sentido o mesmo Varnhagen, enxergando-a de epoca anterior ao dominio de Castella.

Escripto ou annotado por Pero de Góes e Martim Afonso, não o seria, a valer-nos ainda do que attestam o erudito paleographo e o distincto escriptor: — o de usarem esses capitães de letra gothica - cursiva, como se vê em cartas e outros documentos seus, recolhidos á Torre do Tombo.

Por copia do desaparecido original de Pero Lopes deve pois, ser elle tido, - ou melhor, por apographo precioso - que ao participar da 1.^a edição dada por Varnhagen, mereceu do Visconde de Santarém um erudito e breve estudo sob titulo: - “Analyse du journal de la Navigation de la flotte qui est allée à la Terre du Brésil - en 1530-1532. (B. N. - 252-3-25-n.º 3).

Se bem que este escriptor portuguez o achasse inferior em certos pontos aos de Tomé Lopes, Duarte Barbosa, Pigafetta e outros, se bem que accentuasse, a par do louvor ás muitas latitudes ministradas, a escassez de outras observações astronomicas, quaes sobre as differentes constellações um seculo antes Cadamosto o fizera - e sobre a determinação do “abatimento da agulha”, que de passagem o Diario assignala; ainda assim, o realça merecidamente, com da-la “a mais antiga, detalhada e exacta descripção da exploração hydrographica do Rio da Prata”, que os archivros portuguezes então possuíam e, parece, ainda hoje possuem.

Se extraviados não fossem outros diarios como os dos capitães João de Lisbôa, Vasco Gallego de Carvalho ou de João Lopes de Carvalho, certo não houvera elle tambem em antiguidade merecido esta primazia: sob o ponto de vista technico e de narrativa original e precisa, no que se refere ao rio da Prata e a uma grande parte da costa e mares brasileiros, não seria elle, ao tempo, com vantagem excedido.

Da 2.^a edição custeada em 1847 pela Assembléa Provincial de São Paulo, nada nos cumpre dizer, senão que quatorze annos após ella, o nosso erudito historiador ne-

gando-lhe auctoridade, dava a publico a 3.^a e correcta edição do Diário.

Na "Advertencia Preliminar" da 1.^a, já Varnhagen achava que, tendo-se de a renovar, deveria o editor "cingir-se mais no texto ao codice original (sic) da Bibliotheca de S. M. F. de Lisbôa", - ou melhor, ao codice da "Biblioteca da Ajuda" - e supprimir da mesma muitas notas, confrontações preteridas por outros estudos e peças de menor merecimento.

Tal veio a realizar o proprio Varnhagen em 1861 - menos na graphia rude - ao dar publicidade a este apographo como manuscripto original e a consagra-lo sob o titulo - "Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa - (de 1530 a 1532)" - no tomo XXIV da Revista do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil.

Seis annos passados, augmentada de titulo, mas copia fiel da 3.^a, e com a mesma composição typographica, ainda publica o Visconde de Porto-Seguro a 4.^a edição; e annos depois, quando já por todos os estudiosos acceita a authenticidade do Diário quinhentista, aventura-se João Mendes da Almeida a nega-la através de desacertos que poem em cheque as suas qualidades de arguto historiador. (Misc. Memoria - 1887).

Não poude essa voz entretanto encontrar echo entre outros, como elle amantes da musa Clio, e que trabalharam sempre por proclamar a authenticidade do documento original, desapparecido, do qual deverá ser copia mais completa até hoje encontrada o Codice da "Biblioteca da Ajuda".

Dentro neste justo conceito e renovando a obra benemerita do grande Varnhagen, sessenta annos decorridos da publicação da 4.^a e copia fiel da 3.^a, surge esta 5.^a edição, e provavelmente, não a derradeira do precioso codice.

A Capistrano de Abreu - que accrescenta aos seus titulos de solida cultura o de mais profundo historiador da idade colonial brasileira - ao mestre e amigo, é esta edi-

ção dedicada como expressão do reconhecimento do menor dos seus discipulos.

A Afranio Peixoto que, secundando a generosidade do mestre, animou com benevolencia e auctoridade o inicio e o labor paciente deste ensaio; a Paulo Prado que com tanta elegancia de espirito e de coração nos estimulou a levar este livro a termo, e novo Mecenas quiz honrar-nos, incluindo-o na "Serie Eduardo Prado" de que é editor; - deixamos nesta pagina as nossas expressões de sympathia e reconhecimento.

E para que a ella tambem não falte singular homenagem, quer a adversidade no tempo, que ao bom amigo Mario de Alencar - nobre expressão humana da raça - só possamos consagrar hoje o nosso carinho, a nossa gratidão, sob a graça de commovida saudade.

E. C.

A

CAPISTRANO DE ABREU

INTRODUÇÃO

MARTIM AFFONSO DE SOUSA

E

PERO LOPES DE SOUSA

Foram Martim Affonso de Sousa e Pero Lopes de Sousa fidalgos de alta linhagem. Tiveram por ascendentes a Pedro de Sousa, seu avô, e a Lopo de Sousa, seu pae, - senhor do Prado, Pavia e Baltar, alcaide mór de Bragança e do Castello do Outeiro.

Dos dois irmãos foi primogenito Martim Affonso de Sousa, a quem uma bôa estrella deu por berço Villa Viçosa, ao correr do anno de 1500 consagrado por D. Manuel como o da descoberta official das terras de Santa Cruz, hoje Brasil.

Gosou Martim folgada meninice e na juventude andou na intimidade dos duques de Bragança, até passar-se ao serviço do principe herdeiro D. João; e neste ultimo e honroso encargo houve-se por tal maneira, que o rei D. Manuel o afastou da Côrte.

Morto o rei venturoso em 1521, seguiu Martim Affonso em 1522 para Castella, na comitiva da rainha D. Leonor, e em Salamanca veiu a esposar a D. Anna Pimentel, filha dos nobres Maldonados de Espanha.

Quando fazia um mez que casara, como mobilizasse Carlos V um exercito para combater a França, esqueceu o valoroso cavalleiro portuguez os agradaveis enleios do noivado, e alistou-se e partiu nas hostes imperiaes para

dignificar o nome de guerreiro lusitano nos combates em que se houve e dos quaes foi feliz remate o cerco de Fuenterrabia.

Tornado á Salamanca, ao lar dos seus amores, mais repouso teria o seu espirito para sentir essa cidade universitaria como centro de estudo e cultura, a que a intelligencia lusitana prestava e prestaria valioso concurso, affirmado através da existencia de personalidades como as de Pedro Margalho, Ayres Barbosa, Francisco de Mello, Pedro Nunes e Garcia da Orta ainda ahi estudante ao tempo em que Martim Affonso nessa cidade residira.

O escriptor Conde de Ficalho, no seu primoroso livro - Garcia da Orta e o seu tempo -, valendo-se de velhas chronicas por elle com largueza interpretadas, nos concede elementos para, em traços rapidos e singellos, fixarmos a personalidade do futuro capitão mór na governança do Brasil, capitão mór do mar da India e desta, mais tarde, Governador.

Do character energico de Martim Affonso se conta que desde criança o affirmara e, singularmente, um dia, quando Gonçalo Fernandez de Cordova quiz premia-lo com um collar de grande valia que o menino recusou acceitar.

Sensibilizado com essa prova de idealismo em quem andava ainda tão na flôr da idade, Gonçalo de Cordova offertou-lhe a sua gloriosa espada, cingida ao depois por Martim Affonso com honra de cavalleiro.

Das suas qualidades de guerreiro e de politico, anteriormente ao seu viver em Espanha, já algumas glorias se lhe poderiam dar; mas o periodo aureo dellas se vem a caracterizar com a expedição ao Brasil, accrescentar-se com os seus cruzeiros em aguas indianas como capitão mór do mar, e accrescentar-se e diminuir-se com os feitos de bravura ou de escassa honradez praticados, quando culminara na carreira a que o destino o levara de Governador da India.

Delle, diz ainda o illustre escriptor ao correr do seu livro: "Erudito e homem de sciencia, como cumpria a um legitimo filho do Renascimento; fidalgo nos primores da bravura e na cortezia altiva; aventureiro na sêde do oiro, na falta de escrupulos e na largueza de consciencia cynicamente manifestada; elle lembra os seus contemporaneos da Republica de Florença ou do Ducado de Ferrara. Affigura-se-nos vêr um grande senhor italiano, um companheiro dos Medicis ou dos Estes, transportado para a India e aquecido por aquelle sól do Oriente que ainda mais lhe aviva as bôas e as más paixões".

Garcia da Orta o teria por amigo e - "excellente varão" -; S Francisco Xavier louvar-lhe-ia dentre as suas grandes virtudes, a piedade; D. João de Castro o daria "muito sufficiente para governar a India"; e Camões o sagraria immortal em versos immortaes:

"Este será Martinho que de Marte

"O nome tem co'as obras derivado;

"Tanto em armas illustre em toda a parte

"Quanto em conselho sabio e bem cuidado.

Da permanencia em Castella e particularmente em Salamanca bom fructo havia de colher o entendimento do nosso primeiro capitão mór, acerca das emprezas maritimas da nação rival - óra envoltas nas lendas maravilhosas de Nueva España e Castilla del Oro -; então não ainda experto na arte de navegar elle o seria, mas breve das cousas do mar havia de entender. No anseio de exercitar-se nas bôas letras patrias tambem andaria, para mais tarde escrever o Epitome da sua vida perdido com a Bibliotheca do Conde de Vimieiro ou tambem a "Brevissima e Sumaria Relaçam" dos seus serviços, em 1557. Foi esta só publicada pelo - Archivo Bibliographico da cidade de Coimbra - trezentos e vinte annos depois. Certo tambem a esse

tempo, como apaixonado latinista haveria de aprimorar-se, para vir ao futuro merecer do erudito Garcia da Orta, seu amigo na India, os mais bellos e justos conceitos.

Na sua mocidade, contava-se ser de bom aspecto, "gentil-homem e aprazível, benigno com os inferiores, lhano para os iguaes e, algum tanto indisciplinado e opiniatigo" ante os seus superiores. (Conde de Ficalho). E esse natural nem de outra fórmula se revela quando dignamente aguarda em Espanha o chamado de D. João III, de quem fôra pagem estimado em companhia de seu primo D. Antonio de Attayde ora principal ministro na Côrte, ou quando de retorno á Evôra, faz parte da comitiva da rainha D. Catharina, de Portugal.

Occorreria o regresso de Martim Affonso pelo anno de 1525. Alguns annos após se esboçaria, para logo affirmar-se, a nova phase da sua vida de marinheiro intrepido, militar e politico. A ella viria em parte associar-se a do seu irmão Pero Lopes de Sousa, marinheiro dos mais provecos, militar cioso da honra das suas armas e aventureiro como todo bom portuguez daquelle tempo.

Por perdidos os escriptos do padre Rousado, a data do nascimento do irmão de Martim Affonso é desconhecida, como dos dias da sua infancia pouco ou quasi nada se sabe. A sua mocidade, porém, se mostra passada na lide aventureira e gloriosa do mar.

Chegou a gosar Pero Lopes do alto conceito de D. Antonio de Attayde que o tinha por "mui honrado apesar da sua pouca idade", e veiu elle a merecer, não muito depois, um justo elogio do grande navegador D. João de Castro, ao da-lo como um dos nautas mais experimentados de Portugal.

Como escriptor dos feitos da armada do seu Capitão Irmão, no Brasil, elle o é dos mais singulares através do apreciado Diario publicado tres seculos após a morte do chronista e capitão.

De retorno Pero Lopes a Portugal - talvez em fins de 1532 a Evora e certamente em começo de 1533 a Lisboa - victorioso dos combates ás naus corsarias na costa brasileira, é mandado em uma caravela "com Thomé de Sousa á costa de Çafim" para, logo em seguida, vir a capitanear uma das naus da Armada de D. Antonio de Saldanha. Foi esta armada que unida ás galés e aos galeões de Espanha - como ás 400 naus do almirante genovez André Doria - velejou em 1535, sob o prestigio de Carlos I, para bater Soliman Kaeredin Barbaroxa ou os inimigos da Christandade, apoderar-se de Goletta e libértar 20.000 captivos.

Finda esta nova cruzada mediterranea - se a favor do Christianismo não de menor valia ao astuto rei espanhol - tornado Pero Lopes á patria querida, uniu-se pelo casamento christão á D. Isabel de Gambôa, "rica herdeira na Côrte". Mas, pouco tempo passado, ao mar retornou affoitamente para, durante dois annos, servir na armada guardacostas do reino e cruzando entre o Archipelago dos Açores e as Berlengas, "accommetter e apresár" naus da França após habil e valoroso encontro; ou para naquelle archipelago, aguardar e proteger o comboio de Thomé de Sousa de regresso da India. Talvez a seguir houvese realizado alguma viagem ao Brasil, quando a corôa lhe dera terras a capitanear e colonizar, ou antes mesmo, como de uma ou de outra fórma querem Gabriel Soares, Varnhagen e outros auctores. De certo porém, só se sabe, que a 24 de março de 1539 partia para a India como capitão mór de uma armada em que iam por capitães dos navios: Simão Sodré, D. Roque ou D. Rodrigo Tello, Alvaro Barradas, Antonio de Abreu e Henrique de Sousa. (Ms. Armadas da India, 1497-1632. B. N. Rio Janeiro: Secc. Ms. I, 4, 1-49 - ou idem 1, 3, 3, 2-2, copia codice CXV/1-19 da Bib. Ebo-rensê).

E desta expedição em regresso dos mares indianos, capitaneando a nau "Gallega" ou "Esperança Gallega", junto

á ilha de "S. Lourenço" ou de Madagascar, - se certamente ou não, segundo Diogo do Couto, decada 5.º, já havendo tomado parte em agosto de 1542 na expedição de 12 galés contra o Pagóde de Tremel, no Reino de Bisnaga, - e quando mais constante e esforçado andava na sua aventura - o que foi toda a sua curta vida, - veio a encontra-lo a morte em plena mocidade.

Em contraste, Martin Affonso só depois de capitanear e governar o Brasil; de lutar e vencer naus corsarias ou infieis em "aguas do Brasil, no Guzarate e na costa do Malabar"; depois de ver desmerecidas até as suas proprias glorias na mesma paisagem oriental, maravilhoso theatro das suas grandezas, é que se partiu, aos 71 annos de idade, o fio da sua existencia em declinio - de soldado, de marinheiro e de politico.

Teve Pero Lopes por tumulo o mar em que ambos - luctaram e venceram; e Martin Affonso, as terras da Patria a que ambos tão valorosamente serviram.

A CIDADE DE LISBÔA

Rendida esta justa homenagem aos dois heroicos capitães, tenhamos agora presente, para melhor se fixar o painel historico, alguma cousa dessa Lisbôa quinhentista, ao tempo em que Martin Affonso a buscava de regresso de Salamanca e nella Pero Lopes se encontraria.

Notemos-lhe ainda em muitos pontos os traços do antigo burgo romano, guardado por setenta e sete torres e, como a libertar-se das velhas muralhas em que se fendiam trinta e oito portas, vinte e duas das quaes para as ribeiras do Tejo.

Penetrando na velha cidade lá iriamos ver bem significativamente a - Rua Nova - visitada por mercadores da Italia, da França, da Inglaterra e da Flandres, afidalgados e vistosos, e mais, o largo do Pelourinho - velho, aonde aos escrivães abancados ditava algum capitão de torna - viagem

da Índia, orgulhoso dos seus feitos, “versos improvisados ou prolixos bilhetes de amôr...” E uma vez ahí, nesse centro mais commercial da velha cidade, vejamo-la com o Conde de Ficalho, “pejada de bazares orientaes abarrotados de perfumes subtis, de ricos tecidos, de preciosos metaes, de varias lojas de livreiros bem fornecidas de obras em portuguez, castelhano, italiano e latim, in-folios do tempo, e todos os productos, alguns primorosos, da nova arte de imprimir”. A ella vinham para adquirir esses preciosos escriptos, principalmente os fidalgos illustrados e os estudiosos “dos ricos conventos e abbadias”; e, por ella passavam os mais nobres homens “montados nos seus formosos ginetes, com as suas espadas doiradas, com os seus vistosos gorros ornados de plumas”... “Traziam esses gentis - homens as formosas armas apertadas nos longos corpetes bordados de oiro e de perolas finas da Costa da Pescaria, e transitavam por ella sob o olhar dos opulentos burguezes repoltreados atrás dos balcões das suas lojas entre pilhas de escarlates, de razos e de sarjas”...

Se passassemos depois á Mouraria ou arrabalde dos Mouros, á Alfama dos pescadores e mareantes; se subissemos os morros da Graça, do Castello, de São Roque e do Cármo; se descendo-os, transitassemos pelas tortuosas vielas do velho burgo; se visitassemos a Casa da Índia, a Sé e os Conventos; e se das ribeiras tejanas vissemos, já rompida a cinta dos muros, os primeiros paços faustosos da “Lisbôa orgulhosa da conquista”, teriamos na cidade rival de Veneza uma perfeita idéa da sua vida e formação.

Resplandeceriam então, nella e por ella, - nessa Lisbôa mais polida do tempo, - as magnificencias da Côrte, o luxo dos mercadores trajados a rigor, a ostentação dos capitães de torna - viagem do Oriente maravilhoso.

Tomar-se-ia o povo de admiração rememorando ainda, entre alguns dias de fome e peste, a faustosa côrte

do finado rei D. Manuel e principalmente esse cortejo magnifico de 1521 de passagem por engalanadas ruas, conduzindo o filho do rei venturoso para ser aclamado el-rei D. João III de Portugal.

“Montado em um formoso cavallo ruço, sellado á brida” - através das palavras de frei Luis de Sousa e das do conde de Ficalho - “vestido em uma opa roçagante de brocado forrado em martas; precedido por um infante que empunhava o estoque de condestavel”; “levado na redea pelo infante D. Fernando vestido em um pelote de setim avelutado preto, de gorra preta de duas voltas”, “fôra o novo Rei esperado na igreja por um terceiro infante e cardeal”.

Levava no seu sequito os duques de Bragança e de Coimbra, os marquezes de Torres novas e de Villa Real, e tambem os condes, de entre os quaes se salientaria o Almirante dos mares da India - D. Vasco da Gama, conde de Vidigueira.

Nesse momento historico personificava D. João III, segundo o precitado auctor, “a realesa do 16.º seculo firmada nos grandes vassalos de D. João II, ornada com a pompa do Oriente por D. Manuel”. Mas vinte annos passados, esses delirios de grandeza e fausto que a todos empolgavam e venciam, não seriam mais que os chamados “fumos da India”: - embriaguez das glorias dos descobrimentos, mercantilismo ou ambição desmedida e varia de que era um symbolo a nau de carreira das Indias, - desgoverno e Santo Officio. E dahi, os prenuncios da decadencia desse Portugal cujos feitos immortaes, não muito mais tarde, Camões haveria de cantar.

Tinha D. João III tibia personalidade para influir no momento historico que se desenrolava e desenrolaria no scenario mundial. Além disso, havia herdado de D. Manuel a posse de terras e glorias para as quaes a nação devidamente não se apparelhara com a execução de pensado

plano militar, politico e commercial praticado sem desfalcimentos ou desintelligencias.

Ao oriente da Lusitania, a Espanha - que se lhe pronuncia rival ao alvorecer das primeiras conquistas maritimas no Atlantico - estava ora nas mãos seguras e habeis de Carlos I.º e este, a sonhar, como Carlos Magno, com o Imperio do Mundo. Mais além, a França sob o rei galante e sensual, intrepido e astuto, amante das artes e das mulheres - Francisco I, rival do rei espanhol e por elle vencido, talvez ainda recordando-se de que fidalgos francezes haviam fundado o Condado Portucalense, pretextando defeza á liberdade dos mares, ia estabelecendo o curso ás naus da India e o contrabando do pau brasil na costa brasileira.

As contingencias politicas iam assim exigindo da nobre nação portugueza, - victoriosa nos mares da India, da Africa e da America, - não a um D. Manuel I, nem a um D. João III, mas a um D. João II, houvesse de, nesse seculo, caber o mando da Grande Armada ao serviço de uma larga missão colonial e maritima, a que poderiam servir "braços tão valorosos e mentes tão esclarecidas".

ANTECEDENTES HISTORICOS DA EXPEDIÇÃO DE 1530

Vejamos agora, como que entre as ultimas luzes do crepusculo vespertino do sol, se desenharem ainda nos amplos horizontes os expressivos paineis da velha cidade quinhentista. E assim busquemos dentro e fóra dos seus muros, as origens remotas dos meneios diplomaticos de Portugal contra a Espanha e a França, para melhor determinarmos o momento historico da partida da armada de Martim Affonso em 1530, para o Brasil.

Passando sem analysarmos, e só para encaminhamento do assumpto, lembrando as primeiras expedições dos phe-

nícios, gregos, carthaginezes, normandos, dinamarquezes, arabes, em busca de terras ao Occidente - iniciemos esta synthese, com dizer que Bartholomeu Dias dobrara desde 1487 o cabo das Tormentas, depois chamado da Bôa-Esperança, e Colombo desde 1492, pisando terras americanas, sonhara attingir as Indias.

A seguir, a Espanha que desde 1493 obtivera do papa Alexandre VI para a corôa de Castella, a titulo perpetuo, as terras que o Almirante genovez viesse a descobrir ao oeste de um meridiano marcado a cem leguas das ilhas dos Açores e das de Cabo Verde, - o que vinha a ferir direitos de Portugal - teve o protesto deste contra ella apoiado em bulla de Eugenio IV. Provocou o rei da Espanha do papa, seu compatriota, e em represalia, a confirmação da bulla de 4 de maio, e passava a interpretar a decisão papal como concessão maior abrangendo "as terras que subditos espanhóes encontrassem para o leste e para o sul", se não occupadas fossem já por principes christãos. (Bullas 25 junho e 26 outubro de 1493).

Portugal, nesse instante, com habilidade e raro valôr diplomatico, visando o oriente e mantendo fundada suspeita de terras novas ao oeste e ao sudoeste, provocou um accordo com a Espanha e assignou com ella o Tratado de Tordesilhas. A linha demarcadora passaria agora a 370 leguas convertidas em graos ou em medida arbitrada - ao oeste das ilhas de Cabo Verde: dividia-se o descoberto e o que se viesse a descobrir entre Portugal e Espanha, não se conhecendo com precisão as terras antipodas, o que mais tarde a viagem de Magalhães viria tão apaixonadamente agitar, aggravado pelos erros nos calculos de longitude da expedição, sob a fôrma da questão das Molucas.

O tratado de 1494 parecia caminhar para sancção pratica em 1506. Vasco da Gama já se apoderara das verdadeiras Indias, segundo o saber lusitano, e as primeiras explorações já haviam sido feitas a alguns sectores do littoral das duas Americas.

Mandava então o papa Julio II que se traçasse o meridiano das partilhas na nova parte do Mundo, mas os contendores na esperança de mais possuírem nas 2 Indias e impotentes ante o impreciso calculo das longitudes, retardavam a marcação do citado meridiano nos portulanos do tempo.

Até 1515, antes e ainda no reinado de D. Manuel, já conquistadas as verdadeiras Indias, attingidas além as Molucas, Portugal considerava como já tendo tocado no occidente, Duarte Pacheco Pereira em 1498, os Côrtes Reaes e o Almirante Pedro Alvares Cabral, este, no descobrimento official do Brasil.

Ordenara ao ter esta grata nova, o rei venturoso a exploração da costa brasileira, exploração que attingirá em 1514, o rio baptisado então Sta. Maria, e o que futuramente, alliado á posse feita por Pero Lopes em 1531, lhe dará com o proposito do recúo do meridiano, o pretenso direito de terras ao sul do golfo de S. Mathias, em paragens patagoneas.

Foram primeiras expedições nesses mares e na costa brasileira, as de Gaspar de Lemos ou de André Gonçalves, já quando de Porto Seguro um delles se partia numa nao a avisar o Rei Venturoso da ditosa nova e como mensageiro da primeira pagina da Historia do Brasil escripta por Pero de Vaz de Caminha, já quando velejando de Portugal um desses capitães vinha em 1501 na exploração e conquista dessa mesma costa. Dizem as chronicas succeder-lhe a expedição de 1503 mandada por Gonçalo Coelho assistido, como na anterior expedição, por Vespucci, no mesmo encargo official. De invernias ou arribadas ao Brasil, como a soldo de armadores como Fernão de Loronha, Marchione, Benedeto Morelli, Francisco Martins vieram caravelas ou naus; e destacadamente, em 1514, sob a responsabilidade commercial de Cristoval de Haro e D. Nuno Manuel, a que consta ter descoberto o rio de Sta. Maria ou da Prata.

Foram pilotos portuguezes dessas e de outras naus até 1515, em explorações das nossas ilhas e ribeiras atlanticas, João da Nova, Lopes de Carvalho ou Vasco Gallego de Carvalho, João Coelho, João de Lisbôa, Christovam Pires, João Dias de Solis, e muitos mais.

Francezes tambem cedo a ella vieram no resgate do "brasil" e até o rio S. Francisco do Sul, como o ousado Paulmier de Gonville em 1504. Mas Espanhões ou outros estrangeiros ao serviço da Espanha, a não ser num pequeno sector da costa brasileira do nórtte, buscaram sempre, de preferencia, ao correr de decada e meia do descobrimento do Brasil, o mar das Antilhas ou o golfo do Mexico. Assim fizeram Colombo, Vespucci, Pinzon, Ojeda, Juan de la Cosa, Diego de Lepe, Rodrigo de Bastidas, Alonso de Niño, Christobal Guerra, Solis, Ponce de Leon, Caboto, Balbôa - o descobridor do oceano Pacifico.

Marquemos pois, como valioso momento historico o em que entrando em Roma a embaixada opulenta do velho Portugal, movia Leão X em 1514, a ceder a esta nação as terras situadas ao oriente da linha e cujos descobrimentos tinham sido attribuidos aos portuguezes, como as conquistas de interesse lusitano em outras partes do mundo. (cit. Denucé, Magellan pg. 47).

Se mais avançados andassem na epoca os processos para o calculo da longitude - ao menos tanto quanto avancara o da outra coordenada geographica -, e tambem os systemas de projecção em cartographia, Portugal não poderia tirar partido em futuras surpresas tão do appetite das chancellarias de antanho e das de hoje. A determinação da longitude continuando a ser o principal segredo para as duas nações rivaes anciosas de dividirem entre si as terras dos novos mundos descobertos e a descobrir, retardava o que fóra do periodo aureo das duas nações, só viria a ser resolvido efficazmente depois de 1770 com o auxilio de novos methodos de calculo e publicação das Taboas de Tobias Meyer aperfeiçoadas por Laplace ou do

Almanack Nautico inglez, aperfeiçoamento dos velhos Regimentos de Enciso, de Zacuto ou Evora.

Por esses remotos dias, a Espanha com a sua Casa de la Contratacion fundada nos moldes da Casa da India de Lisbôa, activava as navegações e a instrucção nautica, convicta de que não attingira as terras da verdadeira India para oeste, mas sim, terras de outro continente, o qual, guardando em seu seio minas de ouro e prata, seria para ella, em parte, a sua Castilla del Oro.

Procurando dar mais eficiencia ás suas armadas, atrahia pilotos e cartographos lusos para a Casa de la Contratacion onde devassavam dos segredos das alheias navegações. Assim em 1515, nos serve de exemplo a expedição de João Dias de Solis, portuguez ao serviço official de Castella, e mandado ao continente americano em busca da passagem para o oceano avistado em 1513 por Balbôa, com a obrigação de correr o littoral confim com as "espaldas de la tierra" governada nesses dias remotos por Pedrarias d'Avila.

Era este littoral brasileiro ao tempo só meridionalmente assignalado em portulanos officiaes, até Cananéa, se bem que já o houvessem perlustrado até o rio de Santa Maria ou da Prata, pilotos portuguezes como João de Lisbôa, Vasco Galego de Carvalho, segundo A. de Gusmão, Varnhagen e HARRISSE, e segundo outros, mais certamente, João Lopes de Carvalho, na viagem da Gazeta Aleman em 1514.

Apossando-se a Espanha do grande rio do sul, nessa aventura mandada por João Dias de Solis, e baseada no Tratado de Tordesilhas, dava-lhe o nome do navegador portuguez ao serviço da Casa de Sevilha, após a morte do valoroso nauta ao iniciar a expedição fluvial.

Tem depois ordem de partir em 1516 para a costa brasileira, Christovam Jaques, viagem com o seu termo feliz em 1519 (Hist. da Col. Port. Vol. II, pg. 363), e que cons-

titue a primeira que veio fazer ao Brasil. Era tal occorren-
cia ao tempo em que, segundo Damião de Góes, D. Manuel
trazia para mais de tres centenas de naus na conquista da
Africa, da Asia e da America; e, quando apparecia em no-
tavel relevo no scenario da conquista maritima a figura de
Fernão de Magalhães, navegador já experimentado na
lucta contra o mar - oceano, resolute a buscar a passagem
pelo sul, como pelo occidente o caminho para as Mo-
lucas. Era a sua mentalidade de maritimo formada na es-
cola dos grandes marinheiros e homens da sciencia de Por-
tugal e, certamente haviam de concorrer para que plane-
jasse a circumnavegação da Terra, o celebre portulano tra-
zido de Veneza para a Peninsula pelo principe D. Pedro em
1428, ao tempo do Infante D. Henrique, e o de Martim
de Behaim do qual tivera copia, segundo Pigafetta.

Offerecendo-se para tal missão á sua patria, esta não
o attende, nem lhe estimula esperanças, em parte por ha-
bilidade politica, uma vez que deveria ter como motivo
para demanda e guerra contra a Espanha, o attingir pelo
occidente o que pelo oriente já tinha como seu: terras das
verdadeiras Indias com as ambicionadas Molucas.

Continuava a Espanha ainda, sem interromper todavia
a amizade entre as casas reinantes portugueza e espanhola,
a attrahir para o seu serviço maritimo os melhores nave-
gadores de Portugal. Assim distinguiria: - a Fernão de Ma-
galhães, Ruy e Francisco Faleiro, Lopes de Carvalho,
Duarte Barbosa, Bernardo Pires, Alvaro de Mesquita, Es-
tevam Gomes e João Rodrigues Mousinho, como o fizera
e o faria a mareantes ou cartographos desta e de outras na-
cionalidades participantes no conhecimento da cartogra-
phia e nautica das costas brasileiras ou americanas do sul.
Citemos destes os italianos Vespucci, Caboto, Pigafetta;
os portuguezes Solis e alguns annos depois Pedro e Jorge
Reinel, Diogo Ribeiro, Christovam Jaques, crêmos, e outros,
dois que nos auxiliarão neste estudo: Jorge Gomes e Gon-
çalo da Costa.

Armada a expedição de Magalhães em parte com o valioso concurso do armador Cristoval de Haro e já provavelmente com o ouro chegado das Antilhas, seguiu para a grande aventura o ousado almirante com opinião formada de que o cabo de Sta. Maria em 35 graus de latitude sul (Pastells - Doc.º n.º 1), pertencia á corôa de Portugal, mas de que as tres das Molucas mais approximadas da linha se achavam fóra 2." e 30' da demarcação portugueza.

Por essa epoca Enciso na sua "Suma de Geografia" assim opinava a Carlos I sobre quaes as terras da corôa espanhola:

"Pois que V. alteza e o Rei de Portugal dividiram o globo terrestre, e a fronteira onde começa a linha demarcadora está a 370 leguas ao oeste da Ilha do Fogo, leguas que se terminam no continente indiano" (hoje America do Sul) "entre o rio Marañon que se acha ao sudoeste da Ilha do Fogo com uma inclinação de perto de uma quarta para o Sul, e o Mar Dulce, - é preciso que V. A. saiba que dessa fronteira proxima ao Mar Dulce onde a partilha começa em conformidade com o Tratado, ha 2270 leguas até Malaca; e a 200 leguas além de Malaca está a fronteira do lote do Rei de Portugal, e nessa fronteira acha-se a embocadura do Ganges e, na embocadura do Ganges começa o lote de Vossa Alteza". (Sentence - pg. 91 - 92).

Poder-se-ia affirmar que, nesses dias distantes, a Espanha daria a linha demarcadora cortando o continente americano meridional, ao norte, neste littoral pouco explorado ainda, entre o Mar Dulce - futuro rio das Amazonas, e um rio Marañon mal identificado mas talvez o nosso actual Pará; e ao sul, não accitaria ainda essa mesma linha divisoria dando ao rei de Portugal o cabo ou terras do cabo de Sta. Maria á boca do rio da Prata, apesar da declaração de Magalhães antes da sua

partida para a viagem de circumnavegação e portanto, após o regresso dos sobreviventes da expedição de Solis.

Morto o grande navegador em Sebú, mas pelo occidente alcançadas as ilhas Molucas, regressada a nau *Victoria* ao porto de partida após 3 annos e 14 mezes de porfiada viagem, já ao mando de Sebastian del Cano, ia novo aspecto tomar a demarcação do mundo, baseando-se os cosmographos nos calculos da expedição de Fernão de Magalhães. Eram estes tão erroneos na avaliação das longitudes, que davam a circumferencia terrestre diminuida com exagero, segundo Alexandre de Gusmão, de 40 graus. Nem os novos processos de Ruy Faleiro e Felipe Guillen apresam e aperfeiçoam os calculos dessa coordenada geographica, de maneira a concorrerem para a solução do problema - o traçado preciso da linha demarcadora do mundo entre Castella e Portugal - .

Proyectos marinheiros, eruditos mathematicos e astronomos a cada passo se contradiziam: os portuguezes nem sempre dando para valor do grau, 17,5 leguas, como tambem os espanhóes, 16 leguas e $\frac{2}{3}$; affirmando del Cano passar a linha proxima á Sumatra e João Dias de Solis, segundo carta ao embaixador Vasconcellos de 30 de agosto de 1512, por Malaca; Magalhães, fóra das Molucas 2.º e 30'; o piloto Albo, pelas Philippinas; e em 1524, a Commissão dos expertos de Badajós pela embocadura do Ganges, tal como Enciso em 1519.

Neste estado de incerteza ou imprecisão scientifica é que vem D. João III reclamar do já Imperador Carlos V, contra a conquista das terras descobertas por portuguezes, obtendo em troca do rei espanhol, uma proposta de accordo mal recebida pelo rei portuguez. Por essa proposta sagaz, notava-se ser intenção da politica espanhola, visando a posse das Molucas, o deslocar a demarcação da linha mais para o oeste, como tambem a recusa por parte de D. João III accentuava querer te-la, em represalia e por interesse, mais para o leste. A Espanha contando as 370 leguas do

Tratado a partir da ilha de Santo Antão, e a nação portuguesa, a partir da ilha do Sal, taes divisas viriam affectar a demarcação do continente americano do sul e, no nosso caso, particularmente o Brasil.

Mas não lograsse ver, em breve, Carlos V engrandecido o seu poderio na Europa com terras do velho continente, e da conquista das Indias Occidentaes chegarem aos portos espanhóes, galeões carregados de ouro e prata provindos das Antilhas, da Nueva España e da Castilla del Oro, ao tempo em que Portugal insistia com todo o ardor na posse das Molucas productoras das especiarias. Aquelles, traziam á Sevilha cargas dos preciosos metaes, e, as naus da India, escassas riquezas comparadas com essas deixavam ás margens do Tejo; aquelles, despertavam nos espanhóes a cobiça dissoluta dos thesouros do El-Dorado americano; e estas, abarrotadas de especiarias, de finos tecidos e marfim do oriente, mais valiam como messageiras dos combates ou conquistas, isto é - dos "fumos da India" - que estonteavam os valorosos capitães, marinheiros, soldados e mercadores daquelle tempo.

Fôram tambem os alterosos galeões de Castella em 1528, annunciadores de dois momentos historicos de real valor, determinantes de um surto magnifico da nação espanhola, com as suas ancoragens de torna viagem conduzindo a Palos, Fernando Cortez e a Sevilha, Francisco Pizarro. Annunciaram então as trombetas da fama a conquista do Mexico e já o avanço da expansão projectada a caminho das minas do Perú. Alargava-se de então a visão politica da Espanha e restringia-se a de Portugal, ainda cioso da posse do archipelago das Molucas e agora desconfiado e astuto a guardar em redobrado segredo os calculos de longitude, as cartas de navegação e os roteiros, a agir com felonía na diplomacia, a manter o suborno, a desenvolver ainda mais apurada a espionagem.

Carlos V não deixaria tambem de governar por processos semelhantes, mas nos quaes poria mais sagacidade

que o rei portuguez. E assim, como devesse duzentos mil cruzados a D. João III, valor do dote da sua irmã D. Catharina rainha de Portugal, após vêr no galeão carregado de ouro da America o que se não poderia enxergar numa nau da India, mandava vender em 1529, pelo Tratado de Saragoça, á sua rival maritima, - óra com ella empenhada no combate ás naus corsarias de França - pelo preço de 350.000 ducados, o Archipelago das Molucas. Essa posse entretanto, estaria ainda sujeita á verificação dos calculos realizados por astrónomos e pilotos dos dois paizes, emquanto melhor destino iriam tendo os ducados recebidos: qual o de ajudarem a construcção e o aparelhamento dos alterosos galeões de Castella, para a busca dos preciosos metaes da Nueva España, da Castilla del Oro e do Perû, e assim, favorecerem Carlos V na ambição de arrancar a Portugal o sceptro de regedor dos mares.

Mais ao norte, a França adversaria da Espanha e de Portugal, guiada por Francisco I, ás vezes aproveitando-se das veladas desintelligencias diplomaticas entre os dois paizes, e como arauto da liberdade dos mares, povoava o Atlantico de velozes navios corsarios de optimo poder offensivo. Tomaram estes por base da acção militar, diz Gomes de Carvalho, (D. João III e os Francezes) o triangulo maritimo que tem por vertices Portugal, Açores e Canarias.

Por alli passariam como bôas presas a nau da Mina, a das Indias e a da America, - a do Oriente e a do Occidente; assim por alli singraria a nau franceza carregada de pau brasil para abarrotar os entrepostos dessa mercadoria em portos commerciaes da França e cada vez mais estimular armadores poderosos no curso ousado e constante. E' nome desse tempo, como de um dos seus mais atrevidos capitães do mar, o de Benoit Paulmier de Gonneville, como já arguimos, no seu "Espoir d'Honfleur", a correr parte da costa do Brasil até o rio S. Francisco do Sul. Mas se

bem que das primeiras expedições se houvesse dado alarme, não foram suficientes os primeiros combates travados, para os afugentar da costa: aos paços de Lisbôa ou á Casa da India constantemente chegavam denuncias de novas aventuras corsarias favorecidas pelo rei de França.

Assim, já não falando de reclamações ou entendimentos anteriores, por fevereiro de 1522 se sabe da partida da embaixada de João da Silveira junto a Francisco I, com o fim de recuperar naus e fazendas "do rei e dos seus subditos preadas pelo corso francez"; e, principalmente para impedir a partida da expedição do florentino João de Verazano, da Normandia, aonde se armara para ir á America do Sul, certo, fundar colonias nas costas "do pau brasil".

Francisco I que, por astucia, tencionava casar a sua irmã com D. João III - o que mais tarde suggestionaria a Carlos V, ao assignar-se o Tratado de Madrid, o impôr ao rei francez o casamento com D. Leonor, como tambem antes obtivera as bodas de D. Catharina com o rei portuguez - com subtileza estabeleceu um estado de disfarçada sympathia entre a França e Portugal. Para isso conseguir, prohibia a partida dos navios que se aparelhavam, decretava "a restituição das fazendas preadas a el-rei", protestava contra "os desregramentos de corsarios em damno dos portuguezes"; e trahindo esse proposito velado, logo a seguir, dava carta de corso a João de Terrien e, em 1526, pèrmettia se armassem dez outros navios corsarios contra Portugal, segundo aviso do embaixador João da Silveira ao rei lusitano.

Possuia officialmente, já de tempos, a costa brasileira, senão outras, pelo menos a "feytoria portugueza" do rio de Pernambuco ou do actual Igarassú, e por todo o littoral brasileiro como intrepido combatente já andara Christovam Jaques, de 21 de junho de 1516 a 9 de maio de 1519 (Hist. Col. Port. Vol. II, pg. 363), a perseguir francezes, como tambem a descobrir enseadas e bahias até a rio de Santa Maria ou da Prata já visitado, antes da expedição Solis,

pela da "Gazeta Aleman" em que entre outros, serviriam João de Lisbôa e Lopes de Carvalho.

Ao ter sciencia D. João III do golpe que se preparava na França contra a "costa do pau brasil", como da partida de Sebastião Caboto, da Espanha, de novo mandava ao atrevido capitão do mar em 1527, com 5 caravelas e 1 nau.

A principal missão seria a de combater o corsario implacavel, enquanto diplomaticamente valendo-se D. João III do dr. Diogo de Gouvêa, portuguez illustre, reitor da Universidade de Bordéos, e do embaixador João Silveira, procurava remover perante Francisco I as difficuldades de momento.

Assim agindo, praticava tambem no mar protecção imprevidente aos proprios galeões de Espanha que, de volta da America do ouro, tocavam nos Açores como em escala de paiz alliado, e mantinha por essa forma, rompimento de uma neutralidade, o que não lhe traria mais tarde vantagens consideraveis.

Da França, para fevereiro ou março de 1528, annunciava-se novamente a partida de João Verrazano com cinco naus para "um grande rio da costa do Brasil aonde se teria achado um castelhano". E, se dizia mais: que os corsarios "por ahi fariam pé e depois iriam por deante": que "caravelas portuguezas quizeram metter ao fundo uma nao" de França e esta tomara tres ou quatro dellas, tendo-as como presas.

Devia bem ser Christovam Jaques "esse castelhano", - para alguns, castelhano, para outros, mais acertadamente, portuguez - o auctor dessas façanhas na nossa costa, como o foi na sua expedição, de 1527, em que á foz do rio Paraguassú, na Bahia, deu combate a tres naus francezas dos armadores Kertrugar ou Coetugar, Gueret - Maturin - Tournemouche, J. Bureau e J. Janet. Creava elle então a lenda de ter feito trezentos prisioneiros, enchendo a todos de pavor pela violencia com que agia; "enterrando prisio-

neiros até os hombros e tirando-lhes a vida a settadas e tiros”.

Deixavam taes novas a Francisco I, justificados motivos para enviar como embaixador seu a Portugal em 1529, a Helies de Angoulême, na esperança de uma reparação. Mas D. João III despedindo a Christovam Jaques do seu serviço marítimo e vendo-o, crêmos, passar-se a soldo de Espanha, agia ainda entre manhoso e tímido. Só adviria dahi estímulo, para Francisco I promover com maior actividade o corso no mar.

Influente pela sua intelligencia e posição abastada era então na Normandia, o bravo capitão João Anjo “mistura de commerciante e de corsario” e apresentando como pagina mais notavel da sua vida aventureira no oceano, o apresamento do galeão portador para a Peninsula, dos thesouros de Montezuma expedidos por Cortez a Carlos V.

Favorecido de nova carta de corso, outorgada pelo rei, seria elle para Portugal um novo perigo a combater, se não tivesse Francisco I os filhos como refens desde a celebração do Tratado de Madrid, de 1526 até 1529, em poder do rei espanhol.

Vendo-se o rei francez na contingencia de recorrer a D. João III, para lhe solicitar 400.000 cruzados necessarios ao resgate dos filhos, enviou a Pedro de la Garde por seu embaixador a Lisbôa, com a promessa ao rei de Portugal de que cassaria todas as cartas de corso até então concedidas.

D. João III despachou ao embaixador francez com 100.000 cruzados e mais a proposta que, se Francisco I fizesse os seus vassallos restituirem a Portugal as tomadas no justo valor, o que excedesse os 300.000 cruzados - não quanto estipulava a dívida - ceder-lhe-ia de bôa mente.

Esse entendimento não impediria entretanto, que o rei portuguez mantivesse subornado ao seu serviço na França, o Almirante Chabot de Brion, que passaria a ser nessa região de poderosos armadores, um funcionario a favor

dos interesses lusitanos; e mais, que corsarios francezes em varios portos continuassem a se armar para a pilhagem na "costa do pau brasil".

Chegaria a esse passo a politica de Portugal com a França, quando já D. João III comprara á Espanha as ambicionadas Molucas, á essa Espanha já fascinada com maior sonho de conquista. A ella, como dissemos, já desde 1528, regressava Fernando Cortez symbolizando a posse do Mexico na tomada da eleita dessa civilização original - a Tenuchtitlan dos Aztecas; a ella, aportara Francisco Pizarro relatando os primordios da conquista da Castilla del Oro e dos caminhos que levariam o povo peninsular ás mais ricas minas do Perú; e nella, se louvaria a Carlos V celebrar o Tratado de Cambrai ou Paz das Damas - negociada entre Margarida da Austria e Luiza da Saboia - para se ver alargar o poderio espanhol em terra da Europa e diminuir o da França de Francisco I obrigado de abandonar a Italia e só obtendo a Borgonha mediante o pagamento de 2.000.000 de escudos ouro.

Começava já a nação castelhana de viver no seu fastigio de imperialismo, tendo suas esperanças nas riquezas das maravilhosas terras do Mundo Novo, se bem que em nada satisfeita da busca do metal precioso ao rio Solis ou da Prata - infeliz aventura marcada com a morte do ousado marinheiro portuguez e com as outras desafortunadas expedições de Jofre de Loaysa, de Diego Garcia de Moguer e de Sebastião Caboto.

Dos da expedição deste navegador, principalmente relata Oviedo: "Cobiçaram o que não acharam, desejaram o que não viram, e acabaram sem honra e sem proveito"; e, ainda se poderia acrescentar: - activaram no paiz vizinho o desejo de firmar definitivamente a posse official portugueza do rio Maranhão ao rio de Santa Maria.

Enrique Montes (Herrera - Decada IV - L.^o 10 cap. VI), um dos aventureiros desta expedição, revivendo em Portugal a lenda do rei branco adornado com peças de ouro e prata, serra acima, nos Andes, é um dos elementos que veem a favorecer o ordenar-se a nova empresa para essa conquista: feito em que teriam também influencia digna de nota, a carta de Simão Affonso datada de 2 de agosto de 1530 e a entrevista do portuguez Gonçalo da Costa regressado á Península na capitanea de Diego Garcia, a nau N. S.^a del Rosario.

Simão Affonso declarava a D. João III que a expedição de Caboto tornara á Espanha sem ouro nem prata, com vinte homens dos duzentos que levara, cansados de trabalhos e guerras; Gonçalo da Costa, vinte annos residente nas terras vicentinas do Brasil, tendo por companheiro a outros christãos durante o exilio e servindo com Garcia de Moguer na viagem de S. Vicente ao grande rio do sul e á Espanha, de tudo dava noticia ao rei portuguez, para por fim não accetar os favores que se lhe offerciam na armada de Martin Affonso, e fugir a reunir-se á sua familia em terras espanholas.

Se essas eram, entre outras, as informações que arrastariam Portugal á empresa colonizadora já por vezes ligeiramente esboçada, por seu turno, a irregularidade, os erros dos traçados cartographicos, também a par dessas e outras razões o animariam ao mesmo fim.

Era erro corrente, a esse tempo, o deslocar-se o continente meridional americano para o leste. Segundo Alonso de Sta. Cruz usavam de avançar os portuguezes o cabo de Sto. Agostinho com todo o outro littoral brasileiro ao sul deste cabo, de mais 4 graus para o oriente do que devera ser; segundo a "Sentence Suisse (pg. 593)" e a consulta cartographica, se vê no outro sector da costa orientada para o noroeste "o deslocamento da boca do Amazonas" (o Mar Dulce aos poucos confundido com o Marañon) "para o sueste", o que faria "os cartographos dos primeiros 40 an-

nos do século XVI a deslocarem inteiramente a costa neste sentido". E se transportassemos para os nossos dias o que seria antes e ao tempo da viagem de Martim Affonso o traçado do meridiano divisorio das posses portugueza e espanhola, teríamos segundo HARRISSE, que: Ferrer em 1495 faria passar a linha, hoje referida ao meridiano de Greenwich, ao norte do Brasil se descoberto fosse, entre a bahia de Turiassú e o cabo Gurupi, em $45^{\circ} 37'$ w.; Cantino em 1502, a 30 milhas ao oeste da foz do Parnahiba em $42^{\circ} 30'$ w.; Enciso, em 1518, aos $45^{\circ} 38'$ w.; os cosmographos da Junta de Badajós, em 1524, aos $46^{\circ} 36'$ w.; a carta de Diego Ribero, de 1529, a meio da ilha de Marajó pelo meridiano de $49^{\circ} 45'$ w.; e o Padron Real, como Ferrer em 1495. Outros a fariam cortar ao norte a ilha de Marajó e ao sul, Laguna, e mais certamente, como hoje parece ao Dr. Theodoro Sampaio, (Rev. do Inst. Hist. S. Paulo. Vol. I, pg. 52), entre espanhóes, ao norte, a bahia do Maranhão, e ao sul, São Vicente, mas no seu verdadeiro traçado referido á ilha do Sal, ao norte a barra do Gurupi - para muitos, - a abra de Diogo Leite - e ao sul, arredores de Santos.

Não muito longe deste parecer andou o de Alonso de Sta. Cruz, distincto cosmographo espanhol, antes da expedição lusitana de 1530.

O que se acaba porém, de assignalar, só se poderia obter em traçados sobre as aperfeiçoadas cartas de hoje e não assim se precisar sobre os especimens da cartographia antiga em que se louvavam mareantes e astrónomos, ou em alguns portulanos em que se deslocava de alguns graus para o Oriente parte da situação da America Meridional. Ainda não completamente corrigido do primitivo erro de Behaim, estava o oriente da Asia nos novos portulanos.

Se não este erro, outros maiores ou menores, eram principalmente notados na cartographia da Peninsula Iberica, quando as duas nações rivaes disputavam a posse das Molucas. Realizada esta por Portugal, já então o por-

tuguez Diogo Ribeiro ao serviço da Espanha em 1529, mas suggestionado no seu trabalho cartographico pelos seus compatriotas os dois Reinel, daria na sua carta antiga como posse lusitana mais terra do que a que determinava até então a linha demarcadora. Passava esta ao norte pela "Furna Grande" além da boca do Marañon espanhol, que a astucia dos portuguezes fazia ter-se pelo rio Maranhão a confundir-se mais tarde com o Mar Dulce dos primitivos descobridores de Castella; e, ao sul, pelo cabo de Sta. Maria, na boca do rio Sta. Maria ou da Prata já visitado por navegadores portuguezes ao serviço de Portugal antes de Solis ao de Espanha.

Assim, tomados em conta esses erros cartographicos com as devidas proporções ao norte, ao centro e ao sul do continente; as informações mais recentes da terra antes de 1530 feitas, entre muitos, por Christovam Jaques, João de Lisbôa, Pero Capico, Diogo Leite e, as que se referindo á terra - da prata e do ouro- lembrando as anteriores expedições da Gazeta Aleman, de Solis, Caboto, Loaysa, Garcia de Moguer, eram prestadas por Simão Affonso, Enrique Montes, Gonçalo da Costa e quantos mais aventureiros e navegadores; escutada por vezes a palavra avisada de Diogo de Gouvêa; considerada cuidadosamente a acção franceza na costa do pau brasil e a quasi alliança offensiva e defensiva de Portugal e Castella para a combaterem no Atlantico; provado o quasi nenhum reconhecimento official dessa região costeira no norte até o rio mar, e ao sul do Brasil officialmente por Portugal, com deficiencia, além de Cananéa; revivido o sonho de Carlos V de augmentar agora em terras da Europa o seu poderio tão largo qual o de Carlos Magno; criado parecia estar aos portuguezes o momento opportuno para a realização arguta do que o Embaixador Luiz Sarmiento fixava nesta formula destinada aos Capitães quinhentistas: "porque cuidam que o mais que possam descobrir e occupar que aquillo se ganha".

A par disso, não viesse Portugal desde o reinado manuelino esboçando a idéa de colonizar as terras de Santa Cruz. Sabemos que segundo carta de Pedro Rondinelli datada de 3 de outubro de 1502 e escripta de Sevilha (R. Columbiana,) citada por Capistrano nas annotações eruditas á Hist. Brasil, Varnhagen, arrendava o rei a alguns christãos novos, com direito á mercancia do pau brasil, o nosso littoral até trezentas leguas ao sul donde já haviam as suas naus alcançado, mas com outros deveres, quaes: o de construcção de fortaleza na terra littoranea conquistada e o de permanencia nesta por 3 annos. Em 1503, na viagem de Gonçalo Coelho, viria Vespucci a fundar feitoria no littoral, certamente em cabo Frio, a qual é depois visitada pela gente da nau Bretôa aferrada neste porto em 1511. Em 1516, argue Varnhagen, com citação cuja fonte já se não ignora, mandara tambem el-rei D. Manuel por um alvará ao feitor e aos officiaes da casa da India, que fornecessem "machados e enxadas e toda a mais ferramenta ás pessoas que fossem povoar o Brasil", assim como, por outro alvará, que "procurassem e elegessem um homem pratico e capaz de ir ás terras brasileiras "dar principio a um engenho de assucar" e a quem se concederiam ajuda de custo, cobre e ferro, e mais algumas cousas para o feitio do dito engenho.

Coincidia a promulgação desses alvarás com a 1.^a partida de Christovam Jaques para o Brasil, na expedição 1516-1519, até o rio da Prata, e que teve por successora a de Pero Capico na costa do pau brasil. Em 1527, torna á nossa costa o mesmo Christovam Jaques para consolidar feitoria no littoral pernambucano e bater francezes, como se diz, deshumanamente o fez na bahia de Todos os Santos. Substituido por Antonio Ribeiro, de regresso Christovam Jaques a Portugal, levaria este esperançado a sua proposta a D. João III para que lhe permittisse colonizar as terras do Brasil com um milheiro de emigrantes. A esta tentativa succede outra patrocinada tambem por Diogo de

Gouvea e requerida por João de Mello da Camara, descendente dos colonizadores das ilhas da Madeira, S. Miguel e S. Thomé e com a condição de se fazer acompanhar de 2.000 moradores dessas mesmas ilhas.

No espirito de D. João III inclinado neste passo a escutar a opinião do culto reitor da Universidade de Bordéos, vae-se aos poucos consolidando aquelle mesmo pensamento que o afortunado rei, seu pae, não conseguira realizar; até que, bem instruido do que se passava na Espanha e na França, resolve o aparelhamento da expedição de Martim Affonso buscando firmar o dominio portuguez em horizontes mais amplos na America do Sul.

Do regimento que mandou dar ao capitão mór quasi nada se sabe, senão a pretendida amizade que mandava tivesse com os castelhanos e o respeito á posse das terras do dominio espanhol; mas pelo que realizou a armada e pelo que se póde salteadamente respigar no Diario ou noutros documentos, se poderá alcançar os motivos que foram o inicio e o fim da expedição de 1530:

1.º) oficialmente explorar o littoral brasileiro desde esse Marañon ou o Mar Dulce, dos espanhões, - ambos o Maranhão dos portuguezes por argucia lusitana - até o rio de Sta. Maria ou da Prata e, em extensão neste rio até um ponto que obrigasse a maior recuo o meridiano divisorio: veio a ser esse ponto escolhido o Esteiro dos Carandins onde plantou Pero Lopes padrões e cujo meridiano, para os cartographos daquelle tempo, deveria ser o que mais tarde dêsse aos portuguezes dominio mais ao sul ou até proximidades do golfo de São Mathias;

2.º) expulsar os corsarios francezes da "costa do pau brasil", por esse tempo caracterizada entre pouco além do rio Parahiba e o rio São Francisco, mas com tendencia a alargar-se até regiões do cabo Frio;

3.º) apoderar-se da falada "costa do ouro e prata" cujos extremos suppunham senão de cabo Frio, ou do Rio

de Janeiro mais certamente de S. Vicente até o rio de Sta. Maria (de Solis ou da Prata) ;

4.º) instalar gente em local mais favorecido para alcançar as minas do Paraguai e serra acima as do Perú, partindo do littoral brasileiro ;

e 5.º) lançar finalmente os fundamentos da já por vezes esboçada colonização das terras e do dominio sobre o selvagem dessa parte da America, para mais facilmente attender-se á defeza e posse das costas “do pau brasil” e “do ouro” e consequente engrandecimento do patrimonio da Corôa Lusitana.

Eis a missão da armada de Martim Affonso de Sousa.

Antes de ve-la amarar-se no Atlantico, volvamos a nossa imaginação ainda á Lisbôa de D. João III, para o lado da Ribeira das naus, dos espalmadouros e estaleiros á margem do Tejo; e, com a palavra de Jaime Cortesão, rendilhada como um portal manuelino, e sob suave luz qual a de uma reminiscencia, enxerguemos o typico painel desse recanto ao tempo das primeiras armadas que buscaram as Indias e o Brasil, mas ora já a engrandecer-se com os palacios faustosos da Ribeira das naus.

“Desde que nos ultimos annos” - diz o citado escriptor - “o entreposto do trafico africano passara de Lagos para ali, se criara a Casa da Mina e, se lançaram com destino á India os primeiros navios, toda a Ribeira trabalhava, fervia, reboava com a azafama do mar. Já para além do extremo nascente das muralhas, junto ás Portas da Cruz, fumegavam os fornos que coziam o trigo para o biscoito das armadas”..... Ladeando o esteiro, naquele tempo ainda alagado, no Terreiro do Paço, estendia-se a uma banda a Alfandega, e da outra, prolongando-se até o campo Santo estanceavam a Casa da Mina, as Taracenas, as Ferrarias e logo as Tanoarias, contra o barrocal de São Francisco. Aqui e ali, entre o vozeio do populacho,

que duma a outra banda enxameava, zoava e ensurdecia”, se ouvia “o trom dos rijos mesteiraes no rebaterem as cavilhas ferreas ou os arcos e aduelas para a louça das naus. E por todo longo, desde as Portas do Mar (junto á Casa dos Bicos) até a Cataquefarás e a Santos, se construïam os navios novos ou varavam os velhos, para compôr as obras vivas, limpar os limos ou queimar o gusano”. Ali veriamos “exultante e esforçosa empresa de que os modernos estaleiros dão pallido vislumbre, as carcassas das naus contra os esteios arrumadas e, ora apenas erguendo o encavernado, ora ajustando as tilhas e os costados, logo alevantando os arvoredos ou retonando e estremecendo com as derradeiras marteladas, desde o cadaste ou a duneta airosa até o beque recurvado. Pela Ribeira em fóra, á luz do sól, os remolares afusavam e tendiam os remos, os petintais carpintejavam os navios, os bragueiros entreteciam rêdes, e calafates, tanoeiros, artilhadores, cordeiros de calibre, officiais de cartas, mestres, pilotos e grumetes, todos borborinhavam afanosos, com as faïnas do mar”. (A Expedição de Pedro Alvares Cabral, pg. 11 - 12).

A PARTIDA DA EXPEDIÇÃO

Era de uma Ribeira das naus mais pomposa ainda, já engrandecida com o majestoso Paço da Ribeira, residencia de D. João III. como o fóra alguns annos antes de D. Manuel, com a sua Casa dos Contos - o Thesouro Real, e o Armazem do Reino - o arsenal Manuelino, das ribeiras de “uma Lisbôa mais oriental e faustosa”, que largava para o estuario do Tejo a armada do capitão mór Martim Afonso de Sousa aos 3 de dezembro de 1530.

Mandava a nau Capitanea de cerca de 150 toneladas - Pero Lopes de Sousa - trazendo a bordo o Capitão

Irmão, designação tão íntima quanto interessante com que o capitão de Bandeira designa no seu Diário ao capitão mór da Armada chamado a governar as terras do Brasil. A outra nau de 125 toneladas - a *Sam Miguel* - tinha por capitão a Heitor de Sousa; o galeão *Sam Vicente*, da mesma tonelagem, a Pero Lobo Pinheiro; e as caravelas *Rosa* e *Princeza*, respectivamente a Diogo Leite - já conhecedor da costa brasileira numa expedição de Christovam Jaques -, e a Balthazar Gonçalves, mais experimentado nas armadas guarda-costas contra corsários francezes, nos mares dos Açores ou ribeirinhos de Portugal.

Dentre as 400 pessoas embarcadas nestes navios, poderemos sómente mencionar, - pelo pouco que a esse respeito se sabe - as seguintes: Pero de Góes da Silveira, futuro donatário da Capitania da Parahiba do Sul e quem, do próprio punho, sem fundamento valioso, afirma Varnhagen, escreveria o Diário de Pero Lopes; os pilotos Vicente Lourenço, piloto mór, e Pedre Annes, língua também do gentio brasileiro; Enrique Montes, o aventureiro do rio da Prata e sertões, investido pela carta régia de 16 de novembro de 1530 em provedor dos mantimentos da armada, "assim em viagem do mar, como lá em terra, em qualquer lugar onde assentassem", e o verdadeiro informante da "costa do ouro e prata" junto ao capitão mór, o que é justificado, após o seu regresso com Caboto, dizer Herrera: "que na Armada" (de M. Affonso) "iba Enrique Montes que havia muchos años que estava en aquellas partes" (Hist. de las Indias - Dec. IV. Livro 10 - Cap. VI); Pero Capico informante da outra costa - a do "pau brasil" -, tal como Diogo Leite commandante da caravela *Rosa*; Ruy Pinto e Francisco Pinto; padre Gonçalo Monteiro; João de Sousa; Manoel Alpoim, escrivão da Armada; Antonio Rodrigues de Almeida; Vicente Martins Ferreira; Pedro Collaço; Jorge Pires; Heitor d'Almada, feitor; Lourenço Fernandes, mestre; Pero Gonçal-

ves; Diogo Vaz, bombardeiro; e quantos mais, a que se juntariam marujos, aventureiros e homens d'armas portugueses, alemães, italianos e, só mais tarde, francezes, na costa de Pernambucó.

A' feição do vento do leste ganhavam o mar as duas naus, o galeão e as duas caravelas e, no rumo do sudoeste perdiam de vista as terras da Patria, por quem vinham, - mensageiros da alma lusitana - criar o Brasil.

CAPITULO I

A ARTE DE NAVEGAR
E
OS TYPOS DOS NAVIOS
NA
EXPEDIÇÃO DE 1530

CAPITULO I

A ARTE DE NAVEGAR

E

OS TYPOS DOS NAVIOS

NA

EXPEDIÇÃO DE 1530

Para ter precisa idéa da arte de navegar em uso na armada de Martim Affonso, será mister penetrar o entendimento dos mareantes do começo do seculo XVI, "em face dos mysterios do céo, da terra e do mar-oceano". E dahi, traçarmos parte deste capitulo recordando pontos essenciaes da sciencia de Ptolemeo consignada no Almagesto - o livro então mais erudito da sabedoria quinhentista.

Além de nos valermos do engenho do sabio de Alexandria, tambem será de bom aviso recordarmos o que eram as navegações a bordo dessas caravelas do descobrimento ou de uma dessas naus da India, para bem se comprehender, dentro no meio em que labutavam esses maritimos, o que sabiam das cousas do mar através de tão porfiadas singraduras.

Havia-se pois de navegar o mar alto sentindo, como elles, que "a nossa esphera se dividia em outras nove esphe- ras", cabendo á nona ser "o primeiro movel"; á oitava, o céo das estrellas que por estarem a este fixas e a distancias iguaes da Terra, lhe davam o nome de firmamento; e aos outros sete céos, os dos "sete planetas": Saturno. Juter, Marte, Sol, Venus, Mercurio e Lua.

Com o tempo, a esse systema houve necessidade de juntar um decimo céo, para harmonizar as theorias de Ptolemeo com as de Tebit, passando assim o que competia ao nono céo a ser da decima esphera.

Dever-se-ia ter como dividida a "universal machina do mundo" em duas regiões: a etherea ou celestial e a elementar sujeita a alteração constante, apresentando quatro elementos: terra, agua, ar e fogo. A Terra seria o centro do mundo tendo consigo esses elementos, porque no dizer do grande encyclopedico da antiguidade - assim determinara "o Deus gracioso e alto".

Como a terra porém, não se moveria e seria o centro do mundo, engenhou Ptolemeo, para se poderem explicar outros phenomenos visiveis aos habitantes da Europa e das partes da Africa e da Asia então conhecidas e em varias latitudes, que no hemispherio acima da Equinocial fosse a esphera obliqua ou inclinada e abaixo desta, direita.

Espheras e céos teriam dois movimentos: um, do ultimo céo/sobre os polos arctico e antarctico, do oriente para o occidente, e pela concepção após adoptada, o nono e os outros oito céos com movimento contrario ao primeiro e sobre os polos do zodiaco. O ultimo ou o decimo céo completaria o engenho celeste, arrebatando e movendo todos os outros ao redor da Terra, numa revolução de 24 horas.

Por notar o nascimento das estrellas no oriente, e o açarem-se pouco a pouco até virem "ao lugar onde o Sol faz meio dia", pondo-se depois no occidente e sempre a iguaes distancias entre si; por observar que ás proximidades do polo, as estrellas da constellação da "Ursa Menor" se moviam de continuo ao redor do proprio polo, descrevendo os seus circulos do leste para o oeste, e sempre a iguaes distancias; achava Ptolemeo que o firmamento se moveria do oriente para o occidente. E mais: redonda lhe parecia a Terra, já porque as estrellas nasciam mais cedo aos que habitavam o levante que o poente, já porque um eclipse da lua observado pelos orientaes á "terceira hora da

noite”, só começaria de ser notado por certos occidentaes á “hora primeira da mesma noite”; já porque se caminhassem os viajantes para a parte septentrional ou para a meridional da Terra, se lhes appareciam ou se lhes occultariam estrellas de um ou de outro hemispherio.

Em circulos maiores dividia a esphera, a saber: a equinocial, o zodiaco, o coluro solsticial, o coluro equinocial, o meridiano e o horizonte.

A equinocial serviria de demarcar os dois hemispherios: um, com o polo arctico, outro, com o polo antarctico.

O zodiaco conteria os seis signos de Aries a Virgo, de uma banda e de Libra a Pisces da outra.

Eram estes signos, as chamadas - Casas do Sól - (Medina - Arte de navegar) porque a razão indo mais alto com a phantasia, serviu de criar essa ficção encantadora para os habitantes do hemispherio do norte. O 1.º signo - ou a casa do Carneiro - era assim chamado, porque o astro - rei nella entrando, é conforme á natureza daquelle animal - “fraco na metade do corpo e fórte na outra metade”; o 2.º signo é - a Casa do Touro -, porque como o Touro é animal fórte, o sol ao por ahi passar “aquece a terra mais galhardamente do que dantes”; o 3.º, - a casa dos Gemeos - porque dahi esaldando a terra com a virtude do seu calor, causa a fecundação; o 4.º, - a casa do Caranguejo -, porque nelle penetra e retrocede á guisa daquelle crustaceo; o 5.º - a casa do Leão - porque iracundo como o rei dos animaes causa dahi o astro - rei calor fórte e adustivo; o 6.º signo, - a casa da Virgem - porque o sól nelle torna esteril a terra com a fraqueza dos seus raios luminosos; o 7.º, - a da Balança -, por nelle se igualarem em duração dias e noites; o 8.º, - a casa do Escorpião - porque á semelhança deste animal que com a lingua acaricia e com a cauda fére, a principio dá o sol suave calor, “mas ao fim da viagem se torna frio”; o 9.º a do Sagittario, animal nocivo, porque neste signo estando o sól “é castigada a terra com frio e neve”; o 10.º, - a do Capricornio - porque como o Capro salta no



ar também assim o astro vai em busca do outro hemisfério para entrar na 11.^a casa - a do Aquário - e porque ali se escondendo como na 12.^a - a dos Peixes -, ficam os habitantes da Terra mergulhados em frio e humidade e por fim, em muitas águas... como os mesmos peixes.

Seriam também para os antigos os doze signos, os símbolos significativos dos doze trabalhos de Hercules.

Passando adiante sem os recordar, continuemos a citação dos outros círculos maiores e menores. Os chamados coluros teriam a missão de distinguir equinócios e solstícios.

Dar-se-ia no ponto de Cancer onde se encontram o seu coluro e o zodiaco, o solstício estival, e ali se teria por máxima a declinação norte do sol. Ptolemeo a calculava, dando-lhe o valor de $23^{\circ} - 51'$; as taboas de Evora davam-na com o de $23^{\circ} - 33'$, antes da expedição de Martim Affonso; e Regiomontanus com o de $23^{\circ} 30'$, tal como o afirmara Oroncio antes e Pedro Nunes depois. Igual seria a máxima declinação do sol para o outro hemisfério, no ponto em que se daria o solstício hiemal, no encontro do coluro e zodiaco num ponto do Capricornio. Passando o outro coluro, como sabemos, pelos pólos do mundo e cortando a equinocial em Aries e Libra do zodiaco, marcaria ali no 1.^o caso o equinócio vernal e, no segundo, o outomnal.

Conhecia-se também o círculo maior chamado meridiano, por círculo do meio-dia, porque passando pelos pólos do mundo e pelo zenith ou "zenequi", - como diziam - "da cabeça do mareante" -, aonde quer que este se achasse, "andando o sol movido ao movimento do firmamento", chegaria este astro a este círculo ao meio dia, nesse lugar. Fácil seria de deduzir, pois, que dois navios, um mais ao oriente que o outro, não teriam num instante dado o mesmo meio-dia, e sim com a diferença de hora na razão do afastamento a que se achassem entre si.

Quatro círculos menores, como paralelos, Ptolemeo representava para separarem zonas nos dois hemisférios,

zonas essas, correspondentes a cinco outras que se formaríam no céu: a zona torrida, compreendida entre os tropicos - julgada por inhabitada e inhabitavel devido "á grande quentura do sól a viajar sempre entre Cancer e Capricornio" -, como tambem as outras duas zonas: a do nórté, entre o parallelo arctico e o polo visinho; e a meridional, entre o parallelo antarctico e o polo do sul, pelo frio reinante, com se afastar dellas o grande astro, centro da vida. Mas as outras duas zonas, uma, entre o tropico de Cancer e o circulo arctico, e a outra, entre o tropico do Capricornio e o circulo antarctico, se haveriam de ter por habitaveis, uma vez que eram favorecidas "pela quentura da torrida zona e a frialdade das zonas propinquas ao polo".

Dentro nessa concepção interessante do mundo, por nós imperfeitamente synthetizada, mourejava o nauta ao raiar do seculo XVI.

A principio, a α da Ursa menor, isto é, a Polar escoltada das duas guardas, resolvia o problema da latitude pelo calculo que o navegador fazia com a altura dessa estrella tomada com o quadrante ou o astrolabio, sommada ou subtrahida do quanto a mesma polar se afastava do polo: 3.^o 30', - no dizer do Prof. Wolfer para o começo desse seculo XVI (Bensaúde - L'astronomie nautique, etc.), mas segundo Pedro Nunes, 4.^o 9' ou 4.^o 10' (Tratado em defensam etc.). O nosso distincto astronomico Domingos Costa dá-lhe para afastamento do polo em 1530: 3.^o 14' 58",6.

Mas por não se tornar praticavel - se bem que ainda a avistando ao sul do equador - a tomada da altura dessa estrella, abaixo de dez graus de latitude norte por difficil no mar tal precisão na altura quando obtida de bordo de uma caravela sujeita a desvairado balanço, passou-se a calcular de preferencia, tanto num como noutro hemispherio, a latitude pela altura meridiana do sol. Não seria neste caso, de melhor uso o "Kamal" que o piloto mouro dera ao Gama, em Calicut, e sim, o quadrante ou corrente-

mente o astrolabio, mais portatil do que o manejado pelo proprio Gama na sua primeira viagem á India. Era este instrumento de fórma circular, dividido em quadrantes e mantido suspenso para a observação astronomica, com o - 0° - na linha do horizonte e a marca dos 90° na vertical do instrumento; mais tarde, inverteram-se as marcações. Enfiado um raio de sol pelo orificio vasado nas pinnulas da medeclina do instrumento, quando a sombra da pinnula mais alta cobria a pinnula mais baixa, acompanhava-se o raio luminoso até que o sol culminasse no céo, e então se lia no limbo o angulo da altura ou mesmo o do complemento desta. A seguir, valendo-se das taboas do Regimento de Evora ou taboas de Zacuto, obtinha-se para esse determinado dia o valor da declinação do sol, correspondente á situação do mesmo astro no signo, e pelo artificio de calculo adeante reproduzido se conseguiria rapidamente a latitude.

Dizia Pedro Nunes, coevo a Martim Affonso, e uma das mais altas expressões do pensamento da epoca - ao ensinar a tomar-se a altura do sol a qualquer hora do dia, valendo-se já ahi da "poma" ou globo e do "instrumento de sombras" que lhe daria os azimuths: "Situa-remos o globo por tres alturas e duas differenças de sombras; e busque-se o polo destes tres pontos porque esse é polo do mundo, e a distancia delle ao sól nos amostrará a declinação". Este processo de Pedro Nunes com o auxilio da "poma" e do "instrumento de sombras" não foi praticado por Martim Affonso ou por seus capitães e pilotos, e sim só em 1538 pelo excellente navegador, guerreiro e astrónomo, D. João de Castro.

Explicado o methodo em uso entre esses navegadores para o conhecimento da altura do polo do observador ou os "graos de ladeza a que este se acharia da equino-cial contra os polos do mundo" - ou melhor, e mais simplesmente, a latitude, havia de se obedecer consequentemente a uma regra no caso da altura meridiana do sol e do

conhecimento da declinação dada pelas taboas imperfeitas, para cada dia. Fôra este calculo da pratica dos melhores nautas de anterior geração, taes como: Duarte Pacheco Pereira, Vasco da Gama, Bartholomeo Dias, Nicolao Coelho, Americo Vespucci, João de Lisbôa e muitos mais; calculo que se fixou na fórmula classica adeante expressa, ao tempo de Martim Affonso, talvez quando já no proprio astrolabio se preferisse tomar o complemento da altura ou a distancia zenithal. Ei-la, no seguinte modelo de calculo:

DC (Norte)	Sombra do sol ao norte	Lat. = DZ + DC.
»	»	» sul (DC = DZ) Lat. = 0°.
»	»	» (DC > DZ) » = DC - DZ.
»	»	» (DZ > DC) » = DZ - DC.
DC (Sul)	»	Lat- sul = DZ + DC.
»	»	» norte (DZ = DC) Lat. = 0°.
»	»	» (DC > DZ) » sul = DC - DZ.
»	»	» (DZ > DC) » norte = DZ - DC.
DC 0°	»	Lat. norte = DZ.
DC 0°	»	» sul = DC.
Altura 90°	DC (norte)	Lat. norte = DC.
»	90° DC (sul)	» sul = DC.

Devemos aqui deixar assinalado que tres vezes nos dá Pero Lopes, no seu "Diario", os - "lugares do sól" - : aos 23 de novembro de 1531, quando o astro em "11° e 35 meudos ou minutos de Sagitario", aos 22 de maio de 1532, em "10° e 32 meudos ou minutos de Geminis e aos 4 de agosto de 1532, em 21° e 3 meudos de léo". Nas taboas do Regimento de Evora e alinhadas com esses elementos, se encontrariam as respectivas declinações que combinadas com as alturas ou DZ do sól ali obtidas - no rio dos Begóas (Solis Grande), no rio de sam Vicente (pto. de S. Vicente) e pouco antes de avistar a ilha de Sto. Aleixo, lhe dariam as tres latitudes desejadas.

Para os mesmo tres dias, nos dá tambem Pero Lopes "os lugares da Lua". Neste caso, teria ainda em mente o calculo das longitudes.

Da estrella polar valiam-se tambem, como dissemos, os antigos navegantes, para o calculo da latitude - De β e γ da constellação da Ursa menor se utilizavam para o calculo da hora no mar, observadas as posições em que se encontrariam, em dados momentos, essas chamadas "guardas" em relação á polar ou α da constellação.

Isto já rezava a Carta Catalan de 1375 e o renovaria a Martim Affonso e aos seus capitães e pilotos o Regimento de Evora. Assim á noite, no quarto da modorra, e no hemispherio septentrional, se avistavam "as guardas" - no braço (direito ou esquerdo), acima ou abaixo do braço, na linha acima ou abaixo da linha, na cabeça ou no pé, abaixo da cabeça ou acima do pé - na figura imaginada na constellação -, marinheiro experimentado já sabia a que horas andava, se á meia-noite, se á 1 ou ás 2 horas da manhã. E para melhor comprehensão da regra acima, valhamo-nos do espirito subtil de um mestre, o Dr. Luciano Pereira da Silva, auctor da "Astronomia dos Lusíadas" e que acaba de publicar passagem erudita e clara sobre este assumpto, com criticar um dialogo pittoresco da obra immortal de Cervantes. (Lusitania - Fasc. IX - pg. 412).

E' a voz de Sancho Pança a D. Quixote, que se assim altea:

"Por un solo Dios, señor mio, que nõ se me faga tal desaguizado: y ya que del todo no quiera vuestra merced desistir de acometer este fecho", (a aventura dos moinhos de pisoar panno) "dilate-lo a lo menos hasta la mañana, que a lo que a mi me muestra la ciencia que aprendi, quando era pastor, non deve de haver desde aqui al alva tres horas: porque la boca de la bozina está emcima de la cabeça, y haze la media noche en la linea del brazo yzquierdo." (D. Quixote. Cap. XX. Parte 1.^a).

"Para se comprehender este passo" - diz o erudito escriptor - "é preciso lembrar que se imaginava

um homem no polo celeste, voltado para a Terra, com os braços estendidos e portanto, com o esquerdo para o Oriente. As - Guardas - que formam a bôca da Buzina, iam na linha do braço esquerdo - quando subiam para o meridiano, já numa inclinação de 45.º (as linhas, chamadas). “Nessa posição marcavam ellas meia-noite no meado de Março, segundo o - Regimento para saber as horas da noite pela Estrella do Norte -, formulado depois da correcção gregoriana, o qual deferia, de uma quinzena, do Regimento analogo usado antes de 1582. Mas a boca da Buzina estava já na Cabeça, isto é, na culminação superior, sobre o meridiano, marcando portanto as tres horas depois da meia-noite. Era pouco antes do equinocio, o Sól nascia pelas seis horas, e o romper de alva começava antes, com o crepusculo. Por isso elle afirmava: “no deve de haver desde aqui al alva tres horas”.

Voltando á monotonia do nosso estudo, diremos ainda que tendo o nauta de tomar a altura da estrella polar para o calculo das latitudes, o faria quando as - guardas - nas oito posições conhecidas, porque a correcção a sommar ou a subtrahir a essa altura, implicando necessariamente o conhecimento do angulo horario da estrella ($AH = hs - AR$), era assim, quando ella “nessas linhas”, por elle simplificada na pratica e experiencia e ainda, não cogitando como viria, mais tarde, a sciencia mathematica de explica-la.

Mas já perdida de vista a bôa amiga nocturna dos primeiros navegantes do Septentrião, quando passados os mareantes ao hemispherio do sul, muitas outras brilhariam no lindo céo encantando-se em formosas constellações. Fariam então entre outras, notar-se a do “Cruzeiro do Sul” - “ho que lleva e abaixa; e faz dés grãos de rota a redor do polo dalto e baixo” - e para a qual João de Lisbôa apresentava o seu interessante Regimento:

“Tomarás a estrella do Pé e olharás bem que esteja norte-sul uma com a outra, e leste - oeste, os braços: e olharás bem quantos grãos tomas: se 30 grãos, estás na linha, e se tomares menos de 30 grãos, aquillo que menos fôr de 30 estarás afastado para a parte do Norte. E se tomares mais de 30, tudo o que mais tomares estarás para a parte do Sul, e o que o menos fôr de 30 estás para a parte do Norte”.

Dizia ainda João de Lisbôa - um dos nautas mais expertos de Portugal - no “Livro da Marinharia” - sobre essa constellação que Andréa Corsali, chamava em 1515 a “Croce Maravigliosa”:

- 1.º Quando as 3 estrellas estão no Pé, está a estrella do sul, abaixo 5º.
- 2.º » » » » forem na linha acima do Pé, a ★ está abaixo do eixo 2º.
- 3.º » » » » no braço ESE está a ★ no seu logar.
- 4.º » » » » na linha acima do braço está a ★ acima do polo. 2º30’.
- 5.º » » » » na cabeça está a ★ acima do polo 5º.
- 6.º » » » » na linha NE — SO está a ★ acima do polo 2º30’.
- 7.º » » » » no braço oeste está a ★ igual com o polo.
- 8.º » » » » na linha abaixo do oeste está a ★ abaixo do polo 2º30’.

De outras estrellas e constellações do céu brasileiro falava tambem este navegador quinhentista truncando-lhes o nome de baptismo. Assim chamava: Calbatear ou - Coração do Escorpião - á estrella mais luzente da constellação de 5 estrellas da fórmula de um arado; as de Soel e Solibar as mais propinquas ao polo do Sul”; a “Ras Delange fazendo com Arame e Vegua um triangulo”; a Altair - “aguia que avoava”, a Azeniche ou “pico virgo” em latim; a Denabadiage - ou rabo de serpe - com 43° 43” de declinação ao norte de Véga; e outras mais.

Por esses dias tambem os indios do Maranhão - observadores deste maravilhoso céu - tinham já a sua original

astronomia que só oitenta annos depois da expedição de Martim Affonso e já um tanto influenciada pela corrente colonizadora, nos foi revelada pelo frade capuchinho Claude d'Abbeville. Tão valioso trabalho teve nova edição em 1921, graças ao carinho de Paulo Prado pelas letras historicas, á auctoridade de Capistrano de Abreu que lhe deu além do mais o Prefacio, e á competente contribuição de Rodolpho Garcia que teve a seu cargo o Glossario.

Pela descripção do capuchinho francez sabemos terem esses indios o sól ("Coaraci"), por força criadora de todo ser, e "Jaci" (a lua) por mãe dos vegetaes e fructos. A's estrellas chamariam - luas brilhantes - ou "Jaci-tatá", tendo-as em constellações e como principaes as prenunciadoras das chuvas ou das secas. Servindo-se de uma mythologia interessante - em que por vezes se sentiria reminiscencia quasi apagada da que usaram os povos do Mediterraneo, além dos da Arabia e os da India, - ou em que se notariam por motivos principaes de baptismo dellas, aspectos, objectos, cousas ou seres que lhes eram familiares, iam-nas nomeando no céo brasileiro. A's Hyades e ás Pleiades tinham-nas elles como annunciadoras de chuvas beneficas. A's primeiras appellidavam a - Queixada de cavallo ou Vaca; ás segundas, visiveis em epoca de verão ao norte do Brasil, se não designariam como os francezes - la Poussinière - (ou os Pintainhos, mais certamente - a capoeira), talvez como a Seixú ou Eixú, o que se refere á abelha mestra andeja em busca do mel, - versão, - diz o dr. Rodolpho Garcia - que os tupis do sul, conhecedores tambem desta constellação, usaram por esse tempo.

Perto desta notariam elles a estrella - Tingassú - (tinga, bico; assú, grande), para nós, talvez a Algol - ou Cabeça da Medusa -

Eixú-jurá ou - giráo da abelha -, era uma outra constellação de nove estrellas em fórma de grelha, prenunciadora das aguas: para alguns talvez a - Constellação do Leão -

A constellação a que nomeavam - *Urubú* - (gallinha ou ave negra), possivelmente a do - Corvo, - era visível durante a estação chuvosa e, quando esta tinha termo já se pronunciaria luzindo no céu - o *Cancer* - o *Gaiamú*, baptismo que bem poderia ser já de época coeva á colonização nessas ribeiras atlânticas. Seria essa, a que também chamariam *Poti*?

A expressão *Crussa*, dada ao nosso *Cruzeiro do Sul*, também deveria originar-se da influencia dos colonizadores peninsulares.

A uma supposta estrella que caminharia na proximidade da *Lua* e que, em certos annos, apparecia muito rubra no horizonte, ao fim das chuvas, nomeariam - *Iaura* ou o cão, porque a tinham os *Maranhões* por um rafeiro que perseguisse a lua aos latidos, como á caça, no anseio de a devorar. Seria aventura da nossa parte, identificar esse astro com um dos planetas *Marte* ou *Mercurio*?

A *Uam-ran* ou a semelhante a um pyrilampo, seria para elles a linda *Syrius*, tida pelos antigos povos do *Mediterraneo* como o cão do caçador *Orion* encantado por *Diana* ou como o que foi dado por *Zeus* á *Europa*, cedido por *Minos* a *Procris*, por *Procris* a *Cephalo*, e marcando para o povo egypcio, com o seu apparecimento o inicio dos dias caniculares - em contraste com a época dos dias chuvosos com que favorecia os *tupis*.

Conheciam os *Maranhões* a *Pira-panem* ou *panema*, tida como o piloto da lua, e annunciadora da escassez do peixe...

O planeta *Venus* deveremos ter, parece, mais como a *Jaci-tatá-assú* -, a estrella grande - do que como a *Iapucan*. estrella que se levantava sempre antes do sol e quando desaparecida, em certa época, annunciava a estação chuvosa?

Castor e *Pollux* - seriam tidos como dois ovos (*Uirapia*). Perto, lhes ficava a constellação do — *Nhandutim*

ou da ema branca, (a dos Gemeos) e na qual a imaginação tupi dizia existir a dita ave com o bico aguçado para quebrar os dois ovos symbolicos, ou melhor, as duas estrellas. Os Arabes tambem em semelhante aspecto veriam no firmamento - a Corva do Sul - ou constellação do Corvo, como a um ninho de avestruzes, e na parte superior do Eridano e no Peixe austral, muitas e pequeninas estrellas que suppunham ovos ou cascas de ovos dessas aves, disseminados na esphera celeste.

“Tatá-endú” - ou o fogo inflammado - seria para elles um dos planetas: Marte ou Saturno?

E além dessas estrellas, planetas, ou constellações siderreas, quão pittorescamente não chamariam a outras, valendo-se da zoologia das nossas selvas, como: “Iandaia, Iandaiassú, Iabotatim ou Iassatim; Cahi - macaco; Tapiti - coelho; ou tomando então os motivos na vida diaria da taba ou nos mudos vegetaes e objectos, e tambem nos seres. Assim: “Tuiaré ou Tuibaé” - velho apoiado a um bastão; “Curumin manipuera guára” (conony manipoere uare, truncadamente em Abbeville) - rapaz que come manipuera; “Eira-puane ou irapuam” - mel redondo ou bola que fazem certas abelhas no alto das arvores; “Panacú”, cesto comprido; “Tucum”, fructo de uma nossa palmeira; “Nhaempuam” - ou o alguidar redondo; e, quantas e quantas mais!

Da lua, cujos effeitos sobre as marés conheciam, sabiam-lhe tambem os eclipses, chamados por elles - noites da lua -; e do sol, por que se guiavam, tinham a sua influencia, quando descia do outro polo, como causadora de brisas maritimas ou ventos e ao subir para o norte, como productora de chuvas ou do que no norte do Brasil ainda hoje se chama - o inverno. - Mas, não só pelo gyro do astro-rei, e sim tambem pela colheita dos cajús - precedida da chuva dos cajús - e pelo apparecimento ou desaparecimento das Pleiades, usavam os maranhões valer-se para a marcação do cyclo annual do seu tão curioso calendario.

Passemos agora das estrellas do nosso hemispherio - dos quaes nenhuma vez nos fala Pero Lopes, no Diario, ás agulhas de marear dos portuguezes quinhentistas. Eram ellas bem primitivas ainda, mas já melhoradas e combinadas com a rosa dos ventos. Seriam bem mais perfeitas que as utilizadas nas navegações anteriores para a costa da Flandres ou para os mares largos sulcados nos grandes cruzeiros.

Achavam os mais habéis navegadores da epoca não “ferirem ellas o polo norte do Mundo” senão em certos meridianos, a saber: ao oeste da ilha do Corvo; no cabo das Agulhas; em Pedra Branca, na Malaca; em Carthagera, na America; e, segundo João de Lisbôa no que passava entre as ilhas do cabo Verde: Sta. Maria e S. Miguel e pela ilha de S. Vicente, ficando assim entre o cabo da Bôa Esperança e o cabo Frio.

Data de Colombo oficialmente o conhecimento da declinação das agulhas para o Atlantico occidental; mas os portuguezes viajantes praticos da costa africana por estes mares, desde logo nellas notaram uma pronunciada variação nordeste nesse hemispherio do norte. Usavam então ahi fer-las ao norte, isto é, corrigiam-n'as do que nordesteavam, adaptando-lhes ferros “aos dois terços da quarta de nordestear”, isto é, corrigiam a variação da agulha, trazendo-a a fazer um angulo com a linha norte-sul suppostamente verdadeira e igual ao de quanto variava.

Essa variação, passada a linha equatorial, perdida de vista a estrella polar, fóra das paragens das suas mais constantes viagens no hemispherio do norte, não era tão conhecida; mas por isso usavam calcula-la não mais “borneando com a vista a agulha e a α da Ursa menor”, mas a agulha e o sol no nascente e no occaso, para assim terem o Norte na media das duas observações.

Borneando-a e ao Cruzeiro do Sul, quando a “Cabeça” e o “Pé” da constellação em linha vertical, se poderia ava-

liar ainda a "diversidade da agulha", segundo João de Lisbôa. -

Pouco depois desta expedição de 1530, calculavam-n'a também tomando alturas correspondentes do sól e notando nos instantes dessas observações com o instrumento de sombras de Pedro Nunes, os "rumos das sombras do sól" na agulha, para, pela semi-diferença dos dois angulos das sombras -, conhecerem a variação desejada. Tinham assim já o conhecimento dos azimuths.

Desses processos, o mais antigo, levaria João de Lisbôa á observação de que ao oeste do meridiano magnetico por elle traçado, entre o cabo Frio e o cabo da Bôa-Esperança, já nas aguas costeiras do Brasil, nos annos em que elle por ahi proficientemente navegou, a declinação magnetica se manteria ao noroeste. Só com D. João de Castro, em 1538, se fariam de tal phenomeno estudos mais precisos para se concluir das duas parcellas - desvio e declinação magnetica -, cuja somma algebrica viria a dar a variação da agulha.

Desse phenomeno nos fala Pero Lopes ao correr do seu Diario, quando de regresso a Portugal em 1532. Observou o distincto navegador que as suas agulhas noresteavam mas, certamente - noroesteavam uma quarta, - como se se poderá verificar no estudo da travessia Pernambuco - Portugal e também porque - noreste - não era termo usado por elle nem por nenhum navegador portuguez desse tempo, e sim, nordeste.

Com a falta de preciso calculo das declinações magneticas anteriores a 1660, ao longo da nossa costa, segundo o nosso Observatorio Nacional, não se poderão conhecer as que anteriormente, em 1530 - 1533, influenciaram as agulhas das naus de Martim Affonso, para assim melhor traçar-se e estudar-se a derrota da expedição. Só baseado em trabalho no estilo do que a Inglaterra sobre tão interessante assumpto publicou e para o qual entretanto se haveria de dispôr do carinho, desinteresse e intelligencia de um Do-

mingos Costa, - poderíamos, fazendo chegar a melhor termo as nossas pesquisas, dar mais precisão ao estudo e traçado das singraduras affonsinas.

Da parte da cartographia conhecida na Peninsula Iberica ao tempo da expedição de 1530, como resultado dos primitivos trabalhos cartographicos, da carta catalan do mestre Jacome da Mallorca, dos portulanos de Martim de Behaim, de Juan de la Cosa, de Cantino e de Canerio que serviram de base aos de Wadsemüller, de Ruysch e outros filiados á doutrina luso-germanica de Saint Dié, - devemos citar principalmente para o nosso estudo os portulanos de Pedro e Jorge Reinél - portuguezes ao serviço ora da Casa da India de Lisbôa, ora ao da Casa de la Contratacion de Sevilha. Criando a sua obra singular, foi em parte imitada e seguida nos portulanos de outros cartographos alemães, espanhóes e italianos de tal seculo e de que são depositarios fieis os atlas de Kretschmër, Kunstmann, Marcel, Nordjenskold, Santarém e outros mais.

Essa influencia principalmente se caracteriza na Peninsula, como diz Denucé - quando entre 1520 e 1523 se dá a unificação das duas escolas cartographicas: a da Casa de la Contratacion e a da Casa da India. Após a associação das duas cartographias, diz o citado mestre, "nasceram essas bellas cartas duso-italianas, algumas das quaes trazem tão manifestamente o cunho dos Reinél, que se as julgariam, á primeira vista, sahidas das officinas delles"... (J. Denucé - Les Origines de la Cartographie Portugaise - pg. 40).

Por 1528, recusando os mesmos cartographos os seus serviços á Espanha, não o faziam já sem fructo dos seus labores magnificamente assignalados na carta espanhola de outro portuguez ao serviço de Castella - Diogo Ribeiro. Neste portulano de 1527, e melhor, no de 1529, novos pontos geographicos da America do Sul eram nomeados; portulano, que deveria de ser conhecido e de grande valia para

Martim Affonso, senão a copia feita pelos mesmos notáveis cartographos, passados novamente em 1530 ao serviço de Portugal.

No portulano talvez de 1516, mas enriquecido já com accrescimos em anno proximo, os Reinel, - desde o rio das Almadias ao nórté do Brasil, - começavam a dar oficialmente toda a costa suppostamente brasileira, a menos e a mais viajada então; e, além de Cananéa, principalmente linde cartographico por cerca de 15 annos após o descobrimento official do Brasil, a toponymia que assignalavam, já representava alguns conhecimentos de exploração anterior á de Solis, provavelmente, da chamada "Gazeta Aleman", de D. Nuno Manoel (1514). Todavia, mais valor para o nosso estudo, este portulano terá revendo nós a todo instante o de Ribeiro traçado antes e o de Viegas logo após a expedição de Martim Affonso, em 1534, por ser util a comparação da cartographia de epochas tão proximas a que nos havemos de ater.

A parte do littoral brasileiro entre Pernambuco e o então dito rio de Maranhão dos portuguezes, a tornar-se aos poucos no Mar Dulce ou no futuro rio das Amazonas, não parece a muitos ter sido explorada até o Mar Dulce dos espanhóes, por Diogo Leite, nas caravelas Rosa e Princeza.

Os pontos desta costa, entretanto, procuraremos identificar, tomando o provavel itinerario do citado navegador, quando em obediencia a Martim Affonso, é desligado da frota expedicionaria em fins de fevereiro de 1531, e em cerca de seis mezes de viagem a percorre e regressa a Portugal. Assim, devemos ter: Pernambuco ou o porto de pernambuco, proximo á barra do arrecife, nas proximidades do fundeadouro da futura Olinda, de onde largou Diogo Leite com os dois navios, e cujo fundeadouro melhor se poderá conhecer consultando o que a carta de João Teixeira sobre "Perspectiva do Ressife de

Olinda - virá a marcar, como junto do Porto Velho de Sto. Antonio, - o Surgidouro velho -. Passaria a seguir Diogo Leite ao largo da feitoria portugueza no rio Igarassú ou no de Sta. Cruz assim depois baptisado por D. João III, feitoria que foi fundada por Christovam Jaques. A barlavento dessa entrada ficaria a ilha de Itamaracá como atalaia da dita feitoria, não em 8.º da latitude sul como quer o portulano Reinell, mas em latitude média de 7.º 46' 30" sul. Era esta extensa ilha nomeada Ascensão por Alonso de Sta. Cruz e Caboto, e por ilha de Pernambuco, no roteiro desse littoral de 1540 existente no Museo Britannico e cuja copia photographica foi obtida e será publicada graças aos cuidados de J. Lucio de Azevedo e de Paulo Prado. Proseguindo na viagem pela costa, ainda ahi poderíamos vêr e identificar os seguintes pontos da cartographia quinhentista: rio das Virtudes (rio Goyana); rio das Pedras, se talvez o mesmo Goyana pelos portulanos Reinell, Viegas, Turim, Maggiolo, pelo reconhecimento de Caboto em 1526, o futuro Parahiba do Norte, o pouco depois tambem chamado - Sam Domingos; cabo Spichell, (cabo Branco); a baia (de pitiaçua) de treyçam (bahia da Traição), ou talvez melhor explicando: onde o pitiguar commetteu traição; em linguagem truncada tambem: Oratipipy (Reinell) ou Oratapica (Viegas), ou a ponta da Pipa, sam-roque, (cabo de São Roque), ao inicio dos descobrimentos posto em traçado de pouca semelhança com o desenhado nas cartas modernas; e a ponta primeira e o cabo do parcel, respectivamente: a ponta dos 3 irmãos e o cabo do Calcanhar ao nordeste do cabo de São Roque, a menos que este não tivesse em tempo, na incorrecta interpretação graphica quinhentista, avançado de mais para o sul.

O cabo do parcel desse sector nortista, deve-se tambem ter, segundo alguns estudiosos desse thema, como o cabo de Santa Maria de Arrabida,

citado desde 1505 por Duarte Pacheco, no Esmeraldo, e cedo desaparecido dos portulanos.

A baía das tarrugas (Reinel) ou a das Tartarugas (Viegas) não parece ser o Buraco das Tartarugas - (Frei Vicente do Salvador - Hist. do Brasil - pg. 185) já na costa do Maranhão por outro tempo, nem a baía das Tortugas, citada por Oviedo. Pela cartographia e roteiros antigos deveríamos identifica-la em 1534 talvez com uma dessas bahias: Macau, - se esta não a "grã baía" de Viegas - ou a de Mossoró, uma vez que Viegas dá a das Tartarugas, ainda que em representação encurtada do nosso littoral, a dois graus e meio distante no quadrante do noroeste da ponta primeira ou a cerca de 1.º e 20' da ponta do parcell (cabo do Calcanhar): e não, como parece, depois se a veiu a ter na costa maranhense dada por João Teixeira - (Mappa da Terra de Sta. Cruz - Razão do Estado do Brazil), além do rio Pirangi.

Não era esta assim, a mesma baía das Tartarugas dos primeiros pilotos quinhentistas.

Destas citadas bahias - Macau e Mossoró -, uma poderia também ser a de Sanct Rafael (Oviedo), tendo-se o rio de sam myguell (Reinel) como o rio Mossoró e, junto a este, os montes Dantas, Tibau e Outeiro Branco, como talvez algumas das serras de sam miguell citadas no 3.º portulano destes auctores.

A ponta de S. Miguel (Alonso de Chaves e Oviedo) ficaria nessas proximidades, se bem que um pouco deslocada, a valermo-nos do que se affirmava. Devera ella ser uma das pontas - Mel ou Redonda - actuaes, pois Oviedo a dava 30 leguas ao oeste do cabo do Parcel (ponta do Calcanhar).

Do promontorio (ponta) de S. Miguel até a Angra ou Angla de Sanct Lucas dava Oviedo só 55 leguas, e esta, antes de ser alcançado o cabo

ou ponta do Palmar - para alguns o cabo Gurupi actual, e para outros, promontorio ainda mais ao norte. Apesar das contradicções existentes e comparações feitas entre os portulanos Reinel, Viegas, Ricardianna, Maggiolo, Alonso de Chaves e outros, chegámos á supposição de que ao tempo da expedição de 1531, o golfo de S. Lucas (Reinel) poderia assignalar a formação das duas bahias, talvez assim nomeadas desde essa viagem de Diogo Leite - Sam Marcos e S. José, na costa maranhense.

Entre este golfo e a ponta de S. Miguel (Mel ou Redonda), poder-se-iam ver ainda pelo portulano Reinel (Paris), o cabo Corco ou Corso, nomeado assim em honra de Pedro Corso, companheiro de João de Lisbôa, e o cabo Branco, ambos no mesmo paralelo de 3.º 15' (Reinel). Muitos outros pontos se conheciam já além do R. grãd (Viegas) - para nós na maioria das vezes o Maranhão de Portugal - e entre elles o rio de Joham de Lixbôa para consagrar o nome do grande navegador já conhecedor dessa costa e auctor do Livro da Marinharia. Incerta tem sido até hoje esta identificação, como tambem, neste sector, a das designações de: rio danobom (Reinel e Viegas), ponta das corrêtes, terra de Sam Vicête, terra dos fumos b. do parcel (Viegas) etc...

No outro sector golfo de S. Lucas - pta. de S. Miguel, os Reinel não assignalarão o rio da Cruz citado desde a carta de Juan de la Cosa de 1500, e o qual suppomos, se poderia encontrar entre as actuaes pontas: a Mucuripe (o cabo Branco, para Orville Derby e Sta. Maria de la Consolacion, para Varnhagen) ou a Tapagé, e o extremo septentrional da ilha Sant'Anna, á boca do hoje golfo ou bahia do Maranhão.

Orville Derby deu o rio da Cruz como um dos que desaguam na bahia de Camocim (Costa Nordeste do Brasil, pg. 15).

Seria a este golfo de S. Lucas ou ao outro golfo de todos santos como quer Orville Derby (idem, pg. 15), que viria ter o rio de Maranhão dos portuguezes - para nós o R. Grãd - de Viegas (1534) -, nesta costa que conservou o nome desse rio em cuja foz se encontra uma ilha hoje chamada Sant'Anna, - ou seria para os espanhóes, mais ao noroeste, o verdadeiro Maranhão (antigo Mar Dulce, futuro rio das Amazonas), mostrando á foz tambem a ilha depois nomeada Marajó?

As representações cartographicas antigas apoiadas em valores variaveis do grau: 14 1|6, 15, 16 2|3, 17 1|2 e até mesmo 21 leguas, iam encurtando portanto ou alongando a representação graphica desse sector da costa, no qual por provisão de Carlos V datada de 23 de setembro de 1519, se diziam descobertas por Vicente Yañez Pinzon e os seus "600 leguas de terra firme e achados o grande rio e o Brasil."

Ora, o alongamento ou o encurtamento desse littoral na representação do portulano quinhentista, avançava ou recuava tambem dentre esses pontos, um, que de preferencia a todos os mais, desejaríamos com segurança identificar: a abra ou baia de diogo leite, extremo alcançado, parece, pelas caravelas Rosa e Princeza, em 1531.

Querem Varnhagen, d'Avezac e outros auctores, seja essa bahia á foz do Gurupi ou do Turiassú. Gaspar Viegas, entretanto, em 1534, devendo melhor exprimir que Diogo Ribeiro em 1529 os descobrimentos não só de espanhóes como de portuguezes, nessa costa, feitos por João de Lisbôa, Diogo Leite e outros, valendo-se do auxilio e conselho dos Reinel ora novamente ao serviço de Portugal, dava em cartographia quinhentista, pela primeira vez, a abra ou baia de diogo leite, assignalando-a no quadrante noroeste do que nomeava rio Maranhã.

Marcando este rio a 14 graus ao occidente do cabo de sam roque, visava elle dar esse grande rio pelo Marañon espanhol e futuro Amazonas, distante nas cartas modernas 15.º do dito cabo.

Furtado de Mendonça, embaixador espanhol, em carta de 10 de setembro de 1531 dirigida á S. M. a Rainha de Espanha, tratando, parece, da chegada a Portugal da nau de João de Sousa e das duas caravelas de Diogo Leite, informava: que estas “descobriram um rio mui grande, de muitas planicies, grande copia de madeiras e muita quantidade de aves e cujijos”; que, os da terra descoberta, tinham grande contentamento em serem subditos dos portuguezes ali recémchegados; e accrescentava por fim: não havendo trazido esses navios “cousa de valor de ouro e prata” os mandaram “a Lisbôa”.

Ensina tambem, após exhaustivo estudo e com indiscutível auctoridade, a Sentence du Conseil Federal Suisse (pg. 593) que “o deslocamento da embocadura do Amazonas para sueste, conduziu os cartographos dos 40 primeiros annos do XVI seculo a deslocamento tambem no mesmo sentido de toda a costa”.

Teria então Diogo Leite ultrapassado o verdadeiro Marañon, segundo Viegas, e portanto ainda o rio Navidad de Maggiolo e Oviedo, o qual, parece, devera ter sido o proprio Marañon de Enciso em 1518? (Hakluyt - Vol. XI - pg. 20).

Diogo Leite e os seus, tendo ultrapassado assim o actual rio Pará, alcançariam então, para ultrapassá-lo tambem, o Mar Dulce dos Espanhóes? Não os mandara Martim Affonso a descobrir o rio do Maranhã m? (Diario).

Tal não devera a este tempo justificar-se de todo. Pela carta de doação de D. João III, feita a 13 de junho de 1535 a favor de Fernão Alvares, Ayres da Cunha e João de Barros (Real Arch. L.º 21, fls. 73 da Chanc. de el rei D. João III), deve-se ter a abra ou baia de Diogo Leite,

como o queria d'Avezac, na bahia de Turiassú, ou como Varnhagen o queria, á fóz do rio Gurupi; porque o rei portuguez mandava dar aos dois ultimos donatarios ... "50 leguas a contar da abra de Diogo Leite da banda de loeste", e tendo por termo "o cabo de Todos os Santos da banda de leste do rio de Maranhão".

E não seria este cabo de Todos os Santos, o G. de todos os sãtos (Reinel), ou a Amgra de todos os sãtos (Viegas)? Oviedo dava-a doze ou treze leguas do cabo de los Esclavos que estava á boca do rio Marañon; e Orville Derby identifica esse golfo com a bahia de S. José, parte meridional do golfo do Maranhão, de hoje.

Tinha-se, pois, por esse documento official, este grande rio ao oeste da "abra de Diogo Leite", em contraposição neste ponto aos mais auctores e principalmente ao que desenhara Gaspar Viegas um anno antes, em 1534, como fructo da mesma expedição de Diogo Leite em 1531.

Tudo leva a crer ter sido portanto, segundo o que a cada um melhor aproveitava, em epochas diversas: um, o Maranhão dos portuguezes, outro, o Marañon ou o Mar Dulce dos castelhanos, como tambem desde opportuno momento historico, o de vir habilmente a politica portugueza aproveitando-se dessa identificação discutivel na propria Espanha, para baralhar a questão e melhor convencer a nação rival do direito da posse lusitana além do rio-mar.

Não só a cartographia de origem espanhola o ajudaria nesta empreza: tambem as narrativas de viagem de Vicente Yañez Pinzon por Pedro Martyr d'Anghiera, em 1516, e a de las Casas, mais tarde, - dando as leguas navegadas com o notavel informe da perda de vista ou do apercebimento da estrella polar, ao correr da expedição - seriam e são elementos para se estabelecerem sobre este sector geographico, duvidas quanto ás primeiras descobertas e identificações quinhentistas.

O certo porém, é que em 1529, o cartographo portuguez Diogo Ribeiro, ao serviço da Casa de la Contratacion e guiado pelos dois cartographos Reinell, annotava o seguinte, no seu valioso portulano:

“Nesta costa desde o rio Dulce” (que pelo desenho e palavras que se seguem devera ser o Esequibo) “até o Cabo de S. Roque não se achou cousa de proveito: esta costa foi uma ou duas vezes visitada logo que se descobriram as Indias” (occidentaes) “e depois não voltaram a ella. O rio Marañon é muito grande: por agoa doce entram os navios nelle; agoa doce, accrescentava Ribeiro, que esses navios tambem tomavam fóra desse rio, vinte leguas ao mar.” Oviedo, valendo-se da carta de Alonso de Chaves de 1536, narrava tambem o que lhe dissera Pinzondo Marañon isto é, “deste embocamiento que ton señalada cosa hizo Dios en el mundo que se llamó un tiempo Mar dulce”. A crêr em Pinzon, “havia tomado a agua doce em pleno mar, trinta leguas apartado da boca deste rio”.

Tinham elles assim na Espanha o rio Marañon, como o actual - das Amazonas - e manteria identica opinião em Portugal como vimos, cinco annos depois de Ribeiro e um anno após o regresso de Diogo Leite, o portulano de Viegas: corrente de opinião, que tomando influencia e vulto, vem a ser officializada ainda nos reinados de Carlos I. e D. João III - segundo a Historia Pontifical (5.^a parte, liv. 9.^o, cap. 5, let. D) com se erguerem á foz do rio Yañez Pinzon ou Oyapoc os dois padrões de mármore: um da banda do nascente com as armas de Portugal, e outro da do poente com as armas de Castella.

Além de frei Marcos de Guadelaxara y Javier, affirmam este facto historico: Symão Estacio da Sylveira que nesse auctor se apoia; Padre João de Sousa Ferreira (No ticiario Maranhense - ou na Seconde Mémoire - Frontières entre le Brésil et la Guyane Française, pg. 40); Bernardo

Pereira de Berredo e Antonio Baena, estes, revelando que um desses marcos ainda fôra encontrado ahi em 1723 por João Paes do Amaral. (Rev. Inst. Hist. Geog. S. Paulo - Th. Sampaio — Vol. 1. pg. 55).

Daria oficialmente Carlos I ou V com o lançamento desses marcos de pedra e de accordo com D. João III, senhorio á nação lusitana do que se podesse chamar a qualquer tempo, sob qualquer dos nomes: Mar Dulce ou Amazonas, Marañon espanhol ou Maranhão portuguez.

Das outras partes do littoral brasileiro visitado pelo capitão mór Martim Affonso de Sousa, e destas, principalmente, a que ultrapassava ao sul, Cananéa -, já se conhecia farta onomastica que ainda ao correr dos tempos soffreu modificações significativas. O conhecimento assim, que della já se tinha, justificava-se com a exploração de anteriores viagens e reconhecimentos praticados por navegadores como João de Lisbôa, talvez o nauta que em seu tempo conheceu maior extensão da costa brasileira, morando até em pontos della como no cabo de Sta. Maria; João Lopes de Carvalho, ou os pilotos de D. Nuno Manuel; João Dias de Solis, com os seus pilotos e aventureiros de tão precioso auxilio; Fernão de Magalhães e os seus mareantes; Christovam Jaques, numa das expedições; Rodrigo de Acuña; Sebastião Caboto com Alonso de Sta. Cruz, Rodrigo Alvarez, Rojas, Jorge Gomes; Diego Garcia de Mogue, acompanhado já de Gonçalo da Costa e alguns pilotos mais. Eram todos esses navegadores dos mais notaveis do seculo, e tiveram os posteriores ás expedições de D. Nuno Manuel e de Solis como valiosos auxiliares os intrepidos Enrique Montes, Melchior Ramirez, Francisco de Chaves, Aleixo Garcia, Francisco del Puerto, Francisco Cesar que, alargando foram os conhecimentos geographicos dessa mesma costa, como os desse sertão rasgado de rios e murado de serras.

Na terra vicentina, depois de Gonçalo da Costa partir para a Espanha, já habitam no littoral, e sobre serra, Antonio Rodrigues e João Ramalho alliando-se ao gentio de Tibiriçá e aos tupiniquins, e em Cananéa, sem pouso certo, após essa partida, Francisco de Chaves, em companhia do bacharel portuguez, e de 5 ou 6 castelhanos. Dá-se tal occorrença com justificada certeza, quando em Cananéa e no antigo porto de S. Vicente, dava entrada a frota de Martin Affonso, respectivamente, em 1531 e em 1532.

Esse conjunto de circumstancias e o das que logo se lhe seguem, veem dar pois, ao tempo a que se reporta o nosso estudo, a seguinte identificação da toponymia do sul de Cananéa até o rio da Prata, desde que nos soccorramos dos portulanos Reinel, Ribeiro, Viegas, e de muitos outros quinhentistas, de cartas modernas e roteiros do nosso e de outros tempos passados. Assim, notemos: Pta. do Padrã, na ponta da ilha do Cardoso, fronteira á ilha do Bom Abrigo, esta, a ilha da Cananéa de Pero Lopes, tida pelos espanhóes de Buen Abrigo, e como do Bom Abrigo presentemente chamada; rio dos dragos e baia das voltas, entrada e bahia de Paranaguá; rio alagado, o rio Varadouro com a sua barra de Ararapira; rio do extremo, talvez como do extremo da antiga costa sulina oficialmente conhecida aos primordios do descobrimento; golfo do repario ou tambem puerto de la barca (Oviedo), talvez bahia de Guaratuba; rio sam bento, de identificação incerta; rio das voltas (Reinel) ou S. Francisco (Turim, 1532) ou Sto. Antonio (Maggiolo, 1519), o rio São Francisco do Sul, impropriamente collocado em varios portulanos, e quiçá visitado desde 1504 por Paulmier de Gonneville; as y lhas dadas anonymamente, e certamente das muitas que por ahi se encontram, taes como: Castilho, Figueira, Mel, Peças, Curraes, Itacolomi, Sahi, Itapema, Itapoam, Graças, Tamborettes, Remedios, dos Lobos, Galé, Deserta, Arvoredos e quantas mais, sem

falar na grande ilha S. Francisco: a esta Alonso de Sta. Cruz, no Yslario, assignalava dentro na bahia de S. Francisco como "uma bôa ilha, bem povoada de indios e de seis leguas para mais de largo"; a ilha dos Pargos, (Reinel) - talvez a isla de la plata de Solis - e tambem baptisada isla de Santa Catalina ou Santa Catharina, por Caboto, com o seu puerto de san sebastian ao norte, porto este na citada ilha e não, como quer Felix Outes, no continente, e como primitivo nome da actual bahia das Tijucas.

Ficaria fronteiro a esta ilha de Santa Catharina - e portanto no continente e á sombra della - o porto dos patos, bem na enseada, parece, em que se lança o actualmente chamado rio Massiambú.

Ha ainda a notar: a isla del Repairo assim baptisada ao tempo de Caboto - a presente ilha do Coral; o puerto de D. Rodrigo (d'acuña), a enseada de Imbituba; as ylhas derradeyras (Reinel) as ilhas Araras, Tacari ou Itacolomi e Lobos; o golfo fremoso (Reinel) ou o golfo do ilhéu (Viegas), o porto da Laguna, que tambem se deveria ter como o puerto del farallon dos espanhóes, assignalado por um ilhéu deshabitado ou farayol (Itacolomi ou Tacari) alto, visivel ao largo, e 12',5 ao nordeste desse referido porto da Laguna; o rio do Recife, o rio Tubarão; as serras de santa m.^a da pena, as serras e o cabo de Sta. Martha; rio dos negros, talvez o rio Mampituba ou Mambituba, este, em 29.^o 18' 30" sul - latitude verdadeira -, apesar dos Reinel darem aquelle na latitude de 30.^o 40', isto é, quasi um grau ao sul do que chamavam - "as serras de santa marta da pena", - tambem correspondentes á terra alta de Viegas e ao cabo da terra alta, de Pero Lopes. Seria este rio dos negros, parece, logo a seguir, - o primitivo rio martim affonso de sousa que Viegas (1534) assignala pela primeira vez em cartographia aos

30.º de latitude sul. A terra bayxa, o areall, a costa darea e a costa bayxa, tudo se deverá ter como a actual costa rio-grandense, comprehendida nella, a barra do hoje porto do Rio Grande na latitude verdadeira de 32.º - 8' sul. Foi esta barra ou foz, pela primeira vez citada por Viegas como sam p.º ou sam pedro e em 30.º e 50' - sul. A ponta do Recife e a baia parcelada, identificaremos com um dos cabos Castillo, Polonio ou a Punta Rocha, esta por Maggiolo em 1527 chamada cabo de Sta. Maria, e provavelmente para Diogo Ribeiro, em 1529, o cabo J.º de Lixbôa; mas todos esses, mostrando recortar-se a costa nesses pontos, em enseadas nem sempre seguras, e em geral, com parceis, e a uma das quaes deveria caber o baptismo da baia parcelada, dos Reinel; e, finalmente: o cabo de Santa Maria (dos antigos), para Maggiolo em 1527 o outro "cabo de Sta. Maria do bondeseho, e para nós, - como procuraremos provar - a actual punta del Este de Maldonado.

Das ilhas citadas ou não nos portulanos, ilhas oceanicas ou littoraneas do Atlantico que farão parte do nosso estudo, enumeraremos aqui sómente algumas, deixando para a analyse das singraduras da expedição de 1530, outras dignas tambem de citação. Assim, teremos: - o parcell -, ao sul do equador em Reinel, com 1.º 30', talvez referindo-se ás "Roccas" de latitude sul 3.º50', as quaes Gonçalo Coelho veiu a descobrir quando sobre ellas veiu a bater e naufragar na expedição de 1503: a estas, João Teixeira, em 1631 (mappas da Razão do Estado do Brazil), nomeou: - Vigia; sam p.º ou sam pedro, ao norte do equador em 1.º 30', no portulano dos Reinel, ponto figurado em 2.º norte por Viegas como o penedo loronha e, ao presente devendo-se - o assignalar na latitude média de 55' e 30" norte e como - os penedos de São Pedro e São Paulo -: sabe-se tambem que o descobrimento destes é devido a Jorge de Brito quando capitaneava uma das naus

da Armada de D. Garcia de Noronha em 1511, com destino á India. (Mans. Armadas da India — 1497 - 1632 — B. Nacional. Rio de Janeiro. — I. 4-1-49 ou I, 3, 3, 22, copia cod. CXV - 1 - 19 — B. Eborenses);

y.^a fernã de Noronha, anteriormente - Quaresma, São Lourenço, São João, e hoje, Fernando de Noronha; a ylha de Santa Barbara ou Santa Barbara, ainda hoje assim chamada e principal dos baixos e archipelago do Abreolho ou Abrolhos; a trindade (Trindade), segundo Hümmerich descoberta em 18 de maio de 1502 pela armada de Estevam da Gama, numa expedição á India; a ylha Acença ou Ascensão dada nos Reinel em 21.º 30' sul - a qual não devemos confundir com a outra Ascensão nesse portulano assignalada em 8.º, a actual Itamaracá - antes te-la como a descoberta em pleno oceano por João da Nova em 1501, assim como a de Santa Ylena ou Sta. Helena, por elle avistada tambem quando do seu regresso do oriente; as ylhas que achou Martim Vaz, depois parece, chamadas Sta. Maria da Gosta, com a mesma latitude no portulano citado, e em 1798 assim ainda baptisadas por Bazilio Ferreira de Carvalho ao tratar da derrota da nau "Princeza da Beira": dava-as - Reinel - com a mesma latitude da ilha Ascensão precitada; as ylhas Rodrigo Alvarez ou o grupo das 5 actuaes ilhas Torres na actual costa uruguaia do Atlantico, baptisadas pelo piloto de Caboto com o proprio nome, mas depois chamadas ilhas Torres porque se viesse a sabe-las descobertas pelo piloto deste appellido e da expedição Solis: tres dellas, deveriam ser as ylhas das onças de Martim Affonso, como mostraremos depois, e as outras duas, as actuaes Castillos; as ylhas de Christovam Jaques, as duas actuaes Palomas, - a Paloma e a Tuna; a ysla de los lobos (A. Sta. Cruz), a ilha dos Lobos ainda com o mesmo nome e á entrada do rio da Prata, rio tambem nomeado

pelos portuguezes de Sta. Maria e pelos espanhões de Solis e cuja posse tantas controversias veiu a merecer; a ylha das Palmas, depois baptisada - Gorriti, e Maldonado posteriormente, dando resguardo ao porto deste nome, poucos annos antes chamado de N^a. S^a. da Candelaria ou da Candelaria, por Solis e por Caboto, mas presentemente -porto de Maldonado - e formado entre a punta del Este (para nós o antigo cabo de Santa Maria) e a punta de la Ballena - e, contando em seu seio, a dita ilha das Palmas (Maldonado ou Gorriti). Era este todo para Pero Lopes o antigo porto do cabo de Santa Maria, senão mais propriamente o da outra barra entre a dita punta del Este e a ilha Gorriti (das Palmas).

De Cananéa para o sul só se refere o Diario ao porto dos Patos, ás 3 ylhas das onças, á ylha das Palmas, ao cabo de Sta. Maria e, dahi, quando da viagem de Pero Lopes subindo em bergantim o grande rio e importantes afluentes, a pontos comprehendidos entre esse cabo e o esteiro dos Carandins ou dos Quirandins, onde esse capitão por mandado de Martim Affonso plantará padrões de posse em nome de D. João III de Portugal. Viria a ser esse esteiro na região banhada pelo Paranaguazú, - região baixa de uma das margens e rasgada de esteiros ou igarapés, aquem 30 leguas da fundação de Sancti - Spiritus de Caboto. Ficava esse esteiro dentro na area da terra dos Carandins lindada por nós em parte, na carta moderna, por uma linha que passará por S. Pedro, Baradero, Ibicuy, e numa volta do Paraná Pavon, na actual terra Argentina.

No capitulo dedicado á expedição do bergantim ao mando de Pero Lopes, terá o leitor ao correr da narrativa das viagens de ida e regresso, o nosso estudo com outros detalhes indispensaveis. Tambem em capitulos anteriores, á proporção que formos fazendo os estudos das travessias

nos sectores da costa entre Pernambuco e Cananéa - para agora não nos alongarmos em sectores por outros já estudados, - lhe será dada a lêr a nossa identificação.

Tomada uma copia de um desses portulanos dos Reinel, valhamo-nos tambem para consulta avisada, entre portulanos quinhentistas, do de Diogo Ribeiro (1529) e do de Gaspar Viegas (1534), datados respectivamente um anno antes da partida e um depois do regresso de Martim Affonso, a Lisbôa. Tentava já este portulano corrigir o uso da equidistancia dos paralelos e assignalava: ao norte, a abra ou baia de diogo leite, - nome do capitão das duas caravelas mandadas pelo capitão mór a percorrer essa costa além do rio de Maranhã; e ao sul, o rio marti A.º de Sousa, com mais latitude que o actual cabo de Sta. Martha; Sam p.º ou sam Pedro; e os 3 ilhotes pelo capitão mór visitados e baptisados - das onças - (vide Cap. IV)

Este portulano, por subtileza politica talvez, não reproduzia os nomes de baptismo dados por Pero Lopes ás ilhas, pontas, cabos, enseadas e rios durante a sua viagem fluvial, nem tampouco fixava o esteiro dos Carandins a cuja boca se plantaram os dois padrões da posse portugueza.

Convem aqui declararmos tambem não terem sido esquecidos neste estudo comparativo, o portulano de Vaz Dourado (1571) e os outros das collecções Kunstmann, Kretschmer, Marcel, Nordjenskold e Santarém, tidos ao nosso alcance e exame na Bibliotheca Nacional. Para o traçado das singraduras nos valem das optimas cartas do Almirantado Inglez, e das em uso presente nas marinhas Americana do Norte, Aleman e Franceza.

Entre as incorrecções dos portulanos coevos a Martim Affonso, devemos citar, como concorrendo para essa representação imperfeita do nosso littoral, as seguintes: imperfeitos calculos da longitude; pouca precisão na latitude, se bem que obtida com muito mais approximação que a outra

coordenada; variavel valor do grau e da legua maritima; impreciso calculo da variação da agulha; defeituoso systema de projecção cartographica; além do factor pessoal importante, qual o do egoismo dos pilotos portuguezes e espanhóes attribuirem ás suas nações a descoberta destas ou daquellas terras a que os levara o acaso ou o saber, assim como do que mais convinha possuir ou deixar de possuir até pouco antes de 1530, comtanto que as Molucas ficassem dentro nos respectivos imperios coloniaes.

Não só deste facto vinha então o deslocamento para o leste, maior ou menor do continente sul-americano dado pelos cartographos, mas tambem consequente do erro inicial attribuido á primeira representação cartographica dos primeiros descobrimentos feitos na costa brasileira.

Assim, para Americo Vespucci o avanço oriental do cabo de Sto. Agostinho era de mais 10.º e 20' do que devera ser; para Fernão de Magalhães em 1519, era o cabo de Santa Maria (Pastells - doc.º n.º 1) só 6.º e 15' ao Oeste da ilha de Santo Antão e, o cabo de Sto. Agostinho aos 20.º ao leste da linha demarcadora, a qual por estar no seu dizer aos 22.º da referida ilha, fazia com que se achasse este cabo a só 2.º oeste da ilha de Sto. Antão, e, do cabo de Sta. Maria, em meridiano sómente 4.º e 15' mais ao leste. No primeiro portulano de Reinel, diz Denucé, (Origines de la cartographie portugaise - pg. 87) na costa septentrional do Brasil, o hoje chamado rio Amazonas se acharia em meridiano 10.º ao oeste do cabo de Sta. Maria, em logar de 5.º ao oriente; e, entre outros - dizia Alonso de Sta. Cruz - usarem os portuguezes do cabo Sto. Agostinho para o sul, avançar de mais 4.º ao oriente esse sector do nosso littoral.

Como nos conduzirmos pois, no estudo da navegação da armada de Martim Affonso, acompanhando-a por cartas tão imperfeitas ainda, guiado por agulhas imprecisas

mais para o hemispherio meridional do que para o septentrional em que usavam ferra-las ao norte, ou melhor, corrigi-las da variação; valendo-se de tão deficientes calculos da longitude, e pouco approximativos ainda da latitude?

Como traçarmos com segurança a derrota da expedição em carta de Pedro e Jorge Reinel - talvez de epoca proxima a 1516, segundo Denucé, e certamente anterior á expedição affonsina, na qual o valor do grau seria de 16 leguas e $\frac{2}{3}$ e o da legua maritima de 4', sem o tronco de leguas para a correcção das latitudes mais altas ou a correcção feita por Viegas em 1534 nesse optimo portulano para seu tempo, mas não assim comparado com a carta de Gerard Mercator publicada 35 annos depois?

Com que rigor scientifico poderia ser obtido e referido á carta moderna e perfeita, o traçado das singraduras da armada de Martim Affonso?

Tudo justifica pois, apresentarmos mappas em que approximadamente e não precisamente, são fixadas as reproducções de todas as travessias, e assignalados um ou outro ponto quinhentista da costa brasileira, ou das margens dos rios da Prata e baixo Paraná.

Estiveram os mappas entregues, - para reproducção do que havíamos feito sobre cartas inglezas - á habilidade do cartographo Sr. Nelson de Faria, e a revisão e auxilio aos nossos traçados das differentes derrotas, á gentileza, cultura e criterio do distincto collega capitão de fragata Renato Bayardino.

Levados a trabalho lythographico nas officinas do Gabinete Photographico do Estado Maior do Exercito, graças á fidalguia do Sr. General Tasso Fragoso, foram os citados mappas impressos sob as ordens do distincto brasileiro e professional Sr. Antonio Luiz de Freitas Pereira, dos cartographos Snrs. Gustavo Umbuzeiro e Luiz Gomes Loureiro - cartographo com alma de artista - e com habilidade, pelos operarios do efficiente estabelecimento.

Move-nos tambem o dever a aqui deixarmos expressões de reconhecimento ao velho amigo Aristides de Almeida Beltrão, ao estadista e escriptor dr. Pandiá Calogeras e ao dr. Miguel Calmon, ex-Ministro da Agricultura.

Acompanham esses graphics approximativos das derrotas e do estudo do littoral brasileiro conhecido ao tempo da expedição de Martim Affonso, differentes capitulos feitos em linguagem singella e accessivel a leitor que jamais pilotou uma nau, mareou o panno de uma galera, tomou a altura meridiana do sól ou marcou o ponto do meio dia numa carta nautica.

Para tanto realizar, convem mostrarmos ainda a utilidade ou emprego desses antigos portulanos a bordo quando com elles, com o calculo da latitude pela altura da polar ou pela altura meridiana do sol, com o regimento de Evora onde colheriam elementos essenciaes ao calculo, com um regulamento para estimar, antes do emprego da barquinha, o caminho percorrido pelo navio, com agulhas imperfeitas, com toscos compassos, esses habeis navegadores quinhentistas conhecedores das monções, correntes e de tantos mysterios e phenomenos maritimos, se apparelhavam para empresas ousadas no "mar oceano".

Sahido de um porto, havia de o mareante vêr na carta a que "rumo corria o que deixava e o que buscava". Guiado no que via em desenho, não devia em tal fiar-se de todo, pois Pedro Nunes dizia: "enganados andam logo os pilotos e os que o presumem que o são, senão são bons mathematicos, em cuidarem de que não ha cousa mais certa na carta do que o que nella está Nórte-Sul. E daqui vem que muitas vezes vão buscar uma terra que na carta está Norte-Sul ou por outra rota com o logar donde é a partida; e porque a não acharam, não sabem dar a isto outro desconto, senão ou

que as agoas o abateram ou a agulha lhes nordesteou ou noroesteou; mas a verdade era que não iam pelo verdadeiro caminho (Tratado da Sphera).

Entretanto, notado na carta o rumo corrente entre dois pontos, punham-se a caminho pelas suas rudimentares agulhas de marear, ora com o vento á feição, ora em varias bordadas e singraduras se com os ventos ponteiros ou adversos á rota, tendo porém sempre em vista e referencia o rumo corrente entre os dois pontos. Se seguiam num mesmo meridiano faziam, como sabemos, o seu caminho só em latitude; se num mesmo paralelo, em apartamento, que para elles não variaria sobre o caminho em longitude feito sobre o equador: e assim não fariam outras correcções senão as imperfeitamente obtidas dos abatimentos do navio e da agulha.

Se navegavam aos rumos que não : Norte, Sul, Leste e Oeste, notavam o afastamento do meridiano de origem, segundo o que rezava o regimento em uso.

Assim: deixado um ponto chamado o de partida, supponhamos, com um vento á feição para numa só singradura alcançarem o ponto de chegada, haveriam de navegar em uma linha que faria angulos iguaes com os meridianos que fossem cortando na derrota, caso não a houvessem de corrigir da variação da agulha e do abatimento do navio. Foi baseado neste estudo que Pedro Nunes apresentou a sua - bella descoberta da loxodromia -.

Mas sob um determinado rumo, numa singradura, ou numa derrota resultante de varias singraduras após a carteação dos rumos a que se navegara sob varios ventos e varia amura, ter-se-ia a considerar, na carta ou portulano em uso, o caminho que se fazia em latitude como o que se fazia em apartamento - e por consequencia em longitude - referidos ambos ao ponto de partida. Esses caminhos em latitude e em longitude seriam os que o piloto iria deduzindo pela consulta á tabella adeante citada, para, por fim, co-

lhendo os elementos indispensaveis marcar - o ponto - no portulano do tempo.

Assim, para um angulo de uma até 7 quartas, - afóra o caso particular de 8 quartas ou de 90.º - o piloto já sabia que - por grau de latitude - caminharia respectivamente:

Em angulo de 1 quarta	17 leguas e $\frac{5}{6}$ em caminho de latitude e 3 leguas e $\frac{5}{6}$ em caminho de longitude.
» » » 2 quartas	19 leguas e $\frac{1}{6}$ em caminho de latitude e 7,5 leguas em caminho de longitude.
» » » 3 »	21 leguas e $\frac{1}{3}$ em caminho de latitude e 11 leguas e $\frac{5}{6}$ em caminho de longitude.
» » » 4 »	24 leguas e $\frac{3}{4}$ em caminho de latitude e 17,5 leguas em caminho de longitude.
» » » 5 »	31 leguas e $\frac{1}{4}$ em caminho de latitude e 26 leguas e $\frac{1}{6}$ em caminho de longitude.
» » » 6 »	46 leguas e $\frac{1}{2}$ em caminho de latitude e 42,5 leguas em caminho de longitude.
» » » 7 »	87 leguas e $\frac{1}{6}$ em caminho de latitude e 85 leguas em caminho de longitude.

Tal resolveria por meio de compassos, o piloto desse tempo, e já o geometra por meio de triangulos rectangulos, em que um catheto, era o apartamento; o outro, o caminho em latitude; e a hypotenusa, a distancia percorrida pelo navio.

Estes valores acima transcriptos foram depois corrigidos por Pedro Nunes, pois vinham variando entre os mais habéis navegadores de duas gerações, taes como: Vespucci, Faleiro, Duarte Pacheco, João de Lisbôa, Pero Lopes, D. João de Castro e quantos mais!

Senhor do calculo da latitude com relativa approximação, seria para o capitão quinhentista uma notavel lacuna a imperfeição do calculo da longitude, quando tambem se iam fixando nas novas cartas ilhas e continentes, cujas coordenadas mereciam o estudo dos Congressos technicos para resolução das questões diplomaticas attinentes á posse das terras descobertas.

Era, como dissemos, o calculo da longitude mui imperfeito ainda. Baseavam-no os astrônomos no phenomeno dos eclipses do sol, da lua e dos planetas, phenomeno para elles, não tão mysterioso ainda que, quando observado, não os fizesse sorrir das palavras de Dionysio, o Areopagita: "ou o Deus da natureza padece ou a machina do mundo se desfaz".

Calculado quando se daria um eclipse em determinado lugar cujas coordenadas se conheciam, deveria o mareante, no outro lugar em que se achava, tomada a sua latitude pela altura meridiana do sol, ir virando tantos relogios de areia, até que o phenomeno tornado visivel, fosse registado em horas ou em decimos de hora ou em meudos ou minutos nesse lugar; e então, pela differença do tempo em que sabia seria o mesmo notado num e o fôra noutro ponto, avaliar da longitude entre elles.

Era o problema da longitude, entre pilotos, conhecido pelo da altura leste - oeste, e para resolve-lo, surgiram muitos processos sem fins precisos. O de Ruy Faleiro deve ter sido de uso entre portuguezes e espanhóes, a par - alterado ou não - de outros que tambem citam Pigafetta, João de Lisbôa e Caboto, baseando-o na determinação da latitude da lua, considerando a distancia da lua á ecliptica em momentos preestabelecidos, ou o processo das distancias lunares anterior a 1514, usado pelo piloto André de San Martin na armada de Magalhães, no porto do Rio de Janeiro, a 17 de dezembro de 1519, dia em que as suas imperfeitas ephemerides assignalavam a conjuncção da Lua com Jupiter; ou ainda, baseando-o na variação da agulha a partir do "meridiano vero", como nos instrue João de Lisbôa, mas que D. João de Castro veiu a condemnar justamente, demonstrando não coincidirem os meridianos terrestres com as linhas isogonicas.

Tres vezes nos dá Pero Lopes a posição da lua, talvez quando desse elemento se servisse para o calculo das lon-

gitudes: a 23 de novembro de 1531 em "27° de tauro", a 22 de maio de 1532, em "19° de capricornio e a 4 de Agosto de 1532, em "5.° de libra."

Sobre o processo original de Caboto, citado por Harris (John & Sebastian Cabot - pg. 454), sabemos que o mesmo consistia em obter a longitude apoiado no conhecimento da - diferença da declinação - do sol ao meio-dia, em dois pontos; ou melhor, pelo confronto da declinação do sol ao meio-dia, no meridiano de Sevilha, dada pelas taboas espanholas e a que teria o sol ao meio-dia no lugar em que se o observava e cuja longitude se desejava conhecer.

Como a declinação do sol é deduzível da combinação da distancia zenithal desse astro com a latitude do lugar, isto nos leva a crer que a latitude ali fosse predeterminada e até com auxilio da estrella polar, onde visível, pois só assim seria applicavel esse processo; processo aliás, imperfeitissimo, como os outros precitados. Entre os inconvenientes d'elle devemos lembrar: o emprego na observação do sol de instrumentos pesados, como os quadrantes dos espanhóes, em naus de muito balanço e o de não se poderem obter com precisão as declinações do sól em Gemini, em Cancer, em Sagittario e em Capricornio, em cujos signos pouco differem de um dia para o outro.

Gemma Frisio, entretanto, já no anno da partida de Martim Affonso para o Brasil, preconizava, diz o erudito dr. Luciano Pereira da Silva, "o metodo do relógio portatil, regulado pelo tempo do meridiano, a partir do qual" se deviam "contar as longitudes geographicas".

O que se chamava assim, o ponto no mar, sendo precario achado como era, ia exigindo do arguto marinheiro peninsular uma fina observação em meio tão vario, ora para perscrutar o infinito com o instincto de defeza, ora as subtilezas da providencia creadora, em tão esplendido scenario natural.

Marcado o "ponto" na carta, quando lhe permetteria o bom tempo uma observação meridiana do sól, isto é, mar-

cado o - ponto de esquadria - como por tal o chamavam, navegando por agulhas infieis, por portulanos onde as mais das vezes a phantasia andava a par da arbitrariedade de tomar terras de outrem, mareando navios ronceiros e inseguros, como não se haveria de identificar o nauta com a natureza que o cercava? E dahi, por subtil observação ter elle conhecimento de tantos phenomenos singulares no mar: o regime dos ventos ao norte e ao sul do equador; as nuvens prenunciadoras do bom e do mau tempo, correndo a este ou áquelle rumo; a nuvem do aguaceiro que "pintava" no horizonte e a que "furava" a tempo de não lhe fazer mal á nau; tanto o nascer promissor de tempo seguro e o pôr do sol annunciador de mudança, como o nascer e pôr da lua de advertencia ao cuidado e ao somno do bom piloto, sendo que quando este planeta se mostrava no céu deitado, se mandava que em pé andasse o capitão; o fuzilar dos fogos Sant'Elmo nos galopes dos mastros ao que davam tambem pela superstição, divina origem; as correntes maritimas, direcção e força dellas, a que o navio andava sujeito; e muitas e muitas observações peculiares a cada região dos oceanos ou das costas, como esta citada pelo nosso auctor: de que quando o pescado corria com o navio, na altura de Pernambuco, era signal de, nesta costa, estar-se perto de terra, o que certamente a sondagem o ajudaria a affirmar apesar de Pero Lopes dizer: que outro signal não tinha senão aquelle.

Da terra tambem tinham os nautas, por seguro aviso, o apparecimento dos sargaços ou algas conhecidas por mantas de bretão, rabos d'asno, trombas, botelhas, além de destroços trazidos pelas correntes ou pelas vagas. E para se orientarem praticamente, quantas vezes não seguiam com o olhar arguto - talvez como accentuada reminiscencia dos argutos ascendentes arabes - os vôos dos muitos passaros oceanicos: alcatrazes, pardelas e garajaos; tinhosas e rabi-forcados - (respectivamente, em lingua tupi: Guigrateotéo e Caripirá); frades e fradinhos; entenaes, garcinas, milhei-

ras, feijões, gaivotões e gaivotas (em lingua tupi - Guacá); corvetas, milhanos, açores, quagualhas, corvos, márrecas, mangas de velludo, borrelhos e calcamares...

Alargavam assim os marinheiros quinhentistas o que os classicos latinos já citavam como sabedoria dos antigos nautas do Mediterraneo. Plinio, no seu tratado de Historia Natural, livro 18, ensinava que, ao fazerem as ondas rumor no leito do mar tranquillo, se prenunciava a mudança de tempo; Virgilio na Eneida e Lucano na Pharsalia - segundo a Arte de Navegar de Medina - affirmavam: que em mar tranquillo, se se desprendesse delle rumor profundo, havia em tal, prenuncio de grandes ventos; Isidoro, no capitulo 12 da Etymologia, dizia que, quando os delphins iam saltando pelo mar afóra e sobre as ondas, se teria mudança do tempo, vindo o vento da parte donde elles vinham, - signal tambem notado nas costas brasileiras com esses outros habitantes do mar, chamados - botos -; Virgilio, nas Georgicas, observava tambem que os corvos marinhos, deixando as salsas ondas e indo em busca de terra e pouso em seco, advertiam aos marujos de proximo temporal.

Expressão bem alta, ao começo do seculo XVI, desse intimo conhecimento das cousas do mar, era tambem Pero Lopes de Sousa, ao affirmar "por experiencia verdadeira" em pleno Atlantico: "para saberdes se estais de barlavento ou de julavento da ilha de fernão de Ioronha: quando estais de barlavento, vereis muitas aves as mais rabiforcados e alcatrazes pretos; e de julavento, (ou sotavento) vereis mui poucas aves e as que virdes serão alcatrazes brancos: e o mar é mui chão..."

De "experiencia verdadeira", diz Pero Lopes, o que faz advertir a muitos ter anteriormente a esta viagem realizado outra ao Brasil, segundo Varnhagen, em 1527, com Christovam Jaques, ou quando era ainda mancebo, em arniada á sua custa, como argue Gabriel Soares. Só assim se poderia valorizar essa expressão escripta no seu

Diario, para tambem justificar a pratica que revela ao afirmar nas paginas seguintes, os regimes de ventos e correntes no littoral brasileiro, além de outros muitos e interessantes detalhes peculiares á navegação dos nossos mares e do rio Sta. Maria ou da Prata.

Dada esta ligeira synthese dos processos scientificos do nauta das 3 primeiras decadas do seculo XVI, encerremos este capitulo tratando dos 3 typos dos navios da armada de Martim Affonso: a caravela, a nau e o galeão.

Era a caravela - embarcação de origem moura e até no nome o era: caravo a vela. Armava á latina, e tinha muito de certos barcos usados no littoral africano do norte.

De boca para comprimento mantinha a relação de 3:1, e de tonelagem, quando começara a sua aventura em mar largo, deslocava 50 ou 100 toneis, medida cuja unidade correspondia ao volume de um tonel de seis palmos de cumprimento por quatro de diametro.

Descreve assim, o almirante João Braz de Oliveira, (Annaes do Club Naval, Lisbôa 1894), um typo de caravela a "Madre de Deus", valendo-se para este estudo como para o dos demais navios quinhentistas, do Livro das Armadas, do Esmeraldo de Duarte Pacheco, dos desenhos do Visconde de Juromenha e de Benine, do roteiro de D. João de Castro, do mappa de Juan de la Cosa, do livro de Falcão e de outros mappas e livros:

"E' de aspecto grosseiro" - diz o auctor - "e faz lembrar as embarcações de pesca. O casco cingido de cintados, a roda bojando para vante, o capello saliente e recurvado, corrido de convés, e sómente a popa de painel acestellado em dois pavimentos, o mais alto dos quaes - o chapitéo, rasgado de vigias - tudo, não parece indicar fosse bom veleiro. Attentando porem no apparelho, percebe-se que ella se devia chegar para barlavento. A meio, em alto mastro levemente inclinado

para vante cruza uma enorme verga latina, cujo carro se debruça sobre a bórda, e a vela, de grande aluamento, vem caçar perto das alhetas. No chapitéo, um mastro pequeno desfralda um latino mais modesto, e o punho vae a beijar o lais do botoló. Leva pela pôpa atoadado um batel maneiro, e da roda para a verga, e no tope do mastro grande umas bandeiras tremolando”.

Pelas descrições antigas desses barcos, sabemos que o fundo era de linhas mais delgadas do que o das náos; a casa mestra um pouco avante da meia quilha.

Dos mastros, só o maior tinha a carlinga no porão, e a primeira tilha com muito tozamento não excedia, em altura, sete palmos. Igual dimensão era a do lado da escotilha, para por elle entrar o tonel da aguada.

Assim seria a caravela primitiva, porque a outra, quando foi necessario nella se ter mais espaço para a carga do marfim, das especiarias e sobretudo para o trafico dos escravos, se fez maior, de tres a quatro mastros, typo a que talvez ainda não pertencessem as duas caravelas Rosa e Princeza, da armada de Martim Affonso.

Era a caravela “construida de carvalho, de pinho e de algumas taboas de sobro, pregada a cobre e raramente a ferro.” Para se lutar nella contra o mau tempo não era facil a manobra dos latinos, não obstante as vergas arriarem e poder-se-lhe modificar o velame envergando nos mastros velas triangulares. Eram esses navios mais maneaveis na capa rigorosa que na corrida com o tempo.

Sobre a - nau -, diz o citado auctor:

“Imaginae o casco de uma grande caravela em que a prôa fosse alterosa e acastellada, adornada de um curto beque recurvado, e a linha da borda em curvas caprichosas, segundo os pavimentos; ou melhor

ainda: escolhei um dos bojudos cascos dos pontões reforçados por prodigos de madeira, acastellae a prôa e a popa, dando ás obras um grande amassamento, e tereis o aspecto sombrio e alteroso das nossas primitivas náos de carreira da India. Cresceram estas de 100 a 120 toneis a 890 e guardaram a mesma relação de comprimento para boca, isto é, 3:1.

Era geralmente a nao portugueza de 2 cobertas: a primeira, corrida de ré a vante, abrigava o porão da carga, os toneis da aguada; paiões dos mantimentos, dos cabos, do panno, da polvora e artificios de fogo então em voga na marinha; a segunda, constituindo á prôa a pavimento do castello, formava a ré a tolda do capitão cobrindo a alcaçova dos bombardeiros, e na popa, em outro pavimento avultava o chapitéo, que servia de alojamento ao commandante. Agasalhados para a gente, não os havia. Dormiam os marujos e demais gente pela tolda e convez, á chuva e ao vento, e só o mestre e o piloto, em acanhados camarotes, gosavam o invejado privilegio de casa propria. No cadaste da pôpa de painel sobresahia o leme, e, por cima, um modesto varandim iniciava os jardins e varandas das orgulhosas náos dos seculos posteriores. Armavam tres mastros: o do traquete, no castello; o grande, a meio, ambos inteiriços; e o da gavea, cruzando vergas redondas de traquetes de gavea e papafigos; e no chapitéu arvorava a mezena, e pela prôa muito arrufado saia o gurupez da cevadeira. Ao cesto de gavea era o nome bem cabido; dentro delles se ferravam os traquetes, velas então sem importancia.

As velas mestras amainavam sobre a bórda e para lhes augmentar ou diminuir a superficie cosiam ás esteiras as "monetas", onde estavam pintados leitreiros piedosos, - Ave-Maria, Ave-Maris Stella,

In hoc signo vinces, ou só as iniciaes P. N. A. M. G. P. (Padre Nosso, Ave Maria, Gloria Patri) para não haver enganos no envergar das velas”.

Sobre o - Galeão - diz ainda o mesmo auctor :

“Quando a nau cresceu de tonelagem para trazer ao reino grande carga; quando a tactica naval requereu augmentar o numero de peças em bateria no costado, foi por essa epoca que appareceu o galeão. Era quasi sempre de duas cobertas, e armado á proa de esporão differente do da galé, porque saia á altura do convez, mais saliente de que o beque, o qual era o prolongamento do castello. Variava o galeão desde os 100 toneis como o - Piedade - até aos 1.000, como o S. João Baptista, o Botafogo.

Os de maior tonelagem apparelhavam como as naus; os maiores traziam quatro mastros: os dois de vante, redondos, e os de ré, latinos.

Tendo crescido a mastreação, não havia antenas que dessem os mastros inteiriços; assim appareceram os mastaréis da gavea e do joanete, passaram os traquetes da gavea a ser gaveas e panno de reger, e já em alguns se vê verga de joanete, principalmente no mastro grande.

O mastro da mezena tinha “gaf-top” de verga. Era uma véla latina parecida com a que no mastro se enfunava. A contra mezena ia caçar ao botoló. A’ prôa havia gurupez e cevadeira.

Galeão - foi nome generico dos navios que os hespanhóes mandavam ás Indias Occidentaes, sendo notavel entre todos o galeão de Acapulco pelas riquissimas cargas que trazia. Em Portugal tambem assim se chamou á grande nave de carreira da India, mas mais propriamente designava a nau grossa fórtemente artilhada e construida para a guerra.

Já em 1531 encontramos o - S. Matheus - de vinte e duas peças, como capitanea da frota de D. Nuno da Cunha, bombardeando Diu, depois muitos outros na jornada de Tunis, na armada de D. Alvaro e doze dos maiores, de que era capitanea - S. Diniz - com que a 17 de outubro de 1546 D. João de Castro largou de Gôa em socorro a Diu. Na Invencível Armada ainda figuram os galeões portuguezes, e o - S. Martinho - e o S. Matheus - eram dos melhores que andavam sobre as ondas”.

Trazia a armada de Martim Affonso o galeão S. Vicente, alteroso e forte e que foi, dos navios o unico que partindo com a citada armada de Portugal, veiu a completar o cyclo da expedição.

Convem accrescentar: serem os navios dos seculos XV e XVI “de pessimo governo, lentos e pesados na manobra, quasi semi-cylindricos por baixo, de excessivo balancear e de pouca segurança”; e ainda, segundo Pero Lopes no Diario, que as naus da expedição de 1530, o galeão Sam Vicente de construcção portugueza e a nau N.^a Senhora das Candêas construida na França e tomada aos francezes na costa de Pernambuco, “eram grandes de bolina” por navegarem bem com vento aberto de sete quartas, e pouco abatimento.

Sobre o armamento dos navios de guerra do seculo XVI, vale a pena dizer-se, se bem que ligeiramente, o que ensina o mesmo Almirante João Braz de Oliveira, dando-o como sujeito á grande influencia dos armeiros allemães.

Do armamento individual do homem d’armas, em 1530, deve-se citar a “cellada de ferro italiana, de que dá idéa o chapeu-sueste do nosso marinheiro”. A esse chapeu se adaptaram depois “o barbote e o gorjal”, completando a ligação do “capacete e do arnez”. Na abordagem era essa defeza de subido valor, como no desembarque a espada, o

pique ou a lança, o chuço, a bésta, as rodellas e engenhos diversos.

Do armamento portatil de fogo já se poderia tambem citar o arcabuz; e do armamento do navio, “a bombardas em reparo fixo, guarnecendo as amuradas, como as espheras e as columbrinas, e nos castellos, berços, aguias, leões, cães, serpes, basiliscos, roqueiras, sacres e falcões...” Os falconetes, as bombardas, “os passa - volantes ou pedreiros”, “eram o armamento mais commum no que concernia ao poder offensivo de um navio de guerra”. Em geral já atiravam bala de ferro ou de chumbo, e as roqueiras sómente pelouro de pedra.

E’ provavel que a esse tempo, ou mais certamente em 1536, referem varios auctores, houvesse o emprego de balas explosivas, e nas abordagens, o uso de se atirarem das gaveas - além dos zargunchos e gorguzes antigos - “as panellas de polvora” para destruição pelo incendio das naus combatentes.

Para atracarem-se as naus na abordagem, lançavam os arpéos e para defesa dellas, passavam a xareta - rêde contra o assalto, tomando a bórda de todo o navio - ao qual tambem protegiam, contra tiros de artilheria e outros choques, bandedando parte das obras mortas com cintas de couro pelo costado, com pavezes e arrombadas.

E assim se preparariam para a offensiva ou a defensiva naval, nesses tres typos de navio, os marinheiros e homens d’armas da expedição de 1530, cuja copia do Diario da navegação traçado por Pero Lopes de Sousa passaremos de agora em diante, linha a linha, a estudar, já que assim o quiz a generosa indicação do mestre.

DIARIO DA NAVEGAÇÃO
DE
PERO LOPES DE SOUSA
(de 1530 a 1532)

(5ª. edição)

Commentario ao texto do codice: do cap. II
(mappa 1) ao cap. VII (mappa 11.)

Na qual Caim q fez p^o do p^o de sonja no b^o de Cebai
 qm^o do Co fca do b^o de Cebai qm^o do b^o de Cebai
 e em n^o 1 a p^o de sonja qm^o do b^o de Cebai
 Caim no Caim de 1530

Na era de mil e quinhentos e xxx, sabado 14 dias do mes de dezembro
 Parti desta cidade de heboa de baixo da capitania de marim r^o de fousa meu
 irmão q^o ia por capitam de buá armada e governador da r^o do brasil
 e vento leste fui fora da barra fazendo caminho do sudoeste,

domingo quatro do dito mes no quarto da lva se nos fez o vento norte
 e o vento fizemos o mesmo caminho do sudoeste

segunda p^o 6 do dito mes ao meio dia tomei o sol em 22^o 1/2 graus
 e o vento demorou me ocabo de san vicente a leste e a quarta do norte
 deste

a p^o 7 de dezembro ao meio dia tomei o sol em 31^o 5/8 graus e com
 vento norte ~~meu~~ fazia o caminho do sudoeste e a quarta do
 sul na nao capitana fennamos muito trabalho por q^o no governada
 e no levamos mais vela q^o ho traquer e mezena

a p^o 8 de dezembro ao meio dia tomei o sol em 37^o graus fazia
 ho caminho do sudoeste

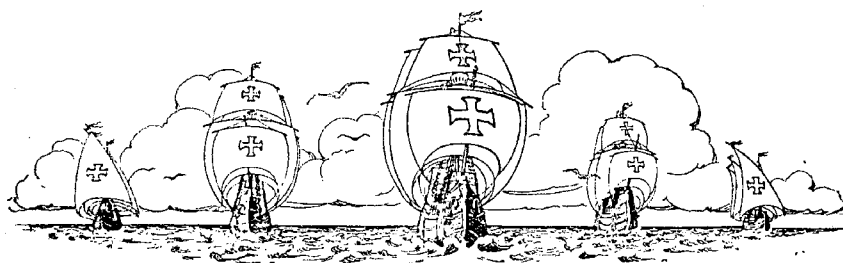
quinta p^o 11 de dezembro se passou o vento ao norte e a quarta do
 com muita forza e ~~meu~~ grande mar ~~por se~~ ~~meu~~ ~~de~~
 fennamos muito ~~trabalho~~ ~~de~~ ~~meu~~ ~~de~~ este dia no
 tomei o sol faziamos em 31^o graus e hu terco demorou me ocabo de
 san vicente ao norte deste e a ilha da mad^o ~~me demorou~~ ao norte
 este e a quarta da leste faziamos desta vinda cinco legoas

sexta p^o nove dias de dezembro as tres oras depois de meio dia vixi
 vista da r^o e chegando nos mais a ella Reconhecemos a ilha de te



A era de 1530, sabado 3 dias do mes de dezembro, parti desta cidade de Lisboa, debaixo da capitania de Martim Affonso de Sousa, meu irmão, que ia por capitam de uma armada (1) e governador da terra do Brasil: com vento leste saí fóra da barra, fazendo caminho do sudoeste.

Cap. II
Mappa - 1



**LISBÓA - CANARIAS
- ILHAS DE CABO VERDE**

Da navegação praticada pelos pilotos quinhentistas de Portugal ao demandarem a America do Sul - o que vale a dizer, a costa brasileira - foi-se tornando classica uma derrota, pelo conhecimento apurado de pontos geographicos diversos, das correntes ou rilheiros, das monções que cursam os mares atlanticos, das calmas e contrastes que os salteavam em regiões equatoriaes, dos escolhos e baixios a evitar. Assim, partindo das praias lusitanas com os seus regimentos e cartas de marear ou portulanos da epoca, traziam nestes por pontos geographicos mais estimados: o cabo de Sam Vicente, a ilha da Madeira, as Canarias, as ilhas de Cabo Verde; e,

Cap. II
Mappa - 1

Domingo 4 do dito mes no quarto d'alva se nos fez o vento norte, e com elle fizemos o mesmo caminho do sudoeste.

Segunda-feira 5 do dito mes ao meo dia tomei o sol em trinta e seis graos e dous terços: demorava-me o cabo de Sam Vicente a leste e a quarta do nordeste.

Terça-feira 6 de dezembro ao meo dia tomei o sol em trinta e cinco graos e hum quarto: com vento norte mui forçoso fazia o caminho do sudoeste e a quarta do sul. Na nao Capitaina sentiamos muito trabalho porque nam governava; e não levamos mais vela que o traquete e mezena.

Quarta-feira 7 do dito mes ao meo dia tomei o sol em trinta e quatro graos: fazia o caminho do sudoeste.

Quinta-feira 8 do dito mes se passou o vento ao nornordeste e ventou com muita força, e trazia grande mar por ló: a nao ia tam má de governo;



na costa africana, principalmente, os cabos Bojador, Barbas, Branco, Verde e Roxo.

Buscavam, em geral, como primeiro ponto de referencia em pleno oceano, a ilha da Madeira, ou então, navegando sem dar vista della, o archipelago das Canarias.

Tal fez a armada de Martim Affonso, na confiança de favoraveis monções nos dois hemispherios, ao largar para a sua viagem ao Brasil aos 3 de dezembro de 1530, e ao rumar fóra da barra de Lisbôa, ao sudoeste com tendencia ao sul.

corriamos muito risco de nos quebrar os mastros. Este dia nam tomei o sol: fazia-me em trinta e hum graos e hum terço. Demorava-me o cabo de Sam Vicente ao nornordeste; e a ilha da Madeira me demorava ao noroeste e a quarta d'aloeste: fazia-me della vinte e cinco leguas.

Sesta-feira 9 dias de dezembro ás tres horas depois de meo dia houve vista da terra; e chegando-nos mais a ella, reconhecemos ser a ilha de Tenarife. Como foi noite tiramos as monetas; e pairamos a noite toda até o quarto d'alva, que nos fizemos á vela.

Sabado 10 dias do dito mes ás quatro horas depois do meo dia surgimos no porto da ilha da



Se bem que a bom caminho, não vem ella a ter, parece, como bom ponto calculado o que lhe dava Pero Lopes ao meio dia de 8 de dezembro: ilha da Madeira por NO40, na distancia de 25 leguas ou cerca de 90 milhas, e cabo de Sam Vicente, ao N N E.

Navegava a não avistar a referida ilha e, no dia 9, já estando com as Canarias (a de Tenarife primeiro) - vinha a surgir em ancoradouro da isla Gomera ou ilha da Gomeira, para latitude de cujo porto dava 28.º 15' norte, ou com dez minutos a mais dos que devera dar.

Vencendo a distancia entre Lisbôa e estas ilhas em seis para sete dias, não se mostraram os seus navios nesta travessia, melhores veleiros que os de Fernão de Magalhães,

G o m e i r a . Em terra tomei o sol em vinte e oito graos e hum quarto: ali corregemos o leme.

Terça-feira 13 de dezembro no quarto d'alva nos fizemos á vela com vento nordeste: faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste.

Quarta-feira 14 do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e seis graos e hum quarto: demorava-me o cabo do Bojador a leste e a quarta do nordeste: faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste.

Quinta-feira 15 de dezembro ao meo dia tomei o sol em vinte e quatro graos e meo: o vento saltou a lesnordeste brando.

Sesta-feira 16 do dito mes no quarto d'alva se passou o vento ao sudoeste; e com elle barlaventamos até á noite, que ficou o vento em calma.



os quaes haviam coberto a distancia entre Sam Lucar e Tenarife ou Tenerife, em 5 dias, folgadamente, onze annos antes.

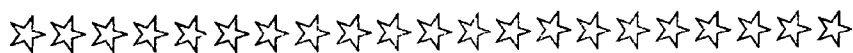
Até então, as derrotas das naus para a India, por essas paragens, em epoca da favoravel monção, pouco variavam; mais tarde, porém, os navegadores prefeririam passar ao oeste da ilha das Palmas, dez ou doze leguas, para depois, governando no quadrante do sudoeste até 24 a 26.º de latitude, segundo Pimentel, guinar ao sul até 14.º de latitude, e assim com passagem entre a costa africana e as ilhas de Cabo Verde.

Eram as Canarias então as preferidas para as pescarias antes dos navios emprehenderem os seus maiores

Sabado 17 do dito mes andamos o dia todo em calma.

Domingo 18 do dito mes, dia de Nossa Senhora ante Natal, andamos em calma sem ventar bafo de vento; senão grande vaga de mar, que vinha do sudoeste; e os ceos corriam muito tesos do mesmo rumo.

Segunda-feira 19 do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e tres quartos: demorava-me o cabo das Barbas a leste, e por fazer grande abatimento com o mar mui grosso, que me rolava para a terra, me fazia do dito cabo vinte leguas. Lancei o prumo ao mar e tomei fundo com cincoenta e cinco braças. De noite me ventou hum pouco de vento norte.



e penosos cruzeiros no Atlantico. Mas, apesar de Martim Affonso nellas ter demora de tres dias incompletos, de trazer para o respectivo feitor dellas como para os corregedores das do Cabo Verde (Varnhagen - Doc. Torre do Tombo - Hist. do Brasil) e outros pontos de escala, um alvará datado de 25 de novembro de 1530 e assignado pela rainha D. Catharina, na ausencia de D. João III, para o soccórrem com o dinheiro e os mantimentos necessarios, não nos fala o Diario de qualquer auxilio solicitado na ilha da Gomeira pelo capitão mór da Armada. (Hist. Col. Port. Vol. III, pg. 125).

Dia 13 de dezembro, partiu do porto desta ilha, e a 14, com feliz ponto estimado, já passava a armada, no hemispherio do norte, o linde septentrional dos aliseos do

Terça-feira 20 dias de dezembro ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e um quarto; e o vento começou a refrescar do norte, e com elle faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta do sul. Demorava-me o c a b o B r a n c o a lessueste: fazia-me delle vinte e cinco leguas. Huma hora de sol houvemos vista de duas velas e as fomos demandar: e era hũa caravela e hum navio que vinham de pescaria, e por elles escrevemos a P o r t u g a l.

Quarta-feira 21 do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte graos e hum terço: com vento nordeste de totalas velas faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta do sul: demorava-me o c a b o B r a n c o a leste e a quarta do nordeste.



nordeste. A corrente que ainda ahi corre ao sul o ajudaria, pois só esta vem a inflectir para o sueste em montando as ilhas do Cabo - Verde, mais accentuadamente, o cabo Roxo - para depois avançar ao leste já no golfo da Guiné e, assim, em contraste, neste ponto, com a outra corrente - a equatorial - que nessas paragens se pronuncia.

Dia 19 de dezembro tinha a armada o c a b o d a s B a r b a s, pelo Diario, a 20 leguas ou a cerca de 72 milhas ao leste, e mar grosso atirando-a para a costa africana.

Dia 20, continuando com o rumo no quadrante de sudoeste da sua agulha, não traria Pero Lopes mau ponto, suppondo ter o c a b o B r a n c o ao ESE e a cerca de

Quinta-feira 22 do dito mes ao meo dia tomei o sol em desoito graos e tres quartos: demorava-me o c a b o B r a n c o ao nordeste e a quarta de leste: fazia-me delle cincoenta e cinco leguas.

Sesta-feira 23 do dito mes tomei o sol em desesete graos e dous terços; e desde o meo dia fizemos o caminho ao sudoeste e quarta de loeste. Como foi noite governamos ao essudoeste. (2)

Sabado 24 do dito mez tomei o sol em quinze graos; e fazia o mesmo caminho d'oessudoeste. E em se pondo o sol vimos terra ao sudoeste e a quarta d'oeste: seriamos della oito leguas. Como foi noite pairamos até o quarto d'alva, que nos fizemos á vela. E como foi de dia reconhecemos ser a ilha do Sal.



90 milhas, como no dia 21, o mesmo cabo ao E 4 N E, após navegação de cincoenta e cinco milhas, no mesmo rumo.

Já haviam de vespera cruzado com uma caravela e outro navio que "vinham de pescaria"; e, "por elles", diz Pero Lopes, "escrevemos a Portugal".

Descahindo ainda a armada bastante para a costa da Africa, contra isto se precavinha o capitão mór, mandando governar ao oessudoeste da agulha.

Dia 25, dia da celebração do natal de Jesus-Christo, deu a armada vista, no quarto d'alva, do archipelago do Cabo - Verde: primeiro, a ilha do Sal, a cujo leste passou seguindo ao sul até dar com a ilha da Boa - Vista e já safo dos baixos que deixava ao lessueste. Como houvesse cerração, seguiu por d'avante da Capi-

Domingo 25 de dezembro, dia de Natal, pela manhã fizemos o caminho do sul até á noite, que fomos com a ilha de Boa Vista: por resguardo do baixo, que nos demorava a lessueste, fizemos o caminho do sul. E como foi noite mandou o capitão I. (*) a Baltazar Gonçalves, capitão da caravela Princeza que fosse diante, e levasse o farol; e assim fomos até pela manhã.

Segunda-feira 26 do dito mez estavam pegados com a ilha de Maio: a caravela Princeza não apparecia, nem da gavia. Indo demandar o porto da ilha de Santiago, veio húa cerção que na nao nam nos viamos uns aos outros. Por nam poder fazer caminho pairamos a noite toda.



taina ou Capitanea, a caravela Princeza com o pharol: a 26, estavam todos pegados com a ilha de Maio. No mesmo dia, houve tambem o desgarrro desta caravela.

Ao norte desta ilha passou a nau capitanea a demandar a ilha de Santiago, perto da qual se achava a 27, e aonde após soffrer norte rijo que varreu o nevoeiro, lhe repontou o vento ao sueste.

Teve assim impedida a sua navegação, contra tal vento, para buscar o desejado porto da Ribeira - Grande, ao sussudoeste da ilha. Barlaventearam os navios todo o dia, e descahiram, parece, para a ilha do Fogo. Soprou vento do norte novamente, e com tão feliz acaso

Terça-feira 27 do dito mes pela manhã estavam hum tiro de abombarda de terra da ilha de Santiago, da banda do norte; e o vento começou a ventar norte mui rijo, e alimpou a nevoa. Indo para tomar o porto da Ribeira Grande saltou o vento de supito ao sueste, que nos era mui contrario; e assim barlaventeamos o dia todo sem poder cobrar nada. A noite passada da cerração se apartou de nós a nao S. Miguel, de que era capitam Heitor de Sousa.

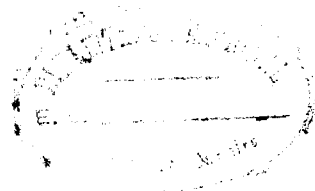


vieram a Capitanea, o galeão Sam Vicente e a caravela Rosa a fundear, ao meio dia, no porto da Praia, ao sussueste da citada ilha de Santiago.

Nesse porto encontraram “hũa nao de duzentos toneis e hũa chalupa de Castelhanos” de viagem tratada para o rio de Maranhão. Foi o capitão mór de parecer contrario a essa viagem, com declarar ficar este rio dentro na demarcação portugueza, asserção que commentaremos em outro capitulo.

A 29, buscavam estes navios da armada, passando á vista do littoral do sul desta ilha, o surgidouro da Ribeira - Grande, onde se lhes vieram juntar a caravela Princeza e a nau S. Miguel, desgarradas a primeira, em 26, e a segunda, na vespera.

Tomaram abastecimento neste porto e receberam 300 cruzados, conforme á solicitação feita ao corregedor das citadas ilhas, assignada por Manuel d'Alpoim, escrivão da armada; ao recibo passado por Heitor d'Almada, feitor, a favor de Rodrigo d'Alvarez d'Obidos, almoxarife de villa da Ribeira Grande; e ao documento de Gaspar Vi-



Quarta-feira 28 do mes de dezembro pela manhã nos acalmou o vento hum tiro de falcam da terra; e o mar andava tam grosso, que se nos nam ventara hum pouco de vento norte fomos de todo perdidos; porque o mar nos rolava para terra, e nam podiamos surgir; porque o fundo era de pedra: este dia ao meo dia fomos a surgir na P r a i a. (3) Aqui achamos hũa nao de duzentos toneis, e hũa chalupa de Castelhanos; e em chegando nos disseram como iam ao R i o de M a r a n h ã o: e o capitam I. lhe mandou requerer que elles nam fossem ao dito rio; porquanto era de el-rei nosso senhor e dentro da sua demarcação.

Quinta-feira 29 do dito mes pela manhã demos á vela, e fomos surgir a R i b e i r a G r a n d e onde achamos a caravela Princeza: aqui neste porto tomei o sol em quinze grãos e hum sesmo (4). Aqui veo dar o navio S. Miguel commosco. Nesta ilha estivemos tomando cousas necessarias para a viagem até terça-feira 3 dias de janeiro de 1531.



deira ordenando ao citado almoxarife a entrega do dinheiro, de accordo com o alvará real ao feitor da expedição, Heitor d'Almada. (Hist. Col. Port. J. de Freitas - Vol. III pg. 137).

Pero Lopes no Diario nos relata ter achado para latitude deste porto 15.º 10' norte, e, portanto, com cerca de 16 minutos de excesso sobre a latitude verdadeira.

Fizemo-nos á vela em se cerrando a noite com muito vento nordeste: o galeam S. Vicente perdeu duas ancoras em se fazendo á vela: e a caravela Princeza hũa; porque o surgidouro deste porto é todo sujo. Como saíu a lua se fez o vento lesnordeste, e ventou com tanta força que nem podiamos com a vela. Indo assi correndo com gram mar deu a nao hũa guinada, e em preparando de ló nos arreventou o mastro do traquete pelos tamboretas, de que sentimos muita fortuna; e amainamos a vela; e fomos correndo ao som do mar até que foi de dia.

Cap. II
Mappa 1

Quarta-feira 4 de janeiro ao meo dia fez-se o tempo em mais bonança, e abaxamos o masto hum covado, puzemos-lhes hũas emmes (5) e com arrataduras o corregemos o melhor que pudemos.

Quinta-feira 5 do dito mes o vento era muito mais forte do que o dia dantes: faziamos o caminho do sul e da quarta do sueste.



ILHAS DE CABO VERDE -
- CABO DE S.^{TO} AGOSTINHO

A 3 de janeiro de 1531, da ilha de S. Tiago, partiam os navios no proseguimento da commissão. Contrastes de tempo vieram a ter no mar: soffreram avarias que repararam, aproveitando-se de calmas que succederam a tempo incerto e contrario.

Cap. II
Mappa 1

Dias 7, 8 e 9 de janeiro, - referida a derrota ás cartas de hoje - entre os meridianos 25.º e 20.º W. de Grw., e rumando pela sua agulha entre o sueste, e o sul mais constantemente, veiu a armada a ter, crêmos, optimo

Sesta-feira 6 do dito mes o vento e o mar eram mais bonança; e gastamos o dia todo em correr o masto.

Sabado 7 do dito mes ao meo dia tomei o sol em oito graos e meo: demorava-me o *c a b o V e r d e* ao nordeste, e tomava da quarta do norte: demorava-me o *c a b o R o x o* a lesnordeste: fazia-me delle cento e quinze leguas: faziamos o caminho do sulsueste.

Domingo 8 do dito mes o vento norte bonança fazia-me o mesmo caminho do sulsueste.

Segunda-feira 9 do dito mes ao meo dia tomei o sol em cinco graos e meo: demorava-me o *c a b o R o x o* ao nordeste: fazia-me delle cento e cincoenta leguas: demorava-me a *S e r r a L e o a* a leste e a quarta do nordeste: fazia-me della cento e setenta e seis leguas. Faziamos o caminho ao sulsueste. Neste dia nos morreu um homem, que traziamos da ilha de *S a n t i a g o*.



ponto, com assignalar o *c a b o R o x o* ao nordeste e a 150 leguas ou cerca de 540 milhas, e a *S e r r a - L e o a* ao leste quarta do nordeste e a 176 leguas ou a cerca de 635 milhas - dando-se á legua maritima valor médio de tres milhas e seis decimos, - ou mais, se 4', - segundo os Reinel. Marcavam por latitude sua, nesse dia nove: 5° e 30' norte.

Quando passava nas regiões das calmas veiu logo a armada a soffrer trovoadas, aguaceiros, calmaria pôdre ou pesada alternada com golpes dos ventos contrarios.

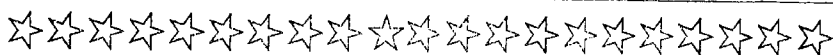
Nesta paragem até encontrar o aliseo do sueste, veiu até o dia 18, quando rumou ao sudoeste quarta do oeste da

Terça-feira 10 do dito mes pela manhã nos deu hũa trovoadã com muito vento e agua, que nos fez amainar as velas. O dia todo estivemos sem vento até o quarto da modorra, que se fez o vento nordeste; e com elle nos fizemos á vela.

Quarta-feira 11 do dito mez nos deram muitas trovoadas; e de noite no quarto da prima nos deu hũa trovoadã do sueste, e outra do nordeste, com muito vento e agua e relampados.

Quinta-feira 12 do mes de janeiro se fez o vento leste, e com elle fizemos o caminho do sul.

Sesta-feira 13 do dito mes todo dia nos choveu. Com o vento norte faziamos o caminho do sul. Como se nos o sol pôz, acalmou o vento; e estivemos toda a noite em calma.



agulha, suppondo a este rumo estar o cabo de Santo Agostinho, na costa brasileira, e ter por latitude da armada, nesse dia, 30 minutos norte.

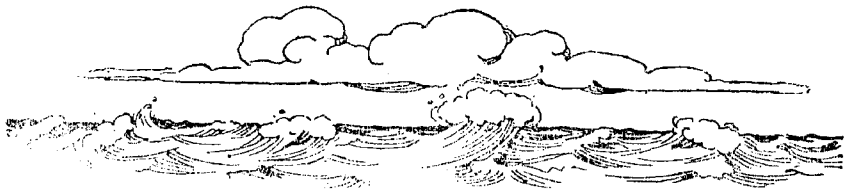
Já havia esta passado de 17 para 18 o penedo de sam pedro ou os penedos de São Pedro e São Paulo, sem avista-los, penedos pelos Reinel dados num unico a 1.º e 30' n. quando a latitude delles, exacta, deverá ser 55' - 30" norte. Dia 19, abrindo desde 18 já francamente a armada as suas velas ao aliseo do sueste do nosso hemispherio, a favor do "siroco" dos antigos, achava-o Pero Lopes escasso para com elle dobrar-se o cabo de Sto. Agostinho, certamente por encontrarem nos portulanos portuguezes desse tempo avançada a costa brasileira entre o cabo de Sto. Agostinho e o extremo sul do continente já conhecido,

Sabado 14 do dito mes tomei o sol em tres graos e tres quartos: este dia todo não ventou; senam choveu muita agua, e fazia tam grande calma, que nam se podia suportar.

Domingo 15 do dito mes tomei o sol em dous graos e dous terços.

Segunda-feira 16 do dito mes se fez o vento sudoeste, e com elle faziamos o caminho do sueste; e no quarto da prima nos deu hũa trovoadá, com gram força de vento, que nos fez amainar de romania as velas.

Terça-feira 17 do dito mes tornou a ventar o vento de oestesudoeste, e ao meo dia tornei a tomar o sol em hum grao e meo.



- na opinião de um cosmographo como Alonso de Sta. Cruz
- de mais quatro graus ao leste do que devera ser. A corrente equatorial ahí já os abatia sensivelmente para o oeste.

Dia 23, dá-nos Pero Lopes o seu ponto no portulano, tendo por sudoeste e a dezoito leguas ou a cerca de sessenta e cinco milhas a ilha de fernão de lronha (Fernando de Noronha), e a cem leguas ou a cerca de 360 milhas, ao mesmo rumo, o cabo de Santo Agostinho. Este cabo, os Reinel davam como cabo fremoso e a 10 milhas mais ao sul da exacta posição e. aquella ilha, 30 milhas mais ao norte do que se devera assignalar.

Sabemos cursar a corrente equatorial até certa latitude para oesnoroste logo que se desvia da costa d'Africa e,

Quarta-feira 18 do dito mes tomei o sol em meo grao: e o vento se fez sueste, e com elle faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta d'oeste; e demorava-me o cabo de Santo Agostinho (6) ao sudoeste e a quarta d'oeste.

Quinta-feira 19 do dito mes tomei o sol em dous terços de grao, da banda do sul.

Sesta-feira 20 do dito mes, tomei o sol em tres quartos de grao: o vento era sueste, que nos era escasso para dobrarmos o cabo de Santo Agostinho. As aguas nesta paragem correm a loeste com muita força.

Sabado 21 do dito mes tomei o sol em hum grao e tres quartos.

A Ilha de Fernão de Loronha (7) me demorava ao sudoeste e a quarta d'oeste; o cabo de Santo Agostinho ao sudoeste. O vento nos era mui escasso, de que sentiamos muito trabalho.



depois ao oeste, mas sempre ao sul do equador, para indo no parallelo e ao largo do cabo de Sam Roque se bifurcar em ramos ascendente e descendente. Assim, deveriam referir-se á corrente equatorial as seguintes palavras do Diario: "Nesta paragem correm as aguas a loesnoroste: em certos tempos correm mais: sc. desde Março até Outubro correm com mais furia. He por estas correntes fazerem os abatimentos incertos que muitas vezes se dam duas quartas de abatimento e abatem os navios quatro."

Anterior referencia seria feita por Pero Lopes á mes-

Domingo 22 do dito mes, tomei o sol em dous graos: demorava-me a ilha de Fernão de Loronha ao sudoeste e a quarta d'oeste: fazia-me della quarenta e cinco leguas. No quarto da prima se nos fez o vento lessueste.

Segunda-feira 23 de Janeiro ao meo dia tomei o sol em tres graos e um quarto: demorava-me a ilha de Fernão de Loronha ao sudoeste: fazia-me d'ella desoito leguas. O cabo de santo Agostinho me demorava ao sudoeste: fazia-me delle cem leguas.

Terça-feira (8) ao meo dia tomei o sol em quatro graos e hum quarto. N'esta paragem correm as aguas a loesnoroeste: em certos tempos correm mais; sc. desde Março até Outubro correm com mais furia. He por estas correntes fazerem os abatimentos incertos que muitas vezes se dam



ma corrente ainda, quando a vem dar o Diario com direcção ao oeste ou "aloeste com muita força", no dia 20. Estava nesse dia a armada mais ao leste.

Soffreria depois, tambem parece, a armada de Martin Affonso menor influencia do ramo descendente ou - ca corrente brasileira - notada hoje de 120 a 150 milhas cursando os mares atlanticos, ao largo desse littoral. A direcção que esta mantem parallela á costa, por tal fórma se assignala de setembro a fevereiro e não de fevereiro a setembro, senão a partir dos 20 graus de latitude sul.

duas quartas de abatimento, e abatem os navios quatro. Assi que n'esta paragem a pilotagem he incerta: por experiencia verdadeira, para saberdes se estais de barlavento ou de julavento da ilha de Fernão de Loronha, quando estais de barlavento vereis muitas aves as mais rabiforcados e alcatrazes pretós; e de julavento vereis mui poucas aves, e as que virdes serão alcatrazes brancos. E o mar é mui chão.

Quarta-feira 25 de janeiro ao meo dia tomei o sol em cinco graos e hum terço. Com o vento lessueste faziamos o caminho de lessudoeste (9).

Quinta-feira 26 do dito mes tomei o sol em cinco graos e meo. Faziamos o caminho de sulsudoeste.

Sesta-feira 27 do dito mes tomei o sol em sete graos e meo: e desde meio dia arribamos duas quartas: e fazia o caminho do sudoeste.



Entre 23 e 24 de janeiro passaria a armada ao largo da ilha de Fernão de Loronha - que os Reinel davam mais 30 milhas ao norte da exacta posição — em paragem, diz Pero Lopes, de pilotagem incerta, mas cujos mares este capitão conhecia “por experiencia verdadeira”, uma vez que no seu Diario ensina: “para saberdes se estais de barlavento ou de julavento da ilha de Fernão de Loronha: quando estais de barlavento vereis muitas aves, as mais rabiforcados e alcatrazes pretos; e de julavento (ou sotavento) vereis mui poucas aves, e as que virdes serão alcatrazes brancos. E o mar é mui chão”.

Sabado tomei o sol em oito graos e meio; faziamos o caminho a loeste e a quarta do sudoeste. E desde o quarto da prima governamos a este (10).

Domingo 29 do dito mes tomei o sol em nove graos. Faziamos o caminho a loeste, com vento leste.

Segunda-feira 30 dias do mes de janeiro tomei o sol: e estava na altura do c a b o d e s a n t o A g o s t i n h o; e iamol-o a demandar pelo rumo d'aloeste. Este dia não correo pescado nenhum comnosco, que he signal nesta costa d'estar perto de terra; e outro nenhum nam tem senam este.

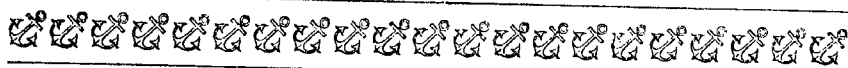
Terça-feira 31 do dito mes no quarto d'alva vimos terra, que nos demorava a loeste: chegando-nos mais a ella houemos vista de húa nao (11); e demos as velas todas, e a fomos demandar: e mandou o capitam I. dous navios na volta do nor-



Amarada a ponto de sentir maiores effeitos da corrente brasileira não vinha demais a armada, mas vinha sujeita já ao contraste da outra corrente, dessa que entre o cabo de Sam Roque e Pernambuco, entre a corrente brasileira e a costa, ahí se pronuncia com as aguas a se moverem aos caprichos dos ventos. Correm estas para o norte ou para o noroeste com a monção do sueste, e para o sul ou para o sudoeste com a monção do nordeste, e mostrando velocidade tanto maior quanto mais proximas da costa e menos profundas.

Ao demandar-se Pernambuco, sente-se cursar a corrente muitas vezes com velocidade de 50 a 60 milhas, em 24 horas.

te, — na volta em que a não ia, e outros dous na volta do sul: a nao como se vio cercada arribou a terra, e mea legua della surgio e lançou o batel fóra. Como fomos della hum tiro de bombarda se meteo a gente toda no batel e fugio para a terra. Mandou o capitam I a Diogo Leite, capitam da caravela Princeza, que fosse com seu batel apoz o batel da nao: quando ja chegou a terra, era ja a gente metida pela terra dentro, e o batel quebrado. Fomos á não, e nella nam achamos mais que hum só homem; tinha muita artelheria e polvora, e estava toda abarrotada de brasil. Ao meo dia nos fizemos á vela para ir demandar o cabo de Santo Agostinho: seriamos delle seis leguas. Tomamos esta não de França defronte do



Sendo a intensidade dessa corrente, função do vento e da profundidade oceanica nesse littoral, e achando-se por essas aguas pernambucas Martim Affonso de Sousa em fins de janeiro de 1531, se soffreu ainda influencia da corrente brasileira descahiu para o sul, mas logo depois ao capricho dessa outra variavel com a monção do sueste, vi ria a ter tendencia a descahir para o noroeste, ou para a costa pernambucana.

Assim, dia 30, achando-se, por latitude calculada, na altura do cabo de Santo Agostinho e, parece, ainda um tanto amarada, mas já navegando ao oeste pela agulha da Capitanea, veiu a armada sobre esta variavel corrente a abater mais para a terra ainda distante, no dizer arguto de Pero Lopes: “Este dia não correo pescado nenhum comnosco que he signal nesta costa d’estar perto

Cap. II
Mappas
2 a, 2 b, 2 c.
(pg. 122)

cabo de Percaauri ⁽¹²⁾; corre-se com o cabo de Santo Agostinho norte e sul, tomada quarta de noroeste e sueste. Da banda do sul do cabo de Santo Agostinho achamos outra nao ⁽¹³⁾ de França, que tomamos carregada de brasil. Esta noite no quarto da prima me mandou o capitam I. com duas caravelas á ilha de santo Aleixo; porque tinhamos informaçam que estavam ahi duas náos de França: fui toda a noite com o prumo na mão, sondando por fundo de doze braças: no quarto d'alva surgimos ao mar da ilha mea legua, em fundo de doze braças d'area grossa.



de terra: e outro nenhum nam tem senam este." Certo não andava elle de boas pazes com o prumo, mas de bom entendimento com os peixes...

A 31 de janeiro, dia seguinte, vem a armada a avistar littoral pernambucano, um pouco ao norte do cabo de Santo Agostinho, aonde enxergou o vulto de uma nau franceza: (A).

Cap. II

Deu caça á nau inimiga vindo della a apossar-se na altura do cabo de Percaauri, ou melhor, do cabo de Pero Cabarigo ou ponta de Pero Cavarim.

Fica este cabo ou ponta - de nenhuma referencia importante hoje nas cartas modernas de navegação - a cerca de 14 milhas ao sul de Olinda, passando quem vem costeando do norte, a boca do arrecife, ou a barra do arre-

Quarta-feira primeiro dia de fevereiro em rompendo a alva vimos mea legua ao mar húa náó (14), que cõs traquetes ia no bordo do norte, e como a vimos me fiz á vela no bordo do sul. A nao, como houve vista das caravelas, deu todalas velas. Neste

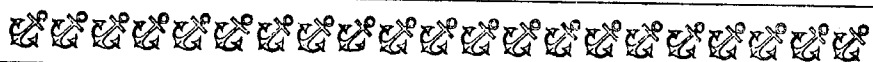


cife - de Pero Lopes, a barreta e o surgidouro dos Curraes. Não deve ella ser longe da actual ponta de Simão Pinto, da que tem proxima e ao sul a barra das Jangadas, como a tres milhas o rio Jab atão, para Viegas o rio do estremo. Tinha-se esta ponta de Percaauri ou de Pero Cabarigo, no dizer de Mariz Carneiro (Regimento de pilotos - fol. 5) como uma ponta grossa deitando pouco ao mar, toda coberta de arvoredo mui espesso, orlada com praia de areia branca, e até onde corriam os arrecifes: ao sul della "obra de huma legoa está o rio do Estremo — accrescenta Mariz Carneiro para elucidar com Viegas esse controverso ponto na cartographia quinhentista.

Andou a armada até seis leguas ou cerca de 22 milhas apartada do cabo de Santo Agostinho, (o cabo Fremoso - Reinel, Paris), por desgoverno ou abatimento com a corrente e manobra para a caça á nau franceza (A): mas logo ao sul do referido cabo vem, cumprida a sua feliz missão, para outro apresamento de outra nau franceza (B) que se ahi achava.

Para quem trazia cruzeiro de trinta dias, dando como ultimo ponto de surgida e de vista, o porto da Ribeira - Grande na ilha de Santiago; para quem trazia erros accumulados em suas longitudes estimadas, agulhas e cartas imperfeitas, latitudes incorrectas; foi, sem duvida, magnifica a aterragem feita e que veiu permittir á armada colonizadora, com toda segurança de navegação, fundear á vista das terras do Brasil.

bordo do sul fui quatro relogios, e virei no bordo do norte; e ao meo dia era na esteira da nao, duas leguas della: a outra caravela era hũa legua de mim a ré. Como descobrimos o c a b o de s a n t o A g o s t i n h o saí o capitam I. no navio Sam



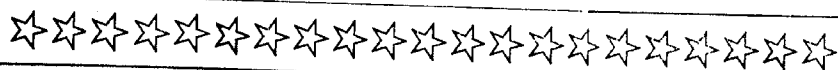
Antes porém, de haver contacto com ellas, convem citarmos - para encaminhamento destas annotações criticas ao texto do Diario - os antecedentes historicos que ahi se desenrolaram, quando já o Brasil não se tornara conhecido sómente pela terra dos papagaios.

O planispherio de Jeronymo Marini em 1512, “dava pela primeira vez a America do Sul com a denominação de Brasil”, porque com muita propriedade de linguagem se estimaria por esses dias, a uma parte do nosso littoral como a costa do pau brasil, e fôra esta, logo após o descobrimento official buscada por naus e caravelas de armadores portuguezes ou estrangeiros ao serviço de Portugal, e principalmente, de francezes de Honfleur e de Dieppe, empenhados no resgate do precioso pau da tinturaria.

Fôra essa designação da costa, mais caracteristicamente como servindo de marcar a região que tinha como pontos extremos o rio das Pedras (Goyana ou Parahiba do Norte?) e em breve, - o cabo Fryo -; mas a nós convem, acompanhando a derrota affonsina, estudarmos sómente ao desenrolar deste capitulo, a parte littoranea comprehendida entre o rio Parahiba (das Pedras - para Caboto?) e o grande rio brasileiro Sam Francisco ou São Francisco do Norte.

Desse sector da costa teria o capitão mór como valiosos informantes a bordo, entre outros talvez, a Pero Capico

Miguel com o galeam Sam Vicente, e com hũa das naos (15), que tomara aos Francezes; mas vinha tanto a julavento que quasi nam podiam cobrar a terra. Este dia, hũa hora de sol, cheguei á nao (16), e primeiro que lhe tirasse, me tirou dous



— conhecedor da costa antes da ultima expedição de Christovam Jaques —, e a Diogo Leite, capitão de navio, tanto na armada de 1527, como na que vinha agora de aferrar ao sul do cabo de Sto. Agostinho.

ANTECEDENTES HISTORICOS DE PERNAMBUCO

Deixando de parte as expedições anteriores ao descobrimento official do Brasil — das quaes toma cada vez mais fóros de verdade, a de Duarte Pacheco Pereira em 1498, citada no Esmeraldo de Situ Orbis, e precedida até, pretendem portuguezes, de outra ao mando desse mesmo illustre capitão — expedições ao norte, ao centro e ao sul da America —, iniciemos a nossa breve synthese com reportar-nos ás de Gaspar de Lemos ou de André Gonçalves ao serviço de Portugal. Coube a um delles, missão descobridora de valimento na nossa costa, quando mensageiro da nova mandada por Cabral ao Rei, capitaneando uma nau partida de Porto Seguro, ou depois em primeira viagem official exploradora das terras de Vera-Cruz, quando trouxe em sua companhia a Americo Vespucci.

Na primeira ou segunda destas expedições baptisaram-se pelo Calendario os pontos geographicos do nosso littoral: rio de sam francisco (rio de Sam Francesco, Canerio, 1502); rio de Sam Jeronimo (Canerio); Sam Michel (Canerio) ou rio de Sam Miguel; Cabo de Sta. Croxe provavelmente o Cabo de Sto. Agostinho, senão assim

tiros: antes que fosse noite lhe tirei tres tiros de camelo, e tres vezes toda a outra artelheria: e de noite carregou tanto o vento lessueste, que nam pude jogar senam artelheria meuda; e com ella pellejamos toda a noite.



nomeado na viagem de Gonçalo Coelho em 1503; - e, além de um ou dois pontos mais, um cabo de grande valor geographico que em muito interessaria a navegação quinhentista: o Cabo de Sam Roque (San Rocho, Canerio).

Na 2.^a expedição official de 1503, tambem assistia Vespucci e assistiriam, segundo Varnhagen na sua Historia Geral do Brasil, notaveis pilotos como João Dias de Solis, - só depois de 1506 homisiado em Espanha -, João Lopes de Carvalho ou Vasco Gallego de Carvalho e João de Lisboa. Com o naufragio da nau de Gonçalo Coelho, nas - Roccas - que assim tiveram anonymamente o seu official descobrimento, como ao oeste, portanto, da ilha já então conhecida Quaresma, S. Lourenço, ou S. João, e futura fernão de Ioronha, se dividiu a frota: seguiu Vespucci para a baia de todos Santos (baie de tutti li santi — Canerio), e dahi, para a costa do sul, tocando em Cabo frio, (Esmeraldo 1505), em cujas terras teve gente a povoar e a explorar. Deste ponto, ainda mais ao sul singraria mares do Novo Mundo descoberto, ao qual propria Waldseemüller em 1507, nome que immortalizasse esta viagem do piloto florentino.

Gonçalo Coelho tambem, então, viria a demandar a bahia de todos os santos e parte dessa costa. Haveria de demorar-se notadamente no Rio de Janeyro e, ao regressar a Portugal, annunciar a ida dos navios fran-

Quinta-feira 2 de fevereiro em rompendo a alva mandei hum marinheiro ao masto grande ver se via o capitam I, ou os outros navios, e me disse que via húa vela, que nam divisava se era latina, se redonda. E desde as sete horas do dia até o sol



cezes contrabandistas da ambicionada madeira na costa do pau brasil, auxiliados por alguns portuguezes já praticos nestas viagens. Suppoem alguns, houvesse elle visitado o grande rio do sul, e se fizesse arauto de riquezas ali encontradas.

Foi dessa epoca a viagem da “Espoir d’Honfleur” de 120 toneladas e capitaneada por Paulmier de Gonneville. Fizeram-na, como seus embarcadiços, os portuguezes Sebastião de Moura e Diogo do Couto.

Precedida de outras viagens clandestinas, das de armadores como a da nau Bretôa, ou das de arribada, para invernia, representadas numa ou noutra nau da India em portos das terras de Santa Cruz ou do Brasil, cita-se como importante empreza maritima pelo percurso realizado ao longo do nosso littoral em 1514, a expedição narrada na Gazeta Aleman e armada por Cristoval de Haro e D. Nuno Manoel. E antes, e após esta, só providencias muito espaçadas se deram ou tentaram dar para a colonização da terra brasileira.

Por uma carta de Pero Rondinelli, escripta em Sevilha aos 3 dias de outubro de 1502, transcripta na Racc. Colombiana e citada por Capistrano nas eruditas annotações a Varnhagen, sabe-se que a alguns christãos novos fôra arrendado em tempo o nosso littoral e, que elles, mercadores de pau brasil, se achavam empenhados com os seus navios no descobrimento desta terra “trezentas leguas por deante”

posto, que rendemos a nao, pellejamos sempre. A nao me deo dentro na caravela trinta e dous tiros, quebrou-me muitos aparelhos, e rompeo-me as velas todas. Estando assi com a nao tomada chegou o capitam I. com os outros navios; logo abalroei com



ou melhor, para o sul, da que até então se alcançara, e aonde haveriam de fazer fortaleza e permanecer tres annos.

Pelo relatorio de Chá Masser, 1506 - 1507 (volume da Academia das Sciencias de Lisboa commemorativo do Descobrimto da America), sabe-se que “o arrendamento era de 20.000 quintaes de pau brasil”, comprado “cada quintal a meio cruzado e revendido a dois meio e tres”.

Antonio Baião (doc. Vol. II pg. 325 da Hist. Colon. Port.) prova ter sido feito esse arrendamento até 1505 a Fernão de Ioronha, christão novo que trazia homens e navios em viagens annuaes á costa brasileira.

Damião de Góes cita tambem na chronica de D. Manuel que, em 1513, George Lopes Bixorda, tendo sobre si o trato do pau brasil, apresentava ao rei venturoso tres indios, grandes frecheiros, chegados numa nau que alli aportara vinda desse littoral; e Varnhagen nos instrue que em 1516 ordenava o rei, por um alvará ao feitor e aos officiaes da Casa da India, que favorecessem com “machados e enxadas e toda a mais ferramenta ás pessoas que fossem povoar o Brasil”; e, por outro alvará, que “procurassem e elegessem um homem pratico e capaz de ir ao Brasil dar principio a um engenho de assucar”. A quem designado fosse para tal mister, se daria “uma ajuda de custo e tambem cobre e ferro e mais cousas” para o feitio do dito engenho (Hist. Geral do Brasil - 3.^a ed. pg. 145).

a nao e entrei dentro; e o capitam I. abalroou com o seu navio: e os mais dos francezes se passaram ao navio. A nao vinha carregada de brasil; trazia muita artelheria, e outra muita muniçam de guerra: por lhes faltar polvora se deram. Na nao nam



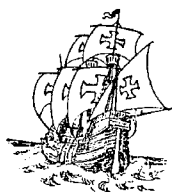
Esse anno de 1516 (Hist. Col. Port. Vol. II, pg. 363), era o mesmo em que partia para a sua 1.^a expedição ao Brasil Christovam Jaques, para fundar feitoria, e levar viagem até o rio de Santa Maria.

De então, algum pequeno nucleo de europeus formado, porque parece, não vingara mais de um a essa epoca -, mostrava o singular typo da “feytorya” portugueza, tão propria do tempo e da gente.

Informações colhidas em outros documentos (J. T. Medina e carta de Estevam Fróes) certificam a chegada de um navio, anteriormente a 1513 á ilha de Porto Rico, com subditos da nação portugueza, os quaes “havam desamparado a paragem da nossa costa onde se achavam, em consequencia de um levante de indios dirigidos por Pero Gallego”. Era o dito navio “já sem leme, comesto de gusano e quasi impossibilitado de navegar”. Segundo Capistrano (Varn. Hist. Geral Brasil, pg. 150.) sabe-se terem estes homens partido para a Europa a 15 de fevereiro de 1515 (Medina), talvez para depois serem trocados pelos espanhões apresados no rio dos Innocentes ou primitivo porto de sam vicente.

Ainda na carta de Estevam Fróes (julho, 1514), podemos colher a informação deste navegador de que esta terra era possuida pela corôa portugueza “a vinte annos e mays”, dando-nos assim a pretensa idéa do descobrimento della não só anterior á viagem de Cabral, como até á de

demos mais que hũa bombardarda, com hum pedreiro ao lume d'agua: com a artelheria meuda lhe ferimos seis homês: na caravela me nam mataram, nem feriram nenhum homem, de que dei muitas graças ao Senhor Deus.



Duarte Pacheco de 1498, citada no Esmeraldo de Situ - Orbis. Feitorias ou pauperrimos nucleos teriam existido, parece, na costa brasileira, como o que fundou Vespucci em cabo Frio e a nau Bretôa ainda assignala em 1511; e não se sabe ao certo se Pero Capico ou Capigr.º embarcado na armada de Martim Affonso - fôra de um delles ou se só andara numa capitanea da armada guarda-costas na vigia de naus corsarias da França. Certo é, porém, que esses pauperrimos nucleos não poderiam resistir pelas armas e com vantagem ás investidas constantes dos marujos de Honfleur e de Dieppe; e tambem é manifesto que a esse tempo não só francezes eram os que disputariam aos portuguezes o littoral desse continente. Espanhóes em seus navios armados tal projectariam, vindo á posse, não da costa do pau brasil, mas das terras brasileiras existentes ao sul de S. Vicente até o rio Solis ou de Santa Maria, na "costa do ouro e prata". Desde a expedição Solis e o parcial regresso della do grande rio do sul em 1516, essa posse fôra proclamada em Espanha. Foram sobreviventes della, de torna - viagem, que apresaram portuguezes em Pernambuco.

Mobilizada a primeira expedição guarda-costas ao mando de Christovam Jaques com dois navios, vae este sempre intrepido investindo contra francezes, descobrindo

Sesta-feira 3 do dito mes pela manhã nos achamos hũa luega (17) de terra, a qual se corria nornoroeste sulsueste. Ao longo do mar eram tudo barreiras vermelhas: a terra he toda chãa, chea d'arvoredo. Como nos achegamos mais a terra se



enseadas e bahias. E não se cingindo só a descobrir e a navegar, funda "feytorya" ao oeste da ilha Ascensão ou Itamaracá na margem direita do futuro rio Igarassú; e nella, parece, para deixar quando de regresso a Portugal, como feitor a Manoel de Braga e 12 christãos, dos quaes devemos salientar o piloto Jorge Gomes, companheiro de Jaques na ida até o rio de Sta. Maria.

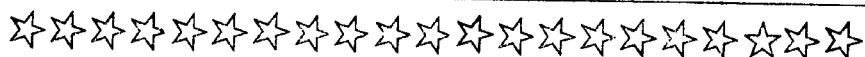
E isto se verificava, tempos depois, ao chegar á costa de Pernambuco a armada de Sebastian Caboto em 1526, composta de tres navios redondos e uma caravela, já ao correr de junho, no periodo da monção do sueste e de fortes correntes maritimas e costeiras que a não deixaram montar o cabo de Sto. Agostinho. Descalhidos os navios doze leguas ou cerca de quarenta milhas ao noroeste, vieram a arribar a um ponto da costa que Caboto diz ser Pernambuco - e aonde o Serenissimo Rei de Portugal tinha uma casa forte e doze pessoas com um feitor.

Dariam ao chegar a esta altura com a ilha de Itamaracá, por Caboto e por seu notavel piloto Alonso de Sta. Cruz, chamada ilha Ascensão.

Já teria esta ilha aquelle primitivo nome tupi?

Não rezam assim as cartas de marear ou portulanos, mas a respeito de tal baptismo attentemos no que nos diz Varnhagen. Itamaracá "é nome formado de duas palavras dos tupis, que significam — maracá de pedra — Estes, por pobreza de expressão, elle o affirma, designavam por

nos fez o vento sueste: e ao meo dia surgimos em fundo de onze braças, hũa legua de terra (18). Como estive surto, lancei o batel fóra, por nenhum dos outros navios trazer batel, que os haviam deixado no cabo de santo Agostinho. Este



ita ou pedra, a todos os metaes, e por maracá, a todos os instrumentos musicos mais ou menos dissonantes, a começar pelo sino que Varnhagen suppunha terem os indios visto e escutado tanger nas primeiras naus chegadas ou nalguma tosca ermida ahi levantada na costa.

Anthony Knivet, citado por Capistrano, (An. á Hist. Brasil. Varnh.) diz, que — Etamariquá na lingua india é um sino; e que, nessa região arrebenta o mar tocado por vento forte de encontro aos cabeços dos arrecifes, fazendo uma toada tão suggestiva aos indios que passavam a designar essa região littoranea como a da “terra do sino”.

Dada esta pequena interrupção no nosso esboço historico, volvamos a tratar da expedição Caboto que teve logo ao ahi chegar, conhecimento dessa feitoria de Pernambuco ou do rio de Pernambuco, como a chamaria cinco annos depois o Diario de Pero Lopes.

Apesar de Caboto dizer ter fundeado junto á costa da terra firme, em 8.º de latitude sul, e ser esta mais da boca do arrecife ou da barra do arrecife (P. Lopes, Diario, - e mappas 2a, 2b, 2c) do que depois serviria de porto á futura Marim ou Olinda, não nos devemos fiar em tal latitude incorrectamente calculada ao tempo desse navegador quinhentista, eivada de erros do observador, do instrumento e das taboas.

Senão, vejamos: relata Caboto, que mandou uma ca-

dia vieram de terra, a nado, ás naos Indios a perguntar-nos se queriamos brasil.

Sabado pela manhã 4 de febreiro mandou o capitam I. a Heitor de Sousa, capitam da nao Sam Miguel que fosse a terra com o batel e com mer-



ravela em busca de agua doce ao rio de las Piedras ou das Pedras, rio que Reinel, Maggiolo, Viegas dão em cartographia do tempo, talvez como o Goyana. Podemos ter como o rio Parahiba do Noite, ao qual outros navegadores e cartographos portuguezes nomearam - São Domingos. - Demorava este rio das Pedras, para Caboto, aos 7.º de latitude sul, em vez de aos 6.º e 58', e o cabo de Sto. Agostinho aos 8.º 30' em vez de aos 8.º 20' - 40" s; assim, descontado o mesmo erro com que dá a latitude do cabo, devemos suppor a do rio das Pedras, como approximadamente: 6.º e 49'. Dizia elle, que entre o Pernambuco por elle demandado e esse rio de las Piedras, ficava a meio caminho o rio das Virtudes. Este nome foi dado ao actual rio Goyana e não ao rio Igarassú baptisado com o braço que ladea a ilha por oeste - "Santa-Cruz" - por D. João III em 1535, e em cuja margem direita, desde a primeira expedição de Christovam Jaques, se sabia oficialmente fundada uma feitoria portugueza, constante de uma casa fórte ou fortaleza, e óra com um feitor e doze moradores.

Na carta de D. Ribeiro (1529) se lê:

"Aqui tiene el Rey de portogal en pernãbuco una fatoria donde tiene mucha cantidad de bratil cogido para las naos q ban acargar".

Foi essa paragem, que Caboto chamou Pernambuco e Alonso de Sta. Cruz, no Yslario, báya

caderia, ver se poderia trazer algũa agua, de que tinhamos muita necessidade: e se tornou sem trazer agua, por lha nam querer dar a gente da terra. O capitam I. se passou a caravela Rosa, e se fez á vela no bordo do mar, para ir diante ao p o r-



de Pernambuco “do tienen los portuguezes um asiento que elles llaman factoria” e está “una pequena isla da hasta tres leguas de largo y una de ancho habitada de yndios e algo esteril” e “algo alta llamada ysla de la Ascension”. (Itamaracá). Vinha ahi ter o rio Igarassû futuro, o rio de Pernambuco de Pero Lopes ou de Sta. Cruz de D. João III, a partir de 1535; mas para Alonso de Santa Cruz, piloto da expedição cabotiana, passava este rio a ser o rio dos Monstros por, nessas aguas fluviaes, encontrar dez ou doze monstros marinhos de singular aspecto: — braços cahidos, mãos da fórmula de pés de pato, corpo coberto de pellos, cabellos longos, aspecto delgado de corpo e que, ao saltarem á agua como rans, mostravam as trazeiras partes semelhantes as de monos e quiçá, com pelludas caudas. Outros monstros, tambem diziam os portuguezes da feitoria, ahi existirem, sob fórmula de cavallo, de pernas curtas e aptas para a natação á maneira do “lobo marinho” ou “mananti” da Nueva España. Yslario - (A. Sta. Cruz)

Approximar-se-ia na semelhança mais com os vistos pelo notavel auctor do Yslario o que Filipe Cavalcanti, florentino, “senhor de engenho de açucar” no Brasil — descreveria em carta ao seu patricio Filipe Sassetti, em pleno seculo XVI, segundo o distincto escriptor J. Lucio de Azevedo (Rev. de Historia — 13.º Vol. pg. 113): “Mais

to de Pernambuco (19) fazer algúas cousas prestes para a armada. Eu fiquei com os outros navios surto; e ao meo dia tomei o sol em seis graos e hum terço. Em se pondo o sol me fiz á vela; e em levando a amarra me desandou o

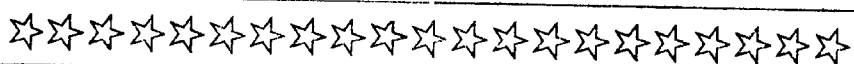


extraordinario ainda o animal que o piloto dizia ter visto empalhado e que pelos sinais lembrava o monstro Scila: de cão, a cabeça e o pescoço; ambas as mãos e os braços, de homem; peito e ventre, de peixe, e pés, de passaro”.

Continuando: nessa feitoria houve Caboto dos christãos ahi residentes, as maravilhas de um rio muito distante ao sul — rio Solis — (de Sta. Maria ou da Prata), com affluentes navegaveis e caminho para as minas sobre serra, ou para as do sertão confinantes com a importante rede fluvial platina.

Deu-lhe então, Jorge Gomes, informações mais precisas para que buscasse ao sul do continente a baia ou o porto dos Patos aonde moravam dois companheiros de Solis desde 1516: Enrique Montes e Melchior Ramirez. Senhor de taes novas, a 29 de setembro de 1526 deixou Caboto o porto de Pernambuco, o velho, e com a sua armada navegou para o sul, com favoravel monção e levando em sua companhia a Jorge Gomes, da feitoria portugueza. Dobrou o cabo de Santo Agostinho com galerno vento, passou á vista da ylha de Santo Aleyxo junto da qual distinguiu a vulto de uma nau franceza. Chegou á vista de um rio que Medina diz ter sido baptisado por Caboto — S. Miguel, esquecendo o notavel historiador o testemunho dos portulanos Canerio, Cantino, Maggiolo, Turim (1523) e Reinel (Italia).

cabrestante, e me ferio dous homês; e tornei a virar com muita força, e arrebentei o cabre, e me fiz á vela: e mandei a Baltazar Gonçalves que levasse o farol; por quanto eu nam tinha piloto. E



Passado o rio Sam Miguel continuou Caboto a sua derrrota para o sul, emquanto por esses dias, poderes iam sendo dados em Portugal, a Christovam Jaques, conhecido já desta costa brasileira, para substituir numa capitania ou capitanea, a Pero Capico que deveria embarcar para o Reino e podendo levar consigo escravos e fazenda, obrigados de fiscalização e passagem pela Casa da India.

Do Tejo largou Christovam Jaques com uma nau e cinco caravelas, tendo por capitães dos seus navios Diogo Leite, Gonçalo Leite e Gaspar Correa. Em meados de 1527 veiu a alcançar o porto de Pernambuco.

Trazia a sua armada prompta para as pelepas contra as naus francezas e tal demonstrava na sua organização militar como nas aventuras de guerra em que se haveria victoriosamente.

Chegado a - Pernambuco - havia de saber da passagem para o sul dos navios de Caboto e viria a fundar alguma outra, senão somente a consolidar, a "feitoria" por elle criada nessa costa, para Portugal.

Navegou a seguir com o littoral á vista, em busca da baia de todos santos, aonde deu combate a navios corsarios francezes, á foz do Paraguassú, e depois, regressou á feitoria de Pernambuco, em 1528, com 300 prisioneiros francezes.

Essa seria a occasião em que D. Rodrigo d'Acuña, da armada de Jofre de Loaysa, tambem ahi viria aportar, após a sua Odyssea, que começada no rio Solis ou da Pra-

fomos no bordo do mar até o quarto da modorra rendido; e tornei a virar nõ bordo da terra.

Domingo 5 do dito mes barlaventeei o dia todo sem poder cobrar mea legua de costa; e ao



ta — e com escalas por Imbituba (de então, porto de D. Rodrigo), porto dos Patos, terras vicentinas, rio de Janeiro, baía de todos Santos, naufragio nos baixos da costa alagoana aos quaes tambem deu o seu nome, veiu a ter termo, não ainda feliz, em terras de Pernambuco.

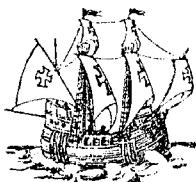
Escalando D. Rodrigo na ilha de Santo Aleixo, disse não haver ahi encontrado mais do que uma pipa de bolacha, farinha de trigo, fôrno e anzões e nenhuma feitoria franceza, como por certo neste local julgaria existir a esse tempo, ou o historiador de la Roncière depois.

Chegado D. Rodrigo á feitoria de Pernambuco onde Christovam Jaques se achava em abril de 1528, solicitou passagem ao capitão portuguez para o Reino, o que lhe foi ostentamente negado.

Substituido Christovam Jaques por Antonio Ribeiro e não podendo o bravo capitão realizar a sua idéa de colonização do Brasil exposta ao rei em 1529 e pelo dr. Diogo de Gouvea lembrada ainda e solicitada a seguir para outro pretendente D. João de Mello da Camara, vem-se a encontrar em decadencia a feitoria — ou feitorias talvez, - de Pernambuco. Uma entretanto, a unica que viria vingando no actual rio Igarassú, se achou tão despercebida aos fins do anno de 1530 - dois mezes antes da chegada de Martim Affonso a Pernambuco -, que foi saqueada por um galeão da França e abandonada pelo seu feitor, Diogo Dias.

sol posto surgi em oito braças, por o navio Sam Miguel ser muito a julavento (20) de mim. A agua corria mui tesa ao nornoroeste.

Segunda-feira 6 de febreiro pela menhãa, nem



PERNAMBUCO

Cap. II
Mappas
2 a, 2 b, 2 c.
(pg. 106)

Eram as cousas chegadas a este termo, quando o capitão mór Martim Affonso avistava a 31 de janeiro de 1531 a costa de Pernambuco e aprisionava com Pero Lopes, na altura do cabo de Percaauri ou de — Pero Cabarigo (para alguns, corrupção, neste caso, de Pero Capico) — a primeira nau franceza (A), cujo capitão logo que viu perseguida a sua nau já bem aterrada, em embarcação ligeira se foi refugiar com sua gente menos um homem, no littoral proximo.

Demandando a armada de novo o cabo de Santo Agostinho, ao sul deste encontrou outra nau inimiga (B) que tambem apresou. Veiu a fundear ahi, pela primeira vez, em aguas brasileiras, na tarde desse mesmo dia.

Desse ponto, no - quarto da prima - ou no primeiro quarto, ao cahir da noite, e depois já dentro nella, vclejaram sós as duas caravelas Rosa e Princeza sob o mando de Pero Lopes, na busca de provaveis naus inimigas mais para o sul, na ilha de Santo Aleixo.

Seguindo a este rumo e costeando a terra com resguardo, montou Pero Lopes com as duas caravelas a ponta de Mercauhipe, ainda não assignalada em portulanos, mas talvez já conhecida. Deveria esta ficar a umas 12 milhas ao sul quarta do sudoeste do cabo de Sto. Agostinho,

da gavia parecia o navio Sam Miguel (21); estive surto, esperando até quinta-feira nove dias do dito mes, que me fiz á vela com o vento lessueste. Abarlaventeei o dia todo sem poder cobrar nada, por



entre o porto hoje chamado - das Gallinhas - e o rio Serinhaem, tendo por marco, ao fundo "serra seliada." Ha por essa altura, ainda hoje, uma povoação e ponta chamada Maracahipe -, quasi onde se mostra a dita ponta que Pero Lopes não assignalava por passa-la certamente á noite.

Sondando sempre veiu Pero Lopes até o quarto d'alva, para, por fim, fundearem as caravelas, a meia legua ao mar da ilha de Santo Aleixo, em fundo de 12 braças de areia grossa.

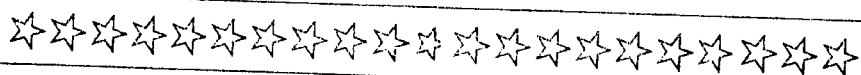
Pouco depois de ancoradas, em rompendo o dia, viram os seus tripulantes velejar amarada, cousa de milha e meia para duas milhas, outra nau inimiga, na volta do norte. Pero Lopes suspendeu os seus navios e rumou-os ao sul, ganhando barlavento, enquanto a terceira nau avistada (C), forçava de vela.

Foram as duas caravelas, duas horas ou "quatro relogios de area", nesse rumo - pois eram as ampulhetas antigas reguladas para meia hora — e depois rumaram ao nôrte e tão bem barlaventeadas andaram que, ao meio dia, estava a primeira, em que ia Pero Lopes, a cerca de sete milhas da esteira da nau franceza e, a outra caravela portugueza, a cerca de tres milhas e meia da esteira da de Pero Lopes.

Passaram á vista do cabo de Santo Agostinho e, notando Martim Affonso do sul deste cabo aonde ancoravam os seus navios, a caça em que andava empenha-

correrem as aguas muito ao dito rumo. A agua nos ía faltando, de que sentiamos muito trabalho.

Sesta-feira 10 do dito mes, até quarta-feira quinze do dito mes de febreiro, com muito traba-



do o seu irmão, deu de vela com a nau Sam Miguel, o galeão Sam Vicente e a nau franceza (A), tomada na vespera. Deixou pois, no fundeadouro ao sul do cabo de Santo Agostinho, a sua Capitanea e a nau franceza (B) na vespera tambem apresada.

Era com pouco barlavento Martin Affonso para se pôr na caça, e não Pero Lopes que proseguiu nella com ardor, para, a “uma hora de sol” chegar á perseguida nau franceza (C), atirar-lhe dois tiros, e mais, antes que anoitcesse, tres tiros de camelo, e, por tres vezes, toda a outra artilheria.

Refrescando muito o vento do lessueste e portanto, soffrendo corrente forte deste rumo; sobrevindo a noite e pelejando as caravelas contra a nau, com bordadas seguidas e ao mar; foram ellas descahindo ao noroeste e ao norte, até que após dia e meio ou 36 horas da partida da ilha de Santo Aleixo, se rendeu a nau franceza (C), não deixando de combater heroicamente de sol a sol e de metter 32 tiros na caravela de Pero Lopes.

Ao fim do combate naval chegava ahi Martin Affonso só com a nau S. Miguel e a nau apresada (A), uma vez que durante a sua navegação desgarrara o S. Vicente e arribara ao porto de Pernambuco.

Abordada a nau inimiga (C) carregada de pau brasil, armada de muita artilheria e “outra muita muniçam de guerra”, entregaram-se os combatentes francezes - diz o Diario - por falta de polvora para proseguimento da peleja naval.

lho cobramos hũa legua de costa, e surgi á boca de hum rio para tomar agua, e me fazer na volta de Guiné; porque o longo da costa nam podiamos cobrar, e os ventos suestes e lessuestes ventavam



Este facto se passava a 2 de fevereiro de 1531, dia consagrado á N.^a S.^a das Candêas —, motivo por que Pero Lopes baptisou a nau com o mesmo nome. Neste dia como prisioneiros eram recolhidos os francezes da dita nau pela do capitão mór. Reunidos assim estes navios em epoca de monção do sueste — portanto tendo elles abatimento para o noroeste, para onde rilhava a corrente - achavam-se os mesmos a 3 milhas folgadas da costa que corria ao nornoroeste sussueste da agulha. Era marcada com barreiras vermelhas ao longo do mar, e, no mais “toda chãa e chea de arvoredos”, e della vieram a nado indios perguntarlhes se queriam “brasil” ou pau brasil, costume praticado por elles com os francezes.

Seriam esses indigenas os caetés, ainda habitantes da costa pernambucana até o rio das Pedras (Goyana ou Parahiba?), bons marinheiros e nadadores, ou os pitiguares que com esses confinavam para o norte - e futuros alliados dos francos contra os lusos?

Para nós, taes mercadores de brasil, deveriam de ser, nessa altura, os da nação pitiguar, moradora do futuro rio Parahiba até o futuro Rio Grande do Norte, em epoca tambem muito chegada á que estudamos.

Alem d’isso, dá-nos Pero Lopes no Diario, a latitude do ponto alcançado: 6.^o e 20’ sul, altura do actual rio Cunhaû; mas - as suas melhores latitudes, e são raras - apresentam sempre erros de uma folgada dezena de minutos. Diz ainda Pero Lopes: correr a costa nesse ponto

ja mui tendentes, que nesta costa ventam desde febreiro até agosto.

Quinta-feira 16 de febreiro no quarto d'alva ventou da terra hum pouco de vento com que me



alcançado pelos navios, ao nornoroeste - sussueste, se bem que por suas imperfeitas agulhas, e, haver nella, "barreiras vermelhas"; Ora, barreiras vermelhas, de accordo com roteiros e cartas, se encontram no sector da costa de Itamaracá para o norte, em differentes pontos: quatro, ao sul do rio Parahiba entre 7.º e 10' e 7.º e 23 minutos, aonde o littoral corre norte - sul com alguma tendencia ao leste; e, mais ao norte deste rio, em orientação mais conforme ao Diario, na bahia da Traição, em 6.º 40', o que coincide com ser o ponto extremo ao norte das terras doadas a 1 de setembro de 1534 ao capitão Pero Lopes de Sousa de uma "capytanya dos bytygares" ou melhor, dos indios pitiguares. Viegas dá a essa mesma b. da treição a latitude de 6.º; Reinel dá-lhe a de 7.º, enquanto a carta moderna, como dissemos, a de 6.º e 40', mostrando um accrescimo de 20 minutos sobre a latitude de 6º - 20' dada por Pero Lopes do ponto septentrional do Brasil, então por elle alcançado.

Mais ao norte da citada bahia e ao sul do futuro rio Grande do Norte, haveria a considerar ainda a existencia de outras "barreiras vermelhas" futuramente nomeadas — barreiras do Inferno. Mas, é bem de suppor assim, haver a expedição alcançado as "barreiras vermelhas" além do rio das Pedras (Parahiba?), barreiras da bahia da traição ou da treição do indio pitiguar, já truncada de nome no portulano dos Reinel e assim reproduzida nos da Riccardianna e de Weimar.

fiz á vela, e duas leguas ao mar me acalmou. Surgi em fundo de quinze braças; e ao meo dia se fez o vento leste, e com elle me fiz á vela no bordo do



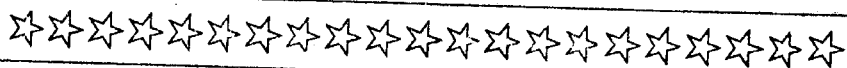
Nella se achando parte da armada e procurando velejar com o vento do sueste, haveria de abater para o noroeste, isto é, sempre para a costa; até que no dia 4 de fevereiro, Martim Affonso se passasse para a caravela Rosa e se fizesse de vela, no bordo do mar, “para ir diante”, como quem diz ao sul - ao porto de Pernambuco, e não ao rio de Pernambuco, como o Diario distingue por vezes.

Assim, na primeira citação, tratar-se-á do “furo do mar” ou da “barra do arrecife” em fundeadouro da futura Marim ou Olinda, fundeadouro hoje reconhecido consultando-se o “Roteiro de todos os sinais” (B. da Ajuda) ou mesmo a carta de João Teixeira “Perspectiva do Ressife de Olinda” (Razão do Estado do Brasil) - desenhada cerca de cem annos depois da expedição affonsina, e onde vem a ser assignalado não bem “o porto velho de Sto. Antonio — mas “o surgidouro velho.”

Na segunda citação - rio de Pernambuco -, dever-se-ia ver o actual - rio Igarassú - aonde se fundara “feytorya” e a carta de doação de D. João III a favor de Pero Lopes mandava collocar um padrão a 10 passos da casa da feitoria que “de principio fez Christovam Jaques pelo rio dentro, ao longo da praia”, ou ainda, onde, como reza a doação feita a favor de Duarte Coelho em 10 de março de 1534, “Christovam Jaques fez a pymeira casa da minha feytorya e a cyncoenta passos da dita casa da feytorya pelo rio a dentro ao longo da praya”.

sul. No quarto da prima se me fez o vento nordeste, que nos era mui largo.

Sesta-feira 17 do dito mes fomos surgir de frente do porto de Pernambuco, em fun-



A este rio, como ao braço de mar que separa do continente a ilha Ascensão (Itamaracá), foi que D. João III nomeou, nessa carta de doação, rio de Sta. Cruz; e o porto que ahi se pronuncia, para Pero Lopes do rio de Pernambuco, é o que pouco depois passaria a ser conhecido pelo "porto de pernambuco, o velho". — (Regimento de conesensa da costa do brazil - 1540 - M. Britannico).

Ficou Pero Lopes com os seguintes navios após a partida para o sul da caravela Rosa ao mando de Martim Affonso: as naus apresadas A e C, a nau S. Miguel e a caravela Princeza, uma vez que o galeão S. Vicente desgarrá, como dissemos, durante a caça á nau C.

Mappa
2 c.

Estariam ainda ao sul do cabo de Sto. Agostinho a Capitanea, e a nau apresada (B), deixadas ahi por Martim Affonso, ao partir em ajuda de Pero Lopes na perseguição da nau (C) apresada na altura, parece, da bahia da Traição?

Não: haviam ido á feitoria do rio de Pernambuco (ou do futuro rio Igarassú), a qual dois mezes antes fôra saqueada por gente de um galeão da França, talvez mesmo por alguma dessas náos óra aprisionadas, obrigando á fuga o feitor portuguez Diogo Dias, numa caravela com destino a Sofala e provavel escala no rio de Janeiro.

Desse rio de Pernambuco seguiram a Capitanea e a nau (B) para o porto de Pernam-

do de 15 braças. D'esd' o porto de Pernambuco até o cabo de Percaauri, como passares das quinze braças, he fundo sujo. Aqui achamos a nao Capitaina e o galeam Sam Vicente,



b u c o - mais ao sul daquelle rio e na proximidade da aberta ou "barra do arrecife" no fundeadouro proximo á futura Olinda ou Marim. Existiria ahi alguma outra feitoria?

No Diario não se colhe a informação desejada.

Sabe-se entretanto, ter sido a feitoria do rio de Pernambuco (Sta. Cruz, Igarassú), fundação devida a Christovam Jaques, na expedição de 1516.

Aonde pois, se deverá localizar essa outra "feitoria" (Documento, Torre do Tombo - Lusitania, Vol. III J. de Freitas) dada como de existencia anterior ao descobrimento official do Brasil e tambem, parece, á viagem de Duarte Pacheco Pereira em 1498? (Esmeraldo de Situ Orbis).

Tanto Caboto em 1526, como Pero Lopes em 1531, assignalam a existencia de uma unica feitoria na costa de Pernambuco, como em 1529 Diogo Ribeiro e em 1535 Juan de Mori, um dos companheiros de Simão de Alcazaba. Juan de Mori dizia que "oitenta leguas" (da bahia de Todos os Santos) "dahi pela costa adiante tinha el Rei de Portugal uma fortaleza donde lhe levam o brasil — que se chama Pernambuco — onde residiam oito ou dez pessoas que esperavam de Portugal uma armada" certo, a de Duarte Coelho, destinada com a gente que trouxesse "a povoar aquella costa".

Alonso de Sta. Cruz, no Yslario, a esta feitoria se refere, como dissemos, e Martim Affonso a ella levou do porto de Pernambuco onde se achava e a uma casa de feitoria que ali, e portanto mais ao norte, no

e a nao (22) de França que tomamos no arrecife do cabo de santo Agostinho, e me disseram como nam tinham novas do capitam I; senam que o dia d'antes viram húa vela ao mar, que ia no



Rio de Pernambuco existia, todos os doentes, seis parece, da sua armada e os quaes não convinha proseguissem na viagem para o sul. Com ella annos antes Caboto travou cõhecimento, para nos dizer com o seu piloto Alonso de Sta. Cruz, ter ali encontrado um feitor e doze christãos, um dos quaes, Jorge Gomes, lhe veiu a servir de guia ao porto dos Patos e ao rio Solis ou da Prata, ao sul do continente.

No capitulo VII que completa este trabalho, para não interrompermos, neste passo, o estudo do Diario, maior largueza daremos á analyse deste ponto importantissimo, para o qual abrimos espaço quando já tinhamos o nosso texto prompto a ser impresso.

Volvendo ainda aos navios sob o mando de Pero Lopes, acompanhemo-lhes as singraduras.

Chegados, como vimos e nos parece, até a altura das "barreiras vermelhas" da bahia da Traição, dita nòs Reinel (Paris) abaia de pitiaçua de treyçam e em Maggiolo (1519) - abadias, ou corregindo essas designações, e explicando-as: - a bahia onde o pitiguar commetteu traição contra anteriores navegantes - procuraram todos esses navios, ora ao mando de Pero Lopes, velejar contra a monção do sueste que soprava.

Na noite de 4 de fevereiro, amararam-se a principio, aterraram-se depois.

A nau S. Miguel, mandada por aguada á foz de um rio onde indios se recusaram a dar-lha, descae tanto com

bordo do sul; e me disseram que foram ao Rio de Pernambuco (23); e como havia dous meses que ao dito rio chegara hum galeam de França; e que saqueara a feitoria (23); e que roubara toda a



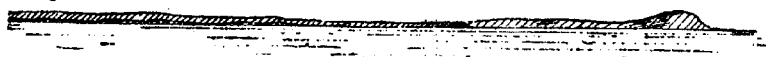
o vento e a correnteza, que é perdida de vista, crêmos, para o norte e para não mais poder unir-se ao resto da armada. Suppõe-se, tenha regressado a Portugal.

✕ A correnteza vindo muito rija do sueste tocada por vento deste quadrante, impellindo assim os navios para o noroeste, ia-lhes difficultando a manobra e navegação para o sul. ✕

Tres dias esperou, todavia, Pero Lopes pela nau S. Miguel desgarrada, até que, fazendo-se mais largo o vento, ao lessueste, mandou que barlaventeassem todo o dia os navios, então luctando com as aguas a arrasta-los para o oesnoroeste. Assim mesmo, logrou vencer uma legua de terra e fazer aguada em um dos rios que se lançam ahi na costa.

Se descahiu para o noroeste primeiro, e depois logrou uma legua mal calculada da costa, deveria de ser esse rio buscado para aguada, o - Mamanguape; se logrou uma legua mal calculada de terra, em ponto mais ao sul, talvez tomasse agua á fóz do Meriripe ou Meriri, senão do proprio Parahiba; o que, entretanto, pensamos, assignalaria com certa evidencia, uma vez que este rio já era conhecido na cartographia quinhentista, parece, pelo rio das Pedras (Caboto).

fazenda que nelle estava delRei nosso senhor: e que o feitor do dito rio (24) era ido ao Rio de Janeiro, n'hũa caravela, que ia para Çofala. E achei sete homêns da nao Capitaina mortos, que se affogaram na barra (25) do arrecife.



Não cremos chegasse Pero Lopes mais ao sul deste, mas se tal acontecesse, quantos rios mais não teria elle para se abastecer de aguada como os actuaes Gramane, Grahú, Abiahi, mesmo o das Virtudes?!

Apesar de Pero Lopes ter que ahi velejar com os seus navios, em avanços e recuos, se vê bem pelo que argúe, como já elle era nesse sector maritimo, bom conhecedor dos ventos em differentes estações. Porque diz o Diario: os ventos do sueste e do lessueste sopravam "já mui tendentes, que nesta costa ventam desde febreiro até agosto."

Dizem os roteiros, que os ventos nessas paragens em fevereiro, março e abril sopram do lesnordeste para o lessueste, mais fortes que na estação precedente; e de maio a agosto do sueste e do sussueste, descendo com mau tempo até o sussudoeste, quando trazem mar grosso ao longo da costa, chuvas abundantes, trovões e relampagos. As correntes acompanhando esses ventos, fazem-se sentir tanto mais fortes quanto mais perto do littoral e em logar de pouco fundo.

Tomada a agua, como pensamos, á foz do rio Maman-guape, largaram os navios de Pero Lopes com o terral que ás vezes sopra até 60 milhas da costa, mas que, cedo, nesse dia, 16 de fevereiro, calmou. Quando já pensava o nosso capitão ir na volta da Guiné, por não lhes ser favoravel a monção, soprou vento do leste e com elle se fizeram ao sul,

Sabado 18 do mes de febreiro vimos a caravela, em que vinha o capitam I. que barlaventeava com o vento nordeste, quatro leguas ao sul de nós. De noite se fez o vento mais ao mar, e man-



montando sem accusar, e só então, o cabo do Spichell, o actual cabo Branco. Depois, como se fizesse sentir o vento do nordeste, melhor velejaram passando ao largo dos pontos então assinalados em cartographia coeva, como o rio das Virtudes (o Goyana), e, em roteiros, como a ilha Ascensão (Itamaracá) a cuja sombra e no rio pouco depois chamado Santa Cruz (o Igarassú), ficava a feitoria portugueza por Pero Lopes chamada do rio de Pernambuco.

Rumando ao porto de Pernambuco mais ao sul, ahi, defronte d'elle, fundeou Pero Lopes os seus navios, em 15 braças de fundo.

Neste porto de Pernambuco já se encontravam o galeão S. Vicente que havia desgarrado durante a caça de Martim Affonso, e mais: a nau Capitaina ou Capitanea e a nau B tomada aos francezes no cabo de Santo Agostinho. Alem destes, como vemos, ficavam ahi fundeados os navios de Pero Lopes, a saber: as naus apresadas A e C, e a caravela Princeza. Da nau S. Miguel, menos feliz que o galeão S. Vicente, para sempre desgarrada na bahia da treizam e perdida para as paginas e chronicas do seculo, não poude aos mais dar novas, nem as teve della; mas do Capitão Irmão Martim Affonso, soube que viram velejar um dia antes, ao sul do porto, a caravela Rosa a cujo bordo andava o capitão mór, e certamente ordenando tal manobra para ganhar barlavento, afim de poder deman-

dei ás naos que fizessem fogos nas gaviás, para poder vir o capitam I.

Domingo se fez o vento lessueste, e com elle veo a caravela, em que vinha o capitam I. e lhe



dar esse porto de Pernambuco, de onde Pero Lopes lhe fazia signaes das gaveas dos navios ahi fundeados.

Effectivamente: dois dias após essa occorrenciã, o capitão mór na caravela Rosa ahi vinha surgir, para de todos receber as principaes noticias:

1.^a) de ter sido saqueada dois mezes antes da chegada da sua expedição ao Brasil, a feitoria do rio de Pernambuco por um galeão de França cuja gente ali tomara toda a fazenda do rei;

2.^a) da fuga do feitor da dita feitoria: Diogo Dias;

3.^a) de como neste porto de Pernambuco, defronte do qual vinha de aferrar, se haviam afogado sete homens da nau Capitanea, na barra do arrecife, citação que faz Varnhagen accrescentar: “talvez na paragem que desde essa occasião se ficou denominando — dos Affogados”: dá-nos assim, o grande historiador o seu pensamento de ser ahi, nas proximidades da barra do arrecife ou do fundeadouro da futura Marim ou Olinda, o chamado por Pero Lopes - porto de Pernambuco - defronte do qual estava a armada surgida;

4.^a) do desgarramento da nau S. Miguel, do commando de Heitor de Sousa, havia já oito dias.

Resolveu logo o capitão Irmão:

1.^o) ir á feitoria do rio de Pernambuco (futuro rio Igarassú);

demos conta como o navio de Heitor de Sousa se havia apartado de nós, oito dias havia (26): e o capitam I. foi ao Rio de Pernambuco (27); e mandou levar todolos doentes a hũa casa de fei-



2.º) para o dito rio de Pernambuco transportar “todolos doentes da sua armada, a hũa casa de feitoria que ahi estava”, certo, a abandonada por Diogo Dias: estes homens enfermos a bordo, deveriam de ser depois os defensores da feitoria contra as forças de desembarque da nau “La Pèlerine”;

3.º) mandar que “fossem descobrir o rio do Maranhã” - descobrir, diz o Diario - as duas caravelas Rosa e Princeza, ao mando de Diogo Leite, satisfazendo assim um dos fins da expedição de 1530 e, tão importante, quanto o da posse do rio de Santa Maria;

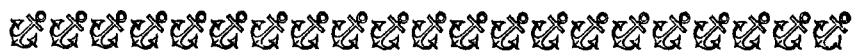
4.º) carregar de pau brasil uma das naus apresadas (*A* ou *B*), senão a que fôra tomada com essa carga e uma das quaes poderia bem ser - “La Michelle” - segundo Capistrano - (An. á Hist. Brasil. Varn. pg. 172); e mandala, commandada por João de Sousa a Portugal, com auspiciosas noticias para D. João III; (Documentos :carta de Manoel Alpoim);

5.º) queimar uma dessas naus (*A* ou *B*) apresadas;

6.º) dar a Pero Lopes o commando da nau *C*, tomada a 2 de fevereiro na altura, pensamos, da bahia da Traição, e baptisada Nossa Senhora das Candêas, por ser esse o santificado dia em que se ella rendera.

Novas ordens daria o capitão mór á armada, e agora, outra vez no fundeadouro defronte ao porto de Per-

toria, que ahi estava (27). Daqui mandou o capitam I. as duas caravelas (28), para que fossem descobrir o Rio do Maranham; e mandou João de Sousa a Portugal em hũa nao, que



nambuco, após os navios terem “tomado agua e outras cousas de que tinham necessidade para a viagem”.

De que posto de abastecimento então, elles ahi disporiam, uma vez que deixavam de aprestar-se aonde existia a feitoria do rio de Pernambuco, para o virem fazer nesse porto mais ao sul?

O Diario, além daquella phrase, outra tem que revela a mesma vontade do capitão mór, quando este parte da altura da bahia da Traição, para vir na caravela Rosa, ao porto de Pernambuco “fazer algúas cousas pres-tes para a armada”.

Contaria Martim Affonso, neste porto, com outros recursos, apesar de nomear Pero Lopes, no Diario, como feitoria unica a do rio de Pernambuco?

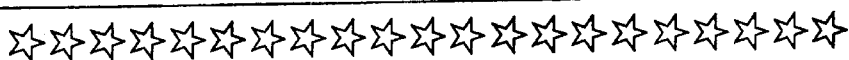
Haverá fundamento nestas palavras — uma vez que se não tome o cabo de Percaauri pelo cabo de Pero Cabarigo, assignalado depois onde o locámos nos mappas 2 a, 2 b e 2 c, e por dizer-se no pontal de Olinda haver morado Pero Capico com gente portugueza? (Hist. Col. Port. Vol. III, pg. 289).

Pelo Diario nada se pode esclarecer a respeito, e sim, que feito ali esse descanso, seguiram deste porto de Pernambuco: em fins de fevereiro de 1531 a “descobrir o rio do Maranham”, as duas caravelas, ao mando de Diogo Leite; para Portugal, uma nau franceza apresada, commandada por João de Sousa; e em expedição para o sul, a 1.º de março, o capitão mór com os seguintes

de França tomaramos; e a outra nao mandou queimar. Depois de termos tomado agua e outras cousas, de que tinhamos necessidade para a viagem, nos fizemos á vela com o vento lesnordeste.

Sesta-feira (29) primeiro dia do mes de março, com tres naos; sc.: a nao Capitaina; e o galeam Sam Vicente, de que era capitam Pedro Lobo Pinheiro; e em outra nao de França, que tomamos,

Cap. III
Mappa 3



navios: nau Capitanea, nau N.^a S.^a das Candeas e galeão S. Vicente, respectivamente mandados por Martim Affonso de Sousa, Pero Lopes de Sousa e Pero Lobo Pinheiro (Vide nota 29).

**PERNAMBUCO -
- BAHIA DE TODOLOS SANTOS**

Continuando a navegação para o sul - primeiro, ao sul, e depois, ao sul quarta do sueste da agulha, Martim Affonso veiu na policia da costa do pau brasil. E, como tal, mandava, uma vez montado o cabo de Santo Agostinho, o galeão S. Vicente, por mais artilhado que as naus, corresse com a costa a ver se no arrecife de Sam Miguel havia embarcações inimigas. Regressou no dia seguinte o galeão dando noticia de que no citado arrecife não havia naus. Marcavam, dia 2 de março de 1531, ao meio dia, por latitude da armada 9.^o e 30' sul.

Cap. III
Mappa 3

A carta dos Reinel dando-nos o rio de Sam Myguell aos 9.^o 50' sul, e a de Viegas aos 10.^o, assignalam-nos aonde é o littoral muito semeado de arrecifes, o que levaria Pero Lopes a citar por essas paragens o arrecife de

ia eu, a que puz nome — Nossa Senhora das Candeas (30) — pela tomarmos no mesmo dia de Nossa Senhora: e com o dito vento faziamos a caminho ao sul, e a quarta, do sueste. Mandou o capitam I. ao galeam Sam Vicente que se chegasse bem a terra, até ver se no arrecife de Sam Miguel (31) estavam algúas naos.



Sam Miguel na proximidade assim, do rio de sam miguell desse tempo, provavelmente o actual Camaragibe.

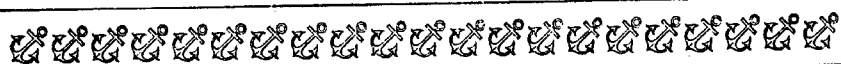
O portulano Canerio (1502) dava esta região ou o rio, como Sam Michel, e os portulanos de Maggiolo também: o de 1519, S. Miche; e o de 1527, Tera de S. Michele. Em 1505, o "Esmeraldo" ahi assignalava a aguada de sam miguel, o que demonstrava ser esse local procurado pelos primeiros navios exploradores da costa brasileira, para abastecimento de agua doce.

Seriam pelo correr de 1530, habitantes dessa zona costeira lindada pelos rios Parahiba e S. Francisco do Norte, os caetés - tidos por Gabriel Soares, mais tarde, como "de côr baça, muito bellicosos e guerreiros e muito atreídos", "grandes musicos, amigos de bailos, grandes pescadores de linha e nadadores" - e com identica lingua á dos tupinambás. Serviam-se elles de uma embarcação typica, "feita de palhas compridas como a das esteiras da tabúa" apertadas umas de encontro ás outras "com umas varas como vimes a que chamam timbós".

Nella embarcavam 10 ou 12 indios, destros no remo, e muitas vezes vinham á guerra contra os tupinambás no rio Sam Francisco. Construiam tambem embar-

Sabado pela manhã chegou o galeam a nós, e nos disse como no arrecife nam havia naos. E ao meo dia tomei o sol em nove graos e meo.

Domingo 3 dias de março faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste; e ao meo dia tomei o sol em des graos e hum quarto. A' tarde nos de-



cações maiores e do mesmo typo, e com ellas affrontavam e mar largo, ou vinham em geral ao longo da costa bahiana com mais eficiencia "fazer os seus saltos aos tupinambás", cinquenta leguas ao sul do extremo da costa pernambucana aonde estes estanceavam.

Era nesse sector maritimo da costa ainda o em que navegavam os tres navios de Martim Affonso em demanda da baia de todos Santos e trazendo terra á vista. Desde a sua partida do porto de Pernambuco, a 1.º de março de 1531 veiu, como vimos, o capitão mór acompanhando a orientação costeira nos rumos do sul e do sueste da agulha, para depois navegar no quadrante do sudoeste e deixando por boreste os seguintes pontos conhecidos ou assignalados na carta quinhentista:

O cabo Percaauri, cremos, o futuro Pero de Cabarigo ou Pero Cavarim; o rio do extremo para os Reinel parece, o Capibaribe ou o Bibiribe actuaes, mas segundo Viegas em 1534 - o Jaboatão, por o dar entre o cabo percoari ou percaauri e o cabo de Santo Agostinho ou Santagost.º, aliás como ainda em 1655 o dará Mariz Carneiro, no seu Regimento de Pilotos. (fls. 5): este rio, pensamos tambem tivesse sido o nomeado Sam Sebastiam, em 1506, por Tristão da Cunha, quando de viagem para a India (Castanheda cap. 30 L.º II.º);

ram duas trovoadas, hũa do norte e outra de lesueste, com muita agua e vento: e toda a noite andamos amainados, com muitas trovoadas: e com os mores pés de vento, que eu até entam tinha visto.



O cabo de Santo Agostinho ou o Formoso (Reinel);

A pta. de Mercauhipe, talvez já conhecida, mas não assinalada;

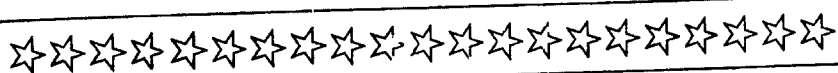
A ylha de santo alexo ou de Santo Aleixo; os rios pymeiro e segumdos, de accordo com Reinel, Riccardianna, Viegas, assim como outros rios locados entre a ilha de Santo Aleixo e o rio de Sam Myguell ou migell, este, o Camaragibe, e não outro com identica designação hoje posta mais ao sul.

Seriam os rios pymeiro e segumdos os actuaes Serinhaem, Formoso ou Una; ou o Persinunga ou o rio dos Pães? E o rio alagado dos Reinel, ou o rio delago ou da lagua dos portulanos Weimar e Turim, será o Mandahú ou mesmo, o Parahiba, ambos a desaguerem em lagoas vizinhas á actual bahia de Jaraguá?

Segundo Gabriel Soares, não muito tempo decorreu - cinco decadas talvez - para desaparecerem os nomes destes tres rios, e novos nomes de baptismo, destes e de outros pontos se fizeram conhecer. Assim, para somente melhor encaminharmos a investigação do sector estudado, aqui deixaremos as seguintes identificações: o rio do Cabo (o Sua-pe); o Ipojuca; o porto das Gallinhas; a ponta de Mercauhipe; o rio Maracahipe; o rio Serinhaem; ylha de Santo Aleixo; os rios Formoso e Una; o porto das Pedras (a Barra Grande actual na altura do pontal do An-

Segunda-feira quatro dias de março pela manhã nos tornou a ventar o vento leste até o meio dia, que nos deu hũa trovoadas com muito vento e pedra; e como passou ficou o vento em calma; e de noite tivemos muitas trovoadas de todos os rumos.

Terça-feira 5 do dito mes se nos fez o vento



tunes ou o porto Calvo); o rio Camaragibe ou Camaragipe (o S. Miguel, em 1531, e cujo nome ainda ahi é assignalado na povoação ou villa alagoana S. Miguel dos Milagres; o rio Santo Antonio mirim; o porto velho dos Francezes, (o de Maceió); o rio da Alagoa (o Mandahú ou o Parahiba, desaguando respectivamente nas lagoas Norte e Manguaba, vizinhas á bahia de Jaraguá); um rio S. Miguel, não mais o sam myguell (Reinel) nem onde seria a aguada de sam miguel de Duarte Pacheco, (Esmeraldo Situ Orbis); o porto novo dos Francezes, na altura do actual rio Jiquiá; o rio Sapetiba (o Poxim); e o grande rio São Francisco, assim ainda hoje nomeado.

Tal se daria por cincoenta annos depois da expedição de Martim Affonso, cuja derrota dos tres navios continuaremos a estudar e, tomando-os agóra em paralelo comprehendido entre a Recife de Sam Miguel, aguada de Sam miguel ou Rio de Sam myguell antigo — o Camaragibe actual —, e as serras de santo antonyo. São estas assignaladas nas cartas dos Reinel em 10.º de latitude, na de Viegas em 10.º e 10', e no Diario de Pero Lopes ora em 10.º 45', como neste passo, ora, quando este navegador de regresso a Portugal, na proximidade de 9.º 45' sul, desde que se accrescentem á la-

lessueste; faziamos o caminho ao sulsudoeste: e ao meo dia tomei o sol em des graos e tres quartos: demoravam-me as serras de santo Antonio (32) a loeste: fazia-me dellas treze leguas.

Quarta-feira seis dias do dito mes andamos em calma até á noite, que toda a passamos com muitas trovoadas de vento e relampados.



titude do meio dia de 3 de agosto de 1532, quinze minutos ou milhas já navegadas do sul para o norte. Vê-se, pois, justificando o que affirmámos, que estas serras ficariam e ficam ao sul do que chamavam: rio de sam myguell (Reinel), a Recife de Sam Miguel (P. Lopes), aguada de sam miguel (Esmeraldo). Dão-nas as cartas modernas como se desenvolvendo entre 9.º 20' e 9.º 25' sul.

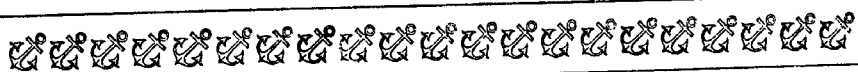
Soffreram os navios por essa altura, no Atlantico costeiro, alternadamente: calma, pés de vento, trovoadas e chuvas de pedra.

Entre esse ponto e a foz do rio São Francisco ou sam frco. (Reinel), ou talvez mesmo, a foz do Vaza-barris moderno, novos contrastes de vento castigaram os navios sempre no quadrante do sueste e tomando para o sul, acompanhados com mangas d'agua, trovoadas e raio.

Esta mudança meteorologica já citámos no anterior capitulo, como propria a essa região nessa epoca do anno e pronunciando-se, por vezes, até o quadrante do sudoeste.

Trazendo muito mal calculada a latitude para o dia 11 de março, ainda assim se identificará que a "aguagem de grande escarcéo" ou macaréu em que deram, fôra no paralelo da foz do rio sam Francisco. Verdade é, que mais ao sudoeste haveriam de cruzar com as aguas da em-

Quinta-feira ao meo dia se fez o vento sueste; faziamos o caminho do sulsudoeste. De noite, no quarto da modorra, nos deu hũa trovoadã do norte com tanta força de vento, que se me nam quebrara a verga do traquete em tres pedaços, de todo fomos soçobrados.



bocadura do actual Vaza-barris, que tambem chama na sua foz “a agoa a si com muita furia, principalmente, em tempo de travessia” — diz Mariz Carneiro, no Regimento de Pilotos. Já a seguir haviam de passar os navios ao largo do porto Real, assim chamado nos portulanos de Canerio, Maggiolo, Diogo Ribeiro e no Esmeraldo de Duarte Pacheco. Tambem como Rio Real, se o teria já em portulanos dos Reinell, da Riccardianna, de Maggiolo (1519) e, logo a seguir ao regresso da expedição de Martim Affonso a Portugal, no de Viegas, em 1534.

Nesta costa notava-se quanto á toponymia coeva aos portulanos de Canerio, Cantino, Maggiolo, Riccardianna, Turim (1523) e a um dos Reinell, o rio do Pereyra entre o rio Real e o Vazavares ou Vaza-barris; zona costeira, em que tambem os portulanos Reinell, Turim, Riccardianna, e depois Viegas, davam o rio das Canafystolas. Segundo Gabriel Soares, seria este o proprio rio do Pereyra.

Creemos tambem que o Vaza-barris de hoje não haja sido o mesmo Vazavares ou Vaza-barris (Reinell) —, e que os outros dois rios, do Pereyra e das Canafystolas, se realmente dois, se poderiam ter, ao tempo de Pero Lopes, como os actuaes Japarutuba e Cotinguiaba. Tambem se poderia te-los respectivamente como Irapiranga e Sergipe actuaes por lhes attribuirem os portula-

Sesta-feira oito dias do mes ao meo dia tomei o sol em onze graos e seis meudos (33). A' tarde nos deu hũa trovoadade de muita agua; e entre as naos se fizeram duas mangas, de que os marinheiros houveram mui gram medo, por no mar ser cousa mui perigosa.



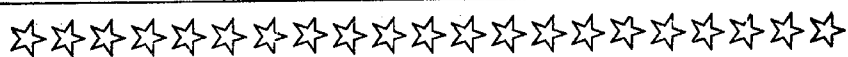
nos latitudes mais meridionaes que a do Vaza-barris que elles formam e mais septentrionaes que a do Rio Real. Segundo argue Gabriel Soares, antes de 1587, houve duas enseadas conhecidas por Vaza-barris: uma, talvez na foz do Japarutuba ou na do Cotinguiba, e outra, em tempo menos remoto, na confluencia do Irapiranga com outros rios, os quaes, todos, formam hoje o rio Vaza barris que desagua na enseada deste appellido.

Ao mar delle deveria de ter naufragado o notavel auctor do Tratado Descriptivo do Brasil.

Ainda ao tempo de Martim Affonso e Pero Lopes se conheceriam neste littoral estudado, os seguintes rios: Sam g e r o n y m o, da duvida; e em Canerio já, e em Maggiolo: o do mezo ou do mieso; — rios, que só poderão ser dos muitos que se ahi hoje conhecem até a ponta do Padram — o cabo de Sto. Antonio, na Bahia; a saber: Itapicurú, Tarari, Inhambupe, Massahi, Pojuca, Jacuhipe, Joannes e Vermelho. O de Cassia citado deveria ser o das Cana fystolas, segundo Candido Mendes de Almeida, que tambem o identificou com o Vaza-barris actual, ou o Japarutuba com o 1.º Vaza-barris, dando o rio do Pereira como o Cotinguiba (T. 40 Rev. Inst. Hist. pg. 194).

Sabado ao meo dia tomei o sol em onze graos e hum terço: fazia-me de terra quatorze leguas; e este dia nos nam ventou vento.

Domingo 10 do mes de março se fez o vento sueste, e tomava do sul; e com todalas velas faziamos o caminho do sudoeste. De noite, no quarto



Orville Derby dá a seguinte identificação, n“Os mais antigos mappas do Brasil”:

rio sam geronymo — Itapicurú;

rio da duvyda — Inhambupe;

rio do melo ou do meio — Jacuhipe.

Seria tambem o monte fragoso do portulano Reinel, um dos morros Massaranduba ou Massarandupo, ou o Sahipe, na altura de Subahuma e este não muito distante de um optimo ponto de referencia depois assignalado pela torre de Garcia d'Avila? De uma pedra da galee nos fala Pero Lopes na viagem de regresso a Portugal, dando-a a 4 leguas da ponta do Padram (cabo de Sto. Antonio), o que nos leva a te-la, apesar de não marcada em nenhum portulano do tempo, como o ilhéu de Itapoam, dos nossos dias.

Não lhe era tambem desconhecida, em março de 1531, a existencia do actual banco de Santo Antonio ou baixio á entrada da barra da baia de todolos santos, nem talvez o baixo Grande já no porto. Diz-nos o Diario: “Ao mar da ponta do padram se faz hũa restinga d'area, e a lugares pedra: entre ella e a ponta podem entrar naos: no mais baxo da dita restinga ha braça e mea”.

Se bem que no mappa 3 não fosse assim traçada a derrota dos navios e sim por fóra do dito banco, é entretanto, quasi certo que a navegação fosse feita entre a dita

da prima, nos deu hũa trovoada com tanta força de vento, que amainados, metia a nao o portaló por debaxo do mar: eram tantos os relampados que a todos nos punha temor: e rendido o quarto da prima me deu hum raio no masto do traquete da gavia, que mo fez em dous pedaços: quiz Nos-

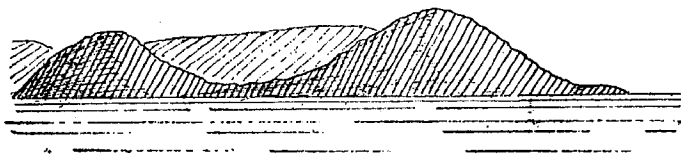


ponta do padram ou cabo de Sto. Antonio actual e o referido baixo.

Feito este ligeiro reconhecimento do littoral, vejamos após 14 dias de viagem, a 13 de março de 1531, avistarem Martim Affonso e os seus a bahia de Todolos Santos e, ao meio-dia, darem nella entrada assignalando a ponta do padram na bôa latitude para o tempo em que foi calculada de 13.º 15' sul, uma vez que hoje, com instrumentos e taboas mais precisas, damos ao cabo de Sto. Antonio a latitude de 13.º00' 45" sul. Dos cartographos do tempo parece terem sido os Reinel quem apresentava melhor latitude dessa bahia - ou Golfo de todolos Stos -, com da-la em 13º ao sul do equador.

A 13 de março de 1531 entrando os navegantes, após derrota de cerca de 400 milhas, na "Bahia de Todolos Santos", com os seus tres navios, a Capitanea, a nau Nossa Senhora das Candêas e o galeão S. Vicente e nella tomando fundo, haviam de notar, diz o Diario, correr a mesma, norte - sul, e mais, tres ilhas: uma, ao sudoeste, (a de Itaparica); outra ao norte, (a da Maré); e ainda outra ao noroeste (a do Frade); todas porém, ainda não conhecidas por taes nomes de baptismo. Accrescenta Pero Lopes, no Diario, que com o vento do sussudo-

sa Senhora que nos nam fez mais nojo: trouxe tam gram fedor de enxofre, que nam havia homem que o suportasse. Choveu-nos tanta agua esta noite, que com duas bombas a nam podiamos esgotar.



este é esta bahia desabrigada. Examinadas estas palavras, notamos não trazerem tão grande variação supposta as agulhas das naus affonsinas, como o demonstam estas e outras marcações feitas.

A BAHIA DE TODOLOS SANTOS

Abrigados os navios nessas aguas calmas, aproveitemos o descanso da navegação para traçar os antecedentes historicos que tão lindo panorama haveria de relembrar aos da expedição de 1530.

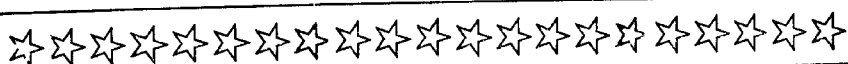
Segundo Gabriel Soares (Trat. descrpt. 1587, Rev. Inst. Hist, tomo XIV, pg. 305) “os primeiros povoadores que vivêram na Bahia de Todos os Santos e sua comarca”, por “informações que se tem tomado de indios muito antigos, foram os Tapuias, que é uma casta de gentio muito antiga, de quem diremos ao diante em seu lugar. Estes Tapuias foram lançados fóra da terra da Bahia e da vizinhança do mar d’ella, por outro gentio seu contrario, que desceu do sertão, á fama da fartura da terra e mar d’esta provincia, que se chamam Tupinaês, e fizeram guerra um gentio a outro, tanto tempo quanto gastou para os Tupinaês vencerem e

Segunda-feira 11 do dito mes ao meo dia tomei o sol em onze graos e meo: fazia-me de terra des leguas. Fazia o caminho do sudoeste com o vento sueste. Em se pondo o sol demos n'hũa aguagem do rio de Sam Francisco, que fazia mui grande escarcéo.



desbaratarem aos Tapuias, e lh'os fazerem despejar a ribeira do mar, e irem-se para o sertão, sem poderem tornar a possuir mais esta terra de que eram senhores, a qual os Tupinaês possuiram e senhorearam muitos annos, tendo guerra ordinariamente pela banda do sertão com os Tapuias, primeiros possuidores das faldas do mar; e chegando á noticia dos Tupinambás a grossura e fertilidade d'esta terra, se ajuntaram e vieram d'além do rio de S. Francisco descendo sobre a terra da Bahia, que vinham senhoreando, fazendo guerra aos Tupinaés que a possuíam, destruindo-lhe suas aldêas e roças, matando aos que lhe faziam rosto, sem perdoarem a ninguem, até que os lançaram fóra das vizinhanças do mar; os quaes se foram para o sertão e despejaram a terra aos Tupinambás, que a ficaram senhoreando. E estes Tupinaés se foram pôr em frontaria com os Tapuias seus contrarios, aos quaes faziam crua guerra com força da qual os faziam recuar pela terra dentro, por se afastarem dos Tupinambás que os apertavam da banda do mar, de que estavam senhores, e assim foram possuidores desta provincia da Bahia muitos annos, fazendo guerra a seus contrarios com muito esforço, até á vinda dos Portuguezes a ella: dos quaes Tupinambás e Tupinaés se tem tomado esta

Sabado 12 (34) do mes de março ao meo dia tomei o sol em doze graos e dous terços; e em se pondo o sol houve vista de terra, que me demorava a loeste: fazia-me della seis leguas. E de noite, por nos afastar de terra, fizemos o caminho ao sul e a quarta do sudoeste, até o quarto d'alva, que tornamos a fazer o caminho do sudoeste.



informação, em cuja memoria andam estas historias de geração em geração.”

Ainda nessas aguas aligera passaria a canôa ou igara tupi seguida pela do outro tupi do reconcavo, seu feroz inimigo, quando ahi os veria em guerra, talvez Gaspar de Lemos ou André Gonçalves acompanhado de Americo Vespucci, em 1.º de novembro de 1501.

A seguir, a expedição de Gonçalo Coelho, da qual se desligou já em aguas proximas á ilha Fernando de Noronha o piloto florentino, aportaria, subdividida em duas, a essas plagas bahianas, como depois a nau Bretôa em 1511 precedida ou seguida de empresas maritimas como as de Fernam de Loronha, a da Gazeta Aleman e outras armadas em Lisboa, na Espanha, na Inglaterra, e principalmente na França, para virem fazer incursões nessa extensa costa, no córte e resgate do pau brasil, como tambem na captura do selvagem sul-americano.

Christovam Jaques de uma feita deu aos francos principalmente nesta bahia, a caça merecida, com castigar tres navios delles num combate á foz do rio Paraguassú. Eram estes, tres navios corsarios ao serviço de ~~Iyon~~ Kertrugar, Gueret / Maturin Tournemouche, Jean Bureau e Jean Janet (d'Avezac, pgs. 23 e 24). Valeu-lhe este feito aprisionar,

Domingo 13 dias do mes de março pela manhã eramos de terra quatro leguas: e como nos achegamos mais a ella reconhecemos ser a Bahia de Todos Santos; e ao meo dia entramos nella. Faz a entrada norte-sul: tem tres ilhas: hũa ao sudoeste (35), e outra ao norte (36), e outra



segundo chronistas, trezentos francezes, por elle conduzidos para uma feitoria de Pernambuco - certo, a fundada por este mesmo capitão, á margem do actual Igarassú.

Testemunha dessas aventuras e quiçá atrocidades, deveria certamente ahi ter sido Diogo Alvares, o Caraurú, residente em terras da futura Villa Velha, e de quem a primeira noticia nos é dada, pelo piloto Francisco d'Avila que, com Rodrigo d'Acuña ahi aportara na nau S. Gabriel, em 1.º de julho de 1528.

Narrou o mesmo piloto ter achado em terra á boca da bahia, um christão que disse haver para 15 annos ahi se perdera com uma nau.

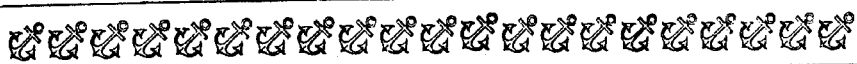
Em 1531, diz-nos Pero Lopes de Sousa, do citado naufrago: "Nesta bahia achamos hum homem portuguez, que havia vinte e dous annos que estava nesta terra..."

Outras noticias que temos sobre a vinda e a vida de Diogo Alvares nesta bahia, são posteriores á de Pero Lopes e de auctoria de Juan de Mori, um dos companheiros de Siman de Alcazaba, e referidas ao anno 1535.

Através da narrativa de Oviedo, podemos colher o seguinte:

"Ali," - na bahia de Todos os Santos - "vivia um Diogo Alvares, portuguez, que lhes disse havia vinte e cinco annos que estava só naquella terra,

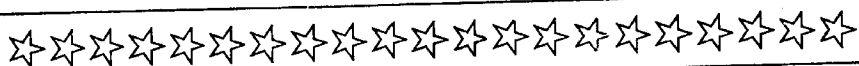
ao noroeste (37): do vento sulsudoeste he desabrigada. Na entrada tem sete, oito braças de fundo, a lugares pedra, a lugares area; e assi tem o mesmo fundo dentro da bahia, onde as naos sorgem. Em terra, na ponta do padram (38), tomei o sol em treze graos e hum quarto. Ao mar da



e se achava mui bem com os indios e o tinham por seu capitão; lhe eram mui obedientes e os tinha tão sujeitos; lhe guardavam tanto acatamento como se nascera senhor delles: que tinha consigo a sua mulher que era india da qual tinha muitos filhos e duas filhas casadas com dois espanhóes que ali estavam. Este assento e povoação de Diogo Alvares seriam até trezentas casas que eram como casarias espalhadas porém á vista uma de outras muitas em que haveria mil homens indios; e se achavam com este Diogo Alvares quatro christãos que se haviam recolhido ahi perdidos “de uma armada de Portugal” desbaratada “quatro meses antes disto; a qual armada levava 300 homens de que nenhum escapou senão estes quatro, e os indios queimaram as naus della que deram de través na costa”. “A estes quatro christãos levou a nau S. Pedro á cidade e porto de São Domingos, na ilha Espanhola.”

“A este Diogo Alvares deu-se a chalupa a troco de bastimento e tambem lhe deram duas pipas de vinho, e falou-se-lhe em alguma cousa de fé, e ao que mostrou, estava bem nella, e deu a entender que vivia naquella costa e soledade para salvar e socorrer aos christãos que por ali passassem; e disse que havia salvado francezes, portuguezes, castelhanos que por

ponta do padram se faz hũa restinga d'area, e a lugares pedra: entre ella e a ponta podem entrar naos: no mais baxo da dita restinga ha braça e mea. Aqui estivemos tomando agua e lenha, e corregendo as naos, que dos temporaes que nos dias passados nos deram, vinham desaparelhadas. Nesta bahia achamos hum homem portugues (39), que



aquella costa se haviam perdido, e se elle não estivera ali os indios houveram morto a estes que ficaram da armada de Simão de Alcazaba”. Disse mais “que oitenta leguas dahi pela costa adeante, tinha el rei de Portugal uma fortaleza donde lhe levavam o brasil - que se chama Pernambuco - onde residiam oito ou dez pessoas que esperavam de Portugal uma Armada” destinada “a povoar aquella costa”.

Tal se diria quatro annos após tocarem pela 1.^a vez os navios de Martim Affonso na bahia de Todos Santos, para se affirmar o que ao tempo futuro se saberia do Caramurú, e que realmente fôra elle ali um elemento valioso ao inicio da colonização da terra bahiana por esses dias remotos: alguns destes de desventuras e luctas como os que assistiria em Villa Velha com Pereira Coutinho, 1.^o donatario dessa capitania; outros mais promissores ou afortunados, como os que ahi viria a viver com os Governadores Geraes Thomé de Sousa e Duarte da Costa.

Para Martim Affonso foi elle informante capaz da terra, dando “rezam larga do que nella havia” e influindo em que os principaes dos tupis ou seus caciques prestassem obediencia a elle capitão mór, com grandes honras e “grandes festas e bailos”.

havia vinte e dous annos que estava nesta terra; e deu rezam larga do que nella havia. Os principaes homês da terra vieram fazer obediencia ao capitam I.; e nos trouxeram muito mantimento, e fizeram grandes festas e bailos; amostrando muito prazer por sermos aqui vindos. O capitam I. lhes



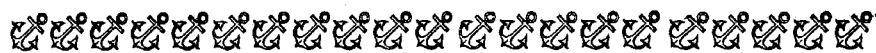
Certo em tal ambiente havia de Pero Lopes dizer no seu Diario, que a gente da terra era “toda alva, os homês mui bem dispostos e as mulheres mui fermosas que nam ham nenhũa inveja ás da rua Nova de Lixbôa”, a menos que nos falasse de alguns filhos de Diogo Alvares da nova raça tupi-européa ainda sem mescla de sangue africano.

De como viviam os tupis isentos de qualquer “modo de fisica, porque como se acham mal nam comem e poem-se ao fumo” pouco nos diz; e do que os prendia ás civilizações da Asia, Africa e Europa antigas, podemos bem avaliar, transportando para estas paginas, além da primeira informação colhida e conhecida, um dos escriptos de mais erudição sobre a lenda do Sumé - reveladora, em parte, desse mysterio -.

Na “Nova Gazeta da Terra do Brasil” em que se conta a viagem da armada de 1514, (Trad. C. Brandenburger, 1922, pg. 36 - 40) se lê:

“Elles teem recordação de São Thomé. Quizeram mostrar aos portuguezes as pegádas de São Thomé no interior do paiz. Indicam tambem que teem cruces pela terra a dentro. E quando falam de São Thomé, chamam-lhe o Deus pequeno, mas que havia outro Deus maior. E’ bem crível que tenham lembrança de São Thomé, pois é sabido que está corporalmente por trás de Malaca; jaz na costa

deu muitas dadivas. A gente desta terra he toda alva; os homês mui bem dispostos, e as mulheres mui fermosas, que nam ham nenhũa inveja ás da Rua Nova de Lixboa. Nam tem os homês outras armas senam arcos e frechas; a cada duas leguas tem guerra hûs com os outros. Estando nesta bahia no meo do rio pellejaram cincoenta



de Siramath, no golfo de Ceilão. No paiz chamam tambem frequentemente aos seus filhos, Thomé”.

Capistrano de Abreu, através das suas judiciosas e argutas expressões, das de Burton, e de outros escriptores, assim estuda essa lenda cheia de reminiscencias do Santo em terra americana.

Mostra-nos o mestre como em toda essa costa oriental da America, “desde a Florida até o Prata”, existiam “tradições de um mysterioso emigrante branco que por toda parte tinha o mesmo nome. Christovão Colombo, encontrou indios pintados chamados Zemes. Enciso (1519) regista que Suni era adorado pelos Caraïbas ou Guaranis de Cuba, e no Haiti, tornou-se Zemi; no Paraguai, era pay Zomé e alhures era Pyzomé, Zomé, Zoé, Summay, Zamna (America Central) e especialmente Sumé. É possivel que a palavra fosse Tamoi, litteralmente avô; mythologicamente (Une fête brésilienne pg. 85) um regenerador do povo”.

“Sumé de quem affirmaremos ser o typo de muitos naufragos europeos atirados á costa brasileira muito antes do descobrimento official da terra, appareceu vindo do mar ou do oriente, no Maranhão, em Pernambuco, na Bahia, no cabo Frio, em São Vicente e

almadias de hũa banda, e cincoenta da outra; que cada almadia traz secenta homens, todas apavezadas de pavezes pintados como os nossos: e pellejaram desd'o meo dia até o sol posto: as cincoenta almadias, da banda de que estavamos surtos foram vencedores; e trouxeram muitos dos outros capti-



em outras partes onde as suas pegádas eram e são ainda mostradas. Andava só ou acompanhado por um menino, que tambem deixava pegádas. Branco, de barbas longas e vestes talares, tornou-se uma especie de Triptolemo, Prometheu e Esculapio reunidos, ensinando aos selvagens o preparo da mandioca, o uso do fogo, da extracção do cabello do corpo, dos simplices e venenos, especialmente do maté - erva de São - Thomé, que era mortal até o Apostolo mudar-lhe as propriedades. Afinal, quando alguns indios malvados tentaram mata-lo, fugiu para o mar e foi-se tão mysteriosamente como viera"...

Passando já agora da lenda á realidade historica, aos costumes guerreiros e maritimos dos tupis, assistamos com os recém-vindos de Martim Affonso, á peleja de 50 almadias ou "igaras" de uma banda, contra outras cincoenta que se lhes oppõem. Se cada igara era guarnecida por sessenta homens - como affirma o Diario - o effectivo em lucta nesse valoroso combate naval teria sido de 6.000 indios.

Imaginemos esses ligeiros barcos de pavezes pintados e festivos; e mais: o aspecto bizarro e selvagem dos tupis com as pennas de aves vistosas compondo as araçoiás garridas; o vozear da gente da flotilha vogando nas azulinas

vos, e os matavam com grandes cerimoniaes, presos per cordas, e depois de mortos os assavam e comiam: nam tem nenhum modo de fisica: como se acham mal nam comem, e poem-se ao fumo; e assi pelo conseguinte os que são feridos. Aqui deixou o capitam I. dous homês, para fazerem experiençia do que a terra dava, e lhes deixou muitas sementes.

Cap. III

Quinta-feira 17 de março partimos desta bahia com o vento lessueste, e fomos na volta do sul até a tarde, que carregou muito o vento, e tornamos arribar: e surgimos á boca da bahia, em fundo de 13 braças d'area limpa.



aguas da bahia; evoquemos a peleja de sól a sól e a ferocidade na victoria dos primitivos filhos da America, - peleja animada em lances de bravura indomita e victoria consagrada pelo festim antropophago entre cerimoniaes de um cannibalismo revoltante -; e teremos a singular impressão que deixaria esta festa da guerra naval tupi no espirito do capitão mór, dos capitães, pilotos e embarcações da armada colonizadora!

**BAHIA DE TODOLOS SANTOS
- RIO DE JANEYRO**

Cap. III

Quatro dias ainda nesta bahia de Todos os Santos permaneceu o capitão mór com os seus navios refrescando a gente das naus dos contrastes soffridos no mar. A 17 de março de 1531, partiu dessas aguas acolhedoras deixando em terra, certo com Diogo Alvares, dois homens da sua ar-

Sesta-feira 18 do dito mes nos fizemos á vela com o vento leste e tomava do sueste.

Sabado 19 de março faziamos o caminho do sul com o dito vento: era de terra 4 leguas; a qual terra é toda alta e igual: corre-se norte sul. Ao meo dia tomei o sol em 13 graos e 2 terços.

Domingo, com as aguas que nesta costa correm neste tempo ao sueste, nos puzemos tanto a barlavento que pela menhã nam viamos terra.



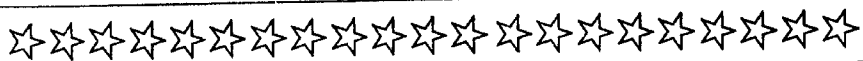
mada com muitas sementes para “experiencia do que a terra dava.”

Um desses, para Varnhagen, (Hist. Bras. 3.^a ed, pg. 275) seria Affonso Rodrigues, natural de Obidos, que em 1534 se casou com Magdalena, filha de Diogo Alvares, se é que um delles antes não fôra um dos desertores dos navios de Pero Lopes, em 1532, quando de regresso a Portugal. Ainda poderiam ser castelhanos, segundo Juan de Mori, da Armada de Simão de Alcazaba, em 1535, pois, diz este piloto: ter Diogo Alvares “duas filhas casadas com dois espanhóes que ahi estavam.”

Deu-se a 2.^a partida de Martim Affonso com a Capitanea, a nau N.^a Senhora das Candêas e o galeão Sam Vicente, a 18 de março de 1531, porque a 17 já haviam partido e arribado a essa bahia. Nesse dia 18, os navios rumando ao sul, iniciariam ausencia não grande do referido porto; pois, passados sete dias em bordejos constantes, arribavam á costa bahiana, dando vista da boca do rio Tynhaaréa, rio que banha a actual ilha Tinharé. Tal nome ainda não se encontrará em portulanos; mas, pela 1.^a vez em consequencia dessa mesma arribada, o dará Viegas em 1534: tinhare.

Ao meo dia se nos fez o vento sueste; e com as aguagens andava o caminho do sulsudoeste. E ao pôr do sol vi terra mui alta: fazia-me della sete leguas: e de noite se fez o vento mais largo; e faziamos o caminho do sul.

Segunda-feira 21 do dito mes ao meo dia tomei o sol em 14 graos e 3 quartos: fez-se-nos o vento sueste e tomava do sul; de noite tiramos as monetas: e com os papafigos baxos trincamos no bordo do sul.



Ainda pelo piloto de Alcazaba, Juan de Móri, comandante da nau São Pedro, se sabe, haver esta soccorrido em julho de 1535, os naufragos da capitanea espanhola dados á costa na ilha de Touaré, segundo uns, de Tanareques, segundo outros, mas, certamente, na ilha de Tinharé, como com pequena modificação Gaspar Viegas antes assignalara e talvez como ilha. Gabriel Soares tambem, 50 annos depois, fala dessa ilha de Tinharé a mostrar "um morro escaldado chamado São Paulo a cuja abrigada ancoravam navios de todo póрте." (Tratado descript. pg. 54).

De junto pois dessa ilha, banhada ao norte pelo rio de Tynhaaréa, - parece-nos o rio Una que tem a sua fóz ao norte da ilha Tinharé sobre que se altea o morro de São Paulo -, após a segunda arribada, suspendeu Martin Affonso os navios valendo-se do vento do oeste que soprara, seguido do sueste, para demandar de novo a bahia de todolos Santos. Sahiu-lhes ao encontro, vindo da dita bahia, um batel estranho. Atracando o mesmo á Capitanea, deixou nella um passageiro: o feitor Diogo Dias, da feitoria do rio de Pernambuco abandonada por

Terça-feira 22 de março, pelo vento se fazer sulsueste, viramos no bordo do norte; e ao meo dia tomei o sol em 14 graos e meo: e de noite levamos a proa a leste.

Quarta-feira 23 do mes fazia-me de terra 10 leguas; e ao meo dia carregou muito o vento sueste, com mui gram mar; por nam podermos ir de ló amainamos as velas, e lançamos as naos de mar em travez.



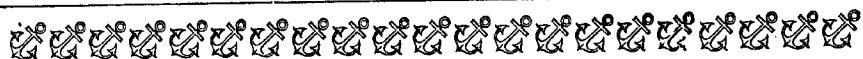
esse homem, antes da chegada de Martim Affonso e quando atacada por um galeão da França. Pertencia este batel á caravela surta na bahia, e que, paginas passadas, dissemos ir para Sofala; mas que tocando na costa de Pernambuco, fôra á feitoria portugueza ahi existente logo após o ataque do galeão francez, e dera agasalho a seu bordo a Diogo Dias, com o fim de deixa-lo, diz o Diario, no Rio de Janeiro. E por que só o deixaria ella, neste ultimo porto?

Seria porque fosse de uso dos navios de carreira para India, só do paralelo do Rio de Janeyro (Reinel) em diante, começarem de abandonar a costa do Brasil para, com segurança de barlavento, poderem montar o cabo da Bôa - Esperança?

Segundo Alonso de Sta. Cruz, costumavam buscar os portuguezes, por essa epoca, após invernã no Brasil, "ayres frescos" entre 35 e 40 graus de latitude sul, e assim, irem de caminho seguro a montar o lendario cabo das Tormentas.

Tomada a caravela em augmento do effectivo naval da expedição, soltou Martim Affonso ao piloto nella preso, largou em terra os captivos nella, talvez desde Perna-

Quinta-feira 24 dias do dito mes nam podemos sofrer o mar, que era mui feo; e arribamos com assaz fortuna: e corremos este dia todo arbore seca, pelo rumo do noroeste; e ao pôr do sol vimos terra, e conhecemos a boca do rio de Tynhaa r é a. (40) da banda do sul: e como foi noite nos deu hũa trovoada de leste tam supita, que ventando o vento sueste, — ventando forçoso, pode mais a trovoada; que se nos achara com vela so-



buco, e tomou para sua gente a que guarnecia essa unidade veleira já então nomeada Santa Maria do Cabo.

Estava agora constituída a força naval do capitão mór, de suas naus: Capitanea e a N^a. Senhora das Candêas; de um galeão, o Sam Vicente; e de uma caravela, a Santa Maria do Cabo; e com um effectivo de gente, que sommaria talvez quatrocentos homens.

Cap. III
Mappa 4
(pg. 164)

Ganho o mar alto a 27 de março de 1531 velejaram pela 3.^a vez, para o sul, visando montar os Abrolhos distantes e distanciados em seus portulanos mais do que o eram na realidade, para o leste e para o sul. Tal com mais razão serviria de justificar o que já achavam os pilotos desses navios, dizendo, segundo Pero Lopes: “que a monçam dos ventos suestes começava desd’o meado de febreiro até agosto; e que em nenhũa maneira podiamos passar (os abrolhos); e que era por de mais andar lavrando o mar,” phrase de marinheiro quinhentista em que ha reminiscencia do viver campestre.

Nesta declaração ha de attentar-se tambem ao conhecimento do regime dos ventos nesse sector da costa já reve-

çobraramos. Por sermos mui perto de terra surgimos em 21 braças de fundo d'area limpa: era o mar tam grosso, e cada vez nos investia por riba dos castellos. No quarto da modorra saltou hũa trovoadã per riba da terra d'oeste, que nos sosteve até pela menhãa de nos darmos á costa.

Sesta-feira pela menhãa nos fizemos á vela; era o mar tam grosso que iamos á popa com todas as velas, e nam no podiamos romper. Fomos com



lado por Pero Lopes e os seus pilotos, porque estando esta comprehendida na região dos aliseos, predominam ahi os ventos do leste; mas do linde sul desses ventos, mais caracteristicamente á costa, se fazem sentir: no verão, a monção do nordeste; no inverno, a do sudoeste. Outra característica meteorologica dessas paragens, são os parajás ou pirajás regionaes tocados de vento fresco. Correm o littoral bahiano extendendo-se até as regiões dos Abrolhos buscados pelos navios de Martim Affonso com resguardo exagerado devido á má fixação desses parceis e ilhas nos portulanos do tempo. Ahi, além das rajadas do sudoeste, se recebem outras muitas do sueste ou tempestades do noroeste com trovoadã e chuva.

Diz um roteiro do seculo XIX: "Durante todo o inverno ou epoca da monção do sudoeste, entre os dois equinocios (de abril a agosto), se acham na costa do Brasil, entre o Rio de Janeiro e a Bahia, até 30 ou 40 leguas ao largo, mudanças de tempo, rajadas chuvosas do sudoeste, tempestades do noroeste e brisas

este vento até meo dia, que nos deu o vento sueste, com que fomos correndo a costa esta noite. No quarto da modorra fomos surgir na boca da Bahia de todos Santos.

Sabado 26 de março pela manhã vimos dentro na bahia hum navio surto; e por ser longe nam divisavamos se era latino, se redondo: e logo vimos sair um batel da bahia, que vinha ás naos; e como chegou á nao capitaina, a salvou; e vinha nelle o



desiguaes do leste e do sul. E' a estação mais favoravel para se correr a costa para o norte".

Entretanto, era justamente ao começar de pronunciar-se esta epoca (março e abril) que Martim Affonso levava os seus navios em busca do Rio de Janeiro; e dahi, não ser esta favoravel por completo á sua navegação.

Vieram elles a lutar contra os suestes ou ventos deste quadrante, até proximidades do archipelago evitado com justo temor, quando se alargavam os ventos nos quadrantes do nordeste e do noroeste, e repontavam no do sudoeste com muito mau tempo, só abonançado com a sahida da lua. Fez-se depois o vento ao sueste, seguido do nordeste, de que se valeram na busca da costa, uma vez que tinham já como montada, mas sem poderem afirmar quando, a ilha de Santa barbora ou as demais ilhas e baxos d'abrolho. Faziam-nos estes expertos navegantes todavia, um grau ou 60 milhas mais ao sul da posição desses escolhos na carta moderna, ou tambem 60 milhas mais ao leste do que devera ser, uma vez que Pero Lopes dava os baxos d'abrolho a 30 leguas ou a cerca de 100 milhas do littoral. Se nos houvessemos de fiar nessa posição geographica dos Abrolhos, dada

capitam da caravela (41) que arribara a Pernambuco, que ia para Çofala; e vinha no batel o feitor da feitoria de Pernambuco, que se chamava Diogo Dias; e o capitam I. mandou fazer as naos a véla para dentro da bahia; e mandou chamar a gente da caravela; e mandou soltar o piloto, que o capitam trazia preso; e mandou despejar a caravela dos escravos, e lançal-os em terra; e determinou de levar a caravela comsigo, por lhe ser necessaria para a viagem.



pelo Diario, teriamos de concluir o haverem estado no dia 21 de abril, os navios affonsinos sobre elles, dia em que tambem o prumo da nau de Pero Lopes para desmentir o calculo dos pilotos lhes dava profundidade oceanica de 60 braças.

Pelo traçado do mappa 4 poder-se-á ver, se exactas fossem as coordenadas do Diario com referencia a esses parceis, como os navios deixando por barlavento e a grande distancia as verdadeiras ilhas, viriam a passar perto ou sobre esses outros imaginarios baixios tão deslocados dos verdadeiros na cartographia do seculo dezeseis.

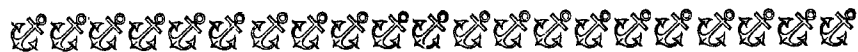
Mas, vencidos os traiçoeiros rochedos, vieram os navios na busca do continente, e, achando terra, como procuramos mostrar no mappa 4, tiveram brisas do nordeste na proximidade dos cabos Santhomé e Fryo, ventos estes mais communs aos mezes de verão acompanhados de correntes assás fortes.

Apezar de ser epoca de outras brisas e correntes, parece terem andado sob a acção de ambas, e, ao ensacarem-se, terem sido obrigados á surgida, por duas vezes: nos baixios de São Thomé ou baxos dos pargos ou tal-

Cap. III
Mapp. 4
(pg. 160)

Domingo 27 do mes de março partimos da-
questa bahia, com o vento leste, contra opiniam de
todolos pilotos: a qual era que nam podiamos do-
brar os baxos d'a brolho (42); e que a mon-
çam dos ventos suestes começava desd'o meado fe-
breiro até agosto; e que em nenhũa maneira podia-
mos passar; e que era por de mais andar lavrando
o mar.

Segunda-feira 28 de março ao meo dia tomei



vez dos parguetes, e tambem um pouco ao sul do cabo
por Pero Lopes chamado do parcel, mas anteriormente
já Santhomé, nos portulanos conhecidos.

Tendo de São Thomé partido pela manhã de 29 de
abril e navegado a cerca de uma dezena de milhas da costa
que nesse sector se encurva em seio recortado de enseadas
e bahias, ou pontilhado de ilhas e ilhéos, veiu a força naval,
pelo seu ponto ao meio dia, a ter por latitude: 22.º e 45 mi-
nutos sul.

Ao pôr do sol tinha proximo o cabo Frio que
Pero Lopes dava a 17 leguas ou a cerca de sessenta e uma
milhas, leste - oeste do Rio de Janeyro (Reinel),
dando assim este ponto na direcção devida em relação
áquelle cabo e com differença quanto á distancia de 7
milhas.

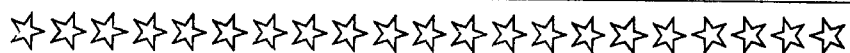
Traziam então os navios 34 dias de cruzeiro e cerca
de 1230 milhas de derrota. Com trinta e cinco fundeavam,
por lhes acalmar o vento perto de uma ilha - talvez da ilha
Raza, de hoje - que está á barra do dito Rio de Ja-
neyro. Mas por ao meio-dia soprar a viração, á feição
desta velejaram em busca do porto.

Antes, porem, delles ahi darem entrada, devemos retro-

o sol em 14 graos: era de terra 4 leguas; faziamos o caminho do sul, com o vento leste.

Terça-feira ao meo dia tomei o sol em 14 graos e 1 terço; era de terra 5 leguas; a qual terra era mui alta: corre-se norte sul. Lancei o prumo ao mar, e nam tomei fundo com 200 braças.

Quarta-feira fazia o caminho do sul, com o vento leste; nam me afastando nada de terra. Ao meo dia tomei o sol em 13 graos (43).



ceder á propria bahia de todolos Santos, para virmos della, recordando cautelosamente, a toponymia da costa comprehendida entre esse ponto e o Rio de Janeiro, costa que os navios affonsinos vieram, quasi sem assignalar, deixando por boreste.

Guiemo-nos nessa reconstituição da onomastica geographica conhecida até 1535, valendo-nos de entre outros, dos portulanos ou cartas de marear de Canerio, Reinel, Riccardianna, Turim, Weimar, Maggiolo, Ribeiro, Vaz Dourado, Gaspar Viegas e alguns outros; dos roteiros de Alonso de Sta. Cruz, Duarte Pacheco, João de Lisbôa, Alonso Chaves, Oviedo, Gabriel Soares, Mariz Carneiro, dos estudos de Orville Derby e das notas respigadas em informações de alguns outros nautas, cosmographos e estudiosos do assumpto.

Assim, nesse sector do littoral, um profundo estudioso dos portulanos de Canerio a Ruysch, dr. Duarte Leite (Hist. da Col. Port. Vol. II, pg. - 432-433) viria a dar a seguinte identificação dos principaes rios:

rio de S. Thiago: rios Una de Valença, Camamú, Jequiricá;

Quinta-feira 31 do mes de março, fazendo o dito caminho do sul e ao meo dia, tomei o sol em 13 graos e dous terços (44). A costa se ia correndo sempre norte sul. No sartam havia mui grandes montanhas.

Sesta-feira 1.º d'abril com hũa trovoada saltou o vento ao sulsueste, e fui na volta da terra; mea legua della tomei fundo com 120 (45) braças de pedra; tudo ao longo do mar eram rochas: e ao



rio Sto. Agostinho: rio das Contas;
 rio Sta. Helena: Commandatuba, Poxim ou Una;
 rio (dos Sexmos) ou dos Cosmos: rio Pardo;
 rio das Virgens: Jiquitinhonha;
 rio de São João: rio S. João de Tiba.

Outro estudioso da cartographia antiga, o notavel dr. Orville Derby, assim os identificara n' "Os mais antigos mappas do Brasil":

rio S. Jacome: rio Jaguaripe ou talvez Jequiriçá;
 rio S. Agostinho: rio das Contas;
 rio de Sta. Helena: rio Ilhéos;
 rio de Cosmos: rio Una (mirim);
 rio das Virgens: rio Pardo;
 rio S. Joham: rio Jiquitinhonha.
 rio brasyl: um dos rios: Peruipe, Caravellas, Itanhaem ou Craminuam.

Por soffrerem esses rios outros baptismos ou troca de nomes após novas explorações costeiras, apresentamos essas duas valiosas opiniões, e apresentaremos a nossa, de

meo dia virei no bordo do norte, até o quarto da prima, que me deu hũa trovoadade de lessueste; e como passou, ficou o vento em calma.

Sabado 2 d'abril tomei o sol em 13 graos e meo (46), e andamos todo o dia em calma.

Domingo 3 dias do mes d'abril ao meo dia tomei o sol em 15 graos e meo: estavamos de terra 4 leguas; andamos este dia todo em calma.

Segunda-feira ao pôr do sol se fez o vento



menor merito, não só referente a rios, como a outros accidentes geographicos até o Rio de Janeiro.

Assim julgamos que em 1531, quando Martim Affonso por alli passava e pouco depois, pela carta de Viegas, se poderia obter o seguinte quadro de identificação dessa costa: (Mappa - 4):

R. de Joham Guyo: o Jaguaripe, o Jequiriçá ou o Una, - sendo que este, deverá ser o Tynhaarea, de Pero Lopes;

R. da praya: o Serinheem ou o Acarahi;

R. de Santagostinho: R. das Contas;

Serra alta: Serra Grande;

G. da praya (Reinel) ou Abaia (Viegas); rio S. Jorge dos Ilhéos ou fóz do rio Cachoeira;

R. das Ostras: o Una — mirim ou o Muruim;

R. Santana (Reinel), Sta. Helena ou Sta. Lena (Canerio): o Commandatuba ou o Poxim;

rio dos Cosmos: rio Pardo;

R. das Virges (Reinel), R. das Voltas (Viegas): rio Jiquitinhonha;

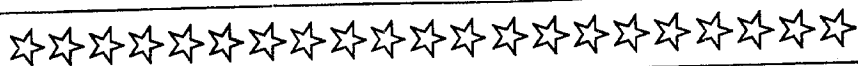
R. S. João de Tiba ou R. de Sta. Cruz: rio S. João de Tiba e bahia de Sta. Cruz;

leste; e com elle fomos no bordo do sul até o quarto da prima, que se fez sueste; — que tornamos a virar no bordo do norte.

Terça-feira com vento lessueste barlaventeamos todo o dia: havia de mim a terra cinco leguas.

Quarta-feira pela manhã se fez o vento calma até

Sabado ao meo dia, 9 dias do mes d'abril, que



Porto Seguro: Porto Seguro, e tendo a 7 milhas no quadrante do nordeste uma das ancoragens do Almirante descobridor e por isso chamada futuramente a bahia Cabralia;

rio do brasyl: o Craminuum ou o Frade;

monte pasqual: Monte Paschoal;

rio de sam gorge ou Sam Jorge ou S.

Joham (Canerio) : rio Caravellas;

a ilha dos baxos (P. Lopes), y. de Sta. Barbora (Reinel) ou de Sta. Luzia (Oviedo) : ilha de Sta. Barbara, principal do archipelago e do baixo dos Abrolhos;

C. dos bayxos dabreolho : Ponta da Baleia;

bayxos dabreolho: baixos dos Abrolhos, ou parcel das Paredes, com o respectivo archipelago, e postos para os nautas quinhentistas muito afastados da costa e demais ao sul.

Oviedo dava esses "bayxos" distante vinte e cinco leguas leste - oeste do promontorio de Abrejos (ponta da Baleia), e Pero Lopes os tinha a 30 leguas da costa e mais ao sueste da posição actual, como se vê no

nos deu uma trovoada do sudoeste; e ficou o vento no sul, com que faziamos o caminho de leste.

Domingo 10 dias d'abril se fez o vento sueste, e amainamos as velas, e lançamos as naos de mar em travez: e ao meo dia tomei o sol em 15 graos e 1 terço (₄₇). Fazia-me de terra 20 leguas.

Segunda-feira começou o vento sueste a ventar com muita força e com mui gram mar: de noite cresceu o temporal tanto e tam forte, que quize-



mappa 4, e o demonstra com a sua navegação Pero Lopes, já na vinda com Martim Affonso, já de regresso com dois navios a Portugal. Diogo Ribeiro em 1527 chamaria, parece, ao actual parcel das Paredes, o baxo de los pargos, e o portulano de Viegas de 1534, o primeiro desenhado após a expedição affonsina, reproduziria bem o pensar dos capitães e pilotos desta expedição, pondo o archipelago dos Abrolhos a um grau da costa e prolongando de mais um grau ao sussueste da verdadeira posição, esses recifes coralliferos.

Oviedo, com latitudes mais meridionaes que esses pontos, nos dá tambem: o cabo de São Pedro talvez a ponta delgada de Viegas, e ambos supomos, a ponta de Monsarraz á foz do rio Doce; o rio Formoso que se não foi para esse auctor o actual rio Doce, poderia bem ter sido o actual Parahiba do Sul; e Angla ou Angra, que talvez tivesse como a actual Benevente.

Mas é mister atermo-nos mais aos cartographos do tempo. Reinel assignala a seguir a baia de Santa Iuzia ou a actual bahia do Espirito Santo; e o cabo de Sam Johã, ou São João, provavelmente o que hoje

ramos arribar e nam nos estrevemos, por ser o mar mui grosso: até pela menhãa estivemos com muita fortuna, que se fez o tempo mais bonança. Assi estivemos pairando até sexta-feira 15 dias d'abril, que se fez o vento leste; e demos totalas velas no bordo do sul; e ao meo dia tomei o sol em 15 graos e 1 terço. Fazia-me de terra 17 leguas.

Sabado se fez o vento lessueste, e faziamos o



é marcado pelo pharol de S. João da Barra. Pensamos que á baia de Santa-luzia, Viegas chamava a baia do parcel. Davam os Reinel os bayxos dos pargos; Viegas em 1534, dá os baxos dos parguetes, como no Diario, tambem Pero Lopes. Ha ainda uma pescaria dos pargos posta pelos Reinel 20 minutos proximamente, ao sul dos actuaes baixios de São Thomé. Marcavam os Reinel os baxos dos pargos dez minutos ou milhas ao norte do cabo de S. Thomé, ao passo que Viegas tinha os seus "parguetes" 60 minutos ao norte do referido cabo, e ainda, ao sul desses, os escolhos que se encontram pelo littoral da costa espirito-santense desde a actual Itabapoana, aqui ou além afflorados, até os ilhotes de Guarapari. Tal o faria a dar por ahi a Costa Çuja precedida de 7 ilhetas ou das muitas ilhotas que por ahi existem.

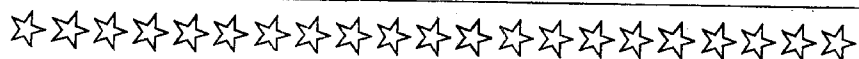
Antes da carta de Viegas, dava a de Ribeiro de 1529 como baxos de Joargas, parece, o que para aquelle seriam os baxos dos parguetes.

Pelo exposto, se ha de entretanto concluir, que todos reconheciam a existencia dos baixios de S. Thomé, mas os recuavam para o norte.

caminho do sulsudoeste; e ao meo dia tomei o sol em 14 graos e 1 quarto (48).

Domingo pela menhãa nos deu hũa trovoada do sueste com muito vento e agua: este dia todo nos choveu sem vento, e de noite muitas trovoadas de todolos rumos.

Segunda-feira 18 dias do mes d'abril se fez o vento sueste; e viramos no bordo do norte até o quarto da prima, que se fez o vento lessueste, e



O cabo do parcel de Pero Lopes, já os Reinel dão como cabo de santhomé, designação logo depois confirmada por Viegas; cabo Santhomé dão o 2.º portulano dos Reinel, a Riccardianna e outros. Convem notar que já em 1502 Canerio havia dado a Serra de S. Thomé, e em 1527 Maggiolo, a Tera di S. Tomé.

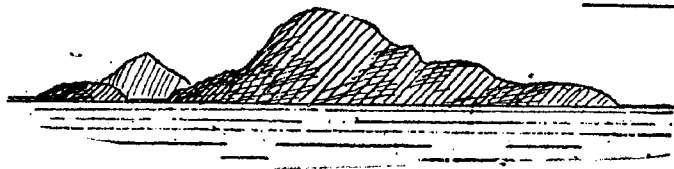
E' esta região favorecida de muitas lagoas e seria a esse tempo habitada pelos goitacás vivendo vida lacustre, mostrando-se bravos nadadores desse littoral atlantico e desafiando de continuo a morte, no valoroso desporto da pesca aos tubarões. Ensina-nos Simão de Vasconcellos, quando trata da vida do padre João de Almeida, como esses bravos indigenas venciam a esses peixes vorazes, em pleno mar, atravessando-lhes á garganta porretes com desmedidas pericia e coragem. Confinavam os goitacás com os temiminós ao norte, ou ainda com os tupiniquins em lucta contra os aymorés, antes destes recuarem para as serras deste nome; e, ao sul, com os tupinambás, chamados tamoios pelos portuguezes e seus alliados.

Montando o cabo de São Thomé ou os bayxos dos pargos dos Reinel, e como dissemos, por bem des-

viramos no bordo do sul. Fazia-me de terra 15 leguas.

Terça-feira ao meo dia tomei o sol em 16 graos e 2 terços. Esta noite nos ventou muito o vento lessueste.

Quarta-feira 20 dias do mes d'abril pela manhã me cheguei á nao capitaina; e me disse o capitam I. que com o grande vento, que de noite ventara, lhe quebrara o mastro do traquete, abaxo



locados, os dos parguetes de Pero Lopes e mesmo de Viegas, nas proximidades dos referidos baixios e num dos canaes que os atravessam, fundearam os navios de Martim Affonso.

Vencido este baixio, teremos de identificar e citar outros pontos da cartographia antiga.

Assim: a baia do Salvador (Reinel); o rio do salvador (Alonso de Chaves) ; o golfo do a Recife, o golfo Fremosa (Reinel); os quaes identificaremos com: Macahé, e bahia de Santa Anna, e entre esses - o golfo Fremosa - citado em terceiro logar e ainda hoje tido como a Bahia Formosa. Da enseada dos Busios, vizinha á bahia de Sant'Anna, ainda não tratavam os portulanos desse tempo, enseada que assim devera ter sido posteriormente baptisada.

Os Reinel dam-nos ahi, ou mais ao sul, tambem as ilhas de sam Roque; do pouso; e do cabo fryo. A não ser esta que conservou o nome de baptismo, somos levado a ver nas outras citadas,

da gavia hũa braça; e que queria arribar á Bahia de todos Santos; e a todos nos pareceo mui bem, por nam ser ja tempo para dobrar os baixos d'Abrolho. Estando nisto, nos deu hũa trovoadade lesnordeste; e como passou, ficou o vento em leste e tomava do nordeste; e o capitam I. tornou a mandar que virassemos no bordo do sul; e assi fomos até á noite, que no quarto da prima que se nos fez o vento lesnordeste: e faziamos o caminho do sulsueste.

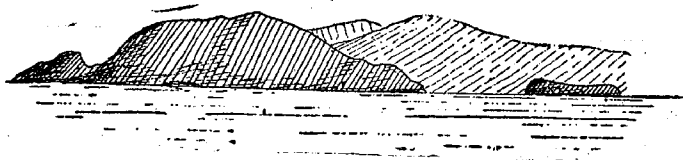


as actuaes: de Sant'Anna, á boca da barra de Macahé; as Ancoras, na altura da enseada de Busios; ou duas dessas muitas ilhas que por essas paragens se encontram, nomeadas hoje: Comprida, Papagaios, Branca, Feia, Cavalla e, quantas mais, que Canerio ahi dera como formando o Alapego (ou archipelago) de S. Paulo, e Maggiolo, como o alapego (ou archipelago) del navios, em 1527.

Da serra do Mar, nesse sector da costa e sertão proximo, fariam parte as serras de Santa - luzia (Reinel) dadas mais ao sul, dois graus de latitude da bahia de Sta. Luzia ou da do Espirito-Santo actual, e sendo pois das que se encontram ao sul do cabo de Santhomé: as de Macahé, talvez. Deveria tambem ser parte dellas, a serra de S. Thomé, de Canerio,

A ylha de Cabo Fryo, como dissemos, dada com o nome do referido cabo, parece ter sido nomeada, como este promontorio, desde a expedição de Gonçalo Coelho, de que fez parte Vespucci, ou mesmo antes: pois anteriormente a junho de 1504 era elle chamado cabo

Quinta-feira 21 d'abril ao meo dia tomei o sol em 19 graos menos 1 terço: fazia-me de terra 20 leguas. O vento se nos fez leste, e com elle faziamos o caminho do sul com todalas velas. De noite se fez o vento lesnordeste, e com as bolinas largas faziamos o dito caminho, levando resguardo, que cada relogio sondavamos; porque todos os pilotos se faziam ir por riba dos baixos d'Abro-lho, que lançam ao mar 30 leguas, e o começo



Frio da Rama (Kunstmann III.º). Em 1505 Duarte Pacheco, no Esmeraldo, tambem o nomeava cabo Frio; e seria a este cabo que Cantino emprestava o nome de Santa Marta?

Se Cabo Frio não foi o seu nome primitivo, cedo foi o por que se tornou conhecido entre cartographos e navegantes que, ao monta-lo, deviam de logo sentir - os ares mais frios do sul.

RIO DE JANEIRO

E já que este cabo deparamos ao correr do estudo da derrota affonsina, e para melhor encaminhamento das investigações historicas que se prendem á primeira vinda de europeus ao Rio de Janeiro, detenhamos a nossa derrota por mar, buscando o desenvolvimento dos factos que nos hão de conduzir á nossa formosa Guanabara.

Após a 1.ª expedição de 1501 em que servia Americo Vespucci, veiu este na expedição de 1503 em duas naus desgarradas da armada de Gonçalo Coelho no parallelo de

delles está em altura de 19 graos (49). E assi fomos toda esta noite com mui bom tempo, sem podermos tomar fundo com 60 braças.

Sesta-feira pela manhã se nos fez o vento nordeste, e com totalas velas faziamos o caminho ao sul. Ao meo dia tomei o sol em 21 graos e 3 quartos; e como foi noite se nos fez o vento noroeste.

Sabado no quarto d'alva se fez o vento sudo-



Cabo de Outeiro e Ilha de Angra

Fernão de Loronha, a fundear em aguas brasileiras do Cabo froyo. Além da fundação ahi por este navegante de uma feitoria portugueza com 24 homens; da exploração levada por sua gente ao sertão num raio de 40 leguas; da partida das suas duas naus carregadas de "pau brasil", a 18 de junho de 1504; e não contando as naus francezas ahi vindas á pilhagem do famoso pau de tinturaria; sabe-se da chegada a este porto do Cabo froyo, em 22 de maio de 1511, da nau Bretôa, ao mando do capitão Christovam Pires, e armada por Bartholomeo Marchione, Benedetto Morelli, Fernão de Loronha e Francisco Martins.

Carregada de pau brasil, de papagaios, de gatos, de saguins e de escravos, tinha a nau uma demora de 63 dias nesse porto, em cujas ribeiras deixaria, ao partir, na "feitoria" de que era feitor João Braga - a outro portuguez e piloto: João Lopes de Carvalho.

Dada a partida da nau mudavam-se para o Rio de Janeiro estes dois portuguezes, aonde fixaram residencia.

Foi um dos primeiros exploradores desta bahia o bravo Gonçalo Coelho, em 1503 e junto á foz do rio Carioca — talvez o rio do Sombreyro — assentava arraial,

este; e veo tam supito e furioso, que quasi nam deu lugar a amainar as velas; e ventou com tanta força (o qual ainda nesta viagem o nam tínhamos assi visto ventar) que as naos sem velas metiam no bordo por debaxo do mar: era tamanha a escuridam e relampados, que era meo dia e parecia de noite: á tarde se fez o vento sul. Andava o mar tam grosso e tam feo que nos entrava por todalas partes. No quarto da prima ao sair da lua abonan-



sem que entretanto deixasse, para alguns, de reconhecer mais terras e rios ao sul do continente. Permanecendo nesta bahia para dois annos, - e parece, tres em toda a estada no Brasil, — foi elle ao regressar a Portugal, um dos primeiros semeadores dessa lenda do ouro e prata tão estimada principalmente nas côrtes que o destino tornava rivaes; lenda que se accrescenta em maravilhas por occasião do regresso da expedição de 1514, chamada da Gazeta alemã, armada por D. Nuno Manuel e Cristobal de Haro e pilotada talvez por João de Lisbôa. Attingira esta, segundo tão valioso documento, as aguas de um grande rio do sul, aonde se dizia da existencia da prata attestada pelo machado de que era portadora a expedição.

Sendo de dois annos ou pouco mais, como dissemos, a permanencia de Gonçalo Coelho nas ribeiras da Guanabara, encontrariam vestigios do seu arraial á foz do rio Carioca, João Braga e Lopes de Carvalho ao ahi chegarem após ou durante o anno de 1511?

As chronicas são falhas a respeito; mas de João Braga se sabe que se estabelecera em uma das ilhas guanabarinhas e fizera trafico muito remunerador com os indigenas da terra firme; e de João Lopes de Carvalho se affirma e

çou mais o vento; ficou o mar tam grande que nos nam podiamos ter na nao. Da banda de bom-bordo me arrebetaram os apparelhos, com o jogar da nao.

Domingo 24 dias do mes d'abril se fez o vento sueste; e nos fizemos á vela com o mar grande e mui cruzado: faziamos o caminho a lessudoeste (50); e de noite no quarto da modorra me acalmou o vento.



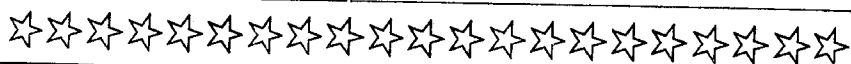
prova, fôra habitante dessas terras quatro annos, durante os quaes se ligara a uma natural do logar e de quem tivera um filho, mais tarde, tripulante como seu pae, da armada de Fernão de Magalhães, na primeira circumnavegação do globo.

Sobre todos esses pontos historicos a viagem da Gazeta aleman em 1514, a de Solis, mais de um anno depois, e a de Magalhães em 1519, se não tão laconicas em suas narrativas, nos poderiam levar a outros esclarecimentos. Fernão de Magalhães, principalmente, nesta bahia permanecendo quinze dias do mez de dezembro; chamando-lhe "Santa Luzia" porque "tal dia (13 de dezembro) entraron en ella" —. (Herrera — 2.º L.º cap. 10); abastecendo-se de fructa, madeira, caça e agua fresca e bôa; conhecendo noticias do logar por seu piloto João Lopes de Carvalho, antigo pratico dessas ribeiras; tendo informações das minas de ouro e prata distantes; sentindo ser por bom augurio tomada a sua visita pelos tupinambás, por coincidir com a volta das chuvas anciosamente esperadas; mandando duas vezes celebrar missa em terra; mais nos, teria a dizer além do que nos relata Pigafetta e Denucé critica com erudição.

Da armada de Magalhães se sabe ainda, que antes da

Segunda-feira pela manhã havemos vista de terra a qual era mui alta a maravilha: fazia-me della 10 leguas.

Terça-feira ao meio dia nos deu o vento nordeste, e com elle corriamos a costa, a qual se corre nordeste sudoeste e toma da quarta de norte sul. De noite no quarto da prima mandei lançar o prumo ao mar; e tomei fundo com 9 braças e mandei fazer fogos: e fiz-me no bordo do sueste; sempre



partida a 28 de dezembro, seu piloto por nome André de San Martin procurou determinar a longitude da bahia, talvez pelo processo astronomico das distancias lunares, a 17 de dezembro. Feliz não foi elle no seu calculo, nem poderia se-lo, ainda mais guiando-se por taboas imperfeitas ou incorrectas como as de Enciso, então impressas.

Alguns annos se passaram para que a esta bahia tambem chegasse D. Rodrigo d'Acuña, da armada Jofre de Loaysa, na nau San Gabriel, não em semelhante missão scientifica, mas para convocar a sua gente a conselho e resolver a sua partida seguida de mil aventuras, antes que attingisse a Espanha.

E quantos mais navegadores e navios de invernã ao correr da sua navegação para a India, ou no curso maritimo e resgate do "brasil", não arribariam a essas aguas placidas e acolhedoras, antes desse 30 de abril de 1531, em que os navios de Martim Affonso aferravam o fundo do rio, buscando reparador descanso de 3 mezes?!

Antes de aferrar, porém, o rio e á boca da barra que Pero Lopes dá mais 19 minutos ao sul do que realmente está, fundearam os navios de Martim Affonso,

sondando, quanto mais iamos ao mar, menos fundo achavamos (51).

Quarta-feira 27 do mes d'abril pela manhã houve vista de terra hũa legua della, em fundo de 8 braças. O vento era mui bonança, quanto as naos governavam. A costa se corre nornordeste susudeste (52) escasso, a terra he toda ao longo do mar mui chãa sem arboredo: no sartam serras mui altas e fermosas (53); haverá dellas ao mar 10

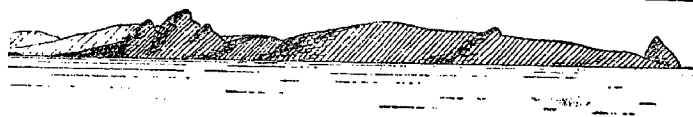


nessa manhã de 30 de abril de 1531, em "15 braças darea limpa", junto de uma ilha, para nós - Raza - para outros, Cutunduba. E' todavia de notar-se que elles vieram sob a acção do vento do nordeste e, quando este lhes faltou, tiveram de fundear e aguardar novo favor de Eolo.

Candido Baptista de Oliveira, na "Revista Brasileira" valendo-se do valor das braças de sondagem dadas pelo Diario, é de opinião de que a nau de Pero Lopes, a N.^a S.^a das Candêas, fundeou sobre o banco existente entre a Cutunduba e Imbuhi; e pela comparação que faz entre a sondagem de 1531, a de 1574, segundo mappa que acompanha as Memorias de Duguay-Trouin e a da carta de 1854 ordenada pelo então chefe de esquadra Joaquim José Ignacio, futuro visconde de Inhaúma, mais se aferra a esta conclusão. Chega a dizer o mesmo mathematico que por se ter este banco alteado 3 braças e meia num espaço de 324 annos, no de 2122, por esse quadrante, se dará o fechamento da bahia, ao passo que o do outro canal, entre Pão de Assucar e Cutunduba, remontará ao anno 2.304!..

Não nos parece, sobre este ou outro banco hajam fundeado os navios recém-vindos, e sim, proximo á Raza até

leguas, e a lugares menos. Ao meo dia se fez o vento da terra brando: faziamos o caminho para o mar. Indo assi per fundo de 8 braças, de supito demos em 3, e logo mais ávante em 2 e mea: tornamos a fazer o caminho de sudoeste; e logo demos em fundo de quatro braças; e logo surgimos no dito fundo. E o capitam I. mandou lançar o seu esquife fóra; e mandou nelle o piloto que fosse sondar por o rumo do sul, e do sudoeste, e do



o meio-dia, quando cahindo a viração, vieram a fundear dentro no rio.

Ao penetrarem neste, deviam ficar o capitão mór e os seus na illusão dos que os precederam, de que não entravam num rio mas sim numa ria, cujas salgadas aguas alagavam a terra baixa em muitos pontos. Porque nem mesmo chegaram ao conhecimento dos muitos rios e ribeiros que ahi vinham ter, e futuramente passariam a ser conhecidos por: Emboassú, Guaxindiba, Macacú, Guarahi, Guapi, Magé, Iriri, Suruhi, Inhomirim ou Estrella, Iguassú, Sarapuhi, Meriti, Irajá, Inhaúma, Icarahi, São Lourenço, Mauá, Maracanã, Trapicheiro, Andarahi e ainda ao tempo favorecidos, parece, das muitas aguas das serras e protegidos por florestas admiraveis que se encontrariam ao longo dos seus cursos.

Mais proximo da boca da bahia se haveria de encontrar o riacho - Carioca - o rio del Sombrero citada por Oviedo (Hist. Gen. de las Indias) - e que recebendo as aguas nascentes em alguns morros circumvizinhos, vinha a desaguar na proximidade do futuramente chamado - morro da Gloria, para o lado da futura praia do Flamengo, en-

sueste. E á noite veo o piloto mor no esquife, e disse que pelo rumo do sueste, que era baxo, que nam achara mais de tres braças: que indo ao sul achara 8 braças.

Quinta-feira 28 dias do mes d'abril ao meo dia tomei o sol em 22 graos e 1 quarto, e á tarde se fez o vento nordeste, e nos fizemos á vela pelo rumo do sul; e logo demos em fundo de seis braças; e no quarto da prima nos acalmou o vento; e surgi em



seada de tal curvatura ou seio, hoje não muito difficil de reconstituição, estudada a topographia desses pittorescos recantos.

Tambem era este curso d'agua o chamado - rio Jordão - e truncadamente Judia, em Diogo Ribeiro, e Judia ou India, em Alonso de Sta. Cruz; mas o nome de Rio de Janeyro já tinha para Martim Affonso e os seus essa bahia toda, que vinham de demandar.

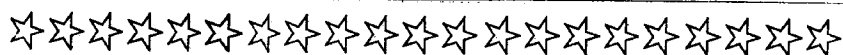
Os cartographos Reinel, parece, senão em 1516, certamente antes da expedição de 1530, lhe dão na cartographia quinhentista pela primeira vez este nome, já em uso, contra o que os portulanos: Canerio, Ruysch, Waldseemüller, Turim, Maggiolo, assignalam nesse local como Pinachullo detentio e rio Jordam.

Rio de Janeyro, já era pois o nome dessa bahia, ao entrarem ahi os navios de Martim Affonso e fruirem os embarcações delles o encanto singular de paesagens de rara magnificencia, mórmente a esse tempo, quando a mão do homem não havia alterado a obra maravilhosa da natureza.

Diz Pero Lopes, num passo do seu Diario, haver dentro nesse rio, oito ilhas e muitos abrigos, e a meio da

fundo de quatorze braças, duas leguas e meia de terra.

Sesta-feira pela manhã nos fizemos á vela com o vento nordeste, indo sempre ao longo da costa tres leguas della, per fundo de 50 braças d'area limpa. O c a b o d o p a r c e l (54), que jaz ao mar, se corre da banda do nordeste ao sueste, e da banda do sudoeste aloeste, e ás partes a loessudoeste. Quando fui fóra do parcel descobriam-se serras mui



boca da barra “húa ilha de pedra rasa com o mar”. Deve ser a “Lage” esse ilhéu, e as outras oito ilhas as primeiras por elle vistas ao darem os navios entrada no porto, naturalmente as agora nomeadas Bôa Viagem, Seregipe ou Villegagnon, Cobras ladeada da dos Ratos, hoje Fiscal, além desses muitos morros ilhados, como o seriam os ainda anonymos: Cão, Viuva, Gloria, São Januario ou Castello, quasi extincto, e Santo Antonio, - não só pelas aguas das serras como principalmente, ás horas da préa-mar, pelas salgadas aguas da bahia. Se melhor visitado por elle fosse todo o rio, não só oito ilhas ahi assignalaria, mas sim cerca de oitenta, muitas das quaes de notavel relevo e gracioso contorno. (Fausto de Sousa - Rev. Inst. Hist. Tomo XLIV, 1882, pg. 100).

Se do fundo da bahia não nos dá noticia o Diario, falamos todavia do sertão a que o capitão mór mandou quatro homens, os quaes, por espaço de dois mezes, andaram 115 leguas: 65, “por montanhas mui grandes”, e 50, por um campo de grande extensão.

A' volta desses sertanistas, o arraial do capitão mór já havia sido levantado ribeirinho ao porto, pouco tempo depois chamado de Martim Affonso, e com muito

altas ao sudoeste (55). Ao meo dia tomei o sol em 22 graos e 3 quartos: ao sol posto fui com o c a b o F r i o : como foi noite amainamos as velas, e fomos com os traquetes toda a noite. O c a b o F r i o se corre com o Rio de Janeiro leste oeste: ha de caminho 17 leguas.

Sabado 30 dias d'abril, no quarto d'alva, eramos com a boca do Rio de Janeiro, e por nos acalmar o vento, surgimos a par de hũa ilha, que



mais seio do que ahi ao futuro mostrariam a praia Vermelha, a praia do Suzano e modernamente a praia da Saudade (Fausto de Sousa — Rev. do Inst. Hist. T. XLIV pg. 151). Varnhagen (T. XIV Rev. Inst. Commentarios, pg. 377) veiu mais tarde a confundir este porto de Martim Affonso com o do temiminó Martim Affonso, o Ararigboia, porto ao futuro tido mais para dentro na bahia, na altura aonde depois foi a bica dos Marinheiros, na parte da terra carioca, porque da outra banda tambem se installaria o bravo indigena, na actual enseada de S. Lourenço.

Constava o arraial affonsino da gente portugueza recém chegada de “hũa casa fórte com cerca por derrador”, de uma ferraria para fazer “cousas de que tinham necessidade”, e tambem de improvisado estaleiro para construcção de dois bergantins de 15 bancos cada um, se é que mais acertadamente não os trouxeram os portuguezes, em peças soltas, para ahi arma-los.

A esse arraial chegaram os 4 expedicionarios acompanhados de um cacique “um grande senhor de todos

está na entrada do dito rio, em fundo de 15 braças d'area limpa. Ao meo dia se fez o vento do mar, e entramos dentro com as naos. Este rio he mui grande; tem dentro 8 ilhas, e assi muitos abrigos: faz a entrada norte sul toma da quarta do noroeste sueste: tem ao sueste 2 ilhas, e outras 2 ao sul, e 3 ao sudoeste (56); e entre ellas podem navegar carracas: he limpo, de fundo 22 braças no mais baxo, sem restinga nenhũa e o fundo limpo. Na boca de fóra



aquelles campos” que “lhes fez muita honra” e trouxe “muito christal” para o capitão mór, além de novas de como “no Rio de Peraguay havia muito ouro e prata.”

Teriam esses expedicionarios, segundo Orville Derby, (Rev. Inst. Hist. de São Paulo) chegado a Minas Geraes, mas a Capistrano assiste mais razão dando-os como idos ás futuras terras paulistas, aonde teriam conhecimento das riquezas do rio Paraguai.

E que impressão a esse cacique não causaria esse arraial ora em faina constante no armar os bergantins, trabalhar a madeira e o ferro, martellar e fundir; ora em pregar taboas dos resbordos das novas embarcações, apparelha-las e calafeta-las com esmero?! E as sobranceiras naus, o galeão e a caravela na enseada affonsina, com as suas vistosas bandeiras e insignias, as suas velas alvas marcadas de cruces vermelhas, os seus homens do mar e os seus homens d'armas de tão garridos e guerreiros trajés?! Ao lançarem-se ao mar tambem os novos bergantins, como ha-

tem 2 ilhas da banda de leste, e da banda d'aloeste tem 4 ilheos. A boca nam he mais que de hum tiro d'arcabuz; tem no meo hũa ilha de pedra rasa com o mar; pegado com ella ha fundo de 18 braças d'area limpa. Está em altura de 23 graos e 1 quarto.

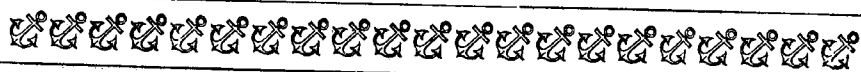
Como fomos dentro (57), mandou o capitam I. fazer hũa casa forte, com cerca por derrador; e mandou sair a gente em terra, e pôr em ordem a



via de elle notar bem outra a cerimonia usada pelos tupis nessas mesmas aguas guanabarinas, pois era habito entre estes selvagens, além de no dia destinado ao córte da madeira votada ao fabrico da igara ou canoa, segundo Thevet, não comerem, nem beberem, para que a sua gula não trouxesse ao lenho infelidades no mar; e tambem usarem de lançar pennas de certas aves ás aguas, se escrespadas pelos ventos, como propicio ao apaziguamento das iras marinhas.

Lançados os dois bergantins ao mar, talvez sob a benção do capellão Gonçalo Monteiro, embarcado na armada, levantava acampamento Martim Affonso deixando de novo a terra ao tupinambá ou tamoio que Pero Lopes descrevia tão gentil como a da Bahia, senão mais gentil gente. Entregava-se esse gentio por essa epoca, segundo Alonso de Sta. Cruz no Yslario, á “plantação da maiz, caçabi e patatas”, criava “gallinhas e faisões”, colhia fructos como pinhas a que os portuguezes chamavam “frisuelos” e sustentava-se da carne de antas, de veados e de peixes; e só viria a constituir-se em verdadeira nação indigena a estender a sua posse pelo littoral, do cabo Frio até Ubatuba, quando, mais tarde, sob a politica habil dos francezes e a

ferraria para fazermos cousas, de que tinhamos necessidade. Daqui mandou o capitam I. 4 homens pela terra dentro: e foram e vieram em 2 meses; e andaram pela terra 115 leguas; e as 65 dellas foram por montanhas mui grandes e as 50 foram por um campo mui grande (58): e foram até darem com um grande rei, senhor de todos aquelles campos, e lhes fez muita honra, e veo com elles até os entregar ao capitam I. ; e lhe trouxe muito chris-



violencia dos lusos, se tornava contra estes no que historiadores e poetas chamaram Confederação Tamoia.

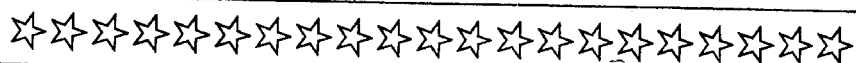
Abastecidos de mantimentos - segundo o Diario - para 400 homens e para um anno de viagem, suspenderam ancoras os navios. Perderiam de vista, e aos poucos, o panorama que se completava ao fundo com a serra dos Orgãos, então chamados os picos fragosos (Reinel); e, ganhando o mar, saudades teriam das boas e crystallinas aguas cariocas, "as melhores", segundo o Diario, "que podem ser".

E não muito depois já a imagem de dois pontos singulares se lhes apagaria no horizonte: o Pão de Assucar e o Corcovado, este mais provavelmente o Sombreyro, dos Reinel.

Beiravam assim, para o sul, a "costa do ouro e prata", de cujos metaes os quatro sertanistas e o Cacique lhes haviam dado noticia, e ao capitão mór prestaria a bordo constante informação o aventureiro Enrique Montes.

Agora, não moraria nos corações dos homens da armada, a mesma emoção que ao correrem a "costa do pau brasil". Lá, perduraria nelles, o anseio da victoria em pleno mar contra naus inimigas, precedida das bordadas de fogo

tal, e deu novas como no Rio de Peraguay havia muito ouro e prata. O capitam lhe fez muita honra, e lhe deu muitas dadas, e o mandou tornar para as suas terras. A gente deste rio he como a da Bahia de todos Santos; senam quanto he mais gentil gente. Toda a terra deste rio he de montanhas e serras mui altas. As melhores aguas ha neste rio que podem ser. Aqui estivemos tres meses tomando mantimentos, para 1 anno, para 400 homês que traziamos; e fizemos dous bargantins de 15 bancos.



dos seus canhões e firmadas pelas abordagens intrepidas dos capitães e homens d'armas: aqui, as miragens das serras de ouro e prata em pleno "El - Dorado" Sul - americano, o encanto dos thesouros maravilhosos do Perú e do Paraguai, - o que iria ao correr dos tempos estimular uma raça na futura conquista dos sertões brasileiros e criar o valoroso bandeirante do Brasil.

E assim partindo já com destino á grande arteria fluvial do sul - o rio de Sta. Maria, - não parecera proposito do capitão mór alcança-la, sem primeiro escalar em terras vicentinas, iniciando então, as suas primeiras glorias na "costa do ouro e prata", não consagradas mais tarde todavia, por Camões, como as que na outra costa do norte fizeram o nosso capitão mór

...illustrado

No Brasil com vencer e castigar
O pirata francez ao mar usado."

(Lusiadas - Canto X - Est. 63)

Cap. IV
Mappa 5

Terça-feira 1º dia d'agosto de 1531 partimos deste Rio de Janeiro com vento nordeste. Fazíamos o caminho aloeste a quarta do sudoeste.

Quarta-feira se fez o vento sudoeste com muita força; tiramos as monetas, e trincamos no bordo de sulsueste até quinta-feira pela manhã, que se



RIO DE JANEYRO -
- CANANÉA

Cap. IV
Mappa 5

Sahiram barra fóra as duas naus, o galeão, a caravela e os dois bergantins de Martim Affonso a 1.º de Agosto de 1531. Deveriam avistar os navegantes, logo ao sahirem fóra do rio, as ilhas que ali se encontram: segundo o Diario, duas ao sueste, não contando a Menina, as actuaes Pae e Mãe; duas ao sul, Cutunduba e Raza ainda não assim nomeadas; e tres ao sudoeste, talvez as depois chamadas: Cagarras (provavelmente das escalvadas dos Reinel), a Redonda e a Comprida, omittida a das Palmas.

Esta identificação basea-se, em parte, no dizer o Diario, correr a entrada da barra norte - sul "tomando da quarta do noroeste - sueste", e, em ter-se esta "quarta para o noroeste" ou 11.º e 15', como a variação ahi da agulha da nau N^a. Senhora das Candêas ao mando de Pero Lopes.

Cita mais o Diario que, á boca da barra, havia "duas ilhas da banda de leste e quatro ilhéos da banda de albeste", ou respectivamente: as Maricás e as Tijucas, sem semelhante designação ainda nas cartas antigas.

nos fez o vento sulsueste, e com elle viramos no bordo d'aloeste: e de noite no quarto da prima se me fez o vento nordeste; e com elle faziamos o caminho a loessudoeste.

Sesta-feira 4 do dito mes me deu hũa trovoadado oestesudoeste, com tanta força de vento, que



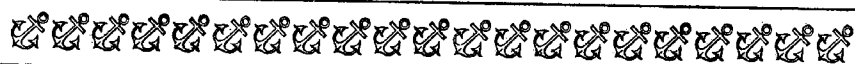
Outro tanto não se daria, como citação sua, dos outros pontos da bahia e da costa já notados no portulano dos Reinel. Assim: os picos fragosos, a serra dos Orgãos: o Sombreyro ou Sombrero se não o Pão de Assucar, o Corcovado; o rio del sombrero, o Carioca; os mangues, com 20 minutos de latitude mais do que o rio de Janeyro e assim, se não os então existentes na altura da actual Copacabana, os que mais ao oessudoeste nessa costa se encontrariam, entre a barra da Tijuca actual e a de Guaratiba; a praya, uma das actuaes praias Copacabana, Arpoador ou Gavea; a ylha d'area ou da areia, provavelmente a restinga da Marambaia. Nas latitudes destes pontos dadas nos portulanos dos Reinel não ha que fiar, e nas longitudes menos ainda, attenta a imperfeição em que era tido o calculo desta coordenada.

Até ahi sem adversos ventos navegaram os navios de Martim Affonso; mas desse ponto em deante, em mudanças constantes de rumo e até em bordadas muito seguidas, por lhes ser sempre vario o vento e constante a cerração. Esta, furtando-lhes o sol, não lhes dava ensejo ao calculo da latitude pela altura meridiana do mesmo astro.

Orientando-se no inicio da derrota ao rumo oeste quarta do sudoeste da sua agulha, tocados pelo vento do nordeste, cremos terem marcado por dentro da Raza o seu ponto de

nos foi necessario arribar com hum bolso de traquete até

Sabado que se nos fez o vento sudoeste, e viamos no bordo da terra com os papafigos baxos, até de noite no quarto da prima, que nos tornamos a fazer no bordo do mar.

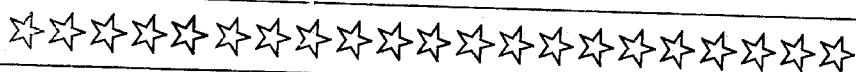


partida: deveriam pois ir em busca da ilha Grande actual; mas encontrando cerração e depois vento do sudoeste, navegaram em bolina coxada ao sussueste até o dia 3 de agosto. No mesmo dia, repontando o vento ao sueste, buscaram terra ao rumo do oeste das suas agulhas.

Abramos aqui um parenthesis para dizer do regime dos ventos entre o rio de Janeiro e o rio da Prata, segundo os roteiros em uso:

“De outubro a abril, os ventos dominantes são do nornordeste ao lesnordeste, e quando violentos, seguidos de calma e do vento do sudoeste. Durante esta estação devemos contar com tempestades e chuvas na vizinhança de Santa-Catharina. Em abril, o vento varia do nordeste para o sudoeste passando pelo norte. De maio a outubro o sudoeste predomina, ás vezes, com rajadas do sueste para o sudoeste. Os ventos do oeste são raros, mas em geral annunciam mau tempo. Os ventos do sueste são muito violentos e levantam muito mar. A força e a duração desses tufões são tanto menos sensiveis quanto mais ao norte do rio da Prata. Duram habitualmente os ventos do nordeste de 3 a 5 dias, mas algumas vezes duram mais e com alguma interrupção. São geralmente fracos ao começo e vão gradualmente augmentando de força; são muitas vezes acompanhados com chuvas seguidas

Domingo 6 do dito mes tornei no bordo da terra com totalas velas: a cerraçam era tamanha que, des que partimos do Rio de Janeiro, nunca podemos vêr a terra nem o sol: quasi noite fomos tam perto de terra, que viamos arrebentar o mar, e nam na viamos (59).



de calma, com atmospha carregada de eletricidade. Quando são violentos, responde-lhes com igual violencia o sudoeste. Os ventos do sudoeste, ao contrario, são desde logo muito rijos e caem subitamente: podem durar sem interrupção dois a tres dias, e são comparativamente mais fôrtes que os do nordeste; ordinariamente limpam a atmospha”. (Renseignements generaux, Serv. hyd. Etat Major Gen. de la Marine).

Não era bem aonde mais se caracteriza esse regime dos ventos que os navios de Martim Affonso sulcavam agora os nossos mares costeiros, mas aonde fazendo-se sentir certo effeito delles, surgem mudanças ou contrastes.

A cerração em que andavam desde a partida do rio de Janeiro era bem da estação invernosa; e além disso, ventos do nordeste e do sudoeste, duros, aguaceiros e mar grosso, haveriam de os trazer numa ou noutra amura, successivamente, até alcançarem o primeiro porto. Não fosse além de tudo bem duvidosa a “estima” que traziam através de tantos dias de cerração, sem uma altura meridiana do sol ou qualquer reconhecimento da costa.

Navegando ao oessudoeste, ao passarem a Raza, e, depois ao sussueste, deveriam ter montada a ilha Grande,

Segunda-feira pela manhã se fez o vento nordeste: fazíamos o caminho a loessudoeste, com cerraçam mui grande.

Terça-feira ao meo dia fizemos o caminho ao noroeste; porque pelo dito rumo nos fazíamos com o Rio de Sam Vicente.



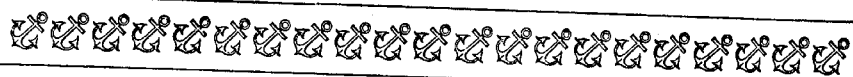
para depois rumando ao oeste e ao oessudoeste, e andando ora no bordo da terra, ora no bordo do mar, ora no bordo da terra outra vez, virem tão pegados á costa em meio da cerraçam, que chegaram a ouvir a arrebentaçam do mar, sem avistarem o littoral.

Possivelmente se encontrariam então a barlavento da actual ilha Grande, ou melhor, já com as pontas Respingador e Joatinga hoje assim nomeadas, na costa do continente, ou aonde se ostenta o negro "Cairuçú", este talvez no portulano Reinel — na ponta fragosa. Viegas dá por ali uma ponta Grossa, designaçom que hoje perdura ao sul deste ponto e nesse sector da costa: na entrada de Ubatuba, na ilha de S. Sebastião, e na ilha de Sto. Amaro.

Para nós ainda mais ao sul ficaria o cabo Navidad citado por Solis e dado por Medina (pg. 253, nota 51 Caboto), como a actual pta. Acaiá, na ilha Grande, ou o Pico de Parati, no continente; e por Alonso de Santa Cruz - no Yslario - o que nos parece justo, como a actual ponta do Boi, então tambem nomeada cabo de las Sierras de San Sebastian, e na ilha deste nome.

Dizia-se ao tempo de Solis, correr do nordeste para o sudoeste a costa entre o rio de Janeyro e o cabo Navidad, de onde tambem não longe se deveria encontrar o rio dos innocentes, talvez o antigo

Quarta-feira 9 dias d'agosto no quarto d'alva faziamos o caminho ao noroeste e a quarta do norte; e ás 9 horas do dia surgimos bem pegados com terra (60) em fundo de 8 braças d'area grossa. Estando surtos mandou o capitam I. hum bargantim a terra, e nelle húa lingua para ver se achavam gen-



porto de sam vicente. Deveria tambem ser pois, no seu conceito, este cabo Navidad a ponta do Boi, dos nossos dias.

No mappa Kunstmann III vê-se um cabo da Paz que Orville Derby identificou com a ponta Joatinga.

Mas, recapitulando, para não haver maior interrupção no estudo da derrota, desde a partida do Rio de Janeiro até a altura do porto de S. Vicente (mapa 5), teremos as seguintes identificações na carta moderna comparada com as dos Reinell, de Viegas e de outros auctores:

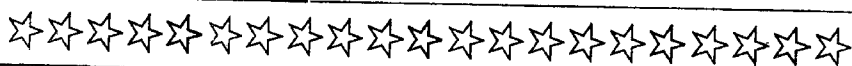
o rio do extremo da terra de Janeyro, citação dos Reinell, viria á bahia de Guaratiba actual;

a ilha Grande. — se não a ilha fragosa, posta, não sabemos, se com exactidão ao sul da ponta fragosa, poderia tambem ser a de Boavista ou a de Sta. Clara, ou a referida por Alonso de Sta. Cruz, no "Yslario", como a ainda habitada de "indios com as suas sementeiras e pescarias" e linde meridional da produção de "pau brasil";

o paso das almadyas, de que fala Oviedo, a vinte leguas ao sul da bahia do rio de Janeyro, e assim o confirma o portulano Reinell, havemos de vêr como a bahia da ilha Grande; e, fronteiros a esta, no continente, se deveriam ter a Terra dos Magos e o

te, e para saber onde eramos; porque a cerraçam era tamanha, que estavamos hum tiro d'abombarda de terra e nam na viamos. De noite veo o bargantim, e nos disse como nam pudera ver gente.

Quinta-feira pela menhãa nos fizemos á vela. Com o vento nordeste, fizemos o caminho do sulsu-



golfo dos Reys, este, a bahia ou a angra dos Reis dos nossos dias.

Do oriente da ilha Grande approximaram-se os navios affonsinos ou melhor, do continente, entre as actuaes pontas Respingador e Joatinga. Ahi avisados pela arrebatção do mar em costa proxima envolta no nevoeiro, tendo os navios á feição o vento do nordeste, fizeram-se ao oessudoeste das suas agulhas, diz o Diario, mas, parece, mais ao sussudoeste verdadeiro. E por soprar vento do nordeste não foram muito sujeitos ás correntadas do sul na ponta do Boi (na ylha de Sam Sebastiam). Assim mareando, até o meio-dia de 8 de agosto, e ao supporem-se ao sueste do porto de Sam Vicente, rumaram ao noroeste, na illusão de a este rumo estar o referido porto.

Convem ainda aqui dizer que, da actual ponta de Joatinga para o sul, já haviam passado e com cerração, os seguintes pontos que o Diario não assignala:

a ylha das Couves (Reinel) ou Coules (Oviedo): ilha da Couve;

as ilhas dos Porcos actuaes, a grande e a pequena, e uma dellas já conhecida assim, parece, por conter muitos porcos montezes, e da qual, oito leguas ao mar, dizia Alonso de Sta. Cruz, existirem duas ilhotas, provavelmente — as Busios com o filhote - onde se perderam portuguezes que depois em batel buscaram uma das ilhas dos Porcos, e a seguir o porto de sam vicente;

doeste, por nos afastar da terra: e ao meo dia fomos dar com hũa ilha (61): quando a vimos eramos tam perto della, que quasi demos com os grupezes nas pedras. Era a cerraçam tamanha que fazia pouca differença da noite ao dia: e surgimos da banda d'aloeste da ilha, em fundo de 25 braças



a ylha vitorya, a ainda assim chamada Victoria;

a ylha dos gayonos (Reinel) ou dos goanás (Kunstmann, II.º), ou melhor dos goianás;

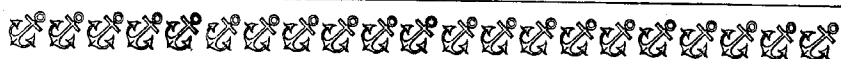
a ylha de sam sebastiam, parece já chamada pelos tupis Maembipe, e não se sabe se onde já Canerio desde 1502 assignalava o porto de Sam Sebastiam, tal como Diogo Ribeiro em 1529, pois ambos o collocavam em menor latitude que o porto de S. Visenso ou S. Vicente e o Rio de la cananéa. Não seria esse o puerto de San Sebastian por Caboto nomeado na ilha de Santa Catharina ou dos Pargos, e o qual Ribeiro não locava egualmente.

O conhecimento por esse littoral da ilha dos Goanás ou Goianás, em dias tão remotos da conquista, vem nos dar a certeza de haverem taes indigenas habitado as praias da ilha de S. Vicente ou da de Sto. Amaro: a uma dessas ilhas deveria pois, caber aquelle appellido.

Foram estas duas ilhas S. Vicente e Sto. Amaro primitivamente chamadas Morpion e Engaguaçú uma, e Gaiabê ou Gaiambê, a outra. Deve esta tambem ter sido em 1532 a dita por Pero Lopes — ilha do Sól —, como procuraremos provar depois.

De identificação difficil parece, ser a ilha de Maracanã, notada por Oviedo ao norte da ilha de S. Sebastião e, cer-

d'area tesa: e mandei lançar o batel fóra para ir á ilha matar rabiforcados e alcatrazes, que eram tantos que cobriam na ilha. E fui á nao capitaina; e levei o capitam I. á ilha; e matamos tantos rabiforcados e alcatrazes, que carregamos o batel delles. Indo nós para as naos, nos deu por riba da ilha um



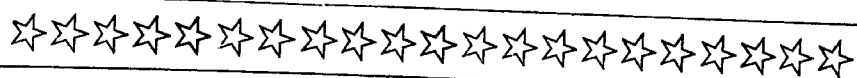
tamente, a mesma “Mamberecunã”, constante da sesmaria de Braz Cubas datada de 1.º de junho de 1562.

As Serraryas dos Reinel ou tambem as suas sierras de Santanha ou Sant'Anna, deveriam referir-se ás serras do Mar e Geral, entre Joatinga e, além de S. Vicente. Fariam dessas “Serraryas” parte tambem as sierras de San Sebastian citadas por Alonso de Sta. Cruz e que iam a morrer além, na ilha ou cabo de Buen Abrigo, em frente ao porto de Cananéa.

As enseadas das Laranjeiras, de Yperoig e de Ubatuba ainda não eram citadas em cartographia, nem tão pouco, Bertoga. O rio Curupacê (Reinel, exemplar de Paris), depois ilha de Curpacê (exemplar de Italia), e dado por Viegas e a Riccardianna sem designação de ilha ou rio, já foi devidamente identificado com o - rio Juqueriquerê - desse littoral.

Feito este ligeiro esboço de identificação da costa até o porto de S. Vicente exclusive, voltemos a acompanhar os navios de Martim Affonso desde quando, como dissemos, montadas as pontas actuaes - do Respingador ou Respingador e Joatinga e ilhas da Couve, Porcos, Busios, Victoria, S. Sebastião, mais amarados do que se pensaria e suppondo por fim, o antigo porto de S. Vicente por no-

pé de vento tam quente, que nam parecia senam fogo; ventando nas bandeiras das naos o vento no-roeste, que era contraste deste: disto ficamos todos mui espantados, que daquelle vento fomos todos com febre. Como puz o capitam I. na sua nao, tornei a ilha a por lhe fogo. No quarto da modorra



roeste da agulha, se fizeram: primeiro, a este rumo, depois ao do noroeste quarta do norte.

Valendo-nos destes informes, concluiremos, — guiados em parte pelo Diario — por dizer que provavelmente vieram a dar senão proximo do continente, junto á parte do sul da Ilha de S. Sebastião, para fundearem em 8 braças e não reconhecerem o littoral, apesar de a elle mandado “um lingua” num dos bergantins. Envolta em cerração estava a terra, e bem perto delles, a “hum tiro de abombarda”. Della, não lograram as desejadas informações.

Se ficasse essa terra da parte sul da y l h a d e S a m S e b a s t i a m, poderiam saber ser esta a ilha que Alonso de Sta. Cruz dava habitada de indios “grandes salteadores, mui temidos dos do continente, agricultores e pescadores”, e certo devemos acrescentar, optimos canoeiros. Noticia alguma trouxe, como dissemos, que a isso se assemelhasse.

Não nos furtamos, porem, neste passo a dizer, que esse fôra, supomos, Pedre Annes, o mesmo que dias depois seria mandado em identico mister á terra e rio acima, em C a n a n é a.

Mas, suspendendo ancoras os navios para se afastarem de terra, segundo palavras do Diario, rumaram ao sussedoeste da agulha e com tendencia ao sul. Tal nos inclina a dizer terem largado de ancoragem ao sotavento da actual

nos deu hũa trovoada seca do essudoeste (62), com mui grande vento que nam havia homem, que lhe tivesse o rosto: a nao capitaina foi de todo perdida, que lhe quebrou o cabre; e ía dar sobe-la ilha, se o vento de supito nam saltara ao sul, que se fez á vela no rolo do mar. Como nos deu o vento mandei logo



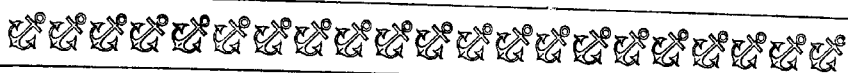
ponta do Boi, montada já a actual ponta da Sella, e mesmo além da ilha do Toque-Toque, e de fundo de 8 braças. Navegando, deram numa ilha quasi ao sussudoeste deste ponto, a actual ilha dos Alcatrazes, como o quer o nosso historiador Varnhagen, uma vez que não entremos em consideração com os ilhéos que se ahi ajuntam: Escalvada, Ponte, Aguda e Ferruginosa. Teria ella soffrido, por acaso, fraccionamento posterior, pois a não dará ainda em 1587, Gabriel Soares, como uma ilha a qual tem tres picos de pedra e um delles muito mais comprido que os outros? (Trat. desc. pg. 93)

Fundeados ao oeste da ilha dos Alcatrazes, luctando contra o mar, saltos de vento e cerração, contra o noroeste quente que lhes deu febre, contra o vento do sul que os fez ir no rolo do mar, em posição bem critica se tiveram, mesmo a Capitanea que depois garrando, se fez de vela.

Buscaram os navios, na manhã seguinte, abrigo ao norte da mesma ilha; e passado o temporal, ao soprar do sueste novamente, avistaram a Capitanea ao norte delles e navegando ao sudoeste. Suspendendo ferros, foram-lhe ao encontro, para velejarem depois reunidos á Capitanea buscada.

Nesta ilha dos Alcatrazes visitada por Martim Affonso em companhia do seu irmão, caçaram os portuguezes da

largar outra anchora, que me teve até pela menhã com mui gram mar. A nao capitaina nam apparecia, e me fiz á véla; e fiz sinal ao galeam Sam Vicente e á caravéla; e fomos todos surgir, da banda do norte da ilha, em fundo de 18 braças d'area limpa; e determinamos de estar ali até passar o



armada muitos alcatrazes e rabiforcados, e ateou Pero Lopes fogo ao talvez escasso arvoredado de uma das grotas.

Será desde então, sem confirmação na carta de Viegas, que se a baptisara ilha dos Alcatrazes?

E no mais, deveria ser este signal de fogo feito ahi pelo capitão da nau N.^a S.^a das Candêas, um aviso aos habitantes, selvicolas ou não, dessas paragens - para Martim Affonso e os seus pilotos - comprehendidas em terras de S. Vicente?

Dia 11, e ao seguinte 12 de agosto, aproveitando-se do vento do nordeste e rumando ao oessudoeste das suas agulhas, foram avistar entre nevoas e ao meio-dia, outra parte do littoral.

Devia este demorar, parece, ao sul das actuaes pontas Guarahú e Juréa, talvez na altura da barra de Icapara - para nós, o golfo d'area quinhentista ou a baia pequena de Viegas: isto demonstra já se acharem livres, em parte por bôa fortuna, dos seguintes escolhos hoje conhecidos por: Lage de Santos, arrecifes e Lage da Conceição, e ilhótas Queimadas Grande e Pequena.

Merece aqui dizer que os Reinel davam entre o rio de sam vicente (porto de S. Vicente) e o golfo d'area (barra de Icapara), uma aldêa de cacique ou de europeu appellidado grigoryo: interessante ponto ainda por esclarecer.

temporal. A' tarde se fez o vento sueste, e vimos mea legua ao norte de nós a nao capitaina, que vinha no bordo do sudoeste; e nos fizemos á vela, e a fomos demandar.

Sabado 12 dias do mes de agosto, com o vento nordeste, faziamos o caminho do essudoeste (63); e



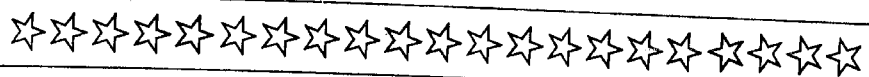
Faziam-se os navios ao mar depois do reconhecimento da terra, até que “alimpasse a nevoa”, para reconhecê-la novamente. Mas “indo assim no bordo do mar”, mandou arribar “o Capitão - Irmão”, escreve Pero Lopes, “para fazermos a nossa viagem para o rio de Santa - Maria” ou da Prata. Rumaram então ao sudoeste da agulha e vieram dar com a ilha do Bom Abrigo, a que chamavam Cananéa.

Era antes, já resolução do capitão mór não retardar a sua ida ao rio da Prata; e desse ponto de mar costeiro em que se achavam horas antes, pensava que, rumando ao sudoeste, alcançariam o grande rio, safos da costa.

Ora, a esta costa, como sabemos, usavam os portugueses, segundo Alonso de Santa Cruz, de avançar mais quatro graus para o oriente do que devera ser, avanço que já lhes parecia menor á proporção que traçavam o littoral até o rio da Prata.

Alonso de Sta. Cruz tambem dava no seu traçado o porto de S. Vicente a 80 leguas, ao leste - oeste com o cabo Frio, e Alonso de Chaves não era feliz dando este porto a 30 leguas ao oesnoroeste das sierras de San Sebastian ou da ysla de San Sebas-

ao meo dia vimos terra: seriamos della um tiro d'abombarda: até ver se por nos afastar della (64) viramos no bordo do mar, até ver se alimpava a nevoa, para tornarmos a conhecer a terra. Indo assi no bordo do mar mandou o capitam I. arribar, para fazermos nossa viagem para o Rio de Santa



tian, e essas a cem leguas ao occidente do citado cabo. Davam assim a entender e emendadas com exagero ao sul do cabo Frio, a correcção do lesnordeste para norte - sul que Waldsmüller traçara em 1507 da representação da costa brasileira entre o caput St. Crucis e o gorfo fremoso, e a que mais para o sul se vinha fazendo, ao correr do tempo.

Tirado desse ponto do mar o rumo do sudoeste pela sua agulha, para o rio de Santa Maria ou da Prata, desse ponto em que se achavam os navios de Martim Affonso antes de alcançarem a ilha do Bom-Abrigo — a ilha de Cananéa de Pero Lopes —, vieram elles mais cedo do que os seus capitães esperavam, ao esgarçar da cerração, a ter terra á vista, nesse dia 12 de agosto de 1531, dia de Santa Clara. Buscaram a seguir fundeadouro entre as actuaes ilhas do Bom Abrigo e do Cardoso, trazendo do rio de Janeiro cerca de 440 milhas de navegação.

Dá Pero Lopes a ilha de Cananéa (a actual Bom Abrigo) com uma legua em redondo, tendo ao meio uma sellada; como desabrigada dos ventos do sussudoeste e do nordeste; tendo ao norte, cousa de duas leguas ou cerca de 7 milhas, um rio que não identificaremos com o Iguape citado por Varnhagen, e distante 33 milhas ou cerca de 9

M a r i a (65): e fazendo o caminho do sudoeste demos com hũa ilha. Quiz a nossa senhora e a bem-aventurada santa Crara, cujo dia era, que alimpou a neboa, e reconhecemos ser a ilha da Cananea (66): e fomos surgir antre ella e a terra, em fundo de sete braças. Esta ilha tem em redondo hũa



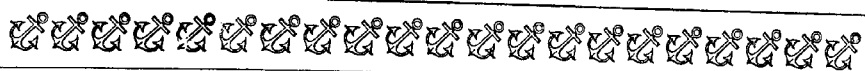
leguas dessa ilha, e sim com o - Mar Pequeno - hoje assim chamado. Seria esse o rio de cananéa do portulano Reinell ou o Rio de cananea (Kunstmann, II), e a engrossar as suas aguas entre as actuaes - ilha da Praia ou Comprida (talvez a ilha Branca, dos Reinell) e a ilha de Cananéa, para, por fim, desaguar no Atlantico, na bahia desse nome. A' ilha do Bom-Abrigo ou do Abrigo tambem chamou Gabriel Soares (1587): ilha Branca.

Desta bahia de Cananéa não nos fala o portulano Reinell, mas com 10 minutos menos de latitude sul, fala de um golfo d'area, provavelmente a barra de Icapara actual, a qual tambem se deverá identificar com a baia pequena de Viegas.

Dahi, se deve concluir: a ilha do Bom-Abrigo que o Diario marcava nesse littoral mais ao sudoeste do que realmente é, seria a esse tempo para os portuguezes a ilha de Cananéa afastada cerca de duas milhas da do Cardoso actual, e não $\frac{1}{4}$ de legua do continente, como o parecia a Pero Lopes.

Uma vez nesse fundeadouro, entre as actuaes ilhas do Bom Abrigo e do Cardoso, mandou Martim Affonso, rio acima - pela barra de Cananéa, subindo o Mar Pequeno - a Pedre Annes, piloto de um dos navios e "lingua da terra". Teria Pedre Annes ou Pedreannes, algum dia, sido ha-

legua; faz no meo hũa sellada: está de terra firme 1 quarto de legua; he desabrigada do vento sulsudoeste e do nordeste, que quando venta mete mui gram mar. Desta ilha ao norte duas leguas se faz um rio (67) mui grande na terra firme: na barra de preamar tem tres braças, e dentro 8, 9 braças. Por

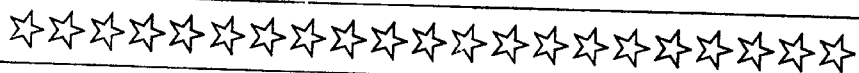


bitante dessas paragens ou do povoado do antigo porto de S. Vicente? O certo é que elle se entendeu com os tupiniquins, com o bacharel degredado, e mais com Francisco de Chaves, um dos companheiros de Solis e depois de Caboto, como tambem de Enrique Montes nas aventuras que tiveram por scenario o rio da Prata e os sertões confinantes com as serras da prata e do ouro. Acompanhavam - n'os ahi 5 ou 6 castelhanos hospedes da terra, e seriam estes, alguns dos 12 ou 15 homens de Castella deixados por Caboto no porto de São Vicente e, depois passados para Cananéa, segundo Alonso de Sta. Cruz? (Oviedo - Hist. Gen. t.º 2.º, pag. 119).

Regressando o bergantim quatro ou cinco dias passados, o capitão mór saberia do bacharel o que constava desde que degredado da 1.ª ou 2.ª expedição portugueza naquella costa, se passara num periodo de cerca de trinta annos. Relatos delles, teria ainda o capitão mór sobre as viagens, entre outras, de Solis, de Rodrigo de Acuña ou de Jofre de Loaysa, de Caboto e de Diogo Garcia, com escalas por esses fundeadouros como o de São Vicente, - antigo porto de escravos dos portuguezes onde tiveram residencia certa: Gonçalo da Costa, óra em Sevilha, João Ramalho, serra acima e Antonio Rodrigues, na praia de Tumiarú. Dos selvagens da serra, como dos do littoral, haveria tambem Martim Affonso de ter noticias seguras e de muito auxilio á expedição.

este rio arriba mandou o capitam I. hum bargantim; e a Pedre Annes Piloto, que era lingua da terra, que fosse haver fala dos Indios.

Quinta-feira 17 dias do mes de agosto veo Pedre Annes Piloto no bargantim, e como elle veo



Com Francisco de Chaves companheiro de Montes nessas emprezas ousadas e passadas, bandeirante do ouro e prata, conhecedor dos selvagens carijós ou do guarani e de outros que para terra dentro iam dominando, haveria o capitão mór de se informar a meude, principalmente no que tocava ás riquezas do sertão perlustrado por expedição como a de Aleixo Garcia, e á vida de castelhanos que ahi nessa terra, para elle da corôa de Portugal, tiveram ou vi-nham fixando residencia.

Enrique Montes - cujo nome jamais é citado nas paginas do Diario -, mas cuja nomeação para provedor de mantimentos da armada nos é assegurada pela carta regia de 16 de novembro de 1530, haveria então de vêr confirmadas as suas narrativas por esse mesmo Francisco de Chaves; e ao capitão mór cada vez mais estimularia o desejo de alcançar com esses navios o rio de Sta. Maria dos portuguezes ou rio Solis dos espanhões. Não menor ambição entretanto manifestava o capitão mór ordenando tentar a conquista desse sertão americano, e além até as minas do Paraguai e do Perú. E assim dando fé ao compromisso de Francisco de Chaves que se obrigava, se recursos lhe fossem dados, de em dez mezes tornar ao porto de Cananéa com 400 escravos carregados de ouro e prata, nomeava a Péro Lobo Pinheiro, capitão do galeão S. Vicente, por chefe de 40 bésteiros e 40 espingardeiros, e ordenava a partida da aventureira bandeira a 1.º de setembro de 1531.

Francisco de Chaves e o bacharel, e 5 ou 6 castelhanos. Este bacharel havia 30 annos (68) que estava degradado nesta terra, e o Francisco de Chaves era mui grande lingua desta terra. Pela informaçam que della deu ao capitam I., mandou a Pero



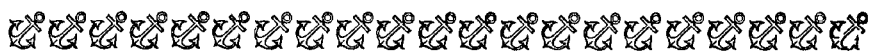
Com as informações que trazia da Peninsula Iberica e com as que viera obtendo dos quatro expedicionarios na bahia do Rio de Janeiro, esclarecido por Enrique Montes e por Francisco de Chaves a ponto de desfalcar a expedição colonizadora de oitenta homens e de um experto capitão de navio, cada vez mais ao capitão mór assistiria a certeza de se achar na verdadeira costa do ouro e ponto favoravel para conquista das minas. E se a “costa do pau brasil”, a costa do norte, era a esse tempo buscada por francezes, seria esta, a “costa do ouro e prata”, a costa do sul, mais visitada por espanhóes, sendo de tal, provas assás evidentes, o encontro ahi tido e as informações colhidas.

Seria accetavel pois, que antes de desferrar a caminho do sul, durante esses 46 dias incompletos que ahi permaneceram, houvesse tambem levantado Martim Affonso novo padrão ou padrões em Cananéa, uma vez que fronteiro á ilha do Bom Abrigo ou Cananéa, de Pero Lopes, já um deveria existir para justificar que por ahi assinalasse o portulano Reinell, a ponta do Padrã?

Citações de Frei Gaspar da Madre de Deus, de Ayres de Casal e de Varnhagen, na sua “Carta sobre Ethnographia indigena” e na sua “Historia Geral do Brasil”, e de outros mais, nos instruem sobre a existencia nesse local de padrões antigos.

Frei Gaspar, por exemplo, nos diz que, na ilha do Cardoso - fronteira á ilha do Bom-Abrigo por mar, á

Lobo com 80 homês, que fossem descobrir pela terra dentro; porque o dito Francisco de Chaves se obrigava que em 10 meses tornara ao dito porto com 400 escravos carregados de prata e ouro. Partiram desta ilha, ao 1.º dia de setembro de 1531, os

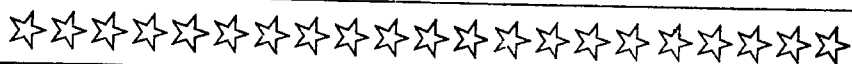


Comprida ou da Praia pelo norte, e á de Cananéa pelo noroeste - se havia erguido e ficara occulto para mais de 200 annos, um padrão portuguez que o Coronel Affonso Botelho de Sampaio e Sousa veiu a descobrir aos 16 de janeiro de 1767, quando examinava esse local na intenção de construir um fórté.

Seria esse, segundo opinião corrente, um dos padrões plantados por Martim Affonso, e recolhido pelo barão de Capanema em 1866 ao Museo do Instituto Historico, ou seria esse o ahi existente antes de 1531, e o qual, já o portulano dos Reinel (Paris) assignalava annos antes da chegada de Martim Affonso, com dar numa das pontas da ilha do Cardoso, a ponta d'o Padrã? Nesta ponta deve ter existido "sobre umas pedras um padrão de marmore europeu com quatro palmos de comprimento, dois de largo e um de grossura, e armas reaes de Portugal sem castellos" (Frei Gaspar. Memorias...)

Da existencia deste ou de outros padrões o Diario de Pero Lopes nada relata que nos auxilie a identificação: mas sabemos que antes da expedição de 1530, deveria ser valiosa na Casa de la Contratacion a opinião de A. de Sta. Cruz accorde com a de Alonso de Chaves (Oviedo - Hist de las Indias. pgs. 114-115 Tomo 2.º) por darem a linha demarcadora luso-espanhola passando ao norte do Brasil na ponta dos Fumos e ao sul, no cabo de Buen - Abrigo abaixo das sierras de San

40 besteiros e os 40 espingardeiros. Aqui nesta ilha estivemos 44 dias: nelles nunca vimos o sol; de dia e de noite nos choveo sempre com muitas trovoadas e relampados: nestes dias nos nam ventaram outros ventos, senam desd'o sudoeste até o sul.



Sebastian. Em compensação, Diogo Ribeiro, em exemplar cartographico official para a Espanha, já incluia em 1529 francamente essas terras na posse da corôa portugueza. Deveriam ser taes terras mais portuguezas ainda para Martim Affonso de Sousa e dahi, meridionalmente, em breve se extender até pouco ao sul do golfo de S. Mathias, uma vez que Pero Lopes em 1531 ainda, vem a plantar padrões de dominio lusitano no esteiro dos Carandins.

Poder-se-ia tambem dahi concluir, que o capitão mór encontrando castelhanos no littoral de Cananéa e sabendo talvez de outros que ahi viveram, achasse de bom aviso plantar nessa paragem não marco lindeiro, mas padrões de posse, como advertencia a esses intrusos em terras de Portugal depositarias dos preciosos metaes?

Na falta de provas mais precisas que se pode affirmar, se o proprio Diario é o primeiro a guardar silencio sobre tão importante occorrenca?

Emfim, lançado ou não novo padrão á terra, ordenava Martim Affonso, como dissemos, a bandeira a 1 de setembro de 1531 e preparava a largada dos seus navios para o sul no dia 26 de setembro desse mesmo anno. E ao partir, vinte e cinco dias depois de se pôr em marcha a bandeira de Pero Lobo, deixaria elle ainda ahi em Cananéa, ao bacharel e aos 5 ou 6 castelhanos, se um e outros não se incorporaram aos sertanistas de Pero Lobo e de Francisco de Chaves? E não mandaria tambem o nosso illustre

Deram-nos tam grandes tromentas destes ventos, e tam rijos, como eu em outra nenhũa parte os vi ventar. Aqui perdemos muitas anchoras, e nos quebraram muitos cabres.

Cap. IV
Mappa 6

Terça-feira 26 do mes de setembro partimos desta ilha com o vento leste, fazendo caminho do



capitão mór nenhum recado seu para o antigo porto de Sam Vicente, em cujas terras pelo relato de Gonçalo da Costa a D. João III, teria elle sabido da existencia de Antonio Rodrigues, como praieiro em Tumiarú, e da de João Ramalho, sobre serra e á borda dos campos de Piratininga?

CANANÉA -
- YLHAS DAS ONÇAS -

Cap. IV
Mappa 6

Depois da demora nesse porto da ilha do Bom-Abrigo (Cananéa), de 12 de agosto a 26 de setembro de 1531, desferrando com o auxilio do vento do leste, fizeram-se ao mar os quatro navios seguidos dos dois bergantins armados no Rio de Janeiro. Já ahi andava o S. Vicente ao mando de outro capitão.

Durante a travessia haveria de realizar-se o que os roteiros hoje nos ensinam: vento do nordeste rijo tendo como resposta vento de igual intensidade do quadrante opposto. E' verdade que, além desta asserção dos roteiros modernos, ainda se sabe: — que de maio a outubro o vento

sul, até quarta-feira pela manhã, que se fez o vento nordeste; fazíamos o caminho do sulsudoeste, com muita agua e relampados; de noite se fez tanto



do sudoeste predomina com rajadas ás vezes do sueste para o sudoeste, o que os nossos navegantes não vieram a soffrer.

Desde 26 de setembro até 15 de outubro, quando aportaram ao cabo de Sta. Maria, os ventos mantiveram-se do nordeste, com respostas do sudoeste, passando ao norte, ao leste, ao sudoeste, ás vezes, com saltos. Deu-se o gyro delles no sentido do movimento dos ponteiros dos relógios, o que significaria por essas paragens, continuação do mau tempo, pois a bonança ahi se prenuncia quando os ventos em sentido contrario ao do movimento dos citados ponteiros.

Mas, rumando ao sul, e depois ao sulsudoeste da agulha, veiu a armada ferindo as ondas. Com o nordeste rijo já para 3 dias deixava por boreste, sem referencia no Diario, os seguintes pontos então mais conhecidos nas cartas dos Reinel, em outros portulanos ou roteiros quinhentistas dessa costa, e talvez identificados, a saber: a ponta do padrão (na actual ilha do Cardoso, fronteira a de Bom-Abri-go ou Cananéa de Pero Lopes); o rio alagado (o rio Varadouro com a barra de Ararapira); rio dos dragos e baia das voltas, (entrada e porto de Paranaguá); golfo do reparo, talvez "o puerto de la barca" onde Oviedo diz ter estado, neste sector, D. Rodrigo d'Acuña na vinda para o norte, (bahia da Guaratuba); rio das voltas (S. Francisco do Sul), visitado pelo bravo corso Paulmier de Gonneville e já assim S. Francisco nomeado no portulano de Turim (1523), mas com um grau de differença na latitude (25.° 10') discordan-

vento que nos foi necessario tirarmos as monetas, e irmos toda a noite com pouca vela.

Quinta-feira 28 do mes de setembro com o dito



te da de Alonso de Sta. Cruz que dava esse rio 27 leguas ao sul do porto de Cananéa ou menos 3 que Alonso de Chaves.

A ilha citada por Alonso de Sta. Cruz á foz desse mesmo rio, e depois nomeada - "S. Francisco" - não nos parece ser a isla de la plata de Solis, como o quer Medina.

Outros pontos ainda ahi se sabiam dados pelos Reinel; como: ylhas anonymas, ou as muitas que existem nesse littoral hoje do Paraná e de Sta. Catharina; o rio santo bêto, a 2.^a ylha dos goyanazes; o golfo onde sey... e o golfo onde levyo a ba (tel), todos de difficil identificação, e postos por nós no mappa 6, entre outros pontos já identificados, valendo-nos das latitudes dos portulanos que nos guiam.

Proseguindo, notemos ainda nos portulanos antigos a ylha dos pargos (Reinel), o rio dos patos (Reinel e Viegas), o golfo dos patos (Maggiolo, 1519 e Turim 1523), como: ilha de Sta. Catharina ou melhor, de Sta. Catalina com o seu porto septentrional de San Sebastian, e ambos assim nomeados por Sebastian Caboto; e o porto dos patos ao sotavento desta ilha, no continente fronteiro. Oviedo dava este porto com a latitude de 27.^o e 30' sul, o que vale a dizer, em carta moderna, na barra norte e não longe do Anhatomirim; mas sabemos, que esse quinhentista porto dos patos demorava approximada, senão exactamente, em 27.^o 50' junto á barra do sul da ilha de Santa Catharina, á sombra da ponta dos Naufragados, do lado

vento faziamos o caminho do sulsudoeste: e de noite ventou tam forte com relampados e tanta agua, que até no quarto da modorra iamos dar em terra,



do continente, na enseada onde desagua o Massiambú; e que essa ysla de Santa Catalina (Caboto) ou dos pargos (Reinel), que ao porto ficava fronteira, seria tambem a Ysla de la plata (Solis) que Medina dará como a actual São Francisco. Por meados do seculo XVI, em frente á grande ilha de Sta. Catharina, existiria tambem o “puerto de Potosi” ou “de Vera” assim chamado pelos espanhóes, como consta da Collecion de documentos sobre Demarcacion y division de las Indias, n.^{os} 424 e 425 (Copia de Madero, Descubrimiento del Rio de la Plata). Talvez se podesse, na carta de hoje ter a este “puerto de Vera” proximo ao Jurumirim, mais para a ponta da Bateria ou mesmo para São José, do que para Marahú.

Ao sul dessa ysla de la plata ou melhor, da de Santa Catalina, ficavam: a ysla del re-pairo (a ilha do Coral de hoje), perto da qual fundeou Caboto; e, uns “yslotes” (os 3 Irmãos ou Moleques) que elle tambem buscou antes de demandar - o porto dos patos - que era assim nomeado, por nelle, segundo Lopez de Gomara, “aver infinitos patos negros sin pluma, e con el bico de cuerno, y gordisimos de comer peces”.

Abrindo pequeno parenthesis nesta identificação e para não perder de vista a navegação de Martim Affonso com os quatro navios e os dois bergantins, devemos dizer ser conveniente o leitor ter vivo na memoria esse passo do Diario: que dois dias e meio após a partida de Martim Affonso, de

e me saí della com assaz trabalho. Esta noite se apartaram os bargantins de nós.

Sesta-feira pela manhã havemos vista de



Cananéa, luctando contra o nordeste, houve desgarramento dos dois bergantins só encontrados dois dias depois, ainda luctando contra o vento, bem já a 35 milhas ao sul do parallello do - porto dos Patos - e á vista da terra que corria nornordeste - sussudoeste pela agulha de bordo.

Novamente, de 30 de setembro para 1 de outubro se deu a perda de um dos bergantins, que só mais tarde em S. Vicente, de volta do rio da Prata, se soube ter arribado ao porto dos patos. Este porto, a 29, tivera Martim Affonso desejo de demandar.

Habitavam mais para o sul das regiões da Cananéa já conhecida e correndo a costa catharinense até a do rio Grande do sul dos nossos dias, os indios carijós, em cujo sector se deveria achar o que se chamava a - terra dos Patos - e principalmente esse porto dos Patos - como dissemos, na enseada de Massiambú. Deste bem perto já residira Enrique Montes, depois informante de Martim Affonso da "costa de ouro e prata".

E assim, passando ao largo desse porto os navios do capitão mór, será de grande utilidade ao leitor, neste instante, fixar este ponto geographico de tão grande valor historico e de emprego tão valioso na cartographia quinhenista: - essa terra e porto dos patos -, desde que ahi pisaram europeus até os annos de 1531 e 1532 de tantos acontecimentos importantes para a armada colonizadora.

terra 3 leguas de nós, que se corria nornordeste sul-sudoeste. Como nos achegamos mais a terra reconhecemos ser ao sul do porto dos Patos (69)



O PORTO DOS PATOS

Em 1516, onze christãos, segundo Medina, ou dez, segundo d'Avila, embarcados do galeão da armada do desventurado Solis, aportavam a essa terra e principalmente a esse baptisado então porto dos Patos. Fronteiro era este á ilha (ysla de la Plata) depois chamada Sta. Catalina por Caboto em honra de sua mulher, D. Catalina de Medrano. E a vinda desses primeiros christãos e espanhões de Solis, fez dessa paragem um centro de irradiação aventureira e sertanista, e escala forçada dos maritimos europeus que viajando do outro hemispherio, vinham em busca de ouro e prata nas regiões sulinas da America.

Demandavam então, os navios, essa enseada onde, mais tarde, Hans Staden assignalaria com casas de povoação no continente e como - porto dos Patos - ainda. Em tempos anteriores, nas proximidades deste porto, mas terra a dentro dez ou doze leguas, viveram desde o naufragio da armada de Solis, até a chegada de Caboto, dois homens daquella armada: Enrique Montes e Melchior Ramirez.

Traziam estes ao aportarem ahi perdidos da desafortunada expedição ao rio Solis ou da Prata, trabalhada a imaginação pelo sonho das grandes riquezas su-

4 leguas, e tornamos de ló, ver se podíamos cobrar o dito Porto: o vento era tanto ao nordeste, que virando no bordo do mar, me levou o traquete d'á-vante.



bido o rio Paraná e galgada a serra, em distancia a percorrer de duzentas leguas, e, onde os indios viajeiros, usavam de ir e voltar.

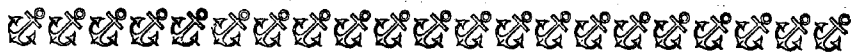
Correndo o sertão dessa terra dos Patos, Montes e Ramirez exploraram-no com temeridade, pelo que perduraria entre elles tambem a noticia da existencia, certo em terras do Perú, de um rei branco trazendo barba e vestidos como os civilizados: e mais: de que os indios comarcãos de "serra acima" usavam á cabeça umas coroas de prata; ás orelhas, e ao pescoço e pendentes delles, umas chapas de ouro, como da cintura, custosas cintas; e de que nessas paragens sertanejas perlustradas por esses bandeirantes primevos, usavam carijós, guaranis ou chandules, de atacar os expedicionarios, para lhes roubarem os escravos e ouro trazidos de sobre serra.

Ao chegar D. Rodrigo d'Acuña a esse porto dos Patos em 1.º de maio de 1526, na nau S. Gabriel, salvo do naufrgio da desafortunada armada do espanhol Jofre de Loaysa, já havia elle residido num porto dessa terra dos Patos, entre o cabo de Santa Martha e a ilha de Santa Catharina.

Oviedo cita este porto como o nomeado puerto de D. Rodrigo, e no-lo dá 7 a 8 leguas ao sul da grande ilha; isto é, provavelmente, como o actual porto de Imbituba.

Encontrou-se D. Rodrigo com Enrique Montes e Melchior Ramirez no então - porto dos Patos - aventureiros que já haviam renovado a exploração dos rios Solis, de Sta. Maria ou da Prata e afluentes, em companhia

Sabado 30 do dito mes no quarto d'alva tornamos no bordo da terra com totalas velas, e depois do meo dia houve vista de terra, que eramos 6 le-



de Christovam Jaques; e só depois poude apparellhar-se para partir deste porto, ahi deixando parece, por desertados, 13 ou 15 homens da sua nau.

Com esses europeus ahi abandonados, viria em breve a conviver Sebastian Caboto que a 19 de outubro de 1526, vindo ao largo da ilha de Sta. Catharina, assim por elle baptisada, teve, para se livrar de um léste duro que soprava, de buscar abrigo á sombra de uma ilha pequena, ao sul dessa grande ilha. Chamavam então os navegadores a esta pequena ilha a isla del reparo, e era ella dada por Oviedo tres leguas ao sul da de Santa Catharina. Por este motivo a tomaremos pela - ilha do Coral - da cartographia moderna, a 6 milhas da grande ilha e mais conforme ao que nos instruem Oviedo, Outes, Medina e cartas maritimas do seculo vinte.

Recebida a visita de uma canôa de indios que deram ao capitão parte do que já Jorge Gomes lhe vinha a bordo informando desde que partiram de Pernambuco, estava sciente Caboto da existencia de christãos no proximo porto dos Patos. Confirma-se essa informação definitivamente com a visita do aventureiro Enrique Montes a bordo dos navios recém-chegados. Achou então Caboto, de bom aviso, mudar de ancoradouro: primeiro, para junto das tres ilhas pequenas - provavelmente os 3 Irmãos ou os Moleques do Sul, - e depois ao ordenar demandarem os navios a barra do sul de Sta. Catharina -. Ahi já se havia certificado da profundidade de 6 braças, minima no canal de acesso para o porto dos Patos, que buscava.

guas ao sul de donde partiramos. Virando no bordo do mar vieram os bargantins dar comnosco: e logo fizemos o nosso caminho com o vento e mar



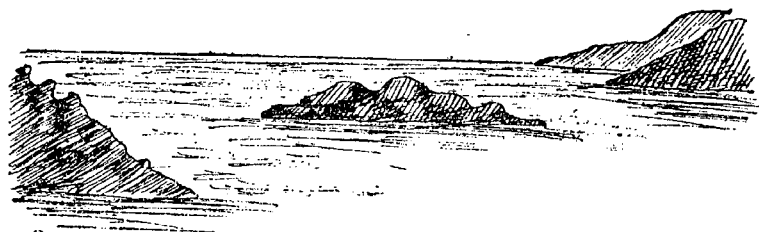
Entretanto, como não manobrasse a nau Victoria com a devida presteza, se deu o choque da mesma nau contra um ilhéu, provavelmente o em que depois se ergueu a fortaleza de Araçatuba, junto á ponta dos Naufragados. Deu-se o naufragio a 26 de outubro de 1526, e só a 2 de novembro, entrando pela barra do sul, fundeou Caboto com os restantes navios, no desejado porto.

Construida nessas praias uma galeota de 20 bancos, atormentados os seus com febres no arraial em que pousaram e, depois embarcados nos seus navios e galeota Ramirez e Montes e mais 15 tripulantes abandonados pela nau S. Gabriel de D. Rodrigo d'Acuña, ordenava Caboto á sua armada suspender ferros a 15 de fevereiro de 1527. Deixava nesse porto, ao abandono, a Rojas, a Mendez e a Rodas, e partia tendo por destino o rio Solis ou da Prata.

Não havia mais elle em mente realizar a viagem que lhe determinara o imperador Carlos V, qual a de, navegando o estreito de Magalhães, ir ao descobrimento das ilhas Tarsi e Ophir, e ao Catayo Oriental, ou como secretamente constava, ás Molucas das especiarias ou - ilhas reaes - dos arabes; e sim, em busca dos rios Solis e Paraná para nelles tentar o desencanto das ambicionadas riquezas. Esta viagem competeria á missão que o mesmo Rei commettera a Diego Garcia de Moguer o qual após passagem pelo - porto dos Patos, veio a encontrar-se com Caboto no rio da Prata e afluentes.

mui grande; e desd'a mea noite corremos, com hum pé de vento de norte, arbore seca.

Domingo 1.º dia de outubro pela manhã, hum



Das desavenças passadas entre os dois e do regresso das duas expedições fraccionadas á Espanha, deve ainda aqui consignar-se a escala de taes navios novamente no porto dos Patos, onde Caboto não mais haveria de encontrar o seu companheiro ahi posto por elle em abandono, o capitão Rojas, porque este partira para São Vicente, auxiliado por Gonçalo da Costa. Caboto ainda desta feita não se emendara: deixava ao norte, abandonados na ilha de Sta. Catharina, no porto de San Sebastian, o clerigo Francisco Garcia e outro embarcação da frota.

A que expedição ou expedições, pois, haveriam de pertencer esses 15 castelhanos que no dito porto dos Patos “havia muito tempo que estavam perdidos”, quando ahi arribou o bergantim, desgarrado da frota de Martim Affonso durante a noite de 30 de setembro para a madrugada de 1 de outubro de 1531? Sim, os quinze castelhanos que ajudaram aos tripulantes do bergantim portuguez a fabricar um novo com madeiras do paiz, e aos quaes a caravela Sta. Maria do Cabo vem encontrar salvos quando de regresso do rio da Prata em janeiro de 1532?

Seria para essa gente do bergantim perdido que Martim Affonso haveria de deixar, na ilha das Palmas,

dos bargantins nam aparecia; ao outro dei hum cabrete por popa, porque nam podia com a vela.

Segunda-feira com o vento e mar mui grande



em frente ao antigo cabo de Santa Maria, uma carta “emburilhada em cera e atada a uma cruz”.

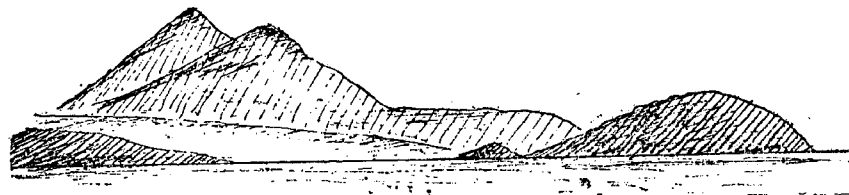
Dessa ilha e dessa carta, trataremos paginas adeante; como tambem mais uma vez desses tripulantes e 15 castelhanos, quando embarcados na caravela Santa Maria do Cabo e no bergantim ahi construido, se veem encontrar a 5 de fevereiro de 1532 com o capitão mór na villa ribeirinha de S. Vicente, para o informarem do sertão distante rico de ouro e prata do que “traziam mostras” -.

Dada esta explicação necessaria ao estudo deste passo do Diario de Pero Lopes, volvamos ao que elle mais argue e convem saber da viagem dos navios de Martim Affonso, entre Cananéa — cabo de Sta. Maria, com escala nas 3 ylhas das onças.

Reencetando o que a tal respeito vinhamos dizendo, surprehendamos os quatro navios seguidos dos dois bergantins, ainda quando cerca de 15 milhas ao sul do porto dos Patos, ou da segunda vez a uma trintena dellas ao sul do referido porto, dão encontro dos bergantins; lembremo-nos nesse dia 30 de setembro do “pé de vento” do norte que soffreram em arvore seca, e do desgarramento de um dos bergantins dessa noite para a madrugada de 1 de outubro; e ainda mais: da consequente arribada delle ao porto dos Patos.

fazia o caminho do sul, com os papafigos mui baixos.

Terça-feira 3 de outubro ao meo dia tomei o



Os quatro navios de Martim Affonso e um bergantim continuaram em derrota ao sul; e durante ella, a leitura do Diario nos revela como o regime meteorologico na costa se mantem identico ao que se conhece 400 annos depois, aconselhando-nos providencias e cautelas.

Assim, nas duas travessias Cananéa - ylhas das Onças, ylhas das Onças - cabo de Santa Maria, se contrapõe ao nordeste que soprara violento precedido de um salto ao nórte, o vento do sudoeste rijo. Andaram os navios ao "paio" por vezes, soffrendo muito mar, descahindo ou com este rolando.

Com 16 dias de viagem avistaram no littoral um fumo, certamente feito pelos indios, e na costa hoje rio-grandense do sul — apesar de no nosso traçado cartographico ter sido impossivel fixar este ponto, tendo, como tivemos, de attentar no que relata o Diario a 8, 9 e 10 de outubro com referencia á navegação, á latitude, á sondagem feita e á distancia da terra.

Estes elementos apresentados com erros sensiveis não nos ajudaram, conciliados, a dar com mais approximação o traçado da navegação ahi em bordadas, por contrastes dos ventos. (mappa 6).

Respondeu ao sudoeste, o nordeste ainda; e esta anotação e mais os outros detalhes do Diario, sobre o gyro

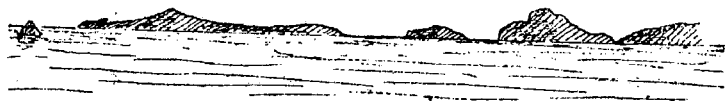
sol em 31 graos e 1 quarto: com o dito vento e mar fazia o caminho do sul.

Quarta-feira ao meo dia tomei o sol em 32

que soffreu o vento, veem justificar o que ao presente se sabe: "O sudoeste sopra nesta costa rio-grandense após uma serie de ventos do nordeste, e mais estes ventos durarem, mais o salto ao sudoeste será violento. A calma succede geralmente ao nordeste e então o ceu se torna nublado; a atmospherá carregada de electricidade; o horizonte vem a encinzar-se ao norte e ao oeste, geralmente durante a noite, notando-se relampagos a esse rumo. Ao oeste e ao sudoeste, nuvens negras sóbem gradualmente acompanhadas de trovões e relampagos, até que o vento sopra e cresce o temporal".

Por boreste, - continuando na derrota dos navios - vinham elles deixando os seguintes pontos da toponymia quinhentista da costa, para o sul já do porto dos Patos: o porto de D. Rodrigo, (o porto de Imbituba) ou o em que, D. Rodrigo d'Acuña se abrigou e residiu após o seu naufragio nesse littoral; as ylhas de Aradeyras, (Araras, Taçari ou Itacolomi e Lobos; o rio do aRecife, (o do Tubarão); o golfo fremoso (Laguna), talvez tambem o golfo do ilhéo, no portulano de Gaspar Viegas ou o porto do Promontorio ou del Farallon dos Espanhóes, se é que assignalado pelo farayol de Alonso de Sta. Cruz, ilhéo que identificaremos com o actual Tacari ou Itacolomi; as serras de santa marta da pena (Reinel), ou a terra alta de Viegas, ou o cabo da terra alta de - Pero Lopes, o cabo e serras de Sta. Martha -, na costa

graos e 1 terço: fazia-me de terra 20 leguas; do cabo da terra alta (70) me fazia 50: demorava-me ao norte e a quarta do nordeste.



depois catharinense; o rio dos Negros (Reinel), talvez o actual Mampituba ou o de Martim Affonso de Souza no portulano de Viegas, designação esta que em menos de cem annos os cartographos tanto avancaram para o sul que João Teixeira o vem a dar na altura do “arroio Chuy” dos nossos dias; terra bayxa, areall, costa d’area, costa bayxa, certamente a actual costa rio grandense; a baia apacelada ou aparcelada e a ponta do aRecife: esta, um dos cabos Castillo ou Polonio, ou mesmo a punta Rocha uruguaia, hoje cabo de Santa Maria, — e aquella, junta a qualquer destes promontorios como uma bahia com parceis; um R (io) de . . . ou um rio, anonymo em Reinel, mas no portulano da Riccardianna, neste passo mal copiado do de Viegas — como “Rio das Onças” — em vez de ilhas das Onças. Com o tempo algumas cartas quinhentistas ou não, transformaram este “rio das onças” no “rio Martim Affonso de Sousa”; - rio este que para Viegas seria o actual Mampituba, uma vez que o dava entre a “terra alta” ou cabo de Sta. Martha e o sam p.º (S. Pedro) pela primeira vez a apparecer em cartographia como designação da barra do actual Rio-Grande, e na latitude de 30.º-50’, em vez de 32.º.

Sobre a identificação deste rio com o Mampituba ou Mambituba actual, dado hoje em carta moderna aos 29.º 18’, quando Viegas dava o de Martim Affonso de Souza aos 30.º sul, Simão de Vasconcellos e Varnhagen foram do parecer que adoptamos.

Quinta-feira no quarto d'alva me deu por d'avante o vento sudoeste, levando as velas cheas de vento nordeste que foi a mór afronta que nesta



**.YLHAS DAS ONÇAS - PORTO
DO ANTIGO CABO DE SANTA MARIA**

Cap. IV
Mappa 6
pg. 240)

Valendo-nos das paginas do Diario chegámos ainda á conclusão de que na ida para o rio da Prata, nas travessias Cananéa - ylhas das onças, e ylhas das Onças — cabo de Sta. Maria, jamais Martim Affonso e os seus tocaram em algum rio digno de nota, e sim, em 3 ilhas de pedra por Pero Lopes baptisadas - ylhas das Onças -, designação, que a carta de Viegas é a primeira a assignalar em 1534.

Nestas ilhas não encontraram elles, onças, mas lobos marinhos que os mareantes caçaram. Fronteira a ellas, é verdade, havia uma “terra fremosa” com “muitos ribeiros dagua” e “muitas ervas e frôres como as de Portugal”.

Visitaram-na os de Martim Affonso e, nella acharam “duas onças mui grandes” e nenhuma gente. E por isso as ilhas povoadas de lobos marinhos, passaram a ser chamadas por Pero Lopes, - das onças - ferozes habitantes do continente fronteiro. E tambem nesse continente e nesse ponto não se encontrariam rios, senão, como diz o Diario, “muitos ribeiros dagua” ou arroios como o de Balizas — que se lança na laguna Castillo. Esta demora perto do cabo Castillo, e este dista do cabo Polonio, apenas tres milhas e meia.

Que ilhas das Onças seriam estas, pois, dadas imprecisamente nas cartas de Vaz Dourado (1580), de Giovanni Battista (1585)), de Hulderico Schmidel (1599 — The Conquest of the River Plate, Graham) e de Yodocus

viagem nós tínhamos visto; e com o vento sudoeste lançamos as naos ao paio. De noite cresceo tanto o vento e o mar que me nam quiz a nao arribar.



Hondius (1606), nesta costa sulina, e com esse nome correcto ou adulterado ?

A' vista de uma moderna carta nautica passaremos a identificar estas tres ilhas de pedra com algumas das ilhas Torres e a ponta a ellas fronteira, de que nos fala o Diario, com um dos chamados cabos Castillo ou Polonio.

A um destes cabos, ou mais provavelmente, á ponta erradamente marcada como cabo de Santa - Maria e depois punta Rocha uruguaia, teria Diogo Ribeiro em 1529 nomeado cabo de João de Lixbôa, talvez para assignalar houvesse ahi tão notavel mareante residido, ou ser Lisbôa o primeiro a avistar a dita ponta ou cabo.

Ha ainda a considerar: todas essas ilhas Torres - a que pertencem as Castillos Grandes e mais as Palomas, - e, quem sabe, se até as Castillos Chicos, distantes das outras 2 Castillos vinte e oito milhas, mais ou menos, - foram as que salteadamente vieram sendo chamadas ilhas das Onças ou mais commummente: as cinco ilhas Rodrigo Alvarez, e as duas, Christovam Jaques. Todas estas ilhas no portulano Ribeiro de 1529, eram postas na embocadura do rio Solis (Sta. Maria ou da Prata).

Entretanto, as unicas que haveriam de marcar os portulanos na embocadura do grande rio, deveriam de ser ao sueste da punta del Este de Maldonado (para nós, o antigo cabo de Santa Maria): a ysla de los lobos ou ilha dos Lobos e, ao oeste do

Sesta-feira até o meo dia soffremos o paio
com muito trabalho e arribei com a nao, e em arri-
bando pela quadra me deu hum tam gram mar, e veo



dito cabo, a ilha das Palmas (Maldonado ou Gor-
riti).

Imprecisa era porém a cartographia ou a representa-
ção desse sector da costa, e assim o continuou a ser, até
que os problemas da latitude e da longitude fossem resolvi-
dos a rigor, assim como o systema de projecção nas cartas
maritimas chegasse a melhor termo.

Anteriormente a essa epoca - dizia Alonso de Sta.
Cruz, o que não está de accordo com a citação de HARRISSE
no seu livro *John & Sebastian Cabot* - (pags.
211) - que, antes de se entrar no rio da Prata, “ha quatro
ou cinco ilhas pequenas, umas leste-oeste com as outras,
afastadas entre si legua e meia, chamadas - ilhas R o-
drigo Alvarez por as haver descoberto um piloto
que em nossa companhia levavamos com esse appellido”
(Yslario, pg 50).

Estas devemos te-las pelas actuaes - ilhas Torres -
formadas das Torres propriamente ditas, ás quaes tam-
bem pertencem as duas Castillos Grandes. Deu dessas
ilhas tambem vista Francisco Torres, um dos pilotos de
Solis, e antes de Rodrigo Alvarez da expedição Caboto; mas
por ilhas Rodrigo Alvarez foram mais conheci-
das dos pilotos quinhentistas. Só o tempo veiu a fazer jus-
tiça ao verdadeiro descobridor dellas.

Diz ainda Alonso de Sta. Cruz, no Yslario (pg. 50):

“Ao austro destas, ha outras nomeadas Christovam
Jaques, que era um portuguez assim chamado que as des-

ter ao convez, e meteu-me dous quarteis para dentro; entrou tanta agua, que antre ambas as cubertas me nadou o batel; assi arribamos alagados: até



cobriu, vindo por capitão de uma caravela á costa do Brasil e á fama do ouro que se dizia haver nella.” Estas devem ser - as actuaes ilhas Paloma e Tuna, - mais ao sul das outras e em frente ao actual cabo de Sta. Maria.

E logo a seguir, nos instrue ainda o mesmo auctor: “junto ao “Cabo de Sta. Maria” (não do actual, mas do antigo cabo d’e Sta. Maria, hoje, punta del Este de Madonado), “que é á entrada do rio, está uma ilha chamada - de los lobos (ou dos Lobos) “por haver nella muitos lobos marinhos: é ilha deserta e sem agua”. Sobre esta ilha não póde restar duvida: é a ilha ainda assim chamada na embocadura do rio da Prata —: a ilha dos lobos.

Fixemos agora todas as ilhas citadas com as latitudes medias ou exactas:

As 2 Castillos Grandes, ao norte do cabo Castillo em 34.º 21’ de latitude sul; as duas ilhas e um ilhote (Rasa ou Seca, Encantada e Islote), juntas ao cabo Polonio em latitude media de 34.º 24’ sul, e estas, as ylhas das Onças, que o portulano Viegas dá aos 34.º 15’ ou com differença de 9 minutos de arco;

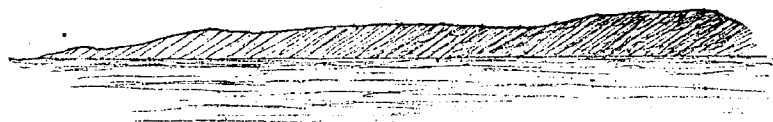
as duas ilhas Paloma e Tuna, esta já agora tendendo a se unir ás terras do actual cabo de Sta. Maria e ao nornordeste deste, e ambas com a latitude média de 34.º 39’ sul.

Recapitulando a identificação das ditas ilhas, assignalemos definitivamente o seguinte:

a): as 3 ylhas de pedra de Pero Lopes —

o quarto da modorra com duas bombas acabamos d'esgotar a agua.

Sabado 7 de outubro saltou o vento de supito



ou as tres ylhas das onças - como 3 das 5 actuaes ilhas Torres; a saber: Rasa, Encantada e Islote;

b) as yslas Rodrigo Alvarez, todas as 5 das actuaes - ilhas Torres - e, portanto: as 3 ylhas das onças de Pero Lopes e mais as 2 actuaes Castillos Grandes que Varnhagen na 1.^a edição do Diario dava incorrectamente como as 3 ylhas das onças;

c) as ylhas Christovam Jaques, as duas mais ao sul - a Paloma e a Tuna - fronteiras ao actual cabo de Sta. Maria.

Dada esta identificação baralhada em cartographia quinhentista, volvamos ao Diario.

Até certo ponto do littoral, pelas agulhas que traziam, dizia Pero Lopes correr a costa ao nordeste-sudoeste, e, montada uma outra ponta, ao oessudoeste.

Das inflexões que se dão nessa costa sulina, devem citar-se a do cabo Polonio em diante e a do actual cabo de Sta Maria, como dignas de nota, por destas pontas o littoral rumar, mais approximado do dizer do Diario, ao sudoeste e ao oessudoeste. E nessa direcção ou noutra que lhe seja approximada, até que extremo meridional se mantem assim a costa?

Para os navegadores como Pero Lopes, até o cabo de Sta. Maria, passado o qual vinha a orientar-se a mesma costa ao leste - oeste. Donde se deve

ao nordeste e ventou mui forte; e andava o mar do sudoeste, e com o do nordeste cruzavam que nam havia homem, que se nas naos tivesse.



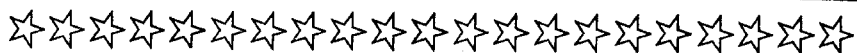
concluir: que não devera ser o actual cabo de Sta. Maria, o principal cabo de Sta. Maria quinhentista, tendo-se em vista não só as palavras do Diario e a navegação feita, como os muitos portulanos daquelle tempo e as cartas de hoje em comparação com aquelles.

Esta proposição lançada, affirmemos ainda que não era sómente opinião de Pero Lopes a de ficar o - cabo de Sta. Maria antigo, no extremo leste do littoral que corre leste-oeste da embocadura para dentro do rio de Sta. Maria ou da Prata, tendo junta ao cabo a ilha das Palmas; mas tambem a de outros navegadores portuguezes, espanhóes e hollandezes, com referirem: que desse cabo para dentro a orientação da costa é de leste-oeste.

Tendo ainda, como principal escopo o estudo da navegação dos navios, não percamos pois, de vista o que desejamos provar.

Navegando na altura do sector geographico onde se destaca o cabo Polonio, avistando a costa ahi em direcção nordeste-sudoeste, Martim Affonso sempre se veiu guiando por ella e, pela que passada desse cabo, rumava ao oes-sudoeste. Tinha elle tambem por informante o prumo que a todo momento lançava ao mar, valioso elemento para quem navega ainda hoje por essas paragens sulinas. E assim, e por ahi mareando, notou Pero Lopes, que singrando dois relogios ou uma hora ao oessudoeste, achava vinte braças de fundo; e governando outros dois relogios ou uma hora

Domingo faziamos o caminho do sul com muito vento nordeste. E ao meo dia tomei o sol em 31 graos e meo. Fazia-me de terra 23 leguas (71).



ao oeste e ao oeste quarta de sudoeste, vinte e cinco: de maneira que “achava mais fundo da banda da terra que do mar”.

Examinando numa carta moderna esse informe do habil navegador, concluiremos que se deveria nesse instante ter aos navios de Martim Affonso navegando na região marítima comprehendida entre os actuaes cabo Polonio e a punta del Este de Maldonado, e trazendo á vista, se a paragem em bom estado atmospherico, o actual cabo de Sta. Maria.

Dois exemplos bastam para justificar o que affirmámos:

1.º) Se no mesmo parallelo do actual cabo de Santa Maria e a vinte milhas d'elle, governasse um navio ao rumo verdadeiro de 16.º sudoeste, alcançaria a sondagem assignalada - Mud well - na carta ingleza; - e ahi, tão ronheiro fosse quanto era uma nau quinhentista - se respectivamente se fizesse uma hora, proximamente ao oessudoeste e outra ao oeste e ao oeste quarta do sudoeste, que lhe diria o prumo em sondagem constante?

— Certo, accusaria fundo maior de 25 braças se rumasse ao oeste ou para costa, e menor, se se amarasse mais.

2.º) Se a 32 milhas, agora, e ainda no parallelo do mesmo cabo, rumasse o navio ao sul verdadeiro, encontraria fundos de 20, 29, 36 e 32 braças inglezas; e se entre oessudoeste e oeste quarta do sudoeste, e portanto mais junto á costa, navegasse sobre o mesmo - Mud well - accusaria o prumo fundos maiores de 38, 42, 43, 45 e 43

Segunda-feira ao meo dia tomei o sol em 33 graos e 1 terço: fazia-me de terra 18 leguas. Esta noite se passou o vento ao sudoeste, e trincamos com os traquetes baxos no bordo do sulsueste.



braças até novamente o fundo normal na costa atlantica do Uruguai; e assim, mais fundo buscando a terra que o mar largo.

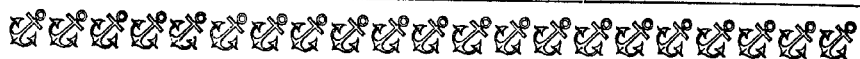
Pelo que exposemos, fica então facil de se confirmar o que os pilotos do seculo teriam por ylhas das onças e antigo cabo de Sta. Maria; este, no quadrante sudoeste do actual cabo deste nome.

Sahindo pois, das 3 ylhas das onças ou de 3 das cinco ylhas Rodrigo Alvarez, ou Torres actualmente, Martim Affonso e os seus, nesse dia 14 de outubro de 1531, indo em busca do antigo fundeadouro do cabo de Sta. Maria, só poderiam pelo prumo ter notado essa singularidade, se navegassem sobre a sondagem assignalada nas cartas inglezas - Mud Well - locada entre o parallelo do cabo Polonio e o da punta del Este Maldonado.

Diz o Diario, que, no mesmo dia em que notaram essa particularidade do fundo oceanico - 15 de outubro - veiu a armada a surgir ao oeste do referido cabo de Sta. Maria, cuja latitude Pero Lopes dá: 34.º e $\frac{3}{4}$ ou 34º e 45' sul, e com muito pouca differença da com que Viegas o assignala.

Esta latitude differe da do actual cabo de Sta. Maria de 4 minutos e 45 segundos apenas, emquanto da da actual punta del Este de Maldonado, mostra differença para menos de 13 minutos e 40 segundos de arco.

Terça-feira no quarto d'alva com muito vento sudoeste lançamos as naos ao paio; e ao meo dia se fez o vento bonança: vimos da gavia ao noro-



Esta differença maior, justamente nos inclina a aceitar ser tal latitude dada por Pero Lopes ao antigo cabo de Sta. Maria, como a da punta del Este de Maldonado, uma vez que o capitão da nau N.^a. S.^a das Candeas - como bom piloto quinhentista, valendo-se de imperfeitas ephemerides, - taboas ou regimentos -, rudes astrolabios ou quadrantes e, portanto, de alturas do sol influidas dos erros dos instrumentos, das taboas e da observação pessoal, jamais ao correr do Diario nos dá latitude no Brasil com differença de 4 ou 5 minutos da verdadedira latitude, e sim, com erro de dezena de minutos, oscillante entre 10 e 18.

E demais, affirma Pero Lopes, no seu estilo pittoresco:

“Segunda-feira pela manhã, mandou o Capitam I. (Irmão, isto é, Martim Affonso) ao piloto-mór que fosse ver hũa ilha (ilha das Palmas) que estava pegada com o dito cabo, (antigo cabo de Sta. Maria) se antre ella e a terra havia bom surgidouro: e ao meodia tornou Vicente Lourenço (o piloto mór) e disse que o porto que era bom; senam que com os ventos oessudoeste e sulsudoeste era desabrigado, e que do vento sulsueste tinha baxos ao mar: e á tarde fomos surgir antre a ilha e a terra em fundo de 6 braças e mea de preamar. Aqui nesta ilha tomámos agua e lenha e fomos com os bateis fazer pescaria: e em hum dia matámos desoito mil peixes antre corvinas e pes-

este um fumo. Mandeï lançar a sonda, e tomei fundo com 60 braças: e nos fizemos á vela no bordo do noroeste a demandar o fundo (72); e ao sol posto



çadas e enxovas: pescavamos em fundo de 8 braças: como lançavamos os anzolos na agua nam havia ahi vagar para recolher os peixes. Nesta ilha estivemos 8 dias esperando por um bergantim que da nossa companhia se perdera (o bergantim desgarrado ao sul do porto dos Patos e cujo destino M. Affonso ignorava): como não veo, mandou o Capitam I. (Irmão) pôr hũa cruz na ilha e nella atada uma carta emburilhada em cera, e nella dizia ao capitam do bergantim o que fizesse vindo ali ter”.

“Domingo, 21 de outubro pela manhã partimos desta ilha. Com o vento nordeste fazia o caminho ao longo da costa que se corre a oeste: mea legua de terra ia sempre per fundo de 9, 10 braças”.

E páginas adiante diz Pero Lopes:

“Esta ilha das Palmas he muito pequena; della a terra ha hum quarto de legua: faz a entrada da banda do sudoeste: (deve ler-se: o sudoeste): ha de fundo limpo 4, 5, 6 braças. Ao mar della, hũa legua ao sul, ha hûs baxos de pedra mui perigosos”.

E já, nessa mesma pagina, referindo-se á viagem de regresso a Cananéa, acrescenta:

“Terça-feira 1.º dia de janeiro (de 1532), partimos desta ilha com o vento le nordeste; fizemos o caminho do sudoeste. A’ noite se fez (o vento) norte e fizemos o caminho a leste toda a noite, com bom vento”.

vi a terra (73) da gavia, a qual era mui baixa sem conhecida algũa: e no quarto da prima me fiz no bordo do sueste com o vento sulsudoeste.

“Quarta-feira 2 de janeiro (de 1532) pela manhã saltou o vento a sudoeste; fizemos o caminho ao nordeste e a quarta de leste; e á noite acalmou o vento: e ao pôr do sol vimos terra, a qual se corre a nordeste - sudoeste”.

Sabemos, antes de tudo, que em frente á punta Rocha dos uruguaios ou actual cabo de Santa Maria (tambem Sta. Maria para Maggiolo em 1527 para differencarse do outro que elle marcava Sta. Maria do bondecho ou actual Punta del Este de Maldonado), não existe uma ilha, e sim duas: a Paloma e a Tuna, antigas ilhas quinhentistas Christovam Jaques.

Dizia o piloto Vicente Lourenço que o porto buscado á sombra da ilha das Palmas, era bom, mas que dos ventos do oessudoeste e do sussudoeste era desabrigado, e tinha ao sussueste “baxos ao mar”. Ora, o maior fundo que se encontra no fundeadouro do cabo de Sta. Maria das cartas de hoje, e assim mesmo entre duas ilhas, é de 5,m2 e não de 6 braças; dos ventos do oessudoeste e do sussudoeste é o referido porto desabrigado; e a entrada para esse citado fundeadouro não é ao oessudoeste, e sim dentro no sector lesnordeste - lessueste.

Além disso diz Pero Lopes terem nella tomado agua e lenha, o que está de accordo com o Ms. n.º 1715 da Bib. Nac. de B. Aires, relato da viagem do piloto F. Fernandez a mando de D. Valdez em 1600, com dizer da existencia de uma e outra na ilha de Maldonado: “Luego alli junto

Quarta-feira 11 dias do dito mes pela menhã nos acalmou o vento 3 leguas da terra, a qual se corre nordeste sudoeste e toma da quarta de norte



hallaron muchos pozos de arena de agua dulce que se resumia de la misma tierra”; ou tambem: “Andando mas adelante, a la banda del sudueste, hallaron un arroyuelo de agua dulce”; ou ainda: “hallaron mucha arboleda y no muy grande, y muchas palmeras”...

Tal não se daria com Paloma ou Tuna.

Poderíamos assim, concluir: não ser este o porto visitado pelo piloto mór Vicente Lourenço e portanto não ser este o antigo porto do cabo de Santa Maria aonde os navios de Martim Affonso fundearam; mas buscaremos ainda documentação para prova-lo.

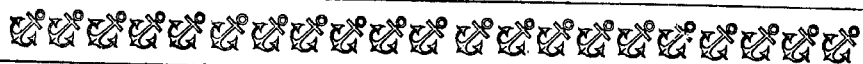
Accresce a favor da these que - ao partirem para montar o rio de Sta. Maria ou da Prata’, “com o vento nordeste fizeram o caminho ao longo da costa que se corre aloeste”.

Como navegar a - aloeste - pois, do actual cabo de Santa Maria, sem se levar o navio a naufragio de encontro á costa rochosa? E depois, quando partindo desse porto de regresso ás terras vicentinas, como manobrar para amarrar-se com segurança desse fundeadouro, mareando ao vento do lesnordeste com caminho ao sudoeste até a noite, sem naufragio certo?! E assim, depois, ainda poder com bom vento do norte fazer o caminho ao leste toda a noite, até que este saltando ao sudoeste, o fizesse governar o navio ao nordeste quarta do leste?!

Explica-se, crêmos, esta navegação, tomando-se como a praticada por quem partindo da altura do porto de Maldonado ao rumo do sudoeste, se resguardasse da isla de

sul, em fundo de 16 braças; matamos esta noite muitas pescadas.

Quinta-feira ao meo dia tomei o sol em 34



los lobos ou da ilha dos lobos até antes do anoitecer, e depois singrando ao leste com vento do norte ganhasse o mar alto, e ahi, ao salto do vento do sudoeste, governasse ao nordeste quarta do leste para então avistar a costa orientada ao nordeste - sudoeste por taes agulhas.

Que ponto deveria ser, pois, esse antigo cabo de Santa Maria, e que ilha essa, a das Palmas, citada por Pero Lopes?

Indubitavelmente: é o primeiro a punta del Este de Maldonado; a segunda, a ilha Maldonado ou Gorriti existente entre esta ponta e a punta de la Ballena, e dando resguardo ao mesmo porto de Maldonado do qual seria parte o antigo porto do antigo cabo de Santa Maria.

Antes de por nós exposta esta opinião, já Paul Grousac, profundo historiador, fundamentara igual asserção no tomo 4.º dos "Anales de la Bibliotheca de Buenos Aires", em 1905.

Deste notavel auctor, cujos trabalhos honram as letras americanas, sentimos discordar sómente em dois passos do seu trabalho: primeiro, no tratar com certa ironia, algum dos deslises toleraveis, em face de uma obra grandiosa como é a Historia Geral do Brasil, de Varnhagen; segundo, por considerar o Diario de Pero Lopes, "deshilvanado é incorrecto" (Tomo 4, pg. 312).

Verdade é, que já um escriptor brasileiro de auctoridade, João Mendes de Almeida, na Revista do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro (volume 53) ou na - Miscellanea

graos, e com o vento norte ia correndo a costa ao sudoeste. Ao pôr do sol fomos surgir antre tres ilhas de pedras (74), donde matamos muitos lobos marinhos.



(Memoria, 1887) tivera tambem as seguintes e impensadas palavras sobre o Diario óra causa do nosso estudo:

“Manifestamente esse Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa, com referencia á expedição de 1530 — 1535 (?) é um documento apocrypho ou sem fundamento algum de authenticidade, podendo porem ser o Diario da Navegação de Martin Affonso de Sousa para a India em 1533-1534, mudado para 1530-1531 (?), com o enxerto em forma complementar da navegação de Pero Lopes de Sousa para o rio da Prata e do seu regresso para Portugal em 1531 — 1532”.

Ousamos discordar, em parte, do profundo historiador como completamente do estudioso escriptor brasileiro; mas o fazemos com sinceridade, para affirmar que todos os passos que estudámos e passaremos, em paginas adeante, a narrar e a estudar, revelam e revelarão o opposto: a authenticidade do Diario de Pero Lopes, tão pittoresco e preciso em seus recontos, como tambem em observações, conhecimentos technicos da costa brasileira e do rio da Prata, quanto nenhum outro em conjunto ao tempo o foi mais.

Dada esta ligeira nota indispensavel ao leitor sincero e attento, volvamos ainda a provar qual o — cabo de Sta. Maria — dos antigos, antecedendo os nossos conceitos sobre tal ponto, de uma homenagem a Paul Groussac, com transcrever para as nossas paginas, as suas proprias

Sesta-feira 13 do dito mes pela menhã se fez o vento sudoeste, que nos vinha por riba de hũa ponta, que nos demorava ao sulsudoeste e ventou



palavras do Tomo 4.º dos “Anales de la Biblioteca — de Buenos Aires. (pg. 302). “Lo que desde el comienzo del siglo XVI hasta mediados del XVIII (atlas Robert, 1750) se ha llamado el cabo de Santa Maria, ha sido la punta ó recodo de la costa sudamericana, por los grados 35 de latitud, em que esta aparecia pasando bruscamente del rumbo NNE - SSO al E $\frac{1}{4}$ SE - O $\frac{1}{4}$ NO, ó sea formando casi um ángulo recto com la margen izquierda del Rio de la Plata. Ahora bien: este brusco recodo és una simple concepcion téorica; no existe tal vértice único, sino un pan - coupé. En terminos más precisos: la costa fórma alli una linea poligonal muy obtusa, cuyo esquema se obtendria juntando los tres vertices: isla de Flores, punta del Este (ó Maldonado) y cabo de Santa Maria”.

D. Diego Alvear no seu Diario (Anales de la Bib. Tomo IV), já dissera em 1791: “Las Puntas del Este y de la Ballena con lo mas sur de Gorriti, reinfilan el angulo de 57.º 30' NO y distan entre si cinco milhas. Desde la primera tuerce ya la costa exterior al NE $\frac{1}{4}$ E, como en linea recta: y sin variar casi de esta direccion se prolonga la gran distancia de 26 leguas hasta los islotes Castillos en los 34.º20' de lat. austral. En toda ela no se descubre el cabo de Santa Maria que supponem las cartas. La referida Punta Oriental de Maldonado es pues la que sale mas al sur y la que daremos este mombre en nuestro plano”.

Apoiemo-nos ainda no que affirmaram a respeito navegantes do passado e desenharam cartographos.

com tanta força que a nao capitaina perdeu o cable, e lhe quebrou a amarra. Toda esta noite estivemos com muita tromenta.



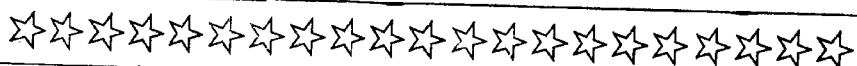
Francisco Albo, no seu Diario da viagem de Fernão de Magalhães confirma a mesma opinião do grande navegador, citando que a 10 de janeiro de 1520 “veiu a ser a nossa altura 35.º, e estavamos em direito do cabo de Santa Maria: dahi em deante corre a costa leste-oeste e a terra é arenosa, e em direito do cabo ha uma montanha a modo de chapéo, ao qual puzemos o nome Montevidi, e ao meio delle e do cabo de Santa Maria ha um rio que se chama o rio dos Patos”.

Este rio deve bem ser o — Solis Grande, — antigamente tambem conhecido pelo dos Begoás e assim chamado no portulano de Viegas. Foi este rio, ponto de partida de Pero Lopes no bergantim, e depois ainda designado com esse nome na carta de Vaz Dourado e em outras.

No “Yslario” de A. Sta. Cruz se lê tambem: “junto do cabo de Sta. Maria, que é á entrada do rio (da Prata) está uma ilha dita dos Lobos, por nella haver muitos lobos marinhos: é ilha deserta e sem agua”.

Reparemos bem: isla de los lovos ou ilha dos lobos, junto do cabo de Sta. Maria, do Santa Maria antigo, porque do actual cabo de Sta. Maria, dista ella 42 milhas, ao passo que da punta del Este de Maldonado, cerca de 4 milhas, apenas.

Sabado no quarto d'alva acalmou o vento, e fui á terra firme por nos fazerem muitos fumos. A terra (75) he mui fermosa, muitos ribeiros d'agua, e



Caboto tambem disse: a ilha dos lobos encontra-se a uma legua, pouco mais ou menos, do cabo de Sta. Maria.

Adeanta-nos Diego Garcia, que "o cabo de Sta. Maria está em 34.º e meio, e fóra do cabo está uma ilha chamada ilha dos Pargos — que é grande pescaria: nella estivemos oito dias esperando o bergantim que vinha atraz e dentro no cabo até o rio (da Prata) "está uma ilha que se chama das Palmas, e fóra della está um recife que o toma uma legua ao mar; e esta ilha das Palmas, é muito bom porto" - ... (Memoria - Madero, pg 356).

Esta ilha é a que Alonso de Sta. Cruz, e mais Oviedo e Harrise, nos dizem ter sido avistada no dia seguinte á chegada de Caboto ao rio Solis ou da Prata, - toda coberta de palmaceas, motivo por que se chamou - das Palmas -, assim como a outra habitada por lobos marinhos, tambem se nomeou - dos Lobos -.

E é este mesmo auctor e habil cosmographo quem, visitando pouco tempo antes de Martim Affonso o rio Solis (de Sta. Maria ou da Prata), dava para embocadura do citado rio, 30 leguas -, menos uma dezena das que terá, e quando, Diogo Ribeiro a dava com 20 leguas apenas até o cabo de Sto. Antonio. - Se se a houvesse de medir, entre os actuaes cabo de Sta. Maria e cabo Branco, se lhe teria de dar valor duplo dessa maior medida, ou cerca de 60 leguas. Em tanto erro, supponmos, não incorreria Alonso de Sta. Cruz, elle, que até ao

muitas ervas e frores, como as de Portugal. Achamos duas onças mui grandes, e nos tornamos para as naos sem vermos gente. E ao meo dia se fez o

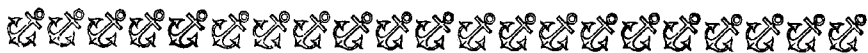


tempo da imprecisão do calculo das longitudes, nos dava um dos melhores, senão o melhor traçado do meridiano divisorio sobre o continente americano do sul.

O que fica exposto, já em parte nos facilita fixarmos na carta maritima de hoje o antigo cabo de Santa Maria, a ilha dos Lobos, a ilha das Palmas e o porto do antigo cabo de Santa Maria defendido por essa ilha das Palmas de dois kilometros de comprimento e a uma folgada milha de terra. Com o tempo a esta se chamou Maldonado e Gorriti; e a esse fundeadouro, baptisado por Solis - N.^a Senhora da Candelaria e por Pero Lopes, parte delle, o porto do cabo de Santa Maria, se veiu no todo a chamar-se o porto de Maldonado. E' este porto formado, como dissemos, no seio existente entre a punta del Este e a de la Ballena sob o resguardo da ilha de Maldonado, e com optimo fundeadouro de 10 metros, de mais facil accesso para os grandes navios por uma barra que por outra. E' elle, desabrigado dos ventos do oessudoeste e do sussudoeste, como via o piloto mór Vicente Lourenço - ao porto do antigo cabo de Santa Maria - e com "baxos ao mar" ao sul da ilha e ao sussueste do porto, como o diziam Pero Lopes e o piloto.

Recorrendo até aqui ao que relataram alguns pilotos e capitães do mar, valhamo-nos ainda da cartographia, influenciada por aspectos politicos que na Peninsula Iberica ou fóra della se vieram desenrolando.

Mappa 6 (á margem) (pg. 222) vento nordeste, e com elle nos fizemos á vela. Estas ilhas, a que puz nome — das Onças — (76), tomei o sol nellas em 34 graos e meo; e em do-



Até fins do seculo XVIII, apoiados na inexactidão dos calculos da longitude, ou melhor até proximidades de 1770, as cartas maritimas imprecisamente locavam o cabo de Sta Maria; mas na maioria, e em particular portuguezes e espanhóes, eram accordes em seus traçados, em projectar o cabo de Sta. Maria nos seus planos cartographicos, como vertice de um angulo recto formado na embocadura do bello rio Solis, Sta. Maria ou da Prata.

Quando mais conhecidos e aperfeiçoados os calculos da longitude, da latitude, da variação da agulha, e o processo de projecção nas cartas, começou de se accentuar a correcção da irregularidade praticada nos velhos portulanos sobre a nossa costa sulina. Essa evolução mostrada através de tantos annos, na fixação do referido cabo em paragem disputada por espanhóes e portuguezes, se poderá avaliar, consultando os mappas citados por Groussac: Danville (1768); Robert de Vaugoudy (1750); Millan (1768) e até certo ponto, o mappa de Olmedilla que entretanto dá deslocada a ilha da Palma ou das Palmas para o actual cabo de Santa Maria.

Melhor que esta, a carta hollandeza de Janszoon Bloen (1605) punha o cabo de Sta. Maria onde hoje se nomea a punta del Este de Maldonado tendo ao sueste a ilha dos Lobos; e assim muitos outros portulanos ou cartas de marear que consultámos na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, da qual nos cumpre realçar a gentileza dos

brando a ponta (77), que me demorava ao sulsudoeste, se corre a costa a loessudoeste até o cabo de Santa Maria (78), que está em altura de 34



funcionarios de qualquer categoria e a competencia de tão dignos directores.

São esses portulanos, por ordem chronologica: Maiollo ou Maggiolo (1515); Reinel (1516?); Turim (1523); Gaspar Viegas (1534), - além do mais, o primeiro desenhado em Portugal após a expedição de Martim Affonso ao Brasil -; Caboto (1544); Jacopo Gastaldi (1554); Lazaro Luiz (1563); Thevet (1575); Guillaume le Testu (Bib. Min. de la Guerre Paris); Arnoldus Florentius (1596, 1645 e principalmente o de 1630); Yoducus Hondius (1597); Danckerts (1660); João Teixeira (1666); Pierre du Val (1655 - 1665); Clement Jonghe (1640); Louis Stanilas Darcy de la Rochette, e o mappa official geographico de 1796 feito para marcar as divisas de Espanha com Portugal, tendo como auctor o tenente-General Francisco Requena.

Cumpre aqui dizer que a carta de Maiollo ou Maggiolo de 1527, dá dois cabos de Sta. Maria: um, onde será hoje o cabo desse nome, e o outro - o cabo de Sta. Maria do bondeseho onde ao presente se vê a punta del Este de Maldonado.

E' dever nosso tambem citarmos, como não assignalando assim o verdadeiro e antigo cabo de Sta. Maria, os seguintes portulanos e cartas: Diego Ribeiro (1527-1529); Abraham Ortelius (1570 — 1584); Cornelius de Judoeis (1593); Petrus Plaucius (1592 — 1645); Mathias Quaden (1598 — 1608); B. Langenes (1598); Guillaume Sanson (1697); Yodicus Hondius (1602); Nicolas Sanson (1650) e Guillaume Lisle (1700).

graos e 3 quartos, e no quarto da prima me acalmou o vento.

Domingo 15 d'outubro pela manhã se fez o vento nordeste; e com elle fazia o caminho ao longo

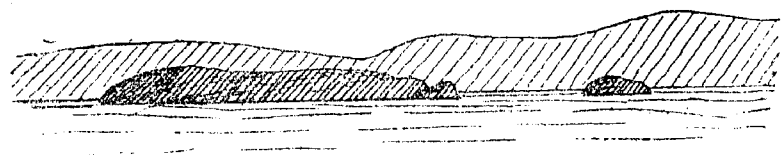


E se duvida existia já sobre a posição desse cabo de Sta. Maria, ella assim caminha, até que as expedições de Aguirre e de Malespina, valendo-se de mais perfectos processos, taboas, agulhas e instrumentos para o calculo das latitudes e das longitudes, conseguissem fixar as coordenadas do dito local, com idoneidade scientifica, no ponto onde hoje se desenha na costa, a punta del Este de Maldonado. Esta interpretação correcta vem entretanto a ser alterada, segundo Paul Groussac, pelo tenente Oyarvide em suas cartas nauticas, com o deslocar este official a posição do antigo cabo de Santa Maria de proximamente cincoenta milhas para o nordeste da actual punta del Este de Maldonado.

Restabelecia-se assim, sem nisso pensar-se, a designação de Maggiolo em 1527, mas por calculo tambem se fazia desaparecer a do outro cabo Sta. Maria do bonde-seho, dada nesse portulano quinhentista na embocadura do rio da Prata e, onde hoje se reconhece a punta del Este de Maldonado, acima citada.

Aos estudiosos da historia colonial da America do Sul e desses segredos diplomaticos em que se sacrificam tantas vezes a sciencia e a consciencia dos homens, devemos deixar aqui consignados e para certas pesquisas em archivos espanhóes e lusitanos, o periodo de tempo decorrido entre 1783 e 1796 em que Oyarvide como geographo de uma partida demarcadora fez levantamentos hydrographicos do rio da Prata, e o entre 1803 e 1806 em que residiu na cidade de Montevideo.

da costa, sondando sempre. Governando 2 relogios a loessudoeste achava 20 braças: governando outros 2 relogios aloeste e a quarta do sudoeste dava em fundo de 25 braças; de maneira que achava mais fundo da banda da terra que do mar (79).



Esclarecido esse ponto importante na derrota de Martin Affonso, esclarecimento que melhor se ha de marcar, estudando outras paginas do Diario de Pero Lopes, tomemos para todos os effeitos do estudo que prosegue — a punta del Este de Maldonado pelo antigo cabo de Santa Maria. Surprehendamos fundeados em 8 braças de fundo ao oeste do dito cabo as 2 naus, o galeão, a caravela e um bergantim da expedição affonsina; e assistamos á troca de fundeadouro destes navios para dentro no porto do dito cabo.

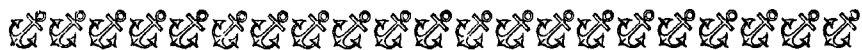
Permaneçamos cerca de seis dias com elles na espera do bergantim desgarrado durante a travessia Cananéa - ilhas das Onças, e para o qual mandou o capitão mór levantar na ilha das Palmas uma cruz e atar nesta “uma carta emburilhada em cera”, preservando-a assim do tempo, e na qual se davam ordens ao capitão do bergantim sobre o que haveria de fazer se ahi viesse a aportar.

Semelhante signal achou Caboto na ilha dos Lobos, dois annos antes da expedição de Martin Affonso, feito por Diego Garcia para um bergantim retardado. E esse signal feito naquella ilha proxima á das Palmas, teve por testemunha de vista a Enrique Montes, um dos aventureiros e sertanistas da armada de Caboto, ora “provedor

Ao sol posto fomos com o cabo de Santa Maria; e surgimos em fundo de 8 braças da banda d'aloeste do dito cabo (80).

Cap. V

Segunda-feira pela manhã mandou o capitam



de mantimentos” da expedição portugueza, e, mais do que tudo, informante da “costa do ouro e prata” embarcado nos navios de Martim Affonso. E’ pois bem possivel, que a esse aventureiro se devesse a idéa daquelle significativo signal.

O RIO DE STA. MARIA OU DA PRATA

Cap. V
(pag. 257)

Estava em pleno rio de Sta. Maria dos portuguezes, So lis dos Espanhóes, ou da Prata já então nomeado, no extremo da costa da prata e do ouro, a expedição do capitão mór Martim Affonso de Sousa, desde o dia 15 de outubro de 1531.

Da paragem buscada por aventureiros e pilotos, traçamos os antecedentes historicos indispensaveis para melhor conhecimento do que levaria o capitão mór, após o naufragio da Capitanea, a mandar rio acima o seu intrepido irmão Pero Lopes de Sousa.

Os navegadores portuguezes João de Lisbôa, Lopes de Carvalho e outros da expedição da “Gazeta Aleman” armada por Cristoval de Haro e D. Nuno Manuel, mostram com a sua viagem, a existencia desse rio baptisado Sta. Maria; dão nascimento á lenda de grandes riquezas e thesouros ás duas margens e serra acima; e assim a Portugal, a supremacia do descobrimento dessas aguas ainda parece, até então não sulcadas por naus ao serviço de qualquer outra nação da Europa.

I. ao piloto mór que fosse ver hũa ilha (81), que estava pegada com o dito cabo, se antre ella e a ter-



D. Nuno Manuel possuidor do machado de prata encontrado, certificando a existencia do que buscavam, e João Lopes de Carvalho e João de Lisbôa ahi residentes algum tempo, levam-nos á certeza de que o rio de Sta. Maria é descoberta dos marujos da velha Lusitania; e de que a expedição da Gazeta Aleman (1514) talvez pilotada por João de Lisbôa é a primeira a descobrir, sem logo desvendar ao mundo, a existencia do grande rio do sul. Gaspar Corrêa nas Lendas (II, 628) dá João de Lisbôa como o descobridor em 1514 do rio de Santa Maria, e Schöner na sua "Cosmosgrafia", em 1515, já a este rio se refere.

Essa revelação começa de se vulgarizar nas duas côrtes ibéricas com mais intensidade, porém, após a expedição de João Dias de Solis, em 1516 aportada ao estuario platino, ao mando desse navegador portuguez ao serviço de Espanha; e com ella e com os restantes della, é que se vem alargar em imaginação e em realidade o scenario da conquista, em que o marinheiro intrepido encontrou o termo da sua vida tocada de aventura.

Francisco del Puerto é dessa expedição, como tambem Enrique Montes, Melchior Ramirez, Francisco de Chaves, Diego precedido de Aleixo Garcia, todos arautos da lenda do Rei Branco, serra acima, vestido á moda dos civilizados e ostentando sobre si ornamentos de preciosos metaes.

Montes e Ramirez tiveram pôr base de sua acção bandeirante - na hoje costa catharinense - o porto dos Patos, e não deixaram de levar ás duas Espanhas, tal como depois Caboto, Diego Garcia, Francisco Torres, Gonçalo da Costa e outros mais, o relato de aventuras e o anseio

ra havia bom surgidouro: e ao meo dia tornou Vicente Lourenço (82), e disse que o porto que era



de vividas esperanças. Francisco del Puerto, montando residencia no delta do Paraná e visitando as regiões maravilhosas de sobre serra, tornou-se ahi o informante dessas longinquas terras e civilizações. Francisco de Chaves propagando a lenda - mais ao norte do porto dos Patos -, em Cananéa, passou a residir em tal sector do littoral e veiu a dar ao proprio capitão mór Martin Affonso, em agosto de 1531, informações da sua aventura bandeirante e talvez da de Aleixo Garcia que, internando-se mais para o sertão, iniciara com tal feito o esboço da colonização do Paraguai para encontrar a morte nessas selvas primitivas da America.

Mas não trouxesse João Dias de Solis ao largar das margens de Espanha, as instrucções ordenadas pelo rei e datadas de 4 de novembro de 1514, mandando-o ir “a las espaldas de la tierra de onde ahora está Pedro Arias, mi Capitan General y Gobernador de Castilla del Oro, y de alli adelante”, “descubriendo per las dichas espaldas mil y setecientas leguas”; e mais ainda: “contando desde la raya y demarcacion que vá por la punta de la dicha Castilla del Oro adelante, de lo que se no ha descubierto até a hora”, contanto que não tocasse “en costa alguna, de las tierras que pertenecem a la Coruña Real de Portugal, so pena de muerte e perdimento de bienes para nuestra camara, porque nuestra voluntad és que lo assentado y capitulado entre esos reinos y los reinos de Portugal se guarde e cumpla muy enteramente”. E ainda mais: que logo que chegasse abaixo, “das espaldas da Castilla del Oro” mandasse mensageiro a Pedrarias d’Avila, e ao rei da Espanha, um

bom (83); senam que com os ventos oessudoeste e sulsudoeste era desabrigado, e que do vento sulsu-



desenho da dita costa; e se, continuando a navegação pelo littoral verificasse ser esta terra uma ilha e assim ter passagem para o grande oceano descoberto por Balbôa, enviasse cartas suas á ilha de Cuba ou mensageiro encarregado de relatar o que fôra descoberto.

Chegado João Dias de Solis ao futuro rio da Prata, depois de clandestinamente fazer escala em portos da costa já reconhecida como de Portugal, mal se deu á exploração do dito rio, teve por premio a desventura e a morte.

Quando ao rio de Sta. Maria (Solis ou da Prata) aportou depois Magalhães em 1520, mandando embora portuguez uma expedição de Espanha, reconheceu um seu piloto e capitão tambem portuguez, João Lopes de Carvalho, o cabo de Sta. Maria e o rio do mesmo nome, cujas aguas já havia sulcado. Mais rio a dentro baptisavam — Montevidi a um morro á vista, e antes, a a um rio (o Solis Grande de hoje), rio dos Patos ou melhor, o rio dos Begoás de Pero Lopes, situado entre o antigo cabo de Sta. Maria e o Cerro ou Montevidi.

Attingiu esta expedição o rio Uruay ou Uruguai - chamado tambem por Pigafetta, Albo e Brito, rio Solis, - mas por Magalhães Sam Christovam, nome este ainda conservado em portulanos antigos como no de Maggiolo de 1527, no do piloto portuguez anonymo e no de Salviatti da Bibliotheca Laurenciana. Pelo desenho de Pigafetta se vê como a exploração se estendeu ao Paraná e ao Uruguai, não muito longe do qual, e já no rio da Prata, se veem as — Sete Ilhas —, para alguns — as ilhas de las Piedras e actualmente chamadas ilhas de

este tinha baxos ao mar: e á tarde fomos surgir antre a ilha e a terra (83) em fundo de 6 braças e mea



S. Gabriel, e onde, segundo argue o mesmo chronista, se encontraram pedras preciosas.

O mappa de Levino Hulsius no-las dá como: Gemar, 7 insulas.

Após reconhecimento não muito demorado, mas que deu ao grande navegador a certeza de que por essa via não encontraria passagem para o Pacifico, partiu Magalhães do rio — de Sta Maria em busca do Estreito que passaria a immortalizar-lhe o nome.

Se não o antecedeu na visita ao rio cujas aguas deixava, o intrepido navegador ao serviço de Portugal - Christovam Jaques, entre 1516 e 1519, só em alguma viagem desconhecida, feita entre 1519 e 1527 se poderia attribuir a visita deste navegador ao rio de Sta. Maria.

A vinda de Christovam Jaques já vemos assignalada nos portulanos Ribeiro, 1529. Agnese, 1555 (?) e outros o attestam com nomearem duas ilhas fóra do estuario e na costa atlantica — ylhas Christovam Jaques - em paginas passadas identificadas por nós com a Paloma e a Tuna, fronteiras ao actual cabo de Sta. Maria. Alonso de Sta. Cruz tambem no seu "Yslario" assim o affirma, pouco tempo depois de se passar Jaques, crêmos, para o serviço de Espanha.

No que se refere á toponymia desta costa sulina passante de Cananéa, inclusive de terras e rios affluentes do rio da Prata, pode-se dizer, que só depois das viagens da Gazeta Aieman e de Solis, foram certas designações trazidas para os portulanos. Para tanto, tambem concorreram a seguir, as expedições do Jofre de

de preamar. Aqui nesta ilha tomamos agua e lenha e fomos com os bateis fazer pescaria: e em



Loaysa, de Diego Garcia de Moguer e de Sebastian Caboto.

Da expedição de Caboto, no rio da Prata desavinda com a de Diego Garcia - citemos a sua ancoragem no porto do antigo cabo de Sta. Maria, baptisado por Solis - porto da Nossa Senhora da Candelaria -, por elle, Caboto, da Candelaria, e depois conhecido pelo de Maldonado.

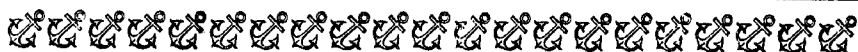
Suspendendo deste porto a 6 de abril de 1527, navegou 40 leguas em aguas fluviaes para dar com o que chamou o - porto de San Lazaro proximo á hoje conhecida punta Gorda, e antes, a 18 de março, com as ilhas por elle chamadas S. Gabriel.

Rumando ao delta do Paraná, neste o procurou Francisco del Puerto, sobrevivente da expedição Solis, para o informar de que, subindo esse e outros rios, poderia alcançar as habitações dos indios conhecedores da existencia dos preciosos metaes.

Seguiu Caboto pelo Paraná das Palmas e na confluencia desse Paraná, - para elle então todo das Palmas, parece, — com o Carcarañá, depois de saber de Francisco del Puerto que as nascentes desse rio eram nas serras “aonde começavam as minas de prata”, construiu ahi uma casa de taipa coberta de madeira e palha, logo após substituida pelo - Forte de Sti. Spiritus - tambem conhecido por Fortaleza de Caboto. Esta fortificação representou papel importante na primeira phase da historia colonial espanhola dessa rede de rios, principalmente por se a saber a 70 ou 80 leguas, segundo os indios comarcãos, de onde se haveriam de encontrar as minas.

Da má fortuna de Caboto nos rios que foi sulcando até

hum dia matamos desoito mil peixes antre corvinas e pescadas e enxovas: pescavamos em fundo de 8



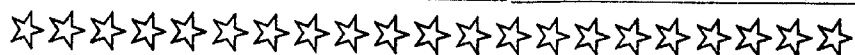
a foz do Paraguai, fallam as chronicas: que em chegando ás terras dos Chandules, os quaes ficavam a oito dias de marcha das minas, teve o navegador nova da chegada ao rio Solis ou da Prata, de uma armada, que a principio informado por Francisco del Puerto, suppoz de Christovam Jaques, mas depois apurou ser de Diego Garcia.

Sebastião Caboto por Carlos V.º mandado ao Estreito de Magalhães, caminho das Molucas, encontrava-se agora em zona que deveria ser explorada por Diego Garcia recém-chegado ao grande rio do sul; e assim, tal encontro deveria originar, como originou, contendas entre os dois capitães.

Apparentemente reconciliados, a principio, tentaram os dois o proseguimento da exploração iniciada; mas desavindos por fim, partiu Garcia antes de Caboto do rio da Prata em busca dos portos - dos Patos e de S. Vicente -, aonde novamente se encontraram. Convem declarar que Garcia na ida tomara neste porto vicentino para seu guia até o rio da Prata ao portuguez Gonçalo da Costa, morador como Antonio Rodrigues, João Ramalho e outros da praia ou sertão de S. Vicente, e dahi, em deante, sempre ao serviço de Espanha. Caboto na ida tambem tomara no porto dos Patos a Enrique Montes que, regressando á Espanha e a Portugal, passaria a servir com notavel relevo, se bem que sobre tal se fizesse calculado silencio, como guia da costa do ouro na expedição de Martim Affonso de Sousa.

A' sentinella avançada do rio da Prata - o cabo de Sta. Maria antigo - chegando Martim Affonso

braças: como lançavamos os anzolos na agua nam



de Sousa em 15 de outubro de 1531, que poderia trazer na sua imaginação esse digno filho do Renascimento Portuguez, attenta as informações de alguns e a phantasia dos mais?

Deixando com certa argucia a Portugal a exaltação do dominio na India, ao tempo em que a Nueva España, a Castilla del Oro, e as minas do Perú lhe annunciavam o que as terras indianas jamais poderiam dar, a Espanha apresentava entretanto, o seu problema maritimo ligado ao problema maritimo lusitano.

Tinha a Espanha, é verdade, cada vez mais proposito formado de nacionalizar, tanto quanto possivel, a sua navegação; mas ainda assim haveria de recorrer a um ou outro afamado piloto ou capitão portuguez, para realizar as suas maiores façanhas maritimas, como o fizera no caso da posse do rio da Prata dando a Solis o commando da empreza.

E se essa não fôra descoberta de Castella, outra mais habil ella ia praticando, qual a dos sertões americanos ao sul e ao centro do continente, principal iniciativa dos companheiros de Solis e de Caboto, sertanistas cujos feitos se transfiguraram em legendas maravilhosas, como a de Aleixo Garcia primeiro, e a de Francisco Cesar depois.

Aquelle foi o precursor da exploração sertaneja mais ao sul do continente e este depois d'elle, partindo de *Sti. Spiritus*, a mando de Caboto, atravessou uma região inclinada para o littoral e alcançou ao noroeste desse ponto a cordilheira dos Andes, montada a qual, encontrou gente muito rica de prata e ouro, muito gado ou "carneros de la tierra", de cuja lan eram fabricados tecidos. Alcançados assim os dominios da nação incaica, regressado Francisco

havia ahi vagar de recolher os peixes. Nesta ilha es-



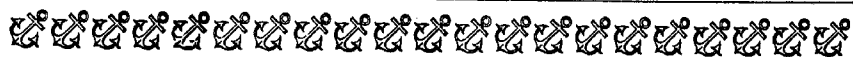
Cesar á fortaleza de Sti. Spiritus, e encontrando-a abandonada, retornou a attingir Cuzco. para testemunhar mais tarde o estrangulamento de Atahualpa decretado por Francisco Pizarro. Já então lograria ser habitante da historica "Ciudad de los Reys"...

Essa intensa campanha sertanista ainda em seus primordios, haveria de interessar profundamente a Portugal que, subtil e astutamente, mandava a Martim Affonso em 1530 ao mesmo tempo varrer do norte brasileiro os franquezas corsarios, e no sul da nova terra avançar o mais possivel os lindes da conquista, para, em mais breve tempo, poder senhorear por esse lado as minas que se houvessem de descobrir no Paraguai e no Perú.

Assim, a cada passo o veiu demonstrando o capitão mór, como nesse mesmo dia 21 de outubro de 1531, em que largando de junto da ilha das Palmas (Maldonado), investia a se apoderar para Portugal de parte dessa privilegiada terra do ouro e prata, julgando-a dentro na posse lindada pelo meridiano das partilhas. Deslocava elle assim, em imaginação de centenas de milhas para o leste o continente sul-americano, ou para o oeste a linha demarcadora.

Para o norte, sabemos ter sido tambem parecer do capitão mór, quando nas ilhas de Cabo Verde encontrara uma chalupa e uma nau de 200 toneis de castelhanos, destinados ao rio de Maranhão (cap. II), de que o ambicionado rio pertencia a "El-Rey nosso senhor" e era dentro, pois, na demarcação portugueza. E se bem que assim o affirmasse, sabe-se que ainda não se haviam plantado á foz do rio Yanez Pinzon ou Oyapoc, os padrões de marmore citados pelo carmellita Marcos de Guada-

tivemos 8 dias esperando por hum bargantim, que



laxara, e erguidos como producto de accordo de Carlos V com D. João III, mostrando em faces oppostas as armas de Castella e as de Portugal.

Como se caminharia para esse accordo sabendo-se que Portugal fazia passar o Maranhão pelo Mar Dulce dos espanhões, e que nem sempre os castelhanos emittiram igual conceito? Pois Enciso em 1519 (Sentence Suisse, pg. 92.) não fizera passar a linha demarcadora entre o Marañon e o Mar Dulce, e mais para as redondezas deste?

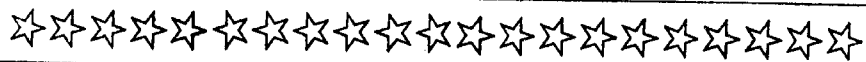
Na Junta de Badajós não passavam os espanhões ainda a linha pela boca de um rio Marañon, deixando toda a mesma embocadura do rio ao occidente da linha?

E quando já vendidas as Molucas a Portugal, pelo Tratado de Saragoça em 1529, não concedia a Espanha, a 20 de maio de 1530, cerca de sete mezes antes da expedição de Martim Affonso, a Diego de Ordaz, poderes necessarios para conquista e povoamento das terras que se encontrassem do rio Marañon até o Cabo de Vela, até essa paragem occupada hoje pela Venezuela?

E já em 1529, um anno antes da expedição, a carta official de Diogo Ribeiro, ao serviço cartographico da Casa de la Contratacion mas inspirado pelos portuguezes, os dois Reinel, não dava já além do Marañon, da Furna Grande, a posse lusitana?

Para Martim Affonso, a julgar por esse precedente e natureza da sua viagem, mais do seu rei havia de ser a posse do rio de Maranhão, que como astuto servidor de D. João III, faria sempre passar por um Mara-

de nossa companhia se perdera: como nam veo



non ou Mar Dulce dos castelhanos. Iria assim afirmando pelos actos da sua conquista e premeditação della, que a linha demarcadora dava a Portugal toda a costa que vinha além deste rio até as terras do sul ganhas com o recuar-se o meridiano no rio de Sta. Maria ou da Prata e afluentes e a passar no ponto escolhido e nomeado por Pero Lopes: o esteiro dos Carandins.

Não fundasse Caboto nestas plagas banhadas pelas aguas do Paraná, ao correr da anterior expedição de que tambem fazia parte Enrique Montes, na confluencia do Carcarañá com aquelle rio, o forte de Sancti Spiritus!

Foi este, provavelmente, o ponto de referencia para a nova posse, uma vez que já tinha o capitão mór o rio de Sta. Maria como descoberta de portuguezes.

Torna-se assim facil de ver que a tomada do esteiro dos Carandins ou dos Quirandies por Pero Lopes em breve realizada, viria a deslocar o meridiano divisorio para o occidente e a justificar o que não muito tempo depois e até findar o seculo XVIII, se tinha e teria como o Brasil Colonial. Tal se consagrara mesmo fóra da Lusitania. Em *Navigationsi et Viaggi del Ramusio*, - obra illustrada com 12 mappas ou portulanos de Gastaldi, (dos quaes um sobre o Brasil e crêmos de 1540), já se lê: "La terra del Brasil è posta, oltre l'Equinottiale nella parte australe verso occidente, distante dalla linea diametrale gradi 10 di longitudine, et cominciando da tre gradi di latitudine australe, corre fino a cinquantadue verso il polo antartico, dove è il capo delle undici mila vergini nell' entrare dello stretto detto di Magallanes, quale fu il primo che trovò il passo per andare all'isole

mandou o capitam I. pôr hũa cruz na ilha e nella



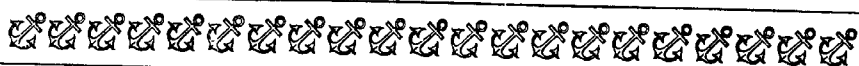
Moluche, qual è similmente in gradi cinquantadue di longitudine occidentale”.

E dos portuguezes, historiadores estimados ou cosmographos, ainda proclamaram, como: Diogo de Castro, dr. Pedro Nunes, amigo e mestre de Martim Affonso, Frei Vicente do Salvador, João Teixeira, frei Gaspar da Madre de Deus e Gabriel Soares, passar a linha hispano-lusitana, “além da ponta do rio das Amasonas da banda do oeste da terra dos Caraibas donde se principia o norte desta provincia”, e abranger em profundidade o sertão, e ao sul até onde viesse a lindar o Brasil e conquistas “por 45 graus, pouco mais ou menos, distantes da linha equinocial e altura do polo antarctico.” (Trat. desc. 1587, Revista Inst.

Hist. Tomo XIV, pg. 17). Dava ainda Gabriel Soares, segundo calculo de Pedro Nunes, ao littoral brasileiro a extensão de 1050 leguas ou cerca de 3.800 milhas maritimas. Sendo a nossa costa, ao presente, de cerca de 3.100 milhas, notava Pedro Nunes a mais 700 das que hoje possuímos neste littoral deixado de ser brasileiro ao correr dos annos, e de que era parte o que se desenvolve - em cerca de 900 milhas contornando a costa e 720 em linha recta - entre o arroio Chuy e terras patagoneas proximas ao golpho de S. Mathias. Seria este o extremo proclamado pelos auctores lusos e aquem do seculo XVI, como da conquista de Portugal.

Tomados por Martim Affonso definitivamente, como era do seu designio, o rio de Maranhão, ao norte, e o rio de Sta. Maria, ao sul, estaria assim fundamentalmente realizado um dos occultos moveis da sua

atada húa carta emburilhada em cera, e nella dizia



empreza marítima e colonizadora. E se por aquella posse a caminho do grande rio do norte, destacara de Pernambuco, a Diogo Leite com duas caravelas, á posse deste outro rio de Sta. Maria vinha elle em pessoa, para que no extremo occidental da conquista se erguessem os padrões portuguezes.

Pelo Diario, foram estes os unicos que mandou erguer oficialmente durante toda a navegação da armada; mas assim não acreditam abalisados auctores com citações que passaremos a commentar.

Sobre um padrão erguido na ilha das Palmas (Gorriti ou Maldonado) em frente ao antigo cabo de Santa Maria, se sabe que, em 1600, a mando do governador Diego Valdez, o piloto espanhol Francisco Fernandez vindo á já chamada "isla de Maldonado ou Palmas, na caça aos corsarios, encontrou um padrão que descreveu como pedra que pesaria tres quintaes, tendo "um escudo grande de Portugal" e em cima outro pequeno "atravessado por uma cruz". (Anales de la Biblioteca de Buenos Aires — Tomo 4.º pg 315).

Pero Lopes, no Diario, não diz ter ahi o capitão mór mandado erguer padrão algum; mas conta, que estando os seus navios junto ao porto defendido por essa ilha, — antes, portanto, da navegação rio acima e consequente naufragio da Capitanea, e ainda á espera do bergantim desgarrado durante a travessia Cananéa - ilha das Onças —, mandara Martim Affonso "pôr húa cruz na ilha" (das Palmas ou Maldonado) e nella atada uma "carta emburilhada em cêra" como aviso e recado ao capitão do bergantim se ahi viesse a aportar.

ao capitam do bargatim o que fizesse vindo ali ter.

Cap. V
O rio de
S.^a Maria
ou da Prata.

(pg. 244)



Igual aviso antes fizera Diego Garcia sobre a ilha dos Lobos para o bergantim atrazado, sendo de tal testemunha Enrique Montes, embarcadiço dos navios de Caboto e a seguir, dos de Martim Affonso.

Encontrou ainda o piloto Francisco Fernandez, nessa mesma ilha das Palmas por essa occasião, como a comprovar ser tal aviso de uso nesse seculo e plantada pelos hollandezes do navio de Amsterdam Silveren Werelt ou "Mundo da Prata" ahi chegado em 1599, uma "cruz e en un brazo della una carga de mosquete con una cedulla dentro en lengua flamenca, que era de los flamencos de la Urca. (Anales de la Bib. Tomo 4.º pg 315) Considerado o que narrámos, teria Martim Affonso seguido rio acima, sem plantar padrões na ilha das Palmas?

Como vimos, o Diario só nos fala ahi de uma cruz que a chronica de Simão de Vasconcellos transformou num marco de posse, quando ainda não se sabia da existencia deste "Diario de Pero Lopes" publicado pela 1.^a vez por Varnhagen, em 1839.

Terá entretanto razão o leitor achando ser essa cruz, a que o piloto Fernandez descobrira no anno 1600, fixa á "uma pedra que pesaria 3 quintaes" e onde se gravara "um escudo de Portugal?"

Se assim não o foi, a quem se deverá então, esse outro padrão erguido nessa ilha das Palmas ou Maldonado, encontrado setenta annos após a viagem de Martim Affonso, e quando já Portugal para vinte annos se achava sob o dominio de Castella?

Outros dirão melhor da pesquisa que não lográmos realizar.

Cap. V
Mappa 7
(à margem)

Domingo 21 de outubro pela manhã partimos desta ilha. Com o vento nordeste fazia o caminho ao longo da costa, que se corre aloeste (84): mea legua de terra ía sempre per fundo de 9, 10 braças. 3 leguas da dita ilha se nos fez o vento noroeste; e á tarde nos deu hũa trovoada com muita agua, e sem nenhum vento; e surgimos em 15 braças de fundo de lama molle. E no quarto da prima nos deu hum pé de vento do sulsudoeste, e de supito saltou ao sul com muita tempestade. A nao capitaina se fez á vela e nos fez sinal: por ser o vento



O NAUFRAGIO DA CAPITANEA

Cap. V.
Mappa 7
(à margem)

Volvendo a acompanhar a navegação dos navios do capitão mór largados do antigo porto do cabo de Sta. Maria ou de junto da punta del Este de Maldonado, notemos serem estes: a nau Capitanea; a nau Nossa Senhora das Candêas; o galeão S. Vicente; a caravela Santa Maria do Cabo, e um bergantim.

A 21 de outubro, com favoravel vento do nordeste, foram navegando ao longo da costa que “se corre aloeste” e della cousa de meia legua, diz o Diario, por fundo de 9 a 10 braças, até cerca de onze milhas da ilha das Palmas; o que quer dizer: subindo o rio de Santa Maria ou da Prata, porque, se fossem buscando para fóra a costa atlantica, não haveriam de navegar a esse rumo.

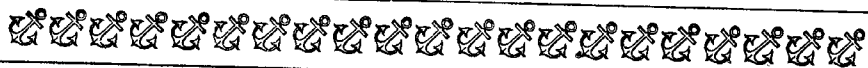
Rondando o vento para o noroeste, não a essa distancia como diz Pero Lopes, mas a maior distancia ainda, já pas-

e o mar mui grande me nam estrevi fazer á vela, nem cobrar hũa ponta, que me demorava a leste e a quarta do sueste; e mandei fazer hum aúste de 120 braças, e com elle caçava como senam levara anchora pelo fundo ser de lama mui mole. A tromenta era tamanha de vento e mar que cada vez metia a nao todos castellos. Mandei fazer outro aúste; e com anchora de forma, e a lançamos ao mar: estando com esta fortuna mandei cortar os castellos todos, e fazer tudo razo, e mandei cortar o cabo ao batel, que tinhamos por popa. Assi estivemos com esta tromenta de mar, que cada vez nos vinha quebrar no convez.



sadas - como poderemos ver na carta ou na miniatura (mappa 7) - a punta de la Ballena e a punta Brava, fundearam os navios em 15 braças de fundo. Soprando depois o vento do sudoeste com muita força, do sussudoeste e do sul em temporal desfeito, velejou a nau Capitanea quando ainda a nau de Pero Lopes se aguentava fundeada. No dia seguinte 22 de outubro, foi esta nau Nossa Senhora das Candêas amanhecer para oeste da punta Brava, no seio que esta faz com a punta Iman. Atterrada assim a nau N.^a S.^a das Candêas, velejou, após metter a ancora dentro em vez de picar a amarra, e navegou ao oeste e depois ao leste, para varar numa praia que lhe demorava ao nordeste. Tinha então, parece, ao lessueste a punta Brava actual, e resolveu em desespero de causa, monta-la, já tendo anteriormente a essas manobras cortado os castellos, abandonado a embarcação que trazia atoadá á popa. Raspou por essa ponta, com grande perigo, que antes lhe deu calma e

Segunda-feira 22 d'outubro e no quarto d'alva me quebrou o aúste da anchora de forma que tornei outra vez a caçar, como dantes. Como amanheceo me achei de terra húa legua e tinha caçado tres; e o galeam Sam Vicente estava a terra de mim: pela sua popa arrebetayam huns baxos, que cada vez parecia o mar mais alto que a gavia. Por caçar tanto determinei de me fazer á vela, e contra rezam de marinheiraria levamos a amarra com muito trabalho e me fiz á vela no bordo d'aloeste; e como vi que nam cobrava os baxos, que arrebetavam ao mar, virei no bordo de leste, para irmos varar em

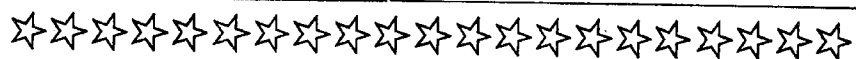


coragem, o piloto ao leme e elle á prôa, a nau na saca e resaca do mar junto á traiçoeira penedia. Mas “prouve á nossa senhora e ao seu bento filho” que a montassem, e ganhando distancia, se fizessem safos do perigo a caminho do fundeadouro junto á ilha do cabo ou das Palmas, ou pouco fóra do fundeadouro do antigo cabo de Sta. Maria. Veiu ella ahi a surgir com 6 palmos d'agua na coberta.

A' vista desta nau N.^a Senhora das Candêas só estivera durante o temporal, o galeão S. Vicente, parece, para a Punta Iman, perto de uns escolhos e em tanto risco quanto a nau; mas pode manobrar a safar-se do perigo, passando por cima delles sem com isto soffrerem as obras vivas do dito galeão.

A' noite desse mesmo dia 22, o S. Vicente veiu para o fundeadouro onde se achava Pero Lopes - junto á ilha das Palmas - e o piloto lhe disse “como vira a nau Capitaina sem mastos”, muito perto de

hûa praia, que nos demorava nordeste, quarta de leste, por ali nos parecer que ao mar nam havia baxos. Indo assi punhamo-la proa na ponta (85), que me demorava a lessueste. Por me parecer que a podia cobrar mandei dar o traquete da gavia, mettendo a nao até o meo do convez, por debaxo do mar: em dando o traquete me quebrou em dous pedaços: ia ja tam perto da ponta que a huns parecia que a podiamos cobrar, e outros bradavam que arribassemos: era tam grande revolta na nao que nos nam entendiamos: mandei meter toda a gente debaxo da coberta; e mandei ao piloto tomar o leme,



terra, a ponto de não poder divisar se ella estava fundeada, se já em seco.

Chegou tambem no dia seguinte, a caravela Sta. Maria do Cabo safa milagrosamente da tormenta, e deu novas de que ao velejar perdera de vista a Capitanea.

Aonde, pois, se daria o naufragio da nau de Martim Affonso de Sousa, authenticado pelo Diario? Nega-o, inadvertidamente, o illustre historiador Visconde de Santarém, na sua "Analyse du journal de la navigation de la flotte qui est allée à la Terre du Brésil, en 1530-1532; e o nosso erudito Varnhagen suppõe - no occorrido á fóz do arroio Chuy, na costa rio-grandense, arroio esse que imprecisamente João Teixeira parece dar como rio Martia.º de Sousa. Entretanto, tal naufragio só poderia ter sido em local ao oeste do antigo porto do cabo de Sta. Maria (actual punta del Este de Maldonado) e poucas milhas ao leste ainda do rio dos begoais, actual Solis Grande.

e eu me fui á proa, e determinei de fazer experien-
cia da fortuna, e me pôr a ver se podia dobrar a
ponta; porque se a nam dobrava nam havia onde
varar, senam em rocha viva, onde nam havia salva-
çam: assi fomos, e prouve a nossa senhora e ao seu
bento filho, que a dobramos; e fui tam perto della
que o mar, que arreventava na costa, nos tornava
com a ressaca a dar na nao, e nos lançou fóra.
Como dobrei a ponta arribamos a nordeste e a
quarta de leste; e á tarde fui surgir na ilha (⁸⁶) do
cabo (⁸⁷). Entrou-nos tanta agua ao dobrar da pon-
ta, que quando a esta ilha achegamos, traziamos



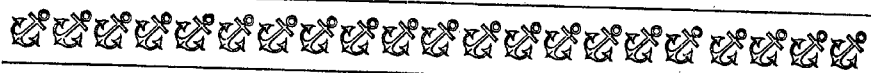
Senão, vejamos:

Ordenou Pero Lopes do fundeadouro da ilha das
Palmas onde se achava, uma expedição de socorro de
30 homens municados para oito dias. Bem recebidos pelos
indios em terra, - no littoral do porto do Maldonado de
hoje - “com grandes choros e cantigas mui tristes”, os ex-
pedicionarios foram seguindo o caminho pela praia, aonde
fizeram fogueira. Acudindo os embarcadiços de Pero Lo-
pes onde lhes appareceu, com a luz do fogo, a sombra de
uma embarcação, ahi encontraram o “batel” da caravela
perdido dias passados.

Já então os indigenas lhes traziam á praia “muito pes-
cado e taçalhos de veado”...

Oito dias após a partida, os expedicionarios regressa-
ram trazendo noticias. A Capitanea havia dado á
costa; o capitão mór achava-se salvo com a sua gente, ex-
cepção feita de 7 homens: seis afogados e um morto de

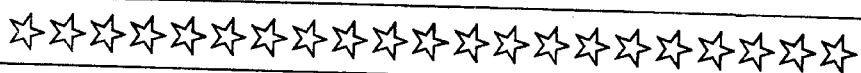
seis palmos d'agua debaxo da coberta. Como aqui esteve surto, se fez o vento sudueste. No quarto da prima veo o galeam Sam Vicente dar comigo, e logo lhe perguntei se trazia batel: e me disse que o perdera, e que nam trazia mais que hũa anchora; e que perdera tres; e passara per riba do arrecife, que estava á terra donde estavamos surtos; e ali se sustivera com o temporal até á noite, que ventou o vento sudoeste. E me disse o piloto como vira a nao capitaina sem mastos muito perto de terra, que da gavia nam pudera divisar se estava em seco, se sobre anchora.



“pasma”; haviam encontrado os naufragos onde alcançaram o littoral, um bergantim novo, muito bem feito, talvez um de Montoya, da anterior expedição Caboto. Foram tambem portadores da ordem de Martim Affonso para Pero Lopes levar ao ponto do naufragio socorro com a caravela.

Deixando esse fundeadouro e nelle o galeão e a nau N.^a Senhora das Candêas, velejou Pero Lopes com a caravela Sta. Maria do Cabo. Navegou até a uma hora da tarde, quando chegou á vista de onde Martim Affonso estava, governando sempre sob o vento do lesnordeste e correndo a costa que sabiamos orientada ao oeste, uma vez montado o antigo cabo de Sta. Maria. Esse local alcançado deveria ser nas proximidades e mais ao oriente do rio dos Begoás hoje Solis Grande: deste rio dado por Pero Lopes distante onze leguas do cabo de Sta. Maria antigo ou 30', 6 pela carta ingleza particular do rio da Prata.,

Terça-feira 23 de outubro no quarto d'alva veo a caravela (88) dar comigo sem cabres, nem anchoras, e com o batel perdido: e disse-me o piloto que passaram na fortuna, detras de hũa ponta, donde fôra ter milagrosamente; e que a nao capitaina, des que o dia dantes se fizera á vela, a nam viram mais. Nam podia determinar o que fizesse: para me fazer á vela nam tinha cabres, nem batel, nem anchora. Determinei de mandar por terra trinta homês; e para isto mandei dous a nado com um cabo, e que o dessem á caravela, que se virasse por minha popa.



Ao surgir, fez-se-lhe o vento do sueste e “carregou” tanto, quando já o seu batel havia ido á terra soccorrer a gente de Martim Affonso, que a caravela não se podendo ahi manter, teve que velejar ao sussudoeste. Assim, veiu dar ao sól posto sobre um banco no estuario, onde esteve correndo perigo.

Tirando na carta uma recta a este citado rumo, partindo das proximidades do rio dos Begoás ou Begoais, vem-se a bater no banco de areia formado ahi no estuario do rio da Prata e conhecido, uma centena de annos depois pelo “banco do inglés, ou inglez”, entre outros roteiros no de Mariz Carneiro, e entre outras cartas na de João Teixeira.

Correndo ao vento do sueste fresco, governando ao sussudoeste, ao sól posto, bem poderia a caravela dar sobre este banco, ao centro de mui pouca agua, e sobre elle passar algumas horas. A’ meia-noite desse dia 5 de novembro acalmou o tempo e, já pela madrugada do dia 6, se fez o

Quarta-feira 24 dias de outubro, por ser ruim o mar, nam pôde a caravela chegar á nao. Êste dia puz em obra fazer hum batel de aduelas dentro na nao.

Quinta-feira 25 do dito mes pela menhãa meti na caravela 30 homês, — os que melhor sabiam nadar; e as armas metidas em hũa pipa funda, por se nam molharem; e dous barris de mantimento para 8 dias: e mandei á caravela que se fosse á terra, e que surgisse quanto nam desse em seco: e que dali se fosse a terra nas jangadas, que levavam dos quartéis da nao franceza (89). E ao meo dia todos foram em terra (90) com assaz trabalho; e da mes-



vento do sudoeste; mas, parece, ainda sob a acção do vento do sueste se achavam as aguas do grande rio, ao amanhecer. Poude a caravela safar-se desse encalhe ao lessueste, para depois poder chegar ao ponto de naufragio de Martim Afonso novamente, mas cremos, esquecendo-se o Diario de nos dar o rumo a que conseguira a caravela alcançar o dito ponto.

Não deve pois, assistir razão a Varnhagen e a outros escriptores, dando-nos como sendo á fóz do arroio Chuy, o naufragio do capitão mór.

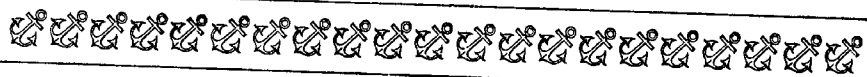
Este engano provém de outros dois enganos:

1.º) de designar-se como o principal cabo de Sta. Maria dos quinhentistas o actual cabo de Santa Maria (Punta Rocha, dos Uruguaios);

2.º) de não se attentar nas seguintes palavras do Diario referindo-se á primeira partida dos navios de Mar-

ma terra acudiram muita gente, e punham-se de longe, sem quererem chegar; até que dous homêdos nossos foram a elles; e logo chegaram e abraçaram a todos com grandes choros e cantigas mui tristes, e como se despediram delles, fizeram seu caminho pela praia. Tendo andado mea legua, me fizeram hum fumo, e vi hũa soma, que me parecia ser o batel dos que perdido tínhamos.

Sesta-feira 26 de outubro fiz hũa jangada, em que lancei o ferro e a forja na ilha, para fazerem pregos para o batel d'aduelas, que dentro na nao fazia. E desd'o meo dia me ventou muito vento sudoeste. E eram tantos os fumos pela terra dentro que impedia a vista do sol.

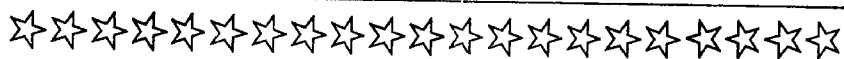


tim Affonso do porto do cabo de Sta. Maria: "Com o vento nordeste fazia o caminho ao longo da costa que se corre aloeste". Ora, esta costa só "corre aloeste" para quem entra no rio da Prata, partindo da punta del Este de Maldonado.

Attentando-se tambem nas demais referencias á navegação feita, tendentes a provar que jamais haveria Pero Lopes ido, em socorro de Martim Affonso buscando o oceano até o Chuy, vemos que as proprias paginas ainda assignalam ter Pero Lopes, a um só rumo e a uma só amura, sob o vento do lesnordeste partido do antigo cabo de Santa Maria pela manhã e chegada á vista de onde Martim Affonso naufragara, á uma hora da tarde. Como poderia assim ser, se não fosse esse local ao oeste da actual punta del Este de Maldonado (antigo cabo de Sta. Maria), em local que não demoraria senão

Sabado 27 do dito mes mandei o mestre com 5 homês, em hum quartel da nao, para que fossem a terra: ver se era batel onde a gente nos fizera o fumo; e á tarde tornou com o batel da caravela, que vinha mui destroçado; e me disse que na terra havia muita agua e boa: e logo mandei á ilha concertar o batel.

Domingo 28 dias do dito mes, como o batel da caravela foi concertado, mandei passar o outro, que tinha começado á ilha. Este dia veo muita gente da terra á praia: mandei la o batel, e deram-lhe muito pescado e taçalhos de veado.



poucas milhas ao leste do actual rio Solis Grande (Be-goás antigo), e rio este distante - 11 leguas - pelo Diario, ou a uma trintena de milhas, na carta ingleza, do antigo cabo de Sta. Maria (punta del Este)?

Para maior clareza, condensemos o nosso pensamento em duas proposições, satisfazendo á seguinte these:

Para alcançar o arroio Chuy, partindo do antigo cabo de Sta. Maria ou do actual cabo de Sta. Maria, como haveria de praticar Pero Lopes, de accordo com as palavras do Diario?

1.º) teria de bordejar no oceano, perdendo caminho ao sueste e ao sul, pois durante toda a travessia soprava de le nordeste: como alcançar, pois, o ponto do naufragio da nau Capitanea, se este fôra, junto ao arroio Chuy, a um só rumo? - como diz o Diario -;

2.º) uma vez que iria á bolina e em bordadas, sendo a media de marcha horaria desses navios, em optimas cir-

Sesta-feira 2 dias de novembro veo a gente, que tinha mandado em busca de Martim Afonso, e me disseram como a nao capitaina dera á costa, por falta d'amarras; e que Martim Afonso, com toda a gente, se salvaram todos a nado; somente morreram 7 pessoas; 6 afogados e 1, que morreo de pasmo: e que o bargantim dera tambem á costa; e porem que lhe nam fizera nojo: e o batel do galeam e da capitaina tinham sãos; e que na praia acharam hum bargantim (91) de tavoado de cedro mui bem feito, o qual Martim Afonso tinha para levar em companhia do batel grande e do outro bargantim



cumstancias de mar e vento, quatro a cinco milhas, gastaria só Pero Lopes sete horas para alcançar, na actual costa rio-grandense, esse pequeno arroio Chuy, distante 70',5 do actual cabo de Sta. Maria e do verdadeiro e antigo cabo de Sta. Maria ou punta del Este de Maldonado, 120 milhas de navegação?

Esclarecido este ponto, prosigamos.

Com um pelotão da gente que trouxera na caravela Sta. Maria do Cabo, seguiu Pero Lopes para terra, aonde Martim Affonso e demais naufragos acamparam, e para se auxiliarem todos no salvamento da ancora e da artilheria da nau Capitanea, considerada perdida.

Porque ahi encontrasse o capitão mór quando ao dar á praia "agarrado a uma taboa" — segundo o dizer da "Brevisima e Sumaria Relaçam".. do seu proprio punho — a um bergantim tavoado de cedro" e de construcção recente, suspeitou de intrusos nesses dominios que tinha como

para entrar pelo (92) dentro; e que Martim Afonso me mandava dizer que com a gente, que as naos possessem escusar, me fosse onde elle estava com a caravela.

Segunda-feira 5 dias do dito mes parti na caravela, com vento lesnordeste: e hũa hora de sol, fui surgir onde a nao capitaina estava á costa; e como fui surto se fez o vento sueste. Mandeí o batel a terra fazer saber a Martim Afonso como eramos ali vindos. Carregou tanto o vento, que antes que o batel viesse, me fiz á vela no bordo do sulsudoeste; e ao sol posto fomos dar em hum baxo, don-



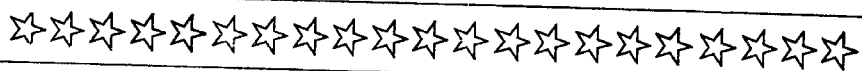
de Portugal; e talvez para certificar-se da suspeita, mandou a caravela a explorar uma ilha “que estava dahi 4 leguas”, onde haveria de esperar recado delle, capitão mór.

Seria essa a ilha das Flores, dada a tão mal calculada distancia? E seria esse bergantim, como dissemos, algum da anterior expedição Caboto?

Diz ainda o Diario que, durante a permanencia nessas paragens dos que vieram em soccorro de Martim Affonso, “tomou o Capitam I. (Irmão) conselho com os pilotos e mestres e com todos que eram para isso: e todos acordaram e assentaram, que elle nam devia de ir pelo rio de Sta. Maria” (ou da Prata) “arriba, per muitas rezões e que a hũa era nam terem mantimentos, que todos se haviam perdido, quando a nao se perdeo: e a outra, que as duas naos” (o galeão S. Vicente e a nau N.^a Senh.^a das Candeas) “que ficaram, estavam tam gastadas que se nam poderiam soster 3 mezes”...

de estivemos perdidos. Assi fomos com mui gram mar e vento trincando até á mea noite, que se fez o vento calma.

Terça-feira 6 dias do dito mes pela menhã se fez o vento sudoeste, e com elle me fiz á vela no bordo de lessueste; e a tarde fui surgir defronte da nao (93) donde o capitam I., aos bateis, mandou por mim e pela gente, e mandou a caravela que se fosse a hũa ilha, que estava d'ahi 4 leguas (94) aloeste, e ahi esperassem até ver seu recado. Aqui estivemos com muito trabalho tirando a artelheria e ferro da nao. Estando aqui tomou o capitam I. con-



Desistindo Martim Affonso da subida do rio “por estas rezões e outras muitas”, mandou nessa empreza, - após 17 dias da chegada ao dito ponto do naufragio e ao rio dos begoás, (o Solis Grande) onde se achavam -, a seu irmão Pero Lopes de Sousa, no bergantim dado á costa e ali encontrado, ou no seu, guarnecido com 30 homens. Eram estes não só portuguezes, diz o Diario — mas tambem alemães, francezes e italianos, e não erraremos tambem dizendo fazer-lhes companhia o aventureiro Enrique Montes. A Pero de Góes, futuro donatario em terras brasileiras, dá ainda Varnhagen como fazendo parte da expedição, talvez apoiando-se em dizer Gabriel Soares (Trat. desc. pg. 96): “que Pero de Góes andou com Pero Lopes na costa do Brasil, e se perdeu com elle no rio da Prata”.

Levava o capitão do bergantim a missão de pôr uns padrões e tomar posse do dito “rio por elRei nosso senhor”, e com a recommendação para que “dentro de 20

selho com os pilotos e mestres, e com todos os que eram para isso; e todos acordaram e assentaram, que elle nam devia de ir pelo Rio de Santa Maria (95) arriba, per muitas rezões; e que a húa eram terem mantimentos, que todos se haviam perdido, quando a nao se perdeo: e a outra que as duas naos (96), que ficaram estavam tam gastadas, que se nam poderiam soster 3 mezes: e a terceira era parecer o rio inavegavel pelos grandes temporaes que cada dia faziam, sendo a força do verão: e por estas rezões e outras muitas, que deram, fizeram que o



dias trabalhasse por tornar”; porque “o porto, onde as naos estavam, era mui desabrigado”.

Affirma o Diario ter Pero Lopes partido a 23 de novembro de 1531, da altura do rio dos Begoais (Solis Grande), ponto proximo ao local do naufragio da nau Capitanea; e devemos suppo-lo, quando os demais navios da expedição ahi se achassem, e portanto antes de ao mando de Martim Affonso partirem para o fundeadouro da antiga ilha das Palmas ou do antigo cabo de Sta. Maria (punta del Este de Maldonado).

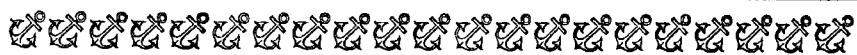
Era o bergantim, em geral, um barco de pouca tonelagem, podendo armar, por bordo, oito ou mais remos, e dispondo de dois mastros que envergavam latinos. Desde as primeiras explorações nesse rio da Prata e afluentes, foi este typo de embarcação com vantagem empregado nessas aguas fluviaes, que ora Pero Lopes iria sulcar.

Durante essa viagem exploradora seremos mais uma vez levado a estudar, talvez ligeiramente, os passos princi-

capitam I. desestisse da ida; e me mandou em hum bargantim com 30 homês a pôr huns padrões, e tomar posse do dito rio por elRei nosso senhor; e que dentro em 20 dias trabalhasse por tornar; porque o porto, onde as naos estavam, era mui desabrigado.

Cap. V
Mappa 7

Sabado 23 dias do mes de Novembro de 1531 estando o sol em 11 graos e 35 meudos de sagitario, e a lua em 27 graos de tauro, parti do Rio dos Begoais (97), que jaz aloeste do cabo de Santa Maria 11 leguas, e levava hum bargantim com 30 homês; tudo bem em ordem de guerra: e fiz meu caminho ao longo da costa, que se corre aloeste.



paes deste Diario: quer se refiram ao systema fluvial, á toponymia conhecida ou esquecida da região visitada, ás particularidades da navegação; quer ao regime meteorologico dominante nessas paragens; quer á ethnologia nessas ribeiras fluviaes aonde os do bergantim foram encontrando selvicolas entregues ao léo da vida nomade e primitiva.

A EXPEDIÇÃO DE PERO LOPES AO ESTEIRO DOS CARANDINS

RIO DOS BEGOÁS -
- ESTEIRO DOS CARANDINS -
- CABO DE SANTA MARIA (ANTIGO)

Cap. V
Mappa 7

Distando o rio dos Begoais ou Begoás (actual Solis Grande) onze leguas segundo Pero Lopes, ou melhor, 30,6 do antigo cabo de Sta. Maria, andou o bergantim em navegação costeira para o oeste, a passar junto a "húa ilha pequena de pedra". Imprecisamente foi este ilhote identificado por Varnhagen com a ilha

2 leguas do dito rio, donde parti, ha hũa ilha pequena (98) toda de pedras, e della a terra firme ha hũa legua: derrador da ilha tem bom surgidouro, de fundo de 5 braças de vasa molle. Indo assi pegado com a costa, a qual he toda limpa, per fundo de 5, 6 braças, ao meo dia houve vista de hũa ilha ao mar (99), que me demorava ao sulsudoeste; e della a terra ha 3 leguas: da banda de leste tem hũa restinga de area comprida, que lança ao nordeste. Passando ávante da ilha descobri hum alto monte, ao qual puz nome — monte de Sam Pedro (100) — e demorava-me aloeste e a quarta do noroeste. Este dia fui



dos Lobos, desacerto natural em quem tomava para referencia o actual, pelo antigo cabo de Sta. Maria. Melhor a identificaria Paul Groussac dando-a como a ilha Raza ou das Piedras de Afilar, tão ligada ao fim da jornada do irmão de Martim Affonso.

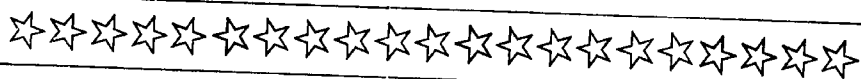
Ao meio-dia desse mesmo 23 de novembro de 1531, em que partiram, avistou o capitão portuguez outra ilha ao sulsudoeste: seria esta, consultando uma carta, a actual ilha das Flôres. Chamou-lhe Pero Lopes: “hũa ilha ao mar”...

Deixando por bombordo essa ilha e continuando a navegar proximo á costa, divisou um alto monte — ao oeste quarta do noroeste da agulha - ao qual nomeou sam Pedro, “cerro” este já baptizado Montevidi desde a expedição de Fernão de Magalhães, em janeiro de 1520.

Buscando fundeadouro á vista do mesmo, nesse abrigo

dormir ao pé do dito monte de Sam Pedro. Desde a dita ilha atraz até este monte, a costa he toda suja de pedra, e ruins baxos: a terra he toda rasa até este monte muito fermosa. Ao pé deste monte ha 2 portos; hum da banda d'aloeste, e outro da banda de leste: nam sam senam para navios pequenos.

Domingo 24 do dito mes, ante menhãa, me fiz á vela com o vento nornordeste. Deste monte de Sam Pedro se começa a costa a loesnoroste, indo assi no golfo de húa enseada, que se faz grande como o dito monte de Sam Pedro, demo-



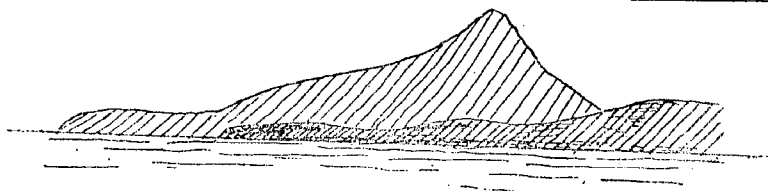
pernoitou com os seus, no bergantim, depois de ter assim percorrido em 12 horas a distancia de cerca de cinquenta milhas, em navegação costeira.

Só em tal navegação poderia vencer a dita distancia, tendo para media da marcha 4 milhas horarias folgadas.

Se o antigo cabo de Sta. Maria não fosse a actual punta del Este de Maldonado da qual o rio dos Begoás distava 30', 6, e este, do "Cerro" ou Monte de sam Pedro cerca de 50 milhas, como poderia vencer Pero Lopes, num bergantim e com a derrota assignada no Diario, de sól a sól, não as 50, mas as 96 milhas, oceanicas e fluviaes, que separassem um rio - onze leguas ou cerca de 30 milhas aquem do actual cabo de Sta. Maria, - do fundeadouro do "Cerro" que alcançara?!

Largado o bergantim, domingo, 24 de novembro, de junto ao monte de Sam Pedro ou Montevidi, do fundeadouro ao leste do "Cerro", vem após navegação

ra a leste e a quarta de sueste, fui dar em fundo de 2 braças e mea, hũa legua de terra (101): e me acalmou o vento, que levava: e me deu trovoada do Sul, com muito vento; e fiz-me no bordo do monte de Sam Pedro, para me meter no porto donde estivera de noite. O vento rodou logo ao sueste; e tornei-me a fazer na volta d'aloeste, para fazer meu caminho. Aqui comecei a achar agua doce, e muito pescado morto. Da ponta (102) desta enseada da banda d'aloeste lança hũa restinga ao mar hũa legua: o mais baxo della he braça e mea, e o mais alto 4 braças. Como passei a dita restinga me acalmou o



contrariada e depois favorecida pelo vento, a ter por boreste os seguintes pontos do continente: a punta del Espinillo, a enseada onde desagua o rio Santa Luzia e a restinga que opposta á citada ponta, se lança bem fóra.

Ahi já encontravam - agua doce - no rio da Prata e navegavam com o sueste, á feição. Sobre essa agua potavel, se deveria dizer, ao tempo da conquista espanhola, ter ella ahi o linde conhecido: e que agora, nesta expedição seria o consagrado, pois tanto na ida como na vinda nessas proximidades da enseada onde se lança o rio Santa Luzia, mandava Pero Lopes que se enchessem as vasilhas do precioso liquido, porque deste ponto para o oriente, se tornavam salgadas as aguas do rio de Sta. Maria ou da Prata.

Igual observação dá Oviedo como se passando a 18

vento; e afuzilava muito a sudoeste e ao noroeste, que nesta costa sam sinaes certos de grandes temporaes: e com este receo me acheguei a terra, para ver se achava porto onde me metesse. Bem pegado com terra me tornou a ventar o vento nordeste, e fui ao longo da costa, a qual se corre a loesnoroeste, per fundo de 4, 5 braças d'area limpa. Indo sempre hum tiro de bésta de terra tornou-me a acalmar o vento bem tarde, e os sinaes do temporal cresciam; determinei de varar o bargantim em terra até passar a noite; e mandei varar em húa area, e tirar o fato todo em terra; e fazer hum reparo de terra; e



leguas do cabo de Sta. Maria, ou cerca de 65 milhas da actual punta del Este de Maldonado, o que nos ajuda tambem e ainda a identificar esta ponta, com o cabo de Santa Maria dos antigos.

Em outras epocas menos remotas, ficou comprovado com estudos de Moussy, Orbigny, Bravard e Burmeyster (Torres — Los primitivos habitantes etc. pg. 7) que as aguas salgadas teriam em dias distantes chegado até São Pedro, Paraná e São Nicolao da terra argentina. Comprovaram tal asserção com o encontro, em certas camadas geologicas dos leitos fluviaes examinados, de restos de certos peixes e molluscos só familiares ás aguas oceanicas.

Convem tambem aqui dizer o que se sabe sobre os ventos e a sua acção no encher e vazar das aguas do rio da Prata: com os ventos fortes do leste e do sueste sóbem as aguas, abaixando-se as mesmas ao soprarem com igual intensidade os do oeste e do sudoeste. Os ventos do norte e do sul mantem-nas sem alteração.

puzemos a artelheria em ordem. E eu fui com 10 homês pela terra ver se achava rasto de gente: nam achei nada; senam rasto de muitas alimarias, e muitas perdizes e cordonizes, e outra muita caça. A terra he mais fermosa e aprasivel que eu já mais cuidei de ver: nam havia homem que se fartasse d'olhar os campos e a fermosura delles. Aqui achei hum rio grande (103); ao longo delle tudo arboredo o mais fermoso que nunca vi: e antes que chegasse ao mar hum tiro de bésta se sumia. E tomamos muita caça e tornamosnos ao bargantim. Ao pôr do sol veo hũa trovoadã do noroeste, com tanta força de vento



Segundo Fitz Roy e Heywood, no estuario do rio da Prata, de setembro a março, sopra o nordeste com tendencia ao leste, mais para dentro no rio e em epoca de lua; e de março a setembro, o sudoeste com tendencia ao oeste, rondando mais para dentro, ao noroeste. Conhece-se ainda do regime dos ventos no hemispherio do sul, que o movimento de rotação delles se faz da direita para a esquerda, isto é, contrario ao movimento dos ponteiros de um relógio: os ventos do norte passam ao noroeste, ao sudoeste e ao sueste; e, quando tal não se dá e sim contrario, se annuncia o mau tempo.

Desde a viagem da altura da enseada onde desagua o rio Sta. Luzia até o cabo de Sam Martinho (pta. de la Colonia actual), gyrou o vento para Pero Lopes, a principio, com o movimento dos ponteiros dos relógios até o sueste, para depois ir ao nordeste, ao noroeste e ao sudoeste em temporal desfeito. Cumprida essa regra da meteorologia local, veiu o bom tempo, não deixando todavia de

e pedra, que nam havia homem, que se tivesse em pé: e de supito saltou ao sudoeste com muita chuva, relampados, e sempre cuidei de perder o bargantim, segundo o mar era grande. Toda esta noite corre-mos tanta fortuna, quanta homês nunca passaram. A agua que choveo me molhou o mantimento todo, que mais nam prestou.

Segunda-feira 25 do dito mes pela menhã alimpou o tempo e veo sol, com que nos enxugamos. Daqui me quizera tornar, por nam termos mantimento; despois pareceo-me que nos podiamos manter com o mantimento, que na terra havia; e com o



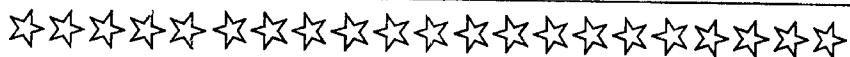
notar Pero Lopes, em outro passo, ser signal de borrasca o fuzilar muito ao sudoeste e ao noroeste.

Volvamos á viagem do bergantim. Já passada a restinga, á boca da enseada onde desagua o rio Santa Luzia actual, com contrario vento a principio e favoravel depois, Pero Lopes por fugir ao mau tempo anunciado, veiu a varar o bergantim em terra e ahi, a passar a noite.

De principio tivemos e temos ainda esta terra “de formosos campos e muito arvoredos” como a banhada pelos actuaes rios Pavon e Pereyra; mas de accordo com a distancia dada por Pero Lopes, somos obrigado a fixa-la em região aonde desagua o rio San Gregorio. Nesse local, colheram os navegantes ovos de ema, emas pequeninas e saborosas, muita caça de qualidade, cardos e mel.

A's duas horas da tarde de 25 de novembro partiram,

pescado o mais feroso e saboroso, que nunca vi. A agua ja aqui era toda doce; mas o mar era tam grande que me nam podia parecer que era rio: na terra havia muitos veados e caça, que tomavamos, e ovos de emas, e emas pequeninas, que eram muito saborosas; na terra ha muito mel, e muito bom: e achavamos tanto que o nam queriamos: e ha cardos, que he mui bom mantimento, e que a gente folgava de comer. E com nos parecer a todos, que nos podiamos soster, determinei de ir ávante, e o vento era sueste, e o tempo estava bom, e de noite havia lua. Parti bem



e-pensavam valer-se do luar para a navegação nocturna; mas mal singraram sete milhas - pelo Diario, na altura de um arroio mais occidental que o outro, (o tambem chamado actualmente - San Gregorio?), tiveram encontro com quatro almadias (canôas ou igaras) de 12 braças de comprido, guarnecidas de indigenas com arcos e frechas, azagaias e pennachos de mil cores, e falando uma lingua differente da do selvicola do Brasil: "do papo", diz Pero Lopes, "como mouros".

Essas embarcações ou grandes canoas seriam á feição das igaras dos nossos tupis? Pelo menos, pareciam-se com ellas nas dimensões: dez a doze braças de comprido por meia braça de largo, e cada uma tripulada por 40 remeiros, em pé, com pás compridas e de mil côres.

Como classificar a gente?

Rogério Barlow, companheiro de Caboto em 1526, notava ao sul de Sta. Catharina actual ou do porto e terra dos Patos, begoás e charrúas; da foz do

tarde; — duas horas de sol, com tençam de andar a noite toda; indo ao longo da costa, por fundo de 6 braças d'area limpa. Sendo 2 leguas dond'e partira, saíram da terra a mim 4 almadias, com muita gente: como as vi puz-me á corda com o bargantim para esperar por ellas: remavam-se tanto, que parecia que voavam. Foram logo comigo todos; traziam arcos e frechas e azagaias de pao tostado, e elles com muitos penachos todos pintados de mil cores; e chegaram logo sem mostrarem que haviam medo: senam com muito prazer abraçando-nos a todos: a fala sua não entendiamos; nem era como a



rio S. Salvador e no Paraná acima, os guaranis, até Sancti Spiritus; e dahi, dessa confluencia do Paraná com o Carcarañá, varias gerações de indios: quirandes ou quirandies, timbús e chanás.

Um documento de 1541 collocava os guaranis no baixo delta do Paraná; e, mais ao nórté: timbús, quirandins caracarás, e begoás.

Por outros documentos ainda concluiremos que na margem esquerda do rio Uruguai e do rio da Prata até alcançar o cabo de Sta. Maria antigo, se deveria deparar com a familia chaná - begoá - timbú, confinando com os charrúas; e portanto, devendo suppor-se como mais vinculado a essas margens, o selvicola affim do charrúa e do chaná. Usavam alguns destes o "tembetá" e tinham habitos de que nos fala Pero Lopes com aguda observação.

Os quirandies ou quirandes (carandins, para o Diario) e os chanás - timbús, para outros auctores, eram

do Brasil; falavam do papo como mouros: as suas almadias eram de 10, 12 braças de comprido e mea braça de largo: o pao dellas era cedro, mui bem lavradas: remavam-nas com hûas pás mui compridas; no cabo das pás penachos e borlas de penas; e remavam cada almadia 40 homêns todos em pé: e por se vir a noite nam fui ás suas tendas, que pareciam em hûa praia defronte donde estava; e paraciam outras muitas almadias varadas em terra: e elles acenavam que fosse lá, que me dariam muita caça; e quando viram que nam queria ir, mandaram hûa almadia por pescado: e foi e veio em tamanha brevi-



nomades na hoje terra argentina, e tinham por lindes das suas jornadas, o rio Salado actual e parece, os confins da actual provincia de Santa Fé. Desses, os quirandes ou carandins que Madero chama transandinos (Quira - ramal; andes - montanhas), sabemos tel-os Caboto encontrado 30 leguas além do rio San Lazaro ou da Punta-Gorda ao subir o Paraná, e Pero Lopes tambem quando veiu, parece guiado pelo aventureiro Enrique Montes, a alcançar em 12 de dezembro de 1531, a terra e o esteiro dos Carandins.

Outra parte que deve ficar esclarecida antes de proseguirmos com o bergantim, é a de dizer-se no Diario, que navegando a mesma embarcação ahi ao longo da costa, tinhã sempre fundo de seis braças. Tivessemos de repetir essa viagem do bergantim e a este fundo não poderiamos hoje faze-la, senão muito ao largo desse littoral. Te-la-ia feito, a tão pouca distancia, Pero Lopes?

dade, que todos ficamos espantados: e deramnos muito pescado: e eu mandeilhes dar muitos cascaveis e christallinas e contas: ficaram tão contentes e mostravam tamanho prazer, que parecia que queriam sair fóra do seu siso: e assi me despedi delles. Quasi noite fezseme o vento nornordeste por riba da terra: e com elle fazia o caminho ao longo da costa, por fundo de 5, 6 braças: como passou mea noite comecei a achar baxos de pedras, e alargueime mais da terra, e tirei a moneta, e fui com pouca vela, com a sonda na mão.

Terça-feira 26 de novembro pela manhã me achei pegado com hũa ponta (104), e fui para do-



Vejamos: O notavel auctor "De los primitivos habitantes del delta del Paraná" - Luiz M. Torres - elucida a questão com dizer que para "sedimentação do rio da Prata recebe este rio 60.000.000 de metros cubicos de lama transportados pelos Paraná e Uruguai"; e, acrescenta ter "o estuario um augmento annual de 0,m 00157 "na altura geral do seu leito". Tal augmento representará por seculo a elevação do fundo de 0,^m 15 e em quatro seculos: 0,^m 60. Ora, quatrocentos annos nos separam da epoca em que se deu a expedição de Pero Lopes, ou a passagem do bergantim por esse littoral; mas, apesar disto, dever-se-á afirmar ter de tanto variado o fundo nessa região platina? A carta de Belin, não com o exagero que o prumo do bergantim requer, até 1764 ou 1770 mostra ter-se dado a elevação do leito mais para essa margem esquerda do rio. Assim, antes da punta de los Artilleros até a enseada onde desagua o Santa Luzia, mostra a quem a com-

brar; e a costa voltava ao noroeste e tomava do norte; e ventava tanto vento noroeste, que nos houvera de soçobrar. Mandei amainar a vela; e fui surgir na ponta da banda de leste, que abrigava do vento: e saí a terra a ver se podíamos tomar algũa caça. E de hûas grandes arbores, em que me fui pór, para divisar a outra costa da banda do noroeste da ponta, houve vista de muitas ilhas (105) todas cheas d'arboredo, hûa legua da terra; e parecia cá que havia abrigo antre ellas. E assi me tornei para o bergantim com muita caça e mel. E á tarde acalmou o vento; e mandei meter os remos; e fui-me ás ilhas: corri-as todas; nunca achei porto nem abrigo, em



parar com cartas anteriores, o mesmo facto, attestando que as aguas em descida rebojando pelas ditas pontas que se succedem ao oriente da punta de la Colonia, veem deixando nessa faxa, depositos de areias e detritos carreados pelos principaes affluentes: Paraná, Uruguai, e outros menores rios.

Apesar de tão positivas demonstrações da elevação do fundo, nessas paragens, ainda de muito deve ahi ter mentido o prumo do bergantim; desse bergantim, que óra, sem interrupção, devemos acompanhar na derrota fluvial.

A 26 de novembro tornemo-lo a rever, - depois do encontro que elle tivera com os indios da margem esquerda do rio da Prata -, e pela manhã, ainda ao leste da actual punta de la Colonia, ou do cabo de Sam Martinho, de Pero Lopes.

que me meter: na mais pequena achei reparo; mas do vento sueste era desabrigada. Aqui estive toda a noite fazendo pescaria.

Quarta-feira 27 de novembro mandei concertar a paduada do bergantim, e pôr a artilharia em ordem, e írmos concertados para pelejar; porque na terra viamos muitos fumos, que he sinal de ajuntamento de gente. E ao meo dia parti destas ilhas, as quaes são sete, todas cheas de arboredo: as tres dellas sam grandes, e as quatro pequenas. Com o vento lesnordeste fazia o caminho ao longo da costa, a qual se corre ao noroeste e toma da quarta do norte. Duas leguas das sete ilhas ha hum rio (106)



Não poude o bergantim montar a referida ponta ou cabo por causa do "noroeste" fresco que soprava: contentou-se com buscar ao leste della, abrigo e fundeadouro, após essa navegação durante uma noite inteira. Indo gente á terra, abasteceu-se de caça e mel a tripulação; e como calmasse á tarde o vento, foram a remos no bergantim buscar as 7 ilhas - de San Gabriel ou islas de las Piedras. Perto da mais pequena tomou fundo o bergantim, para pasar a noite e fazer pescaria. São ilhas hoje nomeadas: San Gabriel, Farallon, as duas Lopez, e as tres de Hornos.

Deixadas as 7 ilhas, tres grandes e quatro pequenas, e após enterrarem em uma dellas barris e outras cousas desnecessarias á viagem rio acima, ja trazia o bergantim em concerto a sua "padezada" e safa a artilheria, na certeza de que se

que traz muita agua: fui para entrar nelle; e a entrada era roim de muitos baxos; e passei por longo da costa per fundo de 7, 8 braças; e a terra he toda chãa: quanto mais ávante ía tanto melhor me parecia: e á pustura do sol fui surgir a hũa ilha grande (107), redonda, toda chea d'arboredo, á qual puz o nome de — S a n t a A n n a. — Aqui estive toda a noite; onde matei muito pescado de muitas maneiras: nenhum era de maneira como o de P o r t u g a l: tomavamos peixes d'altura de hum homem, amarelos e outros pretos com pintas vermelhas, — os mais saborosos do mundo.



haveria de combater, porque se avistavam por boreste “muitos fumos, “o que he sinal de ajuntamento de gente.”

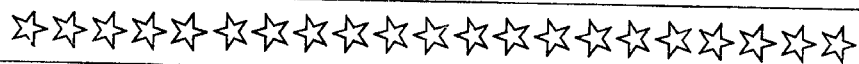
Passando pela foz de hum rio que traz muita agua, o actual rio de San Juan, parece, — e inadvertidamente citado em nota de Varnhagen como o depois baptisado por Pero Lopes, S a m J o ã o - não entrou o capitão com o bergantim por elle, por existirem baixos á foz. Proseguiu na viagem, ao longo da costa, levando a navegação por 7 a 8 braças de fundo.

A nossa observação feita sobre o littoral ao oriente da punta de la Colonia, tem tambem, com outras variantes, applicação ao que se poderá dizer sobre o fundo do rio nesse sector da costa actualmente uruguaia.

Ao pôr do sol desse mesmo dia 27 de novembro, deu elle com “hũa ilha grande, redonda, toda chea d'arboredo” a que chamou S a n t a A n n a. Já era essa nomeada pelos espanhóes Martin Garcia, em lembrança de um dos infelizes embarcações da armada de Solis.

Quinta-feira 28 de novembro saí em terra: nesta ilha achei muitas aves as mais fermosas, que nunca vi. Aqui vi falcões como os de Portugal. O vento saltou ao sul: puz-me da banda do norte da ilha: estive surto com muita tempestade, que se me desabrigára, achára de todo nos perderamos.

Sesta-feira 29 de novembro pela manhã abonançou o tempo, e fui á ilha: mandei pôr fogo em tres partes della; para ver se nos acudia gente: e nam vimos senam fumos, que me demoravam a oes-sudoeste e nam viamos terra: mandei subir dous homês sobre hûas arbores grandes, que estavam na ilha, para ver se viam terra onde nos faziam os



Ao sul della, abrigou-se; e ahi ficou toda a noite até o dia seguinte, 28 de novembro de 1531, quando buscou surgidouro ao norte, em virtude do sul tempestuoso que soprava. Achou Pero Lopes nesta ilha aves formosas, falcões como os de Portugal. Em suas aguas colheu bom pescado: "peixes d'altura de hum homem, amarelos e outros pretos com pintas vermelhas, os mais saborosos do mundo". A's arvores grandes da ilha mandou que subissem dois homens dos seus, a vêrem melhor os fumos que se mostravam ao - oes-sudoeste - isto é, do lado da actual região argentina. Esses espias enxergaram nessa direcção, arvoredos e costa alagadiça. Lançaram os portuguezes fogo a tres partes da ilha, para vêr "se acudia gente". Outrotanto haviam feito como signal, mezes antes, na costa vicentina, e com o mesmo e improficuo resultado.

Acceitaria o indio desta costa ou o daquelle littoral, o fogo como prova de hospitalidade ou signal de bemaventu-

fumos, e viram arboredo, cousa que parecia terra alagadiça.

Sabado 30 de novembro á tarde me fiz á vela com o vento lesnordeste, e fui a hûas ilhas, que me demoravam ao nornoroeste. Desta ilha de Santa Anna ás sete ilhas ha 4 leguas; e corre-se com ellas leste-oeste, e á terra ha duas leguas (108): a estas duas ilhas, a que puz nome de — Sant' André — (109) por ser hoje o seu dia, ha duas leguas da dita ilha de Santa Anna; e estam da terra mea legua: e achei nellas hum bom repairo, onde estive a noite toda.

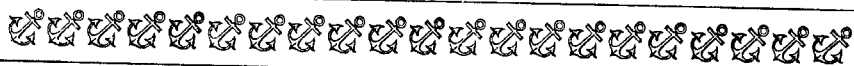


rança? O dessas ribeiras já o demonstrara na praia de Maldonado, fazendo fogueira para indicar aos portuguezes o local onde varara o batel da caravela, como depois tambem na Terra dos Carandins respondendo aos “fumos” dos recémchegados.

Partidos a 30 de novembro da ilha Santa Anna ou Martin Garcia, tendo no minimo a terra argentina a umas sete milhas, foram ainda, no bergantim, ao longo da actual costa uruguaia, e ao NNO, buscar duas ilhas que Pero Lopes baptisou Sant' André. São essas as actuaes Ilhas Hermanas ou 2 Hermanas.

Dava o Diario inadvertidamente a ilha Santa Anna ou Martin Garcia ao leste - oeste com as 7 ilhas ou de San Gabriel, tendo dado, na mesma pagina e uma linha antes, o rumo de nornoroeste a que as buscara e de distancia entre ellas, 4 leguas ou cerca de 14 milhas, quando ha 26 milhas ou cerca de sete leguas. De Santa Anna ou Martin Garcia ás 2 Herma-

Domingo 1.º de dezembro me fiz á vela pela menhãa, com o vento nordeste: e mandei governar a loessudoeste: fazia mui gram nevoa, que nam viamos nada, e fui assi até o meo dia pelo dito rumo; e indo por 5 braças de fundo fui de supito dar em 2 braças; e mais ávante dei em seco (110): e mandei saltar a gente á agua; saímos de seco; e tornei-me por onde viera. Como alimpou a nevoa, me achei hũa legua de hũa terra mui baxa, chea d'arboredo e mui-tos baxos e vi estar hũa boca grande, que me demorava ao noroeste; e fui a demandar por fundo de 2 braças, e ás vezes dando em seco, até que dei em hum canal de sete braças, que ía dar na dita boca: e en-



nas ou Sant' André estima bem o Diario a distancia em 2 leguas ou sete milhas approximadamente.

Passada a noite, dessas ilhas, pela manhã seguiu o bergantim a 1 de dezembro de 1531, ao rumo do oessudoeste da sua agulha e foi, entre nevoeiro, a encalhar nos alagadiços marginaes da actual terra argentina, no delta do Paraná.

Safo do encalhe, retornou por onde viera - diz o Diario ou talvez antes um pouco mais para o norte: alimpando a nevoa baixa pode divisar a boca de um grande rio: o Paranaguazú, certamente. Após, crêmos, passar pela orla do baixo, foi o bergantim navegando mais ou menos aonde hoje se nota o - canal principal - nas cartas inglezas, até os navegantes avistarem a boca do dito - Paranaguazú - não assim por Pero Lopes conhecido mas por hum rio de mea legua de largo. Era a entrada delle orientada leste - oeste; mostrava arvoredo ás margens; corriam-lhe

trei para dentro: e achei um rio (111) de mea legua de largo, e de hũa banda e d'outra tudo cheo de arboredo. A agua corria mui tesa para baxo: havia de fundo 10, 12 braças de lama molle. O rio faz a entrada leste-oeste: da banda do sul na boca delle ha hum esteiro pequeno de 6 braças de largo; e indo mais por o rio arriba, da banda do sul achei outro braço de outra mea legua de largo (112) que ia ao sudoeste, e mais acima achei outro braço (113), que vinha do noroeste: trazia muita agua, e era quasi hũa legua de largo. Entam vi que tudo eram braços (114) e ilhas, antre que andavamos. As ilhas todas sam cheas d'arboredo; dellas sam alagadiças.

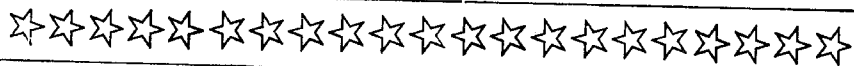


as aguas “mui tesas” ou com muita correntada; e o prumo accusava 10 a 12 braças de fundo talvez, ha 400 annos passados.

Passou depois a navegar por meandros e braços fluviaes, entre ilhas baixas e esteiros por vezes, tendo sempre por bôa referencia, supomos, o Paranaguazú, até o dia 4 de dezembro, quando chegou á boca de um braço do Paraná que vinha do nordeste - o Paraná Bravo, para nós, - assim como ás duas ilhas Dorado e Doradito, as chamadas ilhas dos Corvos, por Pero Lopes, por ahi matarem muitos corvos marinhos. Andou o bergantim pelo Paraná bravo actual e seus braços de 4 a 8 de dezembro, quando regressou ás 2 Ilhas dos Corvos (Dorado e Doradito), no Paranaguazú.

Segunda-feira 2 dias de dezembro, como foi menhãa, mandei remar pelo rio arriba: eram tantas as bocas dos rios, que nam sabia por onde ía; senam ía pela agua arriba; e fez-se-me noite a par de 2 ilhas pequenas onde surgi. Estive a noite toda com muito vento noroeste.

Terça-feira 3 de dezembro corria a agua aqui tanto, que nam podia ír ávante aos remos. A' tarde nos ventou muito vento sudoeste: com elle fomos pelo rio (115) arriba: achava 1 braço, que ía ao norte; outro, que ía ao loeste; e nam sabia por onde fosse. Ja aqui começava a achar as ilhas, com muitos arboredos e frechos e outras mui fermosas arbores;



Por este rio foi subindo, singrando pelo braço ao norte da ilha Botija actual, e depois de passar a noite de 9, na confluencia dos dois braços que a circumdam. Nesses dias 10, 11, e 12, sempre no Paranaguazú e algumas vezes num dos seus braços, mas tornando a elle de continuo, veiu a alcançar já na terra dos Carandins, o esteiro que dos Carandins tambem chamou, para da-lo distante do rio dos begoais ou Solis Grande, 105 leguas ou cerca de 370 milhas. Seria natural este exagero em quem havia feito tão caprichosa navegação.

Lendo a carta de Varnhagen, á guisa de ligeiro prefacio á 3.^a edição do Diario e mais as suas annotações ás pgs. n.^{as} 53, 54 e 55, pode-se interpretar a verdadeira opinião do nosso historiador, como devendo ser este esteiro dos Carandins no rio Negro, affluente do rio Uruguai, e nas proximidades da actual cidade de Mercedes.

muitas ervas e flores como as de Portugal, e outras diferentes; muitas aves e garças e abatardas, e eram tantas as aves, que com páos as matavamos. Já aqui as ilhas nam sam alagadiças: a terra dellas muito fermosa.

Quarta-feira 4 de dezembro indo á vela pelo rio arriba, por hum braço que corria ao noroeste, dei n'outro, que se corria ao nordeste, mui largo: e na boca tinha duas ilhas pequenas (¹¹⁶), todas cheas d'arboredo. Aqui achei muitos corvos marinhos, e matei delles á bésta: e fui pelo dito braço (¹¹⁷): adiante mea legua me anoiteceu; e surgiu a par de hûas arbores, onde estive a noite.



Procuremos melhor interpretar o texto do Diario de Pero Lopes, sem nisso o intuito de desmerecer valor tão alto:

“Sesta-feira, 13 de dezembro parti deste esteiro dos Carandins para me tornar por donde viera. Com o vento noroeste fazia o meu caminho á popa, que ia tam teso, que cada hora” (andava) “3, 4 leguas”.

E assim com o vento do noroeste em pôpa veiu até as 2 ilhas dos Corvos que Pero Lopes dava 35 leguas ou cerca de 126 milhas distantes das 7 ilhas ou San Gabriel. Esta distancia era resultante de calculos feitos ao correr da caprichosa navegação na ida, em braços e esteiros affluentes do Paranaguazú, a qual lhe prolongou as jornadas; mas, no nosso entender, se essas ilhas dos Corvos, forem realmente as Dorado e Doradito actuaes - nós devemos te-las, a sessenta e poucas ou 70 milhas das de San Gabriel.

Quinta-feira 5 de dezembro, indo pelo dito braço arriba, achei muitos sinaes de gente. Faziam muitos fumos pelas ilhas: a terra da banda do sueste me parecia, onde era firme, a mais fermosa que os homês viram: toda chea de froles, e o feno d'altura de hum homem.

Sesta-feira 6 de dezembro fui dar n'hum estreito da banda do noroeste do rio, donde estive a noite toda; e de noite nos deu hũa trovoadá do sudoeste com gram força de vento; e encheu o rio muito com este vento que retinha a agua.

Sabado 7 de dezembro nos ventou o vento a sudoeste com muita força. Fomos com pouca vela pelo



Descia o rio o bergantim, como dissemos, com o vento do noroeste em popa, e, combate Varnhagen, não se poder navegar assim no Paranaguazú, o unico entretanto desses tres rios (Uruguai, rio Negro e Paranaguazú) a manter orientação favoravel a essa derrota, uma vez que corre ao sueste-noroeste.

Não parece haver duvida, para quem consultar uma precisa carta, que foi pelo Paranaguazú que o bergantim alcançou a terra e o esteiro dos Carandins, como já anteriormente Caboto o fizera, para attingir a confluencia do Paraná com o Carcarañá e fundar neste ponto o forte de Sti. Spiritus.

Dá-nos Pero Lopes, a latitude do citado esteiro em 33° e $\frac{3}{4}$ ou 33° e $45'$ sul, calculo feito com a altura do sol referida ao horizonte dessas terras baixas e alagadiças. Esta latitude ao presente, corresponde á região situada em

dito braço arriba, que ao nordeste iam hús fumos que faziam longe pelo rio arriba. E tendo andado 3 leguas me anoiteceu donde os faziam: e saí em terra; e nam achei rasto de gente; senam de muitas alimarias. De noite nos deu rebate húa onça: cuidando que era gente, saí em terra com toda a gente armada.

Domingo 8 de dezembro me tornei por onde viera (118), para ir pelos outros braços arriba, ver se achava gente: e vim pelo rio abaxo dormir ás duas ilhas dos corvos (119).

Segunda-feira 9 de dezembro fui pelo braço arriba, que ía ao noroeste, o qual era mui grande:



paralelo traçado entre Baradero e San Pedro, na terra argentina.

Pelo mappa 7, verá o leitor havermos chegado a dar, mas sem grande precisão - passados que são 400 annos - o local attingido pelo bergantim portuguez. Dando nesse traçado cartographico uma zona lindada da terra dos Carandins, tendo por extremos: San Pedro, braço do Paraná Pavon, Ibicuhi e Baradero, e a marcha do bergantim no Paranaguazú, procurámos, circumscrevendo essa zona, facilitar a identificação mas não precisar todavia o esteiro ou o ponto em que se ergueram os padrões de posse.

O dr. Theodoro Sampaio em seu erudito estudo sobre a "Posse Meridional do Brasil" (Rev. Inst. Hist. e Geog. S. Paulo, vol. 1.º fasc. 2, p. 34.) - parece ter sido o primeiro dos historiadores brasileiros que em opinião opposta a Varnhagen, arguiu ser este esteiro dos Carandins junto á região provavel por nós lindada, (mappa 7), dando-o -, "na

tinha de largo hũa legua e mea; trazia muita agua e grande corrente. Este dia nam andei mais que duas leguas; e surgi antre duas bocas, hũa que ía ao essudoeste (¹²⁰), e outra ao noroeste.

Terça-feira 10 de dezembro fui pelo braço arriba que ía ao noroeste (¹²¹): e tendo andado 4 leguas por elle arriba, fui dar d'um rio de 3 leguas de largo, e ía a loeste; e fui dormir da banda do sul debaxo de hûs frechos. E de noite matamos 4 veados, os maiores que nunca vi.

Quarta-feira 11 de dezembro fui pelo rio arriba com bom vento; e vi um braço pequeno; e metime por elle, o qual ía ao noroeste: neste rio ha hûas



altura do rio dos Arrecifes que rega a terra argentina da banda direita do grande Paraná”. Este rio dos Arrecifes mistura as suas aguas ás do riacho Baradero, entre Baradero e S. Pedro. (Vide carta Archeologica esquematica del delta del Paraná - por - Luis M. Torres.)

Mas por que e como, attingira Pero Lopes, esse esteiro da Terra dos Carandins com o fito de toma-lo para linde occidental do dominio portuguez?

Recordemos, para melhor esclarecer este passo, a expedição anterior á sua, e a assistencia nella e nesta, de um aventureiro conhecedor dessas regiões fluviaes.

Dos navios de Martim Affonso vinha por “provedor de mantimentos”, e certamente embarcara no bergantim com Pero Lopes, no rio dos Begoás, o destemido aventureiro Enrique Montes, companheiro que fôra de Solis, de Christovam Jaques e de Caboto na exploração do rio da Prata e affluentes. Desta ultima expedição

alimarias como raposas, que sempre andam n'agua, e matavamos muitas: tem sabor como cabritos. Indo pelo braço arriba, vi que se fazia mui estreito: e tornei-me ao braço grande; e indo no meo delle descobri outro braço, que ía a loessudoeste; e fui por elle hũa legua, e dei n'outro rio mui grande, que ía a noroeste. È a terra da banda do sudoeste era alta, e parecia ser firme; e da mesma banda do sudoeste, achei hum esteiro, que na boca havia duas braças de largo e hũa de fundo; e segundo a informaçam dos indios era esta terra dos Carandins (122). Mandeï fazer muitos fumos, para ver



principalmente, fôra elle auxiliar valioso embarcado na armada desde o porto dos Patos, e depois servindo em Santi Spiritus, um dos marcos da posse espanhola nesta região.

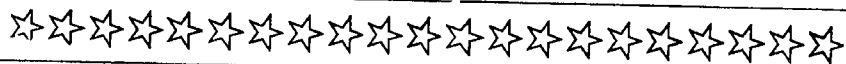
Acompanhando, como supomos, o bergantim de Pero Lopes depois por essas regiões fluviaes, havia elle de cumprir, até onde alcançaram com a dita embarcação, itinerario que bem se approximaria do realizado por Caboto, mostrando detalhes que nos levam a firmar este conceito.

Senão, vejamos:

Do rio San Lazaro, proximo de punta Gorda, Caboto, depois de deixar enterradas ás margens desse rio, cargas e peças inuteis á viagem, buscou com os seus, na galeota fabricada no porto dos Patos, um dos esteiros ou braços que attingem o Paranaguazú a que chegou, após navegar entre muitas ilhas, e dando a uma dellas o nome desse Francisco del Puerto ahi encontrado como sobrevivente da expedição Solis.

se me acudia gente, e no sartam me responderam com fumos mui longe.

Mappa 7
(*á margem*) Quinta-feira 12 de dezembro á boca deste e-
steiro dos Carandins puz dous padrões das
armas d'elrei nosso senhor, e tomei posse da terra
para me tornar d'aqui: por que via que nam podia
tomar pratica da gente da terra; e havia muito que
era partido donde Martim Afonso estava: e fiquei
de ír e vir em 20 dias: e deste esteiro ao rio dos
Beguais (123), donde parti, me fazia 105 le-
guas. Aqui tomei altura do sol em 33 graos e 3
quartos.



Subindo por esse rio Paranaguazú e a trinta le-
guas do antigo rio San Lazaro, veiu a dar no rio
dos Quyrandos ou Carandins dos portuguezes. Ahi existia
essa geração de selvicolas caçadores de veado, os mais
lestos na carreira, bons frecheiros, de alto talhe, no-
mades tantas vezes, mas aonde se estabeleciam, de espaço,
fazendo as suas choças cobertas de couro de veado e de
outros animaes que caçavam.

Só passadas outras trinta leguas dessa região dos
Quyrandos - ou terra dos Carandins de Pero
Lopes - é que Caboto veiu a fundar no confluencia do ou-
tro Paraná com o Carcarañá o seu forte de tão triste fim.

Guiando o bergantim de Pero Lopes, como determi-
naria a derrota o mesmo Enrique Montes? Vejamos: Mon-
tado o cabo de S. Martinho ou a actual pta.
de la Colonia, achegou-se o bergantim portuguez ás sete
ilhas de S. Gabriel, perto de uma das quaes fundeou,

Esta terra dos Carandins he alta ao longo do rio; e no sartam he toda chãa, coberta de feno, que cobre hum homem: ha muita caça nella de veados e emas, e perdizes e cordonizes: he a mais fermosa terra e mais aprazivel, que pode ser. Eu trazia comigo alemães e italianos, e homês que foram á India e francezes, — todos eram espantados da fermosura desta terra; e andavamos todos pasmados que nos nam lembrava tornar. Aqui neste esteiro tomámos muito pescado de muitas maneiras: morre tanto neste rio e tam bom, que só com o pescado, sem outra cousa, se podiam manter; ainda que hum homem coma 10 libras de peixe, em



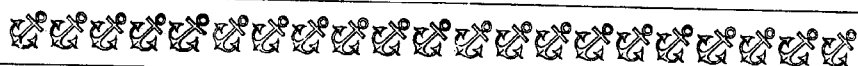
para nessa deixar enterrados “barris e outras cousas” que lhes não eram necessarias á viagem.

Identica lembrança anteriormente tivera Caboto á vista de Enrique Montes, mais adeante, á margem esquerda do rio San Lazaro.

Proseguindo na expedição do bergantim portuguez, vemo-lo procurar a foz de um rio que nos pareceu o — San Juan — actual, nelle não penetrar por haver baixos á foz, e então, seguir para Martin Garcia ou Santa Anna do Diario e para Sant' André ou 2 Hermanas. Dahi, vemo-lo rumar sobre a costa argentina actual e buscar depois entrada pela boca do Paranaguazú que segue em seu curso uma orientação accentuada para o noroeste-sueste; e seguindo-o, apesar de tantas bordadas, avanços e recuos em braços como no do Paraná - bravo e em muitos esteiros, vir a ter como rumo carteadado com soffrivel approximação, o que vem a confundir a sua der-

nas acabando de comer, parece que nam comeu nada; e tornára a comer outras tantas. O ar deste rio he tam bom que nenhũa carne, nem pescado apodrece; e era na força do verão que matavamos veados, e traziamos a carne 10, 12 dias sem sal, e nam fedia. A agua do rio he mui saborosa; pela manhã he quente, e ao meo dia he muito fria; quanta o homem mais bebe, quanto melhor se acha. Nam se podem dizer nem escrever as cousas deste rio, e as bondades delle e da terra.

Sesta-feira 13 de dezembro parti deste esteiro dos Carandins para me tornar por donde viera. Com o vento noroeste fazia o meu caminho



rota com a orientação dessa via fluvial por que foi e tornou. E assim o justificar-se, quando de regresso á foz do dito rio, a seguinte expressão do Diario: “Sesta-feira, “13 de Dezembro parti deste Esteiro dos Carandins, para me tornar por donde viera. Com o vento noroeste fazia o meu caminho á pôpa, que ia tam teso que cada hora (andava) 3, 4 leguas...

Como poderia a este rumo fazer tal derrota se, em vez de descer o Paranaguazú, descesse o Uruguai e o rio Negro, como o quer Varnhagen?

Pisando terra dos Quyrandos ou dos Carandins ou achegando-se ao esteiro comprehendido a nosso vêr, entre os pontos geographicos — San Pedro, braço do Paraná Pavon, Ibicuhi e Baradero — trinta leguas aquem de onde Enrique Montes assistira á fundação de Caboto, resolveu Pero Lopes com certa argucia, erguer ahi

á popa (¹²⁴), que ia tam teso, que cada hora (¹²⁵) 3, 4 leguas. Sendo a par das ilhas dos corvos (¹²⁶), d'antre hum arboredo ouvimos grandes brados, e fomos demandar onde bradavam: e saíu a nós hum homem, á borda do rio, coberto com pelles, com arco e frechas na mão; e fallou-nos 2 ou 3 palavras guaraní, e entenderam-as os linguas, que levava; tornaram-lhe a falar na mesma lingua, nam entendeu; senam disse-nos que era *beguoa a chana* (¹²⁷) e que se chamava *ynhandú*. E chegámos com o bargantim a terra, e logo vieram mais 3 homês e húa molher, todos cobertos com peles: a molher era mui fermosa; trazia os cabellos com-



os padrões de Portugal em nome de D. João III. Ficavam esses padrões bem ao occidente do Brasil conquistado e poderiam aos vindouros justificar pelo meridiano que ahi passasse ainda quando mal se calculava a longitude - a posse de outras terras até o golfo de São Mathias, ou terras sulinas da Patagonia actual.

Enrique Montes foi pois, tudo o parece indicar, o informante preciso e capaz do capitão Pero Lopes de Sousa até essa habitação dos Carandins.

Destes, dizia Luiz Ramirez: "haverem dado aos espanhões uma boa relação "de la Sierra e del Rey Blanco" e geographicamente confirmado que esta "Sierra de la Plata" confinava com o mar, indubitavelmente, o grande oceano descoberto por Balbôa.

Não se deve localizar esse selvícola pois, como Varnhagen o suggeriu, para os lados dos rios Negro e Uruguai, aonde se existisse, não o seria em tão grande ajuntamento,

pridos e castanhos: tinha hús ferretes que lhe tomavam as olheiras: elles traziam na cabeça hús barretes das pelles das cabeças das onças, com os dentes e com tudo. Por acenos lhe entendemos que estava hum homem com outra geraçam, que chamavam *chanás*, e que sabia falar muitas linguas; e que o queria ir a chamar, e estava la diante pelo rio arriba; e que elles íriam e viriam em 6 dias. Entam lhes dei muitas cristalinas e contas e cascadeis, de que foram mui contentes, e a cada hum delles seu barrete vermelho; e á molher húa camisa: e como lhes isto dei, foram a hús juncais, e tiraram duas almadias pequenas, e trouxeram-me



como já a cartographia assignalava, representada na carta de Battista Agnese ou na citada por Toribio de Medina (Tomo I.º Exp. Caboto, pg. 156), e ambas fazendo correr o rio dos Querandios no local parece, hoje occupado por um dos braços do baixo Paraná; ou na de Bartolomeo da Mallorca, dando os “Querandies” em terras ribeirinhas e confinantes tambem com o ramo principal daquelle rio. Alem desses testemunhos e dos já nomeados em periodos anteriores deste trabalho, podemos accrescentar opiniões de subido valor: ainda a de Rogerio Barlow, companheiro de Caboto e já citado; a de Luiz Maria Torres (Los primitivos habitantes etc. pg. 426) juntando-os aos *chanás - timbús* e em zona geographica correspondente á do actual rio Salado até a actual Provincia de Sta. Fé; a de Ruy Diaz de Guzman (La Argentina, cap. IV, pgs. 29 e 30) locando-os entre os actuaes cabo Branco e o rio das Conchas e depois, mais 60 leguas terra a dentro para a

ao bargantim pescado e taçalhos de veado, e hũa posperna d'ovelha; mas nam ousavam de entrar dentro no bargantim, nem seguravam connosco. E assi se foram, dizendo que haviam de vir dahi a 5 dias, e os esperassem nas ditas ilhas dos corvos. Aqui estive 6 dias esperando, nos quaes tomei muita caça e muito pescado, e muitos veados, tamanhos como bois, os quaes faziamos em taçalhos, para levar ás naos. Como vi que nam vinham, ao cabo dos 6 dias me parti.

Quarta-feira 18 dias de dezembro com o vento noroeste mui forçoso; e vim jantar á boca do rio, (128) por onde entrára: e ali tirei muita artelharía a



Cordilheira. Madero no-los classifica como quichúas, e cita aquella conhecida passagem de Schmidel em que se narra a chegada de Pedro de Mendoza ao Riachuelo para a fundação de Buenos Aires, em cujas terras, e dahi distante quatro leguas, havia um "pueblo de casi tres mil indios llamados "Querandins" (Ed. Madero, Hist. del puerto de Buenos Aires, pg. 112); e finalmente Pero Lopes, no seu Diario, buscando regiões que ficavam ao noroeste da boca do Paranaguazú, nos move ainda a ter esses Carandins como habitantes do baixo Paraná, ao noroeste e portanto, acima das ilhas dos Corvos, assim como nos inclina a aceitar, como sendo mais das margens esquerdas do rio Uruguai e da Prata até o antigo cabo de Sta. Maria, os begoás - chanás que nos pareceriam a esse tempo confins com os charrúas.

Tocada a expedição a seu termo com derrota de cerca de 320 milhas navegadas, regressemos com o bergantim ao

ver se me acudia gente. Assi estive até 2 horas depois de meo dia, que parti com o mesmo vento noroeste, e passei pelas ilhas de Sant' André (129) e pela ilha de Santa Anna (130), e fui em se pondo o sol ás 7 ilhas (131), no porto onde estivera, quando por ali passára, onde deixára enterrado barris e outras cousas, que nos nam eram necessarias. Neste dia me fazia que andára 35 leguas. Aqui estive esta noite surto fóra das ilhas em fundo de 8 braças d'area limpa: e de noite me ventou muito vento norte.

Quinta-feira 19 de dezembro pela manhã me fiz á vela, e como descobri o cabo de Sam



ponto de partida, lembrando-nos de que Pero Lopes dissera ser esta terra dos Carandins “alta ao longo do rio” certo numa só das margens, e no sertão, “muito chã, coberta de feno mais alto que um homem; ter muita caça de veados, emas, perdizes e codornizes”; ser terra aprazível e formosa, que encantara a quantos a viram, em sua companhia; alemães, italianos e francezes, estes provavelmente tomados pela armada de Martim Affonso na costa de Pernambuco; serem as aguas ahi de muito bom pescado, e muito leves e saborosas, que quanto mais tomadas mais prazer davam; e os ares tão gratos á vida que “em 10, 12 dias sem sal”, e na força do verão, não se arruinavam caça e pescado.

Marca o dia 13 de dezembro de 1531 a partida em regresso do bérgantim portuguez. Trouxe elle do esteiro

M a r t i n h o (132), que torna a costa lessueste, me deu muito vento lesnordeste: e a remos me acheguei á terra; e me meti em hũa enseada que abrigava do vento, a qual está da banda de leste do c a b o d e S a m M a r t i n h o.

Sesta-feira 20 de dezembro se fez o vento norte, e com elle fiz o meu caminho ao longo da costa; que se corre a lessueste. Corri todo o dia com mui bom vento. Desd'o c a b o d e S a m M a r t i n h o se fazem 3 pontas (133); afastada hũa legua hũa da outra, todas com arboredo, e lançam ao mar restingas de pedras; e antre ellas ha arrecifes mui perigosos. A' cerrada da noite me acalmou o vento á



dos Carandins até as ilhas dos Corvos (Dorado e Doradito), sob a acção do noroeste pela popa e de correnteza desse rumo, um só dia de viagem, quando na ida levara 4 dias, subindo o rio desde esse ponto. Só a 18 de dezembro dahi partia — por aguardar a volta dos be-goás-cha-nás, com alguns dos quaes confabulara — e vinha talvez com oito horas de navegação e com o noroeste á popa, alcançar a boca do Paranaguazú, e ao pôr do sol desse mesmo dia 18, e ainda com o noroeste, - já passadas as 2 Hermanas (Sant' André) e Martin Garcia (Santa Anna) — a vencer as 41,5 que separam a boca do Paranaguazú das Sete ilhas de San Gabriel. Perto da menor ilha em que na ida haviam enterrado cousas desnecessarias á viagem, fundearam, para após tomadas, partirem.

Devemos antes porém, assignalar como o bergantim foi muito favorecido pelos elementos: bom tempo, vento

boca de hum rio, que á entrada era mui baxo. Aqui estive surto até á mea noite, que me deu hũa trovoada do sulsudoeste; e com o vento encheu a agua; e me meti na boca do rio: e como ía enchendo assi me ía metendo para dentro.

Sabado 21 de dezembro como foi menhãa acalmou o vento; e saí do rio, a que puz o nome — de *Sam João* — (134). Saltou o vento ao esnoroste (135), e dei á vela: e 2 leguas do dito rio de *Sam João* achei a gente que á ida topára nas tendas; e saíram-me 6 almadias, e todos sem armas, senam vinham com muito prazer abraçar-nos: e o vento era muito; e fazia gram mar; e elles acena-



á feição e fresco, correnteza fórte e favoravel para o sueste, desde a partida do esteiro, e ainda das ilhas dos *Corvos* até essas ilhas de *San Gabriel*.

Aqui fundeado o bergantim soffreu, ao correr da noite, vento do norte; mas na manhã seguinte 19, poude suspender e buscar o cabo de *Sam Martinho* ou punta de la Colonia, que demorava das sete ilhas, tres milhas apenas. Soprando lesnordeste rijo, achegou-se á terra e num seio que ahi se fórma, já da parte de leste mesmo do cabo, se abrigou até o dia seguinte 20 de dezembro, quando se fez o vento do norte.

Veiu assim navegando á vista da actual costa uruguaia e foi montando as actuaes pontas: *Angostura*, *Artilleros*, *Sauce* e *Rosario*.

Precedido de calma veiu o mau tempo ao sussudoeste, quando já se achava á foz de um rio.

Dia 20, - diz o *Diario* - metteu-se o bergantim pelo dito rio cujas aguas se avolumavam. A este chamou *Pero*

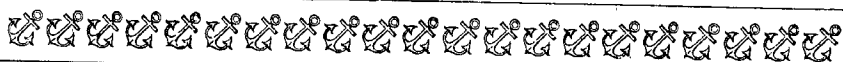
vam-me que entrasse para hum rio, que junto das suas tendas estava. Mandei la hum marinheiro a nado, para ver se tinha boa entrada: e veo e disse-me que era muito estreito, e que nam podiamos estar seguros da gente, que era muita: — que lhe parecia que eram 600 homês; e que aquillo, que pareciam tendas que eram 4 esteiras, que faziam hũa casa em quadra, e em riba eram descobertas: e fato lhe nam víra; senam reides da feição das nossas. Como vi isto me despedi dellas; e lhes dei muita mercadoria; e elles a nós muito pescado. E vinham apoz de nós, hús a nado e outros em almadias, que nadam mais que golfinhos; e da mesma maneira



Lopes, Sam João, e deverá elle ser um dos dois Pavon ou Pereyra da costa uruguaia; por - San Juan -, na cartographia moderna só ficou conhecido outro rio além da punta de la Colonia e já por nós citado.

Ao leste deste mesmo rio Pereyra, assim modernamente chamado, na ida avistou-se Pero Lopes com os selvícolas em 4 grandes canoas; e agora, com pouca differença do mesmo ponto os encontrava em 6 destas embarcações, sem armas e pedindo-lhe, em virtude do “mar” que fazia, entrasse com o bergantim para um rio ás ribeiras do qual jaziam juntas as tendas da tribu. Mandou Pero Lopes um marinheiro a nado ao dito rio — talvez o arroyo San Gregorio; de volta, o marujo relatou-lhe que o rio era estreito e pouco seguro para a gente do bergantim; que avistara talvez 600 homens e tendas destes, as quaes eram “quatro es-

nós com vento á popa muito fresco: — nadavam tanto quanto nós andavamos. Estes homêns sam todos grandes e nervudos; e parece que tem muita força. As molheres parem (136) todas mui bem. Cortam tambem os dedos como os do c a b o d e S a n t a M a r i a; mas nam sam tam tristes. Como me parti delles, mandei encher as vasilhas de agua doce; porque nos achegavamos á enseada onde se ajunta a agua doce com a salgada. Indo assi houve vista do monte de S. Pedro (137); e anoiteceu-me hũa legua delle; e acalmou-me o vento. Aqui nam ha onde surgir, que o fundo he todo de pedra.



teiras que faziam hũa casa em quadra, e em riba descobertas.” Nús andavam, pois diz Pero Lopes: “fato lhe nam viram, senam reides de feição das nossas”. Viu-os ainda o chronista “como homens grandes e nervudos” e nadando mais que golfinhos na esteira do bergantim.

Na ida identificámos este ponto, talvez á vista do littoral proximo ao — arroyo de S. Gregorio — e ao oeste do outro actual rio de S. Gregorio; e apesar de ligeiro desaccordo em distancia, dado pelo Diario, quando de regresso do bergantim, achamos conveniente contra gosto ser mantida esta identificação.

Uma vez que falamos nesses indigenas, devemos dizer que nas ilhas dos Corvos, no Paranaguazú, já tivera Pero Lopes encontro com begoás e begoás - chánás, indigenas esses tambem habitantes desta margem do rio da Prata, tendo por vizinhos provavelmente os charrúas; e tambem que na ida, quando da primeira vez passara por esse local, hoje terra uruguiaia, se avis-

Iamos remando ao longo da costa, e deu-nos hũa trovoadã do sul com muito vento e relampados; e cuidei de sermos todos perdidos; e íamos dar de todo á costa; mandei lançar a fatexa, bem pegados com a rocha, em fundo de 4 braças de pedra. Estando assi com esta fortuna, se lançaram 2 marinheiros a nado, e se foram a terra, ver se havia algum lugar bom, em que dessemos em seco. E de terra bem bradaram que acharam hum esteiro, onde o bargantim podia entrar. Mandeï levar a amarra, que quasi estava quebrada das pedras, e metemos os remos; e pondo muita força cada hum para se



tara com uma mulher begoá - chaná. Della, disse Pero Lopes, ser “mui fermosa”, e trazer “os cabellos compridos e castanhos”, assim como, “uns ferretes que tomavam as “olheiras”, e á cabeça um barrete de pelles de onça com cabeça, dentes e tudo. Usavam os dessa nação, arco e frecha; mas parece, nesse ponto geographico, pelo menos, não usarem “tembetá”, nem “trazerem sobre si” cousas e objectos de ouro e prata oriundos de serra acima e mais da região dos chandules.

Deveriam pertencer estes selvicolas agora reencontrados por Pero Lopes, á familia begoá - chaná - timbú, vizinha dos charrúas.. Tinham os begoás-chanáas o costume do cóрте dos dedos das mãos - por cada morte de parente uma phalange — chegando assim, a terem, quando já velhos, sómente o dedo pollegar. Eram, diz ainda Pero Lopes, menos tristes que os outros, moradores mais proximos do antigo cabo de Sta. Maria.

salvar. Remando mais ávante hum tiro de bésta vi a boca do esteiro; e me meti nelle; e á entrada tem muitas pedras, onde me houvera de perder. Como fui dentro carregou tanto o tempo, que se me achára fóra todos nos perderamos.

Domingo 22 de dezembro passou-se o vento ao sueste, e acalmou: e vasou a agua e ficámos em seco no esteiro: e o fundo delle era de pedras mui agudas. Nesta costa desd'o sueste até o noroeste, como estes ventos ventam desta parte, enche a agua muito (138); ainda que vase a maré podem mais os ventos; e desde lessueste até o nornoroeste, como ven-



Reatando a navegação do bergantim, vemo-lo, a uma le-
gua do "Cerro" ou Montevidi (Monte de Sam
Pedro), acalmado o vento e surprehendido com a noite,
metter-se num esteiro para fugir do tempo mau, e só no
dia 23, sahir a buscar fundeadouro ao oeste do dito monte:
o "Cerro" ou antigo Montevidi.

Aproveitando a surgida nesse fundeadouro, fôram á terra
Pero Lopes e os seus, e se entregaram á caça de emas e
veados; e subindo ao dito Cerro ou monte S. Pedro,
extasiaram-se deante do bellissimo panorama descortinado.
Dahi notaram dois portos: um ao leste, e outro ao oeste do
dito monte, e alargaram a vista por campos extensissimos
de uma formosura sem par, rasgados de rios e plantados de
vigoroso arvoredos. Baixando ás planicies, viram-n'as po-
voadas de gazellas, veados, emas e outras alimarias "tama-
nhas como potros novos e do parecer delles"; e nunca Pero
Lopes vira em Portugal "tantas ovelhas, e cabras quanto
de veados havia nesta terra"...

tam, vasa logo a agua, ainda que a maré encha obedecem os ventos: assi que nesta costa nam ha marés; senam quando ahi nam ha ventos. Desd'o cabo de Santa Maria até o monte de Sam Pedro se corre a costa leste-oeste (139): haverá de caminho 24 leguas (140): e desd'o monte Sam Pedro até o cabo de Sam Martinho se corre a costa a loeste e a quarta do noroeste: ha de caminho 25 leguas (141): e desd'o cabo de Sam Martinho até ás ilhas de Sant' André se corre a costa ao noroeste e toma do norte: ha de caminho 7 leguas (142). Tudo



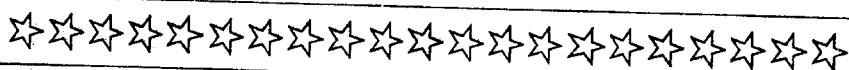
Durante esta travessia até o fundeadouro ao oeste do monte Sam Pedro ou do Cerro, notou Pero Lopes descendo outros afluentes e o rio de Sta. Maria ou da Prata até esse ponto, os seguintes ventos: do noroeste, por seis dias, e logo a seguir, gyrando no sentido contrario ao do movimento dos ponteiros do relógio, para o norte, entremeado de lufadas do lesnordeste; do sussudoeste; do oesnordeste; e do oesnordeste, depois de calma. Este signal de mau tempo foi o mais preciso possível, pois logo cahiram os ventos do sul e do sueste violentos, seguidos de calmaria.

Já que falámos em ventos, convem aqui tratar “do vasar e encher do rio de Santa Maria”, do que elles são factor predominante já devidamente estudado.

Diz Pero Lopes: “Nesta costa desd'o sueste até o noroeste, como estes ventos ventam desta parte enche a agua muito; ainda que vasa a maré podem mais os ventos; e desde lessueste até o nornoro-

mais ávante sam ilhas, que nam tem conto; nem se póde escrever o numero dellas, nem a maneira de que jazem.

Segunda-feira 23 de dezembro saí fóra do esteiro: por ventar muito vento sueste, me meti n'hum porto da banda d'aloeste do monte de Sam Pedro este monte tem hum porto da banda de leste (143) e outro da banda d'aloeste: aqui entrei pela terra; matei muitas emas e veados; e fui com a gente toda ao mais alto do monte de Sam Pedro, donde viamos campos, a estender d'olhos, tam chãos como a palma; e muitos rios: e ao longo



este, como ventam, vasa logo a agua, ainda que a maré encha, obedecem os (aos) ventos; assi que nesta costa nam ha marés, senam quando ahi nam ha ventos.”

Se bem que o intrepido e arguto navegador houvesse uma bôa observação desses phenomenos, e dissesse: — “do sueste até o noroeste” e do “lessueste até nornoroeste nam ha marés senam quando ahi nam ha ventos” —, ha que attentar em estudos posteriores que de passagem aqui registaremos.

Diz Revy: os ventos fortes do leste e do sueste elevam as aguas do rio da Prata; os do oeste e os do sudoeste, as abaixam; e os do norte e do sul, nem as abaixam, nem as elevam. (Hyd. of great rives etc. pg 24, 1874).

O Dr. Luiz Maria Torres, em livro já citado por nós, baseado no Boucarut Manual (pg. 126), em observações de pilotos e antigos moradores das margens do rio da Prata, affirma que: os ventos do oeste e do noroeste occa-

delles arboredo. Nam se póde escrever a fermosura desta terra: os veados e gazelas sam tantos, e emas, e outras alimarias, tamanhas como potros novos e do parecer delles, que he o campo todo coberto desta caça — que nunca vi em Portugal tantas ovelhas, nem cabras, como ha nesta terra de veados. A tarde me tornei para o bargantim.

Terça-feira 24 de dezembro, dia de natal, parti deste porto com o vento norte mui rijo: e em querendo dobrar hũa ponta dei em hum baxo de pedra, que nos lançou o leme hũa lança d'alto: quiz Deus que nos nam quebrou. Indo assi ao longo da costa,



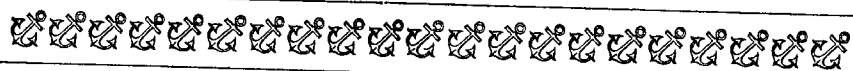
sionam grandes vazantes; os do sueste, enchentes... (Los primitivos habitantes etc. pg 12 - 13)

Mas nenhuma citação com dar-nos a explicação desejada iguala em pittoresco a expressão de Pero Lopes, nesta synthese lucida para quem sulcara o rio em viagem apresada e trabalhosa:

“que nesta costa nam ha marés, senam quando ahi nam ha ventos”.... “Ainda que vase a maré podem mais os ventos...”

Dito o necessario para esclarecer ao leitor sobre este ponto, frisando no que possa referir-se á baixa ou á préa-mar do Atlantico a influir nas aguas do grande rio, ou no que toca ás vazantes e enchentes deste sob a acção dos ventos, —transportemo-nos no dia 24 de dezembro de 1531, para o fundeadouro ao oeste do monte Sam Pedro ou Montevidi antigo, Cerro actual. Vejamos o bargantim largar deste porto com rijo vento do norte; e em

no meo de hũa enseada, carregou tanto vento da terra, que nam podiamos levar vela, e aforçava por nam esgarrar. Entrou-nos tanta agua que nos arresou o bargantim. Mandei lançar anchora: como poz a proa ao mar deu-nos algum lugar a lançar a agua fóra, que estava até á coberta todo arresado. Como fui esgotado tornei a dar á vela, e chegei-me bem á terra; e defronte da ilha da restinga, indo ao longo da terra, demos n'hum peixe com o bargantim, que parecia que dava em seco, e virou o rabo, e quebrou a metade da postiça: foi tam gram pancada que ficámos todos como pasmados: nam



querendo dobrar uma ponta, vir a roçar num parcel e quasi a perder o leme. Tão forte se foi tornando o vento, que não “podiam levar vela” a meio dessa enseada por que então passava o bergantim perlongando a costa. Fundeando e velejando de novo para soffrer novos trabalhos, acostando-se a seguir ao littoral, passando na altura da ilha da restinga -, que Varnhagen acha ser a actual ilha das Flôres - bateu o bergantim roda a roda sobre enorme peixe, diz Pero Lopes, para alguns supersticiosos, sobre um daquelles já lendarios monstros marinhos conhecidos dos mareantes quinhentistas ou, mais provavelmente, sobre algum immerso escolho. Com o choque se deu o arrancamento da “postiça” da embarcação.

Era esse dia vespera do Natal, se bem que já por dia do Natal o tivesse Pero Lopes.

Por festeja-lo poderiam deixar-se no porto, e não vi-rem assim affrontar as iras dos ventos e das aguas. Preferiram os mareantes entretanto não desmentir a nobre vida

lhes vimos mais que o rabo: mas á soma, que depois fez na agua, parecia mui gram peixe. Duas horas de sol me acalmou o vento, hũa legua da ilha das pedras (144); e meti os remos, e fui surgir antre ella e a terra, com tençam d'estar ali a noite. Sendo hũa hora da noite me deu hũa trovoada do nornordeste, que vinha por riba da terra com tanto vento, quanto eu nunca tinha visto, que nam havia homem que falasse, nem que pudesse abrir a boca. Em hum momento nos lançou sobre a ilha das pedras (144); e logo se foi o bargantim ao fundo antre duas pedras, donde foi dar. Saímos todos em



dos marinheiros, a qual manda tantas vezes troquem as horas da paz e alegria pelas da lucta e da aventura.

A uma legua ou cerca de tres milhas e meia da ilha das Pedras, calmou o vento; veiu então o bergantim demanda-la á força de remos. Fundeou entre a ilha e o continente. Mas á uma hora da noite deste Natal tão triste, lhes deu um temporal do nordeste por cima da terra, e os atirou sobre a ilha das Pedras citada.

A's pedras altas e ponteagudas que a formam se agarraram a principio, assistindo com tristeza ao bergantim afundar-se sobre o leito rochoso da ilha e ás aguas do rio da Prata em avanço sobre as pedras e contra elles, com desmedida furia. A um só penedo, por fim, - miniatura do Ararat em tão tremendo diluvio - se agarraram exaustos, "confessando-se uns aos outros, por lhes parecer que era o derradeiro trabalho".

Glorioso Natal dos marinheiros que um estatuario, servindo-se dessas pedras brutas, deveria transfigura-las num

riba das pedras, tam agudas que os pés eram todos cheos de cutiladas. Desta ilha á terra havia hũa legua. Ajuntamo-nos todos em hũa pedra; porque o vento saltou ao mar; e crescia muito a agua, que a ilha era quasi toda coberta; senam hum penedo em que todos estavamos, confessando hûs aos outros, por nos parecer que era este o derradeiro trabalho. Assi passámos toda esta noite em se todos encomendarem a Deus: era tamanho o frio, que os mais dos homês estavam todo entanguidos, e meos mortos. Assi passámos esta noite com tamanha fortuna, quanta homês nunca passaram.



quadro de dôr e de heroismo, reminiscencia de algumas paginas esquecidas da história colonial americana!

Trouxe-lhes a manhã de 25, melhor fortuna, para provar-lhes que não ha mal que sempre dure... Porque se antes, lhes saltou "o vento ao mar" e encheu o rio, - enchente, que, em geral, não excede 48 horas -, depois os favoreceu o tempo, com o "nordeste", diz o Diario, — mas, com o "noroeste", pensamos nós, — e a vazante desejada. Com ella surdiu das aguas, como por milagre, o bergantim naufragado sobre as pedras da ilha, pois "vasou a agua muito". Sim, com o vento do noroeste, pensamos, porque sómente este vento occasiona nesta paragem as vazantes maiores, pondo até á mostra bancos existentes a um kilometro rio a dentro.

Posto a fluctuar o bergantim, com grandes trabalhos, toda a gente já soffredora do cansaço e da fome se aprestou para partir.

Mas aonde essa ilha das Pedras, por Varnha-

Quarta-feira 25 de dezembro pela manhã, saltou o vento a nordeste, e vasou a agua muito; e descobriu o bargantim, e de riba estava ainda são; mas debaxo parecia-nos que era todo quebrado. Alguns homês qe tinham forças, e que estavam em si faziam jangadas de remos e de pavezes, para se lançarem a nado á terra firme. Eu me fui com 3 homês ao bargantim e começámos a esgotar a agua, que dentro tinha, para lhe tirar o masto para nelle irmos á terra. Estando assi me pareceu que tirava a artilharia e fato, que surderia arriba; assi chamei alguns homês: — os que nam sabiam nadar, que os



gen mal identificada com a de las Gaviotas - em frente ao "puerto del Buceo -, e distante para Pero Lopes duas leguas do rio dos Begoás ou Solis Grande?

Qual essa ilha, de onde viria a partir o bergantim após faina tão ardua para toda a gente que o guarnecia, — tal como a de desencalha-lo, allivia-lo da carga e da artilheria, tapar furo na taboa do resbordo, reunir os que se achavam extenuados, emfim se pôrem com segurança, em ordem de poder navegar -, para ainda nesse mesmo dia de Natal, 25 de dezembro de 1531, virem a alcançar o rio dos Begoás com o anoitecer?

Em tão pequena distancia erraria o nosso capitão e chronista?

Duas leguas ou cerca de sete milhas separavam-n'os do rio dos Begoás, o que desmente quem julgar ter sido numa punta de Pedro Lopes existente mais ao oeste desse ponto, o local em que naufragara o bergantim;

que sabiam andavam em se salvar com remos e com páos. Des que tirámos a artelharia e fato fóra, quis nossa senhora que surdiu o bargantim; e demos grandes brados á gente que acudisse, e que se nam lançassem a nado: porque o bargantim estava são, e que eramos todos salvos. O bargantim nam tinha mais que hum buraco na taboa do resbordo, que logo tapámos, e tornámos a meter o fato e recolher a gente nelle, para nos irmos ao rio dos Begoáis (145), que era dahi 2 leguas. Muitos homês estavam ja quasi mortos, que nam tinham forças para andar; e os mandei meter ás costas den-



e confirma a occorrença deste facto bem sobre a ilha Raza - ou das Piedras d'Afilar - distante cerca de sete milhas do rio dos Begoás ou Solis Grande.

Ainda, desta feita, não poderemos concordar com a asserção de Varnhagen, inserta no Tomo 6.º da Revista do Instituto Hist. e Geog. do Brasil, de ter o bergantim abalroado com a ilha Gorriti, actual Maldonado (ilha das Palmas, de Pero Lopes). Contrariam essa sua irrepensada affirmacão as proprias paginas do Diario que continuam a narrativa da derrota.

Quanto ao rio dos Begoás ser o Solis Grande actual, facil será provarmos valendo-nos das cartas de Vaz Dourado (atlas Kunstmann), e de Viegas (1534); do atlas portuguez da Bibliotheca Riccardianna de Florença; e tambem, da distancia que nos dá Pero Lopes: 11 leguas ao oeste do antigo cabo de Sta. Maria ou da punta del Este de Maldonado. E esta distancia de 30', 6 ou 31' de

tro no bargantim: e saltou o vento ao mar, e dei á vela, e fui quasi noite entrar no rio dos Beguais. E nam tinhamos que comer, que havia 2 dias que a gente nam comia; e muitos homês ficaram tam desfigurados do medo, que os nam podia conhecer. Toda esta noite nos choveu e ventou com relampados e trovões; que parecia que se fundia o mundo.

Quinta-feira 26 de dezembro pela manhã abonçou o tempo; mas era contrario a partirmos: e mandei hum homem por terra á ilha das Palmas (146), donde Martim Afonso estava, a lhe dizer

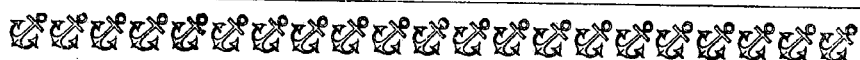


navegação costeira, é a que em menos de um dia de marcha veiu o bergantim a vencer, para buscar o fundeadouro marcado provavelmente para ponto de encontro com Martim Affonso.

Poderia tal realizar-se, se não fôra a punta del Este o antigo cabo de Sta. Maria, e sim o outro, da costa atlantica, distante, cerca de oitenta milhas de navegação do rio dos Begoás?

Antes de suspender o bergantim portuguez do rio dos Begoás, por soprar vento contrario, mandou Pero Lopes um homem por terra á ilha das Palmas (Gorriti ou Maldonado) junto ao antigo cabo de Sta. Maria, d'ahi distante 30,6 e aonde Martim Affonso estaria com a armada. Tinham-lhe Pero Lopes e os seus pedido soccorro de mantimentos, mórmente se o mau tempo continuasse.

que, se o tempo durasse, nos mandasse mantimento, que estava em grande necessidade delle. Este dia nam comemos senam ervas cozidas. E andando pela terra em busca de lenha para nos aquentarmos fomos dar n'hum campo com muitos páos tanchados e reides, que fazia hum cerco, que me pareceu á primeira que era armadilha para caçar veados; e depois vi muitas covas fuscas, que estavam dentro do dito cerco das reides: então vi que eram sepulturas dos que morriam: e tudo quanto tinham lhe punham sobre a cova; porque as pelles, com que andavam cobertos, tinham ali sobre a cova, e outras



Emquanto estavam nesta espera, baixaram á terra e tiveram encontro com os selvicolas dessas partes — provavelmente ramo da familia begoá - chaná - timbú, confim com os charrúas habitantes da margem esquerda do rio de Sta. Maria ou da Prata.

Buscando lenha e caça, os navegantes nos dias que nesse fundeadouro estiveram, puderam observar o viver desse aborigene sul americano; e relataram certos detalhes que, em synthese, daremos.

Numa especie de caiçara construida como a dos nossos tupis - “cêrca de paos tanchados” ou estacada guarnecida de rêdes, á feição de armadilha para caça de veados, - notaram os lusos o cemiterio dos indigenas; e neste, 30 covas abertas; e sobre ellas, “pelles, das com que andavam” sobre si, maçãs de pao, azagaias de pao tostado, rêdes de pescar ou de caçar o veado aligero.

Diz Luiz Maria Torres que os charrúas enterravam os seus mortos em algum monte, com os seus utensilios,

maças de páo, e azagaias de páo tostado, e as reides de pescar e as de caçar veados: todos estavam em contorno da sepultura, e quizera mandar abrir as covas; depois houve medo que acudisse gente da terra, que o houvesse por mal. Aqui juntas estariam 30 covas. Por nam podermos achar outra lenha mandei tirar todos os páos das sepulturas: mandei-os trazer para fazermos fogo, para se fazer de comer com 2 veados, que matámos, de que a gente tomou muita consolaçam. A gente desta terra (147) sam homês mui nervudos e grandes; de rosto sam mui feos: trazem o cabelo comprido; al-



e cobriam os cadaveres com uma substancia desconhecida, destinada á conservação dos mesmos.

Figuera nos instrue “que pelo ceremonial funerario se assemelhavam estes indios aos guaranis”, como tambem “aos charrúas e aos minuanos” que usavam de enterrar, como esses, os seus mortos nos “cerros”, pondo-lhes as armas sobre as sepulturas.

Segundo Pero Lopes os que ahi viviam, eram “nervudos e grandes”; tinham “cabellos compridos, rostos mui féos”; furavam os narizes e os beiços que guarneciam com o “tembetá” feito de “pedaços de cobre mui lucente”. Dos que encontrara na altura do arroio S. Gregorio, — no littoral entre a punta del Espinillo e a punta de la Colonia, pouco aquém do seu rio Sam João (Pereyra ou Pavon actuaes), não dissera haver sobre elles nenhuma peça de metal precioso; mas nos desta região do antigo cabo de Santa Maria já assignalava o uso do metal, certo, originario das faldas andinas ou de sobre serra.

guns delles furam os narizes, e nos buracos trazem metidos pedaços de cobre mui lucente: todos andam cobertos com pelles: dormem no campo onde lhes anoitece: não trazem outra cousa comsigo senam pelles e reides para caçar: trazem por armas hum pilouro de pedra do tamanho d'hum falcão, e delle sae hum cordel de húa braça e mea de comprido, e no cabo húa borla de penas d'ema grande; e tiram. com elle como com funda: e trazem húas azagaias feitas de páo, e húas porras de páo do tamanho de hum covado. Nam comem outra cousa senam carne e pescado: sam mui tristes; o mais do tempo choram. Quando morre algum



Pero Lopes e os seus notaram mais: cobrirem-se os indigenas de pelles; dormirem pelos campos onde lhes anoitecia; usarem de umas fundas singulares com que atiravam o projectil, qual “pelouro de pedra do tamanho d'hum falcão”; boleadoras que se faziam com “hum cordel de húa braça e méa de comprido, e no cabo húa borla de penas de ema grande”. Atiravam com esta arma como se fôsse funda. Serviam-se ainda de “azagaias feitas de páo tostado” e de uns cacetes de madeira do tamanho de um covado, uma variante senão o proprio taca pe do nosso tupi.

Cortavam por phalanges, os dedos: uma phalange por morte de cada parente, como os indigenas encontrados rio acima; e como estes, tambem falavam “do papo como mouros”. Eram indifferentes ao entusiasmo ou á alegria, recibessem presentes, ouvissem troar a artilheria do bergantim, mostrassem-se-lhes cousas que desconheciam. Eram de natureza tristes: folgavam com suspirar e chorar...

delles segundo o parentesco, assi cortam os dedos — por cada parente húa junta; e vi muitos homês velhos, que nam tinham senam o dedo polegar. O falar delles he do papo como mouros. Quando nos vinham ver nam traziam nenhúa molher comsigo; nem vi mais que húa velha, e como chegou a nós lançou-se no chão de bruços; e nunca alevantou o rosto: com, nenhúa cousa nossa folgavam, nem amostravam contentamento com nada. Se traziam pescado ou carne davam-no-lo de graça, e se lhe davam algũa mercaderia nam folgavam; mostrámos-lhe quanto traziamos; nam se espantavam, nem



Mas quando Pero Lopes subira esse rio da Prata, vira-os em outras estancias sem as grandes nevoas da tristeza, as quaes, nessa paragem lhes sombreavam o gesto. A alma desses selvicolas mais de rio a dentro, como que fraternizando com a belleza e a doçura dos campos povoados de livres gazellas, aligeras emas e ariscos veados, os integrava num sentimento de mais intima alegria da vida. A alma dos outros que tomaram por habitação o littoral mais vizinho do Atlantico, e enferma de tanta tristeza, não teria sido vencida por esse grande mestre da melancolia, que é o Mar?...

Em contraste de sentimento com estes indigenas, haviam de estar Pero Lopes e os seus, por se avizinham das aguas oceanicas buscando no bergantim o fundeadouro na ilha das Palmas, junto do antigo cabo de Sta. Maria, e trazendo do Esteiro 280 milhas de navegação, menos cerca de 40 das que na ida consumiram. Ao pôr do sol desse 27 de dezembro de 1531, regres-

havam medo a artelharia; senam suspiravam sempre; e nunca faziam modo senam de tristeza; nem me parece que folgavam com outra cousa.

Sesta-feira 27 de dezembro parti do rio dos Begoaais, e em se querendo pôr o sol cheguei á ilha das Palmas onde Martim Afonso



savam a este fundeadouro onde o capitão mór Martim Afonso, com os seus navios, ancioso os aguardava.

Tinham os expedicionarios percorrido cerca de 600 milhas em trinta e quatro dias de ausencia da força naval do capitão mór, espaço de tempo em que haviam realizado com valor a posse de novas terras, plantando, como vimos, os padrões portuguezes no esteiro dos Carandins, e colhendo bons informes das regiões visitadas e quasi desconhecidas.

**RECONHECIMENTO DE M. AFFONSO,
ENTRE O CABO DE STA. MARIA (ANTIGO)
E O CABO DE STA. MARTHA**

Cap. V
Mappa 8
(á margem)
(pag. 327)

Antes da partida annunciada dos navios desse cabo de Sta. Maria antigo, tratemos do reconhecimento que Martim Affonso provavelmenteprehendera nos 34 dias de ausencia de Pero Lopes, sem que sobre isto nos forneça nota alguma o Diario.

Sabemos que desde o inicio da expedição do bergantim, isto é, desde 23 de novembro de 1531, quando esta embarcação deixara o rio dos Begoás, ficara Martim Afonso com os seguintes navios: N^a. Senhora das Candêas, galeão S. Vicente, caravela Sta. Ma-

estava. Esta ilha das Palmas he muito pe-



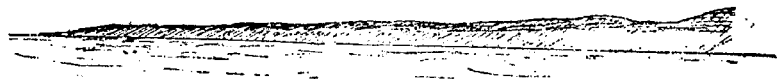
ria do Cabo e outro bergantim seu, dado á costa, e talvez com elles óra tambem fundeado no ancoradouro do cabo de Sta. Maria.

Ficaram esses navios, durante essa trintena de dias, e sob a avisada chefia do capitão mór, em absoluto descanso?

Achamos que não: e principalmente, porque a carta de Viegas, a primeira publicada após a expedição affonsina, nos ajuda a concluir por essa fórma, uma vez que nos apresenta sobre a anterior carta de Diogo Ribeiro e como fructo de uma expedição immediata que só poderia ter sido a de Martim Affonso: ao norte, a — bahia de Diogo Leite — e ao sul, tres pontos geographicos que passaremos a identificar.

- a) ilhas das Onças (I. das Õças) — Eram as tres ilhas de pedra pelo capitão mór assim baptisadas quando vinha de Cananéa para o cabo de Sta. Maria. Junto a ellas permaneceu de 12 a 14 de outubro de 1531. Estas tres ilhas seriam 3 das já conhecidas ilhas Rodrigo Alvarez ou em carta moderna, 3 das 5 ilhas Torres, e hoje nomeadas: Rasa, Encantada e Islote.
- b) Sam P.º ou Sam Pedro: provavelmente será a hoje barra do rio Grande do Sul.
- c) Rio Martim Affonso de Souza (rio mti a.º de souza). — Este rio ficava entre o cabo da terra alta (P. Lopes) ou nos Reinel, as serras de

quena; della a terra ha hum quarto de legua: faz



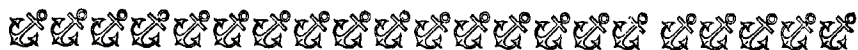
Santa Marta da Pena (cabo de Sta. Martha e Sam P.^o ou Sam Pedro (barra do Rio Grande).

Ora, havendo Martim Affonso na sua viagem para o rio de Sta. Maria ou da Prata, nas travessias Cananéa - ylhas das onças e ylhas das onças — cabo de Sta. Maria antigo, tocado somente nestas 3 ilhas, e não havendo depois, no seu regresso do antigo cabo de Santa Maria para Cananéa, escalado em nenhum ponto geographico comprehendido neste sector da costa, como explicar o apparecimento na carta de Viegas em 1534 desses outros dois pontos: Sam Pedro e rio Martim Affonso de Sousa?

Manda a bôa razão que se explique esta lacuna do Diario, com se admittir o haver Martim Affonso feito durante a ausenciã de Pero Lopes empenhado na viagem á terra dos Carandins, um reconhecimento desse sector da costa - aonde desgarrara na vinda um bergantim seu - e então, visitado e descoberto a actual barra do Rio Grande a que chamou Sam Pedro e o actualmente nomeado rio Mampituba a que chamariam logo a seguir rio Martim Affonso de Sousa. A este rio, talvez já a carta dos Reinel nomeasse o rio dos Negros.

Deste rio Martim Affonso de Sousa, disse Simão de Vasconcellos, nas "Noticias antecedentes das Couzas do Brazil" que assim se o nomeara "porque nelle sahio em terra o Capitam Martim Affonso", e Gabriel Soares antes, em 1587, já informava: "este rio está em trinta grãos e um

a entrada da banda do sudoeste (148) : ha de fundo



quarto; e chama-se Martim Affonso por elle o descobrir quando andou correndo esta costa de S. Vicente até o rio da Prata.” (Trat. desc. pg. 105). A carta de João Teixeira, quasi um seculo depois, o fez descahir no traçado mais para o sul, com latitude mais ou menos do actual arroio Chuy. Este engano engendrou outro engano: qual o de se dar ahi, certo suggestionado pelo nome do proprio capitão mór, como o local do naufragio da Capitanea, em vez de se o dar nas proximidades do rio dos Begoás, como suppomos.

Expondo assim esses passos — não relatados no Diario de Pero Lopes, por andar este capitão empenhado na sua viagem á terra dos Carandins — parece-nos ser esta a melhor maneira de explicar o apparecimento dos nomes assignalados: Sam Pedro e rio Martim Affonso de Sousa, nessa carta portugueza de 1534.

Toma relevo e cunho de veracidade esta asserção, com seguramente saber-se não haver por ahi andado qualquer outra expedição a descobrir ou a reconhecer este sector da costa brasileira, entre 1530 e 1534.

E' de suppor portanto, pelo que fica exposto, ter Pero Lopes, ao chegar no bergantim de volta da missão que lhe fora confiada, ahi encontrado no fundeadouro proximo á ilha das Palmas, a Martim Affonso de regresso do reconhecimento ao longo da costa lindada pelo antigo cabo de Sta. Maria (punta del Este de Maldonado) ao sul, e ao norte pelo cabo da terra alta do Diario, ou o cabo ou serras de santa marta da pena (cabo de Sta. Martha).

limpo 4, 5, 6 braças. Ao mar della, hũa legua ao sul, ha hûs baxos de pedra mui perigosos. Aqui



As novas que Pero Lopes dera ao capitão mór das terras marginaes do rio da Prata e afluentes cuja posse realizara até essa região do baixo Paraná, haveriam de influir na orientação colonizadora do Brasil.

Então mais sedutoras e dignas do cuidado de Martim Affonso para a grande obra de que seria o precursor, não se mostrariam essas paragens ribeirinhas do grande rio, mas outras, como as de S. Vicente, de cujas vizinhanças (Cananéa) fizera partir a 1.º de setembro de 1531 com o compromisso de regresso a julho de 1532, a bandeira de Pero Lobo Pinheiro guiada pelo aventureiro Francisco de Chaves.

Influiriam ainda nessa resolução :

a) o não se contender de momento com a Espanha, pois a terra vicentina ou o porto de S. Vicente, já era conhecida habitação de portuguezes, além de ser favorecido de um clima temperado, qual para o capitão mór e os seus não fôra, o das paragens platinas; e depois, quando formado um nucleo colonizador em S. Vicente, que importancia não poderia tal porto merecer como futuro porto das minas?! -

b) a estrategica posição geographica da costa vicentina com caminho já tentado para as minas do Paraguai e do Perú, nessa costa "do ouro e prata" — menos afastada das terras europeas que a do rio de Sta. Maria - e ao tempo, em que ficaria respondendo como base ou defeza

estivemos nesta ilha 4 dias fazendo-nos prestes para nos irmos ao rio de Sam Vicente.

Cap. V
Mappa 8
(á margem)
Reconhecimento
M. Affonso
(pg. 322)



da “costa do pau brasil” ao norte, a feitoria do rio de Pernambuco;

c) o ser a terra vicentina e de Cananéa a unica em que soubera de habitação de portuguezes e castelhanos na “costa do ouro e prata”, porque da assistencia de espanhões no porto dos Patos só veiu a conhecer depois, quando estes se lhe apresentaram em S. Vicente como passageiros da caravela Sta. Maria do Cabo — mandada em soccorro dos do bergantim desgarrado;

d) o já ter realizada a posse official do rio de Sta. Maria ou da Prata e do baixo Paraná, com erguer os padrões no esteiro dos Carandins, em epoca em que suporia ter já Diogo Leite alcançado o rio de Maranhão, para assim, a um tempo, realizarem o premeditado recúo da linha demarcadora; e o serem ainda desconhecidas delle as reclamações, que na ausencia de Carlos V, mas certo, com a sciencia do mesmo imperador, fazia a imperatriz de Espanha a D. João III, sobre o descobrimento do rio Solis (Sta. Maria ou da Prata) e expressas em documentos que no Capitulo IX deste trabalho serão estudados com o possivel detalhe.

E assim a 1.º de janeiro de 1532, orgulhoso da sua conquista, que tambem affirmaria para Portugal officialmente a da armada de D. Nuno Manuel antes da de Solis, andaria o nosso illustre capitão mór, quando se determinara de partir das proximidades dessa punta del Este de Maldonado (antigo cabo de Sta. Maria), para estabelecer, mais ao nórté, a colonização official portugueza na extensa costa do Brasil.

Cap. VI
Mappa 8

Terça-feira 1.º dia de janeiro partimos desta ilha com o vento lesnordeste; fizemos o caminho do sudoeste. A' noite se fez norte, e fizemos o caminho a leste toda a noite, com bom vento (149).

Quarta-feira 2 de janeiro pela manhã saltou o vento a sudoeste; fizemos o caminho ao nordeste e a quarta de leste (150); e á noite acalmou o vento: e ao pôr do sol vimos terra, a qual se corre a nordeste-sudoeste. Esta noite fizemos hũa agua mui



CABO DE STA. MARIA (ANTIGO) -
- CANANÉA -
- PORTO DE S. VICENTE

Cap. VI
Mappa 8

Sem a nau Capitanea, perdida em naufragio, e o bergantim em que se aventurara Pero Lopes até o esteiro dos Carandins, suspendia de junto da ilha das Palmas, diminuida em poder offensivo a força naval óra constituida da nau Nª. Senhora das Candeas, do galeão S. Vicente e da caravela Sta. Maria do Cabo.

A 1.º de janeiro de 1532, como para festejarem o novo anno no mar, largavam desse fundeadouro proximo da actual ilha Gorriti ou Maldonado e davam uma bordada ao sudoeste da agulha, a safarem-se provavelmente da isla de los lovos ou ilha dos lobos. A noite, fazendo-se o vento do norte, rumaram ao leste da agulha, para, pela manhã de 2, por saltar o vento ao sudoeste, seguirem ao nordeste quarta do leste das agulhas, rumo que descontado do quanto ahi, suppomos, estas "abatiam", antes deveramos ter entre o norte quarta do nordeste e o nor-nordeste verdadeiros.

grande, e davamos hum relogio á bomba e outro nam.

Quinta-feira 3 de janeiro pela manhã nos deu muito vento sudoeste: faziamos o caminho ao nordeste e a quarta de leste. E mandou Martim Affonso a caravela ao porto dos Patos, para ver se achava o bargantim ou a gente delle, que perderamos de companhia, quando íamos para o rio (151);

Tendo a terra por bombordo e navegando a este rumo, sendo agora capitanea a N.^a S.^a das Candêas onde vinham embarcados Martim Affonso e Pero Lopes, já notavam ambos ao pôr do sól deste mesmo dia 2, que a costa ahi corria ao nordeste sudoeste. A 3, soffriam muito vento do sudoeste; navegavam ainda ao nordeste quarta do leste da agulha da nau, mas parece, mais ao norte quarta do nordeste verdadeiro. Nesse mesmo dia, mandou Martim Affonso que a caravela Sta. Maria do Cabo governando ao nordeste quarta do norte, ainda da agulha, buscasse o porto dos Patos, na indagação do bargantim e gente delle perdidos durante a travessia Cananéa - ylhas das Onças.

Ficou o capitão môr com a nau N.^a S.^a das Candêas e o galeão S. Vicente. Nessa noite correram com muito bom vento pela popa.

No dia 4, quando a caravela já iria no caminho ordenado, achavam-se os dois navios dez leguas ou 36 milhas ao sul do porto dos Patos, provavelmente na altura do porto de Imbituba: diz o Diario, que perto de umas barreiras vermelhas. Notava-se ahi, como a agulha dos navios variava para o noroeste, e a corrente maritima os parecia tocar para a costa. Ao pôr do sól desse mesmo dia,

e mandou-lhe que governasse ao nordeste e a quarta do norte. Este dia tomei a altura em 29 graos e tres quartos: fazia-me de terra 15 leguas. Esta noite corremos á popa com mui bom vento.

Sesta-feira 4 de janeiro houve vista de terra, — hûas barreiras vermelhas, que estam des leguas ao sul (152) do porto dos Patos. E ao sol posto fui com o porto dos Patos (153). Por me afastar de terra fiz o caminho a lesnordeste,



achando-se no mesmo paralelo do porto dos Patos, teve de amaran-se, fazendo caminho do lesnordeste, exageradamente marcado pela sua agulha, e sob a acção do vento do sul. Abria a sua derrota, na altura da ilha de Santa Catharina, com muito mar, toda a noite. Sábado 5, abonçou o tempo; e domingo 6, rondou o vento para o sussueste, correndo os navios pela noite a dentro ao nordeste quarta do leste, já citado como nos parecendo ser o rumo da agulha, entre o norte e o norte quarta do nordeste verdadeiro.

No dia 7 de janeiro, indo neste caminho, - diz o Diario - avistaram "terra muito alta", a cerca de 25 milhas. Foram no bordo della até a noite, quando se lhes fez o vento do lesnordeste. Por se guardarem da costa, amararam-se de novo. Mas, no dia seguinte, 8 de janeiro, viraram para o littoral outra vez, durante o quarto d'alva. Ao meio-dia, reconheciam terra e o rio da banda do nordeste da Cananéa. Suppunham nesse instante o porto

com o vento sul, e com mui gram mar fizemos tanta agua toda esta noite, que não levamos a mão da bomba até pela manhã, que tomámos parte della.

Sabado 5 dias de janeiro abonançou mais o tempo e o mar; e ao meo dia tomei o sol em 27 graos.

Domingo 6 do dito mes nos ventou o vento sulsueste, e com o traquete baxo corremos a noite toda ao nordeste e a quarta de leste.



de Sam Vicente ao nordeste e a 15 leguas ou cerca de 60 milhas, quando deveriam estar delle cerca de 75 ou quinze milhas mais. Luctaram com a corrente e vento fresco na esperança de cobrar o rio avistado, e mais luctariam ainda se teimassem buscar Sam Vicente. Devera ser esse rio, na proximidade de cuja foz se acharam, um dos que se lançam no littoral paulista: o Iguape, com a sua barra da ribeira do Iguape, ou mais acertadamente, parece, esse Mar - Pequeno com a sua barra de Icapara. Esta parece ter sido o golfo d'area (Reinel) ou a baia pequena (Viegas). Tiveram assim os navegantes de retroceder no quadrante do sudoeste, com corrente e vento favoraveis, para, com 35 milhas de navegação, virem buscar, ao pôr do sól, fundeadouro entre a ilha do Bom - Abrigo (Cananéa, de Pero Lopes) e a ilha do Cardoso, só assim hoje nomeada.

Estiveram oito dias nesse surgidouro, porque a nau N^a. Senhora das Candêas fazia muita agua, e o tempo não lhes era favoravel para cobrir as 110 milhas

Segunda-feira 7 do dito mes ao meo dia tomei o sol em 25 graos escaços; e hũa hora de sol vi a terra, que he mui alta (154), e seria della 7 leguas; e fomos no bordo da terra até a noite, que se me fez o vento lesnordeste; e virámos no bordo do mar.

Terça-feira 8 de janeiro no quarto d'alva nos fizemos no bordo da terra; e ao meo dia fomos com ella; e conheci ser o rio (155) da banda do nordeste da Cananea, e como nam podíamos cobrar pela corrente e o vento ser grande. E o porto de



ou cerca de 30 leguas que a separam do antigo porto de S. Vicente. Durante esta permanencia no porto, nada diz o Diario haver sabido o capitão mór sobre o paradeiro da bandeira de Pero Lobo, a qual quatro mezes e meio antes fizera partir guiada por Francisco de Chaves, com encargo de com 10 mezes de expedição retornar com 400 escravos carregados de ouro e prata.

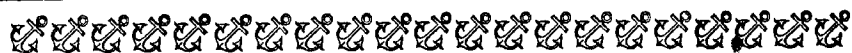
Não havia ainda 5 mezes que haviam partido tão ousados bandeirantes, e quem sabe, se já nas mãos crueis dos carijós ou dos seus vizinhos, houvessem encurtado o fim da jornada e o da vida?!

Martim Affonso tocando neste fundeadouro da ilha de Cananea ou do Bom - Abrigo, fe-lo accidentalmente, forçado por correntes, ventos contrarios e quando aterrado demais, vinha buscando o antigo porto de Sam Vicente.

A 16 de janeiro fez-se o vento do sudoeste, e se bem que a nau continuasse fazendo agua, resolveu partir deste

S a m V i c e n t e me demorava a nordeste: estava delle 15 leguas. Como vi que nam podiamos cobrar arribamos á ilha de C a n a n e a (156): e ao pcr do sol surgimos a terra della.

Quarta-feira 9 do dito mes se nos abriu húa grande agua na nao, que nos dava muito trabalho. Aqui nesta ilha estivemos até quarta-feira 16 de janeiro, que partimos com o vento sudoeste, fazendo sempre muita agua, que nam se levava a mão a duas bombas.



ancoradouro com o galeão e a nau citados, uma vez que a caravela andaria ainda pelo porto dos Patos, em soccorro dos do bergantim desaparecido.

Dia 17 calmou o vento, mas a corrente maritima para c nordeste sendo a seu favor, levou os dois navios dez leguas ou cerca de 36 milhas a este rumo. Assim estiveram até 19 pela manhã, quando soprou vento do sueste. Foram então navegando dando vista da costa, cousa “de uma legua della, por fundo de 35 braças darea,” para vir ao meio dia a nau, a ter por sua latitude 24.º 35 “meudos” ou minutos.

De uma dezena desses “meudos” ou minutos traria errada a sua latitude, mas assim mesmo se póde averiguar encontrarem-se velejando, a esse instante, os dois navios entre a barra da ribeira do Iguape e a ponta Itaipú, a cerca de quatro milhas da terra.

Como encontrar porém, ainda ahi hoje, o fundo de 35 braças, nessa distancia da costa paulista?

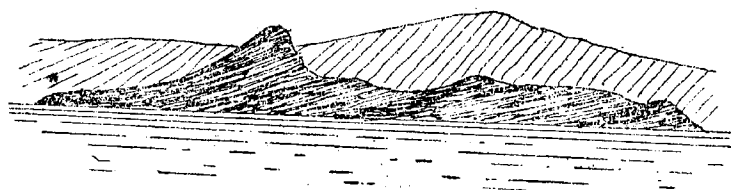
Actualmente o prumo só accusa vinte e dois metros como profundidade maxima numa linha de sondagem parallela á costa e á distancia da mesma de 5 milhas.

Quinta-feira 17 do dito mes a agua corria ao nordeste, e sem vento andámos este dia 10 leguas.

Sesta-feira 18 do mes de janeiro andámos em calma até sabado no quarto d'alva, que se fez o vento sueste, e fazia o caminho ao longo da costa hũa legua de terra, por fundo de 35 braças d'area, e ao meo dia tomei o sol em 24 graos e 35 meudos.

Cap. VI
Mappa 9

Domingo 20 do dito mes pela menhãa 4 leguas de mim vi a abra do porto de Sam Vicen-



Seriam, ao tempo da expedição do capitão mór, ha quatrocentos annos, nessa paragem costeira, tão mais profundos os mares, ou teria então mentido o prumo da nau N.^a S.^a das Candêas?

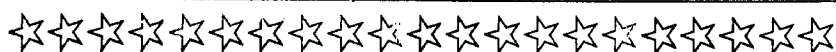
Consultando cartas antigas e modernas, vê-se ahi tender sempre a maior elevação o fundo dessa faxa - lindada pela linha de costa e a do taboleiro submarino que envolve todo o littoral do Brasil - devido ao movimento e deposito de lama ou areia. Mas de tanto, apesar de tão dilatado tempo decorrido, não devera ter variado o fundo, nessa região!

O ANTIGO E O NOVO PORTO DE SAM VICENTE

Cap. VI
Mappa 9

Continuando a navegação do capitão mór, vemos no dia 20 de janeiro de 1532 avistar-se da nau N.^a Senhora das Candêas, a cerca de 14 milhas ao nornordeste da sua agulha a abra do porto de Sam Vicente antigo, ou melhor, a hoje barra da bahia de Santos.

te (¹⁵⁷): demorava a nornordeste; e com o vento lesnordeste surgimos em fundo de 15 braças d'area, mea legua de terra (¹⁵⁸); e ao meo dia tomei o sol em 24 graos e 17 meudos; e 2 horas antes que o sol se puzesse nos deu hûa trovoada do noroeste: pela



Soprava vento do lesnordeste. Marcando a nau a boca da barra, e a 14 milhas ao nornordeste da agulha (talvez N4NE verdadeiro), achava-se esta capitanea ao sussudoeste (talvez S4SO verdadeiro) da dita abra. Tendo de demanda-la, valendo-se do vento reinante do lesnordeste, a nau onde se achavam embarcados Martim Affonso e Pero Lopes, havia de vir na bolina, e descahir para o oeste da boca da barra, ou melhor para a actualmente nomeada ponta Itaipú. Perto desta ponta, parece, a menos de duas milhas, a nau devera ter fundeado, segundo o Diario, antes do meio-dia, em 15 braças de fundo, em profundidade ainda possivel naquelles dias passados, para esse local, na entrada da barra.

A' mesma hora por altura meridiana do sól achou para latitude de onde a nau surgira, 24.º e 17. minutos. Mas das latitudes calculadas na costa do Brasil e expressas no Diario, as que mais se approximam da realidade, aliás rarissimas, apresentam uma differença de dezena de minutos. A não ser a do antigo cabo de Sta. Maria (punta del Este de Maldonado) dada com erro de 13' e 15" para menos, as poucas outras a que chamámos de mais approximadas, como: a da ponta do Padram (cabo Sto. Antonio, Bahia), a da abra do porto de S. Vicente (barra da bahia de Santos), e a da barra do rio de Janeiro, se apresentam com erro oscillando entre 15 e 18 minutos para mais.

corrente ser mui grande ao longo da costa atravessava a nao o vento que era mui grande; e metia a nao todo o portaló por debaixo do mar; se nos nam quebrára a anchora pela unha fomos soçobrados, segundo o vento era desigual. Como se fez o vento



Eram esses accumulados erros, como sabemos, oriundos do emprego de rudes astrolabios ou quadrantes, da imprecisão das taboas ou “regimentos”, da incorrecta observação do sól em navios sujeitos a desvairados balanços.

Dada esta ligeira explicação, voltemos a demandar a barra do antigo porto de Sam Vicente, ou barra da actual bahia de Santos.

Estando a nau N.^a Senhora das Candêas, como diz o Diario e o suppomos, pegada a uma ponta - a ponta Itaipú — e a cerca de duas milhas desta fundeando, duas horas antes do pôr do sól desse mesmo dia 20 de janeiro, roncou trovoadas do noroeste, e fez-se a corrente tão impetuosa ao longo da costa, que a nau atravessou ao vento; e se não partisse, forçada pela pressão da correnteza, a unha da ancora a que se aguentava, o naufragio talvez fosse inevitavel.

Rondando o vento, por bôa fortuna, para o oessudoeste, poude a nau velejar, safando-se da ponta Itaipú para, no quarto da modorra - quarto da meia-noite ás quatro da manhã - surgir, diz Pero Lopes “dentro n’abra, em fundo de 6 braças d’area grossa”.

Esta profundidade ainda ahi se encontra a meio da barra, ao oeste e ao sudoeste da actual ilha de Santo Amaro, talvez a primitiva de Goanas e, certamente, a Gaiabê dos selvicolas.

oessudoeste demos á vela; e esta noite no quarto da modorra fomos surgir dentro n'abra, em fundo de 6 braças d'area grossa (159).

Segunda-feira 21 de janeiro demos á vela, e fomos surgir n'hua praia da ilha do Sol (160);



Dahi suspendeu a nau na manhã de 21 de janeiro, e foi surgir novamente "n'hua praia da ilha do Sól pelo porto ser abrigado de todos os ventos".

Qual essa ilha do Sól e tambem esse fundeadouro que a nau aferrou?

Lendo com attenção o Diario, vê-se que antes desferrou a nau, ainda desacompanhada do galeão Sam Vicente, do meio da barra, e parece, montando a ponta da Capetuba ou dos Limões da actual ilha de Sto. Amaro, fundeou em aguas remansosas e ribeirinhas á actual praia do Góes. Mais abrigo teria ainda, montando a outra ponta a cavalleiro da qual Diogo Valdez veiu mais tarde a erguer fortaleza bem no extremo desse canal ou braço de rio que dá accesso, entre as duas ilhas Sto. Amaro e São Vicente, ao actual porto de Santos.

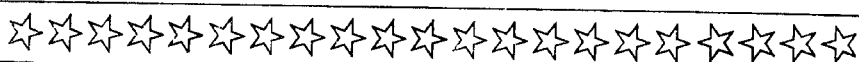
Opinamos, todavia, como sendo o fundeadouro da nau junto á praia do Góes.

Seria então, essa ilha, a cujo abrigo ficava a nau de Martim Affonso, a ilha do Sól do Diario de Pero Lopes? Sim, essa ilha - provavelmente de Goanas, - certamente Gaiabê e talvez a já imprecisa Sto. Amaro do "Esmeraldo" de Duarte Pacheco Pereira em 1505, mas só assim conhecida e citada em documentos officiaes posteriores a 1545?

O Diario, se não de todo claro a respeito, dá entretanto elementos para assim se identifica-la.

pelo porto ser abrigado de todos os ventos. Ao meio dia veio o galeão Sam Vicente surgir junto conosco, e nos disse como fóra nam se podia amostrar vela, com o vento sudoeste.

Terça-feira pela manhã fui n'hum batel da banda d'aloeste da bahia e achei hum rio estreito (161),



Vejamo-lo: a esse fundeadouro da ilha do Sól "abrigado de todos os ventos", passante do meio dia de 21 de janeiro, veio o galeão S. Vicente surgir perto da nau e communicar a sua gente ao capitão mór que "nam se podia amostrar vela fóra" (desse abrigo) "com o vento sudoeste" que soprava.

E' esse surgidouro da praia do Góes ou melhor o outro, já á boca do canal e hoje tendo a cavalleiro o velho forte, perfeitamente abrigado desse vento e de outros ventos: e seria ahi o mais seguro dos fundeadouros buscados pelos que aferravam o antigo porto de Sam Vicente, antes de Martim Affonso, visando o trafico ou mercancia de escravos. Num delles deveriam ter estado as naus de Caboto, segundo os dizeres do piloto Alonso de Sta. Cruz, e das quaes foi passageiro Enrique Montes, óra informante de Martim Affonso na expedição cujo estudo procuramos fazer e cuja surgida junto á Ilha do Sól acabámos de narrar. Entretanto, melhor do que nós dirão as palavras do piloto A. Santa Cruz, sobre o porto antigo de Sam Vicente ou assim do seu fundeadouro principal. Reza o Yslario (pg. 56 — B. N. 9-10-1 — Sec. Cartographia): "Dentro en el Puerto de Sanct Biciente ay dos yslas grandes", (actuaes Sto. Amaro e São Vicente), "habitadas de yndios, y en la mas oriental (Sto. Amaro) a la parte occidental della estuvimos mas de um mes surtos"...

em que as naos se podiam correger, por ser mui abrigado de todos os ventos: e á tarde metemos as naos dentro com o vento sul. Como fomos dentro mandou o capitam I. fazer hũa casa em terra para meter as velas e enxarcia. Aqui neste p o r t o d e

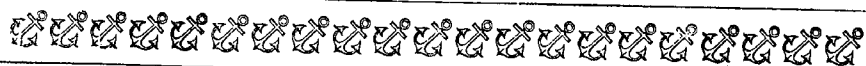


Poder-se-á dar este fundeadouro mais á barra da actual bahia de Santos, mas desabrigado elle o seria de muitos ventos, ao passo que, montada a ponta dos Limões, ou melhor, a outra logo assignalada, ao abrigo dos ventos estaria e ainda “na parte occidental da ilha mais oriental das duas”, a actual Ilha de Sto. Amaro.

Assim tambem, desse ancoradouro da ilha mais oriental das duas, ilha mais do lado de onde nasce o sól e ao lèste da bahia - ou melhor, desse fundeadouro da ilha do Só1, do Diario, - desse fundeadouro junto á praia do Góes actual e onde o galeão e a nau de Martim Affonso se achavam ancorados, partiu Pero Lopes a 22 de janeiro, pela manhã, em um batel, certamente quando já amainara o sudoeste e se pronunciava o vento do sul. Veiu elle a demandar logo, ao oeste dessa ilha do Só1 e da hoje bahia de Santos, uma boca aberta ao sueste ou parece, a outra entrada de menos fundo então existente, entre a actual ilha do Mudo ou Porchat e a praia de Itararé. Entrando com o batel neste porto - o novo porto de Sam Vicente - distante cerca de 4 milhas de onde partira, havia de Pero Lopes dar com “hũ rio estreito em que as naos” se poderiam “correger por ser mui abrigado de todos os ventos”: isto é, num braço do rio de Sam Vicente — braço que vem desaguar neste porto.

A’ tarde desse mesmo dia 22, regressado o batel ao fundeadouro da ilha do Só1 (Sto. Amaro), desfer-

Sam Vicente (162) varámos hũa nao em terra. A todos nos pareceu tam bem esta terra, que o capitam I. determinou de a povoar, e deu a todos os homês terras para fazerem fazendas: e fez hũa villa na ilha de Sam Vicente e outra 9 leguas dentro pelo sartam, á borda d'hum rio que se cha-



raram os dois navios e, valendo-se do vento do sul que soprava, velejaram desde quando sahiram da sombra da dita ponta dos Limões, atravessaram a bahia, e entraram no porto primeiro e no rio depois, aonde pela manhã o batel chegara, isto é: no novo porto do rio de Sam Vicente, ao oeste da bahia de Santos, porque ao leste desta elles se achavam pelo dizer de Pero Lopes, em fundeadouro abrigado do sudoeste e de todos os ventos.

Melhor vento que o do sul que soprara após o temporal do sudoeste, não poderiam ter tido para essa navegação.

Este novo porto de Sam Vicente tinha duas entradas: e a principal e hoje unica, é larga de seiscentos metros, voltada para o sueste, e entre a ilha chamada depois do Mudo ou Porchat, e uma ponta da qual os morros de Xixová e de Parapuan ficam a cavalleiro.

O seu seio de aguas remansosas recorta-se no littoral que o cerca, de um lado na praia de S. Vicente que deixa notar o seu remoto prolongamento com a de Itararé, quando existia uma barreta entre esta praia e a ilha do Mudo ou Porchat. Esta praia de S. Vicente vae terminar em um Outeiro intromettido entre ella e a de Tumiarú, e esta, já no braço do "rio estreito" em que as naus, no dizer de Pero Lopes, "se podiam correger por ser mui abrigado de todos os ventos". Da outra banda, recorta-se o porto em

ma Piratiniga: e repartiu a gente nestas 2 villas e fez nellas officiaes: e pôz tudo em boa obra de justiça, de que a gente toda tomou muita consolaçam, com verem povoar villas e ter leis e sacrificios, e celebrar matrimonios, e viverem em communicaçam das artes; e ser cada um senhor do



abruptas barreiras, mas entre a ponta da entrada do porto e a da Prainha fórma-se o curvo seio da praia de Parana-puan logo succedido por terra mais alterosa marcada desde os morros de Parana-puan até a ponta da Fortalezinha, e passada a qual não se fecha o porto, porque ahi vem ter “o rio estreito” citado, ou um dos braços do antigo rio de Sam Vicente.

Seguindo da ilha do Mudo ou Porchat - a ilha do Sól para alguns estudiosos de valor incontestante como o notavel artista Benédicto Calixto - vê-se logo á entrada do porto, no isthmo para onde convergem as duas praias de S. Vicente e de Itararé e se liga a dita ilha á outra de S. Vicente, a significativa marca da pequena barra cedo desaparecida e propria a embarcações de não grande vulto e calado; e depois, indo-se pela praia de S. Vicente, como dissemos, se chegará ao Outeiro (morro dos Barbosas), perto do qual teria havido a aguada dos navios, não desmentida ainda hoje pelo rio Sopeiro que ahi corre.

Chegado Martim Affonso quasi a meio desta praia — hoje de S. Vicente — lançaria os fundamentos da villa praieira, e não se sabe, se aonde existiram aquellas “dez ou doze casas”, das quaes “uma de pedra”, e mais, “uma torre para defenza dos indios em tempo de necessidade” (Al. de Sta. Cruz, Yslario), - no povoado portuguez ahi existente e por este visitado dois annos antes, como por Enrique Montes, quando estiveram um mez surtos no antigo

seu; e vestir as enjurias particulares; e ter todos os outros bens da vida segura e conversavel.

Aos 5 dias do mes de febreiro entrou neste porto de Sam Vicente a caravela Santa Maria do Cabo (163), que o capitam I. tinha mandado (164) ao porto dos Patos buscar a gen-



porto de escravos de S. Vicente, mais propriamente na actual bahia de Santos.

Tudo leva a crer que taes construcções ligeiras ahi já encontrasse o capitão mór, quer nessa ribeira, quer na de Tumiarû, em que viveram portuguezes com Gonçalo da Costa e Antonio Rodrigues, nestas partes mais secas então, da ilha de Sam Vicente.

Não invadida por alagadiços ou por aguas salgadas nas horas da préa-mar, outra região não se poderia ter senão nas proximidades da hoje praia de S. Vicente, e na que passado o outeiro se definia na de Tumiarú, residencia conhecida de Antonio Rodrigues. Ao centro e como que ilhada ficaria a serra hoje chamada de Itararé; e ao oriente da ilha, os - Outeirinhos - hoje arrazados, seriam talvez ilhéos entre alagadiços, e não pedreiras encravadas em terra como depois se nos affiguravam.

O local para povoação possivel para quem tinha tambem de prestar attenção na barra e defender-se do que por lá viesse, só poderia ser realmente na parte do sudoeste da ilha, a meio da actual praia de S. Vicente.

Na praia de Tumiarú, passado o Outeiro portanto e já no "rio estreito em que as naos se podiam correr por ser mui abrigado de todos os ventos", ergueu logo Martim Affonso, á sua chegada, húa casa para meter as velas e emxarcia", assim como mandou varar em terra a nau N^a. Senhora das Candêas que fazia agua e an-

te d'um bargantim, que se ahi perdera; e achou que tinha feito outro bargantim, com ajuda de 15 homens castelhanos, que no dito porto havia muitos tempos, que estavam perdidos: e estes castelhanos deram novas ao capitam I. de muito ouro e prata, que dentro no sartam havia; e traziam mostras do



dava já muito gastada pelo gusano. Ahi, fronteiramente a esse recanto bem resguardado dos ventos reinantes, se vieram depois a construir armazens ou tersenas numa ribeira ou porto das Naos.

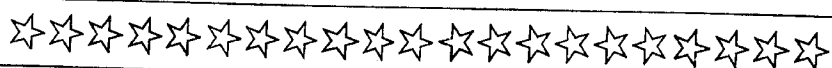
Ainda, por certo, não se mostrariam estas construcções, mas em rudes fainas andariam elles no levante mais de prompto, das da praia de S. Vicente, quando quatorze dias após a chegada do capitão mór, ahi aportava a caravela Sta. Maria do Cabo. Vinha esta unidade da frota affonsina, do - porto dos Patos a que fôra mandada durante a travessia cabo de Sta. Maria - Cananéa, em soccorro dos do bergantim desgarrado: e, como se viu, por occasião da ida para o rio da Prata. Trazia ella agora, além dos naufragos portuguezes, 15 castelhanos habitantes do referido porto e que os ajudaram no fabrico de outro bergantim, parece, por elle comboiado a esse novo porto de S. Vicente.

Diz o Diario que esses castelhanos, “no dito porto” (dos Patos) “havia muitos tempos que estavam perdidos”.

Consideremos no que affirma o Diario.

Tocando Caboto no porto dos Patos, recolheu a bordo a todos os naufragos que nelle se achavam, inclusive a Enrique Montes, depois embarcadiço dos navios de Martim Affonso. Dos seus, ahi deixara abandonados: Rojas, Mendes e Rodas. No seu regresso do rio da Prata ainda deixou o mesmo capitão, mas desta vez no

que diziam e afirmavam ser mui longe. Estando neste porto tomou o capitam I. parecer com todos mestres e pilotos e com outros homês, que para isso eram, para saber o que havia de fazer; porque as naos (165) se estivessem dous meses dentro no porto nam podiam ir a Portugal, por serem



porto de San Sebastian, ao norte e na ilha de Santa Catharina, dois desertados da frota: o clerigo Diego Garcia e outro tripulante da capitanea. A esse tempo porém, já Rojas, ajudado por Gonçalo da Costa em terra vicentina — certo, no tal “pueblo dicho de Sanct Bicente, - de Alonso de Santa Cruz - era resguardado de Caboto, para depois partir-se com o proprio Gonçalo na Armada de Diego Garcia de Moguer, para a Espanha; e Mendes e Rodas, dizem informes coevos a esses acontecimentos, haviam morrido afogados, em aguas catharinenses. Só restariam abandonados na ilha de Sta. Catharina o clerigo Diego Garcia e o outro ex-tripulante e desertor da frota espanhola. Alonso de Sta. Cruz narra tambem ter Caboto deixado 12 ou 15 castelhanos no antigo porto (dos escravos) de S. Vicente, os quaes se passaram ao sul. Pensamos que desses, 5 ou 6 foram os que Martim Affonso, de viagem para o rio da Prata, veiu a encontrar em Cananéa, acompanhados do bacharel e de Francisco de Chaves. Os outros castelhanos ou quiçá então todos, continuando a viagem para o sul, se esses cinco ou seis não acompanharam Pero Lobo ao sertão, poderiam ter chegado ao porto dos Patos, onde veiu a aportar em 1532, a caravela em socorro do bergantim desgarrado. Pensamos que “dois annos” servirão de justificar as palavras do Diario: havia muitos tempos que estavam perdidos...

mui gastadas do busano; e a gente do mar vencia todo soldo sem fazerem nenhum serviço a elrei, e comiam os mantimentos da terra. E assentaram que o capitam I. devia de mandar as naos para Portugal, com a gente do mar; e ficasse o capitam I. com a mais gente em suas 2 villas, que

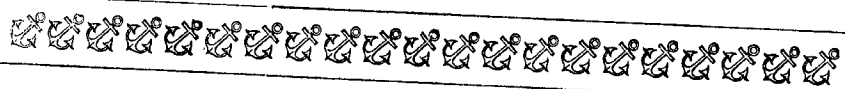


Fossem ou não esses, porém, os castelhanos recémchegados, trouxeram ao capitão mór “novas do muito ouro e prata que dentro no sartam havia”, e mais: “mostras” do que diziam e affirmavam “ser mui longe”.

Mais uma vez se confirmariam as esperanças que Enrique Montes vinha alimentando no espirito do bravo capitão desejoso de noticias da entrada de Pero Lobo Pinheiro, ordenada a 1.º de setembro de 1531 de Cananea, e se realizando a viagem dentro nos 10 mezes estipulados, em companhia de Francisco de Chaves devendo retornar ao littoral, em julho de 1532.

Da Villa de S. Vicente fundada então, como da viagem serra acima feita por Martim Affonso com a sua gente d'armas, aonde elle fundou outra villa já nos campos de Piratininga com o auxilio de João Ramalho, trataremos em outro capitulo (cap. VIII), quando procurarmos fixar, se bem que ligeiramente, esse momento fecundo do inicio da colonização portugueza em terras do Brasil. Por ora, cingir-nos-emos a seguir o Diario quando Pero Lopes diz que, após dois mezes de estadia no novo porto de S. Vicente, resolveu o capitão mór reunir a sua gente em conselho e tomar “parecer com todolos mestres e pilotos e outros homês que para isso eram, para saber o que havia de fazer”. E como já as naus estavam muito maltratadas pelo “busano”, e a gente do mar vencesse soldo sem nenhum serviço ao rei, comendo dos manti-

tinha fundadas, até ver recado da gente, que tinha mandado a descobrir pela terra dentro, e logo me mandaram fazer prestes para que eu fosse a Portugal nestas (166) 2 naos, a dar conta a elrei do que tínhamos feito. A ilha do Sol está em altura de 24 graos e hum quarto (167).



mentos que a terra vicentina produzia, assentaram todos que fossem mandadas as duas naus a Portugal com “a gente do mar” sob o mando de Pero Lopes e levando informes do que se havia feito. Ficaria Martim Affonso com os demais homens nas duas villas fundadas, “até ver recado da gente, que tinha mandado a descobrir pela terra dentro”.

Em obediencia a essa resolução desferrou o porto o galeão Sam Vicente ao mando de Pero Lopes, deixando ainda nas ribeiras de Tumiarú, posta em seco, para concerto das obras vivas, a nau N^a. S.^a das Candêas. Partia o galeão quatro mezes exactos após a sua entrada no novo porto de Sam Vicente ou no rio de Sam Vicente -, a 22 de maio de 1532, “húa hora antes que o sól se pusece” e sob a acção do vento do noroeste. Era este o vento mais favoravel para a sua sahida do rio e do porto.

Breve iria partir quando já reparada, a nau N^a. S.^a das Candêas, para o encontro com o galeão no rio de Janeyro e os cruzeiros do regresso, no Atlantico; mas a caravela Sta. Maria do Cabo e um bergantim ficariam ás ordens de Martim Affonso nesse surgidouro proximo á villa fundada, nesse novo porto do rio de Sam Vicente, que o capitão mór pensaria ver em breve transfigurado no maravilhoso - Porto das Minas - (Vide nota 167).

Quarta-feira xxij dias do mes de maio da era de 1532, da era dadam de oito mil e quinhentos e xbj e 361 *dias* (₁₆₈) da era do diluvio de 4634 annos e 95 dias estando o sol em 10. g. e 32 meudos de geminis e a lua em 19 g. de capricornio, party (₁₆₉) do Rio de Sam Vicente hũa cra antes que o sol se pusece com o vento noroeste. E como foi noite fiz o caminho a leste e a quarta de nordeste.

Cap. VII
Mappa 10

Quinta-feira polla manhãa era tanto avante



REGRESSO DE PERO LOPES A PORTUGAL

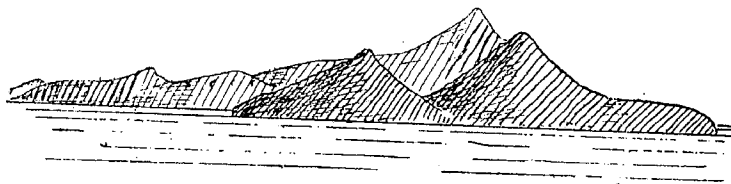
SAM VICENTE - RIO DE JANEYRO

Soprando vento do noroeste, o mais favoravel para largarem e velejarem os navios do rio de Sam Vicente na demanda da barra da bahia de Santos, - ou abra do antigo porto de Sam Vicente - foi Pero Lopes, a 22 de maio de 1532, navegando no galeão até cair a noite. Já fóra das aguas da barra, rumou ao leste quarta do nordeste da agulha ou talvez, ao lesnordeste verdadeiro. Assim singrou por muitos "relogios" sob o vento do noroeste até que em amanhecendo o dia 23, viu já haver montado a ilha de Sam Sebastiam, e estar della bem ao mar. Rondando pelo meio-dia o vento para oeste muito fresco que o fez diminuir o panno, julgou o momento asado para tirar o rumo do lesnordeste da agulha ou talvez — nordeste quarta do leste verdadeiro, até meia-noite, quando se julgava com "ho Rio de Janeiro". Desde o meio dia de 23 até o amanhecer de 24 de maio, quando avistou terra a tres leguas, navegou umas 110 milhas a esse rumo, vindo então a descobrir-se-lhe a barra do

Cap. VII
Mappa 10

com a ylha de Sam Sebastian e ao meo dia se fez o vento oeste e começou a ventar e que me foi necessario tirar as monetas e correr com hos papafigos baxos fazendo o caminho a lesnordeste ate a mea noite que mandei tomar as velas por me fazer com ho Rio de Janeiro.

Sesta-feira xxiiij dias do dito mes pola me nhãa via terra 3 leguoas de mim e conheçi o Rio



Rio de Janeiro ao norte quarta do nordeste da agulha, ou talvez melhor, ao norte verdadeiro.

Com o sudoeste que soprou a seguir, mudando o tempo - prenunciado pelo oeste que um dia antes soprara - entrou por fim no porto, ao meio dia, com segurança e trazendo de S. Vicente cerca de 240 milhas de navegação.

Na bahia da Ganabara ou Guanabará, como diz Theodoro Sampaio, (O Tupi na Geog. Nacional) o "seio semelhante ao mar" - permaneceu Pero Lopes 40 dias; e desde 14 de junho já tinha por bôa companhia a nau Nossa Senhora das Candêas que o Diario, por engano, nesta passagem, dá como nau — Sta. Maria das Candêas. Chegara ella do porto de S. Vicente, em cuja praia de Tumiarú estivera em seco para concerto das obras vivas e se retardara na partida, por esse justo motivo.

O outro navio, a caravela Santa Maria do Cabo, parece ter realmente ficado com Martim Affonso no porto de S. Vicente, uma vez que o Diario não a cita mais e sim, a cada passo, duas naus: o galeão S. Vicente e a nau N^a. Senhora das Can-

de Janeiro que me demoraua a norte e quarta do nordeste e com o vento sudueste dei a vela e entrei nelle ao meo dia.

Sesta-feira xiiij dias do mes de Junho chegou a nao santa maria das candeas, (170) que fiquara em sam vicente acabando-se de correger. Neste rio estive tomando mantimento



dêas que ao leitor lembraremos como a nau (C) dos corsarios francezes, tomada por Pero Lopes na costa de “pau brasil” nas proximidades da bahia da Traição, a 2 de fevereiro de 1531.

Neste rio (Rio de Janeiro) - diz o marujo escriptor - “estive tomando mantimento para 3 mezes e partime terça-feira, 2 de julho”.

Com o nordeste ganhavam a barra, mas eram tão fortes o vento e o mar, que foram obrigados a resguardo do nordeste rijo que soprava. Surgiram arribados á boca do rio, “ao mar da ilha das Pedras, em fundo de 15 braças darea limpa”. Não crêmos aqui tratar-se da “ilha de pedra rasa com o mar”, por Pero Lopes assinalada a 30 de abril de 1531, quando a armada da primeira vez demandara este porto. Esta seria o ilhéu ou a Lage, depois assim conhecida; a outra, fóra da barra e resguardada do nordeste, poderia ser não a ilha, mas as ilhas de pedra: Pae, Mãe e Menina.

Menos de 48 horas ahi permaneceriam até que amainasse o vento do nordeste, para a 4 de julho seguirem na travessia que passaremos a estudar.

Cap. VII
Mappa 10

para 3 meses e partime terça-feira 2 dias de Julho: com o vento nordeste say fora, e achei o mar tam feo, que me foi necessario tornar a Ribar e surgi na boca ao mar da y l h a d a s p e d r a s em fundo. 15. braças darea limpa.

Quinta-feira 4 do dito mes me torney a fazer a vela com ho vento norte. Duas leguoas ao mar me deu mujto vento sudueste e mandei fazer o caminho a leste e em se pondo o sol fui com o C a b o f r i o. No quarto da prima mandei governar a



RIO DE JANEYRO -
- BAHIA DE TODOLOS SANTOS

Cap. VII
Mappa 10

Com o terral ou o vento do norte, fizeram-se de vela nesse dia 4; e, quando já mais safos da costa e ao mar sete milhas de onde partiram, depois de montadas certamente as ilhas Maricás com o sudoeste que soprava, se fizeram ao leste da sua agulha ou ao leste quarta do nordeste verdadeiro.

Era capitanea a nau N^a. S^a. das Candêas, cuja agulha nos dará os rumos, para daqui em deante fazermos o estudo das differentes singraduras.

Ao pôr do sól do mesmo dia estavam as naus com o cabo Frio, e nesse rumo proseguiam até o meio-dia de 5, quando, sob o vento favoravel do sueste, se faziam ao lesnordeste da agulha, ou talvez ao nordeste quarta do leste verdadeiro. Tiravam assim rumo a passar fóra dos Abrolhos — que elles teriam como existentes um grau mais ao sul e 30 leguas afastados da costa. (P. Lopes).

leste ate sexta-feira ao meo dia que fiz o caminho a lesnordeste com ho vento sudueste de todalas velas.

Sabado 6 dias do mes de Julho se me fez o vento sul. Fazia o caminho a nordeste e a quarta de leste.

Domingo bij do mes polla menhãa me fez (171) o galeam sinal e como acheguei a elle me disse que faziam tanta aguoã que duas bombas a não podiam vencer e que queriam virar no outro bordo; ver se



Dia 6, fizeram-se ao nordeste quarta do leste ou parece, ao nordeste verdadeiro, e o vento se fez do sul: fecharam pois o rumo de mais uma quarta ou de mais 11.º 15'.

Dia 7 perderam caminho, dando uma bordada durante - dois relogios - ou de uma hora, para em outra amura poderem, tocando as bombas de mão, dar exgotamento á agua que o galeão fazia: findo o que, voltaram ao rumo antigo.

Dia 8, singrando mar largo e suppondo terem o cabo Frio a 62 leguas (ou 223 milhas) por oessudoeste, e a ilha dos baxos ou a Sta. Barbora dos Abrolhos por noroeste e a 50 leguas ou 180 milhas de distancia, deveriam de se achar a uns 3.º da costa espirito santense.

E' bem provavel não se achassem na latitude dada para este dia: 21.º e 30', e sim mais para o norte, a 21.º talvez, ou no paralelo da Itapemirim actual.

No dia 9, informa-nos Pero Lopes bolinarem a nau e o galeão em sete quartas com pouco abatimento para bom-bordo ou para a costa.

Soffreram calmas a 10, 11, 12 até 13 ao meio-dia,

a podiam tomar: e em virando 2 relogios no outro bordo a tomaram e tornamos a virar e fazer o caminho a nordeste e a quarta de leste.

Segunda-feira biij dias do mes de Julho ao meo dia tomey o sol em .21. g. e meo: demoravame o *cabo frio* ao essudueste (¹⁷²): fazia me delle .lx e 2 leguoas. A ilha dos baxos (¹⁷³) me demorava ao noroeste: fazia me della .L. leguoas.

3.^a feira se fez o vento leste: com elle fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste pollas naos



quando o vento apontou ao sudoeste e se tornou de muita intensidade até 14, á hora do culminar do sól. Nesse instante, achou por sua latitude 19.^o e 45 minutos sul, e se fez ac caminho do norte quarta do noroeste, ou talvez, ao nor-noroeste verdadeiro.

Este ponto na carta, como elle o suppunha, não poderia dar-lhe os baxos dos parguetes ou baixios de S. Thomé ao sudoeste quarta do oeste e a 70 leguas ou a cerca de 260 milhas; e a ilha dos baxos, ou de Sta. Barbara, principal dos Abrolhos, ao noroeste e a cerca de 65 milhas ou 18 leguas. Ha todavia a considerar que os Reinel, no portulano que nos guia, collocam os bayxos dos pargos ou de São Thomé a dez milhas mais ao norte do que o cabo do mesmo nome; Viegas loca os Abrolhos como antes declarámos; Oviedo desloca estes mais para o norte, talvez 40 milhas; e ainda Viegas, que deve representar o pensamento de Pero Lopes e de Martim Afonso em 1534, dá os bayxos dos parguetes em 20.^o 15', sul, ao passo que o cabo de São Thomé, em 21.^o e 15'. Locava pois, esses baxos dos par-

serem grandes de bolina lhe dava pouco abatimento.

Quarta-feira .x. do mes de Julho se fez o vento calma ate sabado ao meo dia que o vento sudueste começou a ventar brando e de noite com ho vento fresquo de todas as velas fazia ho caminho do norte até domingo ao meo dia que tomei o sol em .19 .g. e 3 quartos e mandei fazer o caminho a norte e a quarta de noroeste. Os baxos dos parguetes (174) me demorauam ao sudueste e a quarta daloeste:



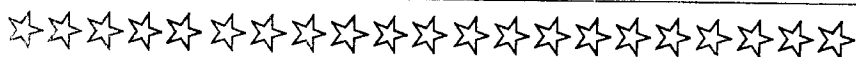
guetes mais 60 minutos ao norte dos actuaes baixos de S. Thomé.

Para Pero Lopes esses bayxos deveriam ser, mesmo mal assignalados como o eram no portulano Viegas, signal de advertencia para resguardo não do actual Parcel das Paredes ou bayxos d'abreolho mas dos baixios de S. Thomé, se não até mesmo de uma pescaria dos pargos posta pelos Reinel em 21.º 30', vinte milhas ao sul do que chamava cabo de Santhomé (cabo de S. Thomé) ou cabo do parcel, de Pero Lopes. Para Diego Ribeiro (1527) os baxos de los pargos seriam, parece, o parcel das Paredes; e no seu portulano de 1529, não esses, porém outros mais ao sul já apparecem como baxos de Joargas.

E' de suppor assim que, apesar das divergencias cartographicas, nesse dia, 14 de julho de 1532, o capitão portuguez trouxesse os dois navios ainda da costa a uns 3.º de longitude e, não confirmando a latitude calculada, no paralelo de 19.º e 30 minutos.

fazia-me delles .lxx. leguoas. A ilha dos baxos ⁽¹⁷³⁾ me demorava ao noroeste: fazia me della xbiiij leguoas.

Segunda-feira .xb. do dito mes ao meo dia tomei o sol em .17. g. Com mujto vento sudueste e mar corria com os papafigos baxos ao nornoroeste. Esta noite com o mar muj grosso nam levamos a mão de 2 bombas: fazia a nao por tantas partes a aguoas que toda a noite andaua com ho calafate debaxo da cuberta tomando aguoas. Eram tantas as baleas



Nesse mesmo dia 14, depois de navegarem ao norte da agulha até o meio-dia, rumaram ao norte quarta do noroeste, ou talvez ao nornoroeste verdadeiro. A 15, com a monção do sudoeste, montaram os Abrolhos não dando vista delles; mas pelos seus portulanos ainda no dia 14 os teriam pelo través, ao correr da noite e suppondo-os a umas 80 milhas ou cerca de 22 leguas. Entretanto, pensamos, só elles os teriam montados no quarto d'alva de 15 e na distancia de cerca de 100 milhas.

Ao meio-dia de 15, achou Pero Lopes por latitude 17° que nos pareceu errada de uns 20 minutos. Passando por paragens talvez distantes 10 milhas do actual Rodgers Bank, e vendo os nautas tantas e tamanhas baleias chegarem-se ás naus, tiveram com isto “mui grande medo”.

Dia 16, suppunha ter Pero Lopes a baia de todos Santos ao nornoroeste da agulha. Mandou fazer então o caminho ao noroeste (ou noroeste quarta do oeste verdadeiro, parece) até o quarto de meia noite ás quatro horas. Durante a noite, provavelmente por haver lua, avistou terra, e mandou que os navios rumassem ao norte quarta do nordeste da agulha, cremos, ao norte verdadeiro.

nesta parajem e tamanhas e chegavam se tanto as naos que lhe auiamos mui grande medo.

3.^a feira xbj do dito mes tomei o sol ao meo dia em 15. g. e 3 quartos. Demorava me a Baia de todos Santos ao nornoroeste. Mande fazer o caminho ao noroeste ate o quarto da modorra, que ouve vista da terra que mandei fazer o caminho ao norte e a quarta do nordeste com o mar mui grosso.

Quarta-feira xbij do dito mes polla menhãa re-



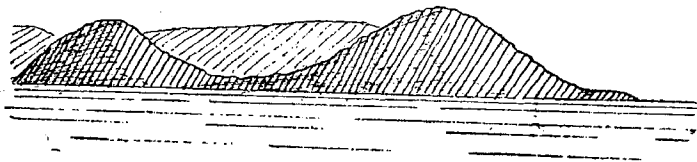
Dia 17, pela manhã, reconheceu as serras que jazem ao sul da “baia de todollos santos xxb (25) leguoas”.

Fica a “Serra Grande” a 90 milhas ao sul da bahia de Todos os Santos. Seria essa a dada como “serras”, no Diario, e que ao meio-dia de 17, já haveria de Pero Lopes marcar ou ter no quadrante do sudoeste, pois a esta hora já deveriam estar os navios a 40 milhas della? Seriam a Serra gram, de Viegas, dada em latitude de 14.^o e 15’ sul? Mais parecem a serra alta dos Reinel e de Viegas tambem, esta dada em 14^o 35’.

Cahindo um sussudoeste fortissimo, forçando com um bolso de vela davante, vieram os navegantes com bôa velocidade nos navios, a avistar ao pôr do sol, a ponta do Padram ou cabo de Sto. Antonio, entre nevoa baixa.

Pozeram-se em bordejos, ora á terra ora ao mar, e ao amanhecer de 18 de julho, estava a nau capitanea a meia legua ou cerca de duas milhas da ponta do Padram, e esta, pode-se dizer, quasi ao oeste verdadeiro da nau. Como já vimos na travessia Pernambuco - bahia de Todos os Santos, era Pero Lopes conhecedor do banco hoje cha-

conhecy as serras (175) que jazem ao sul da baia de todollos santos .xxb. leguoas e ao meo dia se fez o vento susudueste muj forçoso. Era o mar tam grosso que a nao me nam queria guovernar asy fui correndo com hum bolso da vela davante com mui gram temporal: ao jugar da nao faziam tanta aguoas que não leuauamos mãos a 2 bombas. Este dia tomei o sol em .14. g. e o sol posto houve vista do P a d r ã o (176): por fazer mujto vento e o mar e a terra estar muj afumada nam entrei na bahia e fiz



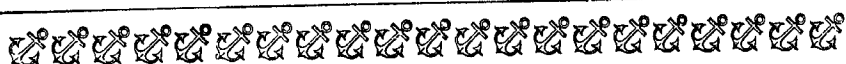
mado de Sto. Antonio: com resguardo delle devera pois ter andado o nosso capitão. Saltando o vento ao sudoeste fortissimo, não poderam orçar as naus tanto quanto queriam os capitães. Muito trabalho tiveram para montar a ponta, tão cosidos estavam com ella e tão grande era o mar tocado pelo vento contrario, que o vagalhão aonde o fundo á entrada da barra era de 9 braças, crescia tão alteroso que lavava o chapiteu da nau e vinha quebrar-se ao convés.

Tomaram seguro fundeadouro no porto, nesse mesmo dia os dois navios, fazendo viagem entre o rio de Janeiro e a baia de todolos Santos em 14 dias de navegação.

Vieram com a monção do sudoeste depois de se approximarem do paralelo medio dos Abrolhos. Sopra esta monção de abril a agosto, dando-nos assim a melhor epoca para

me no bordo do mar até .5. Relogios do 4.º da morderra que tornei no bordo da terra.

Quinta-feira .18. dias de Julho em Rompendo a alua vi o padrão mea legua de mjm e o marquey aloeste e a quarta do noroeste metendo as monetas pera entrar na b a h i a. Saltou o vento ao sudueste com tanta força que nam podiamos metter as naos de loo. Torney a mandar a tirar as monetas e com hos papafigos baxos cobreí a ponsa (¹⁷⁷) do padrão, com asaz trabalho. Era tam grande o mar que a



se navegar do sul a montar esse archipelago, e ganhar a formosa bahia.

Bonançosa e feliz lhes foi essa navegação de cerca de 980 milhas durante 14 dias, em contraste com a que, dentro em igual estação do anno de 1531 - entre março e abril - fizera Martim Affonso em demanda do Rio de Janeiro, e na qual tantas adversidades soffreram, que por duas vezes tiveram de arribar á Bahia, para por fim alcançarem com 35 dias e cerca de 1230 milhas de viagem a barra do Rio de Janeiro.

Durante a estadia do galeão e da nau capitanea na bahia de Todos os Santos, soffreram estes navios calafeto e concerto nas obras mortas, ou como diz Pero Lopes: nos "altos das naos que os traziam esvaidos".

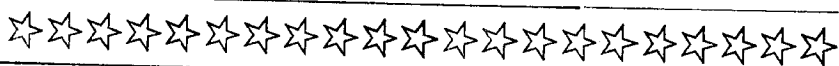
Tomaram mantimentos da terra e abasteceram-se de outras cousas necessarias.

Seria o provedor desse mantimento, aquelle Diogo Alvarez, o Caramurú, ajudado da sua prole, dos 2 homens ahi

entrada da bahia em .9. braças de fundo me deu o mar por Riba do chapiteo e veo quebrar no conves.

Nesta bahia estive calafetando os altos das naos (178) que os traziam esvaídos e tomando mantimentos e outras cousas que me eram necessarias. Aqui fiz alardo da gente que trazia pera poderem tomar armas e achey em ambas as naos .1 e iij. homês e os .xxx. delles sem armas.

Aqui se lançaram com os indios 3 marinheiros da minha nao, e me detiveram 8 dias busquando os e nam nos pude aver por os indios mos esconderem.



deixados por Martim Affonso, e dos tupinambás que lhe eram fieis?

Das sementes deixadas em março do anno proximo passado, já teriam colhido algum bom fructo?

E' provavel ou quasi certo; mas de tal não nos fala o Diario.

Pouca gente de guerra traziam o galeão e a nau: 53 homens d'armas, trinta dos quaes despercebidos para combate, conforme ao alardo feito, que tambem houve de revelar a deserção de tres marinheiros da nau N^a. Senhora das Candêas por "se lançarem com os indios". Esconderam-n'os estes, tornando-se impossivel rehavel-os.

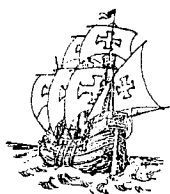
Andavam portanto mal guarnecidas as bellonaves do bravo Pero Lopes, quando deveriam de estar melhor aparelhadas para a policia desse sector mais desejado do "pau brasil", e assim para a batalha naval contra corsarios francezes que pilhavam ao longo da costa de Pernambuco.

3.^a feira xxx dias do mes de Julho parti desta bahia de todosantos com o vento sudueste, e como fui ao mar 2 leguoas se me fez leste e virey no bordo da terra ate o quarto da prima que tornei a virar no bordo do mar.

Cap. VII

Mappa 10

Quarta-feira xxxj do dito mes no quarto da lua tornei a virar no bordo da terra com o vento



**BAHIA DE TODOLOS SANTOS -
- ILHA DE SNTALEXO**

Doze dias estiveram o galeão e a nau na bahia de Todos os Santos. Della partiram a 30 de julho de 1532, sob o vento do sudoeste para, a cerca de sete milhas da barra, senti-lo rondar para o leste, contrario ao seu desejo de com pouca perda de caminho ganhar barlavento. Veiu a seguir no bordo da terra e logo no bordo do mar, certamente dando resguardo do baixo ou banco de Sto. Antonio, que Pero Lopes já conhecia como restinga de areia e pedra. No dia 31, no quarto dalva, alargando o vento para o lessueste, bordejaram as naus para a costa, e navegaram ao rumo talvez do norte quarta do noroeste, para ella, e um tanto ao longo della.

Cap. VII

Mappa 10

Dá então o Diario, uma designação desconhecida em carta desse tempo: a da pedra da galee, distante 4 leguas ou cerca de 14 milhas da ponta do Padram, e entre cujos pontos correria a costa para Pero Lopes, lesnordeste - oessudoeste.

lessueste. Desda da ponta do padrão até a pedra da galee (179) se corre a costa les nordeste oessudueste (180). Ha de caminho quatro leguoas e da pedra da galee ate o a Recyfe de Sam migel (181) se corre a costa nornordeste susudueste e desdo o aRecyfe ate o cabo de Santagustinho se corre a corre a costa nortesul toma da quarta de



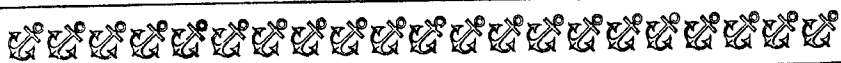
Vemos que esta nova designação não poderia deixar de referir-se ao “ilhéo de Tapoam” (Mariz Carneiro) distante treze milhas do cabo de Sto. Antonio ou ponta do Padram. A representação material do dito penedo, diz também perfeitamente, em lingua tupi com o baptismo indigena depois conservado pelos portuguezes. Itapuã, segundo Theodoro Sampaio, (O Tupi na Geog. Nac. pg. 232) quer dizer: “pedra posta ao alto ou pedra empinada”.

Desse rochedo ali alteado do mar, até o a Recyfe de sam migel ou de São Miguel, diz o Diario, correr a costa nornordeste - sussudoeste.

Entre esses extremos se acharam os dois navios de 31 de julho á noite, até 3 de agosto de 1532. A navegação foi feita a 31, no quarto dalva e não do nascer da lua, como parece escripto na 3.^a edição do Diario, rumando ao norte quarta do noroeste verdadeiro, e pelo dia 1 a dentro, se bem que neste viessem, em parte delle, a ter calmaria até o primeiro quarto da noite. Soprou então vento do sueste e passaram a navegar ao nordeste da agulha (talvez ao nordeste quarta do norte verdadeiro).

Dia 2, ao meio-dia, tinha Pero Lopes por sua latitude 10.^o e 10' sul que nos parece errada para menos em 30' proximamente. A essa hora fechou mais uma quarta

nordeste sudueste. Desde esta bahia de todollos santos ate o cabo de sam Roque correm as aguoas ao norte 7 meses .s. março e abril e maio e junho e julho e agosto e setembro ate outubro e estoutros cinco meses do anno correm ao sul e como achegam a esta bahia correm ao sueste todo o anno e nestes cinco meses correm com mais força.



ou navegou ao nornordeste verdadeiro até duas horas após o anoitecer, quando mandou fazer o caminho do norte quarta do noroeste pela agulha da nau capitanea ou talvez o do nornoroeste verdadeiro.

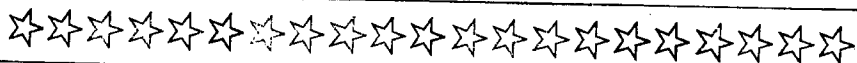
Assim atterrando-se, na manhã do dia 3 logo avistou terra hoje alagoana, e marcou pelo oeste da sua agulha as serras de santantonio. Ao meio-dia teve a sua latitude: $9^{\circ} 30'$.

Pela manhã, marcando ao oeste da agulha (talvez ao oeste quarta do sudoeste verdadeiro) as serras de Santo Antonio e, depois navegando proximo ao littoral sempre até duas horas antes do pôr do sol, — naturalmente com pouco panno e em reconhecimento e policia da região, ao longo do a Recife de Sam Migel ou S. Miguel -, veiu a esta hora a estar já ao nornordeste verdadeiro do rio de S. Miguel: provavelmente entre o Porto Calvo de hoje e a actual Barra Grande.

Podemos pois deduzir dahi, ser relativamente bôa a latitude que dava, talvez com erro entre 10 e 15 minutos, das serras de santantonio; pois assignalava o Diario o ponto de meio-dia de 3 a latitude de $19^{\circ} 30'$, com erro conhecido para mais de 15 a 20 minutos e já tendo notado pela manhã ao oeste da agulha, e quando buscava a costa — as serras de Santantonio, em terra

Quinta-feira 1.º dia do mes d'agosto andei em calma ate de noite no quarto da prima que se fez o vento sueste e com elle mandei fazer o caminho do nordeste.

Sesta-feira fazendo o dito caminho ao meo dia tomei o sol em 10 .g. e des do meo dia mandei fazer o caminho ao nordeste e a quarta do norte ate 4



actualmente das Alagoas. Quando com Martim Affonso passara para o sul, em 1531, Pero Lopes dera dessas mesmas serras a latitude 10.º e 45', mais desaccorde com a verdade, pois vemos que ellas se desenvolvem entre 9.º 20' e 9.º e 25 minutos sul.

Andando as duas naus de Pero Lopes no dia 3, como dissemos, ainda á vista do Recife de Sam Miguel, e já ao nornordeste do rio de Sam Myguell (o Camaragibe dos nossos dias) ou da aguada de sam Miguel, de Duarte Pacheco (Esmeraldo) entre o Porto Calvo e a Barra Grande, — soprou vento do sudoeste. As naus pairaram ahi, afastadas poucas milhas de terra. Sondaram o fundo; acharam-no de pedra, e portanto mau para a ancoragem talvez desejada. Na terra “faziam muitos fumos”...

Seriam esses fogos na costa, do gentio caeté, por julga-los navegantes francezes desejosos de pau brasil?

Emquanto ahi os sabemos por algumas horas e pelo correr da noite de 3 para 4 de agosto, notemos aquella passagem do Diario, que diz:

“desde esta bahia de todos os santos até o cabo de Sam Roque correm as agoas ao norte 7 meses .s. março e abril e maio e junho e julho e agosto e setembro

Religios andados do quarto da prima que mandei fazer o caminho ao norte e a quarta do noroeste.

Sabado 3 de agosto polla menhãa ouve vista da terra e em me chegando mais a ella Reconheci as serras de santantonio (182) que me demoravam o loeste e ao meo dia tomei o sol em .9. g.



até outubro, e estoutros çinquo meses do anno correm ao sul, e como achegam a esta bahia correm ao sueste todo o anno e nestes çinquo meses correm com mais força.”

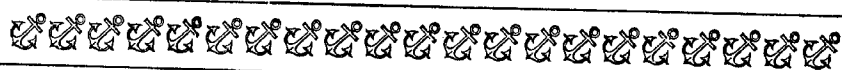
Ora, pelos modernos roteiros sabemos que do cabo de São Roque a Pernambuco, entre a corrente do Brasil e a costa, as aguas seguem á mercê dos ventos: correm para o norte, com a monção do sueste; para o sul, com a do nordeste; e, com tanto mais velocidade, quanto mais proximas da costa e em lugar de pouco fundo. E nas proximidades da bahia de Todos os Santos, tambem expertos pilotos ensinam que predominando ahi os ventos do leste e do sueste, ha habitualmente correntadas fortes destes rumos.

Noutro passo do Diario, diz ainda Pero Lopes: “nesta costa” — (a hoje de Pernambuco e da Parahiba) — “os ventos suestes e lessuestes ventam desde febreiro até agosto”; o que já demonstra a sua observação avisada desse phenomeno meteorologico e a grande valia dos navegadores de Portugal.

— Dizem hoje os modernos roteiros: que os ventos nestas paragens em fevereiro, março, e abril sopram do lesnordeste para o lessueste mais fortes que na estação precedente; e de maio a agosto, do sueste e do sussueste, descendo com mau tempo até o sussudoeste, com mar grosso ao longo da costa, chuvas abundantes, trovões e relampagos. As corren-

e 30 meudos. E duas oras antes que o sol se pusesse com o vento sudueste mandei tomar as velas, lancei as naos ao paio 1 legua de terra (183) em fundo de .xxx. braças de pedra: na terra me faziam mujtos fumos.

Dominguo iiij dias d agosto 1532 estando o sol



tes acompanhando esses ventos fazem-se sentir tanto mais fortes quanto mais proximas do littoral e em logar de pouca profundidade.

Mas volvamos á navegação de Pero Lopes com a nau e o galeão, então entre Porto Calvo e Barra Grande actuaes. Dia 4 de agosto, em nascendo o sol, velejaram safos dos escolhos que ahi marcam a costa, e sob a acção do sudoeste que soprava.

Com o littoral a um tiro de bombardas - e em fundo de 15 braças, andaram assim os navios até 9 horas da manhã, quando ao norte Pero Lopes avistou a ilha do santalexo ou Sto. Aleixo, ilha que demora 15 milhas ao sul da quarta do sudoeste do cabo de Sto. Agostinho.

Estaria della Pero Lopes umas cinco milhas, quando se fez ao norte da agulha - talvez ao norte quarta do noroeste verdadeiro -, para demanda-la. Já deixaria por sussesudoeste e a umas 35 milhas o Porto Calvo actual, e ao sudoeste, na distancia de umas 7 milhas, o actual porto de Tamandaré.

Achegando-se á ilha do Santalexo, subindo á gavia da sua capitanea, divisou Pero Lopes "hũa nao que estava surta antre ella e a terra; e parecia ser mui grande"...

Descendo da gavia, mandou que se aprestasse a artilheria e se fizesse signal ao galeão, que vinha na esteira da

em 21. g. e 3 meudos de leo e a lua em .b. graos de libra e em o sol nacendo mandei dar as velas com



capitanea, para chegar-se á fala. Cumprida a sua vontade, ordenou ainda Pero Lopes ao galeão S. Vicente que “pusesse a artilharia em ordem, e se fizesse a gente pres-tes, porque se a não que estava na ilha surta fosse de França, avia de pelejar com ella”.

E assim, mais glorias iria accrescentar á sua fama de capitão e marinheiro.

**O CORSO FRANCEZ
E OS COMBATES DE PERO LOPES
NA COSTA DE PERNAMBUCO
(1531 - 1532)**

Revelam-nos as notas 2 e 3 de Varnhagen, appensas ao texto, a maior das duas lacunas com que foi encontrado o codice da “Biblioteca da Ajuda” e, talvez o proposito de ter umas tantas paginas deste em branco, para que a todo o tempo não se viesse a esclarecer a actuação militar de Pero Lopes em aguas e costa pernambucanas, entre 4 de agosto e 4 de novembro de 1532.

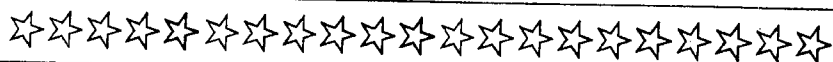
Foram os feitos do capitão portuguez, energicos e mesmo de singular violencia, revelados pelas reclamações apresentadas contra elle pelo barão de Saint Blancard — o senhor Bertrand d’Ornessan - aos Commissarios de Irun e de Fuenterrabia em 1538.

Do que ella e outros citam, ou foi esclarecido pelos estudos de Varnhagen, Capistrano de Abreu e outros auctores, faremos um resumo para explicar a acção de Pero Lopes a esse tempo na “costa do pau brasil”, e os antecedentes que a motivaram.

Desde as partidas de Martim Affonso para o sul com

Cap. VII
Mappa 10
(á margem)
(pag. 376)

o vento sudueste. Indo costeando a terra 1 tiro de



tres navios da sua armada a 1.º de março de 1531, da nau de João de Sousa para Portugal, e das duas caravelas Rosa e Princeza com Diogo Leite para o rio do Maranhão, ficara uma unica feitoria nessa costa do "pau brasil". Seria essa no rio de Pernambuco, no actual rio Igarassú, a mesma que fora abandonada por Diogo Dias quando atacada por um galeão de França, dois mezes antes de ali aportar a armada do capitão mór.

Após visita-la e antes da partida para o sul, nella M. Affonso deixara todos os doentes que trazia na armada.

Por essa epoca, se menos intenso era aparentemente o aparelhamento do curso francez em Dieppe e em Honfleur, por andarem subornados pelo thesouro de Portugal o almirante Chabot de Brion e outros influentes no governo da França, em compensação ao sul deste paiz, em Marselha, o commandante da esquadra franceza no Mediterraneo, Bertrand d'Ornessan, barão de Saint Blancard, naturalmente com o assentimento de Francisco I. mandava armar e, a seguir, desferrar o porto de Marselha, em dezembro de 1531, a nau *La Pèlerine* destinada á costa do pau brasil.

Era ella armada com 18 canhões de bronze e de ferro, guarnecida de 120 homens entre marinheiros e soldados, e trazendo armamento para desembarque e abordagem, como arcabuzes, béstas, lanças e o mais indispensavel ao guerreiro quinhentista. Commandava-a Jean Duperret ou Du Perret e tinha em mente: executar as ordens recebidas; commerciar com os indios; erigir fortalezas, ou melhor, estabelecer o que chamariamos hoje, uma base naval para os francezes na citada costa; cultivar a terra para que podesse abastecer as naus de França que ali constantemente vinham

bombarda per fundo de .xb. braças indo na gavia



resgatar o pau de tinturaria; e assim, tambem ajudar a extender mais ao sul do Atlantico o seu curso ás naus da India.

Devera assim ser esta missão, segundo bem exprime Gomes de Carvalho em - D. João III e os francezes - de character militar, maritimo e commercial, na qual mais uma vez Francisco I, poria muito das suas intenções de posse dessa costa brasileira.

Tres mezes após a partida de Marselha, chegava ella á costa de Pernambuco. Entre o cabo de Santo Agostinho e o porto de Pernambuco, na altura do cabo de Percaauri ou de Pero Cabarigo, deixara a nau apresada (A) por Martim Affonso a 31 de janeiro de 1531, foragidos o capitão e a sua companhia. Existiriam ainda sobreviventes della em terras pernambucanas? Com elles porém, ou sem elles, a bem guarnecida La Pèlerine atacava a feytorya do rio de Pernambuco, ou do actual rio Igarassú. Nesta, acharam portuguezes em mui pequeno numero, seis parece, certo os que Martim Affonso ahi deixara enfermos antes de partir para o sul em fevereiro de 1531; habitantes da "feytorya" e da fortaleza que, á frente de muitos indios, repelliram os primeiros ataques dos francezes inimigos com "o maior furor".

Se outra "feytorya" ahi existira ao tempo, que não esta, indubitavelmente a atacariam os ambiciosos pilhadores do "brasil", para assim melhor justificar-se o que documentos agora revelados procuram esclarecer.

as 9 oras do dia vi a ilha do sant alexo



Aonde pois, se não aquella a outra “feytorya” referida pelo Dr. Christophorus (dr. Christovão Esteves) e Lodovicus, em documento datado de 12 de julho de 1539 e presente ao Tribunal de Bayonne, como replica de seis portuguezes accusados pelo documento de Saint Blancard, armador da nau La Pèlerine? Seriam estes: Pero Lopes, Antonio Correa, Gonçalo Leite, Bartolomeo Ferraz, Gaspar Palha e o bispo D. Martinho, de Portugal.

Constam deste documento publicado na integra no fim do Volume II, duas passagens que devemos reproduzir, tal o valor de quem as vem de vulgarizar quando já concluido se achava o nosso trabalho.

De nove contrariedades ou “provarás” apresentados por Antonio Correa, Gonçalo Leite, Bartholomeo Ferraz e Gaspar Palha, ha um, o terceiro, assim redigido:

“Entendem provar que no anno de 1531” (aliás 1532) “em tal mes a nao e gente que se diz serem do auctor foram ter a fernambuquo porto do brasil, onde estava hum castelo e fortaleza feita por el rey noso sôr e seus vasalos portugueses a qual avia trinta anos e mais que no dito porto era feita e era o dito castelo e porto habitado pelos portugueses que tinham ay suas casas de morada avya quarenta anos e mais e ao tempo que se diz a nao do auctor ay chegar estava no dito castelo e feitoria do dito sôr e de muitos mercadores portugueses que tinham ay muitas mercadorias asi de Portugal pera tratar, como da terra que tinham avida, s”. pao de brasil algodões, pelles danimaes de diversas cores, papagaios e bugios e oleos e escravos e outras muitas mercadorias de muita valia e asi tinham muita artelheria de cobre e ferro e polvora e lanças e bestas

(184): demorava me ao norte e como me acheguei



espinguardas e outras armas offensivas e defensivas para sua guarda e contra seus imigos”.

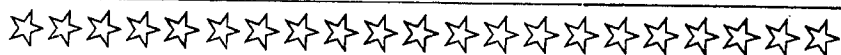
Cita ainda o dr. Jordão de Freitas (Lusitania, fasc. IX, vol. III) valendo-se desse mesmo documento original, o “primeiro provará” da contestação feita perante o mesmo Tribunal em nome de Pero Lopes de Sousa, partido já para India desde 24 de março desse mesmo anno (1539):

“Entende provar que em 1531” (aliás 1532, emenda de J. de Freitas) “ao tempo que o autor diz que a sua nao e gente achegaram a costa do brasil ao porto de fernambuquo e ja dantes avia mais de 30 annos estava no dito porto edificada e feita por portugueses vasalos del rey noso sôr huma fortaleza com casa de feitoria e nella estavam feitores e escrivães e outros officiaes do dito sôr e de muitos mercadores portugueses”.

E. ainda em sua ausencia e em seu nome inadvertidamente se fazia constar (§ 5.º): “Entende provar que tendo a gente do autor feitos os ditos males e danos, roubos e homicidios sobreditos, o dito réo” (Pero Lopes) “que hia deste Reyno por Capitam de certas naus em que levava muitas mercadorias”... (Vide Documentos).

Para não serem desmentidas as palavras do Diario e as cartas de doação de D. João III feitas a favor de Pero Lopes e de Duarte Coelho, em que se lê ter sido ahi em terras marginaes do que Pero Lopes chamou rio de Pernambuco (rio de Sta. Cruz, e hoje Igarassú), que Christovam Jaques “fez a pymeira casa de minha feytorya” ou “caza de Feitoria que de principio fez Christovão Jaques pello Rio dentro ao longo da praya”, — deverá concluir-se:

mais a ella vi húa nao que estava surta antre ella e



1.º): que não procedem as palavras da “contrariedade”, quando dão Pero Lopes partido com 2 naus, do Reino, em 1531 ou 1532; pois para o Brasil partira em 3 de dezembro de 1530, e nelle andara com Martim Affonso para só chegar a 4 de agosto de 1532 a Pernambuco, já desligado em S. Vicente do seu Irmão e capitão mór;

2.º): que essa feitoria não será a citada pelo erudito escriptor Jordão de Freitas, a não ser que no citado documento, onde se lê - trinta - se lesse treze, e onde se lê - quarenta e mais - se lesse quatorze e mais...

Tal não se dando, aonde seria pois esta feytoria, citada pelo documento de 1539, e que referindo-se a factos occorridos em 1532, faz remontar o estabelecimento de castelo ou fortaleza a 1502 ou a 1509, e o porto habitado por portuguezes que tinham “ay as suas casas de morada avya quarenta anos e mais”, a epoca anterior do descobrimento official do Brasil, mesmo anterior á viagem de 1498 que Duarte Pacheco Pereira assignala no “Esmeraldo”?

Ora, Caboto na expedição de 1526 e ainda, Alonso de Sta. Cruz, seu habilissimo piloto, só assignalaram na costa de Pernambuco uma feitoria com uma casa forte ou castello, — a do rio de Pernambuco — assim ao depois chamada por Pero Lopes. Nella, elles encontraram Manuel de Braga e 12 christãos, entre os quaes Jorge Gomes que se aggregou á expedição Caboto como informante capaz das riquezas ao sul do Continente. Christovam Jaques é quem havia officialmente fundado essa feitoria, no dizer de D. João III, e se mais alguma fundou não veiu ella a vingar, pois só a uma se refere o Diario: - á que em fins de 1530, declara ter sido saqueada por um galeão de França e abandonada pelo feitor Diogo Dias.

a terra: parecia ser mui grande: logo me deçi da



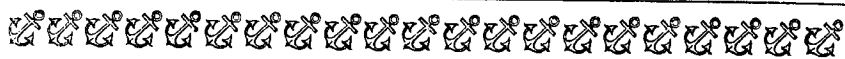
Verdade é que, no Diario, sempre o porto de reunião marcado para os navios vem a ser, não este da feitoria do rio de Pernambuco, porém o mais ao sul, na proximidade da barra do arrecife, o porto de Pernambuco: pois significativamente a elle se refere o Diario por duas vezes: de uma feita quando - os navios, parece, na altura da bahia da Traição - diz que Martim Afonso a elle se destinava “para fazer algúas cousas prestes para a armada”; mais adeante, quando antes de partirem deste porto os navios, nos informa terem ali tomado — agua e outras cousas de que tinham necessidade para proseguimento da viagem —.

Haverá assim omissão da parte dos navegadores citados a respeito dalguma feitoria existente neste porto de Pernambuco, ou mesmo na ilha Ascensão ou Itamaracá?

No “Regimento de Conesensa da Costa do Brazil”, 1540 — que o dr. J. de Freitas cita e do qual, graças a João Lucio e a Paulo Prado já possuímos copia tirada no Museo Britannico desde 1924, se lê logo na pagina de rosto: “a ylha de fernão buquo que se chama ylha lingoa dos negros “tamanaqua” (Itamaracá) e chama-se fernão buquo ovelho porque esteve ay permyro húa fortaleza delrey”. (Cat. Figanière. pg. 3. Museo Brit. Harl. 167 fl. 73).

Por esta declaração se vê que a feitoria de existencia mais antiga era a do rio de Pernambuco (Igarassú) tendo á sua foz a ilha Ascensão (Itamaracá), pois ahi ficou sendo depois da fundação de Olinda por Duarte Coelho, - o pernambuco velho -. Teria pois existido essa feitoria com fortaleza dos lusos na ilha de Itamaracá e depois desaparecido, antes da fundação de Christovam Jaques á margem direita do Igarassú?

gavia, e mandei fazer prestes a artelharía e mandei



O novo e imperfeito documento que a Lusitania traz á publicidade, apoiado nas palavras do Esmeraldo já conhecidas; na carta de Estevam Fróes; na de mestre João da armada de Cabral, ao falar do mappa em mãos de Pero de Vaz Bisagudo; na tenção sempre manifestada por D. João II de buscar terra ao occidente e ao sudoeste do archipelago de Cabo Verde, — vem agitar sem o devido fundamento, e mais uma vez, a idéa do descobrimento precolumbiano do Brasil pelos portuguezes. Pensamos que outros documentos mais idoneos ainda serão necessarios para maior esclarecimento desse valioso thema.

Contentemo-nos, pois, em continuar a narrativa que vinhamos fazendo da chegada e ataque ás costas pernambucanas da nau “La Pèlerine”, tida nos provarás de Antonio Correa, Gonçalo Leite, Bartolomeu Ferraz e Gaspar Palha, como a antiga nau portugueza Sam Tomé - tomada e roubada pelos francezes a um André Affonso, da cidade do Porto (Vide - Documentos).

Vencedores os atacantes francezes dessa unica feitoria portugueza que vingava á margem do Igarassú, deram todos começo á construcção do pequeno forte, não se sabe se nesse local da feitoria e castello combatidos, ou se na atalaia desse mesmo rio de Pernambuco - e antiga I. Ascensão ou Itamaracá - segundo o que argue frei Vicente do Salvador, na sua Historia do Brasil.

Consumiu essa obra de defesa militar 4.000 ducados, e dizem, nella andaram tambem empregados os portuguezes ahi feitos captivos.

Apparelhado o fortim ou essa base franceza — que talvez de la Roncière desse como na ilha de Sto. Aleixo —

fazer sinal ao galeam que vinha por minha popa e



largou a nau La Pèlerine destino da Europa, sob o mando do senhor du Barran ou de la Barre, tendo a previdencia de deixar a fortaleza guarnecida com 70 homens capitaneados pelo senhor de la Motte, segundo informação colhida na carta de D. João III a Martim Affonso.

Levava La Pèlerine ainda 50 marinheiros homens d'armas e ia bem abastecida de carga, segundo os interessados, constante de "5.000 quintaes de brasil e trezentos de algodão, 600 papagaios, grande numero de macacos e muitas bugiarias, tudo no valor de 62.300 cruzados".

Não a guiara porem, a bôa fortuna: aportando, por falta de mantimentos, ao porto de Malaga, ahi encontrava uma armada portugueza de 10 caravelas e de outros navios ao mando de Antonio Corrêa. Andavam estes, justamente empenhados em guardar dos corsarios "as costas do Reino" e tambem "os portos dos Algarves das arremettidas dos mouros".

Trazia a capitanea por seu passageiro de distincção, ao bispo D. Martinho de Portugal, prestes a partir para um porto italiano e dali para Roma em missão de D. João III junto ao Papa. Era o seu encargo confidencial e importantissimo, qual o de conseguir fosse instituida em terras portuguezas — a Inquisição — o maior flagello que viria precipitar a decadencia do prospero Imperio maritimo.

Ancorada a nau La Pèlerine no porto de Malaga, como narrámos, offereceu-lhe Antonio Correa trinta quintaes de biscoito, por sabe-la falta de mantimentos. E, ao mesmo tempo, inquerindo-lhe a procedencia e tendo-a como chegada do Brasil e a caminho de Marselha, offere-

em chegando a mym lhe disse que pusesse a arte-



ceu-se-lhe industriado por D. Martinho, a comboia-la até este porto.

Partidas de Malaga a nau franceza e a armada de Portugal, amarados já 50 leguas ou cerca de 180 milhas, ia o plano urdido por D. Martinho, ser executado por Antonio Corrêa a 15 de agosto de 1532. A pretexto de estudo da derrota, chamou o capitão portuguez a bordo da sua capitanea, os pilotos de todos os seus navios e mais o commandante, mestre e outros francezes de categoria, embarcados na nau corsaria.

Bem succedidos os portuguezes, foram os incautos corsarios aprisionados com *La Pèlerine*, arribados a Malaga e dahi mandados a Portugal.

Onze dias antes desse feito occorrido em costas espanholas da Andaluzia, chegava, — volvendo-se agora o pensamento para as costas de Pernambuco — á vista da ilha de Sto. Aleixo, de regresso do sul do Brasil aonde deixara Martim Affonso colonizando terras vicentinas — o bravo Pero Lopes de Sousa com a sua nau *N^a*. *Senhora das Candêas* e o galeão *Sam Vicente*.

Do alto da gavea da capitanea avistava elle junto á ilha uma nau, que suppoz inimiga.

Aprestou os seus 2 navios para o combate naval imminente, pois que se a nau fosse de França “avia de pelejar com ella”.

Não traria elle os seus navios senão com 53 homens darmas, 30 dos quaes desaparecidos para o combate, conforme ao alardo feito na bahia de todos santos.

E dahi, teria Pero Lopes combatido a nau avistada e a teria vencida?

lharia em ordem, e se fizesse a gente prestes por-



As paginas em branco junto ao manuscripto encobrem justamente as façanhas do bravo capitão, mas a reclamação franceza nos induz a ver esta nau citada como batida por Pero Lopes e aggregada á força naval. Além do mais, diz Paul Gaffarel (Hist. du Brésil Français, pg 97) que Martim Affonso (em vez de Pero Lopes) quando de regresso do rio da Prata, e a 15 de agosto de 1532, “não longe da ilha de Sto. Aleixo, perto do cabo de Sto. Agostinho, se apoderou de um quarto navio francez (na vinda já haviam sido apresados tres) - armado de oito canhões”, assim como de um quinto navio carregado de munições de guerra, destinadas ao fortim francez ali levantado. Dar-se-ia depois por Pero Lopes o ataque á fortificação inimiga commandada pelo senhor de la Motte e defendida por 70 homens parece, segundo a carta de 28 de setembro de 1532 de D. João III a Martim Affonso, ou por “50 arquabuzeiros com duas peças muito grossas dartelharia de metal e pequenas dez ou doze, outro si de metal com as que acharão la de S. A. na fortaleza q. tomarão”. (Carta de D. Martinho, Hist. Col. Port. - Vol. III, pg. 152). A noticia que a carta de D. João III assignala foi colhida entre prisioneiros da La Pèlerine.

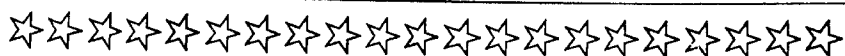
A fonte franceza ainda nos informa ter-se esta occorrença dado depois de agosto e antes de novembro de 1532, e ser precedida de bloqueio e ataque de tres naus contra setenta combatentes francezes do fortim ahi alteado; bloqueio e ataque que duraram 18 dias e foram seguidos da esperada capitulação. (Prot. Saint Blancard).

Promettera Pero Lopes, diz a versão franceza, ao senhor de la Motte e aos outros combatentes e inimigos, ga-

Cap. VII
Mappa 10
(á margem)
Combates
de Pero Lopes

que se a nao que estava na ilha surta fosse de França avia de pelear com ella. (185)

(pg. 365)



rantia de vida assim como de transporte a logar seguro, aonde se lhes dêsse liberdade, mas tal não praticara: antes levara á forca o capitão francez e a mais 20 francezes, conduzindo os restantes prisioneiros a Portugal. Ainda ahi, diz o documento, foram onze desses enforcados, quatro mortos de maus tratos, e sómente poucos dos restantes, libertos.


As paginas das “Lendas da India” (tomo IV) haveriam de confirmar depois a natureza impetuosa e despotica de Pero Lopes, descripta por Saint Blancard.

Mas, pelo documento da Torre do Tombo precitado, na contrariedade “feita em nome de Pero Lopes, ausente na India, ainda se lerá (§ 9.º): “Entende provar que comprindo ele réo da sua parte o que asi tinha prometido á gente do dito autor ordenou por vezes de matar a ele réo a treição, e defeito cometeram matalo, induzindo para isso alguma gente da terra”...

E mais adeante: ...“que estando ele réo húa noite assentado em húa pousada em terra, e tendo húa candea acesa, e se tiraram por hum burquo com húa frecha e com húa seta de farpas e lhe deram húa seta da per húa ilhargua”... E ainda mais: “que mandou fazer justiça dalgûs que achou mais culpados e hum ou dous dos ditos culpados se lançaram com os silvestres e os outros trouxe ele réo para Portugal...”

Bem perto destas palavras andam as de frei Vicente do Salvador, na sua Historia do Brasil. (An. Bib. Nac. R. de Janeiro - Vol. XIII, pg. 54).

Sexta-feira xbij do (186)



Apoderando-se Pero Lopes do fortim francez que ali em costas pernambucanas seria futura garantia para a pilhagem do brasil, ergueria em Itamaracá um novo forte portuguez — ou quem sabe, se no porto de pernambuco onde veiu a aportar para seguir com as naus e alguns prisioneiros francezes com destino ao Reino. Certo, ficaria outra vez a tremolar vencedor na costa de pernambuco ou na região mais valiosa do pa o brasil, o pavilhão da Lusitania sobre um baluarte del rey, e guarnecido com gente sua, tendo por capitão a Vicente Martins Ferreira e por condestavel a Diogo Vaz.

Só no anno de 1533, e pouco antes de ahi chegar Martim Affonso, aportaria em Pernambuco, vindo na caravela Espera, Paullos Nunes, substituto de Vicente Martins Ferreira. Tomaria então posse do cargo de condestavel do forte Pero ou Christovam Franco e seria rebaixado ao de bombardeiro, Diogo Vaz.

Estava já anteriormente cumprida a missão de Pero Lopes na expedição de 1530 ao Brasil. Velejava elle agora a caminho de Portugal, acclamado intrepido guerreiro e marinheiro illustre: breve seria o arguto escriptor de estilo pittoresco que o seu Diario revela e a cuja copia seria apposto o seguinte titulo:

“Naveguçam q fez p.º lopez de sousa no descobrimento da costa do brasil militamdo na capitania de martim a.º de sousa seu irmão: na era da emcarnaçam de 1530”.

Cap. VII
Mappa 11

Segunda-feira 4 dias do mes de novembro da era de 1532 parti do porto de Pernambuco com o vento da terra. Sendo ao mar hũa legua se fez o vento nordeste e fiz me na volta do sueste ate a terça-feira no quarto da prima que se fez o vento leste e virei no bordo do norte, ate quinta-feira ao meo dia que tomei o sol em .b. graos e .l.bj. meudos. Sesta-feira biiij de nouembo fazia o caminho do



PERNAMBUCO -
- (APPROXIMADAMENTE) 11° 10' NORTE

Cap. VII
Mappa 11

No dia 4 de novembro de 1532, a favor do terral amarou-se Pero Lopes com os seus navios; e a cerca de 4 milhas, como soprasse o - nordeste -, procurou ganhar barlavento ao rumo do sueste. Assim navegou desde esse dia até o quarto da prima ou primeiro quarto da noite de 5 de novembro, quando soprou o vento do léste.

Com esse vento á feição podia singrar francamente ao norte da sua agulha ou ao N4 NO verdadeiro deve-se suppor, entrando-se em conta com a quarta que o Diario dará por abatimento da agulha da nau N.^a Senhora das Candeas. Assim andou até o dia 8, quando por ter notado talvez cahimento com a corrente batida de vento do léste, abriu mais o rumo para o de norte quarta do nordeste, ou melhor, quasi ao norte verdadeiro.

Foi nessa singradura até o dia 10 já dentro na corrente equatorial e depois no ramo ascendente desta, após a bifurcação que a mesma soffre na altura do cabo de Sam Roque. Com ella descahiram as naus para o no-

norte e a quarta do nordeste. Ao meo dia tomei o sol em 5 graos e 3 quartos.

Sabado 9 dias do dito mez fazendo o dito caminho ao meo dia tomei o sol em .4. g. demoravame o cabo de santagostinho ao sul e a quarta do sudoeste fazia me delle 80 leguas. A ilha de Fernam de Loronha me demorava a leste e a quarta do nordeste: fazia me della L. leguas.



roeste e, depois de haverem montado os perigosos baixios ditos os Esparrachos. Nesse rumo ainda foram a passar safos das Roccas descobertas, como dissemos no capitulo I.º, por Gonçalo Coelho em 1503, nas tristes circumstancias de um naufragio.

Seriam estas o praccell ou o parcel, que o portulano Reinel nos dava na latitude de 1.º 30' sul, isto é, 2.º e 20' mais ao norte da verdadeira posição dellas, ou os recifes que Viegas fixava nascendo ao nornoroeste da ilha de fernão de loronha e desaparecendo aos 2.º de latitude sul?

Fazendo o caminho citado, a 9, deixavam os navios de Pero Lopes, a cerca de dois graus ao oriente a y lha de fernã de loronha (ilha Fernando de Noronha), e na proximidade de 40 milhas, as Roccas; e ao meio-dia, calculando a sua latitude, achava o capitão portuguez pela altura meridiana do sól: 4 graus da banda do sul da linha.

Dia 10, encontrava calma, e tinha-se ao meio dia em 2.º e 30' sul. Dia 12, abria uma quarta ao rumo, por se fazer o vento do lessueste; e não só por isso tambem, como por dizer que “essa quarta” corrigiria o “abatimento” da agulha da sua capitanea: era a correccão que fazia á agulha de 11.º e 15' para o nordeste.

Domingo com o vento leste e o mar mui chão e os dias mui craros que nesta parajem se acham muy poucas vezes fazia o caminho do norte e ao meo dia tomei o sol em .2 g. e meo.

Segunda-feira xj dias de novembro: no quatro dalua se me fez o vento lessueste: fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste por dar abatimento as agulhas que me noresteavam húa quarta (187).



Marcara o seu ponto na carta no dia 9, num desses portulanos do tempo, em que as coordenadas das ilhas muito mais que de certos pontos nos continentes, se mostravam incorrectas. Assim, nesse dia, suppondo-se a 80 leguas ao N4 NE, provavelmente ao norte verdadeiro - do cabo de Sto. Agostinho, de mui pouco errava ou parecia errar, se bem que os Reinel dessem o cabo fremoso ou Santo Agostinho, em 8.º e 30' de latitude sul; mas em compensação da ilha Fernão de Ioronha para os Reinel em 3.º e 20' e para Viegas a desenvolver-se exageradamente com escolhos entre 3 e 4 graus - dava mal estimado o seu afastamento durante a navegação, em cerca para menos de 50 milhas.

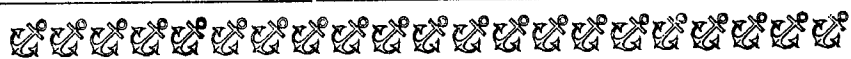
Mas montados o cabo Sam Roque e os baixios proximos, deixadas por boreste sem avistar - as Rocas e muito menos a ilha Fernando de Noronha, veiu em 2.º e 30' sul a encontrar "mar chão" e "os dias muy craros que nessa parajem se acham muy poucas vezes"...

Fez-se elle logo ao norte da sua agulha, mas parece, ao norte da quarta do noroeste verdadeiro, nessa região das

Ao meo dia tomei o sol em .I. g. e um quarto.

3.^a feira xij do dito mes fazia o dito caminho e ao meo dia tomei o sol em 16 meudos. Demorava-me a ilha de fernam de lronha ao sul e a quarta do sudueste: fazia me della lxb. legoas: o penedo de sam pedro me domoraua ao nordeste: fazia me delle liij legoas.

Quarta-feira xiiij de novembro com o vento les-



calmas equatoriaes, certo, para se afastar do praccell ou parcel - dado na carta Reinelliana em 1° 30' sul — talvez as Roccas mal assignaladas, porque Viegas em 1534 as prolongava de um grau e como fazendo parte ao noroeste da ilha Fernando de Noronha -. Este afastamento tambem desejaria Pero Lopes manter para passar safo do penedo de Sam pedro (penedos de São Pedro e S. Paulo) dado no citado Reinel como um só, e em latitude de 1.°30' ao norte da linha. Mas não haveria elle de exagerar esta precaução, sabendo que os navios vinham sobre corrente a faze-los descahir para o quadrante do noroeste, e mostravam “abatimento” da agulha, francamente neste quadrante.

Poude Pero Lopes porém, ordenar seguissem ao rumo do — norte da quarta do nordeste — provavelmente, chegando-se ao do norte verdadeiro.

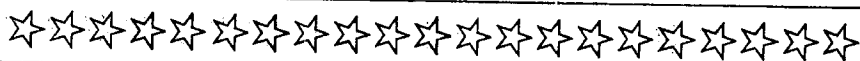
No dia 11, tinha por sua latitude ao meio dia, 1.°15' sul; no dia 12 por latitude 16 minutos ao sul da linha, e marcava o ponto no portulano referindo-o á ylha de fernam de lronha e ao penedo de Sam Pedro em distancias, a nosso ver, bem incorrectas.

No mesmo dia teriam os navios passado a linha equatorial, e a 13, já em latitude de 1.° norte, confirmava o que subiamos sobre o “abatimento” da agulha da capitanea. Nes-

sueste fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste por dar a dita quarta dabatimento as agulhas (188): ao meo dia tomey o sol em .l. .g. da banda do norte.

Quinta-feira xiiij do mes ao meo dia tomei o sol em 2. g. e um terço e a tarde se fez o vento sueste e fazia o caminho ao nordeste e a quarta do norte.

Sesta-feira polla menhã se fez o vento lessu-



se mesmo dia cortava o paralelo do penedo de Sam pedro (1.º30' norte em Reinel e 55' e 30'' nas cartas modernas), e parece, a mais de 5 graus ao occidente delle. São esses penedos visiveis ao navegador á distancia de cerca de 9 milhas: foram descobertos em 1511 pela armada de Jorge de Brito a caminho da India, e em nossos dias pela primeira vez visitados em avião pelos dois lusiadas dos ares — Gago Coutinho e Saccadura Cabral. Como os lusiadas quinhentistas não desmentiram estes as glorias scientificas de um Pedro Nunes, a pericia e o saber de um Duarte Pacheco e de um D. João de Castro, e sobretudo, o valor da raça immortalizada por Camões.

A esses marcos historicos em lucta heroica sempre com o oceano, chamou Gaspar Viegas em 1534 o penedo lorronha a que deu a latitude norte de 2 graus. Por engano talvez o fizesse, e quando pretendia dar tal designação ás Roccas tão mal assignaladas no seu portulano.

Pelo dia 14, teve Pero Lopes por sua latitude ao norte da linha, dois graus e vinte; e dia 15, pela altura meridiana do sól, obteve a de 3.º e 38 minutos.

Já montava os lindes dos ventos aliseos do sueste, no outro hemispherio. Dia 16, calculou achar-se a 4.º e 16'

este e tornei a fazer o caminho do norte e a quarta do nordeste e ao meo dia tomei o sol em 3. g. e xxxbij meudos.

Sabado fazia o dito caminho. Ao meo dia tomei o sol em 4. g. e xbj. meudos.

Dominguo xbij de nouembro fazendo o dito caminho tomei o sol em .5. g. e demorauame o penedo de sam pedro ao sueste: fazia me lxx e çinquo le-



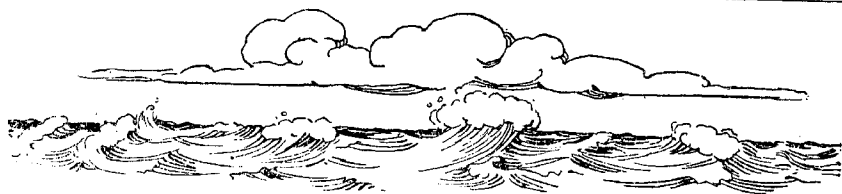
norte, e dia 17, aos 5.º, para marcar o seu ponto na carta tendo-o em referencia ao penedo de Sam Pedro e ao cabo Verde na costa da Africa, e a distancias que não poderiam ser certamente, das mais precisas.

Antes que houvessem os navios alcançado o linde meridional, no hemispherio do norte, dos aliseos do nordeste, contrastes de tempo os esperavam: trovoadas desse quadrante com muito vento. Calma tiveram a seguir. Dia 20 veio-lhes forte o vento do nordeste com mar grosso: passaram a navegar ao - noroeste - da agulha, ou ao noroeste quarta do oeste verdadeiro, pensamos nós, e ahi nessa marcha, teriam montado o linde meridional, no hemispherio norte, desses mesmos aliseos.

Só a 22 veiu a abonçar o tempo, que obrigou Pero Lopes a pôr os navios a caminho, para o noroeste.

A 23 pronuncia-se-lhes o aliseo do nordeste acompanhado de mar atravessado e de "agoagem que vinha de léste", o que levaria a nau de Pero Lopes a cair ainda para o noroeste, - uma vez que em menos de 7 quartas não bolinariam as suas naus. - Sendo aos 27.º e 30' norte o linde septentrional dos aliseos do nordeste nesse hemispherio, ainda assim poderia elle ganhar barlavento para de-

gouas: demoravame o cabo verde ao nordeste: fazia-me delle ii. e quarenta legouas. Esta noite no quarto da modorra me deu hũa muj grande travoadada de les-nordeste com muito vento e aguoada que ficou em calma ate quarta-feira xx do mes que no quarto dalva me deu mujto vento nordeste e com mui grande mar que esta noite estive em condição de aRibar por mo requerer o piloto da outra nao dizendo que se ia



pois fazer outras singraduras que os levassem ás ilhas Terceiras, pensamos, e a Portugal.

Mas se a 24 de novembro de 1532, quando se achariam, supponho, a mais de 11.º de latitude norte, não houvesse Pero Lopes interrompido o Diario que deu causa ao nosso trabalho, sobre esse fim da derrota nos seria dado falar e provavelmente corrigir algumas dessas nossas observações.

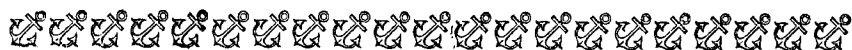
As cinco folhas em branco do codice descoberto e publicado por Varnhagen tornam para nós mysteriosas as singraduras ainda feitas nos mares atlanticos, e obrigam-nos a silenciar sobre a ultima etapa da jornada, que terminaria em fins de 1532 ou nos primeiros dias de 1533, com a chegada das suas unidades navaes a Faro, em Portugal.

Pero Lopes seguiria logo para Evora, residencia de D. João III e da Côrte, e aonde parece ter chegado ainda em janeiro de 1533.

Mandadas por disposição regia foram para o porto de Lisboa as naus "apresadas" e tambem o galeão Sa m Vicente, - o unico da armada affonsina que realizou por

ao fundo com hũa aguoa que se lhes abrija asi fomos com este temporal com os papafiguos mui baxos fazendo o caminho do noroeste ate sexta-feira que ao por do sol abonançou mais o tempo.

Sabado ao meo dia tornou o vento nordeste a ventar com mujta força que o nam pude soportar as velas e as mandei tomar e estive este dia todo de mar em traves com muj grande mar e aguojem que vinha de leste.

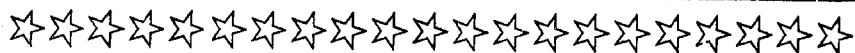


completo e expedição -, e para o presidio do Limoeiro daquella cidade, os prisioneiros francezes em numero de trinta. (Hist. Col. Port. cartas D. João III, Vol. III, pgs 156, 157).

O Diario sobre este ponto nada nos esclarece, antes deixa ao leitor acreditar ter Pero Lopes levado sob a sua insignia só duas naus, principalmente por dizer que no dia 20 de novembro de 1532 lhes dera muito vento do nordeste com muito mar, quando premeditava arribada, por lho “requerer o piloto da outra nao, dizendo que se ia ao fundo”... Mas não chamassem os pilotos ou capitães desse tempo, por náos, quando em frota ou armada, a todos os navios reunidos!...

Convem todavia aqui repetir a noticia dada por Gafarel, do apresamento de duas naus na costa de Pernambuco, feito em 15 de agosto de 1532: de uma, proximo á ilha de Sto. Aleixo, armada de oito canhões, que opinámos ser a avistada a 4 de agosto por Pero Lopes já de regresso do rio da Prata; e de outra, talvez pela mesma data, “quando chegava da Europa carregada de munições de guerra” destinadas ao fortim francez levantado na costa de Pernambuco. (Hist. du Brésil Français - pg 97).

Dominguo (189) e (190)

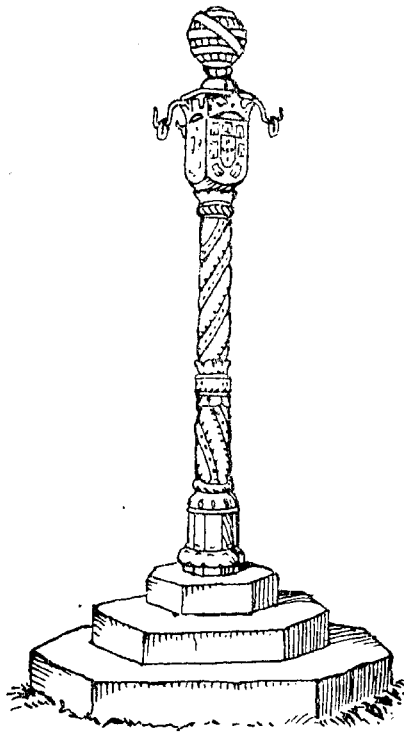


Não será também demais lembrar que a sua capitanea, a nau N.^a Senhora das Candêas, fôra também nau franceza por elle apresada a 2 de fevereiro de 1531.

Nada disso diminuirá entretanto as glorias do bravo capitão, nem o renome que virá a alcançar com a sua chegada ás ribeiras tejanas, onde espectaculo pittoresco e inédito o annuncia.

Era a cidade de Lisbôa então e ainda a rainha dos mares; e por ella, para gaudio dos nobres e deleite do povo estonteado com “os fumos da India”, mandava D. João III passeiassem, por esses dias, os quatro caciques trazidos pelo bravo capitão das Terras do Brasil, vestidos de seda e com honras de reis.

Não procede de modo diverso ainda hoje, a Inglaterra, com os marajahs das “suas” Indias . . .



CAPITULO VIII

SAM VICENTE

CAPITULO VIII

SAM VICENTE

Remontam ao apparecimento da carta de Canerio (1502), as designações: porto de sam visenso e rio de Cananor. Reproduz taes baptismos de pontos da terra de Santa-Cruz, Waldseemüller em 1507, como portus s. vicêti e rio decananorum, e em 1516, como porto de vincêcio e rio de Cananorum. Ruysch assim tambem o faz, e dois dos portulanos dos Reinel os dão, pela primeira vez em lingua portugueza: Rio de Sam Vicente e rio de Cananea (Kunstmann II.º), como tambem porto de Sam Vicente e Canané.

O Regimento de Evora assignalaria tambem o Rio de Canané em 24.º de latitude no hemispherio Meridional. Releva, outrosim dizer que desde 1505 Duarte Pacheco Pereira, no "Esmeraldo de Situ Orbis", dava uma ilha de Sto. Amaro como linde meridional do Brasil e com a latitude de 28º e 30' sul.

Viria esta a ser a futura ilha de Sto. Amaro só assim nomeada em documentos officiaes após 1545?

Para o conhecimento inicial desta costa vicentina, contribuíram em primeiro logar, a primeira expedição de Gaspar de Lemos ou André Gonçalves em 1501, e a de Gonçalo Goelho em 1503, de ambas das quaes faria parte Vespucci. De uma destas foi deixado em terra, no littoral de Cananéa, um bacharel lusitano, e a elle se vieram jun-

tar em S. Vicente outros portuguezes, alguns dos quaes genros seus.

Guardam as chronicas da epoca ou fazem auctores modernos referencias aos seguintes nomes de europeus, habitantes até 1531 das terras vicentinas: o bacharel; Gonçalo da Costa; Antonio Rodrigues; João Ramalho; mestre Cosme; Duarte Peres ou Pires, até mesmo, um Duarte Coelho, afóra naufragos de um navio sossobrado ao largo das ilhas dos Porcos, e de capitães, pilotos e embarcações portuguezes, espanhoes ou de outras nacionalidades de passagem pelos portos dessa costa.

No antigo porto de S. Vicente abasteceram-se de escravos principalmente duas expedições espanholas, uma das quaes em terra vicentina deixara castelhanos. Em Cananéa, de onde, segundo alguns auctores, partira Aleixo Garcia em busca das minas do Paraguai ou do Perú, veio Martim Affonso a encontrar, segundo o Diario de Pero Lopes, 5 ou 6 espanhões acompanhando a Francisco de Chaves e ao bacharel.

Poucos dentre esses todos ao correr dos tempos vieram a ser identificados pelos historiadores, e jamais um delles, pelo verdadeiro nome, o bacharel, primeiro habitante europeu das terras sulinas do Brasil.

Quer Candido Mendes que se tome a João Ramalho pelo bacharel, mantendo desaccordo contra as opiniões de Varnhagen, Medina, Charlevoix, Ruidiaz de Guzman e de documento de subido valor citado por Azevedo Marques.

Medina dá tal personagem historico como Duarte Coelho, sogro de Gonçalo da Costa (Medina - Gonzalo d'Acosta, pg. 20), asserção mal justificada, ainda que hoje se o saiba companheiro de Gonçalo Coelho, seu pae, na 2.^a viagem exploradora da costa do Brasil, em 1503 (Hist. da Col. Port. vol. 2.^o pg. 308). Varnhagen dá o bacharel como Gonçalo da Costa, o que a viagem de Martim Affonso destroe por completo, uma vez que sabemos, a esse tempo, terem sido entabuladas negociações entre Gonçalo e D. João III, quan-

do havia aquelle já regressado á Península a bordo da nau N^a. S^a. do Rosario, capitanea de Diego Garcia de Moguer; e de como, o dito Gonçalo, fugindo de Portugal, se recusara embarcar na expedição de 1530, voltando-se, de então, inteiramente ao serviço do rei espanhol.

Quer Ruidiaz de Guzman, e o repetem Charlevoix e Simão de Vasconcellos, que seja o bacharel um Duarte Perez, dado por fidalgo portuguez desterrado pelo rei D. Manuel na costa de Cananéa. Elucida Guzman este passo citando que, quando Ruy Garcia de Mosquera se aposara de Cananéa para a coroa espanhola, teve ao bacharel como seu hospede "e a toda a sua casa, filhos e criados", (Argentina, pg. 54).

Candido Mendes tendo a João Ramalho como o bacharel, não é tambem feliz na escolha, uma vez que para contraria-la basta citar-se um documento do livro da vereança da Comarca de S. Paulo, datado de 15 de fevereiro de 1564, e em que se lê a declaração de João Ramalho não aceitar "o cargo de vereador para que fôra eleito, por ser homem velho que passava de 70 annos". (Actas da Cap. de S. Paulo, Vol. I, pag. 37). Em face deste documento só se poderá concluir que João Ramalho não foi o bacharel degredado, viajante de uma das expedições 1501 ou 1503. E não sendo elle o bacharel - porque, diz o Diario de Pero Lopes a 17 de agosto de 1531 "havia trinta annos que estava degredado nesta terra" —, seria um dos genros desse bacharel e algum viajante tambem das primeiras expedições, vindo depois a viver em terra vicentina?

Tal não se pode tambem affirmar. O que delle se sabe sem desmentido, é que, ás vezes, descia João Ramalho ao littoral dessa terra, pois morada mais certa lhe era serra acima, na região que deixava de ser da matta para pronunciar-se como dos - campos de Piratininga.

Devia o goianá por essa epoca, dominar as ribeiras das ilhas futuramente chamadas S. Vicente e Sto. Amaro, uma destas, ainda na cartographia antiga chamada dos

Gayonazes ou a dos Gayonos (Reinel, Paris) e dos Goanas (mappa Kunstmann, carta II.º).

Não foi então João Ramalho passageiro das duas primeiras expedições portuguezas oficialmente conhecidas?

Se o não foi, como veio elle então, a ahi aportar tão cedo?

Instrue-nos Oviedo, citando Alonso de Sta. Cruz, da chegada a esta costa - posteriormente portanto, a do bacharel, - de outros portuguezes de uma nau sossobrada junto a duas ilhetas, talvez "as Busios", ao sueste de uma das ilhas dos Porcos — e dessa a uma distancia por elle exaggerada de 8 a 10 leguas. Haviam esses portuguezes, segundo essa fonte espanhola, demandado essa "ilha dos porcos montezes" e depois buscado refugio no rio ou no futuro porto de escravos de S. Vicente.

D'ahi, parece, nasceu o encontro desses naufragos portuguezes com o bacharel, e se originou o pequeno povoado ou "o pueblo de San Biciente" citado por Alonso de Sta. Cruz, na ilha ao depois S. Vicente, em local em que se poderia estabelecer habitação fóra dos mangues salgados ou dos alagadiços, a esse tempo, em grande extensão na referida ilha.

Seriam João Ramalho, Gonçalo da Costa, Antonio Rodrigues, alguns desses infelizes naufragos?

Se o foram, desde essa epoca, Gonçalo e Rodrigues passaram a ter residencia no littoral desta ilha (ao futuro, de S. Vicente), emquanto João Ramalho identificado com elles, com o gentio que extendia o seu dominio desse littoral até além sobre serra sob o mando do morubixaba Tibirecá, ia estabelecendo até os campos de Piratininga a posse das terras sertanejas que alcançara.

Das luctas ao sul, entre os carijós e os tupiniquins, com os quaes lentamente buscaram alliança, como tambem dos encontros talvez já destes contra os tupinambás ou tamoiós, mais do norte, procuraram aproveitar-se os portu-

guezes, tomando assim mais braços para a rudimentar lavoura por estes criada nas terras de serra abaixo.

Com o captivo a que sujeitaram esses selvicolas, valendo-se de crystaes, ferramentas e ornamentos com que os livravam da anthropophagia dos contrarios, iam ahi accumulando uma grande população gentia, o que lhes haveria de suggerir, o tornarem esse recanto - um porto de escravos - buscado como foi a seguir por algumas expedições maritimas.

Ahi, por esses dias, se encontraria modesto estaleiro, onde assistia Gonçalo da Costa revezando o seu engenho de constructor naval com o seu tino de mercador de escravaria humana.

Segundo alguns chronistas, a passagem dos sobreviventes da expedição Solis por essa costa se haveria dado, e mais certamente, a de 7 ou 9 espanhoes que o acompanhavam, e mais tarde, foram aprisionados por portuguezes no local que chamariam - o rio dos Innocentes -, identificado pelo historiador Herrera com - o porto de S. Vicente - e imprecisamente por Varnhagen com o rio Iguape.

Deveriam esses portuguezes, já ahi residentes, ter desses espanhoes, companheiros de Solis algumas novas da prata e ouro que os primeiros aventureiros buscavam; mas a distancia, a incerteza do caminho a percorrer, o despercebimento de armas em que se encontrariam, haviam de lhes abater o animo para tão ardua conquista e antes, estimulalos a aterem-se ao seu "porto de escravos", ou ao povoado de Sam Vicente.

A fama deste já corria na peninsula iberica, porque pouco depois era estancia buscada pelos navios de Rodrigo d'Acuña, Diego Garcia de Moguer e Sebastian Caboto.

Destas expedições, a de D. Garcia e a de Caboto veem intensificar o trafico humilhante, favorecer alguma construcção naval, estimular a producção agricola ou não, indispensavel ao abastecimento dos navios ahi aportados.

Sabe-se que em 1530, seguros de fundeadouro, uma vez vencida a entrada da barra do antigo porto de S. Vicente - como chamavam á entrada da barra da actual bahia de Santos - montada a ponta da Capetuba ou dos Limões, já no remanso das aguas ao abrigo da outra ponta, ou talvez até no começo do canal, passaram refrescando os navios de Caboto, de volta do rio da Prata; e do trato que mantiveram com os portuguezes residentes na ilha fronteira, futuramente chamada de S. Vicente, advieram beneficios e lucros para os navios e para os habitantes da terra então mercadores de gallinhas, de porcos, de pescado e de levas de selvagens captivos com destino á Espanha.

Antes desta expedição ja havia visitado este porto - D. Rodrigo de Acuña, da armada de Jofre de Loaysa, e depois deste e antes de Caboto, Diego Garcia de Moguer. Da primeira vez, ao fim do anno de 1526 a janeiro de 1527, teve este capitão valioso auxilio dos portuguezes ahi residentes - o bacharel e os seus genros - com os quaes celebrou uma carta de fretamento de 800 escravos para uma das suas naus, a maior e que pelo calado não julgava capaz de entrar no rio Solis. Tal numero de gente se nos parece excessivo, mesmo em se tratando de embarca-la em todos os navios da frota expedicionaria; dessa frota, que a 15 de janeiro de 1527 deixava esse porto, abastecida de mantimentos da terra, lenha e vitualhas, e, com um bergantim ahi comprado a um dos genros do bacharel. (Memoria, D. Garcia, - Madero, pg. 355). Devera o vendedor de tal barco ser Gonçalo da Costa, o mesmo que passava a demandar nessa frota o rio de Sta. Maria ou da Prata dos portuguezes e Solis dos espanhóes.

Do regresso de Gonçalo da Costa deste rio ao porto antigo de S. Vicente, como da chegada do capitão Rojas, abandonado por Caboto no porto dos Patos quando de viagem para o sul, basta que se diga ter este Gonçalo da Costa chegado antes de Diego Garcia de torna viagem a S. Vicente, e dado prestimoso apoio a

Rojas tão miseravelmente abandonado pelo capitão mór espanhol.

Da já mencionada passagem de Sebastian Caboto em 1530 por este porto de regresso á península iberica, tambem se narra que ahi viera a encontrar a Rojas homiziado na casa de Gonçalo da Costa, a quem este auxiliava no fabrico de um bergantim.

Rojas, intimado pelo seu perseguidor a recolher-se preso a bordo da Capitanea, respondeu-lhe com sobranceira, recusando-se cumprir a ordem dada, pois dizia achar-se em terras da corôa de Portugal; e accentuava esta resposta com uma certa ironia, solicitando a Caboto lhe cedesse o piloto Henry Latimer, alguns operarios e mais 5 ou 6 marinhos necessarios ao bergantim que estava construindo com o seu protector.

Feita esta intimação em terras de S. Vicente por Alonso de Sta. Cruz, Antonio Ponce e Juan de Medina, - em terras que, para o primeiro e emerito cosmographo, eram de posse espanhola e usavam os portuguezes de deslocar para o oriente de mais 4 graus, - ultimou Caboto a compra de 55 escravos ao proprio Gonçalo da Costa ou a um dos outros genros do bacharel, pagando-lh'os ao preço de 5 ducados cada um, ou com ferro velho, camaras de lombardas ou bombardas e outras cousas mais. Com um Fernand Mallo, diz Medina, (Caboto, pg. 163) haver o chefe da frota trocado escravos por contas, anzóes, pedaços de ferro e até por um "pasamuro roto", peça de artilheria impres-tavel para a guerra.

Do que vimos de narrar fôra testemunha em terra vicentina Enrique Montes, embarcado dos navios de Caboto desde o porto dos Patos até o seu regresso á Espanha, como antes tambem o fôra da expedição Solis.

Chegado Caboto ao Guadalquivir a 22 de julho de 1530, após cerca de dois mezes de demora em aguas de S. Vicente, ainda nestas ficava Diego Garcia empenhado no resgate de indios deste porto e de Cananéa, resgate cele-

brado, segundo um Lopes de Pravia, com o "dito Gonçalo da Costa", com "o bacharel seu sogro", e com "outras pessoas christans que viviam naquella terra" tendo a "esses indios como escravos". (Medina, Caboto - documentos).

Na nau N.^a Senhora do Rosario, portadora de indigenas captivos, dava Diego Garcia tambem passagem a Gonçalo da Costa, que assim fugia de vez, do desterro em terra americana, pagando-se da sua viagem com os indios que captivara.

Chegado a S. Lucar de Barrameda em fins de agosto de 1530, iniciou Gonçalo o seu grande auxilio á nação espanhola, como Enrique Montes, da frota de Caboto, o faria antes clandestinamente, passando-se ao serviço de Portugal.

Assim, Gonçalo da Costa, o portuguez que duas dezenas de annos vivera em São Vicente, se recusava a embarcar nos navios de Martim Affonso de viagem marcada para o Brasil, passando-se para sempre á disposição de Espanha para, com incansavel fervor servi-la principalmente nesta costa que habitara ou visitara até o rio da Prata, e sabia como a disputava Portugal.

Nesse afan andou elle de 1535 a 1537 na armada de Pedro de Mendoza para a fundação de Buenos Aires; em 1540, sob as ordens de Cabeza de Vaca; em 1555 na expedição de 1 nau e 2 bergantins mandados ao rio da Prata, como talvez antes, na de Sanabria; finalmente na de 1559, sob o mando de Rusquin e dispersa na ilha de São Domingos.

Enrique Montes, ao contrario, tornando, como dissemos, ao serviço de Portugal, alcançava após a viagem de Caboto a cidade de Lisbôa, de onde tornaria mais breve que Gonçalo da Costa á terra brasileira sob a bandeira das quinhas, na frota de Martim Affonso, a qual partida daquelle porto a 3 de dezembro de 1530, após escalas e aventuras, veio a fundear junto á ilha do Bom-Abrigo - (a Cananéa, de Pero Lopes) - a 12 de agosto de 1531.

Aferrava esta o surgidouro, não mais composta de duas naus, inclusive a Capitanea, de um galeão e de duas caravelas como partira do Tejo, mas agora formada dos dois navios precitados: a nau Capitanea, e o galeão S. Vicente, ás ordens de Pero Lobo Pinheiro; da nau - N^a. S^a. das Candeas - tomada aos francezes em Pernambuco e ora sob o mando de Pero Lopes de Sousa; da caravela Sta. Maria do Cabo, tomada a outros portuguezes na bahia de Todos os Santos, quando de viagem para Sofala com escala pelo Rio de Janeiro; e de dois bergantins armados na bahia da Guanabara, de onde vinha a expedição.

Até as viagens da Gazeta Aleman e de Solis, como é corrente, a cartographia official só assignalava pontos de uma costa aquem do rio de Cananor ou de Cananéa. Após as duas expedições ao rio de Sta. Maria ou Solis, morte de Solis e refugio de alguns naufragos no Porto dos Patos, quando a lenda da prata e do ouro veiu inflammando nas almas dos aventureiros o anseio da conquista de riquezas encontradas no Paraguai ou galgadas as "espaldas" da "Castilla del Oro", é que os portulanos ou cartas quinhentistas foram fixando a toponymia dessa costa brasileira de Cananéa até o rio da Prata.

Já então era bem este rio - o da Prata - no ideal de pilotos e conquistadores a quem attrahia seductoramente com essa lenda viajeira na voz dos marinheiros, de porto em porto, de terra em terra, e secretamente, da Casa da Índia á Casa de la Contratacion, e vice-versa, desde as primeiras explorações portuguezas áquelle rio. Foram destes entre outros auctorizados testemunhos João de Lisbôa, João Lopes de Carvalho, na expedição de D. Nuno Manuel, e ao depois, os das expedições de Solis, de Christovam Jaques, de Magalhães, de Loaysa, de Caboto e de Diego Garcia de Moguer.

Passava por esse dias a caracterizar-se a "costa do ouro e prata" tendo por extremos, principalmente, Cananéa ao norte, e ao sul o majestoso rio, entre cujos pontos se collocava uma isla de la Plata, cremos, a que depois Caboto chamou de Santa Catalina ou a Sta. Catharina actual.

Essa costa os navegadores de Espanha e de Portugal passaram a melhor conhecer, e seus sertões começaram de perlustrar os mais affeitos delles, como Francisco del Puerto, Enrique Montes, Melchior Ramirez, Aleixo Garcia, Francisco Cesar, Francisco de Chaves. De Cananéa ao norte - na altura da dita Cananéa e em S. Vicente, - mais constantes neste littoral, citam-se entre outros o bacharel, Antonio Rodrigues, Gonçalo da Costa, e estabelecido beirando os campos de Piratininga, João Ramalho.

Para os portuguezês da expedição de 1530 principalmente, a reminiscencia da viagem de Aleixo Garcia, exagerada talvez, tendo por painel historico da partida na aventurosa entrada, as terras do littoral da sua conquista, e por alcance remoto, as serras do Perú, entre Mizque e Tomina, inflammariam outros espiritos animados da mesma aventura. como o de Francisco de Chaves que Martim Affonso veiu a encontrar acompanhado de 5 ou 6 castelhanos.

Citado por Oviedo e por Medina (Gonzalo de Acosta, pg. 11), diz Alonso de Sta. Cruz, haver Caboto deixado no porto de S. Vicente antigo, em 1530, quando em regresso á Espanha, 12 ou 15 castelhanos da sua frota, passados depois a Cananéa. Deveriam ser desses 12 ou 15 castelhanos, os 5 ou 6 que Martim Affonso alli veiu a encontrar, acompanhando a Francisco de Chaves e ao bacharel, sobretudo a Francisco de Chaves que, aproveitando-se de haver nesta costa um porto de escravos, do que era mercador o proprio bacharel presente a esse trato, se offerencia ao nosso illustre capitão mór para lhe trazer de terra a

dentro quatro centenas de captivos carregados de ouro e prata.

Tal novidade move M. Affonso a armar 80 homens sob o mando de Pero Lobo, capitão do galeão S. Vicente, para acompanhar a Chaves nesta aventura de tão triste fim. E ao deixa-los partir a 1 de setembro de 1531, consciente de que se achava no littoral correspondente ás minas dos preciosos metaes, vendo mais castelhanos que portuguezes nessas paragens do Brasil, ergueria o capitão mór em Cananéa padrões lusitanos, como o dizem Frei Gaspar da Madre de Deus, Ayres de Casal e Varnhagen?

Nada relatando a respeito o Diario, somos levado a suppor que tal não houvesse feito; e assim, o padrão levantado e entre outros ahi achados - um dos quaes com o respectivo tenente foi recolhido ao Museu do Instituto Historico e Geographico Brasileiro - será de existencia anterior á partida da expedição desse porto em 1531.

Se não era marco - e sim padrão ou padrões - melhor que elles affirmava a conquista portugueza em Cananéa e sertão adjacente, a expedição militar de Pero Lobo que o capitão mór fazia partir com esperanças fundadas de alcançar o "El-Dorado", elle que vivera, estudara e casara em Salamanca, ao tempo em que as conquistas do Mexico e as primicias de Castilla del Oro e do Perú se foram realizando ou promettendo.

Por elle já seria tambem conhecido o portulano de Diogo Ribeiro, trazendo a data de 1529, e no qual se lia das terras de serra acima: "Esta tierra de Perú descobrio Francisco Piçarro, en el año de 1527: aqui alló oro y plata q resgato: la jente es de mas razão q los de las otras partes: tienem grãdes ciudades muradas y grãdes casas de oraciõ donde bõo a adorar a sus ydolos: quando no llueve ban è procission a ellas".

Não muito longe de Cananéa, porém, a pouco mais de uma centena de milhas ao nordeste, ficava a abra do porto então totalmente chamado de S. Vicente que Martim

Affonso veiu a demandar de regresso do rio de Sta. Maria ou da Prata e após escala novamente em Cannéa.

Foi então que dahi em diante se veiu a particularizar — o novo porto de Sam Vicente, quando já fundadas a villa littoranea tragada depois pelas vagas e a outra villa serrana de Piratininga.

Dia 20 de janeiro de 1532 - repetindo palavras nossas do Capitulo VI - veiu a avistar Martim Affonso de bordo da nau N.^a S.^a das Candêas, a cerca de 14 milhas ao nornordeste da sua agulha, a abra do porto de Sam Vicente antigo, ou melhor, a hoje barra da bahia de Santos.

Soprava vento do lesnordeste. Marcando a nau a boca da barra e a 14 milhas, ao nornordeste da agulha (talvez, N4NE verdadeiro), achava-se esta capitanea ao sussudoeste (talvez, S4SO verdadeiro) da dita abra. Tendo de demanda-la com o vento reinante do lesnordeste, a nau onde se achavam embarcados Martim Affonso e Pero Lopes, havia de vir na bolina e descahir para o oeste da boca da barra, ou melhor, para a actualmente nomeada ponta Itaipú. Perto desta ponta parece, a menos de duas milhas, a nau de vera ter fundeado, segundo o Diário, antes do meio-dia, em 15 braças de fundo, em profundidade ainda possivel naquelles dias passados, por esse local, na entrada da barra.

A' mesma hora por altura meridiana do sol achou para latitude de onde a nau surgira: 24.º e 17 minutos. Mas, das latitudes calculadas na costa do Brasil e expressas no Diario, as que mais se approximam da realidade, aliás rarrissimas, apresentam uma differença de dezena de minutos. A não ser a do cabo de Sta. Maria antigo (punta del Este de Maldonado) dada com erro de 13' e 15" para menos, as poucas outras a que chamamos de mais approximadas, como: a da ponta do Padram (cabo de Sto. Antonio, Bahia); a da abra do porto de

Sam Vicente (barra da bahia de Santos); e a da barra do rio de Janeiro, se apresentam com erro oscillando entre 15 e 18 minutos para mais.

Eram esses accumulados erros, como sabemos, oriundos do emprego de rudes astrolabios ou quadrantes, da imprecisão das taboas ou "regimentos", da incorrecta observação do sól em navios sujeitos a desvairados balanços.

Dada esta ligeira explicação, voltemos a demandar a barra do antigo porto de S. Vicente ou barra da actual bahia de Santos.

Estando a nau N^a. S^a. das Candêas, como diz o Diário, e o suppomos, pegada a uma ponta - a ponta Itaipú - e a cerca de duas milhas desta fundeando, duas horas antes do pôr do sol desse mesmo dia 20 de janeiro, roncou trovoadas do noroeste e fez-se a corrente tão impetuosa ao longo da costa, que a nau atravessou ao vento; e, se não partisse, forçada pela pressão da correnteza, a unha da ancora a que se aguentava, o naufragio talvez fosse inevitavel.

Rondando o vento, por bôa fortuna, para o oessudoeste, poude a nau velejar safando-se da - ponta Itaipú - para, no quarto da modorra, - quarto de meia-noite ás quatro da manhã - surgir, diz Pero Lopes, "dentro nabra, em fundo de 6 braças darea grossa."

Esta profundidade ainda lá se encontra a meio da barra, ao oeste e ao sudoeste da actual ilha de Sto. Amaro, talvez a primitiva de Goanás e certamente, a Gaiabé ou Gaiambé dos selvicolas.

Dahi suspendeu a nau na manhã de 21 de janeiro, e foi surgir novamente "n'húa praia da ilha do Sol, pelo porto ser abrigado de todolos ventos".

Qual essa ilha do Sól e tambem esse fundeadoiro que a nau aferrou?

Lendo com attenção o Diario, vê-se que antes desferrou a nau, ainda desacompanhada do galeão Sam Vi-

cente, do meio da barra, e segundo parece, montando a ponta da Capetuba ou dos Limões, da actual ilha de Sto. Amaro, fundeou em aguas remansosas e ribeirinhas á actual praia do Góes. Mais abrigo teria ainda montando a outra ponta a cavalleiro da qual Diogo Valdez veiu mais tarde a erguer uma fortaleza, no extremo desse canal ou braço de rio que dá accesso para o hoje porto de Santos, no extremo do braço que corre entre as duas ilhas, actuaes Sto. Amaro e S. Vicente. Opinamos todavia, como sendo o fundeadouro da nau junto á praia do Góes.

Seria então essa ilha, a cujo abrigo ficava a nau de Martim Affonso, a ilha do Sól do Diario de Pero Lopes?

Sim, essa ilha - provavelmente de Goanas - certamente Gaiabê ou Gaiambé, e talvez já a imprecisa Sto. Amaro do "Esmeraldo" de Duarte Pacheco em 1505, mas só assim conhecida e citada em documentos officiaes posteriores a 1545?

O Diario, se não de todo claro a respeito, dá entretanto elementos para assim se identifica-la.

Vejamo-lo: a esse fundeadouro da ilha do Sol "abrigado de todos ventos", passante do meio dia (21 de janeiro), veiu o galeão S. Vicente surgir perto da nau e communicar ao capitão mór que "nam se podia amostar vela fóra" (desse abrigo) "com o vento sudoeste" que soprava.

E' esse surgidouro da praia do Góes ou, melhor, o outro já á boca do canal e hoje tendo a cavalleiro o velho forte, perfeitamente abrigado desse vento e de outros ventos: e seria ahi o mais seguro dos fundeadouros buscados pelos que aferravam o antigo porto de Sam Vicente, antes de Martim Affonso, visando o trafico ou mercancia de escravos. Segundo os dizeres do piloto Alonso de Sta. Cruz, num delles deveriam ter estado as naus de Caboto, e das quaes foi passageiro Enrique Montes, óra informante de Martim Affonso na expedição cujo estudo procuramos

fazer e cuja surgida junto á ilha do Sól acabámos de narrar.

Entretanto, melhor do que nós, dirão as palavras do piloto Sta. Cruz sobre o porto antigo de Sam Vicente ou assim, do seu fundeadouro principal.

Reza, o "Yslario" (pg. 56 - B. N. 9-10-1): "Dentro "en el Puerto de Sanct Bicente ay dos islas grandes", (actuaes S. Vicente e Sto. Amaro) "habitadas de yndios, y en la mas oriental" (Sto. Amaro actual) " la parte occidental della estuvimos mas de um mes surtos".

Poder-se-a dar esse fundeadouro mais á barra da actual bahia de Santos; mas desabrigado elle o seria de muitos ventos, ao passo que, montada a ponta dos Limões, ou melhor, a outra logo assignalada, ao abrigo dos ventos estaria e ainda, "na parte occidental da ilha mais oriental das duas", ou da actual Sto. Amaro.

Assim tambem desse ancoradouro da ilha mais oriental das duas, - ilha mais do lado de onde nasce o sol e ao leste da bahia - ou melhor, desse fundeadouro da ilha do Sól do Diario, junto á praia do Góes actual e onde o galeão e a nau de Martim Affonso se achavam fundeados, partiu Pero Lopes a 22 de janeiro pela manhã, em um batel, certamente já quando amainara o sudoeste e se pronunciava o vento do sul. Veiu elle a demandar logo, ao oeste dessa ilha do Sól e da hoje bahia de Santos, uma boca aberta ao sueste ou parece, a outra entrada de menos fundo então existente entre a actual ilha do Mudo ou Porchat e a praia de Itararé. Entrando com o batel neste porto - o novo porto de Sam Vicente - distante cerca de 4 milhas de onde partira, havia de Pero Lopes dar com "hû rio estreito" em que "as naos se poderiam correger por ser mui abrigado de todolos ventos": isto é, num braço do rio de Sam Vicente - braço que vem desaguar neste porto.

A' tarde desse mesmo dia 22, regressado o batel ao fundeadouro da ilha do Sól (actual Sto. Amaro),

desferraram os dois navios e valendo-se do vento do sul que soprava, velejaram desde quando sahiram da sombra da dita ponta dos Limões, atravessaram a bahia e entraram no porto primeiramente e no rio depois, aonde pela manhã o batel chegara: isto é, no novo porto do rio de Sam Vicente, ao oeste da bahia de Santos, porque ao leste desta elles se achavam, pelo dizer de Pero Lopes, em fundeadouro abrigado do sudoeste e de todos os ventos.

Melhor vento que o do sul que soprara após o temporal do sudoeste não poderiam ter tido para essa navegação.

Esse novo porto de Sam Vicente tinha duas entradas, e a principal e hoje unica, é larga de 600 metros, voltada para o sueste, entre a ilha chamada depois do Mudo ou Porchat e uma ponta da qual o morro do Xixová fica a cavalleiro.

O seu seio de aguas remansosas recorta-se no littoral que o cerca, de um lado, na praia de S. Vicente que deixa notar o seu remoto prolongamento com a de Itararé, quando existia uma barreta entre esta praia e a ilha do Mudo ou Porchat. Esta praia de S. Vicente vae terminar em um outeiro, - intromettido entre ella e a de Tumiarú, e esta, já no braço do "rio estreito" em que as naus, no dizer de Pero Lopes, se podiam "correger por ser mui abrigado de todos os ventos". Da outra banda, recorta-se o porto em abruptas barreiras, mas entre a ponta da entrada do porto e a da Prainha, forma-se o curvo seio da praia de Parapanuan, logo succedido por terra mais alterosa marcada desde os morros de Parapanuan até a ponta da Fortalezinha, e passada a qual não se fecha o porto, porque ahi vem ter o "rio estreito" citado, ou um dos braços do antigo rio de Sam Vicente.

Seguindo da ilha do Mudo ou Porchat - a ilha do Sól para alguns estudiosos de valor incontestado como o

notavel artista Benedicto Calixto - vê-se logo á entrada do porto, no isthmo para onde convergem as duas praias de S. Vicente e de Itararé e se liga a dita ilha á outra de S. Vicente, a significativa marca da pequana barra cedo desaparecida e destinada a embarcações de não grande vulto e calado; e depois indo-se por essa praia de S. Vicente, se chegará ao Outeiro já citado (morro dos Barbosas), perto do qual teria havido a aguada dos navios não desmentida ainda hoje pelo rio Sopeiro que ahi corre.

Chegado Martim Affonso quasi a meio desta praia, bem onde se encurvava mais o seio della, mandou erguer a villa de Sam Vicente, escolhendo ao mesmo tempo, passante o Outeiro, a praia de Tumiarú - de maior fundo e abrigo nas proximidades que as de S. Vicente e Itararé, sujeitas aos desmontes trazidos com as chuvas, ás marés de lua cheia e de syzigias, e ao castigo de certos ventos -, ahi ergueu a sua casa das "velas e emxarcia" e mandou encalhar nessa praia a nau N.^a S.^a das Candêas, necessitada de concerto nas obras vivas "comestas de gusano."

Encontraria então o capitão mór, na outra ou nesta parte da ilha de São Vicente, um povoado de portuguezes com os seus escravos - de que nos fala Alonso de Sta. Cruz no seu "Yslario", ao tratar do antigo porto e "pueblo" de São Vicente por elle visitados em 1530, na armada de Sebastian Caboto? -

"Dentro no porto de Sam Vicente" - (pois assim se chamava a todo o porto, notadamente á barra e bahia de Santos, antes da fundação de Martim Affonso) — cita o cosmographo espanhol - "ha duas ilhas grandes" (S. Vicente e Sto. Amaro futuras) "habitadas de indios, e na mais oriental, na parte occidental della, estivemos mais de um mez surtos. Na ilha occidental" (talvez Goianá, certamente Morpion, Engaguaçú ou S. Vicente ao futuro) "teem os portuguezes um povoado chamado - S. Vicente, - de dez ou doze casas, uma

feita de pedra com os seus telhados, e uma torre para defeza contra os indios em tempo de necessidade; estão providos de cousas da terra, de gallinhas e porcos de Espanha em muita abundancia, e hortaliça. Teem estas duas ilhas” (ainda as futuras S. Vicente e Sto. Amaro) “um ilhéu entre ambas de que se servem para criar porcos: ha grandes pescarias de bom pescado. Estão as ilhas orientadas NO - SE, com dez leguas de comprimento e quatro de largura, e desde 22.º até 24.º de latitude e no paralelo de 6.º O seu meio-dia é de 14 horas.”

Estas ilhas, os portuguezes” - diz ainda Alonso de Sta. Cruz - “creem ficar no continente que lhes pertence dentro na sua linha de partilha; elles porém se enganam, segundo está averiguado por criados de V.^a Majestade com muita deligencia, porque o cabo de Sto. Agostinho e toda a costa do Brasil, a situavam, mais 4.º ao oriente do que realmente está, de maneira que a linha não termina no porto de Sam Vicente, e sim, mais para o Oriente, num ponto chamado - sieras de San Sebastian -”

Habitaria ahi então, no espraiado de Tumiarú dessa ilha de S. Vicente quasi toda tomada de mangues e alagadiços, ou nas proximidades do Outeiro, e ao oeste deste, de mais solido terreno, o portuguez Antonio Rodrigues, e desceria de além, da altaneira serra da Paranapiacaba, João Ramalho, para ambos darem provas de alliança e hospitalidade ao capitão mór?

Estaria ainda em Cananéa, ao sul, o bacharel degredado que Martim Affonso encontrara fazia cinco mezes naquelle porto e com 30 annos de Brasil?

Encontraria ali outros portuguezes, segundo o que reza a carta annua de 1584, sob titulo - Informações do Brasil e das suas Capitanias -? (Rev. do Inst. Hist. T. VI, pgs. 404-433).

Que traços restariam nessas ribeiras vicentinas do modesto estaleiro de Gonçalo da Costa óra em Sevilha, e a serviço de Espanha, desse a quem Varnhagen identificou com o bacharel portuguez?

Para onde ficariam, essa "torre de defesa" contra os indios, as casas desse Gonçalo da Costa e de Antonio Rodrigues onde se abrigou o capitão Rojas da armada de Caboto, e formando esse povoado de que nos fala Alonso de Sta. Cruz?

Diz frei Gaspar da Madre de Deus que Martim Affonso em ahi chegando, e sabendo que na praia do Embaré não havia agua, foi levantar os alicerces da povoação para a praia de Itararé - ainda não caracteristicamente como hoje subdividida em duas praias -, talvez mais a meio da actual praia de S. Vicente, num sitio alguma cousa distante do Outeiro que a separa da praia do Tumiarú. -

Nesta outra praia de Tumiarú, ergueu Martim Affonso "hua casa para meter as velas e emxarcia", diz o Diario, que por sua vez nada revela a respeito do senhor dessas ribeiras - Antonio Rodrigues. Seria este para o capitão mór um grande auxiliar e precioso informante da terra vicentina, sem com isso querermos desmerecer os serviços de João Ramalho que acudindo do campo de serra acima, veio ao capitão portuguez assegurar o seu apoio e o do morubixaba Tibirecá.

Nesse littoral attrahiria a esse tempo Antonio Rodrigues, para entendimento e alliança, aos vizinhos tupiniquins.

Nas areias da praia de Tumiarú, esta, de mais fundo que a actual de S. Vicente - foi como já dissemos, posta em seco a nau N.^a. Senhora das Candêas para concerto das obras vivas; e na praia de S. Vicente - ainda não tão caracteristicamente destacada da de Itararé - havia de notar-se a faina de muitos homens da armada no erguerem a igreja dedicada a N.^a Senhora, a cadeia, o pelourinho,

a casa do Concelho, a fortaleza ou o fortim, se não melhorado o já ahi existente por essa epoca, como tambem as primeiras obras do bem publico da nova villa vicentina.

Não a esses dias e sim a pouco mais tarde, quando se accentuou a obstrucção do porto e a impossibilidade das maiores naus darem entrada nelle, parece referir-se a abertura da estrada que começava em S. Vicente "seguia pela praia de Itararé, continuava pela de Embaré e hia finalizar no sitio" onde ainda em 1797 "se notava o fórté da Estacada": segundo frei Gaspar, quasi defronte do rio Sto. Amaro da ilha do mesmo nome, ou no "Pontal da Trinxeira", (mappa 5, Collectanea Museo Paulista).

Ainda não se tinha a necessidade de conducção das cargas mais ou menos pesadas por terra, ou por mar em barcos ou canoas: aquella, feita ao longo das praias, esta, entrando francamente pela barra maior ou pela barreta, a alcançarem assim as tersenas do porto das Naus.

A gente lusitana entregue já a muitos trabalhos ahi se haveria tambem de encontrar, quando quinze dias corridos da chegada do capitão mór, entrava no porto a caravela Sta. Maria do Cabo por Martim Affonso mandada durante a travessia cabo de Sta. Maria - Cananéa ao porto dos Patos, para saber noticias do bergantim desgarrado naquella altura do Atlantico e quando todos os navios demandavam o rio de Sta. Maria.

Viria com ella o bergantim fabricado pelos portuguezes salvos e por mais 12 ou 15 castelhanos que "estavam perdidos" "havia muitos tempos" - diz o Diario - naquelle porto fronteiro á ilha de Sta. Catharina.

Passageiros da caravela recémvinda, tambem eram esses castelhanos, entre os quaes somos levado a crêr acharem-se o clérigo Diego Garcia e um tripulante abandonados nesta grande ilha, como tambem alguns dos 12 ou 15 espanhóes desprezados por Caboto em S. Vicente e logo passa-

dos a Cananéa. Desses, em numero de 5 ou 6 nos fala o Diario ao ali chegar Martim Affonso em 1531.

Tornaram-se elles os informantes do “muito ouro e prata que dentro no sartam havia”, do ouro de que traziam amostras e de um sertão que sabiam longe.

Mais uma vez elles viriam justificar as informações dadas ao capitão mór por Enrique Montes, o seu melhor “tapejara” da terra do ouro e prata, presente aos primordios da villa affonsina, e quem, por certo, em muito havia concorrido para deixar no espirito de Martim Affonso as melhores esperanças no exito da expedição sertanista de Pero Lobo Pinheiro, partida de Cananéa para o Paraguai ou serra acima.

Seria por esses dias que pilotado por João Ramalho embarcaria em bergantim e bateis aligeros no porto de Tumiarú, com a sua gente militarizada, a subir esse braço do rio de S. Vicente para chegar ao largo do Caneú - “aquella bahia então d’agua salgada” - diz frei Gaspar, o que nos leva a considerar a extensão dos mangaes salgados formados pelas aguas oceanicas invadindo na preamar as terras baixas da ilha de São Vicente.

Nessa bahia ou largo do Caneú, que foi passagem para mais de dois seculos dos “moradores da marinha e de serra acima” - diz o mesmo frade escriptor, e “communicação para o lagamar de Santos, e portos a que chamavam “Cubatões”, — iria aportar a expedição affonsina. Era ali então logo o porto das almadias — depois por Martim Affonso chamado de Santa Cruz e, mais tarde, conhecido por Porto Velho. Desse Piaçaguera se passava ao esteiro de João Ramalho.

Subindo pela garganta do rio Perekê que se ahi lança, galgada a serra, passava a expedição ao campinho depois chamado do Gioapé até dar vista do Ponto Alto, - de 900 metros de altitude e 13 kilometros e meio longe do sopé do Cubatão -, e já sobre serra, iria com João Ramalho e

assim orientado, passada a zona da matta, a ganhar francamente a dos campos de Piratininga.

Era esse caminho pelo Cubatão galgado e vencido numa picada mui primitiva e escorregadia, da qual se serviram os indios e os portuguezes até 1560, quando deixou de ser praticada mais commummente pelos viajantes para ser de serventia da tropa ou do gado.

Chegado Martim Affonso com a sua valorosa gente aos campos de Piratininga, que gentio ali encontraria?

Nega Capistrano de Abreu que “os guayanazes, indios da lingua travada”, existissem “em Piratininga, fóco exclusivo da lingua geral”. Não deve assim ser retrato fiel de um goianá de sobre serra e sim de outro gentio - exceptuado no que se refere á linguagem - o que dá Gabriel Soares: “nada malicioso nem refalsado, antes simples e bem acondicionado, e facilimo de crêr em qualquer coisa”; homens de pouco trabalho, muito mollares; usarem lavoura, viverem da caça que matavam, do peixe que tomavam nos rios, e das frutas sylvestres; serem “grandes frecheiros e inimigos de carne humana”; não matarem os captivos, e se “encontravam gente branca não fazerem nenhum damno, antes bôa companhia”. Como escravos pouco valerem: não saberem trabalhar porque folgasãos de natureza; e “a guerra”, não a fazerem “a seus contrarios, fóra dos seus limites”, nem os buscarem “nas suas vivendas”, porque não sabiam “pelejar entre o mato, se não no campo aonde viviam e se defendiam com os seus arcos e flechas dos Tamoyos” que lhes vinham “fazer guerra”...; não viverem “em aldeas com casas arrumadas, como os Tamoyos, seus visinhos; mas em covas pelo campo debaixo do chão”, aonde mantinham fogo noite e dia e repousavam “sobre camas de rama e pelles de alimarias”; terem “linguagem diferente da dos seus visinhos”, mas intelligivel “como a dos Carijós”; serem de côr e proporção de corpo como os

Tamoyos”, e terem “muitas gentilidades, como o mais gentio da costa”. (Trat. descriptivo. pg 99-100)

Assim, tidos deveriam ser os portuguezes como aliados por esses ou outros indigenas, que ajudariam a phalange lusa com João Ramalho e Tibireçá á frente, a fundar a villa de Piratininga - diz o Diario - nove leguas distante da villa ribeirinha de Sam Vicente.

Dessa fundação desaparecida e confusamente ligada ao local da de Sto. André ou da Borda do Campo, dessa villa de Piratininga, sabe-se, exageradamente parece, segundo o Diario, que Martim Affonso de Sousa ahi mostrou os primeiros zelos de colonizador fazendo nella officiaes, pondo “tudo em obra de justiça de que a gente tomou muita consolaçam:” e mais: de lhe ter dado como á villa de Sam Vicente, conforto moral e religioso, organizando leis e celebrando matrimonios; “dando-lhe a communicaçam das artes” e a cada habitante, a garantia da propriedade e a de poder “investir ou vestir as enjurias particulares”, concedendo-lhe todos os “bens da vida sigura e conversavel”.

Antes de tal realizar, parece, porém não de todo determinar, reuniram-se “em conselho na primeira villa de “Sam Vicente, o capitão mór, os pilotos, os mestres” e demais homens a quem esse encargo competia na frota colonizadora.

Pelo voto dos vogaes do conselho, tomou o capitão mór a resolução de ordenar a partida das 2 naus para o Reino, attentos o mau estado dos navios, “o vencer soldo a gente do mar, e comer dos mantimentos da terra”.

A nau N^a. S^a. das Candêas estava ainda em seco na praia de Tumiarú, mas o galeão S. Vicente presto se fez ao mar desferrando o fundo das aguas vicentinas a 22 de maio de 1532 sob o mando de Pero Lopes, em busca do porto do Rio de Janeiro, onde a nau retardaria já reparada vae avista-lo a 14 de julho desse mesmo anno.

Ficavam sómente agora no porto, a caravela Sta. Maria do Cabo e um bergantim, enquanto o capitão mór, entregue com zelo á sua missão colonizadora e christan, ia intensificando a agricultura, a pratica dos bons costumes, dando inicio ao seu primeiro engenho com capella, o qual o povo viria a conhecer não muito tempo depois pelo do Governador ou de S. Jorge.

Para a defeza das costas atlanticas, para acudir a rebates contra o indio adverso ou o corsario audaz, não lhe bastou torre ou fortim em S. Vicente; tambem cuidou da ilha Gaiabê ou Gaiambé fronteira, onde ergueu trincheiras ou tranqueiras para o lado da Bertioga, ao depois substituidas por fortalezas á boca do canal dessa pequena barra da Bertioga chamada, e tanto na ilha de Sto. Amaro como no continente.

Mas para encetar com segurança a obra colonizadora tambem de outra providencia se valeu: qual a de doar terras, para o que estava auctorizado pela carta Regia de 22 de novembro de 1530, ás pessoas que quizessem viver no Brasil e no prazo maximo de dois annos soubessem aproveitar as que lhes eram dadas em sesmarias.

Duas doações officiaes dessa epoca se conhecem feitas por Martim Affonso, e que veem denunciar a estadia do capitão mór, serra acima, a 10 de outubro de 1532, como a 10 de fevereiro de 1533, no littoral da villa fundada de S. Vicente, e de regresso já da sua viagem aos campos de Piratininga.

Foi a primeira sesmaria concedida ao capitão Pero de Góes, de cujo punho, pensa Varnhagen, se veiu a ter o apographo do diario de Pero Lopes. Teve-a elle assignada tambem pelo escrivão Pero Capico e fez da mesma apresentação cinco dias após a assignatura della, dentro na fortaleza da ilha de S. Vicente.

Reza esta escriptura da doação feita a Pero de Góes "das terras de Tecopara e serra de Tapuritepera que está da banda de aonde nasce o sol, aguas vertentes com

o rio Geribatyba, o qual rio e as terras estão defronte da ilha de S. Vicente". Diz mais que: dessas terras com todas as suas entradas e saídas, cabeças d'aguas e rios que nellas houvesse, com todas as suas confrontações se lhe desse posse, e mais, se as demarcasse, como o fez Pero Capico.

Era primeira testemunha desse acto, João Ramalho investido no cargo de capitão mór do Campo, e com a concessão de só elle ter resgate com os índios dos campos de Piratininga, não podendo por isso, lá irem mercar outros brancos com elles, salvo licença do capitão mór ou do seu loco-tenente, e esses mesmos por estes escolhidos entre os de "muita circumspeção" e "bem morigerados".

A 2.^a testemunha era Antonio Rodrigues, residente na praia de Tumiary, proximo de onde se começariam a erguer as obras das tersenas da fronteira e futura ribeira das Naus.

A 3.^a testemunha era um homem d'armas de um dos navios da frota colonizadora de nome Pedro Gonçalves, cuja existencia em S. Vicente não deve ser confundida com a de Bartholomeu Gonçalves, official de ferreiro que bons serviços ahi teria prestado, a nos fiarmos da sesmaria que depois se lhe outorgou.

A outra doação feita a Ruy Pinto, em 28 de fevereiro de 1533, - tambem como Pero de Góes embarcado em um navio do capitão mór - comprehendia "as terras do porto das Almadias - (aonde se embarcam quando vão para Piratini" ou Piratininga "desta ilha de S. Vicente)" - porto, "que se chama Piacaba - ou Peaçaba" e que a esse tempo já se nomeava Porto de Sta. Cruz. Diz ainda o citado documento:... "da banda do Sul partirá pela barra do Cubatão pelo porto dos Outeiros que estão na bocca da dita barra, entrando os ditos Outeiros, dentro nas ditas terras do dito Ruy Pinto. E dahi subirá direito para a serra por um lombo que faz para um valle, que está antre este lombo, antre a dita agua branca que cae dalto que chamão Ututinga - E

para se melhor saber este lombo, antre a dita agua branca por as ditas terras, não se mette mais de um só valle; e assim, irá pelo dito lombo acima, como dito é, até o cume da serra alta que vae sobre o mar. E pelo dito cume irá pelos outeiros escalvados, que estão no caminho que vem de Piratenin” (ou Piratininga) -; “e atravessando o dito caminho irá pela mesma serra até chegar sobre o valle da “Davagui”, que é da banda do norte das ditas terras, onde as serras fazem uma diferença por uma sellada que parece que fenece por ahi; a qual serra é mais alta que outra qua ali se ajunta com ella, que vem por riba do valle - Davagui -, (n) a qual aberta cae uma agua branca d’alto; e desta dita aberta da serra directamente ao Rio - Davagui - e pela veia da agua irá abaixo, até se metter no mar e esteiro salgados. As quaes terras lhe dou por virtude d’uma doação que para isso tenho d’elRei Nosso Senhor de que o traslado de verbo ad verbum é o seguinte: (Segue o Alvará de Castro Verde de 20 de novembro de 1530). “Em virtude da qual doação dou as ditas terras do dito Ruy Pinto, com todas as entradas e saidas, e rios, e veias d’aguas que nas ditas terras, dentro da sobredita demarcação houver, para serem para elle e para todos os seus descendentes forras e izentas, sem pagarem nenhum direito, sómente dizimo a Deus. E com condição que elle dito Ruy Pinto aproveite as ditas terras nestes 2 annos primeiros seguintes. E não o fazendo, as ditas terras ficarão devolutas, e para se nellas fazer o que bem parecer. E por esta mando que seja logo mettido de posse das ditas terras, e esta será registada no-livro do tombo, que para isso mandei fazer. Dada na Villa de S. Vicente ao derradeiro dia do mes de fevr.º - Pero Capigr.º, escrivão, a fez anno de 1533 - (ass. Martim Affonso de Sousa”. (Extrah. da not. 31 1.º Tomo, pag. 440, da Hist. Geral do Brasil - da 1.ª ed., Varnhagen).

Celeres passar-se-iam os dias para os colonos portugueses no trabalho intenso, ao correr do qual daria Martim Affonso muito do seu esforço por ver a sua obra dilatada e ennobrecida.

Seria porém, a sua mais bella esperança a do breve regresso da bandeira do capitão Pero Lobo Pinheiro. Talvez fosse ella portadora da nova descoberta das minas do Paraguai ou das que Solis em 1515, mandando os seus aventureiros galgarem "as espaldas de Castilla del Oro", esperava alcançassem já na região das ricas minas do Perú; para assim elle, capitão mór, iniciar para a corôa de Portugal a grande obra colonizadora, elevando o novo porto de S. Vicente, do - humilde porto de escravos então buscado - ao maravilhoso porto das Minas.

Nesse espaço de tempo em que se alternavam a expectativa do regresso dos expedicionarios e a preocupação do constante trabalho, ancoravam inesperadamente em aguas vicentinas, duas caravelas largadas de Lisbôa ao mando de João de Sousa, o mesmo capitão que regressara de Pernambuco a Portugal em fins de fevereiro de 1531, numa nau franceza apresada e carregada de pau brasil, por ordem do nosso capitão mór.

Interrompiam neste o anseio da conquista, essas novas mensageiras da carta historica a elle dirigida por D. João III com data de 28 de setembro de 1532, carta pittoresca no estilo, sagaz na intenção e affectuosa no dizer.

"Martim Affonso amigo:"

"Eu El Rey vos envio muito saudar."

"Vi as cartas que me escrevestes por João de Sousa: e por elle soube da vossa chegada a essa terra do Brasil, e como ieis correndo a costa, caminho do rio da Prata; assim do que passastes com as naos francezas, dos corsarios que tomastes, e tudo o que nisso fizestes vos agradeço muito; e foi tão bem feito como se de vós esperava; e sou certo qual a vontade que tendes para me servir.

A nao que cá mandastes quizera que ficara antes lá, com todos os que nella vinham. Daqui em diante quando outras taes náos de corsarios achardes, tereis com ellas e com a gente dellas a maneira que por outra provisão vos escrevo.

Porque folgaria de saber as mais vezes novas de vós, e do que lá tendes feito, tinha mandado o anno passado fazer prestes um navio para se tornar João de Sousa para vós; e quando foi de todo prestes para poder partir, era tão tarde para lá poder correr a costa, e por isso se tornou a desarmar e não foi. Vai agora com duas caravellas armadas, para andarem comvosco o tempo que vos parecer necessario, e fazerem o que lhe mandardes.

E por até agora não ter algum recado vosso, do que no assento da terra, nem no rio da Prata tendes feito, vos não posso escrever a determinação do que deveis fazer em vossa vinda ou estada, nem cousa que a isso toque: sómente encomendar-vos muito que vos lembre a gente e armada que lá tendes e o custo que se com ella fez e faz: e segundo vos o tempo tem sucedido, e o que tendes feito ou esperardes de fazer, assim vos determineis em vossa vinda ou estada, fazendo o que vos melhor e mais meu serviço parecer; porque Eu confio de vós que no que assentardes será o melhor.

Havendo de estar lá mais tempo, enviareis logo uma caravella com recado vosso, e me escrevereis muito largamente todo o que até então tiverdes passado, e o que na terra achastes; e assim o que no rio da Prata, tudo mui declaradamente, para eu por vossas cartas e informações saber o que se ao diante deverá fazer. E se vos parecer que não é necessario estardes lá mais, poder-vos-eis vir; porque, pela confiança que em vós tenho, o deixo a vós; que sou certo que nisso fareis o que mais meu serviço fôr.

Depois da vossa partida se praticou se seria um serviço povoar-se toda essa costa do Brazil, e algumas pessoas me requeriam capitánias em terras della. Eu quizera, antes de nisso fazer cousa alguma, esperar por vossa vinda, para com vossa informação fazer o que me bem parecer, e que na repartição que disso se houver de fazer, escolhaes a melhor parte. E porrem porque depois fui informado que de algumas partes faziam fundamento de povoar a terra do dito Brazil, a considerando Eu com quanto trabalho se lançaria fóra a gente que a povoasse, depois de estar asentada na terra, e ter nella feitas algumas forças (como já em Pernambuco começavam a fazer, segundo o conde da Castanheira vos escreverá) determinei de mandar demarcar de Pernambuco até o rio da Prata cincoenta legoas de costa a cada capitania, e antes de se dar a nenhuma pessoa, mandei apartar para vós cem leguas, e para Pero Lopes, vosso irmão, cincoenta, nos melhores limites dessa costa, por parecer de pilotos e de outras pessoas de quem se o Conde, por meu mandado, informou; como vereis pelas doações que logo mandei fazer, que vos enviará; e depois de escolhidos estas cento, e cincoenta leguas de costa para vós e para vosso irmão, mandei dar a algumas pessoas que requeriam Capitánias de cincoenta leguas cada uma; e segundo se requerem, parece que se dará a maior parte da costa; e todos fazem obrigações de levarem gente e navios á sua custa, em tempo certo, como vos o conde mais largamente escreverá; porque elle tem cuidado de me requerer vossas cousas, e Eu lhe mandei que vos escrevesse.

Na costa da Andaluzia foi tomada agora pelas minhas caravellas, que andavam na Armada do Estreito, uma nao franceza carregada de brazil e trazida a esta cidade; a qual foi de Marselha a Pernambuco” - (a nau “La Pèlerine”) - “e desembarcou gente em

terra, a qual desfez uma feitoria minha que ahi estava, e deixou lá setenta com tenção de povoarem a terra e de se defenderem. E o que Eu tenho mandado que se nisso faça, o mandei ao Conde que vol-o escrevesse, para serdes informando de tudo o que passa e se ha de fazer; e pareceu necessario fazer-vol-o saber, para serdes avisado disso, e terdes tal vigia nessas partes, por onde andaes, que vos não possa acontecer nenhum mau recado; e que qualquer força ou fortaleza que tiverdes feita, quando nella não estiverdes, deixeis pessoa de que confieis, que a tenha a bom recado; ainda que Eu creio que elles não tornarão lá mais a fazer outro tal; pois lhe esta não succedeu como cuidavam.

E mui declaradamente me avisai de tudo o que fizerdes; e me mandai novas de vosso irmão, e de toda a gente que levastes; porque com toda a bôa que me enviardes, receberei muito prazer.

Nota. Pero Anriques a fez em Lisbôa aos 28 de Setembro de 1532 annos (assi) Rey. (- Dist. Gen. da Casa Real Port. - Vol. VI, pg. 318-319 - ou Hist. Col. Port. graphia moderna).

Seriam de um grande interesse para a politica internacional, a par da singular significação para Martim Affonso de Sousa, essa missiva regia e a carta ou cartas que lhe dirigia por essa epoca o seu talvez, por afastado, amigo e protector junto a D. João III, D. Antonio de Attayde, Conde da Castanheira.

Viria esta correspondencia official e particular esclarecer nas estrelinhas ao capitão mór, segredo dos bastidores politicos da côrte, os quaes, se nos escapam no que se refere a certos aspectos pessoaes, todavia se affirmam, em outras passagens, na politica internacional portugueza de represalia evidente ao norte do Brasil contra os corsarios

da França mal orientada por Francisco I e ao sul, mais veladamente, contra os aventureiros da Espanha, esta já no caminho do seu magnifico Renascimento. Attingia a nação espanhola este surto glorioso que ligado ao poder pessoal do rei, deveria de concorrer para Portugal não ousadamente tentar dividir do primeiro golpe, as terras brasileiras entre o rio da Prata ao sul e o mar Dulce ao norte, em Capitánias ou feudos, mas antes dando-lhes por extremos ao norte, terras do Maranhão, e ao sul, as da Laguna.

A missiva regia porém, ainda mantinha o desejo de ser envolvido nessa divisão o rio de Sta. Maria ou da Prata, como linde meridional e quando já não seria ignorada pelos estadistas portuguezes e espanhóes, a viagem de Diogo Leite ao extremo septentrional do Brasil (carta de Lopo de Furtado - 10 set.º 1531).

Ao fazer a leitura da carta de D. João III, o nosso illustre capitão mór, mercê da ambição de completar o estabelecimento das villas que havia fundadas na terra vicentina, de aguardar o regresso da expedição de Pero Lobo Píneiro, de promover o antigo porto de escravos a opulento porto das Minas, - haveria de ter o seu espirito, entre o interesse pessoal e os augúrios da gloria, inclinado á partida para Lisbôa, onde a sua presença junto á côrte e ao rei influiria na divisão premeditada das terras que elle, Martim Affonso reconhecera, reconquistara ou mandara conquistar.

Era-lhe essa divisão dilineada e annunciada por D. João III, disposto a escutar-lhe a palavra sensata sobre este assumpto. Trazia-lhe ella a narrativa da permanencia de francezes ao norte, os quaes, aproveitando-se da ausencia de Martim Affonso ao sul, haviam destruido uma feitoria portugueza, nella carregando uma nau de pau brasil e deixando nessa terra pernambucana parece, setenta homens na construcção de um fortim ou feitoria.

Dessa nau franceza - La Pèlerine - assim conhecida em chronicas da epoca, narrava a missiva regia o que

lhe acontecera em chegando ás costas da Andaluzia, nau que Antonio Correa apresara da maneira por que tratámos em outros capitulos.

Da feitoria ou fortim francez batido e tomado, em Pernambuco, não essa carta mas João de Sousa, commandante das duas caravelas que óra aferravam o novo porto de S. Vicente, após terem provavelmente tocado em aguas pernambucanas, lhe haveria de narrar que já a bandeira lusitana refluctuava naquelle sector da "costa do pau brasil" reconquistado pela bravura de Pero Lopes quando de regresso a Portugal. Data desta epoca o ficar investido no commando do forte, Vicente Martins Ferreira e no posto de bombardeiro, Diogo Vaz.

Não traria João de Sousa outras noticias do valoroso irmão de Martim Affonso: porque, tendo partido as duas caravelas de Lisbôa nos ultimos dias de setembro ou nos primeiros de outubro de 1532, não houve elle vista de Pero Lopes no mar alto em que se cruzariam nas suas navegações, e muito menos, no porto de Pernambuco, onde jamais poderiam, entrando-se em conta com essa differença de datas, ter possivel encontro.

E' claro o que affirmámos neste passo: Pero Lopes, de regresso a Portugal, avistou a ilha de Santo Aleixo a 4 de agosto de 1532, e, depois de combater francezes, deixou a costa de Pernambuco a 4 de novembro desse mesmo anno. Traria então João de Sousa um mez e poucos dias de viagem e não se poderiam avistar nas aguas do Atlantico, porque a derrota de regresso feita por Pero Lopes, como vimos no capitulo precedente e mappa 11, jamais poderia ser em sentido opposto á que fizera João de Sousa para demandar aguas pernambucanas.

Pero Lopes em sua navegação descahiria com a corrente para o noroeste a passar entre os meridianos 35.º e 40.º, e João de Sousa valendo-se dos aliseos, haveria de estar, quando se cruzassem no Atlantico, entre os meridia-

nos de 20.º e 30.º referidos tambem a Greenwich nas nossas cartas.

Mas se Martin Affonso outras noticias do seu irmão não tinha com os recém chegados, acolhia umas tambem muito gratas ao seu sentimento de bom patriota: as dos combates gloriosos em que se houve Pero Lopes para elevar-lhes o nome de prestantes capitães.

E dentro nesse orgulho havia de elle proprio presentir a missão de chefe cumprida, se bem que entre o interesse pessoal a dizer-lhe que partisse e um novo anseio de glorias a que ficasse. Mas serviam de justificar a oportunidade da partida, afóra o da ausencia maior de dois annos que vinha tendo da Patria, a annunciada divisão da terra que reconhecera ou conquistara e a desesperança talvez já do retorno da bandeira de Pero Lobo Pinheiro, partida para dezoito mezes passados, sem annuncio de regresso ou de vida, e excedendo oito mezes o prazo marcado pelo guia Francisco de Chaves para a tornada á costa vicentina ou ás terras de Cananéa.

Previdente, armou o capitão mór, por essa epoca, uma nova expedição sertanista e militar, tendo por capitães Pero de Góes e Ruy Pinto, e mandou-a em soccorro da outra retardada na arrojada missão. E com o proposito de que a semente lançada em terra fecunda para sempre fructificasse, deixou a João Ramalho, sobre serra, no cargo de capitão mór da bórda e d'além do campo, e onde a formação do mameluco na villa serrana fundada era segura garantia da futura epopéa bandeirante luso-brasileira.

Vinte annos depois, Thomé de Sousa ao fundar a villa de Sto. André, faria capitão della, a esse mesmo "Johão Ramalho, naturall do termo de Coimbra, que Martin Afonso ya achou nesta terra quando cá veyo." De Ramalho ainda diria Thomé de Sousa ao rei de Portugal: ter "tantos filhos e netos, bisnetos e descendentes," que não ousava communicar-lho; assim como não mostrar "cãa na cabeça nem no rosto", e ser ainda tão fórte, que andava "nove leguoas a

pé antes de yantar"... (carta de Thomé de Sousa, 1-6-1533).

Serra abaixo, a villa de S. Vicente, ficaria a cargo do padre Gonçalo Monteiro, e como centro de irradiação colonizadora baseada nos alicerces da religião de Christo.

Esta villa ribeirinha ao mar seria o berço do novo Brasil, para cuja fundação o bravo capitão mór e tantos heróis e soldados do trabalho honesto concorreram, mas que as chronicas esqueceram ou que o assalto dos castelhanos de Iguape fizeram desaparecer em roubos e incendios, como também os corsarios do mar que a saltaram.

Daquelles afóra o bacharel, como se sabe, ora em S. Vicente, ora em Cananéa, merecem principal relevo Antonio Rodrigues, João Ramalho, Pero de Góes da Sylveira, Padre Gonçalo Monteiro, Ruy Pinto, Francisco Pinto, Antonio Rodrigues de Almeida, Pero Capico, Jorge Pires, Pedro Collaço, padre Pedro Correa, Jorge Ferreira, Luiz de Góes, Bartholomeo Gonçalves, Domingos Leitão, Gonçalo Affonso, Jeronymo Rodrigues, Belchior de Azevedo, Enrique Montes, sem contarmos muitos outros, testemunhas ou fundadores das duas villas affonsinas. A taes povoadores por dever de justiça devemos também juntar os 15 castelhanos tomados no porto dos Patos com os portugueses naufragos do bergantim desgarrado e trazidos como passageiros da caravela Sta. Maria do Cabo, em 1532.

Quantos homens teria trazido então Martim Affonso, no povoar as duas villas?

Diz o Diario que em vespers da partida da armada do rio de Janeiro para o sul, havia elle tomado abastecimento para os seus 400 homens e por prazo de 1 anno. (julho, 1531).

Era nessa occasião a força naval de Martim Affonso composta da nau Capitanea, de nau N^a. S^a. das

Candêas, do galeão S. Vicente, da caravela Sta. Maria do Cabo e de dois bergantins armados naquella formosa bahia.

Parecerá esse numero de homens excessivo a um estudioso do Diario, sabendo-se ser esse o numero de embarcações que trazia a armada, de Portugal, e mais de ter sido esta desfalcada em Pernambuco das duas caravelas - Rosa e Princeza sob o mando de Diogo Leite; de se assignalar o desgarramento da nau S. Miguel commandada por Heitor de Sousa, na altura, parece, da bahia da Traição. e com provavel regresso a Portugal; de haver partido dessa mesma costa, do porto de Pernambuco para o Reino, uma nau franceza apresada, capitaneada por João de Sousa; de deixar enfermos na feitoria do rio de Pernambuco, pouco antes abandonada por Diogo Dias, e de morrerem afogados alguns dos seus homens na barra do arrecife.

Mas accetando que ao partir de Pernambuco para a Bahia de Todos os Santos com a aquisição dos francezes das naus apresadas; na Bahia, com a dos tripulantes da caravela Sta. Maria do Cabo e com a gente já embarcada na Capitanea, no galeão S. Vicente e na nau apresada N^a. S^a. das Candêas, se pudesse ter a força naval constituida de 400 homens; e sabendo-se que o capitão mór deixara em Cananéa, 81 tripulantes (1 capitão e 80 besteiros e espingardeiros); que morreram 7 homens no naufragio da Capitanea, no rio da Prata; que recebera 15 castelhanos em S. Vicente tomados no porto dos Patos pela caravela Sta. Maria do Cabo; que havia encontrado na terra vicentina Antonio Rodrigues, João Ramalho e talvez já regressado de terras de Cananéa o bacharel, afóra um ou outro colono; chega-se a suppor que teriam andado por ahi na fundação das duas villas, principalmente durante o curto espaço de quatro mezes, cerca de tres centenas de homens.

pé antes de yantar"... (carta de Thomé de Sousa, 1-6-1533).

Serra abaixo, a villa de S. Vicente, ficaria a cargo do padre Gonçalo Monteiro, e como centro de irradiação colonizadora baseada nos alicerces da religião de Christo.

Esta villa ribeirinha ao mar seria o berço do novo Brasil, para cuja fundação o bravo capitão mór e tantos heróes e soldados do trabalho honesto concorreram, mas que as chronicas esqueceram ou que o assalto dos castelhanos de Iguape fizeram desaparecer em roubos e incendios, como tambem os corsarios do mar que a saltaram.

Daquelles afóra o bacharel, como se sabe, ora em S. Vicente, ora em Cananéa, merecem principal relevo Antonio Rodrigues, João Ramalho, Pero de Góes da Sylveira, Padre Gonçalo Monteiro, Ruy Pinto, Francisco Pinto, Antonio Rodrigues de Almeida, Pero Capico, Jorge Pires, Pedro Collaço, padre Pedro Correa, Jorge Ferreira, Luiz de Góes, Bartholomeo Gonçalves, Domingos Leitão, Gonçalo Affonso, Jeronymo Rodrigues, Belchior de Azevedo, Enrique Montes, sem contarmos muitos outros, testemunhas ou fundadores das duas villas affonsinas. A taes povoadores por dever de justiça devemos tambem juntar os 15 castelhanos tomados no porto dos Patos com os portuguezes naufragos do bergantim desgarrado e trazidos como passageiros da caravela Sta. Maria do Cabo, em 1532.

Quantos homens teria trazido então Martim Affonso, no povoar as duas villas?

Diz o Diario que em vespers da partida da armada do rio de Janeiro para o sul, havia elle tomado abastecimento para os seus 400 homens e por prazo de 1 anno. (julho, 1531).

Era nessa occasião a força naval de Martim Affonso composta da nau Capitanea, de nau N^a. S^a. das

Candêas, do galeão S. Vicente, da caravela Sta. Maria do Cabo e de dois bergantins armados naquella formosa bahia.

Parecerá esse numero de homens excessivo a um estudioso do Diario, sabendo-se ser esse o numero de embarcações que trazia a armada, de Portugal, e mais de ter sido esta desfalcada em Pernambuco das duas caravelas - Rosa e Princeza sob o mando de Diogo Leite; de se assignalar o desgarramento da nau S. Miguel commandada por Heitor de Sousa, na altura, parece, da bahia da Traição. e com provavel regresso a Portugal; de haver partido dessa mesma costa, do porto de Pernambuco para o Reino, uma nau franceza apresada, capitaneada por João de Sousa; de deixar enfermos na feitoria do rio de Pernambuco, pouco antes abandonada por Diogo Dias, e de morrerem afogados alguns dos seus homens na barra do arrecife.

Mas acceitando que ao partir de Pernambuco para a Bahia de Todos os Santos com a aquisição dos francezes das naus apresadas; na Bahia, com a dos tripulantes da caravela Sta. Maria do Cabo e com a gente já embarcada na Capitanea, no galeão S. Vicente e na nau apresada N^a. S^a. das Candêas, se podesse ter a força naval constituida de 400 homens; e sabendo-se que o capitão mór deixara em Cananéa, 81 tripulantes (1 capitão e 80 besteiros e espingardeiros); que morreram 7 homens no naufragio da Capitanea, no rio da Prata; que recebera 15 castelhanos em S. Vicente tomados no porto dos Patos pela caravela Sta. Maria do Cabo; que havia encontrado na terra vicentina Antonio Rodrigues, João Ramalho e talvez já regressado de terras de Cananéa o bacharel, afóra um ou outro colono; chega-se a suppor que teriam andado por ahi na fundação das duas villas, principalmente durante o curto espaço de quatro mezes, cerca de tres centenas de homens.

Mas partindo Pero Lopes deste porto a 22 de maio de 1532 no galeão S. Vicente e tempos depois a nau N^a. S^a. das Candêas, vimos a saber ter elle feito alardo da sua gente na bahia de todos Santos, e não encontrando em ambas as naus mais de 53 homens destinados ao combate ou gente d'armas - afóra certamente a gente do mar -, póde-se chegar á conclusão de que ao partir Martim Affonso nas duas caravelas, deixara nas duas villas fundadas cerca de uma centena de pessoas entregues á obra colonizadora do Brasil meridional.

Parte o capitão mór com a monção de março, -, talvez a 4 de março de 1533, segundo frei Gaspar da Madre de Deus -, de regresso á Lisbôa.

Despede-se elle da vista, mas não para sempre do coração, desse berço da nacionalidade brasileira, para levar pouco depois o seu sonho de gloria a mais longe, ás terras e aos mares da India, e realizar feitos guerreiros de intrepido lusiada.

Mas antes de aportar á terra portugueza tudo faz naturalmente suppôr o haver tocado em portos do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco, em cuja feitoria se haveria de certificar dos combates do seu valoroso irmão. Estaria já a nova fortaleza lusa ao mando de Paullos Nunes, recémchegado a bordo da caravela - *E s p e r a* - da armada de Duarte Coelho em missão de guarda-costas no Atlantico e de seguro comboio ás naus da India e do Brasil. (Vide Documentos)

Da derrota do capitão mór pelo oceano a caminho da Europa, pouco se veiu a saber, uma vez que o - Epitome da vida - de Martim Affonso se perdeu no incendio da Bibliotheca dos Condes de Vimieiro e a sua "Brevisima e Sumaria Relaçam" silencia este passo. Mas, sabe-se, como noticia colhida em missiva regia, datada de Evora, a 6 de julho de 1533 (Frei Luis de Sousa - Annaes de D. João III Doc. e Mem pg. 378), que, em chegando ás

ilhas Terceiras, ahí encontrou a Duarte Coelho - o valeroso filho de Gonçalo Coelho, sem justo motivo dado por Medina, como o bacharel de Cananéa... Commandava o futuro donatario da Capitania de Pernambuco uma armada de sete navios e tinha sob o seu comboio uma força naval de quatro naus mandadas pelo capitão mór Antonio Saldanha, e á qual Martim Affonso aggregou as suas duas caravelas.

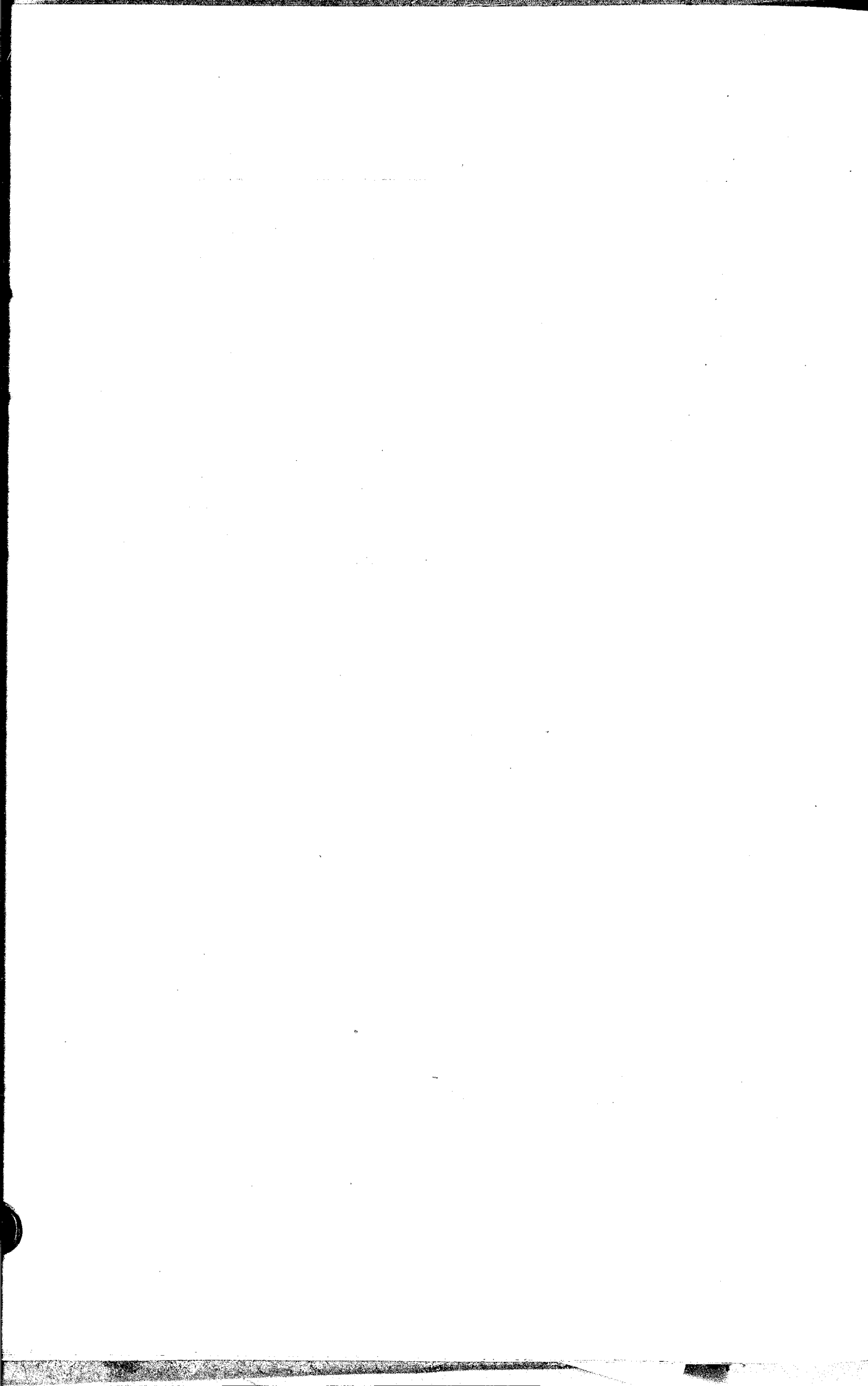
Treze navios velejaram então reunidos e vieram aferrar o porto de Lisbôa, talvez em agosto de 1533.

Andara assim ausente Martim Affonso de Sousa cerca de dois annos e meio das terras da Patria, e ao pisal-as, de novo, era-lhe portador de alguns feitos illustres que iriam determinar a formação do Brasil. -



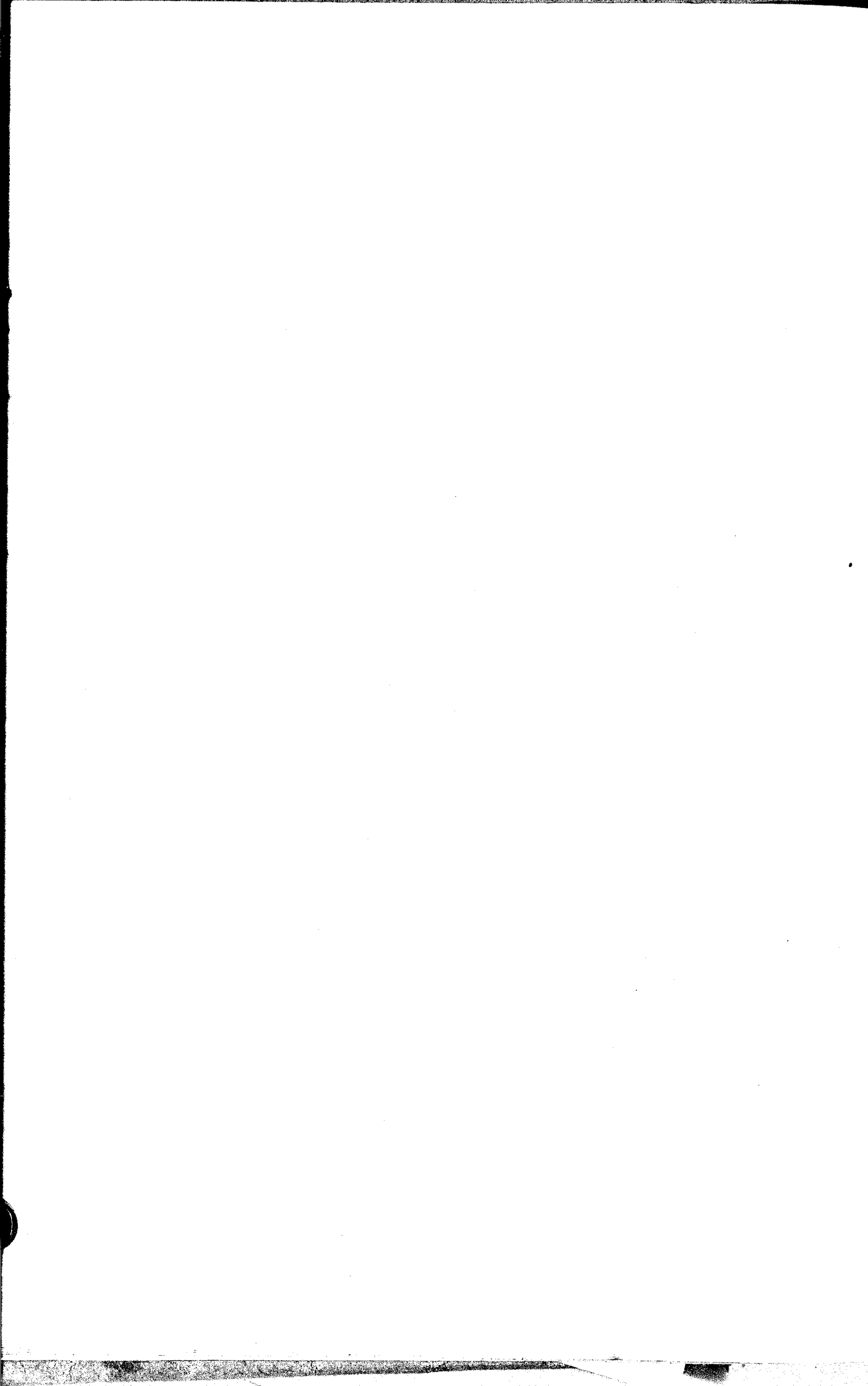
CAPITULO IX

REGRESSO DE MARTIM AFFONSO
PORTUGAL DE 1530 a 1535



CAPITULO IX

REGRESSO DE MARTIM AFFONSO
PORTUGAL DE 1530 a 1535



CAPITULO IX

REGRESSO DE MARTIM AFFONSO

PORTUGAL DE 1530 a 1535

Ancoradas em aguas tejanas as caravelas de retorno do Brasil e ao mando de Martim Affonso, revia o nosso glorioso capitão mór a Lisbôa quinhentista, abarrotada de riquezas e especiarias do Oriente e empolgada pelos "fumos da India". Ainda dentro nesse periodo feliz dos vinte primeiros annos do reinado de D. João III se achava Portugal, não vendo o povo - como diz o Conde de Ficalho - ou não podendo vêr ou mesmo suspeitar dos prenuncios de decadencia da grande nação maritima.

"A febre da India estava no seu auge. A riqueza ou pelo menos as suas manifestações exteriores, a pompa e o luxo, augmentavam. E a sede de gosos materiaes, as visões vagas do longiquo Eldorado, perturbavam mais do que nunca os espiritos".

"Portugal ainda possuia em Africa: Tanger, Ceuta, Arzila com Çafim e Azamor sobre o Atlantico; as ilhas oceanicas que descobrira; a costa da Malagueta; S. Jorge da Mina; o Congo; na America, as terras de Sta. Cruz; o oriente semeado de fortalezas desde Sofala em Africa até Paçem, em Sumatra" e officialmente desde 1529, pelo tratado de Saragoça, se tinha por absoluto senhor dessas Molucas das Especiarias.

"Maquina grande", dizia Frei Luiz de Sousa, e bem necessitada de um valoroso e sabio governador", ao tempo tambem em que o advento da Reforma de Luther já ia minando as nações christans, levando mesmo o povo

portuguez a reclamar de D. João III como em Espanha, a perseguição dos judeus, o Tribunal da Fé.

Nem outro fim teve senão o de renovar esse pedido junto ao Papa, a ida de Luiz Affonso a Roma em 25 de setembro de 1531 e, um anno depois, a missão de D. Martinho de Portugal, na armada de Antonio Correa empenhada ainda com o proprio bispo, no aprisionamento da nau "La Pèlerine", nas costas da Andaluzia.

Portugal devera muito, na sua inicial phase de renascimento, aos judeus, como aos primeiros mercadores que animaram com os seus capitaes o intercambio dos productos originarios do novo mundo com o velho mundo conhecido. Depois os Fuggers, os Marchiones, os Welsers, Cristoval de Haro e outros mais tomando habilmente o monopolio das especiarias e demais productos, vieram a favorecer o momento para ordenar D. João III a perseguição aos hebreus e christãos novos.

A feitoria da Flandres fôra uma criação resultante da participação estrangeira no dominio economico de Portugal aos poucos avassallado de compromissos e dividas, que precipitaram por fim a derrocada do credito da nação em outras praças da Europa.

Mas o povo ainda pouco enxergando nos acontecimentos politicos, entre a aventura e o sentimentalismo, comprazia-se na sua Lisbôa, em admirar a Rua Nova dos Mercadores na qual passeiavam os capitães enriquecidos na India, vestidos de seda, com espadas roçagantes, plumas ao vento; e onde se mostravam lojas de commercio para a venda dos pannos de seda do Oriente, das porcellanas finissimas, dos marfins trabalhados, das perolas da Costa da Pescaria...

Cruzavam com elles nessa orgulhosa rua da Renascença, os mercadores da Flandres, da Italia, da França, da Inglaterra, desembarcados na Ribeira das Naus, com o producto das suas industrias transportadas nos bojos das urcas e galeões. Eram esses mercadores tambem avidos das especiarias do oriente, das quaes a nau da India era tida

por mensageira mercantil, quando não desaparecida em naufragio ou batida e apresada pela nau da França.

Revêr a sua saudosa Lisbôa, entrar novamente na côrte festejado após tão grande empreza, seria então para Martim Affonso uma justa recompensa aos seus arduos trabalhos, longe da Patria. Mas penetrar a politica internacional que se desenhava nesse momento historico, seria fazer um estudo da situação de Portugal em face da França e da Espanha, ou do momento europeu. A tanto fôra levado o nosso heróe e será levado o nosso leitor.

Era a França governada por Francisco I. desde que este tomando o titulo de duque de Milão e ferindo a batalha de Marignan - a batalha dos Gigantes -, fôra armado cavalleiro por Bayard no campo da guerra. Alto de talhe, gentil, galante e amoroso, "avec ses yeux bridés et son nez trop fort", era elle um rei amante das artes, dos combates e das mulheres, e personificava essa phase da Renascença Franceza numa vida mixto de fausto e goso, bom gosto e polidez. Não fosse elle o introductor das damas na côrte de França, pois dizia "que uma Côrte sem damas, era um anno sem primavera e uma primavera sem rosas".

Protector de Rabelais; fundador do Collegio de França; amigo da fina flôr do Renascimento italiano cujos mais altos valores estimou em Andréa del Sarto, Vignuola, Benvenuto Cellini e Leonardo da Vinci - de quem adquirira até a obra prima - a Gioconda - para o Museu do Louvre; senhor dos castellos de Chambord, de Saint-Germain, de Villas - Cotterets e de Fontainebleau; amante da bella Madame de Chateaubriand, da Mademoiselle d'Heiley, - futura duqueza de Etampes - e de outras lindas mulheres do seu tempo; aventureiro nas suas campanhas de guerra e na sua politica interna e externa, é elle quem em paiz de solidas tradições christans age desavisadamente alliando-se aos protestantes prégadores da Reforma desde 1517, e aos turcos que Soliman, o Magnifico, ostentadamente

governava. Não fôsse rival de Carlos V e premeditasse vinganças de quem, pelo tratado de Madrid em 1526, ficara prisioneiro até trocar a sua liberdade pela prisão como refens, dos seus filhos, e pelo casamento com D. Leonor, irman do rei espanhol e viuva de D. Manuel, de Portugal.

Este tratado de Madrid marca para o rei francez, ora a esperança de uma magnifica desforra nos campos de batalha ou nas aguas oceanicas semeadas de corsarios da França, ora a desillusão da represalia habilmente disfarçada pelo seu humour intelligente, tão proprio da fina raça franceza.

Em tudo isto porém elle enxergava Portugal e Espanha unidos contra a França e dividindo entre si o mundo conquistado e por conquistar; e então, a pretexto de se fazer o defensor da liberdade dos mares, intensificava a acção do corso francez em pleno oceano ou em mares ribeirinhos ás duas nações, e com subtileza e felonía aparava os golpes da diplomacia iberica, para desferir os seus, nem sempre com o mesmo alcance e felicidade.

Frisemos desses os que sobre a politica dessas nações tiveram importancia capital dentro no periodo a que nos havemos de ater.

A partida de Martim Affonso a 3 de dezembro de 1530 para o Brasil, succedendo á politica já inaugurada nesse sentido, accentua ainda mais a firme acção official do governo portuguez com investir D. Antonio de Attayde no cargo de seu embaixador junto a Francisco I, e na empreza de conseguir a cassação das cartas de marca passadas a favor do typo mais representativo de armador do corso francez na costas normandas -: João Anjo.

Fructo dessa missão diplomatica veiu a ser em meados de 1531, o accordo que se fez em Fontainebleau, tendo como vogaes e conselheiros o mesmo D. Antonio de Attayde e Gaspar Vaz, por parte de Portugal, e o cardeal Sans, o Se-

nhor de Montmorency e o almirante Chabot de Brion, por parte da França.

Por este accordo annullavam-se todas as cartas de marca e represalia até então concedidas, e aceitava-se, entre outros compromissos, o de no caso de "queixas e requerimentos de novas cartas", fazer-se a nomeação de dois juizes que, em caso de recurso e appellação, seriam augmentados de um terceiro, dado pelo Summo Pontífice.

A 3 de agosto desse mesmo anno e aparentemente justificando esse accordo, mandava Francisco I que por provisão real se lançasse prégão pelos portos de mar "para que nenhum vassallo fosse a contratar a terras da conquista del Rey de Portugal sob pena de confiscação de bens e pessoas". (Frei Luiz de Souza - Annaes de D. João III Liv.º 5).

Emquanto era motivo de assignar-se esse tratado - e por não confiar no rei francez e nos francezes, uma vez que acabava de chegar apresada a Rouen uma urca portugueza vinda da Flandres, carregada de assucar e tida como presa em alto mar, - D. Antonio Attayde agia pelo suborno, pagando 10.000 cruzados por conta dos 60.000 francos dispendidos por João Anjo no aparelhamento de uma expedição corsaria. Fôra esta auctorizada pela carta concedida ao dito armador por Francisco I, e extendia-se tambem o suborno ao almirante Chabot de Brion, a quem o embaixador portuguez offerecera igual quantia para que jamais permittisse o despacho de navios do corso para a Malagueta e o Brasil. (Idem, Liv.º 5.º) Era este documento datado de 6 de setembro de 1531, talvez já quando D. João III pela nau de João de Sousa tendo noticias do apresamento de naus francezas no Brasil, e na expedição de Martim Affonso, providenciava para que não circulasse em França tão alarmante noticia. Entretanto, a represalia disfarçada do corso francez não adia a sua acção vigorosa, já no "triangulo" maritimo no Atlantico, já nas costas do pau brasil para onde partira de Marselha em dezembro

de 1531 por ordem do almirante barão de Saint Blancard, a nau - *La Pèlerine* - e cujos feitos ao longo da costa de Pernambuco já tratámos no capítulo VIII deste trabalho.

De regresso a nau á Europa, foi esta apresada pela armada de Antonio Correa, nas costas da Andaluzia, e enviada a Lisbôa ainda em 1532, conforme ao que no mesmo capítulo narrámos.

Dahi o porfiarem os portuguezes cada vez mais na policia do oceano sulcado pela navegação da India, da Africa e do Brasil, como tambem na dos mares algarvios e pernambucanos; e nestes accentuadamente com a acção de Pero Lopes e de Martim Affonso, de 1531 a 1533. Pero Lopes tanto nas costas portuguezas como brasileiras obtivera victorias assignaladas. Martim Affonso apresara com seu irmão tres naus ao chegar ao Brasil, e quando de regresso em 1533, com as suas 2 caravelas, ainda nos facilitava o conhecimento de como se fazia esta policia do oceano: pois tocando nas ilhas Terceiras, ahi vem a encontrar a Duarte Coelho de volta do cruzeiro até a costa da Malagueta com 7 velas, e no comboio das naus da India, ou nesse instante, dos 4 navios do capitão mór Antonio Saldanha. (Idem - Carta de D. João III - 6-7-1533).

Nesse comboio regressando Martim Affonso a Portugal devia tambem saber qual a acção pertinaz do embaixador portuguez na França, para vencer por qualquer forma, mesmo pelo suborno tão de uso entre os homens do Renascimento.

Assim, pelo tempo da viagem de Bernaldim de Tavora á França, já neste paiz e com esses propositos se achavam João Vaz de Caminha e Gaspar Palha; e em elle ahi chegando mostrava a missão de entender-se com Honorato de Caix, para estorvar concessões de novas cartas de marca, ainda que preciso fosse "comprar as partes ou fazer concerto com ellas." Traria principalmente em mira: entrar em relações com o grande chancellor - o cardeal Sans -, o grão mestre de Montmorency, e o almi-

rante Chabot de Brion, para cada um dos quaes tinha auctorização de dar 4.000 cruzados annualmente ou mesmo mais, se o quizessem; tratar com Francisco I. - como cousa sua - e no caso, dando a sentir o seu pensamento que não convinha suppuzessem o de D. João III; aguardar a chegada de André Soares portador dos 12.000 cruzados precisos, ou talvez em lugar d'elle, do feitor da Flandres, Jorge de Barros.

Por um ou outro entregues, o certo é que, breve, Bernaldim de Tavora os tinha em seu poder, e os distribuia no maior quinhão de 6.000 cruzados ao almirante Chabot de Brion, e em dois menores, de 3.000 a cada um dos cumplices: o chanceller Cardeal e o grão mestre de Montmorency. E não contente deste suborno satisfactoriamente realizado, fiscalizava ainda a espionagem mantida pela côrte de D. João III no proprio paço francez, onde assistiam uma irman do grão mestre de Montmorency e a "Tinoca", mulher portugueza, como "criada da Rainha". (Annaes D. João III — Inst. dadas a B. Tavora - 15-12-1533).

Para manter esta espionagem e o suborno constantes havia-se mister de dinheiro ainda trazido secretamente da feitoria da Flandres, talvez em 1534, por um Ruy Fernandes, para ajudar Tavora a praticar "o negocio das marcas".

Seria por esse tempo que D. João III carteando-se com Francisco I. - quando 6 a 7 naus francezas haviam sido sequestradas por portuguezes - dizia: que no mar tinham já os francezes tomados 350 navios seus e dos seus subditos e, não sabia elle "como aviamos de ser grandes amigos, andando os nossos vassalos em continuas pelejas"; e "como seria se elle", Francisco I, "isto não emendase". (Annaes D. João III. Carta - 1-1-1534).

Pareciam taes avisos preoccupar de pouco o rei francez, então responsavel, em paiz christão como a França de favorecer a propaganda da "Reforma" alastrada em certos paizes da Europa desde 1517; e certamente por elle acceita para satisfazer o esperado momento da vindicta contra o

rei espanhol. Desenha-se essa sua política insincera e oportunista, com se unir aos protestantes pela Liga de Smalkalde, com Henrique 8.º, assim como com Gustavo Vasa, rei da Suecia, e Solimão, o Magnifico, imperador de Constantinopla.

Carlos V. mais habil e favorecido que o seu rival, buscava a alliança da Christandade e provocava assim, no scenario europeu, os prodromos de uma guerra religiosa contra os inimigos do Catholicismo.

Antes de lá chegarmos, porém, após termos esboçada a politica, de 1530 a 1535, entre Portugal e a França, devemos, para melhor encaminhamento do assumpto, lembrando ainda uma vez a partida da armada de Martim Affonso de Sousa para o Brasil, fixar a politica que o Portugal de D. João III veiu mantendo até esta data com a Espanha aventureira e opulenta de Carlos I.

Deixemos rapidamente assignalado o periodo espanhol de 1520 a 1529 - em que se esbate a figura de Carlos V. inimigo de Francisco I já a querer realizar o sonho de Carlos Magno ou o de rei do Universo. E' este periodo iniciado, já Carlos I, Carlos V da Allemanha, com a invasão da França, na qual se houve tambem como prestante cavalleiro d'armas Martim Affonso de Sousa, nas hostes victoriosas da Espanha, orgulhosa de impôr em 1526 a Francisco I o tratado de Madrid. Desse lance feliz para Carlos V, surgem vantagens ou consequencias importantes para a politica européa; taes como: aprisionamento de Francisco I, mais tarde liberto sob a garantia de dar como refens os seus dois filhos; alargamento do poder espanhol na Europa, a par da conquista do Eldorado do Novo Mundo; obrigação do rei vencido de abandonar as pretensões que nutria sobre Napoles e o Milanez; regulamento dos bens do Condestavel de Bourbon; obrigação de Francisco I casar-se com a irman do rei espanhol - D. Leonor, viuva de D. Manuel, o venturoso, de

Portugal; aliança de Francisco I com Henrique 8.º da Inglaterra; campanhas na Italia, sitio de Roma; assignatura do Tratado de Cambrai - a paz das Damas - negociado por Margarida d'Austria e Luiza de Saboia, pelo qual ficaria o rei francez com a Borgonha mediante o pagamento de 2.000.000 de escudos ouro, mas com a obrigação do abandono da Italia; e finalmente, o aspecto historico que mais nos interessa evocar, para se ter presente esse momento politico da velha Espanha e do velho Portugal, então regedores dos oceanos e terras na Africa na Asia, na America.

Ligadas estas duas nações pelo sangue das familias reaes e christans que as governavam, tornara-se dia a dia, para ellas, inimiga commum a França de Francisco I, se bem que no fundo Portugal e Espanha se houvessem como rivaes no oceano e na divisão do mundo. Mas sobre os conflictos de interesses que entre ellas surgiam, iam os seus estadistas adiando ou resolvendo sem descontentamento para as casas reinantes, protelando-os e atalhando-os com actos de mutua accommodação, e sómente, uma ou outra vez, desferindo golpes de audacioso commettimento que o rei ou imperador sancionava por patriotismo, hypocrisia e sagacidade.

Assim, quando já compradas as Molucas á Espanha em 1529, pelo tratado de Saragoça, ao mandar Portugal a Martin Affonso em 1530 na missão exploradora e colonizadora do Brasil, desferia D. João III um desses golpes habéis com o fim de influir definitivamente num traçado que mais não era, senão o recuo da linha demarcadora no continente americano do sul.

O portuguez Diogo Ribeiro, um anno antes, a serviço da Espanha mas, parece, sob o aviso de Pedro e Jorge Reinel, tambem portuguezes de nação, já fizera recuar no seu portulano essa divisa favorecendo a Portugal com terras que este não devera ter; e ao partir da expedição de Martin Affonso, os Reinel, ao serviço de Portugal nova-

mente, deveriam de ter influido no animo do capitão mór para que este tivesse por lindes do Brasil: ao norte, além do rio de Maranhão que faziam os lusos passar pelo Mar Dulce dos espanhóes; e ao sul, subindo o rio da Prata e o Paraná, até chegar-se a determinado ponto escolhido que influisse no recuo do meridiano - tal como o foi para Pero Lopes o esteiro dos Carandins. E com isso, havia de se justificar mais tarde, a posse de terras patagoneas além do golfo de S. Mathias, talvez descoberta da expedição de 1514.

A posse do rio de Maranhão ao norte para a qual Martim Affonso mandou a Diogo Leite, de Pernambuco, e a dos rios de Santa Maria ou da Prata e Paraná ao sul, até 30 leguas aquem da fundação de Caboto, onde Pero Lopes plantou os padrões de Portugal -, bem justificam os seus propositos, não com detalhes affirmados mas sugestiva e astutamente esquecidos no portulano do portuguez Gaspar Viegas, um anno após o regresso de Martim Affonso a Portugal.

Neste portulano o traçado do meridiano ao sul mais favorecia ainda que o de Ribeiro, a posse portugueza.

Da conquista do Mar Dulce ou do Marañon, não parecia ao tempo a Espanha tão ciosa, uma vez que já attingia as minas do Perú por outros caminhos; mas da do rio de Sta. Maria, - Solis ou da Prata, - ella a affirmava e como descoberta feita para a Espanha, aliás pelo portuguez João Dias de Solis, não reconhecendo assim a realizada em 1514 pela armada portugueza de D. Nuno Manuel e de Cristoval de Haro na viagem narrada na "Gazeta Aleman". E' que a conquista para ambas as nações seria de subido valor, uma vez que visavam a descoberta das minas de ouro e prata do Paraguai ou de sobre serra, nos Andes.

Em documentos officiaes da Espanha, oriundos de informações colhidas em Portugal desde a partida da armada de 1530 por habil espionagem mantida pelos embaixadores

castelhanos. vemos romper-se debate sobre a posse do grande rio do sul, e deixar-se, se não esquecido menos lembrado, - o Mar Dulce ou o Marañon, ao norte -.

Traz a data mais antiga desses preciosos documentos officiaes, a carta escripta de Ocaña a 8 de março de 1531, e dirigida ao embaixador espanhol em Portugal, D. Lopo Furtado de Mendonça. Refere-se a mesma, á partida dos navios de Martim Affonso, de cujo aparelhamento para essa missão uns mezes antes teria dado parte ao rei espanhol, - o portuguez Gonçalo da Costa - convidado a participar de semelhante empreza colonizadora.

Reza esse documento no luso idioma quinhentista, o seguinte :

“Sey” - diz Sua Majestade a Imperatriz ao dito D. Lopo Furtado - “que El-Rey meu senhor e irmão” (D. João III.) “enviou ou quer enviar uma armada ao Rio Solis, que dizem da Prata, que Juan Dias de Solis descobriu por mandado do Rei Catholico, meu Senhor e Avô que seja em gloria, e depois foram a elle, em nome do Imperador, meu Senhor, Sebastian Caboto, nosso piloto mór e Diego Garcia, nossos capitães, com as nossas armadas, e edificaram e permaneceram nelle por 3 annos e mais tempo, e, porque, como vêdes, se a gente que enviou se intromettesse nella, poderia trazer inconvenientes aos nossos subditos e aos delle, apesar de o ser contra a capitulação assentada entre esses Reinos e Portugal, escreveu S. Alteza uma carta de crença a vós remettida, e eu vos ordeno que logo que esta receberdes, lhe mostreis a minha carta, lhe faleis da minha parte, e lhe peçaes que não envie armada nem gente ahi, nem a parte nenhuma que caia em nossa demarcação, pois é notorio que a dita terra entra e cae dentro dos limites da nossa demarcação e foi tomada tanto tempo ha em nosso nome; e se alguma armada ha enviado áquellas partes, lhes mande que não entrem nem to-

quem no dito Rio Solis, nem passem em nossa demarcação, dizendo-lhes o cuidado que o Imperador, meu senhor, tem sempre de mandar a seus capitães e armadas que não entrem nem toquem em cousa que caia na demarcação de S. Alteza, que assim é de justiça o mande fazer, que além de ser isto cousa tão justa, eu receberia delle desgosto por ser em ausencia do Imperador, meu senhor; e para que este proveja logo, fazei-lhe a instancia que virdes convenha, e com este correio me avisai do que com elle fizerdes”.

D. João III em resposta escrevia á rainha de Espanha, sua irman, a carta de 27 de maio de 1531.

Textualmente, - como consta da Secção dos manuscritos da Bib. Nacional do Rio de Janeiro (I.º, 32, 34, 7) - é a seguinte:

“Muyto alta, muyto ezelente, muyto poderosa princeza señra Irmãa. Lopo furtado voso embayxador me deo vosa carta (a de 8 de março) e me dise todo o mays que lhe mandastes que me disese acerca da navigaçam do Rio da prata na costa do brasill e porq quando mandey a armada de que fiz por capitão martim A.º de Souza, fidalgo de mynha casa e de meo conselho no q lhe mandey que fizese eu tive aq ela lembrança, que sempre tenho, nas cousas que mando fazer e mais nas que por algũa vya se possam attirar com cousas do emperador, meu muyto amado e preçado Irmão e vosas. Ouve por bem que voso embayxador vyse o regimento que lenviu e lho mandey amostrar de que vos ele dará qtas (contas) e o mais escrevo a alv.º mendes de vasconcelos fidalgo da mynha casa do meo conselho e meu embayxador e o

dise ao voso embayxador. Muyto alta muyto ezcelente e muyto poderosa señra Irmãa.

“Sintra, aos XXVII dias de Mayo de 1531 anos”

Não tardava também muito que chamado á presença da imperatriz era o embaixador portuguez Alvaro Mendes de Vasconcellos e arguido sobre o assumpto que, a carta desse embaixador de 14 de dezembro desse mesmo anno, dirigida a D. João III, desenha com bastante precisão, dando-nos o momento historico que desejamos fixar.

“Senhor.... quando castanho aqui chegou eu estava para despachar hû correo por que aquel mesmo dia me chamou a emperatriz e me disse que polo que lhe eu tinha dito e principalmente polo que ela desejava fazer em totalas cousas de s. serviço tinha acabado com estes do seu concelho das Antylhas e com o cardeal, que não mãdassem daquy pessôa alguma fazer requerimentos a V.^a al. sobre o Ryo da prata como estavam determinados, se não que escrevessem a lopo furtado que ho fizesse por outros termos mays brandos, sómente pelo que cumpria ha justiça do Emperador, pois he notorio que tem posse daquel Rio primeiro que v. al. e que me rogava que escrevesse loguo isto com as mays palavras que me parecessem necessarias para que v. al mandasse responder com algû bom meo e que lá faria muyto por deter as cartas que sobrysto avyão descrever a lopo furtado” (embaixador espanhol em Portugal) “algûs dyas até ver repostas do que eu agora escrevo.. A sustancia do que lhe respondi foy que lhe beijava as mãos por começar a entender (a) estes do seu conselho e o modo de negociar que sempre buscavam, e poys que já asy entrava nysto, que de todo os devia apartar de cousa tam herrada como herão estes requerimentos por qualquer que fosse, porque para boa repostas e justa de tudo o que me dizia e lhe di-

zião, dous soos pontos nota-se por principaes afora outros muytos que todos lhe muytas vezes tinha dyto: primeiro, que v. al. no regimento de martym afonso lhe mandava e encomendava toda amizade com castelhanos que não lhes tocas e nem contende se sobre cousa que o possuyssem; a segunda, em que se arrematão todas ho que conforme aas capitolações dos Reys pasados, v. al. lhe mandou por mym dizer que ela (a imperatriz) por parte do emperador e sua mandase averiguar em que tempo descubrira o (rio) Solis e que v. al. mandaria muy brevemente saber em que tempo descobrira hũa armada de dom nuno manuel que por mandado del Rey voso pay que estaa em gloria foy descobrir ao dyto Rio e que quem se achase por verdade que primeiro (o) descobrira estyvese em pose até se lançar a lynha - etc... e que olhase-la pois os do seo conselho dysto fugião que nem tinhão nenhũa rezão nem querião senam buscar manhas e biocos para fazerem negocios a seu modo e não como compria a serviço do emperador eseu, a ysto me respondeo que o não avyão senão pela pose a qual lhes v. al. tomava tomando martym afonso qualquer parte daquel Rio, e que por ysto me rogava que todavya escrevese logo a v. al. antes que fossem as cartas pera lopo furtado fazer os requerimentos por bem da pose do emperador, eu lhe dysse que eu es-

creverya loguo como me mandava e que não sabya cousa que v. al. melhor podese responder do que (eu) tinha respondido, nem que a elle mylhor estivese, e que quanto a dizerem que em tomar martym afonso parte do Rio lhes. faria ofensa e lhes tomava sua pose, que ysto hera muy grande engano por que o Rio he tamanho e faz tantas voltas e tam grandes que já poderia ser que duas tres partes del-le as duas estivesem na demarcação de v. al. e quyçá que todo ou tambem polo contrario e que por ysto e por tudo martym afonso não pudya herrar segyndo o Regimento de v. al. nem se poderião achar mylhores meos que os que v. al. tynha ofrecydo e que porem eu escreveria o que me mandava e que esperava que entretanto lhe acabasse de conhecer a rezão e verdade que v. al. ofrecya e do que sempre usava em todas as suas cousas etc...

“Pareçeme que pera mylhor v. al. me deve loguo mandar responder espantandose muyto de não aceytarem os meos e determinação que v. al. escreveo mostrando-se dysto mal contente com el mays palavras necessarias etc ... Ysto diguo por que creio segundo os negoceos de quaa vão e tudo estaa fraco que aproveytará, asy aguora como pera o dyante, e o não responder e dylatar lhe daa a elles que dizer e cuydão que senão

dylata senão por myngoia de rezão e justiça e desta maneira que dyto tenho que v al. mande responder não poderão dizer o que aguora e sempre dizem. V. al. overá mylhor e mandará responder como mais fôr servydo. noso senhor a vyda e Real estado de v. al. acrecente como deseja. de Medira do campo a XIIIj de Dezembro de b^cxxxj (531) anos: beijo as Reaes mãos de v. a. alvaro mendez de vasconcelos. (Arquivo Nacional de Lisbôa - Corpo Chron. - parte 1.^a, maço 48, n.º 8).

Se nos fosse permittido conhecer o Regimento dado por D. João III a Martim Affonso, neste passo haveriamos de esclarecer melhor o leitor e preparar-lhe o espirito para aceitar algumas conclusões que nos pareceram avisadas. Mas na correspondencia official ainda nova fonte se tem de detalhes pertinentes ao assumpto: assim, na carta que precede a acima citada e dirigida á imperatriz de Espanha, da cidade de Evora, a 10 de setembro de 1531. Neste documento Lopo Furtado occupa-se do rio Solis - (da Prata ou de Santa Maria) - mostrando tambem o proposito que o rei D. João III tinha de se averiguar o tempo em que Solis foi a descobrir o rio da Prata e o que fez, e pela primeira vez, nesta phase dos meneios diplomaticos parece falar-se no rio Maranhão que os portuguezes faziam passar pelo Mar Dulce e Maranhon dos castelhanos. Annuncia, se bem que não precisamente, esta missiva um ponto da navegação da armada de 1530, dando duas caravelas, certo as de Diogo Leite, a Rosa e a Princeza - chegadas a Lisbôa, após attingirem no continente americano ou melhor ao norte do Brasil, "um rio mui grande que possuia muytas planicies e grande copia de aves e "cujijos"; e accrescentava: de cuja expedição "não traziam cousa de valor de ouro e prata". A' chegada de uma nau, crêmos, a de João de Sousa vem ella tambem a referir-se.

Haveria assim por esse informe Diogo Leite, em cerca de sete mezes de navegação, dos fins de fevereiro de 1531 talvez a julho do mesmo anno, percorrido da costa de Pernambuco para o norte até o rio mar ou proximidades delle, pois o objectivo era attingir o - Maranhão - da cartographia coeva, e dahi, regressar a Lisbôa.

Mas desse littoral nortista e desse grande rio, já dois annos antes, em 1529, Diogo Ribeiro dissera: "esta costa foi uma ou duas vezes visitada logo que se descobriram as Indias - (occidentaes) e depois não voltaram a ella. O Rio Marañon é muito grande: por agua doce entram os navios nelle"; agua doce, dizia Ribeiro - de que se poderiam abastecer mesmo "até 20 leguas a o mar".

Seria este certamente o Amazonas actual, e tal serve de demonstrar tambem, na propria Espanha, como de Enciso em 1519 a Ribeiro dois lustros depois - se caracteriza a evolução que foi tendo a politica iberica sobre este ponto geographico, no sentido de se substituir o Mar Dulce pelo Marañon ou pelo Maranhão.

O traçado da carta de 1534 por Gaspar Viegas, dava a baia de diogo leite ao oeste do Maranhão ou Maranhão, este, pretensamente quasi fixado no ponto geographico do actual - Amazonas -

Discorda desse criterio geographico porém, o que se lê na carta de doação de 13 de junho de 1535, já citada, e passada a favor de Fernão Alvares, Ayres da Cunha e João de Barros, naquelle passo em que diz:...

"e as 50 leguas, que começam da abra de Diogo Leite da banda do oeste e se acabam no Cabo de Todos os Santos da banda de leste do rio de Maranhão. (Real Arch.º L.º 21 fls. 73 - Chanc. D. João III). Não faz esta opinião doutrina collocando-se a abra de diogo leite ao leste do Maranhão ou Maranhão; porque se virá a manter já com o proprio Viegas, o Maranhão portuguez onde se assignalaria o Marañon ou Mar Dulce dos castelhanos; e para,

por fim, ao correr desse seculo vir tal criterio se consagrar, por um accordo entre Carlos V e D. João III, com mandar-se erigir marco no rio "Yanez Pinzon" ou Oyapoc, tendo em faces oppostas as armas de Castella e as de Portugal. Já ao tempo o Mar Dulce, ou melhor, o Maranhão, seria o rio das Amazonas, e ficaria assim dentro na posse lusitana.

Outro tanto não occorreria com o grande rio do sul e com os seus afluentes: o rio de Sta. Maria dos portuguezes ou da Prata, como vimos nos documentos citados, aos quaes tambem se poderá acrescentar a carta de 24 de outubro de 1531 do embaixador portuguez a D. João III. Noticiava esta o boato corrente em Espanha, de que mandara Martim Affonso do rio de Sta. Maria, ouro e prata, e desbaratara em uma ilha do Brasil uma nau de castelhanos; e transmettia-lhe o pedido da Imperatriz para que elle não mandasse mais naus áquelle rio e áquellas terras.

Tinham os portuguezes o rio da Prata ou Sta. Maria como descoberta sua, anterior á de Espanha.

Em 1527, ao serviço desta nação fundara Caboto subindo esse rio e o Paraná, e na confluencia deste com o Carcarañá, o forte de Sancti Spiritus. Em 1531, a expedição portugueza no bergantim de Pero Lopes subindo o mesmo rio de Sta. Maria ou da Prata e o mesmo Paraná, ou melhor o Paranaguazú, trinta leguas aquem do fórté de Sancti-Spiritus, de Caboto, e portanto da posse espanhola, ergueu ahi, á boca do que chamou o esteiro dos Carandins, os padrões da posse do rei de Portugal.

Definia assim Martim Affonso o traçado de um meridiano que não seria o approvedo pelo Tratado de Tordesilhas e sim outro que augmentava para oeste de muitos e muitos kilometros e leguas, a posse de mais vasto Brasil Colonial.

Se não era esse traçado a realização do que traria no Regimento assignado por D. João III, era o sentido occulto de uma obra meditada e premeditada, para justificar bem aquelle dizer arguto do Embaixador Luiz Sarmento, em 11 de julho de 1535, a respeito dos capitães quinhentistas: "porque cuidam que o mais que possam descobrir e occupar que aquillo se ganha".

Mandava além de tudo, a esse tempo, a prudencia ou sabedoria dos estadistas da Peninsula que evitassem desaccordos entre as duas casas reinantes ligadas por parentesco tão proximo, e mantivessem as duas nações em alliança offensiva e defensiva contra as naus corsas da França, inimigas das naus de Espanha e de Portugal.

Mas como se em tal caso só falasse a prudencia, se haveria de perder a conquista; e como é do caracter portuguez retardar ou adiar mas tambem de surpresa ousadamente querer ou realizar, vem D. João III a escrever aquella carta de 28 de setembro de 1532 a Martim Affonso, e a despacha-la nas caravelas de João de Sousa, mandadas com essa especial mensagem ao Brasil.

No capitulo VIII já foi esta carta transcripta como documento arguto e politico em que se desenha o primeiro passo para a divisão das terras brasileiras a colonizar; e em que se sente a pressa e o cuidado com que D. João III pede ao capitão mór, entre outras informações, as do que elle havia feito no rio da Prata - esclarecimento que o proprio Diario nos fornecerá.

Entrando ainda esse documento na apreciação de como se povoar a bella colonia americana, relata D. João III o que resolvera com os seus conselheiros sobre as divisões das ditas terras, uma vez que era informado em "algumas partes fazerem europeus fundamento de povoar a terra do dito Brasil, e de com quanto trabalho se lançeria fóra a gente que a povoasse, depois de estar assentada na terra e ter nella feitas algumas forças - (como já em Pernambuco começava a fazer)"...

E assim considerando, dizia D. João III a Martim Affonso: “determinei de mandar demarcar de Pernambuco até o rio da Prata cincoenta leguas de costa a cada Capitania e antes de se dar a nenhuma pessoa mandei apartar para vós cem leguas, e para Pero Lopes, vosso irmão, cincoenta nos melhores limites dessa costa, por parecer de pilotos e de outras pessoas de quem se o Conde, por meu mandado informou.” - No mesmo documento ainda D. João III informa ao capitão mór: “Como vereis pelas doações que logo mandei fazer, que vos enviará; depois de escolhidas estas cento e cincoenta leguas da costa para vós e para vosso irmão, mandei dar a algumas pessoas que requeriam capitánias de cincoenta leguas cada uma; e segundo se requerem parece que se dará a maior parte da costa; e todos fazem obrigação de levarem gentes e navios á sua custa, em tempo certo como vos o Conde mais largamente escreverá; porque elle tem cuidado de me requerer vossas cousas, e eu lhe mandei que vos escrevesse”.

Do aprisionamento de uma nau franceza, - La Pèlerine - na costa da Andaluzia, fala tambem D. João III, como da fortificação que em Pernambuco os corsarios haviam deixado. Tal saberia provavelmente por informação dos prisioneiros feitos por Antonio Correa; não saberia ainda já haverem sido desbaratados os francezes por Pero Lopes quando em Pernambuco tocara, mandando a nau N.^a S.^a das Candêas e o galeão S. Vicente, de regresso para Portugal. E se providencias tomara para os navios de Duarte Coelho os combaterem, após a chegada de Pero Lopes a Portugal, logo depois em começo de 1533, tambem contra-ordem expediria a esse capitão mór. Nem mesmo á caravela Espera que levou Paulo Nunes

a Pernambuco, coube a honra de pelear em tal feito nas costas pernambucanas. (Hist. Col. Port. - pg. 155-157. vol. - III).

Da parte referente á divisão da costa brasileira, vemos D. João III empenhado em te-la fraccionada em capitánias desde o littoral pernambucano até o rio de Santa Maria ou da Prata, rio que, - um anno antes, perante a Imperatriz de Espanha - achava o embaixador Alvaro Mendes de Vasconcellos ter sido descoberto pela expedição de D. Nuno Manuel, e portanto, contra a opinião dos espanhoes, que o davam como conquista de Solis.

Ao regressar a Portugal Pero Lopes, primeiro, e Martin Affonso depois, não demonstra mais o rei o desejo de levar a divisão das capitánias até o rio da Prata; e sim da costa do Maranhão - a qual haveria de tomar o nome de um rio assim designado - até a proximidade da actual Laguna, ao sul do continente.

As primeiras doações de terra são então feitas com a data de 1.º de janeiro de 1534 e dentro nesses novos lindes geographicos.

Que influencia agiria assim, no animo do rei e no dos seus estadistas para tão nova resolução?

Antes do mais, devemos dizer que a conquista do Perú por Pizarro já era vantajosamente orientada, após a da Castilla del Oro, por caminhos centraes do continente, e que só mais tarde, em 1541, desceria Orellana o Amazonas tão favoravel áquella posse. Para o sul mudava de aspecto a conquista em meio geographico diverso.

O rio da Prata e afluentes eram o caminho natural já navegado para a Espanha por Solis, Magalhães, Garcia e Caboto; e até as faldas da serra andina e além ficariam outras terras já buscadas por aventureiros dessas armadas espanholas, no anseio de descobrirem as minas do Paraguai e do Perú.

Mais portanto, haviam feito nessas regiões os aventureiros ou sertanistas ao serviço de Espanha, que os nautas de Portugal apresentados desde 1514 como descobridores do rio da Prata, mas não havendo oficialmente ainda tentado ahí qualquer incursão, em busca das minas.

Da residencia de portuguezes ao serviço de Portugal nestas terras platinas, só nomeariam as chronicas João de Lisbôa e João Lopes de Carvalho segundo uns, ou Vasco Gallego de Carvalho, segundo outros. Do primeiro, notavel piloto e cosmographo, diz-se, residiu num - cabo de Sta. Maria - para Diogo Ribeiro talvez o actual cabo deste nome por elle baptisado cabo João de Lixbôa, e antes para Maggiolo (1527), Santa - Maria - e não talvez para outros, que o dariam como habitante do antigo cabo de Santa Maria do bondeseho, de Maggiolo (1527), identificado hoje com a punta del Este de Maldonado.

Além do mais a 24 de dezembro de 1531, o embaixador Vasconcellos dissera á Imperatriz da Espanha, sobre essa conquista, ser "o Rio tamanho e fazer tantas voltas e tam grandes, que já poderia ser que duas tres partes delle, as duas estivessem na demarcação de Portugal e quyçá que todo ou tambem polo contrario". E essa duvida procura-se destruir com uma realidade, com a expedição de Pero Lopes de Sousa, que já a esse tempo e de regresso vinha em busca do cabo de Santa Maria, depois de deixar erguidos dois padrões de posse em terras dos Carandins, já visitadas por Caboto.

Esclarecidos esses pontos e tratando-se até então de alargar a posse e logo depois de colonizar o immenso Brasil, não pensaria Martim Affonso, e com elle Portugal, povoar as costas menos expostas á cobiça, deixando as que mais á mercê della se achavam desapercibidas. E dahi o que logo a seguir se accentua, feitas as fundações de S. Vicente e de Piratininga, com deixar-se para mais tarde o do-

minio do grande rio sulino que os estadistas de ambos os paizes disputavam, e marcar-se como linde meridional das capitancias do sul, um ponto geographico na altura da actual Laguna. Talvez fosse ahi a esse tempo, o golfo Frenoso (Reinel) ou o - puerto del Farallon dos Espanhóes - porto este, porém, já ao sul do porto dos Patos, uma das conquistas de Castella. Ao norte do Brasil assignalar-se-ia na carta de Viegas em 1534 a baia de Diogo Leite além do rio Maraño da conquista espanhola - o Mar Dulce do passado ou o Amazonas actual. E assim, por essa forma arguta e ousada era tentado oficialmente um lento recuo do meridiano estabelecido pelo Tratado de Tordesilhas, consagrador da divisão official do Mundo quinhentista.

Se cartographicamente por tal maneira o pensamento do governo portuguez assim se definia, na obra da colonização, elle se não precipitava na posse de terras mais sulinas ainda do continente, as quaes sabia, a Espanha lhe havia de disputar. Demonstra esse conceito a divisão das terras em capitancias dando como, de todas, a mais meridional, a capitania de Sant'Anna, em 1534, a Pero Lopes de Sousa, só alcançando a actual Laguna mas ultrapassando o porto dos Patos.

A Espanha, pretendendo colher outros feitos de mais valor militar, por esse tempo, ao correr do anno de 1535, ao ter sciencia das novas expedições colonizadoras ao mando dos primeiros donatarios no Brasil, apparelhava a armada de D. Pedro de Mendoza, na qual se embarcaria Gonçalo da Costa, mercador de escravos por tantos annos no porto antigo de São Vicente, e companheiro de Diego Garcia nas viagens deste porto ao rio da Prata e á Espanha.

Devia tambem preceder a partida da armada de 1535, documento importante enviado pelo embaixador espanhol Luiz Sarmiento a S. M. a Imperatriz, datado de 11 de julho de 1535 e mandado de Evora, conforme á copia junta de alguns capitulos, guardada na Bibliotheca Nacional do

Rio de Janeiro, (cop. Schuller - Archivo das Indias, em Sevilha (Maço II, caixa 3, estante 143, secção V).

Reza assim o citado documento:

“El año pasado antes que yo aqui veniese el serenissimo rey porque le parecio que convenia a su servicio dio a muchos naturales de estos reinos mucha tierra en el brasil y repartioles y dioles a particulares a cincuenta y a sesenta leguas a cada uno al largo de la costa de la marina y en ancho todo lo que ellos pudiesen señorear para que lo hedificasen e poblasen en ello, y ansi fue mucha gente con estos capitanes a quien el rrey hizo esta merced y llevaron muchos aparejos para poder en ella vivir hasta agora no an vuelto las naos que con estos fueron aunque se esperan cada dia.

“Ahora el thesorero hernan de alvarez y uno que se llama juan de barrios y tambien dizen que entra en esto el conde de castanera hazen una armada dizen que a su costa a lisboa en la qual dizen que llevará lxxx ó cien de a cavallo y hasta ccc peones y va por capitán de ella uno que se llama de acuña y segun dizen que se haze esta armada bien se cree que no puede ser sin ayuda del serenissimo rrei lo que publicamente dizen que es para ir al rrio de la plata yo en sabiendo que supe la certenidad de esto hable al serenissimo rrei y le dixee como avia savido como estos haziam esta armada en lisboa y que me maravillava mucho que su alteza consentiese tal cossa especialmente que dezian que hera para yr al rrio de la plata que hera de la demarcacion del emperador mi señor y cosa tan averiguada por suya.

Su alteza me rrespondio que estos no iban con quatrocientas leguas al rrio de la plata sino que tambien yban a uno de aquellos repartimientos que el avia hecho en el brasil y que el no avia de consentir que fuesen a parte que fuese en perjuizio del emperador

mi señor mas que se maravillava como en sevilla se hiziese armada para embiar al rrio de la plata que hera de su demarcacion y que se abia primero descubierto por un portugues y que el queria luego enviar a v. magestade a rrequerirle no consentiese que fuese aquella armada que se hazia en sevilla pues hera en su perjuizio yo le rrespondi que aunque en aquello no estava muy ynformado que todavia segun lo que yo a todos avia oydo dezir y tenia por cierto que aquello hera ayeriguadisimamente de vuestra magestad y que sino lo fuera que el emperador mi señor no mandaria embiar essa armada que se haze en sevilla con don pedro ni otra cossa alguna que fuese en el menor perjuizio suyo.

“Io que de esto yo he podido entender es que a los que su alteza rrepartio estas leguas por el brasil no an llevado gente de cavallo sino gente para poblar la tierra y otras cosas para bivar pacificamente estos van diferentes de los otros porque llevan gente de cavallo y esta otra gente de pie de guerra y an me dicho algunos de los que yo mejor he podido entender que van com pensamiento de ir descubriendo por tierra hasta dar por la otra parte en lo del peru yo bien creo que con lo que su alteza me a dicho no a de consentir que ni otros vayan a ninguna parte que sea en perjuizio de vuestra magestad ni de esos reinos mas todavia yo seria de parecer que vuestra magestad mandasse que se partiese el armada que esta en sevilla para el rrio de la plata lo mas presto que ser pudiese en esta otra dan toda la priesa que se pueden dar dizen que dentro de dos meses podra partir.

“escrivo a vuestra magestad esto porque me parescio que conbendra al servicio de vuestra magestad avisar de esto para que lo mande dezir al consejo de las indias y si le pareciere mandar dar aviso a su magestad de ello.

“teniendo esta escrita he sabido como despues que yo hable al serenissimo rei sobre lo que la armada que se haze en lisboa que arriba digo o por parte de su alteza o de estos que digo que en ella entienden an enbiado a lisboa a dar gran priesa en ella, y aun dizenme que a engrossalla mas.

“tambien sospecho que su alteza quiere escrevir a vuestra magestad sobre lo del armada de sevilla, como a mi me dijo que lo queria hazer paresciome que cumplia al servicio de vuestra magestad hacer esta posta para que de ello esté abisado.

“lo que yo he entendido mas de esta negociacion es que aca proponen y dizen por averiguado que ningua de estas demarcaciones esta averiguada a quien toca derechamente a castilla o a portugal y por esto les parece que el que mas pudieren descubrir y ocupar que aquello se gana y por esto torno a dezir que conviene al servicio de vuestra magestad y bien de esos reinos que se la armada de don pedro a de ir que sea luego antes que esta otra por alla vaya que tengo por cierto que si fuera partida que aca no se hablará nada en ello, ni si armara esta que se arma”. (Hay una rubrica).

A 24 de agosto de 1535, portanto dias após escripta essa avisada missiva, partia de Sevilha a armada de D. Pedro de Mendoza com ordem de fundar povoação espanhola ao sul do continente americano, no rio da Prata, provavelmente, aquem donde os portuguezes haviam lançado os seus padrões mais occidentaes, subindo o Paranáguaçu.

Foi esse local escolhido á boca do Riachuelo onde se inicia a fundação e hoje se altea a bella cidade de Buenos

Aires, para assim demonstrar não pretender então a Espanha infligir represalias aos portuguezes na terra e porto dos Patos, como também na região que se extendesse pela margem esquerda do rio da Prata até o cabo de Sta. Maria ou ainda, na que ao norte do Brasil tivesse em si a foz do rio Marañon.

Justifica tal resolução da chancellaria espanhola o terem as duas nações ainda por inimiga commum a França empenhada a favor dos protestantes contra os povos catholicos, dos quaes se fizera guia intrepido, Carlos V. Mister era pois, que as duas nações juntamente batalhassem contra o perigo em marcha - o do corsario audaz cruzando os oceanos na caça aos galeões de Espanha e ás naus de Portugal.

Accrescia, que Carlos I em 1534 e 1535 - se bem que ordenando a expedição de Pedro de Mendoza á America do Sul - teria como scenario mais empolgante para as suas glorias, terras da Europa, e o mar Mediterraneo no qual se iriam enaltecer os feitos dos seus cruzados contra protestantes e aliados de Francisco I.

Em contraste, D. João III., se bem que parte valiosa com a sua frota nessa cruzada christan sob o patrocínio de Carlos V, nem por tanto menos esquecido se mostrava da obra realizada pelo capitão mór Martim Affonso de Sousa em terras e mares americanos; e desde 1534, definitivamente marcava com actos politicos e administrativos, avisada e prudentemente, o alvorecer da historia brasileira.

O anno de 1534 assignala para o Brasil Colonial os primeiros passos de uma infancia, não como se apregoa, orphan de cuidados e desvelos que, adiados por vezes em regiões afastadas da metropole, parecem ainda hoje a um ou outro brasileiro, menos sollicitos e intelligentes.

Entretanto, que mais bello e notavel programma de governo colonial poderia citar-se que o dessa divisão do Brasil

em capitánias hereditárias, marcando em regiões barbaras as faxas civilizadoras de S. Vicente, Sto. Amaro, Sta. Anna, Parahiba ou Itamaracá, Parahiba do Sul, Espirito Santo, Porto Seguro, Ilhéos, Bahia, Pernambuco e Maranhão, esta subdividida em quatro outras, mas todas respectivamente doadas a lusiadas valorosos como foram: Martim Affonso de Sousa, Pero Lopes de Sousa, Pero de Gois, Vasco Fernandes Coutinho, Pero de Campos Tourinho, Jorge Figueiredo Correa, Francisco Pereira Coutinho, Duarte Coelho, João de Barros, Fernão Alvares de Andrade, Aires da Cunha e Antonio Cardoso de Barros.

Completava o patrimonio juridico e administrativo colonial, como a sua expressão mais alta -, o Codigo chamado as - Ordenações do Reino - cujos fundamentos lançara o rei Affonso, com sabedoria, e se viriam a tornar nessas - Ordenações Manuelinas, obra de Ruy Botto e de outros jurisconsultos contemporaneos.

As - Ordenações - eram divididas em 5 livros; a saber:

- 1.º - Regimento dos Magistrados;
- 2.º Do Direito e dos bens da Corôa; dos privilegios, e jurisdicção dos donatarios, dos ecclesiasticos, das igrejas, dos mosteiros, das capellas, e dos residuos dos testamentos;
- 3.º Processo Judicial;
- 4.º Codigo Civil;
- 5.º Codigo Penal.

Presidia assim á divisão das terras do Brasil em donatarias, a primeira idéa de larga visão politica do velho Portugal. Iniciava-se a Idade Media Brasileira com a fórmula mais avançada compativel com o seculo quinhentista, e esboçava-se de logo com a nova organização politica, a antevisão de uma futura nacionalidade.

E se não tivesse sabedoria esse novo regime administrativo e politico, imitado não seria por outras nações cultas, como a Hollanda e a Inglaterra, nesse mesmo continente do

Mundo Novo; porque foi com elle que, feudalizando-se ao longo da nossa costa pequenos nucleos, se puderam estes affirmar gradativamente como villas, cidades e provincias. E mercê da energia e do idealismo tocado de aventura do colonizador em meio geographico adverso pela propria exuberancia e grandeza das terras inter-tropicaes, se transfiguravam depois nos principaes centros de expansão civilizadora.

Foi desses nucleos coloniaes - garantia contra a invasão do francez ousado, do inglez fleugmatico e tenaz e do hollandez astuto - que partiram essas ondas centripetas de civilização crescidas das praias atlanticas para o sertão desconhecido, aonde se alteam serras, alastram florestas, avolumam rios, espadanam cachoeiras; - onda bandeirante de uma raça heroica por vezes a ferir o gentio com o ferro das armas, mas tambem, tantas vezes, a semear o Evangelho do Christianismo nas selvas e nos campos, valendo-se de idioma latino que, renovado em rythmos dolentes e cantantes, guarda ainda todos os encantos da materna lingua portugueza.



CAPITULO X
A EXPEDIÇÃO DE 1530

(CONCLUSÃO)

CAPITULO X

A EXPEDIÇÃO DE 1530

CONCLUSÃO

Prima a empreza quinhentista de Martim Affonso e de Pero Lopes de Sousa sob os pontos de vista: militar, humanitario, politico, scientifico e idealista.

Serve-lhe de painel geographico e historico no continente sul-americano uma terra maravilhosa afogada em selvas tropicaes, regada por majestosos rios, murada de serras cyclicas, trilhada por tribus nomades e, enamorada do mar, debruçando-se sobre o Atlantico para offerecer seductora a quaesquer navegantes os remansosos seios das suas enseadas, angras ou bahias.

Adornam-na graças de singular natureza como a convidarem o homem civilizado que a descobriu e colonizou ás glorias da força, da belleza e do amor, e assim de então criar com emoção, uma nova e futura nacionalidade latino-americana.

A expedição de 1530 marca o primeiro passo para esse destino nacional: encerremos, pois, este livro, dando em synthese, os aspectos fundamentaes dessa empreza maritima e colonizadora.

Sob o ponto de vista militar ella se affirma como a conquista de toda a costa brasileira - avaliada pouco depois por Pedro Nunes em 1050 leguas - e em dois sectores geographicos de alta importancia estrategica: o da costa do pau brasil onde agia o curso francez no resgate do famoso pau de tinturaria; e o da costa do ouro

e prata que os castelhanos teriam como sua, senão de Cananéa, ao menos do porto dos Patos para o sul, colhendo em seus domínios o rio da Prata e afluentes e galgando a cordilheira andina até o Pacifico.

Expulsando ao inimigo tenaz do fortim e das costas pernambucanas, viriam ainda a manter os portuguezes uma base naval ao norte como guarda avançada da conquista feita além do rio de Maranhão pelas duas caravelas de Diogo Leite. Formando o capitão mór as villas vicentina e piratiningana, officializando a posse do rio da Prata ou de Santa Maria, fariam os lusos: de S. Vicente, a sentinella avançada da costa do ouro e prata que os castelhanos lhes disputavam e em cujo sector sonhavam os portuguezes ter o seu "porto das minas"; e de Piratininga, o centro de formação do mameluco e o pretexto feliz para, mais tarde, quando fundada a villa de S. Paulo, realizar-se de vez pela acção bandeirante, o recuo da linha demarcadora brasileira.

Significativas ao correr da expedição affonsina já são as jornadas sertanistas de 1531 a 1533, demonstradas com a incursão de homens desembarcados no Rio de Janeiro, e a seguir, de franco aspecto militar, em Cananéa a caminho das minas do Paraguai e do Perú; ou ainda, sobre serra, buscando ao mando do capitão mór os campos de Piratininga; ou ao mando de Pero Lopes, pela rede fluvial do Prata e baixo Paraná o Esteiro dos Carandins, ou por fim, de S. Vicente com a bandeira de Pero de Góes e Ruy Pinto, em socorro da de Pero Lobo já dizimada, parece, pelos carijós.

Completaria a obra militar da expedição de 1530 affirmada em combates navaes, em estrategicas posições escolhidas para tão efficiente acção bellicosa, na construcção de fortaleza e fortim em S. Vicente e em Pernambuco, e garantida nesses dias remotos pelo poder naval da Lusitania no Atlantico e nas Indias, - a valiosa concepção administrativa das capitánias hereditarias.

Nestas, tres nucleos fundamentaes se viriam de inicio a salvar, nucleos de defeza, expansionismo e caldeamento da raça brasileira: ao sul, S. Vicente e Piratininga; e ao norte, a Olinda da Nova Lusitania do valoroso Duarte Coelho.

A actuação colonizadora deste grande capitão foi indubitavelmente baseada na anterior acção militar dos capitães Christovam Jaques, Pero Lopes e Martim Affonso, e culminou na que desenvolveu com sagacidade e energia fundando Olinda, conquistando principalmente aos caetés grande extensão da costa do pau brasil.

A concepção colonizadora das capitánias hereditarias foi obra de sabedoria politico-colonial garantida pela acção de bravos capitães, e talvez imitada: em 1585 por Sir Walter Raleigh; pelos colonos de Hudson em 1607 a 1608; pela Inglaterra ao sul, na Virginia, em 1630, como pela Hollanda, no Maine e no Maryland. (Varnh. Hist. Geral do Brasil).

Sob o ponto de vista politico a missão da armada vem apressar a realização do pensamento amadurecido e subtil dos estadistas portuguezes.

Estando Portugal no oceano em lucta surda contra a França e com negociações diplomaticas junto a Francisco I. sobre as cartas de marca concedidas a corsarios, gastando do seu thesouro farta quantia para o suborno de auctoridades francezas, empenhado em bater esses corsarios tanto nas costas brasileiras e algarvias quanto em mar largo, criava assim mais uma politica de approximação com a Espanha, inimiga implacavel da França. Mas, como contraste desta politica aparentemente leal a favor de Castella, cujo poder maritimo a par do de Portugal senhoreava o mundo, iniciava o luso a fundação avisada de S. Vicente e a posse do Esteiro dos Carandins, no baixo Paraná, pondo já em evidencia o proposito do expansionismo portuguez na America Meridional e negando assim o que fôra por elle accéito

como linha divisória pelo Tratado de Tordesilhas. E tão bem premeditado fôra esse avanço ou essa conquista, - apesar do Regimento dado a Martim Affonso lhe recomendar respeito á posse das terras espanholas no continente - que não só ao sul mas também ao norte vão as duas caravelas de Diogo Leite apossar-se do que seria o rio de Maranhão dos portuguezes - sempre por estes dado a confundir com o rio do Marañon ou o Mar Dulce dos Espanhóis -. Viria assim o suppor-se sob um mesmo meridiano uma conquista do norte além do Amazonas e uma conquista do sul na proximidade do golfo de S. Mathias, na Patagônia, alargando então em carta quinhentista a Terra do Brasil - do precioso pau de tinturaria e das minas de ouro e prata desejadas -.

Analysado o aspecto humanitario da expedição, correndo as paginas do Diario e as chronicas que o tempo e a censura quinhentista nos permittiram estudar, devemos proclamar não serem conhecidos actos de hostilidade do colonizador contra o gentio anthropophago, antes, de benevolente entendimento com elle. Assim o demonstrem, quando os selvícolas solicitam a Diogo Leite o senhorio de Portugal; quando em aguas, talvez da bahia da Traição, veem os pitiguares a nado perguntar aos portuguezes se querem Brasil, ou mais ao sul dessa bahia recusam á nau Sam "Miguel", ainda aggregada á frota, a aguada pedida, sem que por isso soffram represalia dos canhões e arcabuzes lusitanos. Na bahia de Todos os Santos também assim procedem os navegantes quando lhes é dado vêr a par do heroico combate naval entre tupinambás, o festim cannibalesco da anthropophagia; e entretanto, em terra os expedicionarios deixam dois homens auxiliando a Diogo Alvares, providos de sementes, para estes "fazerem experiencia do que a terra dava". No Rio de Janeiro recebem os mareantes hospitaleiramente o cacique da nação distante e pregoeiro das riquezas do Paraguai, a quem pre-

senteiam com bugigangas, cascaveis e contas... Em pleno rio de Sta. Maria ou subindo e descendo o Paranaguazú, entram em contacto amistoso accentuado pela troca de presentes com os begoás-CHANÁS, e talvez charrúas. Ainda em Cananéa, em S Vicente ou serra acima, o mesmo proposito affirmam, não continuando de todo a obra de Antonio Rodrigues e Gonçalo da Costa no littoral vicentino, nem a de João Ramalho nos campos piratininganos, mas dando aos habitantes das duas villas fundadas os ensinamentos da religião e além do mais, leis e o favor de "viverem em communicam das artes".

E da propria bandeira de Pero de Góis e Ruy Pinto que o capitão mór envia ao sertão em socorro da de Pero Lobo Pinheiro, talvez já dizimada pelos bravios carijós, não dizem as escassas chronicas, de atrocidades contra o gentio, e sim, de pelejas contra o espanhol invasor.

No que toca ao aspecto scientifico da expedição civilizadora devemos com relevo fixar principalmente o que se entende com a geographia, a historia, a navegação, a cartographia, a ethnologia em grande parte da America do Sul.

Navegou em vinda e regresso a armada affonsina, em conjunto ou fraccionada, do extremo nórte para além de um rio Maranhã (Viegas) a um extremo sul que teve por linde o rio de Sta. Maria ou da Prata - sobre o qual ainda buscou um bergantim portuguez a terra dos Carandins no Paranaguazú, - derrota não inferior a 9.000 milhas, em mares e em vias fluviaes para o capitão mór considerados brasileiros.

Mas geographica e politicamente perante a Espanha, que seria então o Brasil, dando-se cumprimento ao tratado official?

Seguiria Castella, já a este tempo, o que Alonso de Sta. Cruz annunciava dando na America do Sul como sendo o Brasil - o que ficasse ao léste de um meridiano traçado

da actual bahia de Gurupi, para cortar ao sul o cabo de Buen Abrigo, abaixo das sierras de San Sebastian nas proximidades de S. Vicente ou de Cananéa -: ou seguiria a opinião de um portuguez ao serviço da Casa de la Contratacion, em 1529, Diogo Ribeiro, que fazia passar o meridiano: ao norte, pela Furna Grande, e ao sul, pelo cabo de Santa Maria, dando manifesto avanço para o occidente á posse lusitana?

E' esse aspecto geographico - politico que a expedição de 1530 vem ousadamente precipitar e consagrar, dando o sentido de uma nova conquista geographica de um maior Brasil para Portugal.

Durante o cyclo da navegação da armada estudado nos precedentes capitulos, vimos o Diario, no seu estilo pittoresco nos dar ou suggerir á vista das cartas antigas e modernas, o contorno da nossa costa, a toponymia mais conhecida, o reconhecimento, reconquista ou descoberta de ilhas, cabos ou pontas, portos, angras e bahias, rios ou arroios, serras e cordilheiras, alfaques ou parceis; as latitudes, as sondagens em certos logares, afóra observações proprias e argutas sobre correntes marinhas, cursos dos ventos, detalhes technicos interessantes de subtil humanista e que dão um todo preciso e caracteristico á narrativa das viagens.

E quando de regresso a Portugal, a ultima parte da expedição a cargo de Martim Affonso em 1533, são as informações curiosas do nosso capitão mór ao notavel mathematico portuguez dr. Pedro Nunes, os detalhes topographicos e hydrographicos fornecidos aos Reinel e a Viegas pelos dois valorosos capitães e Diogo Leite, e a narrativa escripta dia a dia pelo irmão de Martim Affonso, que se irão moldar em tres bellas affirmações do engenho lusitano e consequentes da expedição de 1530:

- 1) o Tratado da Esphera, do dr. Pedro Nunes;
- 2) a carta de marear de Gaspar Viegas, de 1534;
- 3) o Diario de Pero Lopes de Sousa.

Ao Diario, motivo deste trabalho, já varias auctoridades no assumpto se teem referido com merecidos louvores e, notadamente no Brasil; no passado, o nosso maior historiador Francisco Adolfo de Varnhagen que o tirou da noite dos archivos para a luz da publicidade; no presente, o nosso mestre Capistrano de Abreu.

Tomando-o sob o ponto de vista historico, disse Varnhagen quando o publicou pela primeira vez, que: "elle serviu de esclarecer um periodo de mais de 20 annos da Historia do Brasil, quando a carta de Pero de Vaz de Caminha era apenas revelação do que se passara durante dias".

Na bella carta de marear de Gaspar Viegas, - traçada um anno após o regresso de Martim Affonso - ha significativamente a louvar ser a primeira, parece, em que se emprega a correcção ao traçado em uso da equidistancia dos parallellos e em que se nomeiam mais significativamente quatro pontos da costa brasileira.

São estes: a baia de diogo leite além de um rio Maranhã da conquista; e, - ao sul -; o rio Marti A.º de Sousa (rio Martim Affonso de Sousa), ou o actual Mampituba; sam p.º ou sam pedro, a barra do Rio Grande do Sul; as tres ilhas das Onças, identificadas neste estudo com 3 das 5 antigas ilhas Rodrigo Alvarez ou das actuaes ilhas Torres, a saber: Rasa, Encantada e Islote.

Da parte visitada pelo bergantim de Pero Lopes subindo o rio da Prata e o Paranaguazú, muito de industria, deixa a carta de assignalar os differentes baptismos de certos pontos, dados por este capitão, como os já anteriormente feitos por capitães ao serviço da Espanha. Mas ainda assim, se revela tão notavel este trabalho cartographico, que Ferdinand Denis, o honrou com as seguintes expressões: "O capitão de fragata Mouchez que foi encarregado pelo governo francez de continuar e aperfeiçoar os trabalhos do almirante Roussin, no levantamento da costa do Brasil,

ficou como eu admirado da exactidão relativa de tal monumento geographico". (Cit. HARRISSE).

A outra parte da arte nautica a analysar nos revela que se os conhecimentos astronomicos e marinheiros do capitão mór não eram superiores aos de Pero Lopes e jamais se emparelhariam com os do notavel D. João de Castro, todavia, por certas duvidas que elle apresenta em 1533 ao dr. Pedro Nunes pode-se bem aquilatar da curiosidade intelligente com que procurava adquirir-los nos dominios da astronomia e da nautica theoricas.

Tal demonstra com as seguintes observações e pergunta ao sabio portuguez :

1.º) que, achando-se aos 35.º ao sul da linha, quando o sol chegava ao Tropico do Capricornio, lhe nascia o mesmo astro ao sueste da quarta do leste e se lhe punha ao sudoeste da quarta do oeste; e, assim o seria, tanto para os que vivessem num ou noutro hemispherio opposto ou não ao signo; e assim, tambem no verão no hemispherio do norte, estando o sol no Tropico do Cancer, nascer-lho ao nordeste da quarta do leste, como para os que vivessem no hemispherio do sul;

2.º) que "se espantara muito" por, estando em dias de equinocio, - (o sól no equador) - e achando-se com a armada em varios pontos vir sempre nascer-lhe o sol ao léste, e por-se-lhe ao oeste, sem nenhuma differença, quer elle, observador, se achasse da banda do norte ou da banda do sul;

3.º) como governando aos rumos do leste ou do oeste, caminhariam os navegantes num só parallelo sem jamais chegarem ao equador, se bem que, dizia elle, "nesse rumo trouxessem a prôa, juntamente com o leste da agulha"?

Se as duas objecções primeiras dentro no systema de Ptolemeo deverá o culto Pedro Nunes esclarecer, da terceira melhor fructo irá tirar o engenho do mestre lusitano.

Porque foi esta pergunta feita ao mestre insigne, que veiu dar em resultado a descoberta das mais brilhantes

da navegação moderna feita por Pedro Nunes: a da determinação da loxodromia. Tão luminosa sentença traçada em ponto de vista theorico, - honrando o nome de um scientista consagrado em estudos mathematicos e em invenções como as do annel graduado e do nonio, - vem mercedamente dar logar de relevo á sciencia nautica do velho Portugal.

A primeira applicação della suggere a Mercator a carta de 1541; mas só em 1569 vem a cartographia, valendo-se do novo processo de projecção em que se alterava a escala das latitudes - já tentada por Viegas em 1534 -, a praticamente dar solução definitiva ao problema, com sobre uma nova carta de Mercator se poderem substituir approximativamente as curvas loxodromicas por linhas rectas.

Bello fructo foi pois, essa descoberta devida ao saber mathematico de Pedro Nunes, á curiosidade intelligente de Martim Affonso, ao subtil entendimento de Gaspar Viegas, e mais tarde, á realização engenhosa e feliz do grande cartographo flamengo Mercator.

Sob o ponto de vista da ethnologia, a expedição de 1530, revela pelo Diario, aqui ou além, uma contribuição interessante sobre o aborigene sul-americano, tanto do da costa do pau brasil, como do da costa do ouro e prata, com alguma profundidade no sertão.

Assim ao nórte com Diogo Leite no rio de Maranhão (Amazonas) ou proximidade delle; assim com os pitiguares, na - bahia da Traição, - offerecendo aos lusos - pau brasil -, mas negando-lhes agua doce á boca de um rio, ou em contraste, ajudando aos portuguezes mais tarde, na defeza da feitoria e fortim do rio de Pernambuco contra os corsarios da nau La Pèlerine. Curiosa nos é a revelação que faz Pero Lopes na bahia de Todos os Santos ao descrever o combate naval entre 100 canôas tupis, empavezadas e garridas, empenha-

das do meio dia ao pôr do sol em lucta intrepida, assim como das fogueiras barbaras ante o festim arthropophago dos cannibaes... A par das scenas da guerra, diz-nos o chronista, não terem elles "nenhum modo de physica" senão "como se acham mal não comem e poem-se ao fumo" como tambem serem elles "gente toda alva" com mulheres formosas que não deviam ter "inveja ás da Rua Nova de Lixbôa". E se na Bahia alguns descendentes de Diogo Alvares se poderiam tomar, não assim da gente do Rio de Janeiro, a qual tambem dizia ser: "como a da bahia de todolos santos, senam quanto he mais gentil gente". Do gentio de Cananéa - na ida e regresso do rio de Sta. Maria ou da Prata - pouco nos diz, como tambem silencia sobre os tupiniquins de S. Vicente, e o mameluco de Piratininga que se ahí criava; mas do da região platina nos dá larga e valiosa contribuição através do pittoresco dizer e da observação arguta. Do contacto que tem com os begoás e begoás-CHANÁS ou affins, desde o cabo de Sta. Maria antigo (punta del Este de Maldonado) até as ilhas dos Corvos no Paranaguazú, resulta-lhe o estudo do viver primitivo dessa gente. Diz-nos o Diario, das casas e aldéas indigenas, das armas de guerra que usavam; das embarcações e palamenta com que navegavam; da indumentaria caracteristica em que prevaleciam formosas pelles de onças, lindas pennas de emas e de outras aves; do ceremonial funebre usado, como do respeito aos mortos para os quaes construiam cemiterios; do viver nomade e dos habitos hospitaleiros que demonstravam, velando, certo, a astucia e a traição; do habito de manifestarem a saudade dos mortos caros, qual a de cortarem os dedos das mãos, - por cada morte de parente uma phalange - o que faria muitos chegarem á velhice, só com o dedo minimo; e até, da tristeza que sobre elles vinha a exercer esse grande mestre de melancolia, que é o mar!...

Resta-nos agora encerrar a nossa critica, assignalando o toque de idealismo que animou a expedição de 1530, para deixar na terra brasileira, com os primeiros povoadores, o germe de uma grande nação.

Eram os lusos desse tempo uns maravilhados da grande epopéa maritima com que senhoreavam o mundo, e valerosos guerreiros na Africa, na Asia, na America e pelos oceanos em fóra...

Desde este instante, porém, iam ser o grande povo colonizador, criando a obra digna dos seus brasões - o Brasil.

Abraçados ao Evangelho, relembrando a par da acção heroica no mar pela voz de um ou outro capitão ou colono as passagens da cavallaria andante do Amadiz de Gaula de Vasco Lobeira, a suavidade de alguns versos do rei poeta D. Diniz, do Cancioneiro Geral, das obras primas de Gil Vicente ou dessa musica dolente e saudosa do fado portuguez em que vive toda a alma de uma nação, - que força de idealismo não os impulsionaria a realizarem obra fecunda e duradoura?!

Ainda não havia Luiz de Camões composto o "Missal de patriotismo" desse povo, mas um dos lusiadas valerosos ja era Martim Affonso de Sousa, heróe cheio de ideal sob o céu brasileiro, e em breve, e por vezes, sob o céu das Indias. E mais tarde, quando sob o céu das Espanhas, e ao fim da vida, já diminuido em algumas das suas glorias, soube elle ainda affirmar essa força mysteriosa e bella que animou quasi toda a sua empreza.

Assim no-lo conta o padre José Pereira Baião: que, um dia sendo interrogado o ex-governador da India pelo rei, quando Portugal começava de viver das glorias passadas e o espirito de D. João III de ser salteado de tristes presagios e desenganos:

- "que vos parece, Martim Affonso, passemonos para o Brasil"? -,

o nosso valoroso capitão mór lhe respondera “entre
siso e galantaria”:

— “Por certo sôr, que doudisse era ella, que pudera
fazer um rei sezudo, o não viver dependente da vontade dos
seus visinhos, podendo ser monarcha de outro maior
mundo”!...

Essa expressão de idealismo não escasseou tambem em
Pero Lopes de Sousa para que elle nos legasse em tão curta
vida, a par de navegações, batalhas e aventuras, o traçado
da expedição de 1530.

Coube a este notavel escripto o contribuir para immor-
talizar a valorosa empreza, em plena America, de Martim
Affonso de Sousa: empreza excellente desse almirante dos
mares do Brasil, bandeirante das terras do Novo Mundo,
fundador do berço de uma nacionalidade, e ainda, ao fim
da vida, precursor do imperio brasileiro.

NOTAS AO TEXTO, NA 5.^a EDIÇÃO
DO DIARIO

CORRESPONDENCIA COM O TEXTO: DA Pg. 87 á Pg. 386

NOTAS

1) a nau Capitaina ou Capitanea; o galeão Sam Vicente; a nau Sam Miguel; e as caravelas: Rosa e Princesa.

2) oessudoeste.

*) o A. escreve muitas vezes Capitam I. quando se refere a seu irmão, o Capitão-mór Martim Affonso.

(Varnhagen).

3) no porto da Praia.

4) Sexto.

5) Emendas (Varnhagen).

6) Reinel dá o cabo fremoso — ou Sto. Agostinho em $8^{\circ} 30' S.$: a carta moderna dá-lhe a latitude de $8^{\circ} 20' 40''$ sul.

7) Reinel dá essa ilha em $3^{\circ} 20' S.$: a carta moderna dá-lhe a latitude media de $3^{\circ} 49' 43''$ sul.

8) 24 de Janeiro.

9) oessudoeste.

10) oeste ou O4SO verdadeiro? (Cap. II.º).

11) Nau «A» (Cap. II.º).

12) Pero Cabarigo ou Cavarim.

13) Nau «B» (Cap. II.º).

14) Nau «C» (Cap. II.º).

15) Nau «A» (Cap. II.º).

16) Nau «C» (Cap. II.º), que passará a ser a nau Nossa Senhora das Candêas, tomada a 2 de Fevereiro de 1531.

17) legua.

18) nas proximidades da Bahia da Traição.

19) nas proximidades da barra do arrecife — do Diario, e para o fundeadouro da futura Olinda. (Vide Cap. II.º).

20) a sotavento.

21) a nau Sam Miguel desgarra.

22) A nau «B» (Cap. II.º).

23) feitoria no actual rio Igarassú.

- 24) chama-se Diogo Dias, segundo se lê mais adiante.
(Varnhagen).
- 25) Talvez na paragem que desde esta ocasião se ficou denominando dos Affogados (Varnhagen); pensamos nós, na barreta ou na propria barra do porto (E. C).
- 26) A nau Sam Miguel para sempre desgarrada.
- 27) Feitoria no rio Igarassú, fundada por Christovam Jaques.
- 28) Rosa e Princeza.
- 29) « Enganou-se o autor. Se a 18 de fevereiro foi sabbado, o ultimo desse mez (28) foi terça-feira. Portanto o 1.º de março caiu em quarta-feira, como alias sabemos, que caiu, fazendo o computo ordinario. A conta dos dias da semana seguiu errada, e nem se emendou no dia 12, passando de terça-feira 11 a sabbado 12; e assim andou errada, até que entraram em Sam Vicente ». (Varnhagen). Deve-se dizer que em dois periodos se deu essa anomalia: de 1.º de Março a 31 de Abril de 1531 e de 21 de Outubro de 1531 a 21 de Janeiro de 1532.
(Jordão de Freitas).
- 30) A nau «C» tomada a 2 de Fevereiro.
- 31) vide Capitulo II.º.
- 32) vide Capitulo II.º.
- 33) minutos.
- 34) os dias têm ido errados, e a correção aqui feita, saltando-se um só dia da semana, é insufficiente — (Varnhagen).
- 35) Itaparica.
- 36) Maré.
- 37) Frade.
- 38) Cabo de Sto. Antonio.
- 39) Era Diogo Alvares, o Caramurú. (Varnhagen).
- 40) O rio Una actual: Viegas em 1534 dá — « tinhare », e talvez já como ilha.
- 41) Santa Maria do Cabo.
- 42) Baixos e archipelago dos Abrolhos, do qual conheciam como principal a ilha de Santa Barbara.
- 43) 15.º (?).
- 44) 15.º 40' (?).
- 45) 12 braças (?).
- 46) 15.º 30' (?).
- 47) e 48) latitudes mal copiadas ou calculadas com muito erro.
- 49) vide Capitulo III, mappa 4.
- 50) oessudoeste.
- 51) baixos de S. Thomé.
- 52) NNE-SSO da sua agulha.

- 53) Serra do Mar.
- 54) o cabo de S. Thomé.
- 55) Serra do Mar.
- 56) vide Cap. III.º.
- 57) Porto de Martim Affonso, depois desta expedição.
- 58) vide Capitulo III.º.
- 59) talvez na altura de uma das pontas: Drago (Ilha Grande), ou mais provavelmente: Respingador ou Joatinga (Continente).
- 60) montada a Ponta do Boi e ao oeste della.
- 61) Ilha dos Alcatrazes (Varnhagen).
- 62) oessudoeste.
- 63) oessudoeste
- 64) "e por nos afastar della" — (copia do codice, segundo J. de Freitas; porém de accordo com a copia tirada na Bibl. Nacional de Lisboa (Secção de Historia e Geographia — Livro 1504 — (preto). e com o manuscripto de propriedade do Bispo Conde D. Francisco de S. Luiz (1.ª edição do Diario).
- 65) Rio da Prata (Varnhagen).
- 66) Ilha do Bom Abrigo.
- 67) barra de Cananéa, subindo o Mar Pequeno.
- 68) Por conseguinte, desde a expedição de 1501 (Varnhagen).
- 69) Este porto ficava, montada a Ponta dos Naufragados, provavelmente na enseada de Massiambú.
- 70) Cabo de Santa Martha.
- 71) e 73) costa rio grandense do sul.
- 72) «o fumo».
- 74) e 76) As 3 Ilhas Torres: Rasa ou Seca, Encantada e Ilhote, ou as Ilhas das Onças. (P. Lopes e Viegas).
- 75) littoral comprehendido entre os Cabos Polonio e Castilho.
- 77) Cabo Polonio.
- 78) antigo Cabo de Santa Maria, hoje, Punta del Este de Maldonado.
- 79) Vide Cap. IV e mappa 6.
- 80) Ao oeste da actual Punta del Este de Maldonado
- 81) Ilha das Palmas (P. Lopes): a actual Gorriti.
- 82) Era o piloto mór (Varnhagen).
- 83) antigo porto do Cabo de Santa Maria (P. Lopes): entre a ilha Gorriti e o Cabo.
- 84) Subindo o Rio da Prata; a costa ahi sómente corre ao oeste, após montada a Punta del Este de Maldonado. (Vide Capitulo. V).

- 85) Punta Negra.
- 86) junto á ilha das Palmas — ou Gorriti.
- 87) Punta del Este de Maldonado, antigo Cabo de Santa Maria.
- 88) a Santa Maria do Cabo.
- 89) nau Nossa Senhora das Candêas: a nau «C».
- 90) praia do actual Porto de Maldonado.
- 91) Da Expedição Caboto que antecedeu a de que trata este Diario.
- 92) Parece faltar aqui a palavra — Rio — (Varnhagen).
- 93) Falta um rumo, parece. Este local devera ser na proximidade do Rio Solis Grande (dos Begoás antigo) e não no Chuy, como quer Varnhagen. (Vide miniatura mappa 7).
- 94) Ilha das Flôres.
- 95) Rio da Prata.
- 96) Nau Nossa Senhora das Candêas e galeão Sam Vicente.
- 97) Rio Solis Grande.
- 98) Piedras de Afilar.
- 99) Ilha das Flores (Varnhagen).
- 100) Cerro (Montevideo) (Varnhagen). Monte vidi (Magalhães), 1520.
- 101) Na altura de uma das Puntas: de Yeguas ou del Espinillo.
- 102) Punta del Espinillo.
- 103) Se bem que em desaccôrdo com o traçado, parecia tratar-se de um dos rios Pavon ou Pereyra, a um dos quaes, de volta, chamou Pero Lopes - Sam João -.
- 104) A em que se veiu a fundar a Colonia do Sacramento. (Varnhagen) - O Cabo de Sam Martinho (Pero Lopes): hoje, a Punta de la Colonia.
- 105) Ilhas de San Gabriel (Varnhagen): tambem as chamadas - 7 Ilhas - ou - Islas de las Piedras.
- 106) Rio San Juan — (Varnhagen): Este rio não é o Sam João — de Pero Lopes, e sim, o — San Juan — actual.
- 107) Ilha de Martin Garcia (Varnhagen).
- 108) Orientação e distancia mal calculadas: das Ilhas de San Gabriel (7 Ilhas de Pero Lopes) á de Martin Garcia (Santa Anna) ha 26 mihas ou cerca de 7 leguas, e esta, fica ao noroeste daquellas,
- 109) 2 Hermanas (Varnhagen) — ou Islas Hermanas — dadas em distancia bem approximada de Martin Garcia (Santa Anna, de Pero Lopes).
- 110) Terra actualmente Argentina, no delta do Paraná.
- 111) Boca do Paranaguazú. (Varnhagen).

- 112), 113) e 114) Braços e igarapés que dão no Paranaguazú.
- 115) pelo Paranaguazú e em braços delle, e não pelo rio Uruguai, como quer Varnhagen.
- 116) As duas Ilhas depois por Pero Lopes nomeadas — dos Corvos; devem estas ser as actuaes Dorado e Doradito.
- 117) pelo braço do Paraná Bravo.
- 118) Em descida pelo braço do Paraná Bravo, para o Paranaguazú.
- 119) São as Ilhas onde estivera no dia 4 (Varnhagen): ou as que identificámos como Dorado e Doradito, no Paranaguazú.
- 120) Oessudoeste.
- 121) pelo Paranaguazú, passando ao norte da Isla Botija.
- 122) Esta Terra dos Carandins (Quirandes ou Quirandies) deveria ser banhada pelas aguas do Paraná e Paranaguazú; mas a conhecida por Pero Lopes, seria a lindada na actual terra argentina, por S. Pedro, braço do Paraná Pavon, Ibicuy e Baradero com o respectivo arroio.
- 123) actual rio Solis Grande.
- 124) Ao descer o rio veio tocado com corrente e vento do noroeste, pela pôpa; navegou pois, ao sueste — no Paranaguazú — e não, como quer Varnhagen.
- 125) «andava».
- 126) As do dia 4 e 8 de Dezembro. (Varnhagen)—Dorado e Doradito, identificadas anteriormente.
- 127) Begóas e Chanás eram nomes de tribus de indios (Varnhagen).
- 128) do Paranaguazú.
- 129) Dos Hermanas.
- 130) Martin Garcia.
- 131) San Gabriel.
- 132) Punta de la Colonia, e não — del Espinillo, como quer Varnhagen.
- 133) — Não entrando em conta com a de — Angostura — seriam as outras pontas: Artilleros, Sauce e Rosario.
- 134) O Pavon ou o Pereyra.
- 135) Oesnoroeste.
- 136) parecem.
- 137) Cerro (Montevidéo) — Monte vidi (Magalhães, 1520).
- 138) Vide Capitulo V.
- 139) o antigo Cabo de Santa Maria seria para Pero Lopes a actual Punta del Este de Maldonado, do contrario, não poderia afirmar correr a costa leste — oeste entre o — Cabo de Santa Maria e o Cerro, a 3 milhas da actual Montevidéo.

- 140) Calculou a distancia em cerca de 2 leguas maritimas para mais.
- 141) Calculou a distancia em cerca de 4 milhas maritimas para menos.
- 142) Calculou a distancia em cerca de 3 leguas para menos.
- 143) Os fundeadouros ao leste e ao oeste do Cerro.
- 144) De las Gaviotas — segundo Varnhagen; Groussac melhor a identificou com a — das Piedras de Afilar.
- 145) O Rio Solis Grande, distante — das Piedras de Afilar cerca de sete milhas ou 2 leguas.
- 146) actual ilha Gorriti ou de Maldonado, no fundeadouro do antigo Cabo de Santa Maria ou Maldonado de hoje.
- 147) Vide Capitulo V.
- 148) Oessudoeste.
- 149) Se o antigo Cabo de Santa Maria fosse o actualmente deste nome, outra seria a manobra a adoptar.
- 150) Talvez ao N4NE verdadeiro.
- 151) Rio de Santa Maria ou da Prata. Trata-se do bergantim desgarrado durante a travessia Cananéa — Ilhas das Onças e arribado ao Porto dos Patos: tal arribada era ainda ignorada pelo capitão mór.
- 152) na altura da Imbituba.
- 153) no paralelo do Porto dos Patos.
- 154) Serra do Mar: costa paulista do sul.
- 155) Barra da Icapara ou a da Ribeira do Iguape.
- 156) Ilha do Bom Abrigo.
- 157) a actual barra da bahia de Santos.
- 158) proximidades da Ponta Itaipú.
- 159) Ao oeste da actual Ilha de Santo Amaro (a Ilha do Sol, de Pero Lopes)?
- 160) na praia do Góes, ou então já no começo do canal entre as ilhas Santo Amaro e São Vicente.
- 161) Vide Capitulos: VI e VIII.
- 162) O novo porto de Sam Vicente; não o antigo porto (dos escravos) de Sam Vicente ou a actual bahia de Santos.
- 163) pela primeira vez apparece o nome da caravela tomada na Bahía de Todos os Santos.
- 164) durante a travessia Cabo de Santa Maria — Cananéa.
- 165) a nau Nossa Senhora das Candêas e o galeão Sam Vicente.
- 166) Aqui se vê que este diario se ia escrevendo a bordo. Varnhagen).

167) Aqui conclua a copia que nos serviu de texto na 1.^a edição; porém o Codice da Bibliotheca Real, que hoje temos pelo original escripto a bordo, prosegue logo dando conta do regresso, como ora adoptamos — (Varnhagen).

Como dissemos, serviu-lhe de texto, até este passo, na 1.^a edição, o manuscripto do Bispo Conde D. Francisco de S. Luiz, e a seguir, o Codice da Bibliotheca Real do Paço da Ajuda. Este ainda hoje existe na Bibliotheca da Ajuda, e aquelle ou copia delle, parece, faz parte da Bibliotheca Nacional de Lisbôa (secção de historia e geografia, livro 1504, p.^o) » por ser conforme á copia que obtivemos, valendo-nos da fidalguia do distincto escriptor Fidelino de Figueiredo. E. C.

168) Convem notar primeiro que o que está em grifo se acha escripto no codice da Bibliotheca Real, porém á margem e com uma chamada. — (Varnhagen).

169) no galeão Sam Vicente.

170) a nau Nossa Senhora das Candêas, uma vez que não podia ser a caravela Santa Maria do Cabo.

171) A capitanea de Pero Lopes já era agora a nau Nossa Senhora das Candêas.

172) Oessudoeste.

173) A ilha de Santa Barbara, principal do archipelago dos Abrólhos.

174) baixios de São Thomé que Reinel dava 10' ao norte do cabo de São Thomé e Viegas, 60.

175) Serra Grande, na costa bahiana.

176) na Ponta do Padram ou Cabo de Santo Antonio, á entrada da bahia de Todos os Santos.

177) ponta.

178) a nau Nossa Senhora das Candêas e o galeão Sam Vicente.

179) Da ponta do padram (Cabo de Santo Antonio) até a pedra da galee (Ilhote de Itapoan) ha 13' ou cerca de 4 leguas, como dá o Diario.

180) ENE-OSO.

181) na altura do antigo Rio Sam Miguel (o actual Camaragibe) e fazendo parte dos recifes que correm nesse littoral.

182) Entre 9° 20' e 9° 25' sul.

183) Talvez entre as actuaes: Barra do Porto Calvo e Barra Grande.

184) Ilha de Santo Aleixo, 15' ao S4SO do Cabo Santo Agostinho.

185) « Aqui acaba no MS. quasi o verso da fol. 29.—Seguem-se em branco as folhas numeradas 30, 31, 32, 34 e 35. Passa em claro a 33, cujo numero vem a ter a ultima, que está depois da 41, e tambem é em branco, só no principio da pagina diz: »

(Varnhagen), 3.^a ed. do Diario).

186) « Segue uma raspadella, depois a fol. 35, e continúa: »
(Varnhagen, 3.^a ed, do Diario).

187) e 188) Pela primeira vez cita o Diario de quanto variava ou quanto «abatia» a agulha de um dos navios.

189) Aos 24 de Novembro de 1532, em pleno Atlantico septentrional.

190) Depois da fol. 35 seguem no codice, mais cinco em branco, vem logo a fol. 33 de que falámos, e conclue.

(Varnhagen, 3.^a ed. do Diario).

INDICE E SUMMARIO

Prefacio de Capistrano de Abreu

EDIÇÕES DO DIARIO DE PERO LOPES DE SOUSA — Francisco Adolfo de Varnhagen dá a 1.^a edição em 1839 — Tres copias do original desaparecido — Alexandre Herculano, bibliothecario da Real Livraria — Caracteristicas do Codice da Bibliotheca Real; titulo que lhe foi apposto no seculo XVII — Jordão de Freitas identifica o codice na Biblioteca da Ajuda — Em 1839 Varnhagen não o dá como o original escripto a bordo; mas na 3.^a edição (1861) assim o classifica e do punho de Pero de Gois — Lição de Capistrano de Abreu — Parecer de Pedro de Azevedo — O codice deve ser um apographo — Lição do Visconde de Santarém — A 2.^a edição do Diario — A 3.^a edição (Tomo XXIV, do Inst. Hist. Geog. e Ethn. do Brazil). A 4.^a edição em 1867. A 5.^a edição, copia fiel da 3.^a — Capistrano de Abreu — Afranio Peixoto — Paulo Prado — Mario de Alencar, da pag. I á pag. VI.

DEDICATORIA

A CAPISTRANO DE ABREU

INTRODUCCÃO, pag. 1 — MARTIM AFFONSO DE SOUSA E PERO LOPES DE SOUSA — Ascendentes de Martim e de Pero Lopes — Martim Affonso: seu nascimento, infancia e parte de sua juventude — Sua ida, para Castella — Casamento em Salamanca — Combatente nas hostes de Espanha contra a França, pag. 3 — Regresso a Salamanca — Pedro Margalho, Ayres Barbosa, Francisco de Mello, Pedro Nunes e Garcia da Orta — “Garcia da Orta e o seu tempo”, do Conde de Ficalho — Perfil de Martim Affonso, segundo este auctor — pags. 4 e 5 — Conceitos de Garcia da Orta, de S. Francisco Xavier, de D. João de Castro e de Camões — Permanencia de M. Affonso em Castella — O Epitome da sua vida perdido em incendio — A “Brevisissima e Sumaria Relaçam” de M. Affonso (1557), publicada em 1877 pelo Archivo Bibliographico (Coimbra), pag. 5 — Garcia da Orta louva a Martim como latinista — Traços moraes de Martim — Intimidade com D. Antonio de Attayde — Regresso

a Portugal, em 1525, na comitiva da rainha D. Catharina — Sua nova vida de marinheiro, militar e politico — Pero Lopes — A perda dos escriptos do padre Rousado — Conceitos de d. Antonio de Attayde e de d. João de Castro — Pero Lopes, auctor do Diario pag. 6 — Regresso de P. Lopes a Portugal — Outros serviços seus: com Thomé de Sousa e, em 1535, na armada de D. Antonio de Saldanha — Regresso á Patria — Casamento com D. Isabel da Gambôa — Dois annos na armada guarda-costas do Reino: apresamento de naus da França; capitão no comboio de Thomé de Sousa — Opiniões de Gabriel Soares, Varnhagen e outros auctores sobre outra viagem de P. Lopes ao Brasil — Partida para a India em 1539 — Capitães na sua armada: Simão Sodré, Roque ou Rodrigo Tello, Alvaro Barradas, Antonio de Abreu e Henrique de Sousa, pag. 7 — Naufragio da capitanea - a nau "Gallega" ou "Esperança Gallega" - junto á ilha de Madagascar — Morte dos dois capitães — A CIDADE DE LISBÔA — A Lisbôa quinhentista — A Rua Nova, pags. 8 e 9 — Bairros de Lisbôa — Viver dos fidalgos e do povo, pag. 9 — Cortejo para a acclamação de D. João III, rei de Portugal — Conceito do Conde de Ficalho sobre o momento historico — Conceito do auctor sobre o momento historico — Momento historico em face da Espanha e da França — D. João II e a politica portugueza, pags. 10 e 11 — ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA EXPEDIÇÃO DE 1530 — Acção diplomatica de Portugal, pags. 11 e 12 — Primeiras expedições em busca do Occidente — As expedições de Bartholomeu Dias em 1487, para o Oriente, e de Colombo em 1492 na descoberta das futuras terras da America — Bullas sobre a divisão do mundo — O Tratado de Tordesilhas — O tratado de 1494 e a sua sancção, pag. 12 — Alguns navegadores que até 1515 Portugal considerava como tocando em terras do occidente — Exploração da costa brasileira: 1500, 1501, 1503 até 1514, pag. 13 — Pilotos portuguezes de algumas expedições, até 1515 — Francezes na costa do "pau brasil" — Paulmier de Gonneville — Espanhóis no mar das Antilhas e no golfo do Mexico — Leão X e a embaixada de Portugal em 1514 — Calculo impreciso da longitude — Methodos novos e novas taboas, aperfeiçoamento dos velhos regimentos (1770), pag. 14 — A Casa de la Contratacion activando as explorações maritimas attrahia pilotos e cartographos lusos — Juan Dias de Solis (Expedição de 1515) — O littoral brasileiro ao sul de Cananéa até 1515 — A posse para Espanha de um rio ao depois nomeado Solis — Christovam Jaques e a expedição de 1516-1519, pag. 15 — Citação de Damião de Góes — Fernão de Magalhães — Um portulano trazido de Veneza — O globo de Behaim — Magalhães ao serviço de Espanha após recusa de Portugal — Navegadores portuguezes e de outras nações ao serviço de Espanha pag. 16 — Expedição Magalhães — Cristoval de Haro — Magalhães opina sobre o Cabo Sta. Maria e as Molucas — Enciso na "Suma de Geografia" opina sobre a posse espanhola — "Sentence Suisse" — Divisa das terras americanas do sul, pag. 17 — Magalhães morto em Sebú — Erros dos calculos de longitude dessa expedição — Ruy Faleiro e Felipe Guillen — Valores varios do grau e da legua maritima — Reclamação de D. João III a Carlos I contra a conquista de terras — Accordo proposto por Carlos I, pag. 18 — A linha mais para o oeste,

deseja a Espanha; a linha mais para leste. pretende Portugal, ambos visando as Molucas — Ilha de Sto. Antão e ilha do Sal — Carlos V ou I vê no galeão carregado de ouro da America, o que Portugal não teria na sua nau da India — Fernando Cortez e Francisco Pizarro — Pontos de vista politicos da Espanha e de Portugal, pag. 19 — Dote de D. Catharina, rainha de Portugal — Venda das Molucas, sob condição, a Portugal, em 1529. (Tratado de Saragoça) — A França, sob Francisco I, em politica contraria á das duas nações da Peninsula Iberica — Gomes de Carvalho (D. João III e os Francezes) — Triangulo do curso maritimo — Apresamento das naus lusas ou espanholas vindas do Oriente ou do Occidente — “Espoir d’Honfleur” de P. Gonneville, pag. 20 — Denuncias das aventuras do curso francez — João da Silveira, embaixador portuguez na França, em missão de recuperar presas e de impedir a partida de uma expedição — Francisco I e a sua astucia politica — Jean de Terrien — O aparelhamento de 10 navios corsarios — A “feitoria portugueza” em Pernambuco — Christovam Jaques (1516-1519) — Rio Sta. Maria (1514): expedição da “Gazeta Aleman”, pag. 21 — João de Lisbôa e Lopes de Carvalho — A partida de Sebastião Caboto — Christovam Jaques (1527) e sua missão — Diogo Gouvêa — Auxilio mutuo de Portugal e Espanha — João Verazano (1528) — Christovam Jaques, portuguez; seus combates na expedição de 1527, na bahia de Todos os Santos — Os armadores Cœtugar ou Kertrugar, Gueret - Maturin - Tournemouche, J. Bureau e J. Janet, pag. 22 — Helies d’Angoulême (1529) — Christovam Jaques teria passado ao serviço de Espanha? — Jean Ango — Tesouros de Montezuma ou Motecuhzoma mandados por Cortez a Carlos V — Francisco I e os seus filhos, refens do rei de Espanha — Tratado de Madrid — Francisco I pede 400.000 cruzados a D. João III — D. João III dá 100.000 e promete o excesso dos 300.000, valor das presas — Suborno do Almirante Chabot de Brion por Portugal, pag. 23 — A Espanha e seu novo surto de grandeza economica e politica, firmado nas riquezas vindas da America espanhola (menos do rio da Prata) e nas suas victorias na Europa — Desafortunadas expedições de Solis, Caboto e Diego Garcia — Citação de Oviedo — Estimulo para Portugal alargar sua conquista ao sul da America, pag. 25 — Enrique Montes, Simão Affonso, Gonçalo da Costa, informantes capazes da “costa do ouro e prata” — Gonçalo da Costa foge para Espanha — Lição de Alonso de Santa Cruz sobre o avanço que os portuguezes davam ao cabo de Santo Agostinho e ao littoral brasileiro-meridional — Lição da “Sentence Suisse” sobre o avanço para o sueste do sector da costa onde desagua o Amazonas (Mar Dulce ou o Marañon), pag. 25 — Os traçados do meridiano divisorio, segundo HARRISSE: Ferrer (1495); Cantino (1502); Enciso (1518); junta de Badajós (1524); Diego Ribero (1529); Padron Real — Theodoro Sampaio — Alonso de Sta. Cruz (1530) — Behaim e o avanço da parte oriental da Asia, pag. 26 — Erros de cartographia — Carta de Diogo Ribeiro (1529): influencia dos Reinel; a posse portugueza na America — Momento opportuno para a conquista — Informes anteriores a 1530 — Christovam Jaques, João de Lisbôa, Pero Capico, Diogo Leite, “Gazeta Aleman”, Solis, Caboto, Loaysa, Garcia de

Moguer, Simão Affonso, Enrique Montes, Gonçalo da Costa — Luis Sarmiento e seu avisado conceito, pag. 27 — Primordios da Colonização do Brasil — Pedro Rondinelli e a carta de 3 de Outubro de 1502 (Rac. Colombiana) — Viagem de Gonçalo Coelho (1503) — Vespucci e a feitoria de cabo Frio — A nau "Bretôa" (1511) — Alvará de D. Manuel (1516) ao feitor e aos officiaes da Casa da Índia — Coincendencia com a 1.^a viagem de Christovam Jaques (1516-1519) até o futuro rio da Prata — Christovam Jaques (1527) — Antonio Ribeiro — Proposta de Christovam Jaques, pag. 28 — João de Mello da Camara e sua proposta patrocinada por Diogo de Gouvêa — D. João III e a colonização do Brasil — Regimento e fins da Expedição do mando de M. Affonso (1530), pags. 29 e 30 — Ribeira das naus de Lisbôa — Citação de Jaime Cortesão, pags. 30 e 31 — A PARTIDA DA EXPEDIÇÃO — Ribeira das naus — 3 de dezembro de 1530 — Nau "Capitanea" — Capitão Irmão (I.) ou Martim Affonso — Pero Lopes — Nau "Sam Miguel", Heitor de Sousa; o galeão "Sam Vicente", Pero Lobo Pinheiro; caravelas "Rosa" e "Prinzeza.", Diogo Leite e Balthazar Gonçalves — Numero de pessoas embarcadas — Pero de Góis a quem Varnhagen dá como copista do Diario — Vicente Lourenço — Pedre Annes ou Pedro Annes — Enrique Montes (segundo Herrera) — Pero Capico — Ruy Pinto — Francisco Pinto — Padre Gonçalo Monteiro — João de Sousa — Manuel Alpoim — Antonio Rodrigues de Almeida — Vicente Martins Ferreira — Pedro Collaço — Jorge Pires — Heitor d'Almada — Lourenço Fernandes — Pero Gonçalves. pag. 32 — Diogo Vaz — Maritimos e homens d'armas: portuguezes, alemães, italianos (e mais tarde francezes) — No mar, a caminho da missão colonizadora, pag. 33.

CAPITULO I

A ARTE DE NAVEGAR E OS TYPOS DÓS NAVIOS NA EXPEDIÇÃO DE 1530 — pag. 35

A ARTE DE NAVEGAR E OS TYPOS DOS NAVIOS
NA EXPEDIÇÃO DE 1530 — A arte de navegar em uso na armada de M. Affonso — O Almagesto ou a sciencia de Ptolemeo, pag. 37 — As theorias de Ptolemeo influenciadas pelas de Tebit — O decimo céu — A machina do mundo: sua divisão — A Terra, centro do mundo — Espheras e céos: seus movimentos — Ptolemeo dava o movimento do firmamento do oriente para o occidente — Motivos por que dava terra redonda, pags. 38 e 39 — A Equinocial — O Zodiaco — O Coluro Solsticial — O Coluro equinocial — O Meridiano — O Horizonte — Os signos ou as "Casas do Sol", segundo Medina (Arte de navegar), pag. 39 — Os doze trabalhos de Hercules — Maxima declinação conhecida do sol: segundo Ptolemeo, as tabôas de Evora, Regiomontanus, Oroncio e Pedro Nunes — Solsticios e equinocios — Circulo "do meio dia" — Zenequi ou Zenith — Diferença de hora ou de longitude — Circulos menores — Tropicos e circulos polares, pags. 40 e 41 — A α da "Ursa menor" ou a Polar, na determinação

da latitude do navegador — Afastamento della do polo, segundo Pedro Nunes, o Prof. Wolfer, para o começo do seculo XVI e Domingos Costa (nosso astrónomo), para o começo de 1530 — Calculo da latitude pela altura meridiana do sol — O “Kamal” — O quadrante — O astrolabio: sua descripção e uso — Pedro Nunes e o calculo da latitude pela altura do sol a qualquer hora do dia: o astrolabio, a “poma” e o “instrumento de sombras” — Só com D. João de Castro (1538) se vem a praticar este processo, pag. 42 — Formula classica do calculo da latitude — Os “lugares do sol”, no Diario de Pero Lopes — Manejo das taboas de Evora — Os “lugares da lua”, pag. 43 — β e γ da “Ursa menor” ou “As guardas”, em relação á Polar para o calculo da hora — A carta Catalan de 1375 — O Regimento de Evora e sua lição — Luciano Pereira da Silva, o erudito auctor da “Astronomia dos Lusíadas” e sua lição através de um dialogo entre D. Quixote e Sancho Pança, pags. 44 e 45 — Maneira pratica de achar a hora no mar, quando as “guardas” nas oito posições conhecidas — O “Cruzeiro do Sul”, segundo o Regimento de João de Lisbôa, pags. 45 e 46 — Outras estrellas e constellações do céu brasileiro, conhecidas então — A astronomia dos indios do Maranhão, pag. 46, segundo Claude d’Abbeville (Edição 1921, serie Eduardo Prado) — Paulo Prado — Capistrano de Abreu — Rodolpho Garcia — “Coaraci”; Jaci: Jacitatá; Seixú ou Eixú; Tingassú; Eixú-jurá; pag. 47 — Urubu; Gaiamú; Crussa; Iaura; Uam-ran; Pira-panem; Jaci-tatá-assú; Iapucan; Uirapia; Nhandutim; pag. 48 — Tatá endú; Iandaia; Iandaiassú; Iabotatim ou Iassatim; Cahi; Tuiaré ou Tuibaé; Curumim manipuera guará; Irapuam; Panacú; Tucum; Nhaempuam — Conhecimento dos eclipses ou “noites da lua. — Influencia do sol na meteorologia da região que habitavam — O Calendario dos maranhenses no qual eram factores valiosos a colheita dos cajús, precedida da chuva dos cajús, o apparecimento das Pleiades, além do gyro do sol que observavam, pag. 49 — Agulhas de marear antigas e as da expedição — Os meridianos em que não tinham variação ou não “abatiam.” — Colombo e o “abatimento” da agulha — Como os portuguezes conheciam e corrigiam o abatimento, pag. 50 — João de Lisbôa e a “diversidade de agulha” — Outro processo para o referido calculo após 1530 — Traçado do meridiano magnetico, segundo João de Lisbôa — Na travessia Pernambuco - Portugal dá o Diario o abatimento da agulha de uma das naus — Domingos Costa accusa a falta de dados para se determinar a D. C. magnetica ao tempo da expedição affonsina, pags. 51 e 52 — A Cartographia na Peninsula Iberica em 1530 — Antecedentes historicos — Jacome da Mallorca — Martim de Behaim — Juan de la Cosa — Cantino — Canerio — Waldseemüller — Ruysch — Saint-Dié ou a doutrina luso germanica — Pedro e Jorge Reinell: seus serviços em Portugal e em Espanha — Atlas Kretschmer, Kunstmann, Marcel, Nordjenskojld, Santarem — Denucé e a unificação das duas escolas: portugueza e italiana — Os Reinell abandonam o serviço da Espanha em 1528 — As cartas de Diogo Ribeiro de 1527 e 1529, pag. 52 — Os Reinell ao serviço de Portugal, novamente (1530) — O portulano de 1516, fructo da expedição da Gazeta Aleman? — Entre as cartas de Ribeiro (1529) e a de Viegas

(1534) — Diogo Leite corre o littoral de Pernambuco até além do rio Maranhão, pags. 53 e 54 — João Teixeira e a “Perspectiva do Ressife de Olinda” — Feitoria do rio de Pernambuco — Ilha Ascensão ou Itamaracá — Ilha de Pernambuco, no roteiro cuja copia manuscripta devemos a João Lucio de Azevedo e a photographica a Paulo Prado — Rio das Virtudes — Rio das Pedras: o de Reinel e o de Caboto — Cabo Spichell — A baía (de pitiaçua) de treyçam — Oratipipy ou Oratapica — Sam Roque — Ponta primeira — Cabo do parcel — Cabo de Sta. Maria de Arrabida (Esmeraldo, Duarte Pacheco), pag. 54 — A baía das tarrugas ou das tartarugas — Buraco das Tartarugas (frei Vicente do Salvador) — Bahia das Tortugas (Oviedo) — A baía das Tartarugas (Viegas) — A ponta primeira — Ponta do parcel — Bahia das Tartarugas (João Teixeira) — A bahia de Sanct Raphael (Oviedo) — Rio de Sam Myguell (Reinel) — Serras de Sam Miguell — Ponta de S. Miguel (A de Chaves e Oviedo) — Promontorio de S. Miguel — Angla de Sanct Lucas, pag. 55 — Ponta ou cabo do Palmar — O golfo de Sam Lucas — Bahias de S. Marcos e de S. José — Cabos Corso e Branco — R. Grãd (Viegas) — Rio de Joham de Lisbôa, rio danobom, ponta das corrêtes, terra de Sam Vicête, terra dos fumos, b. do parcel, etc. — Rio da Cruz — Cabo Branco (O. Derby), Sta. Maria de la Consolation (Varnhagen), o Mucuripe? — Rio da Cruz, segundo O. Derby, pag. 56 — Rio de Maranhão dos portuguezes? — Rio Marañon dos Espanhões? — Representações cartographicas — Valores variaveis do grau — Provisão de Carlos V datada de 23 de Setembro de 1519 — Onde a abra ou baía de diogo leite? — Opiniões discordantes de Varnhagen, de d’Avezac e de Gaspar Viegas que pela 1.^a vez a assignala em cartographia, pag. 57 — Viegas dá o rio Marañon como o actual Amazonas — O embaixador espanhol Furtado de Mendonça (carta 10-9-1531) dá a chegada a Lisbôa de uma nau e duas caravelas, cremos, a de João de Sousa e as de Diogo Leite — Lição da “Sentence du Conseil Federal Suisse” sobre o deslocamento da foz do Amazonas em cartographia antiga — Ultrapassou Diogo Leite o verdadeiro Maranon (Viegas) — O rio Navidad (Maggiolo e Oviedo) — O Marañon de Enciso em 1518 — A missão de Diogo Leite era a de “descobrir. o rio de Maranham (Diario) — Doação (13 de junho de 1535) a favor de Fernam Alvares e outros, pags. 58 e 59 — Cabo de Todos os Santos, G. de todolos sãtos (Reinel), amgra de todolos sãtos (Viegas) — Cabo de los Esclavos — Identificação de Orville Derby — Discordancia entre a carta de Viegas, de outros auctores e o documento official citado — Maranhão de Portugal, Marañon ou Mar Dulce, de Espanha — Pedro Martyr e Las Casas sobre viagem de Pinzon, pag. 59 — A carta de Diego Ribero (1529) esclarece qual o Marañon espanhol — Oviedo e a carta de Alonso de Chaves — Viegas na mesma corrente de opinião — Accordo entre D. João III e Carlos I ou V, segundo a Historia Pontifical — Marcos ou padrões? — Symão Estacio da Sylveira — Padre João de Sousa Ferreira, pag. 60 — Bernardo Pereira de Berredo e Antonio Baena — João Paes do Amaral — Senhorio official dos lusos sobre o grande rio — Littoral brasileiro ao sul de Cananéa — João de Lisbôa, João Lopes de Carvalho e pilotos da armada de D. Nuno Manuel; João Dias de Solis; Fernão de

Magalhães; Christovam Jaques; Rodrigo de Acuña; Sebastião Caboto; Alonso de Sta. Cruz; Rodrigo Alvarez; Rojas; Jorge Gomes; Diego Garcia de Moguer; Gonçalo da Costa; Enrique Montes; Melchior Ramirez; Francisco de Chaves; Aleixo Garcia; Francisco del Puerto; Francisco Cesar, pag. 61 — Gonçalo da Costa e sua partida para Espanha — Antonio Rodrigues, João Ramalho e Tibirecá — Francisco de Chaves e os 5 ou 6 castelhanos — Chegada dos navios de M. Affonso a Cananéa e a S. Vicente — Identificação da costa entre Cananéa e o rio da Prata — Pta. do padrã — Ilha da Cananéa — Buen Abrigo — rio dos dragos e baía das voltas — Rio alagado — Rio do extremo — Golfo do reparo, puerto de la barca — Rio Sam bento — Rio das voltas ou S. Francisco ou Sto. Antonio — Ylhas, pag. 62 — Actual ilha de S. Francisco: descripção do Yslario (A. Sta. Cruz) — Ilha dos Pargos (Reinel) — Isla de la Plata — Isla de Sta. Catalina (Caboto) — Puerto de San Sebastian — Felix Outes e sua opinião — Porto dos Patos — Isla del Reparo — Puerto de D. Rodrigo (d'acuña) — Ylhas derradeyras (Reinel) — Golfo fremoso (Reinel), golfo do ilhéu (Viegas), puerto del farollon — Farayol — Rio do ARecife — Serras de Santa m.^a da pena — Rio dos negros — Terra alta (Viegas) — Cabo da terra alta (P. Lopes) — Rio Martim Affonso de Sousa (Viegas) pag. 63 — Terra bayxa — O areall — Costa darea — Costa bayxa — Sam p.^o ou pedro (Viegas) — Ponta do aRecife — baía aparcelada — Maggiolo (1527) e o cabo de Sta. Maria — Diego Ríbero (1529) e o cabo J.^o de Lixbôa — Baía aparcelada (Reinel) — Magiollo (1527) : cabo de Sta. Maria e cabo de Sta. Maria do bondeseho — Algumas das ilhas assignaladas nos portulanos — O parcell — Gonçalo Coelho e as Roccas — João Teixeira as nomea: Vigia — Sam p.^o ou sam pedro ou penedo loronha ou penedos São Pedro e São Paulo, pag. 64 — A armada de Garcia de Noronha (1511) descobre os penedos — Y. fernã de loronha (Quaresma, Sam Lourenço, Sam Joham), Fernando de Noronha — Ylha de santa barbora ou Santa Barbara — Abreolho ou Abrolhos — Tryndade, segundo Hümmerich. descoberta a 18 de Maio de 1502 - As duas ylhas Acençam ou Ascenção — João da Nova (1501) — Ylha de Santa Ylena ou Helena — Ylhas que achou marti vaz (Sta. Maria dagosto) — Bazílio Ferreira de Carvalho (1798) — Ylhas Rodrigo Alvarez e sua identificação — Ylhas das onças (M. Affonso) — Ylhas de Christovam Jaques — Ylha de los lovos (A. Sta. Cruz) — Rio da Prata, pag. 65 — Rio de Sta. Maria — Rio de Solis — Puerto de N.^a S.^a de Candelaria ou da Candelaria (Solis e Caboto) ou Porto de Maldonado — Ylha das Palmas (Gorriti ou Maldonado) — Pontos da costa citados pelo Diario, de Cananéa para o sul — Esteiro dos Carandins — Sancti Spiritus (Caboto) — A Terra dos Carandins e sua identificação; no capitulo V com outros detalhes, pag. 66 — Sectores entre Pernambuco e Cananéa, estudados noutros capitulos — Portulanos que nos guiam — As novas designações na costa de Viegas (1534), consequentes da expedição affonsina — Vaz Dourado — Collecções Kunstmann, Kretschmer, Marcel, Nordjenskold e Santarém (Atlas) — Cartas do Almirantado inglez e as em uso nas Marinhas Aleman, Norte Americana e Franceza — Incorreccões dos portulanos

coevos a M. Affonso, pag. 67 — As Molucas e o desejo de sua posse influindo sobre os traçados — Deslocamento do continente americano para o oriente — Opiniões de: Americo Vespucci, Fernão de Magalhães (Pastells, doc.º n.º 1), Reinel (Denucé, Origines de la Cartographie portugaise), Alonso de Santa Cruz (Yslario) — Dados imprecisos, pag. 68 — Pedro e Jorge Reinel (portulano de 1516) e dificuldade do traçado das singraduras affonsinas — Viegas e Mercator — Traçados approximativos das singraduras ou da derrota — Cartographo Nelson de Faria — Capitão de fragata Renato Bayardino — General Tasso Fragoso — Antonio Luiz de Freitas Pereira — Gustavo Umbuzeiro — Luiz Gomes Loureiro — Gabinete Photographico do Estado Maior do Exercito — Valôr do efficiente estabelecimento e do seu digno director, pag. 69 — Aristides de Almeida Beltrão — Pandiá Calogeras — Miguel Calmon — Esboços cartographicos (ou mappas) em correspondencia com o texto do Diario e do Commentario ao Diario — A arte de navegar ao tempo da expedição affonsina — Pedro Nunes e sua advertencia aos pilotos, no Tratado da Sphera, pag. 70 — A arte de navegar — A descoberta da loxodromia por Pedro Nunes, pag. 71 — Taboa dos valores dos caminhos de latitude e de longitude, em relação aos rumos por grau de latitude — Valores alterados por Pedro Nunes e variaveis desde Vespucci, Faleiro, Duarte Pacheco, João de Lisbôa, Pero Lopes, d. João de Castro — Imperfeição do calculo da longitude — Valôr desta no estudo dos Congressos technicos para resolução das questões de posse das terras descobertas, pag. 72 — Calculo da longitude baseado nos eclipses — Citação de Dionysio, o Areopagita — Explicação do calculo — Processos praticados por Ruy Faleiro, Pigafetta, João de Lisbôa, André de San Martin — Um delles justamente desaprovado por D. João de Castro — Por que P. Lopes no Diario dará “os lugares da lua”, pag. 73 — Processo original de Caboto (Harrisse-John & Sebastian Cabot) e inconvenientes do dito emprego de calculo — Gemma Frisio, segundo o erudito dr. Luciano Pereira da Silva — Indentificação do nauta com o mar e phenomenos do mar — Marcação do ponto na carta, pag. 74 — O ponto de esquadria — Arguto conhecimento dos phenomenos naturaes, no mar — Plantas marinhas — A ornithologia maritima que conheciam, pag. 75 — Os marinheiros quinhentistas e os classicos latinos — Plinio (Historia Natural) — Virgilio (Eneida) — Lucano (Pharsalia), segundo Medina (Arte de Navegar) — Izidoro (Etymologia) — Virgilio (Georgicas) — Intimo conhecimento das cousas do mar de Pero Lopes: citação do Diario — “Experiencia verdadeira” de Pero Lopes, da paragem que estuda — Opiniões de Varnhagen e de Gabriel Soares sobre outra viagem de P. Lopes ao Brasil, pag. 76 — Conhecimentos de P. Lopes dos nossos mares e do rio da Prata — Typos dos navios na expedição affonsina — A caravela — “A Madre de Deus” — Livro das Armadas — Esmeraldo (D. Pacheco) — Visconde de Juro-menha (desenhos) — Benine (idem) — D. João de Castro (roteiro) — Juan de la Cosa (mappa) — Falcão (livro) etc.. — Descrição da caravela, segundo J. Braz de Oliveira (Annaes do Club Naval - Lisbôa, 1894), pags. 77 e 78 — Proporções das caravelas para carga de marfim e de escravos — Madeira de que eram feitas — A nau portugueza, segundo J. Braz de Oliveira,

pags. 78, 79 e 80 — O galeão - segundo o mesmo auctor — O "Piedade" e o "Botafogo", pag. 80 — O "S. Matheus" da frota de D. Nuno da Cunha — A armada de D. Alvaro — O "S. Diniz" — D. João de Castro em soccorro de Gôa — Na "Invencivel Armada" o "S. Martinho" e o "S. Matheus — O galeão "Sam Vicente" — Opiniões sobre os navios dos seculos XV e XVI — Opinião de Pero Lopes sobre o galeão "Sam Vicente" e a nau "N.^a S.^a das Candêas" — Armamento dos navios, segundo o Almirante João Braz de Oliveira e outros auctores — Armamento do homem de combate e dos navios em geral — Cellada de ferro italiana (barbote e gorjal-capacete e arnez), pag. 81 — Pique ou lança — Chuço — Bésta — Rodellas e outros engenhos — Arcabuz — Bombarda — Espheras — Columbrinas — Berços — Aguias — Leões — Cães — Serpes — Basiliscos — Roqueiras — Sacres — Falcões — Falconetes — Passavolantes ou pedreiras — Bala de ferro ou de chumbo — Pelouro de pedra — Balas explosivas (1536) — Das gaveas atiravam-se zargunchos e gorguzes; depois, panellas de polvora — Arpéos para a abordagem — Xareta — Cintas de couro — Pavezes e arrombadas — A caminho do estudo do Diario por generosa indicação do mestre.

DIARIO DA NAVEGAÇÃO DE PERO LOPES DE SOUSA
DE 1530 A 1532

(Commentario ao texto do Codice: do Capitulo II (Mappa 1) ao Capitulo VII (Mappa 11), pag. 83 — PRIMEIRA PAGINA DO CODICE DA BIBLIOTECA DA AJUDA, pag. 85 — TEXTOS DO CODICE E DO COMMENTARIO EM CORRESPONDENCIA da pag. 87 á pag. 386 — COMMENTARIO — Capitulo II (Mappa 1), pag. 87 a 96 — LISBÔA — CANARIAS — ILHAS DE CABO VERDE — Navegação praticada pelos pilotos quinhentistas de Portugal — Pontos geographicos mais estimados: Cabo de Sam Vicente — ilha da Madeira — as Canarias — ilhas de Cabo Verde, pag. 87 — Cabos: Bojador, Barbas, Branco, Verde e Roxo — Ilha da Madeira como ponto de referencia ou então o Archipelago das Canarias — Partida da armada: 3 de dezembro de 1530, pag. 88 — Marcação do ponto a 3 de dezembro — Ilha da Gomeira — Navios não melhores veleiros que os de Fernão de Magalhães, pag. 89 — Sam Lucar — Tenerife Segundo Pimentel, a derrota preferivel, mais tarde — Ilha das Palmas — As Canarias, estimadas pelas suas pescarias, antes dos navios partirem para os maiores cruzeiros — Alvará de 25 de novembro de 1530 assignado pela rainha D. Catharina — Nenhum auxilio solicita Martim Affonso ao feitor nas Canarias — Dia 13 de dezembro: a partida — Dia 14: passa no hemispherio norte o linde septentrional das aliseos do nordeste, pag. 91 — Corrente maritima á feição — Marcha desta corrente até o golfo da Guiné, aonde em sentido opposto corre já a equatorial — Ponto do dia 19 de dezembro — Mar grosso atira a armada para a costa da Africa — Ponto do dia 20, pag. 92 — Cruza a armada com uma caravela e outro navio de volta da pescaria — "Por elles", escreveram a Portugal — Cahimento para a costa da Africa — Dia 25: á vista, a

ilha do Sal, do Archipelago de Cabo Verde — Ilha da Boa — Vista — Baixos ao ESE, pag. 93 — Ilha de Maio (perfil da ilha) — Ilha de Santiago — Vento contrario para demandar o porto da Ribeira grande — Ilha do Fogo, pag. 24 — Os navios da Armada: Capitanea (nau); Sam Miguel (nau); Sam Vicente (galeão); Rosa e Princeza (caravelas) — Surgida no Porto da Praia (ilha de Santiago) — Nau e chalupa de castelhanos de viagem para o rio de Maranhão — Parecer do capitão-mór contra essa viagem — Porto de Ribeira-grande: surgida dos navios; — A caravela Princeza e a nau Sam Miguel desgarradas, veem a este porto — Abastecimento de viveres e dinheiro — Manoel d'Alpoim — Heitor d'Almada — Rodrigo d'Alvarez d'Obidos — Gaspar Videira, pag. 95 — A latitude do porto da Ribeira grande (Diario), pag. 96.

CAPITULO II — (MAPPA I)

ILHAS DE CABO VERDE — CABO DE STO. AGOSTINHO, pag. 97 — Partida de Santiago (Porto da Ribeira Grande) a 3 de janeiro de 1531 — Contraste do tempo e avarias — Entre os meridianos 25° e 20° W. Gw., pag. 97 — Ponto marcado no portulano, no dia 9 — Serra Leoa — Cabo Roxo — Cabo Verde — Valor da legua maritima: 3,6 (valor médio) e 4 milhas, segundo os Reinel — Calmarias, trovoadas, aguaceiros, pag. 98 — Em paragem e epoca do aliseo do sueste — O “penedo de Sam Pedro, ou os “penedos de São Pedro e São Paulo” - em 55'-30” — Os Reinel dão um só penedo e na latitude de 1° 30' norte — Achava Pero Lopes escasso o vento do sueste ou “o siroco” para com elle montar o cabo de Sto. Agostinho — Uma das razões dessa affirmativa: o avanço dado nos portulanos á costa brasileira, entre o citado cabo e parte do continente mais ao sul, pag. 99 — Opinião de Alonso de Sta. Cruz. — Ponto dado no Diario para o dia 23 de janeiro, e referido á ilha de “fernão de Loronha” e ao cabo de Sto. Agostinho (o cabo fremoso, Reinel) — A este cabo davam os Reinel, mais 10 milhas ao sul, e áquella ilha, 30 milhas mais ao norte — A corrente equatorial, pag. 100 — Ramos ascendente e descendente — Cabo Sam Roque — Citação por Pero Lopes da corrente equatorial, em duas passagens do Diario, pag. 101 - 102 — A corrente brasileira e seu afastamento da costa em varias epocas do anno, pag. 102 — Entre 23 e 24 passa a armada ao largo da ilha de Fernão de Loronha — Como P. Lopes sabia. “por experiencia verdadeira”, se estaria a barlavento ou a sotavento da referida ilha — Rabiforcados e alcatrazes pretos; alcatrazes brancos e mar mui chão, pag. 103 — Corrente entre a costa e a corrente brasileira no sector Cabo de Sam Roque - Pernambuco — Velocidade dessa corrente, pag. 104 — Capitam I ou Capitão Irmão (Martim Affonso) — Diogo Leite a 11 de janeiro não commandava a “Rosa” e sim a “Princeza” (Diario) — Navegação da armada influenciada parece pela corrente brasileira e pela outra determinada pela monção do sueste — Dia 30 de janeiro, citação interessante de Pero Lopes, sobre o pescado na proximidade dessa costa — A 31 de janeiro avista a armada terra mais ao norte do cabo de Sto. Agostinho — A 1.ª nau franceza: nau “A” — CAPITULO II (continuação) — Caça a esta nau — Apresamento della em frente ao cabo de Per-

caauri (cabo Pero de Cabarigo ou ponta de Pero Cavarim) — Situação deste cabo, pag. 106-107 — “Rio do extremo” (Viegas), o Jaboatão — Mariz Carneiro descreve o cabo de Pero Cabarigo (Regimento de pilotos, fl. 5) — Mariz Carneiro e Viegas ajudam a identificar o “rio do extremo” — Apresamento de outra nau franceza “B”, ao sul do cabo de Sto. Agostinho — 1.^a surgida da armada após 30 dias de cruzeiro no mar, na travessia Porto da Ribeira - Grande - Cabo de Sto. Agostinho, pag. 107 — Terra dos Papagaios — O Brasil — Planispherio de J. Marini em 1512 — A “costa do pau brasil” — Francezes de Honfleur e de Dieppe — O “rio das Pedras” — “cabo Fryo” — rio “Sam Francisco” — Pero Capico, pag. 108-109 — Pero Capico, informante da costa de Pernambuco — Diogo Leite capitão na expedição de Christovam Jaques (1527) e também na de Martim Affonso — ANTECEDENTES HISTORICOS DE PERNAMBUCO — Duarte Pacheco e a expedição de 1498 citada no Esmeraldo — Expedições de Gaspar de Lemos ou André Gonçalves — Baptismo de pontos geographicos do littoral brasileiro — Rio de Sam Francisco (rio de sam Francisco - Canerio, 1502) — rio de Sam Jeronimo (Canerio) — Sam Michel (Canerio) ou rio de sam Miguel — Cabo de Sta. Croxe, provavelmente o cabo de Sto. Agostinho, pag. 109 — Expedição de Gonçalo Coelho (1503) — Cabo de Sam Roque (San Rocho, - Canerio, 1502) — Vespucci — Varnhagen dá ainda como pilotos da exp. de 1503, João de Solis, Lopes de Carvalho ou Gallego de Carvalho, João de Lisbôa — As “Roccas” e o naufragio de G. Coelho — Ilha de Fernão de Loronha (Quaresma, S. Lourenço, S. João) — Baía de todos os santos (b. de tuti li Santi - Canerio, 1502) — Cabo frio (Esmeraldo, 1505) — Waldseemüller (1507) propõe nome de America para o novo continente — Gonçalo Coelho nas bahias de Todos os Santos e do Rio de Janeiro, pag. 110 — Corso francez — Paulmier de Gonneville e a “Espoir d’Honfleur. — Sebastião de Moura e Diogo do Couto — A expedição da nau “Bretôa” e a de outras de arribada ou invernias na costa — A da “Gazeta Aleman” em 1514 — Cristoval de Haro e D. Nuno Manuel — Pero Rondinelli (carta de 3-10-1502) — A 3.^a ed. da Hist. Geral do Brasil (Varnhagen) e as eruditas annotações de Capistrano de Abreu, pag. 111 — Relatorio de Chá Masser (1506-1507) sobre arrendamento de 20.000 quintaes de “pau brasil” e preço de cada quintal — Pesquisas de Antonio Baião (Vol. II, pag. 325 - Hist. Col. Port.) — Damião de Gois (1513). — George Lopes Bixorda, arrendatario então — Varnhagen e o alvará de 1516 ao feitor e aos officiaes da Casa da India, pag. 112 — 1.^a expedição de Christovam Jaques ao Brasil (1516-1519) — Fundação da feitoria em Pernambuco — Carta de Estévam Fróes — J. T. de Medina — Capistrano de Abreu e suas annotações a Varnhagen (3.^a edição) — Duvidas sobre o que narra Estévam Fróes na sua carta, pag. 113 e 114 — Feitorias ou nucleos pauperrimos — Vespucci em Cabo frio — A nau Bretôa (1511) — Pero Capico ou Capigr.^o — Investidas do corso francez — Espanhões ao sul de Cananéa — rio Solis ou de Sta. Maria (da Prata) — Exp. Solis: sobreviventes desta expedição apresaram portuguezes em Pernambuco? — Primeira expedição ao mando de Christovam Jaques — “Feitoria” ao oeste da ilha Ascensão ou Itamaracá, na margem direita do rio depois chamado por Pero Lopes de “Pernambuco” (rio

Igarassú) — Manoel de Braga, feitor, e 12 christãos — Jorge Gomes, companheiro de Jaques ao rio da Prata ou de Sta. Maria — Expedição de Caboto em 1526: demanda de Pernambuco e visita á "feytoria" — Ilha Ascensão (A. de Sta. Cruz) ou Itamaracá — Já teria ella este nome? — Varnhagen e sua lição, pag. 115 e 116 — Anthony Knivet, citação de Capistrano de Abreu (Varnhagen Hist. Geral do Brasil), e a significação do termo tupi — Ainda a expedição de Caboto — "Pernambuco" por elle demandado, pag. 116 — Rio de las Piedras ou rio das Pedras: para Reinell, Maggiolo, Viegas seria o rio Goyana; para Caboto, entrando em conta com o seu erro na latitude, seria o actual rio Parahiba do norte (S. Domingos dos portuguezes depois da exp. de Martim Affonso)? — Rio das Virtudes - talvez para alguns o actual Igarassú — rio de Sta. Cruz (D. João III) — Carta de Diego Ribeiro (1529) e o que diz sobre a feitoria — O Pernambuco (de Caboto) e a baya de Pernambuco (de A. de Sta. Cruz), pag. 117 — Citação de uma passagem do Yslario — O rio de Pernambuco, de Pero Lopes — O rio dos Monstros (A. Sta. Cruz) e os 10 ou 12 monstros marinhos avistados — Filipe Cavalcanti em carta a Filipe Sasseti (citação de João Lucio, Rev. Hist. Vol. 13.º, pag. 113) descreve o typo de um desses monstros, pag. 118-119 — Caboto e os informes colhidos, principalmente de Jorge Gomes, sobre o rio da Prata ou Sta. Maria, o Porto dos Patos e os moradores deste porto: Enrique Montes e Melchior Ramirez — Partida de Caboto: 29-9-1526 — Montado o Cabo de Sto. Agostinho, avista nau franceza em Sto. Aleixo — Corre o littoral na altura do rio Sam Miguel (Canerio, 1502), pag. 119 — Christovam Jaques e sua expedição de 1527 — Pero Capico segue para Portugal — Diogo Leite — Gonçalo Leite — Gaspar Corrêa — Chegado Jaques a Pernambuco haveria de saber da viagem de Caboto para o sul — Combate contra corsarios francezes na "bahia de todolos Santos" e regresso a Pernambuco em 1528, com 300 prisioneiros — D. Rodrigo d'Acuña e sua odyssea, pag. 120-121 — D. Rodrigo toca na ilha de Sto. Aleixo — Opinião futura do historiador de la Roncière — Antonio Ribeiro — Proposta para colonização, de Christovam Jaques — Dr. Diogo de Gouvea — D. João de Mello da Camara, pag. 121.

CAPITULO II — (MAPPAS 2a, 2b, 2c)

(Correspondencia com o Diario, pag. 106)

PERNAMBUCO, pag. 122 — A armada de M. Affonso avista a 31 de janeiro de 1531 a costa de Pernambuco — Aprisioamentos da nau "A", na altura do cabo Percaauri e da nau "B" ao sul do Cabo Sto. Agostinho — No quarto da prima ou no primeiro, quarto da noite, parte P. Lopes, com as caravelas Rosa e Princeza para a ilha de Sto. Aleixo — A ponta de Mercauhipe ainda não assignalada nos portulanos, estaria doze milhas ao S 4 SO do cabo de Sto. Agostinho, pag. 122 — Ponta Maracahipe — No quarto d'alva do dia 1 de Fevereiro fundea Pero Lopes em Sto. Aleixo — Ao clarear dá vista de uma nau franceza (a

nau "C") velejando amarada — Caça com as duas caravelas — Na altura do cabo de Sto. Agostinho sae-lhe em soccorro M. Affonso — Apos dia e meio da partida de P. Lopes da ilha de Sto. Aleixo, na altura, parece, da bahia da Traição, apresada elle, com auxilio de M. Affonso, a nau franceza "C", pag. 124 — A nau "C", carregada de pau brasil, foi apresada no dia 2 de fevereiro de 1531 e baptisada "Nossa Senhora das Candêas" — No littoral havia barreiras vermelhas — Indios veem a nado offerrecer "brasil" — Seriam caetés ou pitiguares? — Pitiguares, supponho — Identificação do ponto geographico alcançado pela expedição, pag. 125-126 — A bahia da Traição extremo norte das terras doadas a Pero Lopes de Sousa — Barreiras vermelhas ao n. da b. da Traição e ao sul do rio Grande do Norte: barreiras do inferno — Barreiras vermelhas além do actual rio Parahiba ou na bahia da Traição, assignaladas nos portulanos Reinell, da Riccardianna e de Weimar, pag. 126 — Martim Affonso a 4 de fevereiro embarca na caravela Rosa e destina-se ao "porto de Pernambuco" — O "porto de Pernambuco" e o "rio de Pernambuco" — Identificação desses dois pontos geographicos — "a barra do arrecife" — "Roteiro de todos os sinais" (B. da Ajuda) — "Perspectiva do Ressife de Olinda (João Teixeira) — O "Surgidouro velho" — Rio Igarassú, o "rio de Pernambuco" de P. Lopes — Carta de doação de D. João III a favor de P. Lopes — Carta de doação a favor de Duarte Coelho (10 de março de 1534), pag. 127 — D. João III nomeia ao braço de mar que separa a Ilha Ascensão do Continente, rio de Sta. Cruz: não seria tambem ao Igarassú futuro, então rio de Pernambuco? — Porto de Pernambuco, o velho (Regimento de consensa da costa do brasil, 1540) — Pero Lopes, ao partir M. Affonso na caravela Rosa, fica com as duas naus apresadas A e C, a S. Miguel e a caravela Princeza — Navegação feita pela Capitanea e a nau apresada "B." (vide Mappa 2c) — Ida ao rio de Pernambuco e á feitoria ahi existente: esta feitoria dois mezes antes fôra saqueada por um galeão de França e abandonada por Diogo Dias — Surgida no porto de Pernambuco, pag. 128 — Existiria alguma outra feitoria neste porto? — O Diario nada esclarece, antes só fala na feitoria do "rio de Pernambuco" — Aonde a "feitoria" citada pelo documento recém-publicado? (Lusitania, Vol. III, J. de Freitas ou completo nos nossos Documentos, Vol. II do Diario - 5.^a edição) — Testemunhos de Caboto, Pero Lopes e Juan de Mori — A carta de Diego Ribero — Referencia feita por Alonso de Sta. Cruz — Relato do Diario sobre a ida de M. Affonso ao "Rio de Pernambuco" para na feitoria abandonada por Diogo Dias, deixar os doentes, seis parece, da sua armada, pags. 129-130 — No Capitulo VII maior desenvolvimento será dado ao estudo — Da bahia da Traição - (abaia de pitiaçua de treyçam (Reinell) ou abadias (Maggiolo, 1519) - traz Pero Lopes os navios para o sul — Desgarro da nau S. Miguel, pag. 130 — Regressaria esta nau a Portugal? — Tomada da aguada num rio da costa — O Mamanguape ou o Meriri? pag. 131 — Mais ao sul já eram conhecidos em cartographia os rios "das Pedras" e "das Virtudes" — P. Lopes conhecedor dos ventos reinantes por estações do anno — Lição dos roteiros modernos — Com a monção do sueste que soprava, já pensaria ir na volta da Guiné: mas soprando vento do léste, se faz ao sul, pag. 132 —

O cabo Spichell — Rio das Virtudes — Ilha Ascensão — Rio de Pernambuco — Surgida no porto de Pernambuco — Encontro neste porto de todos os navios, menos a nau "S. Miguel. para sempre desgarrada e a caraveia "Rosa" fóra do porto sob o mando de Martim Affonso, pag. 133 — Entrada da caravela "Rosa" no porto — Noticias recebidas por Martim Affonso e providencias por elle tomadas, pag. 134-135 — No "porto de Pernambuco" existiria mesmo alguma feitoria? — Pero Capico teria mesmo morado no pontal de Olinda? (cit. da Hist. Col. Port. Vol. III, pag. 289) — O Diario nada esclarece a respeito desse estabelecimento — Por fins de fevereiro manda o Cap. mór a Diogo Leite "descobrir o rio do Maranhã", e uma nau franceza apresada, com João de Sousa para Portugal, após ter queimado uma das naus "A" ou "B" — A 1.º de março segue para o sul M. Affonso com a Capitanea; a N.ª S.v das Candêas, antiga nau C, e o galeão Sam Vicente, pag. 136-137.

CAPITULO III — (MAPPA 3)

PERNAMBUCO — BAHIA DE TODOLOS SANTOS — Na policia da "costa do pau brasil" — O galeão Sam Vicente vae ao arrecife de Sam Miguel e regressa a juntar-se ás 2 naus — Latitude da armada dia 2, ao meio dia — Rio de Sam Myguell (Reinel) em 9º 50' sul e em Viegas em 10º — O arrecife de Sam Miguel (P. Lopes) na proximidade do dito rio, pag. 137 — Sam Michel (Canerio, 1502) — S. Miche (1519) e Tera de S. Michele (1527), Maggiolo — Aguada de sam miguel (Esmeraldo, 1505) — Aguada dos navios? — Os caetés, segundo Gabriell Soares, e os saltos aos tupinambás — Navegação acompanhando a orientação da costa — O que assignalavam os portulanos: "Cabo Percaauri" — "Rio do extremo" — "Cabo de Santagostinho" — Qual o rio Sam Sebastiam, nomeado por Tristão da Cunha em 1506? (Castanheda, cap. 30, liv.º II.º) pag. 139. — Ponta de Mercauhipé — I. de Santo Alexo — Rios "prymeyro" e "segundos" — rio Sam Myguell ou migell — A costa, segundo Gabriel Soares, 50 annos depois, pag. 140-141 — Serras de santo antonio — Latitude dellas segundo Reinel, Viegas e o Diario de Pero Lopes, pag. 141-142 — Rio São Francisco ou sam fr.º (Reinel) — Mau tempo — Latitude mal calculada para o dia 11 de março — "Aguagem do rio de Sam Francisco que fazia "mui grande escarcéo", pag. 142 — O Vaza-barris e uma citação de Mariz Carneiro — Porto Real (Canerio, Maggiolo, Diogo Ribeiro e Esmeraldo) — Rio Real (Reinel, Riccardianna, Maggiolo, 1519 e Viegas, 1534) — Rio do Pereyra entre o "rio Real" e o Vazavares (Canerio, Cantino, Maggiolo, Riccardianna, Turim, 1523) — Rio das Canafystolas (Reinel, Turim, Riccardianna, Viegas) — Segundo Gabriel Soares, Canafystolas e Pereyra eram o mesmo rio — O Vaza-barris de Reinel não é o mesmo Vaza-barris de hoje — Identificação duvidosa quanto a Pereyra e a Canafystolas, pag. 143 — Duas enseadas Vazabarris: uma, antes de 1587, outra depois — Naufragio de Gabriel Soares — Rios: "Sam Geronymo", "da duvyda", do "mieso ou do mezo" — O "da Cassia ou das

Cana fystolas”, segundo Candido Mendes de Almeida, o Vasa-barris actual, assim como “o 1.º Vazabarris”, o Japaratuba e o “rio do Pereyra”, o Cotinguiba”, pag. 144 — Identificação de Orville Derby (Os mais antigos mappas do Brasil) — Monte fragoso (Reinel) — Pedra da galee (P. Lopes) — Ponta do Padram — “Hua restinga” “ao mar da ponta do padram” (P. Lopes), pag. 145 — 13 de Março de 1531: entrada na bahia “de Todos Santos” — Identificação de 3 ilhas assignaladas no Diario, pag. 146 — Pouca variação das suas agulhas? — A BAHIA DE TODOLOS SANTOS — Segundo Gabriel Soares: primeiros habitantes da Bahia de Todos os Santos — Guerra dos Tapuias contra os Tupinaés — Guerra dos Tupinambás contra as Tupinaés — Tupinambás, senhores da bahia á chegada dos Portuguezes, pag. 147-148 — Expedição de Gaspar de Lemos ou de André Gonçalves (1.º de Novembro de 1501) — Gonçalo Coelho (1503) — Nau “Bretôa” (1511) — Outras visitas á bahia — Christovam Jaques (1527) combate á foz do Paranaguassú tres corsarios francezes ao serviço de Coertrugar, Gueret Maturin Tournemouche, Jean Bureau e Jean Janet, pag. 149 — Diogo Alvares, o Caramurú — Informe do piloto Avila aportado á bahia, na nau S. Gabriel, com Rodrigo d’Acunã, em 1 de julho de 1528 — O que diz de Diogo Alvares, o Diario — O que informa Juan de Mori em 1535, através da narrativa de Oviedo, pag. 150, 151-152 — Mais tarde, na Villa-Velha, com Pereira Coutinho e com os Governadores Geraes Thomé de Sousa e Duarte da Costa — Martim Affonso e Diogo Alvares que lhe deu “rezam larga do que na terra havia”, pag. 152 — Passagem do Diario em que se fala do gentio da bahia de Todos Santos — Da maneira de viver desses tupinambás — A lenda do Sumé — O que diz a “Nova Gazeta da Terra do Brasil” (viagem de 1514) — Lição de Capistrano de Abreu, pag 154-155 — Combate naval entre 100 “igaras” ou canoas no qual pelo Diario tomariam parte 6.000 indios, pag. 155-156.

CAPITULO III

(Continuação)

BAHIA DE TODOLOS SANTOS — RIO DE JANEYRO — A 17 de Março de 1531 partia pela 1.ª vez, deixando 3 homens em terra, com sementes, para “experiencia do que a terra dava”... — Um destes seria o Affonso Rodrigues, citado por Varnhagen? — Seria este Affonso um dos depois desertados dos dois navios de P. Lopes ahí ancorados em 1532? — Juan de Mori dá castelhanos ahí vivendo em 1535, e casados com duas filhas de Diogo Alvares — A arribada e a 2.ª partida a 18 de Março, porque a 17 haviam arribado — A 25 de Março arribavam novamente — A’ boca do rio Tynhaaréa — Em consequencia dessa surgida dará Viegas em 1534 “tinhare”, pag. 157 — Juan de Mori soccorre naufragos da Capitanea espanhola dados á costa dessa ilha: de Touaré, segundo uns, e de Tanareques, segundo outros — Gabriel Soares dá idéa do porto, ao abrigo do actual Morro de São Paulo, onde

ancoram navios grandes — O rio Tynhaaréa, de P. Lopes, deve ser o Una — Velejam os navios para a bahia de Todos Santos onde lhes sae ao encontro um batel — E' passageiro delle, Diogo Dias, feitor de Pernambuco, pag. 158 — O batel da caravela surta na Bahia entre os dias 13 e 25 de Março (a caravela Sta. Maria do Cabo) — Destinava-se ella a Sofala com escala no Rio de Janeiro — Motivo dessa escala, segundo lição de Al. de Sta Cruz — Aggregada á força naval de Martim Affonso — Postos em liberdade o piloto e os escravos presos na caravela, pag. 159 — A Santa Maria do Cabo e sua guarnição — Navios da força naval de M. Affonso: a "Capitanea", nau; a "N.^a S.^a das Can-dêas", nau; o "Sam Vicente", galeão; a "Santa Maria do Cabo", caravela — Effectivo de 400 homens?

CAPITULO III — (MAPPA 4) — pag. 160

(Correspondencia com a texto do Diario, pag. 164)

3.^a Partida a 27 de Março de 1531 — Desfavoravel a monção para montar os Abrolhos, pag. 160 — Monções reinantes — Pirajás — Mal fixados os Abrolhos nos portulanos — Lição de um roteiro do seculo XIX, pag. 161 — Por contrarios os ventos, tarda se torna a navegação — A "ilha de Santa barbora" (do archipelago dos Abrolhos) era deslocada em portulanos: 60 milhas mais ao sueste da verdadeira posição, pag. 162 — A fiarem-se nos portulanos que trariam, no dia 21 de Abril estariam sobre os baixios dos Abrolhos ou roda a roda com as ilhas — No Mappa 4: posição exacta e falsa posição dos Abrolhos — Amarados, buscam terra: avistam a actual costa espirito-santense — Brisas do nordeste — Surgidas nos baixios do Cabo de S. Thomé, ou nos "baxos dos pargos", pag. 163 — Baxos dos parguctes (vide pag. 170) — O "cabo do parcel" de P. Lopes — Ponto ao meio-dia de 29 de Abril — O Cabo Frio — Rio de Janeyro (Reinel) — Com 35 dias de viagem fundeam junto de uma ilha (a Raza, suppomos) — Com a viração entram no porto, pag. 164 — Toponymia da costa entre a "bahia de Todos Santos" e o "Rio de Janeyro" até o anno 1535 — Portulanos ou cartas de marear consultadas: Canerio, Reinel, Riccardianna, Turim, Weimar, Maggiolo, Ribeiro, Vaz Dourado, Gaspar Viegas, e outros — Alonso de Sta. Cruz, Duarte Pacheco — João de Lisboa — Alonso de Chaves — Oviedo — Gabriel Soares — Mariz Carneiro — Orville Derby — Duarte Leite, estudioso dos portulanos de Canerio a Ruysch: sua identificação de 6 rios — Orville Derby e sua identificação de 7 rios — A nossa identificação entre 1531 e 1534 — (Mappa 4) — R. de Joham Guyo — Tynhaaréa (P. Lopes) — R. da praya — R. de Santagostinho — Serra alta — G. da praya (Reinel) ou A baia (Viegas) — R. das Ostras — R. Santana, Santa Helena ou Sta. Lena — R. dos Cosmos — R. das Virges, R. das Voltas — R. S. João de Tiba, R. de Sta. Cruz, pag. 167 — Porto Seguro — rio do brasyl — monte pasqual — rio de Sam Gorge ou Sam Jorge, ou S. Joham — ilha dos baxos (P. Lopes), Y. de Sta. Barbora (Reinel) ou de

Sta. Luzia (Oviedo) — C. dos bayxos dabreolho — bayxos dabreolho — Promontorio de Abrejos (Oviedo) — Oviedo e Pero Lopes: como locavam os baixos, pag. 168-169 — Diego Ribero (1527), e o "baxo de los pargos. — Viegas e o pensamento dos capitães e pilotos da armada affonsina — O cabo São Pedro (Oviedo) - Pta. Delgada (Viegas) — rio Formoso e Angla (Oviedo) — baia de santa luzia — Cabo de Sam Johã, pag. 169 — baia do parcel (Viegas) — bayxos dos pargos — baxos dos parguetes — Pescaria dos pargos — Reinel e Viegas: comparação dos portulanos — Costa Çuja (Viegas) — baxos de Joargas (Ribeiro, 1529) — Baixios de S. Thomé, pag. 170 — O cabo de Santhomé (Reinel) ou "do parcel" (P. Lopes) — Serra de S. Thomé (Canerio, 1502) — Tera di S. Tomé (Maggiolo, 1527) — O goitacá, segundo Simão de Vasconcellos, pag. 171 — a "baia do Salvador (Reinel) — o rio do Salvador (A. de Chaves) — golfo do aRecife, golfo Fremosa (Reinel) — ylhas de Sam Roque, do pouso, e do Cabo fryo, pag. 172 — Identificação das ilhas — Alapego de S. Paulo (Canerio) e Alapego del navios (Maggiolo, 1527) — Serras de Santa-luzia (Reinel) — Serra de S. Thomé (Canerio, 1502) — A ylha de cabo Fryo, nomeado desde a expedição de 1503, de que fez parte Vespucci, pag. 173 — Cabo Frio da Rama (1504), Kunstmann III.º — cabo Frio (Esmeraldo, 1505) — Santa Marta ou Maria (Cantino)? — RIO DE JANEYRO (Reinel), pag. 174 — Americo Vespucci (1501) e (1503), pag. 174 — Fernão de lronha — Cabo fryo — Feitoria de 24 homens e exploração num raio de 40 leguas — 18 de junho 1504: a sua partida de Cabo fryo — nau "Bretôa" (1511) — Christovam Pires - Bartholomeo Marchione — Benedito Morelli - Fernão de Lronha — Francisco Martins — Partida da "Bretôa" — João Braga na "feitoria" — João Lopes de Carvalho — Mudança destes dois portuguezes para o Rio de Janeiro — O rio do Sombreyro (o Carioca), pag. 175 — Gonçalo Coelho teria já dado alguma vaga noticia do ouro e da prata que passam a interessar ao sul do continente as duas nações rivaes — Esta noticia maior curso ganharia após a viagem de 1514 narrada pela Gazeta Aleman — Encontrariam João Braga e Lopes de Carvalho vestigios, nas ribeiras da Guanabara, da moradia alguns annos antes, de Gonçalo da Costa? — João Braga, morador de uma das ilhas, mercadeja com os indigenas — João Lopes de Carvalho quatro annos morador na bahia do Rio de Janeiro tem ahi um filho com uma india, o qual acompanhará mais tarde o pae na expedição de Fernão de Magalhães, pag. 176-177 — Pontos historicos que narradores da expedição de 1514, da de Solis (1515) e da de Magalhães (1519) poderiam esclarecer — Fernão de Magalhães e a bahia de Santa Luzia — Informes de Pigafetta que Denucé vulgariza e esclarece, pag. 177 — André de San Martin procura determinar a longitude da bahia (Rio de Janeiro) por calculos astronomicos — Rodrigo d'Acuña ahi aporta — Outras expedições ou navios soltos antes da expedição affonsina tocariam na bahia do Rio de Janeiro — A' barra "do rio", a qual Pero Lopes dá mais 19 minutos ao sul, pag. 178 — Surgida a 30 de Abril de 1531 junto á actual ilha Raza? — Candido Baptista de Oliveira e suas conclusões a respeito, como tambem da obstrucção da barra, pag. 179 — Rio ou Ria? — Desconheci-

mento dos muitos rios que se lançam na bahia, cujos nomes conhecidos mais tarde, são reproduzidos no texto — Riacho Carioca, também “rio del sombrero”. de Oviedo, pag. 180 — Rio Jordam — Judia (Ribeiro) e Judia ou India (A. Sta. Cruz) — Rio de Janeyro (Reinel) — Pinachullo detentio e rio Jordam (Canerio, Ruysch, Waldseemüller, Turim e Maggiolo), pag. 181 — Na bahia, oito ilhas, muitos abrigos; e á bocca da barra, uma ilha de “pedra rasa com o mar” (Diario) — Oito não existiriam e sim, cerca de oitenta — O sertão percorrido por 4 homens da armada — Arraial de M. Affonso nas ribeiras de um porto, pag. 182 — Porto de Martim Affonso e identificação correspondente — Distincto este porto de Martim Affonso do porto de Martim Affonso, o Ararigboia — Do que constava o arraial affonsino — Os 4 homens da armada regressam do sertão acompanhados de um cacique, pag. 183 — Cordialidade entre os portugueses e o cacique — Novas do “Rio de Peraguay” e de ouro e prata — Opiniões de Orville Derby e de Capistrano de Abreu — O cacique e a vida do arraial e do porto, pag. 184 — Thevet e a cerimonia dos tupinambás por elle descripta — Os dois bergantins portugueses ahí armados — A gente tupinambá ou tamoia, na Guanabara — Lição de A. de Sta. Cruz — Ainda não conhecidos por tamoios, pag. 185 — Abastecimento para 400 homens e para um anno de viagem — Os “picos fragosos” — As boas e cystalinas aguas cariocas — O “Sombreyro” (Reinel) — Beirando a “costa do ouro e prata” — Enrique Montes, pag. 186 — Costas do pau brasil e do ouro e prata, pag. 187.

CAPITULO IV — (MAPPA 5) — pag. 188

RIO DE JANEYRO — CANANÉA — 1.º de Agosto de 1531: partida das duas naus, do galeão, da caravela e dos dois bergantins — Identificação de ilhas citadas pelo Diario — A que rumo corria a entrada da barra pela agulha da nau “N.ª S.ª das Candêas”, pag. 188 — Pontos assignalados no portulano Reinel: picos fragosos — O Sombreyro — Rio del Sombrero — Os mangues — ylha darea — Vario o vento — Falta de sol por ser constante a cerração, pag. 189 — Ponto de partida — Navegação praticada até o dia 3 de Agosto — Regime dos ventos entre o Rio de Janeiro e o Rio da Prata, pags. 190-191 — (Renseignements generaux — Serv. Hyd. Etat Major Gen. de la Marine) — A cerração constante; falta de calculo astronomico — Ponta fragosa — Ponta Grossa — Cabo Navidad — Cabo de las Sierras de San Sebastian — rio dos Innocentes — Rio de extremo da terra de Janeyro — Ilhas: Bôa Vista e de Sta. Clara — Citação de Al. de Sta. Cruz — O paso das almadyas (Oviedo) — Terra dos Magos, pag. 193 — Golfo dos Reys — Navegação até o dia 8 de Agosto — Suppunham ao meio dia estar ao sueste do Porto de Sam Vicente — ylha das Couves (Reinel), Coules (Oviedo) — ilha ou ilhas onde existiam porcos montezez, pag. 194 — ylha vitorya — ylha dos gayonos (Reinel) ou goanas (Kumstmann II.º) — Ylha de Sam Sebastian — A Maembipe já assim no-

meada? — porto de Sam Sebastian (Canerio, 1502) — P. de Sam Sebastian (Ribero, 1529) — Porto S. Visenso — Rio de la Cananéa — Puerto de San Sebastian (Caboto) — ilha dos Pargos ou dos Patos — O apparecimento ahi desses nomes Goanas e Gayonos justifica a existencia em tempos passados desses indigenas no litoral paulista — Morpion e Engaguaçu — Gaiabé ou Gaiambé — Em 1532, qual a ilha do Sól de Pero Lopes? — Ilha Maracanã (Oviedo) pag. 195, ou Mamberecunã citada na sesmaria de Braz Cubas. (1 junho 1562) — Serraryas (Reinel) — Sierras de San Sebastian — Cabo de Buen Abrigo em frente ao porto de Cananéa — Rio Curpacê (Reinel), ilha Curpacê (Reinel, Italia) — Navegação da armada até ter por noroeste da agulha o porto de Sam Vicente, pag. 196 — Região provavelmente attingida pela armada ao sul da ilha de Sam Sebastian — A cerração não deixa reconhecer terra — E' mandado a reconhece-la um "lingua" embarcado em um dos bergantins — O que dizia Alonso de Sta. Cruz dos habitantes de uma ilha, pag. 197 — Rumando ao sussudoeste das suas agulhas veem provavelmente a dar na actual ilha dos Alcatrazes — Os ilhéos que se ahi ajuntam: Escalvada, Ponte, Aguda e Ferruginosa — Gabriel Soares a dá como uma ilha com tres picos de pedra e com um delles muito mais comprido que os outros — Surgidas da armada — Garra a Capitanea; velejam os navios — Navegação em conjunto — Antes, caçam os portuguezes alcatrazes e rabiforcados e lançam fogo ao arvoredo da ilha, pags. 198-199 — Ilha dos Alcatrazes chamada a seguir, apesar de Viegas não a assignalar? — O fogo como aviso aos habitantes de Sam Vicente? — Dias 11 e 12 de agosto — golfo d'area ou a baia pequena (Viegas) — Entre o rio de Sam Vicente e o golfo darea, os Reinel dão uma "aldêa do grigoryo", pag. 199 — Reconhecida a terra, fazem-se ao mar — Rumando ao sudoeste pensavam alcançar o rio Sta. Maria — Lição de Alonso de Sta. Cruz, pag. 200 — Waldseemüller (1507) corrige o traçado da costa brasileira entre o Caput St. Crucis e o gorfo fremoso: ao sul de Cabo frio ter-se-ia exagerada essa correção? — A 12 de Agosto de 1531 dão vista da ilha da Cananéa (P. Lopes), a ilha do Bom-Abrigo actual — Traziam do Rio de Janeyro cerca de 440 milhas de navegação — Descrição por P. Lopes da ilha de Cananéa (Bom-Abrigo) — Um rio ao norte della cerca de sete milhas — Varnhagen tinha esse rio como o Iguape: deverá ser o Mar pequeno, pag. 201 — Rio de Cananéa (Reinel) ou rio de Cananea — A ilha do Bom-Abrigo, a ilha Branca, de Gabriel Soares — Golfo darea (b. de Icapara) ou baia pequena (Viegas) — Piloto Pedro Annes, lingua da terra", pag. 202 — O "lingua" entende-se com os tupiniquins, o bacharel degredado, Francisco de Chaves e 5 ou 6 castelhanos — Citação de Oviedo — Regresso de Pedro Annes no bergantim após 4 ou 5 dias de ausencia — O bacharel degredado da 1.^a ou 2.^a expedição portugueza e portanto habitante da terra para 30 annos — Novas de anteriores expedições e dos que na terra viveriam ou teriam vivido — Solis, Acuña, Caboto, D. Garcia etc... — Gonçalo da Costa — João Ramalho — Antonio Rodrigues, pag. 203 — Francisco de Chaves, sertanista — Aleixo Garcia — Enrique Montes, cujo nome não cita o Diario, mas elemento de real valor á expedição — A sua nomeação pela carta regia de 16 de novembro de 1530 de "provedor de manti-

mentos" etc. — Compromisso de Francisco de Chaves — Pero Lobo Pinheiro, capitão do galeão S. Vicente e sua expedição de 40 besteiros e 40 espingardeiros — Partida da expedição: 1 Set.^o de 1531, pag. 204 — Informes que animariam M. Affonso na aventura de conquistar as minas da prata e do ouro — Francezes ao norte, espanhóes ao sul — Plantaria padrões, M. Affonso? — O portulano Reinel já dava, crêmos, deste 1516, a ponta do Padrã — Ayres de Casal — Varnhagen (Carta sobre Ethnographia indígena e Hist. Geral do Brasil) — Citação do frei Gaspar da Madre de Deus, pags. 205-206 — Coronel Affonso Botelho de Sampaio e Sousa (16-1-1767) — Padrão recolhido pelo barão de Capanema (1866) ao Museo do Instituto Hist. Geog. Brasileiro — Seria o da Ponta do Padrã? — Memorias etc... (Frei Gaspar), — Antes de 1530, onde passaria a linha divisoria luso-espanhola — Al. de St. Cruz — Alonso de Chaves — Oviedo — Ponta dos Fumos — Cabo de Buen Abrigo, abaixo das sierras de San Sebastian, pag. 206 — Diego Riberro dava muito mais que essas terras a Portugal — M. Affonso alargar-se-ia mais na conquista, como prova depois com a posse do Esteiro dos Carandins feita por P. Lopes — O Diario nada diz sobre padrões em Cananéa — Partida a expedição de Pero Lobo, largam do porto os navios de M. Affonso 25 dias depois, pag. 207.

—————
CAPITULO IV — (MAPPA 3) — pag. 208

CANANÉA — YLHAS DAS ONÇAS — Os quatro navios partem com o vento do leste — Seguem-n'os os dois bergantins — Outro capitão, o do galeão Sam Vicente — Lição dos roteiros sobre regime dos ventos, pag. 203 — Os ventos que os navios supportaram de 26 de Setembro a 15 de Outubro de 1531 — Pontos da costa já assignalados nos portulanos ou roteiros — Ponta do padrã — O rio alagado — O rio dos dragos e a baía das voltas — golfo do reparo — O rio das voltas ou o S. Francisco (Turin, 1523), pag. 209 — Lição de Al. de Sta. Cruz comparada com a opinião de Alonso de Chaves — Isla de la plata (Medina) — Ylhas — o rio Samto bêto, a 2.^a Ylha dos Goyanazes, o golfo onde sey... e o golfo onde levyo o ba(tel) — Ylha dos Pargos (Reinel) — Rio dos Patos (Viegas e Reinel) — Golfo dos Patos — isla de Sta. Catalina — O porto dos Patos fronteiro a esta ilha, montada a ponta dos naufragados na enseada onde desagua o Massiambú — Ysla de la plata (Solis, citado por Medina) — Puerto de Potosi ou de Vera (Collec. de Doc. — Cópia dada por Madero - Descubrimiento del Rio de la Plata) — Ysla del reparo — Citação de Lopez de Gomara — Navegação dos navios affonsinos, pag. 211 — Desgarro dos dois bergantins — Encontro dos bergantins e desgarro de um delles, de 30 de Setembro para 1 de Outubro de 1531 — Os carijós — A Terra dos Patos — Enrique Montes — Antecedentes historicos da "terra e porto dos Patos" pag. 212 — O PORTO DOS PATOS pag. 213 — Opiniões de d'Avila e de Medina — Embarcações da expedição Solis de regresso do rio da Prata — Centro da irradiação sertanista e porto buscado por outros europeus — Hans Staden como

assignalaria o Porto dos Patos — Enrique Montes e Melchior Ramirez á chegada de Caboto, pag. 213 — Informes das riquezas do sertão — Carijós, guaranis ou chandules — Chegada de D. Rodrigo d'Acunã na nau S. Gabriel — O porto de D. Rodrigo, pag. 214 — Enrique Montes, Melchior Ramirez e Christovam Jacques — 13 ou 15 homens desertados — Chegada de Caboto (19 de Out.º de 1526) — Surgida abrigada pela ysla del repairo (Coral) — Opiniões de Oviedo, Felix Outes, Medina e cartas maritimas do seculo XX — Jorge Gomes passageiro da armada Cabotianna — Visita de Enrique Montes — Nova surgida da armada, para junto de 3 ilhas pequenas (os 3 irmãos ou os Moleques do Sul?) — Canal de acesso para o Porto dos Patos, pag. 215 — A nau "Victoria" e seu naufragio em 26 de outubro de 1526 — Caboto com os restantes navios fundea no Porto dos Patos a 2 de novembro — Construcção de uma galeota de 20 bancos — Embarque com Caboto de Ramirez, Montes e mais os 15 abandonados pela nau S. Gabriel — Partida a 15 de fevereiro de 1527 — Rojas, Mendes e Rodas abandonados em terra — Carlos V e as viagens de que incumbira a Caboto e a Diego Garcia, pag. 216 — Encontros de Caboto e Garcia: no rio da Prata e depois no porto dos Patos e em S. Vicente — Rojas auxiliado por Gonçalo da Costa parte para S. Vicente — Caboto, de regresso do rio da Prata, deixa na ysla de santa catalina (Puerto de San Sebastian) o clerigo Diego Garcia e um embarcadiço — A que expedição pertenceriam os 15 castelhanos encontrados no Porto dos Patos pelos portuguezes do bergantim desgarrado da armada? — Os mesmos 15 castelhanos depois levados pela caravela Santa Maria do Cabo, para o porto de Sam Vicente — Martim Affonso e o signal que deixa para esse bergantim desgarrado, pags. 217 e 218 — A carta deixada na ilha das Palmas — A caravela Sta. Maria do Cabo e sua missão — Navegação da armada Affonsina para o sul, pag. 218 — Regime meteorologico como ha 400 annos passados — Ventos annotados nas travessias Cananéa - Ylhas das Onças e ylhas das Onças — Cabo de Sta. Maria — Um "fumo" no littoral — Lacunas do Diario nos impedindo bom traçado da derrota (Mappa 6) — Ventos reinantes e a lição dos roteiros pags. 219-220 — Porto de d. Rodrigo — Ylhas derradeyras — O rio do aRecife — O golfo fremoso ou o golfo do ilhéu (Viegas) ou o porto do Promontorio del Farollon — Farayol (A. Sta. Cruz) — serras de santa marta da pena (Reinel), a terra alta (Viegas), o cabo da terra alta (P. Lopes), pag. 220 — O rio dos Negros (Reinel); o rio martim affonso de Sousa em Viegas e em João Teixeira — Terra bayxa — Areall — Costa d'area — Costa bayxa — a baía aparcelada — ponta do aRecife — R(io) de... (Reinel) — Rio das Onças (Riccardianna) — Ilhas das Onças (Viegas) — Rio das Onças, rio Martim Affonso de Sousa — Identificação do rio Martim Affonso de Sousa com o Mampituba — Simão de Vasconcellos e Varnhagen, deste parecer, pag. 221 — YLHAS DAS ONÇAS — PORTO DO ANTIGO CABO DE STA. MARIA, pag. 222 — As 3 ilhas de pedra (P. Lopes) baptisadas no proprio Diario - Ylhas das Onças — Viegas pela 1.ª vez as assignala (1534) — Ilhas das Onças, não: mas dos lobos marinhos? — Onças na terra fronteira visitada por P. Lopes — Identificação da terra — Ilhas das Onças citadas não só

em Viegas, como em Vaz Dourado (1580), em G. Battista (1585), em Hulderico Schmidel (1599 - *The Conquest of the River Plate*, Graham) e em Y. Hondius (1606), pag. 222-223 — Ilhas Torres — Cabo de Sta. Maria — Cabo João de Lixbôa (Ribero) — ilhas Rodrigo Alvarez — ilhas Christovam Jaques — Ribero (1529) e a fixação dellas na carta — a ysla de los lobos ou ilha dos Lobos, pag. 223 — Ilha das Palmas — Harrisse e sua citação (Jonh & Sebastian Cabot) — Citação correcta de A. de Sta. Cruz — Francisco Torres, um dos pilotos de Solis, descobridor das ilhas Rodrigo Alvarez — Citação do Yslario — Christovam Jaques e as duas ilhas Paloma e Tuna actuaes, pags. 224-225 — Fixação com as respectivas latitudes e com o auxilio das actuaes longitudes das: ylhas das onças (3 ilhas de pedra, de Pero Lopes) e tres das 5 actuaes ilhas Torres — As yslas Rodrigo Alvarez, as 5 actuaes ilhas Torres — Ylhas Christovam Jaques (Paloma e Tuna) — Orientações da costa até o cabo de Sta. Maria e passando este cabo, pag. 226 — O cabo de Sta. Maria antigo — Pero Lopes no Diario, com os rumos dados e as sondagens feitas, ajuda a identificar-se um momento valioso da sua derrota, pag. 227 — Exemplos que nos auxiliam a provar onde o cabo de Sta. Maria dos antigos, pag. 228 — Ilhas das Onças e cabo de Santa Maria para os pilotos quinhentistas — Navegação dos navios affonsinos — Sobre o Mud well das cartas inglezas — Latitude do cabo de Sta. Maria (Diario) — Surgida da armada a 15 de outubro de 1531 — Diferenças das latitudes dadas pelo Diario das do actual cabo de Sta. Maria e da actual Punta del Este de Maldonado, pag. 229 — A nossa justificativa baseada em parte na média dos erros de calculo da latitude — Citação do Diario, pag. 230-231 — a ilha das Palmas, segundo o Diario — Outra citação do Diario, pags. 231-232 — Maggiolo, cabo de Sta. Maria e cabo de Sta. Maria do bondeseho (1527) — Uma ilha não existe em frente ao actual cabo de Sta. Maria e sim duas: a Paloma e a Tuna (ylhas Christovam Jaques) — O piloto mór Vicente Lourenço e os dados que dá para identificação do porto do cabo de Sta. Maria — Pero Lopes diz na ilha das Palmas ter tomado agua e lenha — Citação do Ms. n.º 1715 da Bib. Nac. de Buenos Aires, relato da viagem do piloto F. Fernandez, a mando de D. Valdez em 1600, pag. 232 — O que se daria em relação á ilha das Palmas, jamais se poderia referir ás duas ilhas Paloma e Tuna — A these que procuraremos provar: o antigo Cabo de Sta. Maria não é o actual cabo de Sta. Maria — Navegação feita pela armada: impraticabilidade dessa navegação se o actual fosse o antigo cabo de Sta. Maria, pag. 233-234 — O cabo de Sta. Maria antigo, a Punta del Este de Maldonado — A ilha das Palmas, a Gorriti ou Maldonado — Paul Groussac e sua lição (An. de la Bib. de B. Aires, Tomo 4.º - 1905) — Nega Groussac o valor do Diario de Pero Lopes — João Mendes de Almeida o precede nesta injusta opinião (Rev. Hist. Geog. Bras. - Vol. 53), pags. 234 e 235 — A nossa opinião baseada no estudo de todo o Diario — Paul Groussac e sua lição, pas. 235-236 — Citação de D. Diego Alvear (An. de la Bib. - Tomo 4.º) — O que disseram navegantes e cartographos, pag. 236 — Francisco d'Albo e seu Diario — Montado o cabo de Sta. Maria corre a costa leste-oeste — Montevidi — Rio dos Patos, provavelmente o actual Solis Grande

ainda por Viegas (1534) chamado "dos Begoás", e mais tarde ainda, assim por Vaz Dourado — Citação de Alonso de Sta. Cruz (Yslario) — Isla de los lobos ou ilha dos Lobos: sua posição referida ao cabo de Sta. Maria (antigo), pags. 237 - 238 — O que disseram Caboto e Diego Garcia — Alonso de Sta. Cruz (citado por Oviedo e Harrisse) sobre as ilhas das Palmas e dos Lobos — Alonso de Sta. Cruz e o quanto dava para a embocadura do Rio da Prata, pags. 238 - 239 — Elementos para identificação desejada — Pto. da N.^a S.^a da Candelaria (Solis) ou Pto. da Candelaria (Caboto) ou Porto de Maldonado — O que delle disseram Pero Lopes e Vicente Lourenço — O que se conclue pelo estudo cartographico, pag. 239 — Até fins do seculo XVIII variavel fixação nas cartas do cabo de Sta. Maria — Alguns mappas citados por Groussac: Danville (1768); Robert de Vaugoudy (1750); Millan (1768); Olmedilla — A nossa consulta na Bib. Nac. do R. de Janeiro — Carta de Janszoon Bloen (1605), pag. 241 — Maiollo ou Maggiolo (1515), Reinel (1516?), Turim (1523), Gaspar Viegas (1534), Caboto (1544), Jacopo Gastaldi (1554), Lazaro Luiz (1563), Thevet (1575), Guillaume le Testu (Bib. Min. de la Guerre), Arnoldus Florentius (1596, 1645, 1630), Y. Hondius (1597), Danckerts (1660), João Teixeira (1666), Pierre du Val (1655 - 1665), Clement Jonghe (1640): Louis Stanilas Darcy de la Rochette, e tenente-general Francisco Requena (1796) — Maggiolo em 1527 dá dois cabos Sta. Maria, sendo que um cabo de Sta Maria do bondeseho — Outras cartas que consultámos e que são de parecer contrario — Diego Ribero (1527 - 1529), Abraham Ortelius (1570 - 1584), Cornelius de Judoeis (1593), Petrus Plaucius (1592 - 1645), Mathias Quaden (1598 - 1608), B. Langenes (1598), Guillaume Sanson (1697), Y. Hondius (1602), Nicolas Sanson (1650), Guillaume Lisle (1700), pag. 241 — Após as expedições de Aguirre e de Malespina — Alteração feita pelo teniente Oyarvide, segundo lição de Paul Groussac — Restabelecia-se só num ponto o que a carta de Maggiolo (1527) assignalava — Oyarvide e datas que a elle se referem: 1783 a 1796, e 1803 a 1806, pag. 242 — A punta del Este de Maldonado é, em virtude dos estudos feitos, o antigo cabo de Sta. Maria — Surgida dos navios affonsinos. — Signal posto na ilha das Palmas: uma cruz e atada nella "uma carta emburilhada em cera", para o bergantim desgarrado na travessia Cananéa - Ilhas das Onças — Identico signal de D. Garcia na ilha dos Lobos para um bergantim retardado — Enrique Montes, embarcado com Caboto, foi testemunha de vista desse signal; "provedor de mantimentos" na Armada Affonsina, seria delle a idéa de se deixar identico signal na ilha das Palmas? pags. 243 - 244.

CAPITULO V

O RIO DE STA. MARIA OU DA PRATA, pag. 244 — Chegada de M. Affonso a 15 de Outubro de 1531 — Antecedentes historicos — João de Lisboa e Lopes de Carvalho, da Exp. da "Gazeta Aleman" armada por Cristoval de Haro e d. Nuno Manuel (1514) — Lenda das riquezas — Supremacia da desco-

berta — O machado de prata e a descoberta do Rio da Prata (1514) por Portugal — Gaspar Corrêa (Lendas, II, 628) dá João de Lisbôa como o deecobridor do Rio Sta. Maria — Schöner (Cosmographia, 1515) já se refere a este rio — João Dias de Solis em 1516 aporta a este rio — Francisco del Puerto — Enrique Montes — Melchior Ramirez — Francisco de Chaves — Diego Garcia, antecedido de Aleixo Garcia — Montes e Ramirez, no porto dos Patos — Caboto, Diego Garcia, Francisco Torres, Gonçalo da Costa e outros, narradores nas duas Espanhas das riquezas e aventuras, pag. 245 — Francisco del Puerto, morador no delta do Paraná e conhecedor das regiões sobre serra — Francisco de Chaves, em Cananéa, onde o encontra M. Affonso em 1531 — Notícia de Aleixo Garcia e sua morte nas selvas — João Dias de Solis e as intrucções que trazia de Espanha (datadas de 4 de novembro de 1514) — Pedro Arias, Capitan General e Gobernador de Castilla del Oro, pag. 246 — Passagem para o oceano descoberto por Balbôa — Mensageiro á ilha de Cuba — Solis visita o grande rio e logo encontra a morte — O rio Solis — Magalhães (1520) a serviço de Espanha visita o grande rio — Piloto João Lopes de Carvalho — Cabo de Sta. Maria — Rio de Sta. Maria — Montevidi — rio dos Patos ou dos Begoás — Rio Uray ou Uruguai (Sam Christovam, Magalhães — Rio Solis (Pigafetta, Albo e Brito) — Sam Christovam (Maggiolo, 1527), no portulano do portuguez anonymo e no de Salviatti da Bib. Laurenciana — Desenho de Pigafetta — Sete ilhas (islas de las Piedras) ilhas de San Gabriel, pag. 247 — O mappa de Levino Hulsius dá: Gemar, 7 insulas — Magalhães parte em busca do estreito — Christovam Jaques se não o precedeu na viagem ao Rio da Prata (1516-1519), a este rio teria vindo noutra, antes da expedição Caboto — As ylhas Christovam Jaques e as cartas de Ribero (1529) e Agnese (1555-?) — Jaques, crêmos, após a expedição de 1527, se passaria ao serviço de Espanha — Toponymia da costa ao sul de Cananéa após as Expedições da "Gazeta Aleman e de Solis, pag. 248 — O que para isso teriam concorrido as expedições de Loaysa, Garcia e Caboto — Porto da N.^a Senhora da Candelaria (Solis) ou da Candelaria (Caboto) — Caboto (6 de Abril 1527) — Porto de San Lazaro — ilhas San Gabriel — Encontro com Francisco del Puerto — Paraná das Palmas — Carcarañá — Forte de Sti Spiritus — Má fortuna de Caboto, pag. 249 — Terras dos chandules moradores a oito dias de marcha das minas — Chegada ao rio Solis ou da Prata de um navio: Francisco del Puerto suppoz fosse de Christovam Jaques — Chegada de Diego Garcia — Viagem de que Carlos V incumbira a Caboto e a de que incumbira a Diego Garcia — Garcia parte antes de Caboto para os portos: dos Patos e S. Vicente — Gonçalo da Costa acompanha Diego Garcia, de S. Vicente ao Rio da Prata e, por fim, de S. Vicente á Espanha — Enrique Montes acompanha Caboto do Porto dos Patos, ao Rio da Prata e á Espanha — Enrique Montes passa a servir na armada de M. Affonso, pag. 250 — Martim Affonso e o rio de Sta. Maria — A politica da Espanha aproveita-se habilmente da fascinação de Portugal pela Índia emquanto vae activando a conquista de Nueva España, Castilla del Oro e minas do Perú — O problema maritimo da Espanha na dependencia da efficiente marinha lusitana — O

rio da Prata não foi descoberta da Espanha; mas sim, dos aventureiros de Castella, os sertões confinantes com elle — Aleixo Garcia primeiro, Francisco Cesar depois, pag. 251 — Cuzco — Atahualpa — Francisco Pizarro — “Ciudad de los Reys” — Martim Affonso e a missão que lhe era confiada — Larga de junto da ilha das Palmas a 21 de outubro de 1531 — A nova conquista — Parecer de M. Affonso nas ilhas de Cabo Verde sobre a posse do rio de Maranhão — Ainda não se haviam plantado os padrões á foz do rio Yañez Pinzon ou Oyapoc (Marcos de Guadelaxara), pag. 252 — Accordo entre D. João III e Carlos V — Enciso (1519) — Junta de Badajós (1524) — Tratado de Saragoça (1529) — Concessão feita pela Espanha a Diego de Ordaz para conquista e povoamento das terras que se encontrassem do rio Maraño até o Cabo de Vela (20 de Maio de 1530) — Traçado da linha divisoria na carta de Ribero (1529) passando ao norte pela “Furna Grande” — Para Martim Affonso deveria ser de Portugal o rio de Maranhão, pag. 253 — O que para elle seria de Portugal no continente americano do sul — A tomada do Esteiro dos Carandins como consequência da fundação de Caboto — Enrique Montes participante na 1.^a expedição e guia da de Pero Lopes — O deslocamento do meridiano divisorio para o occidente — Ramusio (Navigationi et Viaggi) 12 portulanos de Gastaldi: um de 1540, talvez — O que já se lia sobre a divisão do Brasil Colonial na citada obra, pag. 254 — Diogo de Castro — dr. Pedro Nunes — Frei Vicente do Salvtdor — João Teixeira — frei Gaspar da Madre de Deus — Lição de Gabriel Soares — Calculo de Pedro Nunes: da extensão de littoral brasileiro — A posse do rio de Maranhão e a do rio de Sta. Maria: dois occultos moveis da expedição affonsina, pag. 255 — Diogo Leite para o rio de Maranhão e M. Affonso para o rio de Sta. Maria ou da Prata — Unicos padrões que M. Affonso mandou erguer — Padrão na ilha das Palmas? — Informe do piloto Francisco Fernandez de regresso da missão ordenada por Diego Valdez, em 1600, á ilha de Maldonado — Signal ahi encontrado — Uma pedra de tres quintaes, com um escudo grande de Portugal, e em cima outro pequeno atravessado por uma cruz (piloto F. Fernandez) — Para o bergantim desgarrado, diz Pero Lopes ter deixado “uma cruz na ilha. e nella atada “uma carta emburilhada em cêra”, pag. 256 — Semelhante signal deixara Diego Garcia na ilha dos Lobos — Outro signal deixado pelo navio holandez Silveren Werelt em 1599, na ilha das Palmas (Maldonado) e encontrado pelo piloto F. Fernandez — O Diario de P. Lopes e o que nelle se colhe — Simão de Vasconcellos opina por um marco, quando ainda desconhecia o texto do Diario publicado só em 1839 — Quem plantaria o padrão encontrado pelo piloto Fernandez?

CAPITULO V (cont.) — pag. 258

MAPPA 7 (á margem)

O NAUFRAGIO DA CAPITANEA — 21 de outubro de 1531 — Partida dos navios rio adentro — Costa correndo leste oeste do Cabo de Sta. Maria antigò, pag. 258 — Surgida dos navios,

passadas já as Puntas de la Ballena e Brava — A Capitanea veleja — A posição da N.^a Senhora das Candêas dia 22, pela manhã — Perigosa navegação para se safar dos escolhos e da ponta, pags. 259-260 — Chegada á ilha das Palmas — O galeão Sam Vicente — Noticias da Capitanea durante o temporal, pags. 260 e 261 — Chegada da caravela Sta. Maria do Cabo — Onde o naufragio de M. Affonso? — Naufragio negado pelo Visconde de Santarém (Analyse du journal etc.) e por Varnhagen assignalado na altura do actual arroço Chuy — João Teixeira daria este rio como o rio Martim Affonso de Sousa — Só ao oeste do cabo de Sta. Maria (antigo) se poderia ter dado o naufragio, e poucas milhas distante do rio dos Begoás (Solis Grande), pag. 261 — Uma expedição partida da ilha das Palmas — O gentio que veiu recebe-la no littoral desse porto de Maldonado — O batel da caravela dado á costa — “Muito pescado e taçalhos de veado” — Regresso dos expedicionarios — Noticias da Capitanea e da gente salva, pags. 262-263 — Um bergantim novo: seria de Montoya, da Expedição Caboto? — Pero Lopes parte na caravela “Sta. Maria do Cabo” em soccorro de M. Affonso — A’ 1 h. da tarde do dia da sua partida, chega á vista de onde o Capitão mór estava — Este local deve ficar ao leste do rio Solis Grande (o rio dos Begoás, P. Lopes), pag. 263 — A caravela teve que velejar para não dar á praia: ao pôr do sol deu num banco de areia no estuario — Traçado com que procurámos provar a navegação feita (mappa 7, á margem) — O banco do “ingrez” ou de inglez, em Mariz Carneiro e em João Teixeira, pag. 264 — Como consegue a caravela safar-se do encalhe — Engano de Varnhagen dando o naufragio no Chuy: os nossos argumentos em contrario a Varnhagen, pags. 265, 266, 267 e 268 — Pero Lopes baixa á terra em soccorro dos naufragos e da capitanea considerada perdida — O encontro do bergantim novo em terra faz M. Affonso suspeitar de intrusos: manda a caravela a explorar uma ilha distante 4 leguas — Martim Affonso reúne em conselho os pilotos e os mestres — Resolução do mesmo conselho, pag. 269 — Pero Lopes parte do rio dos Begoás em um bergantim com 30 homens, rio de Sta. Maria acima e com ordem de voltar dentro de 20 dias — Enrique Montes embarcado no bergantim — Damião de Góes, segundo Varnhagen, foi tambem desta expedição — Gabriel Soares e o seu informe — Missão do bergantim, pags. 270 e 271 — Partida do bergantim: 23 de novembro de 1531, da altura “do rio dos Begoais”, diz o Diario — Os demais navios regressam ao cabo de Sta. Maria (antigo) — Que era um bergantim? — Noticia do que será dado ao leitor, pags. 271-272.

CAPITULO V (cont.) — MAPPA 7

A EXPEDIÇÃO DE PERO LOPES AO ESTEIRO DOS CARANDINS

RIO DOS BEGOÁS — ESTEIRO DOS CARANDINS —
CABO DE SANTA MARIA (ANTIGO) — Distancia do rio
dos Begoás ao cabo de Sta. Maria — Uma pequena ilha de pe-

dras, pag. 272 — Varnhagen identifica-a com a ilha dos Lobos; Groussac acertadamente, crêmos, a dá como a ilha Raza ou das "Piedras de Afilar" — Ao meio dia avista a actual ilha das Flôres: uma ilha ao mar, diz o Diario — Montividi, desde 1520: rebaptisado Sam Pedro (Diario), no dia 23 de novembro de 1531, pag. 273 — Surgida do bergantim após percorrer cerca de 50 milhas em 12 horas — Se o antigo cabo de Sta. Maria não fosse a Punta del Este de Maldonado, como vencer em bergantim e em 12 horas a distancia que separa o actual cabo de Sta. Maria do Cerro? — 24 de novembro, parte do ancoradouro junto ao Cerro (Sam Pedro ou Montevidi), pag. 274 — Punta del Espinillo — Rio Santa Luzia — Encontra agua doce no rio da Prata: este ponto é o mesmo em que virá a tomar agua doce na volta. pag. 275 — Oviedo dá como encontrando-se agua doce 18 leguas do cabo de Sta. Maria: identifica elle assim o cabo de Sta. Maria com a Punta del Este de Maldonado — Estudos de Moussy, Orbigny, Bravard e Burneyster (Torres — De los primitivos habitantes etc...) — As aguas salgadas teriam attingido São Pedro, Paraná e São Nicoláo — Encher e vaziar do rio da Prata, funcção dos ventos — Ventos que não alteram o nivel das aguas, pag. 276 — Fitz Roy e Heywood: sua lição — Regime dos ventos notados entre o actual rio de Sta. Luzia e o cabo de Sam Martinho (actual punta de la Colonia), pag. 277 — Signal de borrasca, nessa paragem, para Pero Lopes — Passada a restinga, para fugir ao mau tempo, P. Lopes vara o bergantim em terra — "Terra de formosos campos e muito arvoredos" — Pelo nosso estudo deverá ser na altura dos actuaes rios Pavon e Pereyra; pelo Diario, proximo ao arroio San Gregorio — Ovos de ema, caça, cardos e mel — Partida ás 2 horas de 25 de novembro (1531) pag. 278 — Os naturaes ahi encontrados: suas canoas; frechas e arcos; azagaias; pennachos — O falar delles "do papo" a modo dos mouros — Semelhança das suas canoas com as dos naturaes da costa brasileira — Classificação do gentio — Rogerio Barlow, os begoás e os charrúas, pag. 279 — Rogerio Barlow e os guaranis (entre o rio S. Salvador e Sancti Spiritus) — Rogerio Barlow e os quirandies, timbús e chanás (além da confluencia do rio Paraná com o Carcarãñá) — Um documento de 1541 e os guaranis, timbús, quirandins, caracarás e begoás — Outros documentos dão nas margens esquerdas dos rios Uruguai e da Prata até o cabo de Sta. Maria (antigo) a familia chaná-begoá-timbú confinando com os charrúas — Os carandins e os chanás-timbús, para certos auctores, eram nomades na actual terra argentina entre o rio Salado e os confins da actual provincia de Santa Fé — Segundo Madero: (Quira - ramal; Andes, montanhas) — Caboto encontra os quirandins ou carandins 30 leguas além do "rio San Lazaro" ao subir o Paraná — Pero Lopes alcança em 12 de dezembro de 1531, a terra e o esteiro dos Carandins — Notas sobre o fundo do rio da Prata, na região por que singra o bergantim, pag. 281 — Lição de Luiz Maria Torres — A carta de Belin — Conclusões, pags. 282-283 — A 26 de novembro de 1531 onde para o bergantim — O cabo de Sam Martinho, de Pero Lopes, pag. 283 — Surgida ao leste do cabo (punta de la Colonia) — As 7 ilhas de San Gabriel ou islas de las piedras — Surgida proximo a uma dellas — Nomes actuaes das ditas ilhas

— Após os expedicionarios enterrarem cousas desnecessarias á viagem numa dessas ilhas, "concertada a paduada do bergantim", safa a artilheria, proseguem na marcha, pag. 284 — Por boreste avistam muitos fumos — Passando á foz de um rio que traz, muita agua: o San Juan actual e não o São João, de Pero Lopes — Reparo sobre a profundidade do rio da Prata, junto á actual margem uruguaia — Ilha Santa-Anna ou Martim Garcia (27 de novembro 1531), pag. 285 — Surgida ao sul e ao norte da ilha — Aves formosas, falcões como os de Portugal — Bom pescado — Espias do alto do arvoredado da ilha, divisam na actual margem argentina, arvoredado e costa alagadiça — Fogo ateado á ilha para ver "se acudia gente" — Que seria o fogo para o indigena?, pags. 286-287 — Dia 30 de novembro partida de Martim Garcia (Santa Anna) — Duas ilhas: "Sant'André" para Pero Lopes ou as actuaes 2 Hermanas — Distancias dadas pelo Diario ou por nós medidas: da ilha Santa Anna (Martim Garcia) ás sete ilhas ou S. Gabriel; da ilha Matim Garcia ás "2 Hermanas" (Sto. André) — A 1 de dezembro de 1531 parte o bergantim das 2 Hermanas (Sto. André, P. Lopes) e após navegar ao OSO vae encalhar no delta do Paraná — Safo do encalhe, vae em busca do Paranaguazú que P. Lopes dá como "hum rio de mea legua de largo" — Aspectos do delta, pags. 288-289 — Navegação pelo Paranaguazú e braços diversos — O Paraná-bravo — As duas ilhas dos Corvos (Dorado e Doradidito?), no Paranaguazú, pag. 289 — Pelo braço ao norte da ilha Botija actual — Ainda na Paranaguazú — Terra dos Carandins, onde existia o esteiro — Para quem trazia tão caprichosa navegação fluvial, é justificavel a diferença de distancia entre a realidade e a que o Diario assignala — A carta de Varnhagen (3.^a edição do Diario) dá o esteiro dos Carandins no rio Negro, nas proximidades da cidade de Mercedes, pag. 290 — Citação do Diario, quando o bergantim de regresso do esteiro dos Carandins — Com o noroeste em popa até a ilha dos Corvos — Distancia mal estimada no Diario, entre estas ilhas dos Corvos e as de San Gabriel, pag. 291 — Pelo Paranaguazú: o unico dos tres rios em que poderia navegar com o vento noroeste em popa — Como Caboto antes, para attingir o local em que ergueu o forte de Sti. Spiritus — Latitude do esteiro dos Carandins, segundo Pero Lopes, pag. 292 — Em paralelo entre Baradero e San Pedro, na actual terra argentina — Zona lindada no Mappa 7 (á margem) da Terra dos Carandins onde se encontraria o esteiro — Theodoro Sampaio (Posse Meridional do Brasil, Rev. Inst. Hist. e Geog. S. Paulo) é talvez, dos historiadores brasileiros, o primeiro a dar opinião contraria a Varnhagen: loca elle o esteiro na altura do rio dos Arrecifes — Este rio dos Arrecifes mistura suas aguas com as do riacho Baradero, entre Baradero e S. Pedro (Vide carta Arqueologica esquematica del delta del Paraná — L. M. Torres - De los primitivos habitantes etc...) pags. 293 e 294 — Qual o fim de buscar P. Lopes a Terra dos Carandins para ahí erguer padrões? — Recordando a expedição de Caboto — A influencia de Enríque Montes na derrota do bergantim de P. Lopes justificada com ter sido parte nas anteriores expedições de Solís e de Christovam Jaques, e, principalmente na de Caboto, pags. 294-295 — Comparação dos dois itinerarios: o de Caboto e o de Pero Lopes — Caboto, depois de deixar ás margens do "rio

S. Lazaro" cousas dispensaveis á viagem, busca o delta, onde Francisco del Puerto residia, pag. 295 — 30 leguas, subindo o Paranguazú, dá com o rio dos Quyrandos ou Carandins — Vida e typo desses indigenas — Passadas 30 leguas desse rio dos Quyrandos ou Quirandies, na confluencia do Paraná com o Carcarañá ergue o fórté — Como guia Enrique Montes ao bergantim portuguez — Montado o cabo de Sam Martinho (punta de la Colonia), achega-se o bergantim ás ilhas de San Gabriel: em uma dellas enterra "barris e outras cousas" dispensaveis á viagem, pags. 296-297 — A's margens do "rio S. Lazaro" ao que assistira com Caboto — Depois de buscar entrada no actual "rio San Juan" — ruma para Santa Anna (M. Garcia) e depois para Sant'André (2 Hermanas) — Pela bocca do Paranguazú entra e o sobe em varias bordadas, avanços e recuos — Entra no Paraná bravo, pag. 297 — Volta e, como está em outras paginas, segue para o esteiro dos Carandins, de onde parte de regresso a 13 de dezembro de 1531 — O bergantim vem com o vento do noroeste pela popa — Não poderia assim descer o Uruguai ou o Negro, como quer Varnhagen — Região provavel em que se encontraria o esteiro dos Carandins, trinta leguas aquem de onde Enrique Montes assistira com Caboto á fundação do fórté, pag. 298 — Padrões de Portugal obrigando recuo do meridiano das partilhas — Terras do golfo de S. Mathias, na Patagonia actual — Enrique Montes foi o informante capaz de Pero Lopes — Informes de Luiz Ramirez — Localização dos Carandins, pags. 299-300 — Carta de Battista Agnese — Toribio de Medina (Tomo I.º, Exp. Caboto, pag. 156) — O rio dos Querandios — Carta de Bartolomeo da Mallerca e os Querandies — Opiniões de Rogerio Barlow, de Luiz Maria Torres, de Ruy Diaz de Guzman, pag. 300 — Classificação de Madero — Schmidel e a chegada de Pedro de Mendoza para uma nova fundação: quatro leguas distantes do local escolhido havia um "pueblo de casi tres mil indios llamados "Querandies" (Madero, Hist. del puerto de B. Aires, pag. 112) — Pero Lopes dá os Carandins ao noroeste das ilhas dos Corvos — Begoás-Chanás, mais das margens esquerdas dos rios Uruguai e da Prata até o cabo de Sta. Maria (antigo) — Cerca de 320 milhas, pelos nossos calculos, navegaria o bergantim até o esteiro dos Carandins, pag. 301 — Descrição da Terra dos Carandins (P. Lopes) — Além de portuguezes, tripulavam o bergantim, alemães, italianos e francezes — Bom pescado — Aguas leves e saborosas — Bons ares em que se poderiam conservar caça e pescado por 12 dias, sem auxilio do sal — Do esteiro regressa a expedição a 13 de dezembro de 1531, pag. 302 — Do esteiro ás duas ilhas dos Corvos — Faz em um dia de navegação, o que na ida fizera em 4 — Só a 18 partia das ilhas dos Corvos por aguardar a volta dos begoás-chanás — Com oito horas proximamente de navegação alcançava a boca do Paranguazú, e a seguir: as 2 Hermanas (Sant'André), Martin Garcia (Santa Anna) e ao pôr do sol as sete ilhas de San Gabriel — Da menor ilha desenterram os objectos deixados ao subirem o rio — Tempo que favoreceu a navegação do bergantim, pag. 303 e 304 — Manhã de 19 suspende para o cabo de Sam Martinho — Dia 20, navegando á vista da costa actualmente uruguaia busca a

foz de um rio: a este rio chamou S. João, pags. 304 - 305 — Não será o San Juan actual e mais parece, o Pavon ou o Pereyra — Ao leste deste rio, na ida, avistou-se com selvagens em 4 grandes canoas — Com alguma differença de distancia do dito rio os encontra de novo — Manda um marinheiro a nado á foz de um rio: (será um arroio san Gregorio?), pag. 305 — Descrição que o marinheiro faz do que vira: habitações e outros detalhes do viver dos indios — Identificação do encontro destes com o bergantim, tanto na ida como no regresso de P. Lopes — Begoás e begoás-CHANÁS, das ilhas dos Corvos, pag. 306 — Uma mulher begoá-CHANÁ e o que della diz Pero Lopes — Usos e enfeites desses indios — Vizinhos dos charrúas — O córte dos dedos, por morte de parentes — Eram mais tristes que os do cabo de Sta. Maria (antigo), pag. 307 j Montevidi e a surgida do bergantim — Subindo o Cerro (Montevidi ou Monte S. Pedro), gosaram bello panorama — Campos extensissimos — Caça de emas e veados — Gazelas e veados etc... — Nunca Pero Lopes vira em Portugal "tantas ovelhas e cabras quanto de veados havia nesta terra..." pag. 308 — Ventos reinantes durante uma travessia — "Do vazar e encher do rio de Sta. Maria", segundo P. Lopes, pags. 309 e 310 — Lição de Revy (Hyd. of great rives pag. 24) e do Boucarut Manual (segundo L. M. Torres), pags. 310-311 — A original expressão de Pero Lopes — A 24 de dezembro de 1531 parte o bergantim do fundeadouro do monte S. Pedro (Montevidi, actual Cerro), pag. 311 — Roça num parcel e mais tarde, passando na altura da ilha da restinga que Varnhagen identifica com a das Flôres, bate em enorme peixe, diz P. Lopes, e soffre ligeira avaria — Vespera do Natal — A vida do marinheiro pags. 312 e 313 — Calmando o vento veem fundear á força de remos o bergantim entre a ilha das Pedras e o continente — Triste noite de Natal: em lucta contra os ventos e as aguas; naufragio do bergantim — Salvamento, pags. 313-314 — Dia 25, melhor tempo: salvamento do bergantim — Ilha das Pedras, segundo Varnhagen, pags. 314-315 — Qual essa ilha? Segundo a distancia dada por Pero Lopes, a ilha Rasa ou das Piedras de Afilar — Asserção mal fundamentada por Varnhagen (Tomo 6.º Rev. Inst. Hist.) — O rio dos Begoás, era o actual Solis Grande — Consulta ás cartas de Vaz Dourado, Viegas, atlas portuguez da Bib. Riccardianna de Florença — Distancia dada por P. Lopes, pags. 315 - 316 — Conclusões que suggerem tambem a identificação do antigo cabo de Sta. Maria — Do rio dos Begoás manda P. Lopes um homem por terra á ilha das Palmas, em cujo fundeadouro estariam os navios de Martim Affonso, pag. 317 — P. Lopes e os gentios dessas paragens da familia begoá-CHANÁ-timbú confim com os charrúas — Descrição interessante dos naturaes e habitos delles — Lição de L. Maria Torres sobre os charrúas, pag 318 — Lição de Figuera — Informes interessantes de Pero Lopes, pags. 319 e 320 — Como se defendiam do frio; como dormiam; que armas usavam; como mostravam sua dôr — Falavam do papo como mouros — Eram de natureza, tristes..., pag. 320 — Mais tristes os mais proximos do mar, que os de rio acima — Um grande mestre de melancolia... — Trazendo cerca de 280 milhas, regressava o bergantim a 27 de dezembro de 1531 ao fundeadouro da ilha das

Palmas (Gorriti ou Maldonado), onde o capitão mór se achava com os outros navios — Cerca de 600 milhas o percurso total da expedição do bergantim, e feito em 34 dias: ida e volta ao esteiro dos Carandins, pags. 321 - 322.

CAPITULO V (cont.)

MAPPA 8 (á margem) — pag. 322

RECONHECIMENTO DE M. AFFONSO ENTRE O CABO DE STA. MARIA (antigo) E O CABO DE STA. MARTHA — Provavel reconhecimento feito por M. Affonso durante os 34 dias de ausencia de P. Lopes — Navios que ficaram com M. Affonso, pags. 322 - 323 — A carta de Viegas, fructo da expedição affonsina — Pontos não assignalados na carta de Diego Ribero (1529), mas constando em 1534 da carta de Viegas: ilhas das Onças, Sam P.^o ou Sam Pedro e rio marti a.^o de sousa (rio Martim Affonso de Sousa), pags. 323 - 324 — Na vinda para o Rio de Sta. Maria ou da Prata só tocara nas ilhas das Onças — Sam Pedro e rio Martim Affonso de Sousa, não nomeados no Diario, foram descobertos na ausencia de Pero Lopes — O rio dos Negros (Reinel) e o rio Martim Affonso de Sousa — Citações de Simão de Vasconcellos (Noticias antecedentes, etc.) e de Gabriel Soares (Trat. desc. pag. 105), pags. 324 - 325 — A carta de João Teixeira e a posição, a esse tempo, do rio martim affonso de sousa — Identificação que gera outro engano: qual o de dar-se na altura do actual Chuy o naufragio da Capitanea de M. Affonso — Justificativa do que affirmámos por não andar outra expedição a descobrir ou reconhecer este sector do littoral, entre 1530 e 1534 — Reconhecimento feito entre o antigo cabo de Sta. Maria (Punta del Este de Maldonado) e o cabo da terra alta ou o cabo e serras de santa marta da pena (cabo de Sta. Martha), pag. 325 — Noticias dadas por Pero Lopes — Motivos que levariam Martim Affonso a não iniciar pelo rio da Prata a colonização do Brasil, pags. 326 - 327.

CAPITULO VI — (MAPPA 8) — pag. 328

CABO DE STA. MARIA (ANTIGO) — CANANÉA — PORTO DE S. VICENTE — A 1 de janeiro de 1532 parte M. Affonso, sem a Capitanea, perdida no naufragio, mas com a nau N. S.^a das Candêas, o galeão Sam Vicente e a caravela Sta. Maria do Cabo — Navegação a safar-se da ilha dos Lobos e ganhar o mar, pag. 328 — Martim Affonso e Pero Lopes embarcados na nau N. S.^a das Candêas, como se verá mais tarde ao demandarem o porto de S. Vicente — Dia 3 manda M. Affonso a caravela buscar o Porto dos Patos, na descoberta da gente do bergantim desgarrado na travessia Cananéa - Ylhas das Onças — Os dois navios na altura de Imbituba (o porto de D. Rodrigo), pag. 329 — No paralelo do Porto dos Patos abrem o rumo — Na altura

da ilha de Sta. Catalina (Caboto) soffrem muito mar — O tempo melhora e a 7 vêem terra alta; amaram-se depois — Avistam ao meio-dia de 8 “o rio da banda do nordeste de Cananéa” — Davam o porto de S. Vicente a 15 leguas, de onde provavelmente estariam a 75 milhas, pags. 330-331 O rio avistado seria o Mar-Pequeno com a sua barra de Icapara (talvez o golfo d'area (Reinel), ou a baía pequena (Viegas) — Surgida ao pôr do sôl no fundeadouro de Cananéa (ilha do Bom-Abrigo) — Mau tempo para proseguirem, pag. 331 — Nenhuma noticia de Pero Lobo quatro mezes e meio antes partido com 80 homens para o sertão e com Francisco de Chaves — Já teriam sido dizimados pelos carijós ou seus vizinhos? — A surgida em Cananéa foi forçada pelas correntes e pelos ventos contrarios — A 16 de janeiro partem, pag. 332 — Dia 17, calma: mas a corrente os impelle para o nordeste — A 19, sopra vento do sueste — O fundo do mar junto á actual costa paulista, pags. 333-334.

CAPITULO VI (cont.)

MAPPA 9 — pag. 334

O ANTIGO E O NOVO PORTO DE SAM VICENTE — A 20 de janeiro é avistada da nau N.^a S.^a das Candêas a abra do porto de Sam Vicente (antigo) a cerca de 14 milhas e ao NNE da agulha, pag. 334 — Navegação feita com a nau e surgida junto a ponta Itaipú actual — Latitude de onde surgira — Erros do Diario em suas latitudes, pags. 335-336 — Após mau tempo, com o favor do vento entra a nau na abra e surge em “6 braças d'area grossa” — Profundidade possivel ao oeste e ao sudoeste da actual ilha de Sta. Amaro — Primitiva ilha Goanas ou Goanás? — A ilha Gaiabé, pag. 336 — 3.^a surgida da nau numa “praia da ilha do Sol”... — Qual a ilha do Sól? (Vide mappa 9) — Justificação da nossa affirmativa — A praia do Góes actual — Sto. Amaro, de Duarte Pacheco (Esmeraldo, 1505)? — A ilha de Sto. Amaro só é por este nome citada em documentos officiaes posteriores a 1545 — Razões da identificação da ilha do Sól fundadas na navegação feita, pags. 337-338 — A surgida do galeão Sam Vicente — O vento do sudoeste castigando a barra — Abridados os dois navios, no porto, para nós, mais seguro dos fundeadouros do antigo porto de S. Vicente — Enrique Montes já conhecedor desse fundeadouro, desde quando embarcado com Caboto — Alonso de Sta. Cruz fala no Puerto de Sanct Biciente (Yslario pag. 56 - Bib. Nac. R. Jan. 9-10-1. secc. Cartog.), pag. 338 — Fundeadouro mais desabrigado do antigo porto de S. Vicente — A 22 de janeiro de 1532, vem um batel ao oeste da bahia — Pela barra ou pela barreta entra num porto primeiro e num rio depois — O novo porto de S. Vicente — Um dos braços do rio de S. Vicente — A' tarde de 22, regressa o batel ao fundeadouro da ilha do Sól, pag. 339 — Com o sul que soprava entram a nau e o galeão no novo porto de S. Vicente ou do rio de S. Vicente — Descrição do novo porto de Sam Vicente pags. 340 e 341 — A ilha do Sól para alguns estudiosos de valor incontestado como o notavel artista Benedicto Calixto — Um dos braços do rio

de Sam Vicente, "o rio estreito"... — O outeiro — Aonde lançaria M. Affonso os fundamentos da villa — O que restaria do pueblo de Sanct Bicente citado por Al. de Sta. Cruz, já visitado por Enrique Montes, pag. 341 — Porto dos escravos de S. Vicente — Tumiarú — Antonio Rodrigues — Gonçalo da Costa — Ilha de Sam Vicente — Residencia de Antonio Rodrigues — No "rio estreito em que as naos se podiam correger"... — Na praia de Tumiarú deveria o capitão mór ter erguido a "casa para meter as velas e emxarcia"... — Vara nessa praia a N.^a S.^a das Candêas, pag. 342 — Tersenas de um futuro "porto das Naos" — Chegada da Sta. Maria do Cabo, 14 dias após a do capitão mór — Vinha do Porto dos Patos e trazia 15 castelhanos neste porto perdidos — Novas ao capitão mór do ouro e prata que havia no sertão e mostras do que affirmavam — "Havia muitos tempos que estavam perdidos" diz o Diario — Como justificar-se esta affirmativa? — O que ocorrera com Caboto com referencia aos naufragos que tomara de expedições anteriores, aos abandonados ou desertados dos seus navios, inclusive 12 ou 15 castelhanos ficados no antigo porto de Sam Vicente — Dois annos servirão de justificar a expressão: "havia muitos tempos que estavam perdidos"...? pags. 343-344 — Confirmariam as informações de Enriques Montes — Esperança do regresso de Pero Lobo Pinheiro e sua gente — Fundação da Villa de Sam Vicente e sobre serra de uma outra, á borda de um rio Piratininga — Reunido o conselho da sua gente, resolveu M. Affonso o regresso da nau e do galeão a Portugal, pag. 345 — Pero Lopes parte no galeão S. Vicente a 22 de Maio de 1532 — Em seco fica a nau N.^a S.^a das Candêas — No porto ficariam a caravela Sta. Maria do Cabo e um bergantim — O futuro Porto das Minas? pag. 346.

CAPITULO VII — MAPPA 10)

REGRESSO DE PERO LOPES A PORTUGAL — pag. 347

SAM VICENTE — RIO DE JANEYRO — Sahida do rio de Sam Vicente (Diario), a 22 de maio 1532 e navegação com o vento noroeste — A ylha de Sam Sebastiam (Diario) — A' meia noite de 22 dizia estar com o Rio de Janeiro — Dia 23, pela manhã, terra a 3 leguas — Com o sudoeste entrou, ao meio dia de 23 de maio, no Rio de Janeiro, pags. 347-348 — De S. Vicente trariam 240 milhas de navegação — Segundo Theodoro Sampaio, Ganabara ou Guanabará — Quarenta dias no porto — A 14 de junho chega a nau N.^a Senhora das Candêas — O Diario, por engano, dá como a nau recémchegada uma "Sta. Maria das Candêas" — Não poderia ser a caravela Sta. Maria do Cabo, pags 348-349 — A nau C é a nau N.^a Senhora das Candêas, tomada a 2 de fevereiro de 1531, nas proximidades da bahia da Traição — Tomada de mantimentos para 3 mezes — Partida a 2 de julho de 1532 — Ganhando a barra, arribaram logo á boca do rio, "au mar

da ylha das pedras em fundo de 15 braças darea limpa" — Não seria a Lage actual; e talvez não a ilha, mas as ilhas das pedras como Pae, Mãe e Menina — A 4 de julho partiam novamente, pag. 349.

CAPITULO VII(cont.) — pag. 350

MAPPA 10

RIO DE JANEYRO — BAHIA DE TODOLOS SANTOS — Navegação praticada ao largar da barra — A nau N.^a Senhora das Candêas é a capitanea — Ao por do sol com o cabo Frio — Rumo a passar fóra dos Abrolhos — Distancia a que os daria Pero Lopes, pag. 350 — Detalhes da navegação a 6, 7 e 8 — A ilha dos baxos ou a Sta. Barbora dos Abrolhos — Parallelo em que se encontrariam a 8 — Bolinavam a nau e o galeão em 7 quartas (P. Lopes) e com pouco abatimento — Calmas a 10, 11, 12 e 13, pag. 351 — Vento do sudoeste rijo até 14 — Marcação do ponto no portulano, tomando com referencia os "baxos dos parguetes", a ilha dos baxos ou de Sta. Barbora — Discordancias cartographicas entre os Reinel e Viegas — Oviedo — Viegas deve exprimir o pensamento de Pero Lopes e Martim Affonso — Bayxos dos parguetes e cabo de São Thomé, pag. 352 — bayxos d'abreolho — Pescaria dos pargos — Cabo do parcel (P. Lopes) — Baxos de los pargos (Ribero, 1527), baxos de Joargas (Ribero, 1529) — Posição provavel no dia 14 de julho de 1532, pag. 353 — A 15, montam os Abrolhos — A 14 ainda os teriam pelo través e pensamos, só a 15 os teriam montados — Na altura do Rodgers Bank das cartas inglezas encontram muitas baleias — Posição no dia 16, segundo P. Lopes — Avistam terra durante a noite, pag. 354 — Dia 17, reconhecem as "serras que jazem ao sul da bahia de Todolos Santos, 25 leguas" — Serra grande, serras e serra gram — serra alta — a ponta do Padram — Bordejos antes de demandar a ponta do Padram — Pero Lopes já era conhecedor do banco ahí formado, pag. 355 — Trabalho para montar a ponta — Travessia entre Rio de Janeyro e bahia de Todolos Santos em 14 dias — Monções e epoca em que sopram, pag. 356 — Derrota calculada em 980', quando na vinda se poderia dar derrota de 1230 milhas — Surgida na bahia de Todolos Santos para concerto das obras mortas das naus — Abastecimento das naus — Diogo Alvarez, o Caramurú, pag. 357 — Alardo da gente de guerra do galeão e da nau — Deserção de 3 marinheiros — Mal guarnecidas andariam as naus de Pero Lopes para policia da "costa do pau brasil" pag. 358.

CAPITULO VII: (cont.) — pag. 359

MAPPA 10

BAHIA DE TODOLOS SANTOS — ILHA DE SANTA-LEXO — Após doze dias de descanso parte P. Lopes — Bordadas seguidas — A "pedra da galee" quatro leguas distante da ponta

do Padram, pag. 359 — O ilhéu de Tapoam (Mariz Carneiro) — A palavra tupi Itapuã (Theod. Sampaio) — O aRecife de Sam Miguel ou Migel — Navegação feita entre 31 de julho e 3 de agosto de 1532, pags. 360-361 — as serras de Santantonio — A posição das serras de Sto. Antonio em relação ao rio e arrecife de Sam Miguel, pags. 361-362 — A aguada de Sam Miguel (Duarte Pacheco) — Muitos fumos em terra — Os caetés — Citação de um passo do Diario sobre as correntes costeiras, pags. 362-363 — O que dizem modernos roteiros — O que diz Pero Lopes noutro passo do Diario, sobre monções ou ventos — O que dizem modernos roteiros sobre os ventos reinantes, pags. 363-364 — Navegação praticada até avistar a ilha de Santo Aleixo — Approximando-se da ilha, divisa Pero Lopes uma nau fundeada — Chamado o galeão á fala, praparam-se os dois navios para o combate, porque se “a nao que estava na ilha surta fosse de França, havia” de se “pelejar com ella”, pags. 364-365.

CAPITULO VII (cont.) — pag. 365

MAPPA 10 (á margem)

O CORSO FRANCEZ E OS COMBATES DE PERO LOPES NA COSTA DE PERNAMBUCO (1531-1532) — O codice da “Biblioteca da Ajuda e as lacunas com que foi encontrado — As reclamações do barão de Saint Blancard aos commissarios de Irun e de Fuenterrabia veem revelar os factos não relatados pelo Diario — Lições de Varnhagen, de Capistrano de Abreu e de outros auctores, pag. 365 — Uma unica feitoria em Pernambuco, no rio Igarassú ou rio de Pernambuco em 1531 — Foi esta atacada por um galeão de França e abandonada por Diogo Dias — Nella, antes de M. Affonso partir para o sul, deixara os doentes da sua armada, seis, parece — Apparelhamento do curso francez em Dieppe e em Honfleur — Almirante Chabot de Brion e outros — Bertrand d’Ornessan, barão de Saint Blancard — Francisco I — A nau “La Pèlerine” parte de Marselha em 1531 para a “costa do pau brasil” — Armamento, guarnição da nau franceza — Jean Duperret ou Du Perret — Missão que lhe era commettida, pag. 366-367 — Gomes de Carvalho (D. João III e os francezes) — Após tres mezes de viagem chegava a Pernambuco — A nau apresada A, em 1531 e a gente que deixara foragida em terra — “La Pèlerine” atacava a feitoria do Rio de Pernambuco — Defendem a feitoria os poucos homens (6, parece) que M. Affonso nella deixara — Se outra feitoria existisse os francezes a atacariam, pag. 567 — Aonde pois a outra feitoria citada na replica ás reclamações de Saint Blancard? — Pero Lopes — Antonio Corrêa — Gonçalo Leite — Bartolomeo Ferraz — Gaspar Palha — bispo D. Martinho — Documento publicado na integra no Volume II, desde estudo — Um dos “provarás” e a transcrição feita — Dr. Jordão de Freitas (Lusitania, fasc. IX, vol. III) e o “primeiro provará” feito em nome de Pero Lopes de Sousa — O que se deve concluir apoiado em outros documentos, pag. 368-369-370 —

Não procedem as palavras do procurador de P. Lopes dando 2 naus partidas com elle do Reino — A feitoria do Rio de Pernambuco não deverá ser a citada pelo dr. Jordão de Freitas — Aonde a feitoria citada no documento de 1539? — Castello ou fortaleza em 1502 ou 1509? — Casas de morada existentes antes da viagem de 1498 de Duarte Pacheco citada no Esmeraldo? — A feitoria do Rio de Pernambuco e o que della disseram Caboto e Alonso de Sta. Cruz — Manoel de Braga e os 12 christãos — Jorge Gomes — Christovam Jaques foi o fundador dessa feitoria — Unica feitoria que parecia vingar até o fim de 1530: a que fôra abandonada por Diogo Dias, pag. 370 — O porto de reunião da armada affonsina é sempre o de Pernambuco e não o do Rio de Pernambuco — Haveria outra feitoria no porto de Pernambuco ou mesmo na ilha Ascensão ou Itamaracá? — Citação do regimento da coneseinsa da costa do Brasil (1540) cuja copia possuímos, graças a João Lucio e a Paulo Prado — Por esse regimento se vê que a feitoria mais antiga era a do rio de Pernambuco — O “pernambuco, o velho”, pag. 371 — Os provarás; a citação de uma passagem do Esmeraldo; a carta de Estevam Fróes; a carta do mestre João citando o mappa de João de Vaz Bisagudo; a idéa sempre manifestada por D. João II, serão provas sufficientes da descoberta precolombiana do Brasil pelos portuguezes? — Chegada ás costas pernambucanas e ataque da nau “La Pèlerine” á feitoria portugueza — “La Pèlerine, a antiga nau portugueza - Sam Tomé — (Doc. Vol. II) — Vencedores, deram os francezes inicio á construcção de um forte, no mesmo local do outro ou na ilha Ascensão ou Itamaracá — Frei Vicente do Salvador (Hist. do Brasil) — Obra de defeza do valor de 4.000 ducados, feita com auxilio dos portuguezes e índios aprisionados — De la Roncière dará na ilha de Sto. Aleixo o levantamento do fôrte, pag. 372 — A carta de D. João III dá que “La Pèlerine” então capitaneada por de la Barre ou du Barran deixara 70 homens guarnecendo a fortaleza sob o mando do senhor de la Motte — “La Pèlerine” partira com 50 homens e bem carregada de fazenda — Em Malaga encontrava a armada de D. Antonio Correa que andava na caça aos corsarios — D. Martinho de Portugal e a Inquisição — Antonio Correa dá á nau franceza 30 quintaes de biscoito, pag. 373 — Offerta para comboiar a nau a Marselha — Partida de Malaga e aprisionamento da nau a 15 ou 18 de Agosto em 1532 — Arribada a Malaga e internamento em Portugal — Onze ou quatorze dias antes, chegava á vista da ilha de Sto. Aleixo, Pero Lopes com as suas 2 naus de regresso do sul do Brasil — Do alto da gavea avistava uma nau — Aprestou-se para o combate, apesar de só trazer 53 homens d’armas, 30 dos quaes desapparelhados para a lucta — Teria combatido a nau e a teria vencida? pag. 374 — Apoiado na reclamação franceza e em Paul Gaffarel (Hist. du Brésil Français, pag. 97) achamos tenha esta nau sido aprisionada — Ataque por Pero Lopes á fortificação franceza — 70 homens a guarneciam segundo a carta de D. João III (28-9-532) ou “50 arquabuzeiros”... segundo carta de D. Martinho (Hist. Col. Port. Vol. III, pag. 152) — Bloqueio e ataque de 3 naus contra o forte durante 18 dias (Recl. Saint Blancard) — Promessa de Pero Lopes ao senhor de la Motte e falta de cumpri-

mento da promessa, pags. 375-376 — As “Lendas da India” (tomo IV) e o que dizem de Pero Lopes — Citação do Documento da Torre do Tombo transcripto no Vol. II (Documentos) — Perto dessas palavras andaram as de fr. Vicente do Salvador — Pero Lopes ergueria um novo fórté em Itamaracá ou no porto de Pernambuco? — O novo forte fica capitaneado por Vicente Martins Ferreira e tendo por condestavel a Diogo Vaz — A caravela Espera e Paullos Nunes — Pero ou Christovão Franco — Diogo Vaz, bombardeiro — Cumprida a missão, Pero Lopes parte para Portugal — Intrepido guerreiro e marinheiro illustre: breve o escriptor, auctor do Diario — Titulo apposto ao codice da Bibliotheca da Ajuda, pag. 377.

CAPITULO VII (cont.) — pag. 378

MAPPA 11

PERNAMBUCO — (APPROXIMADAMENTE) 11° 10' NORTE, pag. 378 — Dia 4 de novembro de 1532: a partida — Navegação feita — A nau “Nossa Senhora das Candêas” e “abatimento” da sua agulha — Corrente equatorial e o ramo ascendente depois da bifurcação na altura do “cabo de sam roque” — Baixios ditos os Esparrachos — As Roccas e a expedição de Gonçalo Coelho (1503) — O Pracell ou o parcel — Viegas e a posição de uns recifes ao NO. de Fernão de Loronha — A “ylha de fernã de loronha”, no dia 9, a cerca de dois graus e ao leste — Correção que dá ao “abatimento” da agulha da N.^a S.^a das Candêas: seria o abatimento de uma quarta ou 11° 15' para o NO. e não NE., pag. 379 — Distancia que supomos approximada, do cabo de Sto. Agostinho (o cabo fremoso, Reinel) — Distancia, supomos mal estimada da ilha Fernando de Noronha, devido á má collocação dessa ilha nos portulanos — cabo Sam Roque e baixios — Na região das calmas, pag. 380 — Parcel ou Pracell (Reinel, 1° 30' sul) — Penedo sam Pedro (Reinel) — Má fixação nos portulanos dos Penedos de S. Pedro e S. Paulo e o resguardo que delles toma P Lopes — Dia 12 teriam passado a linha equatorial — A 13 confirmavam o que sabiamos sobre o “abatimento” da agulha da nau, pag. 381 — No paralelo dos Penedos — A descoberta dos “penedos de S. Pedro e S. Paulo” por Jorge de Brito em 1511 — Gago Coutinho e Saccadura Cabral, os lusiadas dos ares, primeiros a visita-los em avião, mantendo as glorias quinhentistas de Portugal — Pedro Nunes, Duarte Pacheco, D. João de Castro, Camões — Gaspar Viegas e o “penedo loronha” pag. 382 — Navegação praticada até o dia 17, quando marca o ponto e referindo-o ao penedo de Sam Pedro e ao Cabo Verde — Continuação do estudo da derrota até o dia 24 de novembro de 1532, quando o Diario é interrompido: supomos estivessem os navios proximamente em 11° e 10' norte — Chegada a Faro em fins de 1532 ou começo de 1533 — Pero Lopes segue para Evora — Disposição regia mandando para Lisbôa as naus apresadas. — O galeão “Sam Vicente” o unico que fez por completo a expedição, pags. 384-385 — Prisioneiros francezes para o presidio do

Limoeiro — Só duas naus teria levado Pero Lopes? — Gaffarel (Hist. du Brésil Français, pag. 97) e o apresamento de duas naus — A nau "N.^a S.^a das Candêas", também era nau franceza apresada a 2 de fevereiro de 1531 — Nas ribeiras tejanas — Quatro caciques trazidos do Brasil por Pero Lopes passeiam pelas ruas de Lisbôa vestidos de seda e com honras de reis — A Inglaterra e os marajahs das "suas" Indias, pag. 386 — Fim do commentario.

TEXTOS DO CODICE — da pag. 87 a pag. 386

- Arrecife de Sam Miguel — 138, 139 e 160.
 Bacharel — 205.
 Beguoaa-chanaa — 299.
 Bahia de Todos Santos — 150, 156, 162, 164, 173, 187, 355, 356, 357, 359, 360 e 361.
 Balthazar Gonçalves — 94 e 120.
 Barra do arrecife — 132.
 Baxos d'abrolho — 164, 173 e 174.
 Baxos dos parguetes — 353.
 Cabo Bojador — 90.
 Cabo Branco — 92.
 Cabo da terra alta — 221.
 Cabo de Sam Vicente — 88.
 Cabo de Sam Martinho — 282, 283, 302, 303 e 309.
 Cabo de Sam Roque — 361.
 Cabo de Santa Maria — 241, 244, 245, 272, 306 e 309.
 Cabo de Santo Agostinho — 101, 102, 104, 105, 106, 108, 116, 130, 360 e 379.
 Cabo do parcel — 182.
 Cabo das Barbas — 92.
 Cabo Frio — 183, 350 e 352.
 Cabo Percaauri — 106 e 129.
 Cabo Roxo — 98.
 Cabo Verde — 98 e 384.
 Capitaina ou Capitanea — 88, 129, 137, 162, 172, 197, 198, 199, 200, 237, 258, 263, 264, 268, 269, 270 e 271.
 Capitam I. — vide Martim Affonso.
 Caravela Princeza — 94, 96, 97, 105, 108 e 136.
 Caravela Rosa — 108, 118 e 136.
 Caravela Santa Maria do Cabo — 132, 163, 199, 264, 265, 267, 269, 270 e 342.
 Deus — 114, 311 e 314.
 Diogo Dias — 163.
 Diogo Leite — 105.
 El rei — 272, 296, 345 e 346.
 Esteiro dos Carandins — 296 e 298.
 Feitoria (do rio de Pernambuco) 131, 135 e 164.
 França — 105, 106, 130, 137 e 376.
 Francisco de Chaves 205 e 206.

- Galeão Sam Vicente — 97, 109, 129, 137, 138, 199, 260, 263, 268, 269, 271, 338, 344, 345, 346, 351, 358, 364 e 373.
- Guiné — 125.
- Heitor de Sousa — 95, 117 e 135.
- Ilha da Cananéa — 202, 203, 206, 207, 332 e 333.
- Ilha da Boa-Vista — 94.
- Ilha da Gomeira — 90.
- Ilha da Madeira — 89.
- Ilha das Palmas — 245, 248, 249, 252, 258, 262, 266, 267, 317, 322, 323, 327 e 328.
- Ilha de Fernão de Loronha — 101, 102, 103, 379 e 381.
- Ilha de Tenarife — 89.
- Ilha de Maio — 94.
- Ilha de Santiago — 94 e 98.
- Ilha da restinga — 312.
- Ilha das pedras — 313, 314, 315 e 316.
- Ilha de Santalexo ou Santo Aleixo — 106, 368 e 376.
- Ilha dos baxos — 352 e 354.
- Ilha do Sal — 93.
- Ilha do Sol — 337 e 346.
- Iilhas dos Corvos — 291, 293, 299 e 301.
- Iilhas das Onças — 235 e 240.
- India — 297.
- João de Sousa — 136.
- Lixbôa — 87 e 154.
- Martim Affonso (Capitam I.) 87, 94, 96, 104, 105, 106, 108, 111, 112, 113, 117, 118, 130, 133, 134, 136, 138, 153, 156, 163, 172, 173, 180, 186, 193, 196, 197, 201, 204, 255, 268, 269, 270, 271, 272, 296, 317, 322, 329, 339, 340, 343, 344 e 345.
- Monte de Sam Pedro — 273, 274, 275, 306, 309 e 310.
- Nau "Nossa Senhora das Candêas" — 138, 224, 259, 260, 261, 265, 266, 269, 271, 338, 340, 344, 345, 346, 349, 351, 354, 358 e 364.
- Nau "Sam Miguel" — 95, 96, 109, 117, 122 e 123.
- Nossa Senhora — 202 e 262.
- Pedra da galee — 360.
- Pedre Annes — 204.
- Penedo Sam Pedro — 381 e 385.
- Pero Lobo — 137, 205 e 206.
- Ponta do Padram ou Padrão — 151, 152, 356 e 357.
- Porto da Ribeira Grande — 95 e 96.
- Porto de Sam Vicente — 332, 333, 334, 339, 340 e 342.
- Porto de Pernambuco — 119, 128, 129 e 378.
- Porto do cabo de Santa Maria — 246.
- Porto dos Patos — 213, 214, 329, 330 e 342.
- Portugal — 92, 136, 239, 285, 286, 291, 311, 344, 345 e 346.
- Praia (Porto) — 96.
- Rio de Janeiro — 132, 183, 187, 188, 191, 348 e 349.
- Rio de Maranham ou Maranhão — 96 e 136.
- Rio de Peraguay — 187.
- Rio de Pernambuco — 131, 135 e 163.
- Rio de Sam Francisco — 148.
- Rio de Sam Vicente — 192, 327, 347 e 349.

- Rio de Santa Maria — 201, 271, 272 e 329.
 Rio de Tynhaarea — 160.
 Rio dos Begoais — 272, 296, 316, 317 e 322.
 Rio S. João — 304.
 Rua Nova de Lixbôa — 154.
 Santa Anna (ilha) — 285, 286, 287 e 302.
 Sant'André (2 ilhas) — 287, 302 e 309.
 Santa Crara — 202.
 Serra Leôa — 98.
 Serras de Santantonio — 142 e 363.
 Sete ilhas — 283, 284, 287 e 302.
 Sofala ou Çofala — 132 e 163.
 Terra do Brasil — 87.
 Terra dos Carandins — 295 e 297.
 Um grande rei (cacique) — 186.
 Um homem português (Diogo Alvarez) — 152.
 Vicente Lourenço, piloto mór — 181 e 246.
 Villa (á borda de um rio que se chama Piratinimga) — 340, 341 e 345.
 Villa (na ilha de Sam Vicente) — 340 e 345.
 Ylha de Sam Sebastiam — 348.
 Ylha das pedras — 350.
 Ynhandú 299.

CAPITULO VIII

SAM VICENTE — pag. 387

SAM VICENTE — Porto de sam visenso e rio de cananor (Canerio, 1502) — Portus s. vicéti e rio decananorum (1507) e porto de vincêcio e rio de Cananorum (1516), Waldseemüller — Ruysch — Rio de Sam Vicente e Rio de Cananéa (atlas Kunstmann II.^o), e porto de Sam Vicente e Cananéa (de dois portulanos dos Reinel) — Rio de Canané (Regimento de Evora) em 24° lat. sul — Ilha de Sto. Amaro (Esmeraldo, 1505) em 28° 30' latitude sul — Dados officiaes sobre uma ilha de Santo Amaro, só depois de 1545 — Primeira expedição exploradora (1501) — Gaspar de Lemos ou André Gonçalves — A viagem de 1503 (Gonçalo Coelho) — Vespucci — Bacharel de Cananéa, pag. 389 — Outros portugueses, genros seus — Além do bacharel, citam as chronicas: Gonçalo da Costa, Antonio Rodrigues, João Ramalho, mestre Cosme, Duarte Peres ou Pires, Duarte Coelho — Naufragos ao largo das ilhas dos Porcos — Capitães, pilotos, embarcações de varias frotas — Antigo porto de S. Vicente — Trafico de escravos — Aleixo Garcia — Francisco de Chaves com o bacharel e mais 5 ou 6 castelhanos, á chegada de M. Affonso ao porto da ilha da Cananéa (Bom Abrigo) — Candido Mendes e sua opinião — Opiniões de Varnhagen, Medina, Charlevoix, Ruidiaz de Guzman — Documento citado por Azevedo Marques

— Duarte Coelho, filho de Gonçalo Coelho, companheiro de seu pae, na viagem de 1503 (Hist. Col. Port. vol. 2.^o, pag. 308) — Varnhagen dá como bacharel a Gonçalo da Costa pag. 390 — Gonçalo da Costa regressa á Peninsula, na nau N.^a S.^a del Rosario, de Diego Garcia — Gonçalo da Costa foge de Portugal — Ruidiaz de Guzman, Charlevoix e Simão de Vasconcellos opinam por Duarte Peres— Candido Mendes partidario de ser o bacharel, João Ramalho — Azevedo Marques e o doc.^o do livro das Actas ou da vereança da Comarca de S. Paulo — João Ramalho não era o bacharel — Citação do Diario sobre o bacharel — Seria Ramalho um dos genros do bacharel? João Ramalho morador de sobre serra e visitador do littoral — Goianá, habitante do littoral ao começo dessa conquista, pag. 391 — Uma ilha dos Gayanazes ou Gayonos (Reinel, Paris) ou dos Goanas (mappa Kunstmänn, carta II.^a) — Chegada de João Ramalho a essa costa: como e quando? — Alonso de Santa Cruz (cit. Oviedo) dá o naufragio de portuguezes a 8 ou 10' SSE das ilhas dos Porcos — Provavel encontro desses naufragos com o bacharel — O “pueblo de Sanct Bicente” — Ramalho, Gonçalo da Costa e Antonio Rodrigues seriam tres desses naufragos? — Gonçalo e Rodrigues, no littoral; João Ramalho, sobre serra — Tibirecá — Luctas entre tipiniquins, carijós e tamoiros, pag. 392 — Partido que os portuguezes tiravam dessas luctas — Captiveiro do gentio — Resgate, que livraria os selvícolas da anthropophagia dos vencedores — Porto de escravos — Modesto estaleiro de Gonçalo da Costa — Sete ou oito sobreviventes da expedição Solis — O “rio dos Innocentes” — Opiniões de Herrera e de Varnhagen — Novas da prata e do ouro — O povoado de S. Vicente e o antigo “porto de escravos” — Expedições de Loaysa (Rodrigo d'Acuña), Diego Garcia de Moguer e Sebastian Caboto — As de Garcia e de Caboto intensificam o trafico de escravos, além de alguma construcção naval e producção agricola, 393 — Antigo fundeadouro do antigo porto de S. Vicente (1530), onde estiveram fundeados os navios de Caboto — Habitantes do “povoado do S. Vicente” fornecedor não só de escravos, mas tambem de viveres, para os navios — D. Rodrigo d'Acuña — Diego Garcia de Moguer (1526 e 1527) — Trato com “o bacharel e os seus genros” do fretamento de 800 escravos — Memoria de Diego Garcia — Compra de um bergantim a um dos genros do bacharel — Será Gonçalo da Costa? — Regresso de Gonçalo da Costa ao antigo porto de S. Vicente — O Capitão Rojas, abandonado no Posto dos Patos, regressa com Gonçalo a S. Vicente, pag. 394 — Sebastian Caboto sabe do homizio do Capitão Rojas na casa de Gonçalo da Costa — Rojas intimado por Alonso de Santa Cruz, Antonio Ponce e Juan de Medina em nome de Caboto — Henry Latimer — Bergantim em construcção — Terras espanholas, segundo A. Sta. Cruz — Caboto compra 55 escravos a cinco ducados cada um ou por ferro velho etc... — Fernand Mallo (Medina - Caboto, pag. 163) — “Pasamuro roto” — Enrique Montes, testemunha valiosa — Navios de Caboto chegam ao Guadalquivir a 22 de Julho de 1530 — Diego Garcia: sua partida após resgate de indios em S. Vicente e em Cananéa, pag. 395 — Lopes de Pravia — Citação de Medina (Caboto - Documentos) — Partida da nau N.^a S.^a del Rosario — Gonçalo da Costa

ao serviço da Espanha, após recusar-se a servir na Expedição de Martim Affonso — Armada de Pedro Mendoza — Cabeza de Vaca — Diego de Sanabria — Rusquin — Enrique Montes ao serviço de Portugal, vem na Expedição de M. Affonso, pag. 396 — Naus affonsinas ancoravam junto á ilha do Bom-Abrigo (Cananéa, do Diario) — A cartographia official e o que era conhecido para o sul de Cananéa, antes das expedições da “Gazeta Aleman” e de Solis — Após estas duas expedições e consequente refugio de naufragos no Porto dos Patos, nova onomastica das cartas quinhentistas — A lenda da prata e do ouro — O rio da Prata — Expedições e testemunhos, pag. 397 — Lindes da “costa do ouro e prata” — Islas de la plata e de Santa Catalina — Aventureiros dos sertões: Francisco del Puerto, Enrique Montes, Melchior Ramirez, Aleixo Garcia, Francisco de Chaves, Francisco Cesar — Outros como o bacharel, Antonio Rodrigues, Gonzalo da Costa, João Ramalho — Viagem de Aleixo Garcia — Francisco de Chaves e Martim Affonso — Citação de Oviedo, reproduzida por Medina (Gonzalo de Acosta, pag. 11) sobre 12 ou 15 castelhanos deixados por Caboto — Compromisso de Francisco de Chaves com M. Affonso, pag. 398 — Bandeira de Pero Lobo Pinheiro: sua partida a 1 de setembro de 1531 — Padrões ou marcos lusitanos — O Diario nada esclarece — Padrão recolhido ao Museo do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro — M. Affonso e o que saberia em Salamanca das primeiras conquistas de Castilla del Oro e do Perú — O que diz a carta de Diego Ribero (1529) sobre a “tierra de Perú” — A abra do então porto de Sam Vicente, pag. 399 — O novo porto de Sam Vicente, e as duas villas fundadas — Demanda da abra do antigo porto de S. Vicente — Navegação feita e surgida da nau “N.^a S.^a das Candeás” — Latitude dessa ancoragem — Erros em geral no calculo da latitude — Latitudes do cabo de Sta. Maria (antigo), da Ponta do Padram (Sto. Antonio) e da abra do porto de Sam Vicente (barra da bahia de Santos), pag. 400 — Latitude da barra do Rio de Janeiro — Justificativa dos erros — Nova surgida da nau — Ilha Goanás — Ilha do Sól (P. Lopes) — Ponta da Capetuba — Nova surgida — Praia do Góes — Diego Valdez — Qual a ilha do Sól?, pag. 401 — Gaiabé ou Gaiambé (Santo Amaro) — Ilha Sto. Amaro (Esmeraldo) e Ilha Sto. Amaro (Documentos officiaes após 1545) — O galeão “S. Vicente” vem surgir proximo á nau — Antigo porto de Sam Vicente antes da chegada de M. Affonso — Informes de Alonso de Sta. Cruz — O Enrique Montes da Armada de Caboto e da de M. Affonso, pag. 402 — Citação de Al. de Sta. Cruz (Yslario) sobre o “Puerto de Sanct Biciente” — Identificação do fundeadouro — Partida de um batel pela manhã de 22 de janeiro de 1532, de junto da Ilha do Sol — Entrada do batel no novo porto de Sam Vicente — Braço do Rio de Sam Vicente, pag. 403 — Dia 22 de janeiro de 1532, á tarde: partida da nau e galeão do fundeadouro da ilha do Sol para o novo porto de S. Vicente — O novo porto de Sam Vicente: a barra, a barreta e a descripção de todo o porto — Itararé — Mudo ou Porchat — Outeiro — Tumiarú “Rio estreito” — Parapanuan — Prainha — Fortalezinha —

Um dos braços do "Rio de S. Vicente — Ilha do Mudo ou Porchat, a ilha do Sol? pag. 404 — Benedicto Calixto tem essa opinião — A barreta — O Outeiro (o morro dos Barbosas) — Rio Sopeiro — Villa de Sam Vicente — Praia de Tumiarú — Casa das "velas e emxarcia" — Encalhe da nau N.^a Senhora das Candêas — Que vestígios encontraria M. Affonso do antigo povoado? — Como Alonso de Santa Cruz descreve o "pueblo de Sanct Biciente" (Yslario), pags. 405-406 — Alonso de Santa Cruz dá onde passaria para os espanhóes a "linha de partilha" — Antonio Rodrigues e sua provavel habitação — João Ramalho desceria da serra a receber M. Affonso? — O Bacharel estaria ainda em Cananéa? — O que diz a carta annua de 1584 (Informações do Brasil e das suas Capitánias), pag. 406 — Gonçalo da Costa óra em Sevilla, mas por Varnhagen identificado com o "bacharel" — Aonde o estaleiro de Gonçalo da Costa? a "torre de defesa" contra os indios? as casas de Gonçalo e Rodrigues onde se homisiou o capitão Rojas? o povoado citado por A. Sta. Cruz? — Citação de frei Gaspar da Madre de Deus sobre a chegada de M. Affonso — Nada revela o Diario sobre Antonio Rodrigues, João Ramalho e Tibireçá — Alliança com tupiniquins — A faina dos homens da armada, pag. 407 — A abertura, mais tarde, da estrada ligando a villa de S. Vicente até orde em 1797 se via o forte da Estacada — Collectanea do Museo Paulista — Conducção por canóas — Porto das Naus (mappa 9) — Chegada da caravela "Santa Maria do Cabo" trazendo os homens do bergantim arribado ao Porto dos Patos e mais 12 ou 15 castelhanos perdidos neste porto — Seriam destes, o clérigo Diego Garcia e um tripulante da expedição Caboto abandonados em Santa Catharina- ou os 12 ou 15 castelhanos abandonados por Caboto em S. Vicente? pag. 408 — Os 5 ou 6 de que nos fala o Diario á chegada do capitão-mór a Cananéa — Enrique Montes "tapejara" da terra do ouro e prata" — A expedição de Pero Lobo — A ida do capitão-mór, pilotado talvez por João Ramalho, aos campos de Piratininga — Rio de S. Vicente — Largo do Caneú — Os cubatões, segundo frei Gaspar — Porto das almadias — Porto de Santa Cruz — Piaçaguera ou porto velho — Rio Perekê — Gioapé — Ponto alto — Cubatão, pag. 409 — Picada primitiva até 1560 — Preferivel, mais tarde, o caminho do padre José — Chegada aos Campos de Piratininga — Lição de Capistrano de Abreu — O gentio de sobre serra, segundo citação de Gabriel Soares, pag. 410 — Fundação da "villa de Piratininga", nove leguas distante da villa de Sam Vicente — Fundação confusamente ligada á de Sto. André ou da Borda do Campo — Primeiros zelos de colonização — Reunião em Conselho na villa de Sam Vicente — Resoluções tomadas — A nau N.^a Senhora das Candêas em seco na praia de Tumiarú — O galeão S. Vicente parte a 22 de Maio de 1532 sob o mando de Pero Lopes, para o Rio de Janeiro, pag. 411 — Caravela Sta. Maria do Cabo e um bergantim — O capitão mór na sua missão colonizadora — Obras de defeza em S. Vicente e para o lado da Bertioga — Doação de terras auctorizada pela carta regia de 22 de novembro de 1530 — Doação de 10 de outubro de 1532, a Pero de Gois — Pero Capico — A escri-

ptura e os lindes da doação pags. 412-413 — Testemunhas: João Ramalho, Antonio Rodrigues, Pedro Gonçalves — Bartholomeu Gonçalves — Doação de 28 de fevereiro de 1533 — Ruy Pinto — A escriptura e lindes da doação, pags. 413-414 — Anseio pelo regresso da bandeira de Pero Lobo — Martim Affonso teria em mente transformar “o porto dos escravos” no maravilhoso “porto das minas” — Chegada de 2 caravelas vindas de Lisboa sob o mando de João de Sousa — A carta de 28 de setembro de 1532 mandada por D. João III para Martim Affonso — Reprodução da mesma, pags. 415, 416, 417 e 418 — Pero Anriques — Carta ou cartas de d. Antonio de Attayde, conde da Castanheira — Aspectos a esclarecer — Francisco I — A Espanha — Portugal e sua política subtil sobre a divisão das terras brasileiras — Ainda a carta a M. Affonso: D. João III ansioso de estender a divisão das capitánias, ao Rio da Prata — Diogo Leite mandado “a descobrir” por M. Affonso o rio de Maranhão, já regressara a Portugal — (carta de Lopo Furtado - 10 setembro 1531) — A impressão da missiva de 28 de setembro no espirito de M. Affonso — Noticia de uma nau franceza: a nau “La Pèlerine”, pag. 419 — Informações que lhe daria João de Sousa da costa de Pernambuco, onde encontraria já o forte com Vicente Martins Ferreira, como capitão, e Diogo Vaz, como bombardeiro — Não se avistariam Pero Lopes e João de Sousa, pag. 420 — Partir ou ficar? — Pero de Gois e Ruy Pinto em expedição ordenada pelo capitão mór — João Ramalho capitão mór de sobre serra, da bórda e dalém dos campos de Piratininga — O mame-luco ou mamaluco — Thomé de Sousa, vinte annos depois, e seu parecer sobre João Ramalho (carta 1-6-1533 Hist. da Col. Port.), pag. 421-422 — A Villa de S. Vicente e o padre Gonçalo Monteiro — Antonio Rodrigues — João Ramalho — Pero de Gois da Sylveira — Padre Gonçalo Monteiro — Ruy Pinto — Francisco Pinto — Antonio Rodrigues de Almeida — Pero Capico — Jorge Pires — Pedro Collaço — padre Pedro Corrêa — Jorge Ferreira — Luiz de Goes — Bartholomeo Gonçalves — Domingos Leitão — Gonçalo Affonso — Jeronymo Rodrigues — Belchior de Azevedo — Enrique Montes — Quantos homens andariam com Martim Affonso no povoar as duas villas? pags 422, 423 e 424 — Partida de Martim Affonso de Sam Vicente para Portugal — A 4 de Março de 1533, segundo frei Gaspar — Tocaria provavelmente com as duas caravellas no Rio de Janeiro, na Bahia e em Pernambuco — Já seria capitão da nova fortaleza erguida por Pero Lopes em Pernambuco, Paullos Nunes chegado na caravela Espera — Duarte Coelho na armada guardacostas do Atlantico e de comboio ás naus da India e do Brasil — A carta de 6 de julho de 1533 (Annaes de D. João III - Doc.) esclarece a navegação de M. Affonso das Ilhas Terceiras a Portugal — Duarte Coelho — Antonio Saldanha — Treze navios aferram o porto de Lisboa — Alguns feitos illustres do capitão mór Martim Affonso iriam, em breve, determinar a colonização do Brasil, pag. 425-426.

CAPITULO IX

REGRESSO DE MARTIM AFFONSO

PORTUGAL DE 1530 a 1535 — pag. 427

REGRESSO DE MARTIM AFFONSO — PORTUGAL DE 1530 a 1535 — Ancoram no Tejo as caravelas de Martim Affonso — Revia o capitão mór a Lisbôa quinhentista ainda nos vinte primeiros annos do reinado de D. João III — Citações do Conde de Ficalho e de Frei Luis de Sousa — Reforma de Luther — Tribunal da Fé — Luiz Affonso em missão junto ao Papa, como D. Martinho na Armada de Antonio Corrêa, um anno depois — Aprisionamento da "La Pèlerine" — Influencia dos judeus — Fugger - Marchione — Welser — Cristoval de Haro — Perseguição aos judeus e christãos novos — Feitoria da Flandres — A rua nova dos Mercadores — Mercadores da França, da Inglaterra, da Italia avidos das especiarias do Oriente — A nau da India, pag. 430 — Estudo da politica de Portugal com a França e a Espanha — Francisco I e a França — Aspectos da vida do rei francez — Batalha de Marignan — Bayard — Rabelais — Collegio da França — Andréa del Sarto — Vignuola — Benevenuto Cellini — Leonardo da Vinci — A "Gioconda" para o Museo do Louvre — Castellos de Chambord, de Saint Germain, de Villas-Cotterets e da Fontainebleau — Madame de Chateaubriand — Alliado dos protestantes prégadores da Refórma — Soliman, o Magnifico, pag. 431 — Carlos V, rival de Francisco I — Tratado de Madrid (1526) — Casamento de Francisco I com a rainha D. Leonor — Esperança da desforra — A actividade do corso francez — A partida da armada de Martim Affonso para o Brasil e sua significação politica — Dom Antonio de Attayde, embaixador — João Ango e as cartas de corso — Accordo de Fontainebleau em 1531 — Antonio de Attayde — Gaspar Vaz — Cardeal Sans pag. 432. — Senhor de Montmorency — Almirante Chabot de Brion — O que rezava o accordo citado — Provisão real de Francisco I, a favor de Portugal (frei Luis de Sousa — Annaes D. João III) — D. Antonio Attayde agia subornando as auctoridades francezas — Carta de 6 de setembro de 1531 (Annaes d. João III — Liv. 5) — D. João III já saberia por João de Sousa do combate e apresamento de naus francezas feitos pela armada de M. Affonso ao chegar a Pernambuco, pag. 433 — Actividade do corso francez — Apresamento da nau "La Pèlerine" — Intensificação da policia dos mares sulcados pelas naus — Acção pertinaz do embaixador portuguez na França — Bernaldim de Tavora — João Vaz de Caminha — Gaspar Palha — Honorato de Caix — O cardeal Sans — O grão mestre de Montmorency — Almirante Chabot de Brion — Quatro mil cruzados para cada uma dessas auctoridades francezas — André Soares — Jorge de Barros — Bernaldim de Tavora fazia o pagamento prometido — A irman do grão-mestre de Montmorency e a Tinoca, criada da Rainha — Espionagem e suborno — Ruy Fernandes e o "negocio das marcas" — Carta de d. João III a Francisco I: "no mar tinham já os francezes tomado 350 navios

seus"... — Francisco I indifferente a estes reclamos, pag. 435 — A' espera da hora da vindicta — Liga de Smalkalde — Henrique 8.º — Gustavo Vasa — Solimão, o Magnifico — Carlos V e sua alliança ás nações do mesmo sentimento catholico — Dom João III e sua politica com a Espanha — O periodo historico de 1520 a 1529 — Carlos V inimigo de Francisco I — Carlos I de Espanha e V da Allemanha — Martim Affonso nas hostes espanholas — O tratado de Madrid (1526) — Aprisionamento de Francisco I; sua liberdade após dar os filhos como refens — Alargamento do poder espanhol na Europa — Conquistas no novo mundo — Francisco I e suas pretensões sobre Napoles e o Milanez — Bens do Condestavel de Bourbon — Casamento imposto a Francisco I, pag. 436 — Alliança de Francisco I com Henrique 8.º — Campanhas na Italia, sitio de Roma — Tratado de Cambrai — O momento politico — Portugal e Espanha contra a França — Em 1529 compra das Molucas á Espanha — Um dos fins da Expedição de 1530 — Traçado do meridiano divisorio na carta de D. Ribero (1529) — Os Reinel e sua influencia, provavelmente, no animo do capitão mór, pags. 437-438 — O que Martim Affonso veria como terras do Brasil — rio de Maranhão — Mar Dulce — Rios da Prata e Paraná — Esteiro dos Carandins — Golfo de S. Mathias — Diogo Leite e a posse da rio de Maranhão — Pero Lopes e os padrões 30 leguas aquem da fundação de Caboto — Gaspar Viegas e seu portulano a favorecer mais que o de Ribero a posse portugueza — Conquista do rio Santa Maria, Solis ou da Prata — Portugal da-la desde 1514 (Exp. da Gazeta Aleman) — Habil espionagem mantida pelos castelhanos, pag. 438 — A carta da Imperatriz (8-3-1531) para Lopo Furtado — Informes sobre uma armada que, se dizia em Espanha, D. João III enviaria ao Rio Solis — Detalhes interessantes, pag. 439-440 — Carta em resposta (27 Maio - 1531) de D. João III á sua irman, a Imperatriz — A missão official de Martim Affonso de Sousa, segundo D. João III — O Regimento que levou o capitão mór — Mendes de Vasconcellos (Alvaro), embaixador portuguez, pag. 440 — Mendes de Vasconcellos e sua entrevista com a Imperatriz — O momento historico fixado em differentes aspectos na carta de Mendes de Vasconcellos a D. João III (14 de dezembro de 1531), pags. 441, 442, 443 e 444 — Desconhecimento em nossos dias do que rezava o "Regimento" de Martim Affonso — Carta de Lopo Furtado dirigida á Imperatriz (10-9-31) — Tratava-se de "averiguar o tempo em que Solis foi a descobrir o rio da Prata e o que fez"... — Nesta phase da questão fala-se tambem do Marañon — Nessa carta (10-9-531) fala-se: das duas caravelas chegadas a Lisbôa (Rosa e Princeza, de Diogo Leite) e tambem de uma nau (a de João de Sousa) — Um "rio mui grande" — "Não traziam cousa de valor de ouro e prata", pag. 444 — Tempo gasto na navegação por Diogo Leite, ao norte do Brasil — Citação de Diego Ribero (1529) sobre o rio Marañon — De Enciso (1519) a Ribero, dez annos depois — Gaspar Viegas (1534) dá a "baia de diogo leite" ao oeste do "Maranhã" (rio) — Ribero e Viegas teem o Marañon ou Maranhã como o futuro Amazonas e antigo Mar Dulce — Citação de um passo da carta (13 junho 1535) em que se assignalará a doa-

ção a favor de Fernão Alvares e outros — Cabo de Todos os Santos — Abra de diogo leite, ao leste do rio do Maranhão — Desaccordo com Viegas, pag. 445 — Accordo de Carlos V e de D. João III — Marco no rio Yañez Pinzon — O futuro rio das Amazonas dentro na demarcação portugueza — O rio de Santa Maria ou da Prata — Boato em Espanha de que Martim Affonso mandara deste rio ouro e prata e “desbaratara numa ilha do Brasil uma nau de castelhanos” — Carta do embaixador portuguez a D. João III (24 outubro 1531) — Os portuguezes tinham o rio da Prata como descoberta sua — Caboto (1527) constróe o forte de Sancti Spiritus, na confluencia do Carcarañá com o Paraná — Padrões á bocca do esteiro dos Carandins — Recuo do traçado do meridiano divisorio, pag. 446 — O sentido occulto da expedição — Palavras do embaixador Luis Sarmiento — Interesses communs da Espanha e de Portugal contra a França — A significação da carta de 28 de setembro de 1532 — Estudo de passagens desta carta, pags. 447-448 — Da nau aprisionada na costa da Andaluzia e do fortim francez deixado pelos corsarios em Pernambuco — Prisioneiros informam a respeito — Ordem e contraordem para os navios de Duarte Coelho — A caravela “Espera” e Paulo Nunes, pag. 448 — O projecto da divisão do Brasil em capitánias, alterado por D. João III após o regresso de Pero Lopes e o de Martim Affonso a Portugal — 1.º de janeiro 1534: primeiras doações — Conquista do Perú por Pizarro, após a de Castilla del Oro — Orellana (1541) desceria o Amazonas — A conquista, sob outro aspecto, ao sul do continente — O rio da Prata e os affluentes, caminhos naturaes para descobrimento das minas, pag. 449 — Sertanistas ao serviço da Espanha — O que dizem as chronicas, de portuguezes residentes num cabo de Santa Maria — Este cabo segundo Ribero (1529) e Maggiolo (1527) — A punta del Este de Maldonado — A carta (24 de dezembro de 1531) do embaixador M. de Vasconcellos sobre a conquista do rio da Prata, em que diz: ser “o rio tamanho e fazer tantas voltas”... — A expedição em bergantim sob o mando de Pero Lopes — As fundações de S. Vicente e de Piratininga e sua significação, pag. 450 — Retarda-se a colonização, mas não se abandona o direito da posse do rio da Prata — Dão-se como conquistados dos espanhóes, o “Porto dos Patos” e o “Puerto del farollon” — Ao norte, além do Maranhã (rio) dá-se a conquista de Diogo Leite — A Capitania de Sant’Anna — Em 1535, a Espanha apparelha a armada de D. Pedro de Mendoza: significação deste acontecimento — Gonçalo da Costa — Carta de Luis Sarmiento, a qual precede a partida de Mendoza (datada de 11 julho 1535), pag. 451 — Cópia desta carta confidencial (Bib. Nacional do Rio de Janeiro) — Alguns aspectos interessantes que a carta esclarece, pags. 452, 453 e 454 — Partida da armada de D. Pedro de Mendoza a 24 de agosto de 1535, para fundar povoação no rio da Prata — Fundação aquem dos padrões portuguezes do esteiro dos Carandins, á boca do Riachuelo, pag. 454 — Cedia assim a Espanha aos portuguezes a terra e o Porto dos Patos e a margem esquerda do rio da Prata? — Espanha e Portugal ainda entregues á caça do corso francez — Carlos V e o scenario europeu — D. João III auxiliando Carlos V contra os

protestantes ou os inimigos da Christandade, mas empenhado em dilatar a obra iniciada por M. Affonso — O alvorecer da Idade Média Brasileira — O anno de 1534 e o Brasil Colonial — Início do notavel programma da divisão do Brasil, pag. 455 — Capitánias hereditarias — Ordenações do Reino — Ruy Botto — Os 5 livros: Regimento dos Magistrados; Do direito e dos bens da corôa etc.; Processo judicial; Codigo civil; Codigo Penal — A antevisão da futura nacionalidade — Administração colonial imitada pela Hollanda e Inglaterra — Feudos — Energia e idealismo do colonizador em meio geographico adverso pela sua grandeza natural — Nucleos de onde partiram essas ondas centripetas da civilização — O Evangelho — Idioma latino renovado em rythmo brasileiro, pag. 457.

CAPITULO X

A EXPEDIÇÃO DE 1530

(CONCLUSÃO) — pag. 459

A EXPEDIÇÃO DE 1530 — A empreza de M. Affonso prima em varios aspectos — Painei geographico e historico — Graças de singular natureza — Primeiro passo para formação de uma nacionalidade — O ponto de vista militar — Dois sectores numa costa de 1050 leguas (Pedro Nunes), e de alta importancia estrategica: na costa do pau brasil e na costa do ouro e prata, pag. 461 — Pernambuco, base do norte, guarda avançada da conquista além do rio de Maranhão; Sam Vicente e Piratininga, bases ao sul — Sam Vicente sentinella da costa do ouro e prata e Piratininga, centro da formação do mameluco, principal elemento na futura acção bandeirante — O recuo da linha demarcadora — Jornadas sertanistas entre 1531 e 1533 — Completava a obra militar da expedição, a valiosa concepção das capitánias hereditarias, pag. 462 — Tres nucleos de defeza, expansionismo e caldeamento da raça — S. Vicente — Piratininga — Olinda — Duarte Coelho e sua acção colonizadora — A acção militar dos capitães: Christovam Jaques, Pero Lopes e Martim Affonso — Os caetés — Sir Walter Raleigh (1585) — Colonios de Hudson (1607 e 1608) — Na Virginia (1630) — No Maine e no Maryland — Ponto de vista politico — Approximação com a Espanha por auxilia-la no combate ao corso francez, mas tambem de expansionismo, contra ella, nas terras coloniaes da America do Sul — Avanço da conquista com o fim de annular o traçado de Tratado de Tordesilhas, pag. 463 — A linha demarcadora ao norte passaria então além do Maranhã (de Viegas), e ao sul, daria mais posse de terras a Portugal, para passar no golpho de S. Mathias? Alargamento do Brasil Colonial a affirmar-se pelas duas conquistas: da "costa do pau brasil", disputada pela França; e da "costa do ouro e prata" habilmente tirada á Espanha — Aspecto humanitario da expedição — Nada revela hostilidade dos portuguezes contra os selvícolas com que se avistaram: pitiguares, tupinambás, tupiniquins, begoás e begoás-chanás, carandins, etc., pags. 464-465 — Aspecto scienti-

fico da expedição — Navegação feita por toda a armada em conjunto ou fraccionada — Na costa e nos rios nunca menos de 9.000 milhas — A parte referente á geographia physica e á politica, pags. 465-466 — Fructos scientificos da expedição: Tratado da Esphera, do dr. Pedro Nunes — A carta de marear de Gaspar Viegas (1534) — O Diario de Pero Lopes de Sousa, pag. 466 — Do Diario: louvores de Varnhagen e de Capistrano de Abreu — Da carta de Gaspar Viegas: talvez a primeira a não seguir o uso da equidistancia dos paralelos; a primeira a dar entre outros, tres pontos da costa brasileira, fructo da expedição de 1530: a “baia de diogo leite — rio marti a.º (affonso) de souza; e as tres ilhas das onças — Silencio sobre a onomastica dada por Pero Lopes a pontos geographicos no rio da Prata e subindo o Paranaguazú — Justo louvor do capitão de fragata Mouchez e de Ferdinand Denis ao merito da carta de Viegas, (citação de HARRISSE), pags. 467 e 468 — Martim Affonso de pouco saber astronomico, mas de curiosidade intelligente — Duvidas que apresenta a Pedro Nunes, pag. 468 — A pergunta que dá origem a Pedro Nunes descobrir a loxodromia — Pedro Nunes, o inventor do annel graduado e do nonio — A descoberta de Pedro Nunes suggere a Mercator a carta de 1541 e depois a de 1569 — Sob o ponto de vista da ethnologia, a expedição de 1530 — Curiosos informes ou leves referencias aos: pitiguares, tupinambás, begoás, begoás-chanás, carandins, etc... — O toque de idealismo que animou a expedição — Os lusos e sua epopéa maritima — O grande povo colonizador — O Brasil — Evangelho ~~christão~~ — Amadis de Gaula, de Vasco Lobeira — D. Diniz e os seus versos — Cancioneiro Geral — Obras primas de Gil Vicente — O Fado portuguez, em que vive toda a alma de uma nação — Camões e o seu “Missal de patriotismo” — Idealismo de Martim Affonso sob varios céos, apesar de algumas faltas lamentaveis — Padre José Pereira Baião e o que nos conta do dialogo de D. João III com Martim Affonso, pag. 471 — A visão do nosso 1.º Capitão-mór — Idealismo de Pero Lopes: entre batalhas e aventuras traça o Diario da navegação iniciada em 1530 para o Brasil — Martim Affonso: almirante dos mares do Brasil; bandeirante das terras do Novo Mundo; fundador do berço de uma nacionalidade; precursor do imperio brasileiro, pag. 472.

NOTAS AO TEXTO, NA 5.ª EDIÇÃO DO DIARIO
(da pag. 473 á pag. 482)

(Correspondencia com o texto da pag. 87 á pag. 386)

FIM

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Cruzeiros. — 1913. — Off. da Liga Maritima Brasileira. — Rio de Janeiro. — (Viagem do N. E. «Benjamin Constant» ao redor do mundo).

«**Terra á Vista**». — 1920. — Typographia do Jornal do Commercio. — Rio de Janeiro

Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532) commentado em 2 vols. — Série Eduardo Prado. — Editor Paulo Prado. — Typographia Leuzinger. — 1927.

ERRATA

Pg. Publicações — Em vez de **Um Visitador** etc... vêr Vol II
(Publicações)

Pg. V — hydrographia — em vez de — hydographia

Pg. 107 — Jaboatão — em vez de — Jabatão

Pg. 225 — agora — em vez de — agra

Pg. 361 — 9.º 30' — em vez de 19.º 30'

Pg. 399 — Madre de Deus, —

Pg. 418 — segredos em vez de — segredo —

Pg. 486 — Bartholomeo Dias em 1487, em vez de — 1587 —

Pg. 495 — b. da Traição; e ao sul do rio etc...

Pg. 495 — nau n.ª Senhora das Candeas (a antiga nau C)

Pg. 509 — rio de St.ª Maria, do Cerro?

Pg. 510 — Doradito — em vez de — Doradidito.

Pg. 513 — do esteiro dos Carandins

Pg. 514 — documentos officiaes; a citação é de 1545 —

Pg. 515 — 23 (em vez de 22) dizia...

Pg. 515 — a 24 (em vez de 23) de Maio...

Pg. 517 — combate — em vez de — combote.

e outros...

A IMPRESSÃO DESTE LIVRO
NAS OFFICINAS DA CASA LEU-
ZINGER, TERMINOU AOS ONZE
DIAS DE JUNHO DE MIL NOVE-
CENTOS E VINTE E SETE. □ □

